Cristiano da Silveira Longo

Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA) e educação da afetividade e da moralidade: *expressões de sentidos* da *Palmada* na linguagem de desenhos infantis

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano
Orientadora: Profa. Dra. Maria Amélia Azevedo

São Paulo

2007

Catalogação na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Longo, Cristiano da Silveira.
Violência doméstica contra crianças e adolescentes (VDCA) e educação da afetividade e da moralidade: expressões de sentidos da palmada na linguagem de desenhos infantis / Cristiano da Silveira Longo; orientadora Maria Amélia Azevedo. -- São Paulo, 2007.
618 p.
Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Violência na família 2. Punição 3. Psicologia do desenvolvimento 4. Ética 5. Interpretação do desenho I. Título.

HV6626

Cristiano da Silveira Longo

Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA) e educação da afetividade e da moralidade: *expressões de sentidos* da *Palmada* na linguagem de desenhos infantis.

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Aprovado em: / /2007

Banca Examinadora

Prof. Dr._____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof. Dr._____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof. Dr._____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof. Dr._____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof. Dr._____

Instituição:_____Assinatura:_____

AGRADECIMENTOS

Agradeço, além das pessoas mencionadas na dedicatória - que de diferentes maneiras me impulsionaram à produção -, aos professores membros da Banca Examinadora, pelo precioso tempo que dedicaram à leitura e avaliação deste trabalho. E ao CNPq, pelo apoio concedido.

"[...] Conforme a educação que cada um recebeu, arrepende-se de um ato ou gloria-se dele."

Baruch de Espinosa

"[...] A principal fonte do comportamento imaginativo da criança é a experiência real."

Liev S. Vygotsky

RESUMO

LONGO, C. S. ***Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes* (VDCA) e educação da afetividade e da moralidade: *expressões de sentidos* da *Palmada* na linguagem de desenhos infantis**. 2007. 618 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

O presente estudo tem como tema o fenômeno da *violência doméstica física contra crianças e adolescentes* (VDCA) no Brasil, especialmente no que tange a *cultura da palmada*, a partir de uma investigação qualitativo-social em psicologia *sócio-psico-interacionista* e *crítica*, sobre os *sentidos* de se *crescer com palmada*. Pretende compreender os *sentidos* das experiências infantis de apanhar do pai ou da mãe na infância, isto é, as *sensações, emoções, sentimentos* e *valores* inter-relacionados sobre tais experiências autobiográficas. Partindo dessas dimensões constituintes da afetividade, aproxima-se do esclarecimento da questão de se a palmada, que se constitui em uma violação do direito à integridade física, psíquica e moral da criança, o é assim por ela vivenciada; pretende-se assim captar registros ou *testemunhos* do universo doméstico, no tocante aos processos relativos à como se educar uma criança, que fazem parte de um modo de sociabilidade maior, implicando condutas práticas e éticas disciplinares, onde atos de violência física e humilhação de pais contra filhos são encenados. Parte da hipótese de que a palmada (e todas as formas de punição corporal) constitui-se para a criança que apanha uma experiência predominantemente maléfica, isto é, marcada por *sentidos do mal*: mal-estar, sofrimento, angústia, tristeza, humilhação, etc., e, portanto, não pode ser encarada como uma estratégia disciplinar favorável à educação e ao desenvolvimento infantil. Tais argumentos, se verificados, poderão oferecer importantes subsídios a somar forças para a construção legal da proibição de toda e qualquer forma de punição corporal de pais contra filhos, sob quaisquer pretextos, bem como atuar no plano das mentalidades e costumes visando à diminuição de seu uso prático. O *Corpus* de análise é constituído 92 Produções (desenhos legendados) de crianças (de 9 a 12 anos) de ambos os sexos e provenientes de 17 unidades federadas brasileiras, coletadas no primeiro semestre de 2003, a partir de um concurso nacional de desenho infantil promovido pelo Laboratório de Estudos da Criança (LACRI), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), cujo tema foi *Crescer Sem Palmada*. As crianças, em contexto escolar, foram convidadas a produzir um desenho sobre a seguinte consigna, caso apanhassem dos pais: "*Como você se sente quando recebe uma palmada?*", após o que deveriam responder por escrito à seguinte questão: "*Escreva o que este desenho quer dizer.*" As Produções constituem-se no presente estudo como *fonte documental primária*, e foram analisadas a partir de três níveis de *análise de conteúdo* (AC). Da *análise temática*, tem-se que 32,64% das Produções expressam *palmadas* e 67,40% expressam outras modalidades de punições corporais, sendo às mais freqüentes a cintada (18,47%), golpes com a mão aberta ou fechada (9,78%), a chinelada (6,52%), e a surra cruenta (4,34%). Predomina o costume dos pais punirem os filhos em casa (35,86%), mas apanhar em público parece ser também bastante comum no Brasil (28,26% dos cenários identificados). A palmada é exercida igualmente pelo pai e pela mãe, e 70,65% dos filhos não sabem exatamente porque estão apanhando, embora se tenham identificado 10 motivos expressos para apanhar dos pais: *apanhar por possuir algum atributo negativo, apanhar como demonstração de amor, apanhar por desobediência e erro, apanhar por dar prejuízo, apanhar por sadismo dos pais, apanhar por fracassar na escola,* e *apanhar por falar palavrões e brigar*. O estado afetivo

subseqüente à experiência de apanhar parece ser mais marcante do que a própria surra: 58,70% das Produções expressam *cenas pós-punitivas*, enquanto que 27,18% expressam *cenas punitivas*; e 8,69% fixam a *cena pré-punitiva*, pois o próprio anúncio de que a criança irá apanhar configura-se já como um mal - *violência psicológica*. Da AC *categorial*, os afetos mais freqüentemente relacionados são: mal-estar (96%), tristeza (84%), dor (64%), medo (38%), sentimento de ser desprezado (38%) e de inferioridade física (37%), revolta ou indignação (30%), solidão e desamparo (25%), vergonha e humilhação (25%), seguindo-se então a raiva (24%), a resignação (20%), a culpa (19%) e auto-piedade ou pena de si (16%) e sentimento de terror (15%); bem-estar (12%), alegria (7%), prazer (4%), gratidão (4%) e desejo de morrer (3%). Da AC *estrutural* fez-se emergir 14 formas expressivas do *mal da palmada*: *Mal como Sofrimento Psíquico*, *Mal como Ritual*, *Mal como Covardia*, *Mal como Injustiça*, *Mal como Terror Doméstico*, *Mal como Destrutividade*, *Mal como Vontade Maligna*, *Mal como Ferida Moral*, *Mal como Fragmentação do Self*, *Mal como Escuridão*, *Mal* como ação de *Seres Malignos*, *Mal como Tempo Ruim*, *Mal como Morte*. A partir da discussão de tais resultados, conclui pela veracidade da hipótese formulada, uma vez que os *sentidos* predominantes relacionados às experiências infantis de apanhar do pai ou da mãe são expressões de negatividade ou *do mal*, mesmo quando a criança expressa afetar-se por "paixões positivas", o que deve ser antes compreendido como um esforço de auto-preservação ou racionalização, pois a palmada é predominantemente *vivida* e *sentida* como uma experiência maléfica, do mal, que causa mal-estar e tristeza, impotência e heteronomia, sendo, portanto, contrária ao desenvolvimento ou *expansão de si* em sentido amplo, envolvendo o desenvolvimento cognitivo, afetivo e ético-moral da criança.

Palavras-chave: Violência na família, Punição, Psicologia do Desenvolvimento, Desenho infantil, Ética.

ABSTRACT

LONGO, C. S.: **Domestic violence against children and adolescents (DVAC) and educating affectivity and morality during childrearing: *feelings about being hit expressed* in the language of children's drawings.** 2007. 618 pp. Dissertation (Doctoral) – Instituto de Psicologia (Institute of Psychology), University of São Paulo, São Paulo, 2007.

This study explores physical domestic violence against children and adolescents (DVAC) in Brazil, based on qualitative social research in *interactionist social psychology* and *criticism* about feelings of growing up being hit and especially with respect to the culture of hitting. It aims to understand children's feelings about the experience of being hit by one's mother or father during childhood, i.e., the *sensations, emotions, feelings and values* related to these personal experiences. Starting with these constitutive dimensions of affectivity, we can get closer to clarifying the issue of being smacked, which is a violation of the child's right to physical, psychological and moral integrity, or is experienced as such, and thus to recording and capturing *testimony* from the domestic world about processes related to raising children which are part of a broader mode of socialization, which result in practical behaviors and disciplinary ethics in which acts of physical violence and humiliation practiced by the parents against the children are carried out. This study supports the hypothesis that smacking (and all forms of physical punishment) is primarily a negative experience for the child who is beaten, i.e., they are accompanied by ill feelings, a sense of unease, suffering, anguish, sadness, humiliation, etc. and therefore, this cannot be viewed as a disciplinary strategy which favors upbringing or child development. Such arguments, if sustained, could offer important support for joining forces to create a legal prohibition on all kinds of corporal punishment by parents against children, under any pretext, as well as actions on the level of mentality and customs aimed at reducing these practices. The corpus to be analyzed is made up of 92 products (drawings with subtitles) by children from 9 to 12 years old of both sexes and from 17 Brazilian states collected during the first semester of 2003 in the course of a national drawing context for children sponsored by the Child Studies Laboratory (LACRI) of the Institute of Psychology of the University of São Paulo (IP-USP), with the theme *Growing up without being hit.* The children were invited at school to draw on the following subjects, if they had been were hit by their parents: *"How do you feel if you receive a spanking?"* after which they were asked to: "*Write what your drawing means.*" These drawings were the *primary documentary source* in the present study and were analyzed based on three levels of *content analysis (CA).* From the thematic analysis, we discovered that 32.64% had been hit and 67.40% had experienced other types of corporal punishment, most frequently being thrashed with a belt (18.47%), receiving blows with an open or closed hand (9.78%), thrashed with a flip-flop (6.52%) or a bloody beating (4.34%). The custom of parents punishing their children at home (35.86%) is prevalent, but it is common in Brazil also for them to deliver a beating in public (28.26% of the scenarios identified). Both the mother and father spank their children and 70.65% of them don't know exactly why they are being hit, even though we have identified 10 reasons they expressed for being hit by their parents: ***getting hit for having a negative characteristic, getting hit as a demonstration of love, getting hit for being***

disobedient or making a mistake, getting hit for causing financial loss, getting hit by sadistic parents, getting hit for school failure and getting hit for cursing and fighting. The emotional state which follows the experience of being hit seems to be stronger than the beatings themselves. 58.70% of the drawings expressed *post-punishment scenes*, while 27.18% expressed *scenes of punishment*; and 8.69% represented *pre-punishment scenes*, since the mere announcement that the child will be punished already shapes up as an evil — *psychological violence.* From the categorical CA, the most frequently reported emotions are: a sense of unease (96%), sadness (84%), pain (64%), fear (38%), feeling of being despised (38%) and of physical inferiority (37%), rebelliousness or indignation (30%), loneliness and helplessness (25%), shame and humiliation (25%), then followed by anger (24%), resignation (20%), guilt (19%) and self-pity or feeling sorry for oneself (16%) and feelings of terror (15%); well-being (12%), happiness (7%), pleasure (4%), gratitude (4%) and wanting to die (3%). From the structural CA came 14 expressions about the bad act of spanking: *The bad act as physical suffering, as ritual, as cowardice, as injustice, as domestic terror, as destructiveness, as evil intent, as moral wound, as fragmentation of the self, as darkness, as the action of malignant beings, as a bad time and as death.* Based on a discussion of these results, I decided that the formulated hypothesis was valid, since the predominant feelings related to the childhood experience of getting hit by the parents are expressions of negativity or evil, even when the child expressed "positive emotions" this should be understood as an attempt at self preservation or rationalization, since being hit is predominantly experienced and felt as a harmful experience, one of evil, one which causes a sense of unease and sadness, impotence and heteronomy, and thus runs against self development in the broad sense, involving the cognitive, affective, ethical and moral development of the child.

Keywords: Family violence, punishment, developmental psychology, child drawing, ethics.

RÉSUMÉ

LONGO, C. S. ***La Violence Domestique Contre les Enfants et les Adolescents* (VDCEA) et l'éducation de l'affectivité et de la moralité : *expressions du sens* de la *Fessée* dans le langage des dessins enfantins.** 2007. 618 f. Thèse (Doctorat) – Institut de Psychologie, Université de São Paulo, São Paulo, 2007.

Le thème de la présente étude est le phénomène de la violence domestique contre les enfants et les adolescents (VDCEA) au Brésil, notamment pour ce qui est de la *culture de la fessée*, à partir d'une recherche qualitative sociale en psychologie *socio-interactionniste* et *critique*, sur les *sens* de *grandir sous la fessée*. Elle cherche à comprendre les *sens* des expériences de l'enfant d'avoir été battu par son père ou sa mère dans son enfance, c'est à dire les *sensations, les émotions, les sentiments et les valeurs* qui ont une inter-relation sur ces expériences autobiographiques. À partir de ces dimensions composantes de l'affectivité, on se rapproche de l'éclaircissement de la question qui se pose, si l'enfant comprend que la fessée est une violation du droit à l'intégrité physique, psychique et morale ; on prétend donc capter des récits ou des *témoignages* de l'univers domestique, pour ce qui est des processus de comment élever un enfant, qui font partie d'un mode de sociabilité plus élargie, en imposant des conduites pratiques et éthiques disciplinaires, où les actes de violence physique et l'humiliation de parents contre leurs fils sont mis en scène. Elle part de l'hypothèse que la fessée (et toutes les formes de punition corporelle), pour l'enfant battu, se transforme en une expérience essentiellement maléfique, c'est à dire, marquée par les *sens du mal*, du malaise, de la souffrance, de l'angoisse, de la tristesse, de l'humiliation, etc., et ne peut donc pas être reconnue comme une stratégie disciplinaire favorable à l'éducation et au développement infantile. S'ils sont vérifiés, ces arguments pourront offrir d'importantes ressources à ajouter à l'effort pour la construction légale de l'interdiction de toute forme de punition corporelle de pères contre leurs fils, sous n'importe quel prétexte, ainsi que d'agir sur le plan des mentalités et des habitudes visant la diminution de leur usage pratique. Le *Corpus* de l'analyse est constitué de 92 productions (dessins sous-titrés) d'enfants (de 9 à 12 ans) des deux sexes et provenant de 17 unités fédérées brésiliennes, collectées pendant le premier semestre de 2003, à partir d'un concours national de dessin enfantin promu par le Laboratoire d'Études de l'Enfant (LACRI) de l'Institut de Psychologie de l'Université de São Paulo (IP-USP), dont le thème était *Grandir Sans Fessée*. Les enfants, dans un contexte scolaire, ont été invités à produire un dessin sur la consigne suivante, en cas d'être battus par leurs parents : « *Comment te sens-tu quand tu reçois la fessée ?* », et devaient ensuite répondre par écrit à la question suivante : « *Écris ce que veut dire ce dessin.* » Les Productions constituent, dans cette étude, la *source documentaire primaire*, et ont été analysées à partir de trois niveaux d'*analyse de contenu* (AC). D'après l'*analyse thématique*, on obtient que 32,64% des Productions expriment des *fessées* et 67,40% d'autres modalités de punitions corporelles, les plus fréquentes étant les coups de ceinture (18,47%), les claques à main ouverte ou fermée (9,78%), les coups de pantoufles (6,52%), et la raclée cruelle (4,34%). Ce qui prédomine c'est l'habitude des parents de punir leurs enfants à la maison (35,86%), mais les battre en public semble être aussi assez commun au Brésil (28,26% des scénarios identifiés). La fessée est exercée aussi bien par le père que par la mère, et 70,65% des enfants ne savent

pas très bien pourquoi on les bat, quoique 10 raisons d'avoir été battus par leurs parents aient été retenues : *battre pour avoir un attribut négatif quelconque, battre comme démonstration d'amour, battre pour désobéissance et faute, battre pour avoir causé un dommage, battre par sadisme des parents, battre pour avoir échoué à l'école et battre pour avoir dit des gros mots et s'être bagarré.* L'état affectif suivant l'expérience d'être battu semble être plus marquant que la raclée elle-même : 58,70% des Productions expriment des *scènes post-punitions*, tandis que 27,18% expriment des *scènes de punition*, et 8,69% fixent la *scène pré-punition*, car le fait d'avertir l'enfant qu'il sera battu se montre déjà un mal – violence psychologique. De l'AC *catégorielle* les sentiments les plus fréquemment rapportés sont : malaise (96%), tristesse (84%), douleur (64%), peur (38%), sentiment d'être méprisé (38%) et d'infériorité physique (37%), révolte ou indignation (30%), solitude et abandon (25%), honte et humiliation (25%), qui sont suivies par la rage (24%), la résignation (20%), la culpabilité (19%) et l'auto pitié ou pitié de soi-même (16%) et le sentiment de terreur (15%), le bien-être (12%), la joie (7%), le plaisir (4%), la gratitude (4%) et l'envie de mourir (3%). De l'AC *structurelle* ont émergé 14 formes expressives du *mal de la fessée* : *le Mal comme Souffrance Physique, le Mal comme Rituel, Le Mal comme Lâcheté, le Mal comme Injustice, le Mal comme Terreur Domestique, le Mal comme Destructivité, le Mal comme Volonté Maligne, le Mal comme Blessure Mortelle, le Mal comme Fragmentation du Soi-même, le Mal comme Obscurité, le Mal comme Actions d'Êtres Malins, le Mal comme Mauvais Temps, le Mal comme Mort.* À partir de la discussion de ces résultats, on conclut sur la véracité de l'hypothèse formulée, une fois que les *sens* prédominants en rapport aux expériences infantiles d'être battu par son père ou sa mère sont des expressions de négativité ou *du mal*, même quand l'enfant exprime d'être affecté par des « passions positives », ce qui doit être plutôt compris comme un effort d'auto préservation ou de rationalisation, car las fessée est surtout *vécue* et *sentie* comme une expérience maléfique, du mal, qui provoque le malaise et la tristesse, l'impuissance et l'hétéronomie, donc contraire au développement ou à l'*expansion de soi* en sens ample, engageant le développement cognitif, affectif et éthique moral de l'enfant.

Mots-clé : Violence en famille, Punition, Psychologie du Développement, Dessin Enfantin, Éthique.

LISTA DE PRODUÇÕES (DESENHOS LEGENDADOS)

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE LISTAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAP	Academia Americana de Pediatra
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
Art.	Artigo
AC	Análise de Conteúdo
CNPq	Conselho Nacional de Apoio à Pesquisa
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ECA/USP	Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo
IP	Instituto de Psicologia
LACRI	Laboratório de Estudos da Criança
N	Número
NEV	Núcleo de Estudos da Violência
ONU	Organização das Nações Unidas
P	Produção
PCDCA	Punição Corporal Doméstica contra Crianças e Adolescentes
TELELACRI	Telecurso de Especialização na área da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes
UNICEF	
USP	Universidade de São Paulo
VDCA	Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes
VDFCA	Violência Doméstica Física contra Crianças e Adolescentes
VDPCA	Violência Doméstica Psicológica contra Crianças e Adolescentes
VDSCA	Violência Doméstica Sexual contra Crianças e Adolescentes

SUMÁRIO

Apresentação

No presente estudo, debruçamos-nos sobre a *Punição Corporal Doméstica de Crianças e Adolescentes* (PCDCA) no Brasil contemporâneo, centrando foco na controversa questão da *Palmada*, tema este que se insere na área da *Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes* (VDCA), de natureza física.

Um mapeamento dos estudos brasileiros neste vasto campo revelou-nos que a partir da década de 1990, sobretudo a partir de sua segunda metade, registrou-se um notável aumento do interesse da comunidade acadêmica sobre o fenômeno da VDCA, em suas variadas manifestações: a *violência física*, a *violência sexual*, a *violência psicológica*, a *violência fatal* e a *negligência*. É quando o tema ganha mais espaço e notoriedade nos centros de pesquisa e entre os profissionais brasileiros, sobretudo das áreas da Saúde, Educação e Direito. É também, a década de noventa, o momento de elaboração e surgimento do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), que passa a ser um novo marco legal regulador das relações entre Estado, Família e Sociedade no que diz respeito à proteção da infância e adolescência, sinalizando na direção de uma concepção de criança enquanto sujeito de direito e em condições peculiares de desenvolvimento.

Deve ser ressaltado outro importante fator impulsionador de pesquisas, debates e intervenções na sociedade brasileira sobre este verdadeiro "câncer social", isto é, a VDCA: o *Telecurso de Especialização na área da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes* (TELELACRI), que há mais treze anos vem formando e capacitando profissionais de variadas áreas (Psicologia, Pedagogia, Direito, Serviço Social, Enfermagem, Odontologia e Medicina, entre outras) nas diversas unidades federadas brasileiras, Peru e Argentina, para melhor atuarem em suas comunidades. Ressaltamos que no ano de 2007 iniciaram-se os trabalhos do TELELACRI para a capacitação da 14ª. turma de telestudantes. Muitos dos profissionais que

se tornaram especialistas na área da VDCA criaram, em seus municípios, centros de proteção à infância, recebendo denúncias, oferecendo atendimentos psicoterápicos, fomentando a prevenção através de trabalhos de conscientização comunitária e atuação em rede, reunindo farto material documental, de estudo e pesquisa sobre essa problemática social.

As possibilidades metodológicas de se estudar a VDCA são muitas. No presente estudo, optamos por pesquisar o que crianças brasileiras (de ambos os sexos, com idades variando entre 9 a 12 anos) sentem em relação às palmadas, isto é, que sentidos atribuem à experiência de apanhar dos pais ou responsáveis, em âmbito doméstico. Os suportes escolhidos para captar tal *expressão de sentidos*, a partir de uma vertente investigativa sobre VDCA cujo foco é *sócio-psico-interacionista*[1], foram *desenhos* infantis e *legendas* escritas explicativas produzidas pelos próprios sujeitos, sob um enquadre de Concurso de Desenho Infantil Temático, realizado em contexto escolar.

Nosso foco analítico será, pois, sobre os *sentidos que as crianças atribuem* às suas experiências punitivas corporais, coletados sob a rubrica *Palmadas* – signo este que tem o poder de recuperar, através dos processos envolvidos na atividade criativa de desenhar, outras formas freqüentes de *violência física doméstica* sofridas ao longo da infância.

O interesse pela *palmada*, modalidade específica de *punição corporal*, justifica-se por ser uma das formas mais freqüentes utilizada pelos pais para baterem em seus filhos, não sendo proibida e nem mesmo considerada na legislação brasileira como uma forma de violência; a *palmada* pertence ao rol das punições aceitáveis ditas "moderadas", em oposição aos castigos "imoderados", estes sim objetos de proibição legal.

Mas, afinal, por que o foco sobre os *sentidos* relacionados às palmadas, expressos através de desenhos legendados? Pelo fato de que - e isto será demonstrado ao longo da Tese - a análise da *atribuição de sentidos* em sujeitos que cresceram com palmadas permite captar, em primeiro lugar, o que as crianças sentem em relação a tais experiências, consideradas por

[1] Trata-se do *modelo de quarta geração* ou *histórico-crítico*, que será detalhado na Seção 2.

muitos como educativas e positivas, necessárias ao bom desenvolvimento infantil; em segundo lugar, a análise dos sentidos permite tecer inferências a respeito de aspectos relevantes no campo do desenvolvimento moral ou aprendizado moral, das possíveis "lições morais" e princípios éticos que as crianças podem construir a partir desse modo relacional (sociabilidade doméstica mediada pela violência), forma de tratamento ou alternativa ético-disciplinar; em terceiro lugar, a análise dos sentidos, ao buscar a expressão infantil através dos desenhos, permite captar de que maneira a palmada afeta a integridade física, psíquica e moral da criança; e, em quarto lugar, como uma especificidade do motivo anterior, através da análise dos sentidos podemos ainda coletar aspectos da *representação de si* ou da construção da auto-imagem sob o impacto dos eventos punitivos corporais domésticos.

O método privilegiado para análise de tais questões, a partir dos desenhos infantis legendados, tem a vantagem de possibilitar a expressão de sentidos através de signos por vezes ainda impossíveis de serem ditos em palavras, impossíveis de serem nomeados, mas passíveis de representação em cenas, estáticas ou dinâmicas, segundo a habilidade pictográfica de quem as produz, habilidade esta função do treino e do estágio de desenvolvimento cognitivo. Ao permitir o acesso a cenas domésticas, o desenho infantil converte-se em verdadeiro documento que retrata uma sociedade em determinada época: assim sendo, os desenhos infantis testemunham *modos de sociabilidade doméstica* mediados pelas punições corporais, isto é, pela violência física; são "retratos" da vida privada cotidiana de crianças brasileiras.

*

Antes de avançarmos mais ainda em considerações sobre a *problemática* e os *pressupostos teóricos* do presente estudo, cabem algumas notas abreviadas sobre o percurso acadêmico que venho trilhando desde a época da graduação em Psicologia, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, quando iniciei meus estudos sobre VDCA,

enquanto bolsista (CNPq) de Iniciação Científica, junto ao Laboratório de Estudos da Criança (LACRI), sob a competente orientação da Profa. Dra. Maria Amélia Azevedo.

Meu primeiro contato com o campo da VDCA deu-se através da participação como pesquisador no Projeto "*Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes – Infância e Violência Fatal em Família*", conduzido pelo LACRI de 1996 a 1997. Nesta ocasião realizei entrevistas de campo (23 estudos de casos) com membros de famílias nas quais ocorreram episódios de *violência fatal* com alguma criança, levantando as possíveis causas e circunstâncias da morte, lembranças e imagens sobre a criança falecida. Foi um trabalho de bastante impacto e envolvimento emocional, dada a natureza da problemática, que me levou a entrar em contato com a tristeza e culpa de famílias aonde uma ou mais crianças haviam morrido, vítimas da negligência dos adultos responsáveis, ou vítimas da violência física ou sexual[2].

Prosseguindo os estudos no envolvente campo da VDCA, no ano de 1999, dentro do Projeto "*Faces do Disciplinamento Infantil Doméstico: Castigos Corporais em Crianças e Adolescentes*", realizei uma pesquisa bibliográfica nacional e internacional sobre disciplinamento corporal doméstico em crianças e adolescentes; e iniciei, ainda neste período, sempre sob a cuidadosa orientação da professora Maria Amélia Azevedo, um estudo documental e crítico sobre o tipo de informação veiculada em livros e revistas publicados no Brasil destinados à educação dos filhos. Este último estudo, posteriormente, tornou-se objeto de minha investigação de Mestrado, defendida em fins de 2001 junto ao mesmo Instituto, sob o título *"A Punição Corporal Doméstica de Crianças e Adolescentes em Livros sobre Educação Familiar no Brasil (1981-2000)."* [3] Através desse estudo, pude investigar o problema da PCDCA no Brasil a partir das concepções de autores de diversas áreas do

---

[2] Este estudo foi publicado em 1998, pela editora Iglu, sob título *Infância e Violência Fatal em Família*, de autoria de Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, constando os créditos pela participação na coleta de dados e informações de cada caso.

[3] Trabalho não publicado originalmente, tendo suas idéias principais recuperadas no artigo *Ética disciplinar e punições corporais na infância*, publicado na Revista *Psicologia USP*, 16 (4), p. 99-120.

conhecimento (Psicologia, Pedagogia, Medicina, Psicanálise, Jornalismo, entre outras), que constroem representações e práticas de educação familiar através da publicação de livros de orientação a pais e educadores. Por intermédio de uma *análise de conteúdo* sistemática sobre este tipo de literatura veiculada a pais e educadores no Brasil, publicada no período de 1981 e 2000, foi possível identificar a qualidade do material informativo e formativo sobre as práticas de educação familiar de crianças e adolescentes. Além disso, recuperamos parte da *História da Punição Corporal Doméstica de Crianças e Adolescentes no Brasil* desde o século XVI, com a chegada dos colonizadores e educadores jesuítas e seus métodos psico-pedagógicos. A referida Dissertação constatou que, baseados em fundamentações teóricas oriundas principalmente das ciências psicológicas e pedagógicas, oferecendo diferenciados argumentos lógicos, morais, pedagógicos, psicológicos e do senso comum, os autores dos livros pesquisados (36 livros) propõem práticas educacionais favoráveis (28%) ou desfavoráveis (72%) às punições corporais domésticas no processo educacional dos filhos. Os argumentos e as proposições dos autores, suas *enunciações discursivas,* foram minuciosamente analisados nesta ocasião.

Concomitante à realização dessa Dissertação, no primeiro semestre de 2000, dentro do Projeto "*Vozes da Infância*" verifiquei, também através de procedimentos de *análise de conteúdo*, o que crianças e adolescentes escolares pensam a respeito de apanhar dos pais, como forma de "disciplina", "correção" ou "educação". Foram analisadas cerca de 1000 redações, cujo tema era "*Bater em Crianças: Certo ou Errado?*" [4] No segundo semestre deste mesmo ano, dentro do Projeto *"Vozes da Juventude"*, pude debruçar-me, através da participação em uma pesquisa do tipo *survey*, sobre o estudo das formas de violência

[4] Este estudo foi publicado em 2001 pela Editora Iglu, com os devidos créditos relativos à colaboração na análise de dados, sob o título "*Mania de Bater: A Punição Corporal Doméstica de Crianças e Adolescentes no Brasil*", de autoria de Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra. Posteriormente foi vertido para o idioma inglês, pela mesma editora, com apoio da *Save the Children*.

doméstica psicológica (VDPCA) - *rejeição, humilhação, isolamento, medo* e *terror* - sofridas por estudantes universitários, os quais ingressaram na Universidade de São Paulo em 2000.[5]

Ainda no segundo semestre de 2000, dediquei-me a uma pesquisa bibliográfica em bases de dados computadorizadas, sobre a literatura científica internacional a respeito das diferentes modalidades de VDCA, trabalho este organizada pelas Dras. Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, sob o título *Bibliografia Seletiva Internacional sobre VDCA (1981-2000)* , São Paulo, Lacri, 2001.

Prosseguindo neste interessante e intenso percurso de investigação científica, sempre sob orientação da Dra. Maria Amélia Azevedo no primeiro semestre de 2002 voltei-me à "*Cartografia da Punição Corporal no Mundo*", a partir de levantamento em bases de dados computadorizadas sobre o tema da PCDCA, mapeando as produções disponíveis científicas em quatro idiomas (português, francês, espanhol e inglês). Nessa ocasião foram selecionados estudos provenientes da África, América Central, América do Norte, América do Sul, Ásia, Europa e Oceania, reunindo um total de 472 publicações sobre o tema, do período de 1990 a 2002[6].

No segundo semestre de 2002 dediquei-me aos preparativos para o Exame de Seleção ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, nível Doutorado. Assim, tendo sido aprovado no processo seletivo, inicio, em março de 2003, a realização dos créditos necessários ao doutoramento, ao mesmo tempo em que seguem as atividades de pesquisa junto ao LACRI.

Ao longo de 2003 e 2004 dediquei-me mais especificamente às disciplinas da Pós-Graduação e a uma readequação do Projeto de Pesquisa inicialmente apresentado. Ocorre que,

---

[5] Este estudo foi publicado em 2001, pela Ieditora, sob o título "*Violência Psicológica Doméstica: Vozes da Juventude*", de autoria de Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra; constam os créditos pela participação na pesquisa enquanto integrante da equipe de coleta de dados. (Disponível *on line* em www.ieditora.com.br.).

[6] Este estudo encontra-se publicado sob o título "*Bibliografia Seletiva Nacional e Internacional sobre Punição Corporal Doméstica (1990-2002)*", em co-autoria com Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, com apoio da *Save the Children*. (Disponível on-line em www.ieditora.com.br, também em versão inglesa).

com o amadurecimento das leituras e aprofundamento do processo de orientação, o objeto de investigação ganha novas dimensões, embora permaneça o mesmo, isto é, a VDCA.

A partir de outubro de 2004 passei a integrar o grupo de pesquisa temática do LACRI junto ao CNPq, na linha de pesquisa *Infância e Violência Doméstica*[7], o que significou para mim motivo de grande honra e reconhecimento pelos trabalhos desenvolvidos ao longo desses anos todos junto ao Laboratório de Estudos da Criança.

O ano de 2005 foi marcado, no primeiro semestre, pela elaboração do Relatório de Exame de Qualificação, aprovado em agosto do mesmo ano, estando presentes na ocasião a Prof. Dra. Maria Amélia Azevedo, o Dr. Yves de La Taille e a Dra. Marilene Proença de Souza. No segundo semestre desse mesmo ano dediquei-me, junto ao LACRI, à preparação da proposta de um Projeto Temático de pesquisa sobre Prevenção da VDCA, protocolado junto à FAPESP em dezembro de 2005, e intitulado "*Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA): Abrindo novos horizontes da Prevenção na cidade de São Paulo*".

Registra-se ainda que, ao longo do segundo semestre de 2005, produzimos a *Bibliografia Seletiva e Novas Tecnologias de Comunicação sobre Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA) no Brasil (1973-2005),* como parte integrande do *Dossiê Direitos Negados (Brasil 2004-2005)* - Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA): um cenário em (des)construção, de autoria de Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, São Paulo, LACRI/IPUSP, 2005.

O ano de 2006 foi marcado fundamentalmente pelo difícil e solitário trabalho de escritura da Tese. O fim do trabalho afigurava-se então como muito próximo, e havia que se estruturar de forma adequada um texto final, a fim de submetê-lo à defesa. Graças a um paciente e minucioso trabalho de revisão e orientação despendido por minha orientadora, foi possível operar os recortes necessários ao estudo, dando-lhe um eixo viável. Ao mesmo tempo, o ano de 2006 foi também marcado pelo acompanhamento do processo de solicitação

[7] Certificado pelo diretório de Grupos de Pesquisa no Brasl, CNPQ, de 13/10/2004.

do Projeto Temático junto à Fapesp. Inicialmente negado pelos pareceristas, foi finalmente aprovado em dezembro de 2006, após um pedido de reconsideração e todo um trabalho de gestão junto à instituição realizado pela Dra. Maria Amélia Azevedo, responsável pela coordenação do Projeto. Assim, o ano de 2006 termina com uma excelente notícia, isto é, a possibilidade de prosseguir engajado em pesquisas científicas compromissadas.

Mas, antes, há um trabalho de quatro anos a ser finalizado e materializado, isto é, tornado público.

Assim, os dois primeiros meses de 2007 foram marcados por um exaustivo processo de confecção da forma final da presente Tese. Há uma angústia própria desse período, que advém do seguinte fato: a tese é determinada por um tempo alheio à própria produção de uma tese, e essa talvez seja sua maior limitação.

Ao longo deste percurso acadêmico, de mais de uma década, diversos outros estudos foram levados a cabo, buscando aprofundar os conhecimentos na área da VDCA, refinando a compreensão de um referencial teórico apropriado à abordagem do fenômeno e, enfim, construindo minha própria identidade de pesquisador científico. Foi, sem dúvida, um longo caminho de bastante trabalho, crescimento intelectual e pessoal.

Assim, a presente Tese vem a ser uma continuidade quase "natural" de um percurso acadêmico que tem como característica primordial a permanência no enfrentamento de um objeto, a VDCA, agora perseguido sob a faceta *Palmada* e situado no campo de uma Psicologia do Desenvolvimento Infantil de base *sócio-psico-interacionista*, preocupada com questões críticas relacionadas aos *modos de sociabilidade doméstica* e às alternativas *ético-disciplinares familiares*, nos marcos dos Direitos da Criança e do Adolescente.

O trabalho está estruturado em cinco seções, mais as conclusões e, como não poderia deixar de ser, as referências bibliográficas. Na seção 1 buscamos delimitar a problemática e apresentar a hipótese e questões-chave da pesquisa: trata-se de um estudo qualitativo-social

sobre os sentidos de *crescer com* palmada, partindo da premissa de que a palmada (e qualquer forma de VDFCA) constitui-se em um ato de desrespeito à *integridade física, psíquica* e *moral* da criança e do adolescente, e formulando a hipótese inicial de que a palmada é, na grande maioria das vezes, sentida e julgada como um mal[8]. Ressaltamos, porém, que, em alguns casos, existem crianças que apreciam o fato de apanharem do pai ou da mãe, pois entendem tal ato como uma demonstração de cuidados paternos. Na seção 2 apresentamos os pressupostos teóricos e as definições conceituais privilegiadas, assim como o modelo explicativo do fenômeno da VDCA que adotamos, modelo assentado nos pressupostos de uma perspectiva crítica em Psicologia; explicitamos também o referencial adotado para a compreensão dos desenhos infantis, entendidos como *expressão de sentidos* e *testemunhos caricaturais do real.* Na seção 3 apresentamos uma revisão da literatura cientifica nacional e internacional sobre *Palmada*, entendida como uma forma de *Punição Corporal Doméstica contra Crianças e Adolescentes* (PCDCA) e *Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes* (VDCA) de natureza *física* (VDFCA), trazendo à discussão as principais características metodológicas utilizadas e os resultados encontrados em diversos estudos que selecionamos, compondo um quadro-síntese da literatura internacional sobre *palmada* do período de 1990-2007. Na seção 4, buscamos esclarecer sobre o percurso metodológico que construímos partindo da descrição dos processos de constituição do *Corpus* até os modelos privilegiados para sua análise. E, na seção 5 apresentamos o próprio *Corpus* constituído, tal como coletado, os resultados quanti-qualitativos da pesquisa e sua discussão, a partir de três níveis de *Análise de Conteúdo* (AC): *temático, categorial* e *estrutural*; ainda como resultado de pesquisa, apresentamos um modelo instrumental criado para ser utilizado por educadores em contexto escolar, com fins de prevenção e detecção da VDCA entre o corpo discente. Nas Conclusões do trabalho, por fim, apresentamos uma síntese reflexiva sobre os resultados encontrados, e levantamos algumas questões que merecem ainda mais atenção e estudos.

[8] Aprofundaremos a argumentação de tal hipótese na subseção 1.2.

Seguem-se então as referências bibliográficas utilizadas no corpo do texto, e então Apêndices e Anexos. Organizamos um Apêndice Metodológico para registrar etapas do processo de construção da presente Tese; e nos Anexos fizemos constar documentos e materiais utilizados para a realização formal da pesquisa.

1. Introdução

O presente estudo debruça-se sobre a *Cultura da Palmada* no Brasil, a partir da análise de desenhos temáticos (sujeitos de 9 a 12 anos) sobre os sentidos, para a criança, de *crescer com palmada*. É nessa vertente cultural, explicada através da *História das Punições Corporais de Crianças e Adolescentes no Brasil*, que devemos buscar os fundamentos para uma compreensão determinada (sócio-histórica e crítica) dos desenhos ou *produções* infantis[9].

Conforme já apontado sucintamente na Apresentação, interessam-nos captar os sentidos, para a criança, da experiência de sofrer *violência doméstica física*, isto é, suas *sensações, emoções, sentimentos* e *valores* associados às lembranças de apanhar dos pais na infância. Partindo dessas quatro dimensões ou aspectos constituintes do processo de atribuição de sentidos e da afetividade, relacionados às palmadas na infância, podemos então aproximar-mos da questão de se, afinal, a palmada, que se constitui em uma violação do direito à integridade física, psíquica e moral da criança, o é assim por ela percebida, isto é, se a criança atribui às palmadas sentidos relacionados ao bem ou ao mal. Portanto, a problemática do presente estudo passa necessariamente pela discussão sobre *modos de sociabilidade* e *ética disciplinar doméstica* no Brasil[10], discussão esta que só poderemos aqui aprofundar após a análise minuciosa de nosso *Corpus*. Ao buscarmos tal entendimento, contribuindo para a compreensão do processo de construção dos *sentimentos sócio-morais* relacionados à violência física enquanto modo de resolução de conflitos cotidianos, e enquanto estratégia disciplinar, educativa e corretiva.

---

[9] Cabe assinalar que o material constituinte de nosso *Corpus* fica mais adequadamente caracterizado como *produções*, uma vez que envolve a análise de desenhos e de escritos, bem como a análise de legendas explicativas sobre o sentido do desenho produzido. Trata-se, portanto, de um *Corpus híbrido*, composto por desenhos e legendas escritas, conforme detalharemos na seção 4.

[10] Apresentamos uma reflexão introdutória sobre *ética discplinar doméstica* e *punições corporais na infância* em Longo (2005a), onde retomamos alguns argumentos já expressos em Longo (2001).

Em nossa sociedade parece ser aceitável e, portanto legítimo, que os pais punam corporalmente os filhos, a fim de discipliná-los, educá-los ou castigá-los fisicamente. É evidente, contudo, que não é somente a palmada que proporciona às crianças experiências com a violência. Mas, o que nos interessa delimitar no presente estudo é a socialização mediada pela violência física palmada que ocorre no *contexto de desenvolvimento* familiar - este, conforme apontam diversos autores, pode ser favorável ou desfavorável ao desenvolvimento. O contexto de desenvolvimento familiar pode configurar-se, então, como um *contexto de violência*, e as implicações disto tanto em termos de desenvolvimento infantil quanto em termos societários, devem ser cuidadosamente consideradas, se pretendemos verdadeiramente edificar a sociedade brasileira através dos princípios democráticos e dos direitos humanos - no caso, direitos da infância e adolescência. Isso porque, no âmbito da educação democrática ou da educação para a democracia, não podemos nunca deixar de considerar o que se passa em termos de socialização primária no espaço privado, na intimidade da vida familiar.

Em termos de história do desenvolvimento, isto é, da própria autobiografia, é comum, em muitos casos, que as primeiras - e (des)estruturantes - experiências com a violência física (através da palmada) se dêem no âmbito doméstico, na relação com os pais. Este aparente paradoxo implica que a gênese dos conceitos, dos juízos de valores morais e dos princípios éticos que as crianças constroem dá-se não só, mas também a partir de tais relações ou interações, marcadas por um *estilo de paternagem* (ou parentagem) *autoritário*, uma vez que o *estilo democrático* de criar os filhos, por definição, não poderia sustentar atos de violência física em seu bojo. A família autoritária acolhe a palmada em seu meio, enquanto estratégia ético-disciplinar mediadora das relações inter-pessoais, no caso entre pais e/ou responsáveis e filhos. Mas, poderia uma "simples e inofensiva" palmada atentar contra a construção

democrática? Haveria relações entre a ética na esfera pública e a ética na esfera privada, ou não há comunicação entre esses universos? Vejamos.

A palmada[11], contemporaneamente no Brasil, é uma prática legítima de "disciplinamento/correção/contenção/punição/educação" de crianças e adolescentes, fazendo parte da *cultura da violência doméstica*. No rol das práticas punitivo-corporais, na *palmada* é verdadeira "mania nacional", quase unanimidade entre pais e mães brasileiros, sem distinção de classe social, escolaridade, etnia ou religião[12].

Como precisamente nos interrogam Azevedo e Guerra (2001a, p.39, grifo do autor),

> Quem de nós não ouviu mais de uma vez, esta advertência: *Você está precisando de umas boas palmadas!*? Quem de nós não conhece este quase-provérbio: *É preferível apanhar dos pais, do que da vida*? Quem de nós não foi confrontado alguma vez, com a defesa fanática da *palmada no bumbum*, como o santo remédio contra a desobediência infanto-juvenil? Isso acontece porque na cultura brasileira, *bater nos filhos* foi se constituindo em *verdadeira marca da boa criação dos filhos* e em *verdadeira mania nacional*.

Sustentada por crenças e ditos populares, idéias da tradição pedagógica, psicológica, filosófica e religiosa, e envolta em uma aura de "mal-necessário" ou mesmo de um "bem-necessário", a palmada constitui-se, dentro da cultura brasileira, em uma das principais formas dos pais baterem nos filhos. Caracteriza-se por ser uma *prática pedagógico-familiar violenta*

---

[11] Palmada (*palma + ada*), etimologicamente, significa pancada com a palma, isto é, com a porção da face anterior de cada mão compreendida entre o punho e os dedos da mão (quirodáctilos); *tapa*, por sua ve z, é uma pancada com mão, forte ou leve, em qualquer parte do corpo (FERREIRA, 1999). Por definição, as po ntas dos dedos não comporiam a técnica da palmada, mas apenas a palma da mão; já no tapa, é a mão toda que bate. Entretanto, ná prática, a palmada é associada a tapa no bumbum.

[12] Há diversos estudos em VDCA, sobretudo na literatura científico internacional, que estabelecem correlações positivas entre níveis e formas de violência contra a criança e a classe social, grau de escolaridade, renda, etnia e afiliação religiosa dos pais. Assim, é comum encontrarmos nesses estudos conclusões - em nossa opinião, um tanto apressadas e ideológicas - do tipo: *Os pobres batem mais nos filhos; os pobres batem mais severamente em seus filhos; o risco de incidência grave de VDCA é maior nas classes populares; pais com pouca escolaridade tendem a utilizar com mais freqüência e intensidade a punição corporal contra seus filhos; pais de determinadas origens étnicas (sobretudo os hispânicos, afro-descendentes e asiáticos) batem mais em seus filhos; famílias de determinadas afiliações religiosas, sobretudo protestantes, muçulmanas ou islâmicas fazem mais uso da punição corporal doméstica*, e diversas outras afirmações "científicas" dessa natureza. Concordamos em parte quanto os condicionantes do fenômeno relacionados à cultura religiosa e tradição étnico-cultural, mas rejeitamos os condicionantes relacionados à classe social, renda e nível de escolaridade. Concordamos apenas em parte, pois o determinante na verdade não é étnico-racial propriamente, mas cultural. Assim, cremos com Azevedo e Guerra (2001a) ser mais correto entender o fenômeno da VDCA, no qual a palmada se insere, como um fenômeno tipicamente democrático, no sentido de contar com a participação e representação de ativa de famílias de todas as classes sociais, níveis de renda e escolaridade, origem étnico-cultural, religião e assim por diante. Batem, humilham, violentam sexualmente, negligenciam, deixam morrer ou matam seus filhos homens e mulheres, ricos e pobres, analfabetos e doutores, brancos, negros, mulatos e amarelos, católicos, protestantes, evangélicos, umbandistas e adeptos de religiões orientais.

e uma *prática social* ou *modo de sociabilidade doméstica* que não faz distinção entre gênero, etnia e classe social. A esse respeito, Azevedo e Guerra (2001a), partindo de exaustiva pesquisa documental sobre a História da Punição Corporal de Crianças e Adolescentes no Brasil, as mencionadas autoras recuperam que a *Pedagogia da Palmada* (também chamada de "pedagogia do psicotapa"), enquanto tapa limitador, desenvolveu-se paralelamente à pedagogia do castigo ostensivo, em fins do século XIX, representando uma mudança na estratégia punitiva e um deslocamento de foco. A *Pedagogia da Palmada* se insere no movimento das idéias da humanização das penas e da "psicologização" do castigo, tendências de abrandamento punitivo caracterizadas por Foucault (1984) sobre o ocorrido no continente europeu nos séculos XVII e XVIII, e muito bem caracterizadas por Costa (1983) ao discorrer sobre o *higienismo* e a política de controle ou "profilaxia" das famílias no Brasil de fins do século XIX, início do XX.

Influenciada pela emergência das teorias psicológicas sobre a criança em fins do século XIX, a *Pedagogia da Palmada*

> [...] mais do que através da dor física severa objetiva a modelagem do comportamento infantil através de uma punição corporal **menos intimidativa e menos ostensiva**. Afirma-se, sobretudo, em fins do século XIX, tendo a **infância de faces brancas** como um de seus destinatários prediletos. (AZEVEDO; GUERRA, 2001a, p.56, grifo do autor).

O foco punitivo, neste contexto de "afrouxamento da severidade penal", não é mais o corpo, mas sim a "alma". Embora atinja o corpo, devido à suposta regulação da intensidade ou força da punição, que é considerada "leve" ou "moderada", o alvo não é o suplício do corpo, como outrora na *Pedagogia do Amor Correcional* e na *Pedagogia da Palmatória* ou *Palmatoada*[13]: o objetivo da palmada é operar sobre a "vontade" e as "disposições" infantis.

[13] "Dentro da Pedagogia Tradicional, a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes foi-se adaptando às várias situações de infância e se modificando no bojo de três modalidades principais do que poderíamos chamar Pedagogia Familiar. [...] 1° A PEDAGOGIA DO AMOR CORRECIONAL (séculos XVI-XVII) de inspiração jesuítica, voltada sobretudo para a infância de faces índias." (AZEVEDO; GUERRA, 2001a, p.55-56). O interesse psicológico pela criança, trazido pelo sentimento de infância no século XVI, tornava necessário conhecê-la para melhor corrigi-la, e a preocupação com sua educação e *disciplinamento* tornou-se evidente. Traz implícita a necessidade de correção através de castigos físicos. Como apontam Azevedo e Guerra (2001a, p.57),

Embora o elemento *dor* ainda caracterize esta modalidade de punição corporal, a palmada é considerada por diversos autores contemporâneos como um castigo corporal "suave", "leve", "aceitável" em determinadas situações problemáticas da relação entre pais e filhos, merecedor até de apelidos carinhosos, como "tapinha no bumbum" (AZEVEDO; GUERRA, 2001a).

Posto isso, pensamos termos dado conta da primeira parte da caracterização da problemática deste estudo, isto é, da *palmada enquanto modo de sociabilidade doméstica* ou enquanto *estratégia prática ético-disciplinar,* próprios de uma cultura da violência, a *cultura da bater.* A violência se constitui em uma das características da sociedade brasileira, marcada pelo autoritarismo e pela violência, desde o primeiro ato de colonização, conforme demonstrado por Chaui (2000). Cabe agora situarmos a VDCA frente aos *Direitos da Criança e do Adolescente*, ou seja, dentro da problemática de Direitos Humanos, trazendo assim à discussão o contexto sócio-normativo no qual deve ser pensada a *Palmada*. Após isso, iremos então apresentar com mais precisão a hipótese e as questões-chave norteadoras desta investigação.

1.1. A *Cultura da Palmada* frente aos *Direitos da Criança e do Adolescente*

Na legislação brasileira, obviamente, não há nada tipificado a respeito da palmada, e nem poderia ser diferente. A norma jurídica incide, genericamente, sobre aquilo que é

"a marca registrada da Companhia de Jesus era o respeito à disciplina física, moral e espiritual. Amor feito de ordem, castigos e ameaças com um gosto de sangue." "2° A PEDAGOGIA DA PALMATÓRIA que se afirma sobretudo a partir da adoção do modelo colonizador escravocrata (séculos XVI-XVIII), tendo na infância de faces negras um de seus alvos prediletos." (AZEVEDO; GUERRA, 2001a, p.56). Trazia implícita a mesma necessidade de correção através de castigos físicos com um agravante: que fosse tão humilhante quanto possível, para deixar patente a condição de subalternidade de seus destinatários. A esse respeito esclarecem Azevedo e Guerra (2001a, p.57): "Dentro da dialética do nosso processo colonizador e, na esteira da tradição greco-romana, segundo a qual escravos e crianças poderiam ser disciplinados da mesma forma, firmou-se entre nós a cultura da palmatória, vigorante para mulheres, crianças e escravos." A palmatória era apenas um tipo de instrumento utilizado para a correção: varas, chicotes, correntes, usados para castigar os escravos, acabaram sendo transpostos para a *punição corporal doméstica* de crianças de outra situação: os filhos dos "senhores". Estes, como os escravos, *eram considerados propriedades dos pais-patrões, dentro da família patriarcal, sujeitos às mesmas leis e sanções disciplinadoras*, como recuperam ainda Azevedo e Guerra (2001a) A *Pedagogia do Amor Correcional* e a *Pedagogia da Palmatória* visam, sobretudo, o castigo punitivo do corpo. Suas origens remontam à civilização greco-romana e judaico-cristã. A terceira modalidade da pedagogia familiar tradicional, agora em sua vertente "abrandada" seria então a *Pedagogia da Palmada.*

considerado castigo "imoderado" ou "abusivo", não explicitando modos e meios punitivos específicos. Trata-se, portanto, de uma questão de interpretação subjetiva, tanto para quem opera a lei, quanto para quem exerce um direito: o direito de "corrigir", "disciplinar", "castigar", que se traduz, na prática, pelo direito paterno (do pai ou da mãe) de bater nos filhos.

A "correção e disciplina abusiva", os "castigos imoderados" dos pais sobre os filhos, estão proibidos legalmente no Brasil já desde o Código Civil de 1.916 e do Código Penal de 1.940. A *palmada*, contudo, por ser um indicativo ou símbolo de castigo dito "moderado", "não abusivo", é aceitável do ponto de vista do direito brasileiro. Isto, porém, constitui-se já há mais de uma década e meia, uma contradição insustentável ao ordenamento jurídico brasileiro, pois o Brasil é signatário da *Convenção sobre os Direitos das Crianças* (ONU, 1990), que se manifesta contrariamente a qualquer forma de violência física contra crianças e adolescentes. Por isso, os castigos ou punições corporais ditos "moderados" também já deveriam ter sido objetos de proibição legal em nosso país. E, conforme mostraremos, há grandes esforços nesta direção.

Para situar a palmada enquanto problemática pertencente ao tema dos Direitos da Criança e do Adolescente, isto é, dos Direitos Humanos, em termos de "castigo moderado", forma "não-abusiva" de correção ou disciplina (em oposição aos castigos imoderados, abusivos, cruéis ou degradantes), devemos nos remeter aos códigos legais brasileiros que versam, central ou perifericamente, sobre tal problemática, ou seja, o *Código Penal* (Decreto-Lei nº 2.848, de 7/12/1940), a *Constituição Federal de 1988*, o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA – Lei 8069, de 13/07/1990) e o Novo *Código Civil* (Lei 10.406, de 10/01/2002). Podemos, desde já, antecipar nossa conclusão com a afirmação de que, como condenam apenas o uso da força física "abusiva" e "imoderada" pelos pais, a legislação brasileira permite e mesmo legítima os castigos corporais ditos "não-abusivos" ou

"moderados", adjetivações sob as quais a palmada se esconde. O moderado é não abusivo, o imoderado é abusivo. Dessa forma, em decorrência de um pesado lastro histórico - no Brasil a "mania de bater" tem mais de 500 anos, atribuindo-se sua introdução aos jesuítas, já que nossos índios não batiam em seus filhos (AZEVEDO; GUERRA, 2001a) - só estão legalmente proibidos entre nós os *castigos imoderados* e *cruéis*. Portanto os pais têm *licença para bater* de forma "moderada" (aqui se incluindo o uso generalizado da palmada e do famoso tapa no bumbum). (AZEVEDO; GUERRA, 2003a). Senão, vejamos.

O Código Civil de 1916, em seu artigo 395, assinala que "perderá por ato judicial o pátrio poder o pai, ou a mãe que **castigar imoderadamente o filho** [...]". Como conseqüência, o castigo "moderado" é, deste modo, aceitável, tolerável e admissível, não implicando qualquer sanção legal. Passados quase um século nada se alterou no Brasil em relação ao direito civil dos pais de castigarem os filhos, pois na nova redação do *Código Civil*, de 2002, ratificou-se que "os filhos estão sujeitos ao poder familiar, enquanto menores" (Art. 1.630), e no exercício do poder familiar, "compete aos pais, quanto à pessoa dos filhos menores: I - dirigir-lhes a criação e educação; [...]VII - exigir que lhes prestem obediência, respeito e os serviços próprios de sua idade e condição." (Art. 1.634) E, em relação à suspensão e extinção do poder familiar, o artigo 1.638 afirma que: "Perderá por ato judicial o poder familiar o pai ou a mãe que: I - **castigar imoderadamente o filho** [...]". (BRASIL, 2002, grifo nosso)

Prosseguindo nossa revisão legal, no *Código Penal* brasileiro, que data de 1940, em seu Capítulo III, Da Periclitação da Vida e da Saúde, no artigo 136, há menção explícita sobre o *abuso* dos "meios de correção ou disciplina", entendido como mau-trato dos pais e/ou responsáveis contra os filhos:

> Maus-tratos
>
> Art. 136 - Expor a perigo a vida ou a saúde de pessoa sob sua autoridade, guarda ou vigilância, para fim de educação, ensino, tratamento ou custódia, quer privando-a de alimentação ou

cuidados indispensáveis, quer sujeitando-a a trabalho excessivo ou inadequado, quer **abusando de meios de correção ou disciplina:**
Pena - detenção, de 2 (dois) meses a 1 (um) ano, ou multa.
§ 1° - Se do fato resulta lesão corporal de natureza grave:
Pena - reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos.
§ 2° - Se resulta a morte:
Pena - reclusão, de 4 (quatro) a 12 (doze) anos.
§ 3° - Aumenta-se a pena de um terço, se o crime é praticado contra pessoa menor de 14 (catorze) anos. (BRASIL, 1940, Artigo 136, grifo nosso).

Percebe-se aqui que há que se diferenciar a prática "abusiva" e "não abusiva" dos meios de correção ou disciplina, posto que apenas a primeira é punível, assim como diferencia-se castigo "imoderado" de "moderado".

Mencionamos ainda a lei que define os *crimes de tortura* (Lei N° 9.455, de 7 de abril de 1997), pois, como mostraremos, as punições corporais podem assumir dimensões de grande sofrimento físico e psicológico para as crianças que apanham, assemelhando-se à *tortura* ou *terror doméstico*.

Art. 1° Constitui crime de tortura:

I - constranger alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental:

a) com o fim de obter informação, declaração ou confissão da vítima ou de terceira pessoa;

b) para provocar ação ou omissão de natureza criminosa;

c) em razão de discriminação racial ou religiosa;

II - **submeter alguém, sob sua guarda, poder ou autoridade, com emprego de violência ou grave ameaça, a intenso sofrimento físico ou mental, como forma de aplicar castigo pessoal ou medida de caráter preventivo.**

Pena - reclusão, de dois a oito anos.

§ 3° Se resulta lesão corporal de natureza grave ou gravíssima, a pena é de reclusão de quatro a dez anos; se resulta morte, a reclusão é de oito a dezesseis anos.

§ 4° Aumenta-se a pena de um sexto até um terço:

I - se o crime é cometido por agente público;

II – se o crime é cometido contra criança, gestante, portador de deficiência, adolescente ou maior de 60 (sessenta) anos;[14] [...].

§ 6° O crime de tortura é inafiançável e insuscetível de graça ou anistia.

§ 7° O condenado por crime previsto nesta Lei, salvo a hipótese do § 2°, iniciará o cumprimento da pena em regime fechado.

Art. 2° O disposto nesta Lei aplica-se ainda quando o crime não tenha sido cometido em território nacional, sendo a vítima brasileira ou encontrando-se o agente em local sob jurisdição brasileira.[...] (BRASIL, 1997, Artigos 1 e 2, grifo nosso)

A Constituição Brasileira de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Convenção sobre os Direitos da Criança (ratificada pelo Brasil em 24/09/90) introduzem um novo paradigma na cultura jurídica brasileira, inspirado pela concepção da criança e do adolescente como verdadeiros *sujeitos de direito*, em *condição peculiar de desenvolvimento*. Sob esta perspectiva, a Constituição de 1988, em seu artigo 227, estabelece que:

> É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, **o direito** à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, **à dignidade, ao respeito**, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los **a salvo de toda forma de** negligência, discriminação, exploração, **violência, crueldade e opressão**. (BRASIL, 1988, Artigo 227, grifo nosso).

E no parágrafo quarto, do mesmo artigo: "A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente".

Em consonância com o artigo 227 da Constituição de 1988, o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), por sua vez, afirma, em seu artigo quarto, ser dever da família, da comunidade e da sociedade assegurar à criança e ao adolescente, entre outros direitos, o *direito à dignidade* e ao *respeito*. No artigo quinto, lê-se:

> **Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de** negligência, discriminação, exploração, **violência, crueldade e opressão**, punido na forma da lei **qualquer atentado, por ação** ou omissão, **aos seus direitos fundamentais.** (BRASIL, 1990, Artigo 5.°, grifo nosso)

No artigo 17, do mesmo Estatuto, define-se que:

[14] Redação dada pelo *Estatuto do Idoso*, Lei n° 10.741, de 2003.

> **O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente**, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. (BRASIL, 1990, Artigo 17, grifo nosso).

E ainda, conforme o artigo 18: "É dever de todos zelar pela **dignidade da criança e do adolescente** pondo-os **a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor**." (BRASIL, 1990, Artigo 18, grifo nosso).

Embora a proteção à *integridade física, psíquica* e *moral* da criança e do adolescente seja objeto de preocupação direta ou indireta dos diplomas legais mencionados[15], como já afirmamos os mesmos não fazem menção à possibilidade de os castigos "moderados", no qual a palmada é de modo comum considerada, constituir-se numa forma de violação dos direitos das crianças e dos adolescentes.

Assim, a despeito da Constituição de 1988 e do *ECA* (1990), constata-se que tais avanços não têm sido capazes de romper com uma cultura que admite o uso da violência contra criança e adolescente, a chamada "mania de bater" (Azevedo e Guerra, 2001a), sob a alegação de quaisquer propósitos, ainda que pedagógicos.

Visando reparar essa falha legislativa, e em sintonia com um amplo Movimento global pela abolição de toda forma de punição corporal contra crianças e adolescentes[16], vem

---

[15] Segundo Fábio Maria de Mattia (da Universidade de São Paulo), em comentários ao artigo 17 do ECA, a proteção à *integridade física* da criança e do adolescente aparece no Estatuto nos artigos 7º; 13; 33; 56, I; 67; 69; 70; 71; 79; 81; 87; 91; 94, IX; 129, VI; 130; 136, "a"; 178; 233; 234; 237; 239; 242; 243; 244; 245. A proteção à *integridade psíquica* da criança e do adolescente é objeto, no Estatuto, nos artigos 15; 33; 53; 58; 67; 70; 71; 74; 76; 78, parágrafo único; 79; 81; 82; 87, IV; 92, V; 94, IV, XII, XV e XIX; 106; 124, V e VIII; 130, especialmente o inciso IX; 141; 142, parágrafo único; 143; 161; 178; 230; 232; 234; 237; 239; 240; 241; 243; 247; 250; 252; 253; 254; 255; 256; 258. Por sua vez, a proteção à *integridade moral* da criança e do adolescente é objeto, no Estatuto, nos artigos 15; 33; 53; 58; 67; 70; 71; 74; 76; 78, parágrafo único; 79; 81; 82; 92, V; 94, IV, XV e XIX; 106; 124, V e VIII; 130; 141; 142, parágrafo único; 143; 178; 229; 230; 232; 234; 237; 239; 240; 241; 247; 250; 252; 253; 254; 255; 256; 258. (In: CURY, M. et al., coords. *Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado.* Comentários jurídicos e sociais. São Paulo: Malheiros Editores, 1992. p. 72-79).

[16] A esse respeito citamos o movimento *Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children.* Trata-se de uma iniciativa global lançada em abril de 2001 visando apressar a abolição da punição corporal de crianças e adolescentes em todo o mundo, contando com o apoio do UNICEF, de membros do Comitê dos Direitos da Criança, e de organizações internacionais de direitos humanos. Este movimento tem como propósitos: formar uma forte aliança de agências não-governamentais de direitos humanos contra a punição corporal; tornar a punição corporal de crianças e adolescentes visível pela construção de um mapa global de sua prevalência e legalidade, assegurando que as opiniões das crianças sejam ouvidas e respeitadas em relação à punição corporal; pressionar os governantes sistematicamente para banir todas as formas de punição corporal e para desenvolver

tramitando no Congresso Nacional um novo Projeto de Reforma Legal no Brasil, visando abolir a Punição Corporal Doméstica de Crianças e Adolescentes (Projeto de Lei 2654/2003)[17]. Esse Projeto foi idealizado em consonância com o preconizado pela *Convenção sobre os Direitos da Criança* (aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1990, e ratificada pelo Brasil em 24 de novembro do mesmo ano), no sentido de banir *qualquer ato* de violência contra a criança, considerada um sujeito de direitos.[18] Assim, esse Projeto de Lei dispõe sobre alterações no ECA e no Novo Código Civil, "estabelecendo o direito da criança e do adolescentes a **não serem submetidos a qualquer forma de punição corporal, mediante a adoção de castigos moderados ou imoderados,** sob a alegação de quaisquer propósitos, ainda que pedagógicos". (BRASIL, 2003, grifo nosso).

Segundo o referido Projeto, através de Decreto do Congresso Nacional, seriam acrescentados à Lei 8069, de 13/07/1990 (ECA), os seguintes artigos:

---

programas públicos de educação; prover assistência técnica especializada para apoiar os Estados que realizarem tais reformas. Esta e outras informações estão disponíveis *online* em: http:// endcorporalpunishment.org, sítio ao qual remetemos o leitor.

[17] Trata-se do Projeto Lei 2654/2003, proposto pela Deputada Maria do Rosário (PT-RS), que deu entrada no dia 02/12/2003. Este Projeto é de autoria da Dra. Maria Amélia Azevedo e da Dra. Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, tendo o texto legal sido redigido pela Dra. Flávia Piovesan, pela Dra. Carolina de Mattos Ricardo, pela Dra. Daniela Ikawa e por Renato Azevedo Guerra. O texto completo do Projeto de Lei 2654/2003, e sua justificativa, encontra-se disponível *online* em < http://www.usp.br/ip/laboratorios/lacri/projeto.htm> .

[18] Ao ratificar a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), em 24 de setembro de 1990, "o Estado Brasileiro assumiu a obrigação de assegurar à criança o direito a uma educação não violenta, contraindo para si a obrigação de não apenas respeitar, mas também de promover este direito. A respeito, merece menção o artigo 19 (1), cominado com o artigo 5o, da Convenção. De acordo com o artigo 19 (1): 'Os Estados Partes tomarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus-tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto estiver sob a guarda dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela'. Por sua vez, o artigo 5° estabelece: 'Os Estados Partes respeitarão as responsabilidades, os direitos e os deveres dos pais ou, conforme o caso, dos familiares ou da comunidade, conforme os costumes locais, dos tutores ou de outras pessoas legalmente responsáveis pela criança, de orientar e instruir apropriadamente a criança de modo consistente com a evolução de sua capacidade, no exercício dos direitos reconhecidos pela presente Convenção'. Deste modo, o artigo 19, conjugado com o artigo 5°, da CDC, veda [...] a utilização de qualquer forma de violência contra a criança, seja ela moderada ou imoderada, mesmo que para fins pretensamente educativos ou pedagógicos, considerando ilícitas, nessa linha, práticas 'corretivas' empregadas por pais ou responsáveis que abarquem punições físicas em qualquer grau. Adicione-se que o artigo 29 da Convenção estipula ainda um direito complementar ao da educação não violenta: o direito a uma educação de qualidade. A respeito, importa frisar que a própria Declaração Universal, em seu artigo 26, já estabelecia que a instrução deveria ser orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento e do respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais."(Da Justificativa do Projeto de Lei n.° 2654/2003).

Art. 18A – A criança e o adolescente têm direito a não serem submetidos a **qualquer forma de punição corporal, mediante a adoção de castigos moderados ou imoderados, sob a alegação de quaisquer propósitos**, no lar, na escola, em instituição de atendimento público ou privado ou em locais públicos.
Parágrafo único – Para efeito deste artigo será conferida especial proteção à **situação de vulnerabilidade à violência** que a criança e o adolescente possam sofrer em conseqüência, entre outras, de sua raça, etnia, gênero ou situação sócio-econômica.
Art. 18B – Verificada a **hipótese de punição corporal** em face de criança ou adolescente, sob a alegação de quaisquer propósitos, ainda que pedagógicos, os pais, professores ou responsáveis ficarão sujeitos às medidas previstas no artigo 129, incisos I, III, IV e VI desta lei, sem prejuízo de outras sanções cabíveis.
Art. 18 D – Cabe ao Estado, com a participação da sociedade:
I. Estimular ações educativas continuadas destinadas a conscientizar o público sobre a ilicitude do uso da violência contra criança e adolescente, ainda que sob a alegação de propósitos pedagógicos;
II. Divulgar instrumentos nacionais e internacionais de proteção dos direitos da criança e do adolescente;
III. Promover reformas curriculares, com vistas a introduzir disciplinas voltadas à proteção dos direitos da criança e do adolescente, nos termos dos artigos 27 e 35, da Lei 9394, de 20/12/1996 e do artigo 1º da Lei 5692, de 11/08/1971, ou a introduzir no currículo do ensino básico e médio um tema transversal referente aos direitos da criança, nos moldes dos Parâmetros Curriculares Nacionais. (BRASIL, 2003). [19]

Ainda segundo o Projeto, o artigo 1634 da Lei 10.406, de 10/01/2002 (*Novo Código Civil*), passaria a ter seguinte redação:

Art. 1634 – Compete aos pais, quanto à pessoa dos filhos menores:
VII. Exigir, **sem o uso de força física, moderada ou imoderada**, que lhes prestem obediência, respeito e os serviços próprios de sua idade e condição. (BRASIL, 2003).

A justificativa para tanto é a seguinte:

Considerando o novo Código Civil, que entrou em vigor em janeiro de 2003, o presente projeto ainda torna explícita a proibição do uso da violência, seja moderada ou imoderada, no que tange à exigência dos pais em face da pessoa dos filhos menores 'de que lhes prestem obediência, respeito e os serviços próprios de sua idade e condição'. Assim, fica afastada a perversa conseqüência de legitimar ou autorizar o eventual uso da violência física, mesmo quando moderada, para 'educar' e exigir dos filhos que prestem a obediência necessária. (BRASIL, 2003, Justificativa do Projeto de Lei 2654/2003).

---

[19] "Orientado pela vertente preventiva e pedagógica, o projeto estabelece que, na hipótese do uso da violência contra criança ou adolescente, ainda que sob a alegação de propósitos educativos, os pais, professores ou responsáveis ficarão sujeitos às medidas previstas no artigo 129, incisos I, III, IV e VI do Estatuto da Criança e do Adolescente. Tais medidas compreendem: o encaminhamento dos pais ou responsável a programa oficial ou comunitário de proteção à família; o encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico; o encaminhamento a cursos ou programas de orientação; bem como a obrigação de encaminhar a criança ou adolescente a tratamento especializado. Daí a inclusão do artigo 18 – D do projeto de lei, visando justamente impor ao Poder Público o dever de estimular ações educativas continuadas de conscientização, bem como o de divulgar os instrumentos nacionais e internacionais de proteção dos direitos da criança e do adolescente e de promover reformas curriculares, com vistas a introduzir disciplinas voltadas à proteção dos direitos da criança e do adolescente." (Extraído da Justificativa do Projeto de Lei n.º 2654/2003. Disponível *online* em < http://www.usp.br/ip/laboratorios/lacri/projeto.htm>)

O "caldo cultural" brasileiro, no que diz respeito às punições, castigos físicos e uso da violência, deixa suas marcas na própria forma de se dizer e operar o direito brasileiro:

> Sob o prisma jurídico, a reminiscência desta cultura, por vezes, ainda é admitida e tolerada sob o argumento de que se trata do uso da violência 'moderada'. Vale dizer, a ordem jurídica tece, de forma implícita, a tênue distinção entre a violência 'moderada' e 'imoderada', dispondo censura explícita tão somente quando da ocorrência dessa última modalidade de violência. (BRASIL, 2003, Justificativa do Projeto de Lei 2654/2003).

E noutra passagem:

> Estes dispositivos legais, na prática, têm sido utilizados para o fim de contribuir para a cultura que ainda aceita e tolera o uso da violência 'moderada' contra criança e adolescente, sob a alegação de propósitos pedagógicos, na medida em que se pune apenas o uso imoderado da força física. Além disso, há dificuldade em se traçar limites entre um castigo moderado e um castigo imoderado, o que tem propiciado abusos. (BRASIL, 2003, Justificativa do Projeto de Lei 2654/2003).

É importante ainda ressaltar que este Projeto de Reforma Legal está articulado à Campanha Nacional por uma Pedagogia Não Violenta - *A Palmada Deseduca* -, que vem sendo conduzida pelo Laboratório de Estudos da Criança (LACRI) desde 1994, em todo o Brasil, e a partir de 2000 também no exterior. Conta com a colaboração de telestudantes de vários estados brasileiros e do Exterior, que realizam ou realizaram o *Telecurso de Especialização na área de Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes*, formando em 2006 a sua 13ª turma de especialistas na área de VDCA.[20] Essa Campanha partiu do pressuposto de que *toda e qualquer punição corporal doméstica de crianças e adolescentes é considerada uma forma de violência*, inclusive a palmada. E, como já assinalado, o Projeto de Reforma e a Campanha Nacional se harmonizam com um amplo Movimento global de luta contra a punição corporal doméstica no mundo, através do qual foi possível implantar legislações abolindo toda forma de punição corporal contra crianças e adolescentes em 16 países do mundo, a saber: Suécia (1979, Finlândia (1983), Dinamarca (1985), Noruega

[20] Do período de 1994 a 2005 registra-se um total 5.398 profissionais capacitados, telestudantes em sua grande maioria das diversas unidades federadas brasileiras, mas também de municípios da Argentina e do Peru (AZEVEDO; GUERRA, 2006).

(1987), Áustria (1989), Chipre (1994), Letônia (1998), Croácia (1999), Israel e Alemanha (2000), e mais recentemente a Islândia (2003), Romênia, Bulgária, Hungria, Islândia e Ucrânia. Acrescentem-se ainda outros países, tais como Itália, Canadá, Reino Unido, México e Nova Zelândia, que têm se orientado na mesma direção, no sentido de prevenir e proibir o uso da punição corporal de crianças, sob a alegação propósitos educativos ou de quaisquer propósitos. Entretanto, a despeito dos avanços significativos nesta luta, em termos globais a proteção legal contra a punição corporal doméstica, isto é, aquela que ocorre em casa, protege apenas 2% das crianças do mundo, conforme dados recentes (de julho de 2006) apresentados pela *Global Initiative to End all Corporal Punishment of Children,* em seu sumário global do *status legal* da punição corporal de crianças (*Global Summary of the Legal Status of Corporal Punishment of Children,* 2006, apud PINHEIRO, 2006, p.11), abrangendo o estado de proteção legal em cinco diferentes cenários ou contextos. A proteção legal contra a *punição corporal doméstica* das crianças é a menos existente, comparativamente à proteção legal em se tratando de lares alternativos (4%), na escola (42%) e no sistema penal, proibindo a punição corporal como sentença (42%) e proibindo a punição corporal como medida disciplinar (81%).

Em linhas gerais, esses são os marcos legais e os movimentos sociais nos quais se insere a questão da *Palmada*, foco do presente estudo. Visando oferecer subsídios teóricos e produzir novos conhecimentos na área da VDCA, a partir de uma perspectiva sócio-cultural e crítica em Psicologia do Desenvolvimento sobre essa polêmica discussão - verdadeira questão "*cult*" que desperta reações radicais e polarizadas, como bem caracterizado por Azevedo e Guerra (2001a) - focaremos nossa análise na construção ou atribuição dos sentidos da experiência *palmada* na infância, que ganha expressão através da linguagem criativa do desenho e da escrita, punição corporal esta entendida enquanto forma de violência doméstica

física e instrumento ético-disciplinar da pedagogia familiar bastante freqüente na sociedade brasileira.

1.2. Hipótese e Questões-chave da pesquisa

O interesse pelos *sentidos* relacionados às palmadas expressos através de desenhos legendados deve-se ao fato de que tal análise permite captar como se configuram, nos diferentes níveis do *processo do sentir*, isto é, da *atribuição de sentidos*, tais experiências para as crianças que as sofrem. Sabemos, a partir de estudos no âmbito da *Psicologia do Desenvolvimento Moral* que remontam às obras de Jean Piaget[21], que o *aprendizado moral* da criança se dá a partir de suas experiências ou modos de relacionamento com os outros e com as figuras de autoridade, quando vivencia situações de respeito unilateral ou de respeito mútuo. As experiências relacionais envolvem esses dois modos de vivenciar o respeito. As crianças atribuem ou constroem sentidos (nexos) morais às formas relacionais a partir do registro de suas experiências, isto é, das relações que estabelecem, próprias de um modo de sociabilidades doméstica permeado pela violência; *lições morais* e *princípios éticos*[22] podem ser aprendidos, isto é, internalizados com sentidos específicos, a partir desses modos ou formas de tratamento, ganhando expressão através dos desenhos.

Assim, a metodologia analítica que adotamos permite captar de que maneira a palmada afeta a *integridade física, psíquica* e *moral* da criança, constituindo-se na grande

---

[21] Sobretudo *Os procedimentos da educação moral* (1930/1996) e *Juízo moral na criança* (1932/1994).

[22] Há uma diversidade conceitual enorme em tratar os termos *moral* e *ética*, que, contudo não iremos explorar. Alguns autores utilizam os dois vocábulos por sinônimos, o que também não o faremos aqui. Em La Taille (2006), *moral* e *ética* são pensados a partir de indagações próprias de cada esfera: "À indagação moral corresponde à pergunta: 'como devo agir?'. E à reflexão ética cabe responder à outra: 'que vida eu quero viver?'." (LA TAILLE, 2006, p.29) Se a *moral* está na esfera normativa, dos deveres, a *ética* encontra-se na esfera da "vida boa", em sua busca ou construção ideal. "Para nós, portanto, falar em moral é falar em deveres, e falar em ética é falar em busca de uma 'vida boa', ou se quiserem, de uma vida que ' vale a pena ser vivida'." (LA TAILLE, 2006, p.30) Entretanto, em nosso estudo optamos por simplesmente utilizar o conceito composto *ético-moral*, contornando o problema conceitual e dando conta assim das duas esferas, considerando-se que o plano ético contém o plano moral. Ou ainda, conforme La Taille (2006), o papel da dimensão afetiva da ação moral tem suas raízes nas opções éticas dos indivíduos: "[...] Identificamos no plano ético as motivações que explicam as ações no plano moral." (LA TAILLE, 2006, p.51)

maioria das vezes, mas à primeira vista não sempre, em um mal para quem apanha[23], isto é, para a criança que apanha do pai ou da mãe.

Interessam-nos os *sentidos* que as crianças atribuem ou relacionam ao crescer ou ser educado por intermédio das punições corporais, no âmbito doméstico. Tais aspectos são captados no registro de uma *linguagem criativa* internalizada, que ganha expressão ou é exteriorizada através dos desenhos legendados produzidos. Com a análise dos *sentidos* estamos abrangendo as dimensões das *sensações, emoções, sentimentos sócio-morais*, *valores* e *princípios* ético-morais, quando expressos.

Disto resultam as seguintes questões-chave que norteiam o presente estudo:

1) ***Quais as sensações infantis sob palmadas***? Essa pergunta permite explorar se a palmada é sentida pela criança como uma experiência de *dor* ou de *prazer*, ou de ambas as sensações, ao mesmo tempo.
2) ***Quais as emoções predominantes relacionadas ao crescer com palmada?*** Interessa-nos aqui captar as *emoções de fundo* (bem-estar e mal-estar) e as *emoções básicas* (tristeza, raiva, medo, alegria) associadas à experiência de apanhar dos pais. Trata-se de um plano relativamente básico de análise, elementar, porém crucial para a compreensão do plano seguinte, da construção dos sentimentos sócio-morais, uma vez que estes são construídos a partir dessas emoções e sensações.
3) ***Que sentimentos sócio-morais estão relacionados à experiência doméstica de apanhar dos pais na infância?*** Neste plano de investigação pretendemos captar, quando possível, sentimentos, conceitos, noções ou mensagens morais e éticas relacionadas às experiências punitivas autobiográficas. Estamos agora no plano das avaliações morais relacionados à palmada, e podemos acessar atitudes e valores relativos ao apanhar, e inferir se a criança concebe ou não a palmada como um ato pedagógico, violência, injustiça, covardia, demonstração de amor ou cuidado, entre

[23] Discutiremos e fundamentaremos em profundidade os sentidos do mal de apanhar ao longo das seções 4 e 5. Entretanto, esclarecemos desde já que dizemos "à primeira vista" pois, conforme demonstraremos ao fim de todos os procedimentos analíticos empreendidos sobre o *Corpus*, o aparente bem que porventura ganhe expressão na Produção está sempre envolto por um mal-estar de fundo predominante. Parece haver nesses casos, na verdade, um esforço da criança em bem julgar a atitude de seus pais de batê-la, aliado à assimilação e acomodação ideológica de um discurso ético-disciplinar punitivo e violento, circulante em sociedade e mediador das relações entre pais e filhos.

possíveis outras categorias de avaliação que implicam julgamentos morais e sócio-afetivos. Como uma das inquietações do presente estudo refere-se à própria formação social da consciência em contextos de desenvolvimento mediados pela cultura da palmada, o que informa a palmada à consciência infantil, em termos de valores morais e princípios éticos?

Enfatizamos que por *sentidos* ou *atribuição de sentidos* sobre as experiências de apanhar dos pais entendemos todas as construções simbólicas significativas que expressam *sensações, emoções, sentimentos sócio-morais e valores* relacionados a tais eventos autobiográficos. Assim, os sentidos revelam, ao mesmo tempo, aspectos do sentir físico (plano das *sensações*, de dor ou prazer), das *reações emocionais* desencadeadas a partir do evento *Palmada/Punição Corporal Doméstica*, aspectos dos *sentimentos* relacionados às emoções desencadeadas, construídos a partir de determinadas mediações simbólico-culturais, e aspectos relativos ao plano da aprendizagem de valores morais e princípio éticos. Além disso, a análise dos sentidos, em nosso estudo, permite acessar aspectos da construção da própria *auto-imagem*, das *representações* ou *idéias de si*, ou da *consciência de si*[24], constituintes da *identidade,* temas fundamentais tanto à Psicologia do Desenvolvimento quanto à Psicologia Social.

Assim, por *sentido* estamos a nos referir a todos esses níveis de afetação e elaboração do real no ser: a reação no corpo, dada sua constituição, as alterações neurofisiológicas decorrentes da ativação de certos estados corpóreos-emocionais, a consciência destes estados e sua representação e denominação sócio-cultural, a avaliação sócio-moral contextualizada (situada) da criança que apanha, e assim por diante.

Cabe aqui assinalar que inicialmente, nos desenvolvimentos iniciais da tese havíamos pensado um conjunto de questões relacionadas ao estudo da *construção da auto-imagem sob*

[24] *Consciência de si* entendida, conforme La Taille (2002), como um conjunto de *representações de si*, ou do *Eu*, constituidoras ou construidoras da identidade. No ato de desenhar a criança tem a possibilidade de representar-se, de construir imagens de si mesma, com alguma intenção (consciente ou inconsciente) valorativa.

palmada, a fim de buscar indícios para compreendermos os efeitos da palmada ou sua expressão sobre as *representações do eu* ou *consciência de si*. Entretanto, entendemos posteriormente que afirmar algo sobre a construção da auto-imagem da criança a partir da análise da retratação de um evento autobiográfico específico – a palmada ou demais experiências com a punição corporal – seria objeto de inúmeras críticas do ponto de vista do poder de inferência que *Corpus* permite. Preferimos, então, não operacionalizar tal nível de análise, mas apenas tecer considerações gerais, quando necessário e pertinente, sobre os aparentes efeitos da palmada sobre a construção da *percepção de si*, da *auto-estima* e da *auto-imagem*, no momento mesmo da experiência punitiva, ou no momento que imediatamente antecede ou se segue à punição. Se esta percepção ou representação do eu gerada sob o impacto do evento punitivo se estende temporalmente, isto é, se tal *imagem de si* "cristaliza-se" como parte da identidade da criança batida, ou se permanece apenas durante ou sob o efeito da experiência punitiva em si, é algo que não podemos afirmar a partir do presente estudo. Mas é certo que, conforme mostraremos durante a análise do *Corpus*, a deterioração ou fragmentação da *auto-imagem* e do *auto-respeito* pode levar à imaginação de idéias ou representações de auto-aniquilamento, isto é, da própria morte, expressa enquanto desejo consciente como alternativa aos sofrimentos domésticos.

Cremos ser possível compreender, através dos diferentes níveis de *análise de conteúdo*[25] que empreenderemos às Produções infantis, se a palmada, enquanto instrumento ético-disciplinar e enquanto evento presente no contexto de desenvolvimento familiar é sentida ou não pela criança como um mal, como humilhação, violência ou outra conotação sócio-moral qualquer. Assim, poderemos nos aproximar da confirmação ou refutação da hipótese inicial que norteia este estudo, isto é, a hipótese de que a criança, na grande maioria

---

[25] A fundamentação teórica das *categorias* construídas e dos diferentes planos de *análise de conteúdo* empreendidos será apresentada ao longo da seção 4, destinada à aprensetação do Desenvolvimento Metodológico da pesquisa.

das vezes, não gosta de apanhar, não se sente bem em tais situações, uma vez que a palmada fere o direito à *integridade física, psíquica* e *moral* da criança, ou seja, fere o direito de não ter violado o seu corpo, o seu bem-estar psíquico e a sua honra. A palmada constitui-se, portanto, em ato contrário aos direitos da personalidade, ao direito ao respeito e à dignidade, de que são titulares (direito subjetivo) a criança e o adolescente. Afinal, se a palmada se constitui em uma violação do direito ao respeito à integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, e se as próprias crianças desaprovam moralmente as práticas punitivas corporais aplicadas por seus pais, porque então ainda aceitar e reproduzir ou mesmo legitimar a palmada enquanto estratégia disciplinar doméstica? Se bem demonstrarmos nossos argumentos, hipótese e tese, teremos então contribuído para fazer avançar a erradicação desta prática perversa endêmica na relação entre pais e filhos.

Uma vez definidos a problemática e o foco da pesquisa, os objetos de interesse, as questões-chave e a hipótese inicial de trabalho, passemos agora à exposição dos pressupostos teórico-metodológicos de investigação ora privilegiados, assim como alguns conceitos fundamentais, necessários para levar adiante o presente estudo.

2. Pressupostos Teóricos e Definições Conceituais

Para fazermos avançar nosso estudo sobre *crescer com palmada na linguagem dos desenhos infantis* devemos buscar inspiração teórica em modelos que permitam a compreensão dos possíveis *sentidos* da presença da violência doméstica física na infância e, obviamente, do *desenho infantil* enquanto *linguagem socialmente motivada*[26] a ser decifrada.

Como nosso o foco de interesse é sobre a questão da *Palmada*, aqui entendida enquanto modalidade de VDCA – violência de natureza física - iniciaremos nossas considerações teóricas tratando do modelo que privilegiamos para a compreensão desse macro-tema.

2.1. *Crescer com Palmada*: *Violência Física* como *estratégia ético-disciplinar doméstica* e *modo de sociabilidade doméstica*

Azevedo e Guerra (2001b), ao mapearem as teorias explicativas da *Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes* (VDCA), constataram a coexistência de vários modelos, sendo predominantes na literatura fundamentações baseadas no *modelo ecológico* de desenvolvimento humano, proposto inicialmente por U. Brofenbrenner em fins da década de 1970[27]. As autoras apontam a existência de quatro modelos principais explicativos da VDCA, assim categorizados:

---

[26] Desenvolvemos considerações nessa direção em Longo (2005b), quando reapresentamos a idéia de *desenho enquanto linguagem socialmente motivada*, a partir de Vygotsky (1930, 1935).

[27] Trata-se de *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*, publicado pela Harvard University Press, Cambridge, em 1979. No Brasil foi publicada pela Artes Médicas, Porto Alegre, em 1996, sob o título *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Segundo Lordelo (2002) a teoria ecológica de Brofenbrenner pode ser caracterizada pela ênfase na busca de contextos naturalísticos e na adoção de múltiplos recursos de análise (qualitativos e quantitativos): "Uma das mais importantes contribuições de Brofenbrenner é a sua definição de ambiente como um sistema estruturado de instâncias, cujas influências se articulam: os microssistemas, definidos como padrões de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados em um ambiente singular, onde as pessoas interagem face a face; os mesossistemas, definidos como sistemas de *micro-settings*, envolvendo relações entre diferentes *settings* de desenvolvimento, aos quais uma pessoa é afiliada em certo momento; os exossistemas, concebidos como estruturas sociais mais amplas que incluem os micro e mesossistemas e que influenciam as características de sistemas e indivíduos em níveis mais

1) Modelos de Primeira Geração ou Unicausais: Foco Psiquiátrico/Psicológico e/ou Sociológico;
2) Modelos de Segunda Geração ou Multicausal: Foco Interativo (bio-psico-social);
3) Modelos de Terceira Geração ou Multicausal: Foco Processual;
4) Modelos de Quarta Geração ou Histórico-Crítico: Foco Sócio-psico-interacionista.

Como assinalam Azevedo e Guerra (2001b, p. 39), embora o *modelo ecológico* represente "uma tentativa de superação dos modelos unidimencionais, quais sejam o modelo psicopatológico ou médico e o modelo social, ambos calcados no paradigma defectológico, centrados na idéia de uma causalidade linear entre fatores representados por déficits (individuais ou sociais) e a Violência Doméstica como resultante", e embora "reconheça a *multideterminação* como lei de produção da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes", esse modelo está sujeito a críticas por ter como fundamento o mesmo marco referencial empírico-analítico em que se baseiam os modelos unidimensionais, assim como porque

> [...] a concepção de causalidade [nele] privilegiada escora-se na 'lei da interdependência universal', a qual além de postular uma inter-relação entre todos os elementos – **destruidora** do sentido de direção, ignora que causa e efeito são momentos de conexão recíproca entre fenômenos e enquanto tal contingentes e históricos (Azevedo e Guerra, 1993)." (AZEVEDO; GUERRA, 2001b, p.39, grifo do autor).

No Brasil, dentre os estudos que vêm trabalhando a VDCA sob essa perspectiva, destacamos como representativos os de Lordelo, Bastos e Alcântara (2002); Lordelo, Carvalho e Koller (2002) entre outros[28].

---

simples; e os macrossistemas, vistos como estruturas sociais amplas, em termos de valores, normas e sistemas políticos." (LORDELO, 2002, p.10-11). Ainda sobre o modelo ecológico, segundo Azevedo e Guerra (2001b, p.37), Belsky (1980)* aperfeiçoou este modelo, "criando uma rede de subsistemas em permanente interação para a produção da violência doméstica. Tais subsistemas são os relativos: 1. ao desenvolvimento ontogenético, ou seja, os efeitos da história dos pais em suas práticas de criação dos filhos; 2. ao microsistema, ou seja, às características da família e da criança; 3. ao exosistema, ou seja, às características da vizinhança e ao tipo de suporte social oferecido à família; 4. ao macrosistema, ou seja, às características da Sociedade e Cultura na qual se dá a Violência."(*BELSKY, J. Child maltreatment: an ecological integration. *American Psychologist* 35:320-35, 1980, apud AZEVEDO; GUERRA, 2001b).

[28] Reservaremos a próxima seção para uma discussão mais pormenorizada sobre as características metodológicas das produções científicas, nacionais e internacionais, na área da VDCA, enfocando as punições corporais domésticas, e mais especificamente as palmadas.

Partindo desta crítica aos modelos hegemônicos na compreensão da VDCA, Azevedo e Guerra (2001b) propõem um outro modelo (modelo de "quarta geração"), segundo o qual

> [...] a Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes é um fenômeno polifacetado e complexo, cuja compreensão radical exige adesão a pressupostos epistemológicos de natureza multicausal, sócio-psico-interacionista e histórico-crítica (Azevedo e Guerra, 1998). (AZEVEDO; GUERRA, 2001b, p.39).

Esse modelo de quarta geração requer, portanto, a adesão a pressupostos epistemológicos de natureza *multicausal*[29], *sócio-psico-interacionista*[30] e *histórico-crítica*[31]. O fenômeno da violência doméstica deve ser abordado a partir da *multiplicidade de suas determinações no* ***concreto da vida familiar*** das crianças e adolescentes vitimizados. Conforme Azevedo e Guerra (2001b, p.39)

> [...] a superioridade das explicações decorrentes da aplicação desse modelo fica evidente quando comparadas às decorrentes da aplicação do modelo centrado na **teoria ecológica**, quase sempre restritas ao impacto de fatores ligados aos subsistemas ontogênico e ao microsistema [...] sem uma compreensão mais ampla da sociogênese do fenômeno.

O modelo de quarta geração é um *modelo crítico*, isto é, *histórico-cultural*. Esta teoria crítica na área da VDCA tem como pressuposto fundamental a compreensão de que a díade infância e violência doméstica deve ser buscada a partir das determinações estruturantes do

---

[29] O modelo multicausal está assentado no pressuposto de que a ocorrência da VDCA "decorre da interação entre vários condicionantes sócio-econômicos, psicológicos e culturais do pai, da mãe e do filho ou filha. Trata-se, portanto, de um MODELO '*interativo*'; mas, ao contrário dos demais modelos multicausais, ele traz implícita uma hipótese: a de que a produção do fenômeno depende, sobretudo, da constituição de um abusivo '*padrão de interação pai-mãe-filho(a)*'. Este padrão, por sua vez, reflete, de um lado, características psicológicas dos pais, bem como sua posição de classe e sua visão de mundo (ideário). Por outro lado, esse padrão abusivo entra [...] em interação com '*condições concretas de vida familiar*' e com '*características da criança e/ou adolescente*'." (Azevedo e Guerra, 1998, p.90)

[30] O *modelo interativo multicausal* assenta-se na abordagem epistemológica *sócio-psico-interacionista*, "abordagem essa cujo postulado básico é o de que, embora as condutas humanas decorram da interação indivíduo-sociedade, a direção dessa interação é clara: o 'psicológico'(individual) é condicionado pelo 'social' e esse condicionamento se produz historicamente[...]" (AZEVEDO; GUERRA, 1998, p.90).

[31] Além do pressuposto epistemológico da causalidade múltipla, a compreensão da produção e (re)produção da VDCA deve contar também com os pressupostos da historicidade e da relação dialética entre o fenômeno e a sociedade, assinalam Azevedo e Guerra (1998, p.90), "na medida em que o determinado também reage sobre o determinante." Este modelo considera a VDCA como um fenômeno ou "problema humano", recusando tratá-lo numa perspectiva mecanicista, a-histórica, mas, ao contrário, considera-o '*uma carreira que se desenvolve no tempo*', em constante interação com necessidades criadas no desenvolvimento histórico-objetivo das sociedades humanas. Um modelo, portanto, ancorado numa visão crítico-dialética ou histórico-crítica como perspectiva de abordagem do fenômeno em estudo."

desenvolvimento histórico objetivo e das interações sutis entre genes, condições ambientais e experiências de vida. A análise não deve ser restrita aos determinantes socioeconômicos, mas assentar-se na análise dos determinantes político-culturais, conforme afirma Azevedo (2002). Além disso

> [...] para ser *cientificamente válida*, a abordagem deve ser *sócio-psico-interacionista* privilegiando a explicação multicausal da conduta violenta de pais contra filho(a)s dentro do paradigma da psicologia sócio-histórica [ou histórico-cultural], e incorporando os desenvolvimentos mais recentes das neurociências sobretudo no domínio das emoções. (AZEVEDO, 2002, p.129)

Sendo coerente com uma das exigências desse modelo explicativo da VDCA não podemos desconsiderar os avanços recentes da neurobiologia das emoções, a partir de algumas definições iniciais a serem operacionalizadas, sobretudo os conceitos de *sensações, emoções* e *sentimentos,* valendo-se para tanto de Damasio (1996) e Ramachandran & Blakeslee (2004). O aporte da *neurobiologia das emoções e dos sentimentos* é necessário para que se compreenda os processos corporais/mentais através dos quais a criança sente e representa a palmadas e demais experiências punitivas corporais.

Assim, sintetizando, tem-se que a VDCA ocorre:

> [...] dentro de um **padrão ou de episódios** de **relacionamento pai-mãe-filho(a)** no **cotidiano da vida de uma família concreta em situação historicamente dada**; traduz-se numa série de condutas dos pais ou responsáveis, dirigidas à criança ou adolescente [...]; decorre da interação multicausal de uma série de fatores **sócio-econômicos, político-culturais e psicológicos**, sendo que a gênese é sempre do **social para o psicológico,** ou seja, **sócio-psico-interacionista** (sociogênese antes que psicogênese); produz conseqüências para a vítima [...] (AZEVEDO; GUERRA, 2001b, p.43, grifo do autor).

De acordo com os pressupostos básicos da Psicologia Sócio-Histórica, a VDCA tem origem nos valores e práticas socialmente definidos e aceitáveis para uma determinada época. Os valores sócio-culturais em relação à violência, numa dada sociedade, e em um determinado tempo histórico, devem, portanto, ser levados em conta na busca da compreensão do fenômeno. Como bem assinalam Azevedo e Guerra (2001b, p.111) a respeito da VDPCA, mas de igual validade para as demais modalidades de Violência Doméstica, a explicação

sobre tal fenômeno "deve ser investigada no próprio clima sócio-cultural característico da pós-modernidade e nos seus reflexos sobre a banalização da violência nas práticas societárias de paternagem." Sawaia (2004) compartilha de semelhante leitura, ao apontar que vivemos num *clima político-afetivo* de violência, no qual "a tendência a legitimar a violência contra alguns encontram terreno fértil para vicejar" (SAWAIA, 2004, p.23), a partir de uma retórica (discursos) e de práticas que legitimam e naturalizam formas de violência, num universo governado pelo medo. Trata-se, segundo o autor e valendo-se de Chaui (1987), de um *sistema do medo* que constitui uma "política de afetividade que alimenta e é alimentada pelo autoritarismo e desamparo". (SAWAIA, 2004, p.29) O *sistema de afetividade, conforme* Sawaia (2006, p.87) "constitui a base do sistema ético-político de uma sociedade", e "os afetos são os espaços de vivência da ética, pois qualificam as ações e as relações humanas." (SAWAIA, 2006, p.92).

O mesmo diagnóstico do fenômeno da banalização da violência na sociedade brasileira é apresentado por Sérgio Adorno (2000, p.99), ao afirmar que "[...] hoje, a violência não é mais um fato episódico, não é mais um acontecimento que poderia ocorrer vez ou outra. Ela transformou-se numa situação banal [...]" A banalização da violência nada mais é do que uma das facetas autoritárias da sociedade brasileira, sobretudo incidente sobre as crianças e adolescentes. E no âmbito da família, uma das instituições destinadas à ortopedia social, a violência pode aparecer travestida como um bem, como uma forma de correção ou educação infantil, através de uma forma específica de violência, a *violência física* ou *punição corporal doméstica*, seja qual for sua denominação. Do ponto de vista sociológico

> [...] vários estudos mostram que a sociedade brasileira é profundamente autoritária com suas crianças e adolescentes. As relações sociais no Brasil, historicamente, são relações adultocêntricas, isto é, estão centradas em torno dos adultos. [...] São relações assimétricas [...] Em última instância, seria essa a base do autoritarismo sob cujo o prisma a sociedade brasileira vê seus jovens e os adolescentes. Por essa razão, jovens e adolescentes no Brasil são considerados ou foram considerados, até muito recentemente, sujeitos sem fala, sujeitos cuja vontade era expressa através da vontade dos adultos. [...] Portanto, crianças e adolescentes não têm vontade, uma vez que sua vontade vai ser expressa pela vontade do adulto. Em virtude disso, muitas vezes, aparecem no plano da cultura como uma espécie de propriedade, de

> capital biológico da família. E, como capital, a família pode dele dispor, segundo seus preceitos e regras. Isso significa que a família pode impor sua vontade, submetendo as crianças às condições que ela considera adequadas, à educação que ela considera correta. (ADORNO, 2000, p.101)

Assim, a palmada, enquanto *violência doméstica física* ganha *status* de estratégia disciplinar familiar, e podemos mesmo dizer *estratégia ético-disciplinar doméstica*, uma vez que carrega em si uma série de valores e princípios implícitos ou explícitos que a sustentam, prescrevendo situações em que deve ser aplicada no processo de "correção/educação/disciplinamento" dos filhos, legitimando a permanência da *violência física* nas relações inter-pessoais, como forma de resolução de conflitos.

2.2. *Crescer com Palmada* na Linguagem dos Desenhos Infantis

Como se sabe, os estudos e teorias no campo da Psicologia do Desenho Infantil são vastíssimos. Trabalhos como os de Goodenough,(1926) Luquet (1927), Vygotsky (1935), Machover (1949), Lowenfeld (1947), Eng (1954), Boutonier (1968); Wallon e Lurçat (1968), Piaget e Inhelder (1972), Ozinga (1976), Goodnow (1977), Mèredieu (1979), tiveram papel fundamental na construção dos alicerces do entendimento da construção gráfica da criança, elevando o desenho infantil à categoria de *método psicológico*, a partir de diferentes perspectivas epistemológicas. Outros tantos nomes poderiam ser acrescidos a essa lista, que datam da segunda metade do século XIX, na literatura internacional, e da segunda década do século XX, no Brasil, como o pioneiro Sylvio Rabello (ver Rabello, 1935)[32].

Não caberia aqui fazermos uma revisão pormenorizada de tais estudos, desnecessária aos nossos objetivos. Importa apenas considerarmos, sob este aspecto, que há inúmeras definições, descrições e reflexões acerca do ato de desenhar, diversas formas de se pensar e interpretar (dar sentidos) o desenho infantil, a partir de distintas abordagens (campo das artes, psicológico, psicoterapêutico) e finalidades práticas (pesquisas acadêmicas, psicodiagnósticos, programas de arte-terapia)[33].

Se, entretanto, nos furtamos a uma revisão exaustiva de tais contribuições, não podemos aqui desconsiderá-las por completo, uma vez que devemos fundamentar, a partir da literatura existente, nossa forma de compreensão a respeito dos desenhos infantis como

---

[32] Uma interessante recuperação da história da psicologia do desenho infantil no Brasil encontra-se na Dissertação de Mestrado, defendida na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP, de Rejane Galvão Coutinho (1997), intitulada *Sylvio Rabello e o Desenho Infantil.*

[33] Há estudos sobre o desenho infantil que analisam o processo da criança na perspectiva dos *aspectos gráficos, perceptivos e psicológicos* para explicar as alterações que ocorrem em seus desenhos; outras investigações abordam o processo do desenho a partir da *teoria construtivista.* A ênfase dos estudos está, de modo geral, em caracterizar o desenho - representação gráfica - como uma atividade natural e espontânea, dividida em etapas, estádios ou fases que seguem uma seqüência universal. Trata-se dos estudos psicológicos sobre a *evolução do grafismo.* Nesta perspectiva, desenvolvimentista, o desenho é um momento da evolução mental da criança. Através das idades, as características dos desenhos mantêm correspondência com o desenvolvimento mental. De qualquer forma, segundo Luquet (1927), o desenho infantil, enquanto manifestação da atividade da criança, permite "penetrar sua psicologia".

linguagem socialmente motivada expressão de sentidos e enquanto um *sistema de signos geradores de testemunhos caricaturais do real.* No presente estudo, interessa-nos a expressão de *sensações* (dor, prazer), *emoções* (alegria, tristeza, raiva, medo) e *sentimentos* (solidão, vergonha, humilhação, decepção etc.), mas também as atitudes (favorável, desfavorável, ambígua), os valores e mensagens morais e éticas, quando presentes, concernentes à experiência com a palmada, assim como, num segundo momento, a expressão de aspectos da *consciência de si* ou *auto-imagem* em cenários biográficos punitivos corporais.

Não buscaremos aqui sobrepor distintos paradigmas teórico-epistemológicos, mas apenas trazer à discussão possíveis formas de leituras dos desenhos infantis, sobretudo à luz de uma perspectiva histórico-cultural, para então realizarmos a nossa própria leitura do *Corpus*, dando-lhe "voz", buscando sua interpretação, fazendo emergir seus *sentidos*, isto é, os sentidos pessoais que as experiências familiares com a punição corporal podem assumir para a criança que apanha do pai ou da mãe.

Assim, optamos por apresentar uma breve recuperação conceitual sobre o desenho infantil, a partir de uma *perspectiva histórico-cultural* sobre o processo de produção pictórica, privilegiando idéias que nortearão parte[34] de nossa compreensão dos desenhos infantis. E são nas formulações gerais de Liev S. Vygotsky para a construção de uma teoria psicológica histórico-cultural que encontramos elementos apropriados ao nosso estudo para a compreensão dos desenhos, superando os enfoques gráfico-evolutivos e projetivos até hoje hegemônicos na literatura psicológica sobre desenho infantil. Trata-se agora de compreender o desenho infantil como um *sistema de signos* produzidos a partir de interações sociais ou *modos de sociabilidades* determinados pela concretude do mundo da vida infantil – daí serem

[34] Outra parte encontra-se fundamentada na *teoria dos afetos* e da imaginação em Espinosa (1677). Mas, na verdade, muito da perspectiva histórico-cultural inspira-se sob o signo de Espinosa, conforme palavras de Vygotsky no prefácio do livro Psicologia da Arte, quando afirma: "meu pensamento constitui-se sob o signo das palavras de Espinosa". (VYGOTSKY, 1924, apud SAWAIA, 2000).

signos socialmente motivados – representados por intermédio de uma *linguagem criativa,* que tem o poder de expressar sentidos e testemunhar sobre o cotidiano doméstico.

2.2.1. O desenho infantil à luz da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky

O problema da *psicologia criadora da criança* e da *linguagem infantil* ocupa grande importância na obra de Vygotsky, sobretudo nos escritos posteriores a 1930. Esse autor debruça-se sobre a arte infantil a partir da sua *função simbólica*, tal como nos jogos infantis, evidenciando a capacidade da criança de distanciar-se da realidade. Entretanto, cabe aqui apontarmos que, em suas primeiras formulações sobre o desenho da criança, presentes em *Psicologia da Arte,* Vygotsky (1925) aparentemente não o considera como criação artística, uma vez que está preocupado com a psicologia da arte propriamente no que se refere à questão da recepção estética e, além disso, refere-se a crianças de pouca idade, ainda em estágios iniciais do desenvolvimento da linguagem e do grafismo:

> [...] Sem embargo, a arte na criança não cumpre ao que parece as mesmas funções que realiza na conduta do adulto. A melhor prova disto são os desenhos infantis, os quais de nenhum modo formam parte da criação artística. Desconhece por completo o fato de que a linha mesma, pela própria natureza de sua estrutura, pode expressar diretamente os estados de ânimo e emoções, e a capacidade de transmitir na postura e gestos os movimentos expressivos do homem e dos animais se desenvolve nela muito lentamente, devido a diversas causas, entre as quais a principal é que a criança não desenha fenômenos, senão esquemas. (VYGOTSKY, 1925, p.315).

Em posteriores trabalhos, ao tratar da *imaginação* e seu desenvolvimento na infância, Vygotsky (1932) passa a situar o desenho infantil no campo da criação artística, um produto mesmo desta criação, logo ao alcance da criança. Não há contradição nessas formulações de diferentes momentos da produção intelectual de Vygotsky. Ocorre que inicialmente refere-se à criança pequena, de pouca idade, uma vez que logo ela passa a expressar emoções, movimentos e conceitos através de seus desenhos, não mais esquemas básicos ou garatujas apenas. Da perspectiva da criança, entretanto, o desenho não é arte, embora se assemelhe, em alguns aspectos, à arte no adulto:

> Sua arte [da criança] é peculiar e difere da arte do adulto, mas existe um traço semelhante na criança e no adulto, [...] fundamental na arte [...]. Tão só recentemente [década de 1920] os investigadores têm prestado atenção ao fato do enorme papel que na arte infantil desempenham esses 'disparatados disparates', esses 'divertidos despropósitos' que no verso infantil se alcançam mediante a **transposição dos fenômenos vitais mais correntes**. [...] Cremos profundamente certa a suposição de que este tipo particular de arte infantil se aproxima muito ao jogo e nos explica perfeitamente o papel e o valor da arte na vida infantil. (VYGOTSKY, 1925, p.315, grifo nosso).

Um despropósito pode representar para a criança um instrumento de domínio da realidade, daí Vygotsky entender a arte como "método de edificação da vida" (VYGOTSKY, 1925, p.316).

A partir de *A pré-história da linguagem escrita,* de Vygotsky (1935), podemos conceber o *desenho infantil como linguagem*, um *sistema dinâmico de signos*, que se relacionam diretamente com o desenvolvimento cultural da criança, nesse contexto ganhando sentido; estes signos, na verdade, são re-construídos a partir da cultura, e com esta, pela criança, em suas múltiplas interações sócio-culturais. O *desenho* - enquanto linguagem - é constituído por um *sistema de signos* que designam palavras, conceitos, relações, gestos, acontecimentos (ou cenas), os quais, por sua vez, são signos das relações e entidades reais, isto é, dizem respeito ao *mundo da vida infantil*; simbolizam as entidades reais (pessoas, coisas) e as relações entre elas, e são, por isso, carregados de expressões das sensações, emoções, sentimentos e valores, isto é, os desenhos são carregados de *sentidos,* intencionalmente construídos a partir do real. Os desenhos comunicam, além de estados emocionais e sentimentos, conceitos e valores que as crianças construíram em relação a determinados objetos, pessoas ou acontecimentos significativos do seu mundo social.

Na perspectiva vygotskyana, o desenho começa quando a linguagem falada já alcançou grande progresso e já se tornou habitual na criança; a fala predomina no geral e modela a maior parte da vida interior da criança, submetendo-a às suas leis; da mesma forma, isso se aplica ao desenho. Inicialmente, a criança desenha de memória, sem olhar para o modelo original:

> As crianças não se preocupam muito com a representação; elas são muito mais simbolistas do que naturalistas e não estão, de maneira alguma, preocupadas com a similaridade completa e exata, contentando-se com indicações apenas superficiais. [...] Na verdade, parece que elas tentam identificar e designar mais do que representar. (VYGOTSKY, 1935, p. 148-9).

Essa *designação* ou intenção de comunicar algo presente no desenho infantil prende-se àquilo que é essencial a ser expresso, o núcleo de sentido do vivido.

Isso é verificado no desenho infantil porque a memória infantil não propicia um quadro simples de imagens representativas, mas antes predisposições a julgamentos já investidos ou capazes de serem investidos pela fala. Afirma o autor:

> Notamos que quando uma criança libera seus repositórios de memória através do desenho, ela o faz à maneira da fala, contando uma história. [...] O desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Nesse sentido, os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente os aspectos essenciais dos objetos. Esses fatos nos fornecem os elementos para passarmos a interpretar o desenho das crianças como um estágio preliminar no desenvolvimento da linguagem escrita. (VYGOTSKY, 1935, p. 149).

Embora o processo de reconhecimento do que se está desenhando seja possível desde muito cedo na infância, ainda não equivale à descoberta da *função simbólica*, pois mesmo sendo capaz de perceber a similaridade do desenho, a criança o encara como um objeto em si mesmo, e não como sua representação ou símbolo. Nessa fase, as crianças se relacionam com os desenhos como se eles fossem objetos.

O desenho em crianças - isto é, até antes do advento da puberdade e adolescência, ou antes do advento da capacidade de raciocínio ou *pensamento lógico-formal*, em linguagem piagetiana - é mais a lembrança de algo que realmente aconteceu do que imaginação ativa ou criativa. É mais "memória em ação" do que uma "situação imaginária nova", nas palavras de Vygotsky. Embora o autor não precise exatamente faixas etárias ou estágios de desenvolvimentos, aponta momentos distintos da capacidade criativa: da infância a uma "idade de transição", isto é, transição da infância à adolescência, e esta como prenúncio do mundo da vida adulto, do trabalho e afetivo-reprodutivo. Isso não quer dizer que antes da

adolescência os desenhos sejam mera exteriorização passiva; são sempre construções produtivas, e podemos por isso denominar os desenhos constituintes de nosso *Corpus* como Produções.[35]

Assim, a partir dessas considerações iniciais sobre o desenho infantil, à luz de formulações da psicologia histórico-cultural desenvolvida por Vygotsky, aprofundaremos agora um pouco mais sobre os dois modos de compreensão dos desenhos infantis que construímos a fim de termos um modelo operacional para a *Análise de Conteúdo* (AC) a ser empreendida sobre o *Corpus*.

2.2.2. Desenho como *linguagem sócio-culturalmente motivada expressão de sentidos*

Não há dúvida que o desenho é um meio de comunicação e expressão. Mas, comunica e expressa exatamente o quê? A atividade dirigida de uma criança, quando solicitada a executar um desenho sobre determinado tema – como no presente estudo, "*Crescer com Palmada*" – é uma ação planejada e significativa, na qual há atenção e intenção representativa e comunicativa. A criança busca inspiração, ao compor um desenho, em sua experiência pessoal toda, recorrendo aos trabalhos da memória, do pensamento, da percepção, dos afetos e da imaginação. Em suma, ao desenhar a criança põe em funcionamento todas as funções psicológicas, inferiores e superiores, a afetividade e o intelecto como um todo.

O desenho é um *medium*, instrumento ou suporte material do código infantil para expressar os sentidos de *crescer com palmada*, algo da experiência autobiográfica e familiar da criança, algo muito pessoal e ao mesmo tempo sócio-cultural e histórico, uma prática ou estratégia disciplinar compartilhada e bastante aceita entre pais, educadores e profissionais da saúde como legítima e de caráter inofensivo ao desenvolvimento da criança. É por isso que o desenho infantil pode ser entendido como um veículo de expressão de mensagens a respeito

[35] Explicitaremos os processos de constituição do *Corpus* na subseção 4.2.

dos *sentidos* das experiências infantis relacionadas às palmadas. Portanto, o desenho é *linguagem sócio-culturalmente motivada expressão de sentidos.*

As crianças expressam, através de suas produções, os sentidos que atribuem às suas experiências autobiográficas com as palmadas, e de acordo com o desenvolvimento cognitivo da criança os desenhos têm o poder de expressar também valores e princípios norteadores de modos relacionais, isto é, modos de sociabilidade e resolução de conflitos, envolvendo punições e recompensas, dor e prazer, a partir de representações imagético-culturais relativas aos *pais, autoridades, respeito, correção, erro, bom comportamento, merecimento, justiça* e *injustiça* e assim por diante.[36] Assim, a análise e a interpretação das produções infantis podem realizar-se a partir da análise dos *sentidos* que o desenho fornece enquanto mensagem, sentidos estes que sempre se remetem ao plano das representações simbólico-culturais.

A primeira apreciação dos desenhos será de natureza temática, buscando identificar as mensagens mais evidentes contidas nas produções infantis. As questões que lançaremos aos desenhos, num primeiro momento, são relativas ao que *aparece* imediatamente – o que está expresso pela criança -, as possíveis mensagens, quais os indicadores de produção, o que mostram e comunicam os desenhos, o que a criança quer dizer com sua criação, a partir de sua perspectiva e de seu universo autobiográfico. Quais os *temas* preferidos das crianças que cresceram com palmadas? Quais as formas e conteúdos recorrentes? Quais narrativas são construídas, e em que cenários? Há diferenças nos modos de expressão entre os gêneros? A criança demonstra, através de sua produção, ter consciência de que a palmada é violência ou de que a palmada é educação? E, para além disso, o que podemos inferir da análise de conteúdo dos desenhos em relação aos sentidos para a criança de crescer apanhando do pai ou da mãe? O que, nos desenhos infantis, aparece como *índices* do real que permitam tecermos *inferências* válidas a respeito dos modos de *atribuição de sentidos* da criança sob o impacto

[36] A complexidade da capacidade de expressar sentidos presente em cada Produção é função do desenvolvimento psíquico da criança mas também do treino e familiaridade prática com a atividade de desenhar, o que depende de processos educacionais e do contexto de desenvolvimento familiar.

da violência doméstica física? Outras questões serão acrescidas, ao longo da exploração e tratamento do *Corpus*, possibilitando a produção de um novo conhecimento sobre o assunto, a partir de um ou vários índices do real, com características diversas, índices esses compostos por categorias derivadas de um conjunto de indicadores que as definem. De forma sintética: indicadores definem categorias índices do real.[37]

Estudiosos contemporâneos do grafismo (ARNHEIM, 1980, GARDNER, 1980, KLEPSCH e LOGIE, 1984, DERDYK, 2003, PILLAR, 1996, MALCHIODI, 1998, GREIG, 2004, AZEVEDO 2003a, 2003b, GUERRA, 2003) defendem que o desenho infantil tem a propriedade de transmitir *emoções,sentimentos, pensamentos, conceitos* e *valores.*

> [...] O processo de desenhar requer que uma criança escolha e organize linhas, formas e cores de modo a transmitir um pensamento, um sentimento, um acontecimento, uma observação, sintetizando numerosos componentes que envolvem conteúdo, estilo, forma, composição. (MALCHIODI, 1998, apud AZEVEDO, 2003b, p.20)

Na mesma direção, Derdyk (2003) aponta que o ato de desenhar deve se entendido como atividade inteligente e sensível, possibilitando a compreensão do pensamento da criança, expresso através da *linguagem gráfica.* Concebe a atividade de desenhar a partir de uma visão processual e orgânica do desenvolvimento gráfico da criança, sem, entretanto, dividir a produção gráfica infantil por faixas etárias, mas sim por "conteúdos vivenciais".

O desenho como linguagem e como "índice humano" e do humano afigura-se como um instrumento de conhecimento com grande capacidade de expressar conteúdos vivenciais e modos de pensamento e imaginação da criança, "Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, idéias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se." (DERDYK, 2003, p.24) O desenho é uma forma de raciocinar sobre o papel, é revelação, apropriação; é também a "memória visível do acontecido: fotografia mental, emocional, psíquica. [...] **Ao desenhar a criança expressa a maneira pela qual sente o sentir.**" (DERDYK, 2003, p.52, grifo nosso)

---

[37] Aprofundaremos tal discussão ao longo da seção 4, quando apresentarmos nosso *sistema categorial.*

2.2.3. Desenho como *sistema de signos testemunho caricatural do real*

O desenho é algo que sugere, *evoca*: é menos uma técnica e mais um modo "confessional" de comportar-se, como se o desenho fosse um " diário, cartilha do ser", na bela definição de Frederico Morais, citado por Derdyk (2003, p.43). Nesse sentido, ao nosso *Corpus*, isto é, ao conjunto de desenhos legendados ou Produções que analisaremos, pode ser conferido valor testemunhal, fonte primária, sobre não só o que crianças brasileiras sentem ao apanhar dos pais, mas sobre as próprias formas de *violência física* a que estão submetidas no âmbito doméstico, que ganham materialidade simbólica. Sabemos, entretanto, que nem tudo ganha expressão através dos desenhos: ainda que há formas de VDCA quase "invisíveis", pois segredo familiar indizível, como a violência sexual (VDSCA) de pais ou mães contra seus filhos, meninos ou meninas. Tais dimensões, obviamente, nosso estudo e nosso instrumento de análise não irão capturar – e nem é este nosso objeto.

Entendemos então que o conjunto de nossas Produções (desenhos legendados) constituem um *Corpus*, enquanto *testemunho* visual-imagético sobre *sensações, emoções, sentimentos, valores, representações de si* e *modos de sociabilidade doméstica,* testemunho este marcado pela presença das punições corporais como uma das estratégias ético-disciplinares de que se valem pais e mães. O *Corpus* é testemunho de uma faceta da condição da criança no Brasil, isto é, de ser ainda submetida a um rol extenso de práticas da violência física e psicológica por parte dos pais.

Mas o desenho infantil como *testemunho do real* não é, entretanto, reprodução fiel do concreto, cópia perfeita de cenas da vida cotidiana: é pensamento visual-imagético, expressão de conceitos, valores, sentimentos, etc., isto é, expressão de sentidos. Conforme Derdyk (2003, p.112) o desenho "é sempre uma interpretação, elaborando correspondências, relacionando, simbolizando, significando, atribuindo novas configurações ao original. O

desenho traduz uma visão porque traduz um pensamento, revela um conceito." Por ser interpretação criativa, envolve a atividade da imaginação, no plano do indivíduo, que remete também e necessariamente ao *imaginário sócio-cultural*, próprio e característico do contexto sócio-cultural que a gerou. Isso significa que a reconstrução imaginativa do sentido atribuído a uma experiência busca motivos ou tem inspiração no campo do *imaginário sócio-cultural* a partir do qual as pessoas vivem e relacionam-se, no universo dos signos lingüísticos disponíveis e circulantes em um dado campo social e cultural; são esses signos, símbolos, ícones ou índices, modos de representações do real e de si, que permitem ampliar a multiplicidade das formas de expressão da experiência de apanhar dos pais em casa, isto é, permitem nomear, descrever ou definir sensações, emoções, sentimentos, valores, princípios, etc. Por *imaginário sócio-cultural* estamos entendendo o conjunto de representações, imagens, saberes populares e científicos popularizados, ditos e "mitos" circulantes enquanto "caldo de cultura" de uma sociedade, situada em um tempo e contexto histórico determinados, imaginário este que sustenta as possibilidades afetivas e do pensamento, e da ação prática de indivíduos e grupos. No presente estudo, interessa-nos o imaginário cultural da sociedade brasileira contemporânea no tocante ao uso, validade, eficiência ou legitimidade da *punição corporal palmada*, enquanto estratégia disciplinar instrumental na educação doméstica de crianças e adolescentes. Entendemos que aspectos desse imaginário aparecem ou ganham expressão a partir do desenho infantil, uma vez que tal Produção expressa justamente estes modos de entendimento ou atribuição de sentidos aos fenômenos sociais numa dada cultura. Noutras palavras, estamos afirmando que, ao expressar o que sente ao apanhar dos pais, a criança expressa também valores e *modos de sociabilidade* próprios de seu *contexto de desenvolvimento doméstico*, relacionados ao uso da violência física como recurso disciplinador.

Os desenhos expressam então modos de sociabilidade, *vivências domésticas* e *atitudes* relacionadas ao apanhar. A expressão pictórica de uma *vivência* é um relato autobiográfico, um *testemunho de si*: remete-se inexoravelmente ao mundo concreto e ao cotidiano do sujeito que produz o desenho. Sobre a estratégia do *desenho de vivências*, Pillar (1996, p.60) aponta que: "O desenho como registro de experiência é uma atividade que possibilita à criança documentar vivências, pensamentos, alegrias, perdas, enfim, tudo que lhe é significativo." Enquanto *medida de atitudes,* os desenhos revelam opiniões, julgamentos e sentimentos do desenhista em relação a uma pessoa, objeto ou acontecimento determinado. Ao expressarem *vivências* e *atitudes* sobre tais experiências, os desenhistas recriam aspectos da *interação social* que lhes é familiar, revelando então *modos de sociabilidade doméstica* de famílias brasileiras.

Sintetizando o que foi dito, ao revelarem *modos de sociabilidade doméstica* e o que crianças sentem em situações (cenas) nas quais estão sofrendo, vão sofrer ou já sofreram a *punição corporal doméstica*, as Produções permitem o acesso então, em primeiro lugar, ao elenco das práticas ou estratégias disciplinares que empregam a violência física no processo educacional doméstico, familiar, práticas que ocupam um lugar determinado no *imaginário sócio-cultural,*sobretudo de pais e educadores em relação a como educar uma criança; e em segundo lugar, ao ser *expressão de sentidos*, as Produções revelam, da mesma forma, aspectos do imaginário sócio-cultural do contexto de desenvolvimento doméstico de determinadas crianças, assim como os trabalhos da *imaginação criativa* infantil para fazer expressar, isto é, comunicar os sentidos que atribui às suas experiências com a palmada.

Além de revelar sentimentos, valores, aspectos da consciência de si no mundo, o desenho alcança e desnuda a intimidade da vida doméstica, das relações familiares, dos *modos de sociabilidade* e estratégias disciplinares em relação às crianças; em uma só palavra: é revelação. E ao revelar aspectos, momentos ou vivências da intimidade familiar, alcança o

desenho o status de *testemunho*. Mas testemunho sobre o que, precisamente? Sobre o sentir de crianças e adolescentes brasileiros, isto é, sobre a *atribuição de sentidos* às experiências domésticas mediadas pela violência física, ao mesmo tempo em que é *testemunho* (documental) sobre aspectos da *ética disciplinar doméstica* destinada às crianças em lares brasileiros.

Desenhar, para a criança, é representar e interpretar o mundo e a si mesma no mundo, ao mesmo tempo, de acordo com suas possibilidades ou habilidades gráficas em num dado momento de seu desenvolvimento. Dessa forma, as crianças reconstroem ou elaboram os sentidos das suas experiências autobiográficas com as palmadas na infância.[38] Este processo "vivencial", conforme Derdyk (2003) está diretamente ligado ao *processo criativo*, pois a vivência é a fonte do crescimento e o alicerce da construção da própria identidade, e a vivência alimenta a criação.

Os desenhos devem ser entendidos, portanto, como produtos das interligações entre a história individual e social da criança. Captam os traços essenciais do que se está tentando retratar, eliminando os detalhes supérfluos. A partir de apontamentos em termos da neurobiologia das emoções, os desenhos também podem ser compreendidos como pertencentes ao campo da criação artística:

> Um artista é perito em captar os traços essenciais (que os hindus chamam de *rasa*) de uma imagem que ele está tentando retratar e em eliminar detalhes supérfluos, e, ao fazê-lo, está essencialmente imitando aquilo para que o próprio cérebro evoluiu. Mas a pergunta é: por que isto deve ser esteticamente agradável? Na minha opinião, toda arte é "caricatura" e hipérbole, de forma que, se você entende por que caricaturas são eficientes, entende a arte. (RAMACHANDRAN; BLAKESLEE, 2004, p.361)

Insistimos nessa perspectiva do desenho enquanto criação artística e caricatura do real, pois como veremos na seção 4, mais detalhadamente, os desenhos foram produzidos em

[38] Desta capacidade do desenho de propiciar uma oportunidade para a elaboração psíquica do real resulta suas possibilidades de aplicação clínica, como na arte-terapia.

setting de Concurso de Desenho Infantil, e portanto, demandaram dos sujeitos participantes esforço criativo e originalidade, e mesmo ou esforço estético.

Após toda esta discussão, damos por suficientes as considerações sobre a compreensão dos *desenhos infantis* como *expressão de sentidos,* através de um linguagem criativa socialmente motivada, configurando um sistema de signos, redes de significações, e enquanto *testemunho caricatural do real.* Os desenhos têm o poder de revelar *estados internos* (isto é, sensações, emoções, sentimentos), *atitudes* e *julgamentos* sobre o mundo social, permitindo a expressão de valores morais e princípios éticos relacionados. E, conforme será tornado explícito na seção metodológica, esse entendimento do desenho infantil permite captar todos os níveis de *análise de conteúdo* que adotaremos para decifrar nosso *Corpus*.

Em síntese, chegamos ao seguinte entendimento sobre o desenho infantil, que norteará nossos procedimentos analítico-interpretativos:

1) o desenho infantil é *linguagem criativa*, sócio-culturalmente motivada, um *sistema de signos*, com o poder de expressar *sentidos*, isto é, sensações, emoções, sentimentos, representações de si, valores morais e princípios éticos;
2) o desenho infantil é *testemunho caricatural do real*, isto é, revela aquilo de fundamental da relações sociais ou dos *modos de sociabilidade doméstica*, não sendo mera cópia mas construção criativa, processo de atribuição de sentido. A *atribuição de sentidos* referentes a este real se dá sempre a partir de uma rede de significações construída pelas múltiplas interações entre o sujeito e seu contexto de desenvolvimento, em especial interessando-nos as relações entre pais e filhos.

Cada uma das aproximações teóricas ao desenho da criança aqui desenvolvidas contribui conceitualmente, individualmente e dialogicamente tanto para o entendimento e aproximação ao objeto de estudo, sua fundamentação teórico-epistemológica, quanto para a

construção de um modelo operacional para a análise e interpretação de nosso *Corpus*[39], o que possibilitará a verificação ou refutação de nossa hipótese inicial.

[39] Esse modelo será apresentado e fundamentado ao longo da seção 4, quando serão explicitados os procedimentos e processos empregados para a *análise de conteúdo* do *Corpus*, assim como os *índices*, *categorias* e *indicadores* concebidos.

3. A Palmada enquanto *Punição Corporal Doméstica* e *Violência Doméstica Física*: Revisões da literatura

Partimos da premissa de que a *palmada* é uma forma de *punição corporal doméstica* e deve ser entendida enquanto *violência doméstica física* contra crianças e adolescentes. Isso não quer dizer, contudo, que as crianças assim a concebam ou mesmo que haja consenso entre os pesquisadores da área a esse respeito. Trata-se de uma premissa alicerçada em extensa revisão da literatura científica nacional e internacional sobre *Punição Corporal Doméstica contra Crianças e Adolescentes* (PCDCA) e sobre *Violência Doméstica Física contra Crianças e Adolescentes* (VDFCA), formas diferentes de dizer o mesmo fenômeno.

Recuperando estudos de Guerra (1998), Azevedo e Guerra (1993, 1995, 2001a) e Longo, Azevedo e Guerra (2002), a PCDCA, o "bater nos filhos", ao nível do senso comum, é um ato cuja razão está em *disciplinar* e *castigar* os filhos: *discipliná-los*, isto é, para controlá-los, submetendo-os a certa ordem que convém ao funcionamento do grupo familiar ou da sociedade em geral; *castigá-los*, ou seja, para puni-los por faltas reais ou supostamente cometidas. Embora concretamente o resultado possa ser o mesmo em ambos os casos, traduzindo-se na prática do bater na criança, a intencionalidade parece ser diferente: mais *preventiva*, quando se trata de disciplinar, mais *punitiva* quando se pensa em castigá-los. A expressão *punição corporal* pressupõe culpabilidade (real ou fictícia) por parte da criança e/ou adolescente.

Pode-se afirmar sem equívocos a respeito da PCDCA que: 1°) todas as modalidades do bater nos filhos são práticas destinadas a atingir *o corpo* da criança e/ou adolescente; 2°) a finalidade real ou confessa pode ser tanto o disciplinamento quanto a punição; 3°) todas as práticas que atingem o corpo da criança e/ou adolescente produzem *dor física*; 4°) todas as práticas podem ser distribuídas num *continuum* de gravidade, conforme a natureza das conseqüências a curto, médio e longo prazo. Sinteticamente, portanto, *punição corporal*

doméstica de *crianças e adolescentes* é toda e qualquer medida que atinja o corpo da criança e/ou adolescente, causando-lhe dor física, em maior ou menor grau. É por isso que podemos afirmar que a *palmada* é uma forma de *punição corporal,* e, portanto de *violência física.*

Conforme relatório de Pinheiro (2006), a *punição corporal* é definida pelo *Committee on the Rights of the Child* como toda punição em que a força física é usada a fim de intencionalmente causar algum grau de dor ou desconforto. A maioria das punições corporais envolve bater (palmadas, tapas, golpes) as crianças com a mão ou com um instrumento - chicote, vara, correia, sapato, colher de madeira, etc. Mas pode também envolver, por exemplo, tabefes (*kicking),* chacoalhar ou jogar as crianças, apertar ou espremer a criança, morder, puxar o cabelo ou as orelhas, forçar a criança a permanecer em posições incômodas, queimaduras, escaldamento ou ingestão forçado (por exemplo, lavar as bocas das crianças com sabão ou os forçar a engolir coisas quentes).Segundo entendimento do Comitê, a punição corporal é invariavelmente degradante. Alem disso, há outras formas não-físicas de punição que são também cruéis e degradantes, e assim incompatíveis com os direitos das crianças. Estas incluem, por exemplo, a punição na qual a criança é menosprezada, humilhada, denegrida, ameaçada, atemorizada ou ridicularizada. Assim, *punição corporal é violência física*, isto é, o uso intencional da força física contra uma criança que pode resultar ou tem uma probabilidade elevada de resultar em dano à saúde, à sobrevivência, ao desenvolvimento ou à dignidade da criança. Em todos os casos, entretanto, a violência física tem um impacto negativo na saúde psicológica e no desenvolvimento de uma criança.

A VDFCA corresponde então ao emprego de força física no processo disciplinar doméstico de uma criança ou adolescente por parte de seus pais (ou quem exerce tal papel no âmbito familiar, como, por exemplo, pais adotivos, padrastos, madrastas, tutores, etc.). A literatura científica na área é muito controvertida em termos de quais atos podem ser considerados violentos: desde a palmada nas nádegas ("palmadinha no bumbum") até

agressões com armas brancas e de fogo, ou com instrumentos (pau, barra de ferro, taco de bilhar, tamancos e palmatória de madeira, raquetes, chinelos, mangueira de jardim, fio elétrico, arame, cinto, chicote, vara de diversas árvores e arbustos, cipós, cordas, etc.) e imposição de queimaduras, socos, pontapés e golpes diversos, incluindo cabeçadas, mordidas, imersão em líquidos e formas de sufocar a criança. Alguns pesquisadores divergem, em seus estudos, sobre as práticas que consideram violentas ou não-violentas a serem empregadas pelos pais no processo educacional dos filhos, embora haja ponderações científicas recentes no sentido de que a violência deve relacionar-se a qualquer ato que atinja o corpo de uma criança ou de um adolescente ainda que com o pretexto de educar. Desde o final da década de 1980 vem sendo enfatizado com veemência por diversos outros pesquisadores que toda a ação que causa dor física numa criança, desde tapa até espancamento fatal, representa um só *continuum* de violência. Palmada e espancamento fatal são facetas de um só e mesmo fenômeno social. Os representantes desta linha de pensamento, com o qual concordamos, afirmam, portanto, que qualquer PCDCA deve ser considerada como violência, mesmo a denominada punição mais "leve", "moderada", "não-abusiva", "aceitável", etc., na medida em que toda punição corporal implica em dor física, pois a dor é o elemento que supostamente garante a eficácia punitiva, operando sobre o comportamento, controlando-o. E salientam ainda que a punição corporal doméstica é uma porta aberta para quadros mais graves de violência, o que é conhecido na literatura como "escalada da violência", que resulta da adaptação da criança à punição, quando passa a tolerar e não mais obedecer a autoridade sob um *quantum* de dor. Se a punição leve resulta inoperante, os pais tendem a aumentar a dosagem da força punitiva dos golpes, caracterizando a punição corporal média, pesada e assim por diante, até o espancamento fatal, uma vez que o fenômeno da habituação a um estímulo qualquer, mesmo aversivo, já é fenômeno bastante conhecido pela Psicologia.

Dessa forma, o estudo da palmada enquanto forma de PCDCA está inserido no campo da VDCA, e esta no campo das relações desiguais – hierárquicas – de poder. Através de todos esses argumentos podemos considerar a palmada enquanto um ato de violência física. Além disso, como recuperam Azevedo e Guerra (2002) a palmada é um ato violento (violência vem do sânscrito *vayah*, que quer dizer *força*), uma vez que:

> [...] quem bate, emprega a força física e quem apanha é reduzido à condição de coisa, de objeto, sem direito de protestar ou revidar. Além disso, apanhar é sofrer dor e nada justifica que um adulto tenha **licença de fazer sofrer uma criança,** ainda que com o duvidoso pretexto de ensiná-la. Por isso, ninguém deve duvidar de que o uso da mão, para punir corporalmente crianças e adolescentes, é **violência física.** (AZEVEDO; GUERRA, 2002, p.37, grifo do autor).

Após essa incursão terminológica inicial, podemos agora justificar porque centramos o foco de nossa revisão da literatura científica (nacional e internacional) na questão da *Palmada*, e não nos macro-temas da *Violência Doméstica, Violência Doméstica Física* ou mesmo da *Punição Corporal Doméstica*[40]. Em primeiro lugar, porque nosso *Corpus* temático é sobre os sentidos para a criança da experiência *Palmada.* Em consonância com isso, elegemos a *palmada* como foco de interesse do presente estudo, e não outra forma de violência doméstica física, como o soco, o pontapé, o açoite, o beliscão etc.(embora tais práticas de PCDCA também encontram-se expressas nas Produções), e também por ser a palmada uma das formas punitivas corporais de grande aceitação e tida como inofensiva ou não-violenta por pais brasileiros. Em segundo lugar, por uma prerrogativa de ordem

---

[40] Para uma revisão bastante completa da literatura internacional a respeito da VDCA, ver *Bibliografia Seletiva Internacional (1981-2000)*, organizada por Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, São Paulo, Lacri, 2001. Para uma revisão sobre a PCDCA, ver "*Bibliografia Seletiva Nacional e Internacional sobre Punição Corporal Doméstica (1990-2002)*", trabalho em co-autoria com Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, 2002, com apoio da *Save the Children.* (Disponível on-line em www.ieditora.com.br, também em versão inglesa). Para uma revisão da bibliografia nacional sobre VDCA, ver *Bibliografia Seletiva e Novas Tecnologias de Comunicação sobre Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA) no Brasil (1973-2005),*trabalho também em co-autoria com Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, como parte integrante do *Dossiê Direitos Negados Brasil 2004-2005.* Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA): um cenário em (des)construção, de autoria de Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, São Paulo, Lacri/IPUSP, 2005. Ressalta-se que esses estudos, dos quais tive participação na realização do levantamento documental, foram agora revisitados e atualizados até janeiro de 2007, afunilando o interesse específicos nos estudos sobre *Palmada (Smacking)*, que a rigor emerge e consolida-se como objeto específico de estudo mais expressivamente a partir do início do século XXI.

metodológica: devemos focalizar nos estudos mais significativos para a construção do problema que investigamos. E ainda, se é mais ou menos consensual entre os pesquisadores e entre o senso-comum que o espancamento cruel não deve ser aplicado nos filhos, como forma de correção ou educação - embora as estatísticas revelem que nem sempre esse "bom senso" não se verifique na prática -, o mesmo não ocorre em relação às palmadas ou punições corporais tidas como "leves" ou "inofensivas". Queremos assim somar esforços na apresentação de argumentos cientificamente válidos para provar a falsidade de tais crenças pedagógicas autoritárias, fortes resquícios da pedagogia despótica enraizada no tecido social, circulantes entre pais e mães, mas não só, circulantes em todo o universo societário: novamente os modos de sociabilidade e as formas simbólico-culturais que conferem sentido a vida e as relações, antecipando-as.

Assim, o foco da presente revisão incidirá sobre publicações científicas (artigos, dissertações, teses, livros, comunicações em congressos, relatórios de pesquisas) que versam sobre a Palmada (especificamente ou secundariamente), tema relativamente ainda pouco discutido em profundidade na literatura científica nacional e internacional, apesar do grande interesse pelo macro-tema da VDCA. Como se trata de um objeto de interesse multidisciplinar, tal revisão incidiu sobre as seguintes áreas do conhecimento: Ciências Sociais e Políticas (incluindo a Antropologia, Serviço Social, Sociologia, Ciência e Economia Política), Ciências da Religião (Psicologia da Religião, Sociologia da Religião e Teologia), Direito, Educação, Enfermagem, História, Medicina (incluindo a Epidemiologia e Saúde Pública, a Neurologia, Pediatria e Psiquiatria), Odontologia e Psicologia, e com menor expressividade mas presente a Filosofia, a Lingüística e a Mitologia[41] . Mantendo a coerência

[41] Além da revisitação às diversas bibliografias seletivas em VDCA já mencionadas (AZEVEDO; GUERRA, 2001c, 2001d, LONGO; AZEVEDO; GUERRA, 2002 e LONGO, 2005d), nas quais participamos do levantamento documental, a busca conduziu-se através de novas bases de dados eletrônicas, de acesso público via Internet. Estes critérios visaram garantir a busca de estudos com algum critério de validade científica. Os indexadores utilizados para a busca, abrangendo os últimos dezessete anos (1990 a 2007), com a finalidade de garantir a atualidade da revisão, foram os seguintes: *palmada* (língua portuguesa), *smacking* (língua inglesa),

com o referencial teórico adotado no presente estudo, não podemos deixar de lado as contribuições dessas múltiplas áreas do conhecimento, contentando-nos apenas com as contribuições da Psicologia propriamente, muito embora a maioria dos estudos recuperados não se enquadre nas características das pesquisas de quarta geração ou histórico-críticas sobre VDCA – pelo contrário, em grande parte foram realizados nos marcos epistemológicos dos modelos de primeira geração ou unicausais, com foco Psiquiátrico/Psicológico e/ou Sociológico.

A presente revisão da literatura tem como função maior orientar uma melhor delimitação teórica de nosso objeto de estudo. Comecemos, pois, com a revisão da literatura nacional sobre *Palmada*.

3.1. Literatura Científico-Nacional sobre Palmada

O interesse pelo estudo científico da VDCA vem crescendo entre os pesquisadores brasileiros, o que é reflexo e reflete, sem dúvida, uma maior problematização pública sobre a questão. Para se ter uma idéia da crescente preocupação e interesse pelo tema no país, em levantamento bibliográfico recente sobre VDCA no Brasil (LONGO, 2005d) recuperamos, no período de 1973 a 2005, 422 estudos publicados sobre o assunto, envolvendo *livros*, *teses, monografias e estudos acadêmicos*, *documentos* de instituições oficiais (Ministérios e Secretarias de Governo, instituições de proteção à infância etc.), artigos publicados em *periódicos técnico-científicos* e *periódicos de divulgação científica*, *vídeos* e *documentários*, todos produzidos por pesquisadores brasileiros, enfocando uma ou mais modalidade de VDCA: *violência física, violência psicológica, violência sexual, negligência* e *violência fatal.*

Entretanto, nada de consistente e fundamentado podemos afirmar sobre o impacto dessas produções científicas sobre o imaginário sócio-cultural punitivo de pais e mães, ou no

---

fessée (língua francesa), *palmazo* (língua espanhola).

sentido de promover mudanças de atitude da sociedade brasileira em geral no tocante ao emprego da punição corporal como estratégia ético-disciplinar na educação de crianças e adolescentes. Podemos, contudo, destacar que o fenômeno ganhou maior evidência acadê mica e social, tendo reflexos inclusive sobre o número de casos denunciados de VDCA no B rasil. É o que nos revela-nos a Tabela 1, sobre os dados de incidência pesquisada sobre VDCA, coletados em todo o território nacional por equipes de estudantes do Curso de Atualização na área da VDCA, desde 1996, sob a coordenação do LACRI, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Tabela 1 - Incidência pesquisada de VDCA, Brasil (1996-2006)

Ano	Modalidade de VDCA - Incidência Pesquisada											
	Violência Física		Violência Sexual		Violência Psicológica		Negligência		Violência Fatal		Total de casos notificados	
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%
1.996	525	44,0%	95	8,0%	0	0,0%	572	48,0%	0	0,0%	1.192	100,0%
1.997	1.240	60,1%	315	15,3%	53	2,6%	456	22,1%	0	0,0%	2.064	100,0%
1.998	2.804	22,2%	578	4,6%	2.105	16,7%	7.148	56,6%	0	0,0%	12.635	100,0%
1.999	2.620	39,3%	649	9,7%	893	13,4%	2.512	37,6%	0	0,0%	6.674	100,0%
2.000	4.330	38,9%	978	8,8%	1.493	13,4%	4.205	37,7%	135	1,2%	11.141	100,0%
2.001	6.675	32,9%	1.723	8,5%	3.893	19,2%	7.713	38,1%	257	1,3%	20.261	100,0%
2.002	5.721	35,8%	1.728	10,8%	2.685	16,8%	5.798	36,3%	42	0,3%	15.974	100,0%
2.003	6.497	31,3%	2.599	12,5%	2.952	14,2%	8.687	41,9%	22	0,1%	20.757	100,0%
2.004	6.066	31,0%	2.573	13,2%	3.097	15,8%	7.799	39,9%	17	0,1%	19.552	100,0%
2.005	5.109	26,5%	2.731	14,2%	3.633	18,9%	7.740	40,2%	32	0,2%	19.245	100,0%
2.006	4.954	26,7%	2.456	13,2%	3.501	18,9%	7.617	41,1%	17	0,1%	18.545	100,0%
Total	**46.541**	**31,4%**	**16.425**	**11,1%**	**24.305**	**16,4%**	**60.247**	**40,7%**	**522**	**0,4%**	**148.040**	**100,0%**

Nota: Disponível em: <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lacri/index2.htm>. Acesso em: 29 dez. 2006.

Observa-se um grande aumento no número de casos denunciados de violência doméstica física contra crianças e adolescentes (VDFCA) na última década, chegando ao ponto máximo no ano de 2001, com 6.675 casos, correspondendo a 32,9% das notificações sobre VDCA naquele ano. A cifra anual de casos denunciados de *violência física*, isto é, a

"ponta do *iceberg*" ou somente a violência que aparece devido às denúncias e processos judiciais, concentra-se na casa dos cinco mil casos denunciados por ano, correspondendo a pouco mais de 30% do total das denúncias registradas, em média; a maioria dos casos refere-se à *negligência*, seguindo-se a *violência física*, a *violência psicológica*, a *violência sexual* e por fim a *violência fatal*. Chegamos, considerando o número total de casos notificados de VDCA ao longo da última década no Brasil (1996 a 2006), à seguinte razão aproximada: cada 200 casos novos casos implica em uma criança morta em família, 22 crianças vitimadas sexualmente em casa por seus pais ou responsáveis, 32 crianças sofrendo no lar violência psicológica às mais variadas (terror, humilhação, rejeição, etc.), 65 crianças vítimas de agressões e punições físicas graves perpetrada pelos pais, e 80 crianças expostas a algum tipo de negligência atentatória à sua integridade física e/ou psíquica. Aliás, a negligência dos pais em relação aos cuidados e proteção dos filhos afigura-se com um dos principais fatores de risco à violência fatal, como vemos em diversos estudos de caso referentes a mortes de crianças em família apresentados em Azevedo e Guerra (1998).

Em outro estudo por nós realizado (LONGO, 2001), debruçamo-nos sobre o pensamento de autores de livros de educação familiar publicados no Brasil, no período de 1981 a 2000, com recorte específico sobre a questão da *punição corporal doméstica de crianças e adolescentes*. Nesta ocasião, encontramos, num universo de 36 livros pesquisados, um total de 28% de autores formadores de opiniões que explicitamente mostravam-se favoráveis ao uso de punições corporais na educação infantil, mostrando preferência, sobretudo, pelas palmadas. Como se tratam de livros escritos por profissionais autores (médicos, pedagogos, psicólogos, psicanalistas), alguns especialistas, mestres e doutores, outros que ainda mantém vínculo com instituições acadêmicas, achamos pertinente recuperar algumas idéias que encontramos nesses manuais de orientação familiar, enunciações discursivas favoráveis ou desfavoráveis às palmadas enquanto estratégia disciplinar a ser

empregada pelos pais na educação dos filhos. Organizaremos tais idéias ou enunciados destes verdadeiros formadores de opiniões entre pais e mães brasileiros sobre bater ou não bater nos filhos enquanto parte do processo educacional doméstico.

É notório o fato de que nenhum pesquisador recomende abertamente o uso de punições corporais "imoderadas", mas o façam em relação às palmadas, consideradas por muitos como um tipo de punição corporal "moderada", "leve" ou "razoável". As palmadas aparecem como a forma mais aceitável de punir corporalmente crianças e adolescentes, segundo os autores de livros de educação familiar, devido ao seu efeito imediato e ao seu caráter supostamente não prejudicial ao desenvolvimento infantil.

3.1.1. Argumentos favoráveis às palmadas

Assim, podemos afirmar que, quando os autores brasileiros desses livros de orientação familiar recomendam a punição corporal, estão se referindo, invariavelmente, ao uso das palmadas. E prescrevem-na por diversas razões (o *porquê* dar palmadas): *para ensinar ou impor respeito à autoridade, ensinar a obediência; porque a palmada é de compreensão e resultado imediato; a mãe e o pai têm o direito de bater, são provedores; para contribuir "positivamente" o caráter do filho; para combater o natural egocentrismo infantil, para que aprendam a dominar suas vontades, controlar-lhes o comportamento; para mostrar a criança que os pais a querem bem, preocupam-se com ela; a palmada é um instrumento didático, é pedagógico, é correção, educa; após o castigo a criança sente-se absolvida, expia sua culpa; é punição leve, não é agressão, não machuca; arranca a criança da imaturidade; faz parte da vida normal, adapta a criança à realidade, às regras e normais sociais; se não dói, não se aproveita; a palmada evita que as crianças se tornem autoritárias e desagradáveis; as crianças não têm maturidade para escutar e entender, daí a necessidade das palmadas,* entre outros inúmeros argumentos dessa natureza (extraído e adaptado de LONGO, 2001, p. 50).

As situações nas quais as palmadas são recomendadas, isto é, o *quando* bater, são também variadas: *quando a criança é caprichosamente desobediente; quando abusa, ultrapassa o limite do suportável; quando necessário; como último recurso, quando esgotadas todas as alternativas; quando o acordo não for possível; quando a fala dos pais não é ouvida, por descaso aos apelos; quando as crianças não fazem uso da razão, não compreendem advertências (até os três, quatro anos de idade); quando a criança está correndo risco iminente* e assim por diante (extraído e adaptado de LONGO, 2001, p. 52). Se esses são os argumentos geralmente defendidos pelos adeptos da palmada, passemos um pouco à análise de suas construções discursivas.

Segundo a escritora Alzira Camargo Lopes (1988), as palmadas devem ser aplicadas, excepcionalmente, em crianças até os quatro anos de idade, quando, supostamente, ainda não fazem uso da razão, sobretudo em situações em que a criança corra algum risco pessoal. O médico pediatra Rinaldo de Lamare (1992) também defende o uso das palmadas enquanto técnica disciplinar, notadamente para crianças pequenas: "Palmadas e beliscões somente até os 3 anos. Nunca dar no rosto." (DE LAMARE, 1992, p.16) E noutra passagem, recomenda: "Quando bebê, um tapa na mãozinha, ou então uma repreensão em voz alta, com a fisionomia fechada." (DE LAMARE, 1992, p.78). Embora considere conveniente a palmada em determinadas situações, aponta também alguns "inconvenientes" dessa técnica, como o sentimento de humilhação gerado na criança:

> A única vantagem da palmada, por ser a mais rápida, é a de ser de compreensão imediata. Apresenta, porém, diversos inconvenientes, dentre os quais o principal é o de ensinar a criança a bater, e este será sempre a sua futura reação. As crianças sensíveis reagem com o senso da dignidade ofendida, porque é um castigo humilhante. A palmada não é aconselhada como técnica disciplinar, sobretudo em crianças com mais de quatro anos. (DE LAMARE, 1992, p.82)

Içami Tiba, médico psiquiatra e psicoterapeuta familiar, defende o chamado "tapa pedagógico" como um recurso para se (im)pôr limites aos filhos, cuja função seria a de "chamar a atenção, numa tentativa de organização mental através de um estímulo corporal."

(TIBA, 1995, p.35). Entretanto, só teria validade para crianças, nunca para adolescentes. O autor evoca velhos ditados populares para fundamentar a validade das punições corporais: "*É de pequeno que se entortam os galhos*" e" *É de pequeno que se torce o pepino*", ou "*'Pé de galinha não machuca os pintinhos*", pois *"tapa de mãe que o filho sabe merecer nunca machuca. Tapa de mãe que o filho sabe merecer e não vem deseduca."* (TIBA, 1996, p. 169) Além disso, prossegue Tiba, há duas "leis" que as crianças devem aprender, desde cedo:

> A lei criada pelos homens (sentido moral e ético da sociabilidade) e a lei natural, a lei do mais forte. Ainda que não tenha razão, o mais forte tem de ser respeitado, justamente por ser o mais forte. Isso faz o filho aprender a lidar com limites: ao dirigir sua bicicleta, ele não pode se enfiar num caminhão que venha na contramão, por mais certo que esteja. Por dois motivos, então, os pais devem-se fazer respeitar:
> - *eticamente*, por ser pai, provedor e por ter mais experiência;
> - *fisicamente*, por ser mais forte. (TIBA, 1996, p. 169-170).

Através do uso da força física a "lei natural" – do mais forte - é ensinada. É como se voltássemos ao "estado de natureza" *hobbesiano*. Porém, de forma prudente, Tiba faz uma importante ressalva aos pais, a fim de evitar a revolta dos reprimidos, ou mesmo o parricídio: "Não convém ensinar apenas a lei do mais forte, pois, pelo decurso natural da vida, um dia esse filho será mais forte, e seu pai deverá ainda ser obedecido, não pela força física que àquela altura já terá perdido, mas pela experiência de vida." (TIBA, 1996, p.169-70) [42].

Sandra Regina Quinzane Cabrera (1997), por sua vez, entende que a palmada pode ser a melhor opção dos pais, se esses se sentem seguros a esse respeito e julgam ser a medida mais adequada. Ou seja, seu argumento em favor das palmadas é centrado unicamente no desejo e na vontade dos pais, nas necessidades *adultocêntricas*.

---

[42] Cabe aqui assinalarmos, para sermos justos em nossa crítica, que o referido autor reviu sua opinião sobre o "tapa pedagógico" ou "psicotapa" contra crianças, reformulando-a em *Quem ama, educa!* (2002), Na parte final de seu livro destinada a perguntas e respostas aos pais, escreve: "nunca se deve dar tapas no filho, mesmo que sejam pedagógicos." (TIBA, 2002, p.298) Assim, é nesse livro, também *best-seller* com mais de 560 mil exemplares vendidos, que Tiba (2002) passa a caracterizar o tapa como violência, gerador de mais violência, degrau do espancamento, e como algo que não educa, além de poder despertar na criança revolta e desejo de vingança (vontade de "dar o troco" nos pais). Alem disso, "o tapa representa a perda da força da razão, do poder e da autoridade e a conseqüente apelação para a força física, a lei do mais forte." (TIBA, 2002, p.298).

A psicóloga e terapeuta familiar Suzy Camacho (1998) apresenta um longo discurso favorável às palmadas, basicamente centrado no argumento da necessidade dos pais imporem autoridade, isto é, não perderem o respeito dos filhos.

> **As palmadas servem como mecanismo para impor a autoridade quando todas as alternativas de um acordo já foram esgotadas sem sucesso**; quando os pais já não são mais respeitados verbalmente pela criança que, percebendo a insegurança deles, abusa de sua tolerância tornando-se indisciplinada e insuportável. [...] Com receio de prejudicar a criança com o trauma das 'palmadas' os pais acabam perdendo sua autoridade e transmitindo um conceito de liberdade de escolha que a criança de fato ainda não tem condições nem maturidade para exercer, porque desconhece as conseqüências dos seus atos e dos direitos alheios. Criam assim um outro problema muito mais sério que vem a ser o desrespeito pela autoridade dos pais [...] (CAMACHO, 1998, p.118-119, grifo nosso).

Esses são alguns exemplos da construção discursiva de profissionais brasileiros favoráveis à palmada contra a criança. Claro está que tais argumentos não resistem a uma análise detalhada e séria. Podemos considerá-los, pois, como *opiniões*, e não propriamente como saberes científicos.

3.1.2. Argumentos contrários às palmadas

Assim com há profissionais brasileiros da saúde e da educação que recomendam explicitamente as palmadas, há outros que a desaconselham, pelos seguintes motivos: *a palmada é agressão física, violência, abuso, mau-trato; não é eficaz, não funciona, não disciplina, não educa; revela impotência dos pais, perda de controle, ato de desespero; a palmada é humilhante, degradante, ofende a dignidade da criança, é desrespeito; é um ato de desprezo; ensina a bater e subjugar alguém menor e mais fraco; é um erro, um péssimo exemplo; ensina que quando com raiva deve-se bater; é dominação, opressão, repressão; prepara cidadãos mutilados, reprimidos, servis; a palmada é esquecida com rapidez, não perdura no tempo, perde seu efeito; cria um ciclo vicioso, gera violência, sendo a porta de entrada para violências maiores; é autoritarismo, uso arbitrário do poder; é anti-educativa, anti-pedagógica; infringe leis morais, é covardia; é desagradável, causa sofrimento à criança; é intimidação, aterroriza a criança; é prejudicial ao desenvolvimento da criança; é*

negação da criança, tira-lhe a vontade; relaciona poder, violência e sexualidade, violência e prazer (podendo desenvolver características sado-masoquistas de personalidade); pode configurar-se como uma experiência sexual invasiva; é um ato de raiva, intolerância dos pais; a palmada é negligência; permanece na lembrança como mágoa por muito tempo; a palmada pode afastar severamente pais e filhos; e *a palmada não apaga ou faz reparar os erros cometidos* (extraído e adaptado de LONGO, 2001, p. 53).

Além dessas inúmeras razões para não valer-se da palmada contra os filhos, baseadas em princípios ético-morais e psico-pedagógicos, diversos autores mencionam outros motivos para não bater nos filhos, em virtude das possíveis conseqüências adversas às crianças e adolescentes: *a palmada pode machucar a criança, constituir-se em maltrato físico; a palmada pode gerar fantasias sado-masoquistas, levando aos distúrbios sexuais e afetivos, ou distorção da personalidade; a palmada pode ocasionar traumas, danos psicológicos, neuroses diversas; impede o desenvolvimento das potencialidades; a palmada leva à perda da auto-estima, faz a criança sentir-se menor e mais fraca, tornando-a retraída, tímida, insegura; faz a criança sentir que é má pessoa; a criança passa a descrer nos pais, perde a confiança neles, torna-se amedrontada; a palmada causa dor física e psicológica; desenvolve comportamentos agressivos, agressividade; gera rebeldia; a criança acostuma-se a apanhar, passa a não temer apanhar; a criança só obedece se apanhar; a criança torna-se dissimulada, deixa de ser honesta a fim de evitar ou esquivar-se à punição* (extraído e adaptado de LONGO, 2001, p. 55).

Entre os psicólogos brasileiros formadores de opiniões que entendem serem as palmadas medidas anti-educativas, pois ensinam os filhos padrões violentos de resolução de conflitos, citamos a psicóloga e Mestre em Psicologia Clínica Maria Tereza Maldonado (1981). A autora aponta que uma das razões para os pais se valerem das palmadas é o medo de que se forem flexíveis, carinhosos e afetuosos, os filhos não lhes terão respeito,

confundindo afetividade com "moleza" e carranca com firmeza. Alguns pais acham que a boa educação exige o uso de punição e castigos aplicados com rigor e severidade, e ser carinhoso e disciplinar são coisas vistas como incompatíveis. Afirma a autora:

> Esse medo de que a criança fique com poder demais é expresso até mesmo em ditos populares, como, por exemplo, 'se ganhar um dedo vai querer a mão inteira'. Esse medo faz com que muitos pais se tornem excessivamente rígidos e autoritários, desde quando a criança é bem pequena – 'a educação de seu filho começa no primeiro dia de vida', 'é de pequeno que se torce o pepino'; 'criança só aprende com palmadas'; 'não se pode pegar o bebê no colo porque fica mimado' são alguns exemplos de mitos bastante difundidos que, se seguidos à risca, podem ser bastante nocivos porque desconsideram inteiramente as necessidades da criança. (MALDONADO, 1981, p.128-9)

Trata-se, na verdade, do medo da perda de poder. Nesta mesma perspectiva, José Ângelo Gaiarsa (1993) médico e psicoterapeuta, situa a prática cotidiana das "inofensivas" palmadas dos pais contra os filhos dentro de uma questão política maior, comparando os filhos ao *povo*, e os pais aos *poderosos*. E a palmada é uma das estratégias usuais na tarefa do pais ou da mãe de reprimir as crianças, pois: "Quanto mais reprimidas [as crianças], melhor para o Estado. [...] É dado tanto poder aos pais para que eles tenham força na ingrata tarefa de preparar mais cidadãos mutilados para o sistema." (GAIARSA, 1993, p.44) Trata-se de um processo de banalização, naturalização e internalização da violência, a fim de ensinar a obediência servil, a partir de casa. Sintetiza esse autor:

> Quero sublinhar bem o quanto em nossa educação agressão é em parte cultivada, é em parte intocada, desde a infância. E os nossos costumes sociais aprovam de todo essa 'educação'. Todos os dias, vemos a mãe dar repelões numa criança, gritar, dar palmada, e reclamar com ela. E na maioria dos casos ninguém chama isso de violência. É apenas a mãe no seu dever essencial de educar. [...] Não estou falando de violência brutal de alguns pais, que também existe. Estou falando da violência do cotidiano, do dia-a-dia de todos nós, de comportamentos aceitos como 'normais'. Vendo uma criança levar palmadas, o pensamento imediato da maioria das pessoas é: 'criança é assim, apronta muito e a mãe tem de bater, tem o direito, mãe pode, a mãe até deve...' (GAIARSA, 1993, p.47-48)

Essa leitura crítica da palmada enquanto prática cotidiana, apresentada por Gaiarsa (1993) coaduna-se com o que afirmamos a respeito da *cultura da palmada* no Brasil. E relegar tal discussão ao âmbito doméstico e aos seus efeitos psicológicos sobre a criança é

reduzir imensamente a problemática, limitando-a a esfera privada da vida em família e negligenciando dimensões ético-políticas do fenômeno, próprias da esfera pública.

Tânia Zagury (1993), filósofa e Mestre em Educação, compreende que as palmadas são desnecessárias para se estabelecer limites. Além disso, posiciona-se contrariamente às palmadas, pois estas não solucionam os problemas da relação entre pais e filhos, podendo levar a situações típicas de escalada de violência, pois a palmada tende a ir perdendo seu efeito inicial: a criança torna-se tolerante à palmada, ou adota uma postura mais desafiadora ante uma situação que sente como humilhante. Outra conseqüência das palmadas, agora em relação aos pais que a aplicam, é o sentimento de culpa e conseqüente remorso que pode despertar, salienta a autora. As palmadas interferem também na relação entre pais e filhos, podendo afastá-los definitivamente. E, além de ser uma covardia (argumento moral), a palmada é um atestado de fracasso dos pais no *dever* de educar os filhos, refletindo a incapacidade de administrar conflitos.

> Bater é um atestado de fracasso que os pais passam a si próprio. [...] As palmadinhas, os apertinhos, os beliscões, os tapas e as empurradelas [...] refletem mais a incapacidade para administrar conflitos por parte dos pais ou um certo despreparo emocional para a lida diária com os filhos do que a crueldade [...] do comportamento que se verifica nos casos de agressões físicas graves que, infelizmente, muitas crianças sofrem diariamente em suas casas. (ZAGURY, 1993, p.113)

Aliado a esse despreparo dos pais em relação às necessidades infantis, as representações sócio-culturais sobre a criança e as formas de educá-las alimenta a vitimização física infantil.

Noutro livro, Zagury (1996) considera ser a palmada, além de um ato de descontrole dos pais e um ato de *agressão física,* e, portanto, *violência física.* Além disso, ressalta que bater não é educativo, e tampouco impede a reincidência do comportamento indesejável. Ora, diante disso, por que bater?

A bióloga, psicóloga e psicoterapeuta Lidia Rosenberg Aratangy (1998), da mesma forma defende a tese de que a palmada (e toda forma de punição corporal) além de não

educar, não ensinar regras, e o que é pior, ensina que a agressão é uma forma válida de resolução de conflitos. Além disso, a palmada ensina a criança a ser mentirosa, cínica e covarde. Eis aqui algumas implicações indesejáveis do ponto de vista do desenvolvimento moral infantil. A autora aponta também ser a palmada a porta de entrada para punições corporais cada vez mais violentas, idéia que é atualmente bastante compartilhada por inúmeros pesquisadores na área da VDCA. Além disso, palmada constitui-se em sanção ou punição expiatória, e como se sabe, em termos da aprendizagem moral, a melhor sanção é aquela que permite a crianças poder reparar o concertar o seu erro, e isso implica que a punição mantenha nexos com o erro ou comportamento punido:

> Um tapa não ensina nenhuma regra. Em geral, não há relação clara entre o que a criança fez e a dor física que lhe foi infligida, isto é, não existe coerência entre o comportamento da criança e a reação do adulto. [...] Para ser eficiente a punição deve estar ligada ao gesto que se fez, e não à conseqüência desse gesto – que escapa à possibilidade de controle da criança. [...] (ARATANGY, 1998, p.101-3)

Cremos que esses fragmentos discursivos são já suficientes para caracterizar um certo tipo de literatura que não se pode ignorar, e para que saibamos que o embate entre os que defendem ou reprovam as palmadas também se dá nos manuais de educação de filhos. Na verdade, em todos os meios culturais circulam as idéias favoráveis ou contrárias às palmadas: jornais, revistas, gibis, telenovelas, desenhos animados, filmes, e nós últimos anos em diversos *sites* da Internet.

Prosseguindo nossa revisão da literatura nacional, agora com o crivo de maior cientificidade, em estudo sobre *atitudes, normas culturais e valores em relação à violência* em 10 capitais brasileiras com 1.600 sujeitos de ambos os sexos (com mais de 16 anos de idade), conduzido pela psicóloga social Nancy Cardia, do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da Universidade de São Paulo, a palmada aparece como uma forma costumeira de apanhar bastante freqüente na vida dos entrevistados. A autora constatou que a palmada esteve tão mais presente quanto menor a faixa etária dos entrevistados, o que a levou a

concluir que talvez o uso de objetos (cinto, vara, pau etc.) para bater seja uma prática em desuso[43]:

> [...] Um tapa tem, em geral, um potencial de dano inferior ao uso de objetos duros capazes de causar mais malefícios à criança. O uso de objetos com potencial de machucar as crianças parece aumentar com a idade do entrevistado sugerindo que essa, talvez seja uma prática em desuso. (CARDIA, 1999, p.38).

Conforme dados da referida pesquisa, entre os sujeitos de 16 a 24 anos, o apanhar com a mão esteve presente entre 52% dos entrevistados; na faixa de 25 a 34 anos, em 41% dos entrevistados; na faixa de 35 a 49 anos, em 38% dos entrevistados e, nos sujeitos com 50 e mais anos, o apanhar com a mão esteve presente em 39% dos entrevistados. De qualquer maneira, o percentual geral dos sujeitos que costumavam apanhar com a mão, quando criança, é bastante elevado, ao redor de 43%.

Azevedo e Guerra (2001a), em *Mania de Bater*, publicaram os resultados de uma pesquisa com 894 crianças e adolescentes (49% de meninos e 51% de meninas, com idades de 7 a 15 anos, cursando escolas públicas do município de São Paulo em 1999). Os sujeitos foram agrupados nas faixas etárias de 7 a 9 anos, 10 a 12 anos e 13 a 15 anos, provenientes de distritos com melhor e pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Apresentaremos agora os resultados obtidos no tocante às *palmadas*. No grupo de 7 a 9 anos, pertencentes a localidades com IDH alto, as palmadas figuram como a punição corporal mais freqüente em crianças do sexo masculino (36,67%), bem como em crianças dos sexo feminino (27,27%); de igual maneira, porém com percentuais mais elevados, no grupo de crianças dessa mesma faixa etária e IDH baixo, a palmada esteve presente na vida de 43,42% dos meninos e de 35,29% das meninas. As autoras concluíram, entre outros interessantes apontamentos, que a *palmada* e a *chinelada* estão entre os meios mais populares pelos quais se exerce a "mania de bater", independentemente da idade, sexo e condição sócio-econômica dos sujeitos pesquisados.

---

[43] Discordamos dessa tese do desuso de objetos para bater, embora os objetos mudem com o tempo. Retomaremos essa discussão quando apresentarmos os resultados da análise temática do *Corpus*, na subseção 5.2.

Assim, a *pedagogia da palmada*, embora mais comum entre adolescentes do sexo masculino, esteve presente na vida de meninos e meninas, independentemente do IDH.

Nesse mesmo estudo, as autoras analisaram um total de 774 desenhos de crianças (sujeitos de 7 a 12 anos), sobre o tema de como as crianças eram tratadas em casa e o que sentiam diante das punições corporais domésticas, e levantam uma série de *indicadores específicos de atitudes* em relação a dois grupos de pais: os que batem e os que não batem nos filhos[44]. Tais indicadores permitiram identificar dois tipos principais de imagens produzidas pelas crianças em seus desenhos: *imagens de desesperança* e *imagens de esperança*.

> As primeiras retratam, sobretudo, os principais sentimentos característicos de **uma atitude desfavorável** em relação aos pais que batem: o sentimento de tristeza e dor e o sentimento de raiva e revolta. Tanto num caso como em outro, o choro surgiu como marca registrada do sofrimento e desconforto experimentado pelas vítimas. (AZEVEDO; GUERRA, 2001a, p.249)

No caso das *imagens de esperança*, "os desenhos traduziram os sentimentos de prazer e amor característicos da atitude favorável dos filhos que não apanham, em relação a seus pais." (AZEVEDO; GUERRA, 2001a, p.249). Segundo essas autoras, os desenhos infantis devem "ser lidos como um desmentido cabal" da "grande mentira pedagógica", ou seja, "a de que o bater nos filhos é uma forma de bem educá-los!" (AZEVEDO; GUERRA, 2001a, p.249).

Noutro estudo, em *Palmada já era,* Azevedo e Guerra (2002) debruçam-se especificamente sobre a problemática da *palmada*, por vezes disfarçada com as designações de *tapinha no bumbum* ou *psicotapa*. A palmada faz parte da vida familiar, mas não é discutida entre pais e filhos, embora não seja uma prática recente na "educação" das crianças:

---

[44] Nesse sentido, os desenhos infantis foram analisados levantando-se os indicadores específicos para medida de atitudes dos sujeitos (filhos) em relação aos pais (ou outras figuras) que os punem corporalmente em casa. Isso significou, em primeiro lugar, que a representação básica a ser analisada seria a da figura humana; em segundo lugar, que a interpretação do desenho não seria desenvolvida supondo tratar-se de obras produzidas por crianças e/ou adolescentes-problema. A análise do desenho procurou entender sua mensagem e não patologizar o autor, pois "enxergando no desenho da criança representações fantasmagóricas nega-se a expressão infantil como produção objetiva e [acaba-se] por neutralizar a conexão que a arte estabelece com o social'." (AZEVEDO; GUERRA, 2001a, p.298)

suas raízes remontam a fins do século XIX, fruto do processo de abrandamento das penas (preceito higienista). Essas autoras entendem ser a palmada uma forma de punição corporal e, como tal, uma violência. Defendem ainda a tese de que a palmada deseduca (pois ensina o oposto do que os pais geralmente esperam) e violenta a criança. Ao comentarem alguns depoimentos de sujeitos adultos sobre a própria infância, apontam:

> Em situações, as mais diversas, essas pessoas se lembram das palmadas que levaram dos pais por terem se *comportado mal*. Essas lembranças vieram acompanhadas de tristeza e de um sentimento de injustiça, cujas marcas ainda não desapareceram. (AZEVEDO; GUERRA, 2002, p.15).

Observa-se aqui que, ao contrário do que pensa o senso comum e advogam alguns "especialistas" em educação familiar, as palmadas não são facilmente esquecidas ou apagadas da memória e do corpo, e geram sensações desagradáveis e sentimentos destrutivos nas crianças que apanham. Senão, como explicar a recordação por uma mulher de 45 anos de um evento que se passara aos três anos de idade?

> Eu devia ter uns quase três anos de idade. Um belo dia, fiz cocô no chão. Minha mãe chegou de volta do açougue e vendo a sujeira, resolveu me aplicar as famosas palmadas no bumbum, pra não me esquecer mais de sentar na privada. Ainda hoje, quando vou ao banheiro, me lembro disso e me pergunto: Será que minha mãe não poderia ter me ensinado de outro jeito? (AZEVEDO; GUERRA, 2002, p.14)

Embora a palmada seja uma punição corporal, isto é, atinja o corpo da criança causando-lhe maior ou menor intensidade de dor, além das marcas físicas que deixa, o indelével parecem ser as marcas psíquicas. A dimensão de dano psíquico da palmada começa a ser mais bem entendida: "há outro tipo de palmada, *a que atinge não o corpo, mas a própria alma*. É a palmada que não deixa marcas visíveis, mas que fere a pessoa humilhando, rejeitando ignorando... É a *palmada psíquica* [...]". (AZEVEDO; GUERRA, 2002, p.15, grifo do autor). Portanto, é inerente a toda violência física um *quantum* de violência psicológica, ou, dito de outra forma, dimensões de violência psicológica estão contidas na violência física.

Ora, se as crianças não gostam e nem consideram certo apanhar, e se a palmada não educa e violenta, a quem interessa a palmada? A palmada interessa aos pais, mas não aos

filhos, concluem Azevedo e Guerra (2002). Como alternativa ético-disciplinar à *pedagogia da palmada*, as autoras propõem a construção de uma *pedagogia não-violenta*, "cujo preceito básico seja o de educar as novas gerações sem bater (física ou psicologicamente)", tarefa esta ainda por fazer. A pedagogia da não violência não consiste apenas em saber dialogar, ou evitar proibir, ou estabelecer limites; trata-se, antes, de uma postura ética dos pais, e de uma competência situacional para manejar situações que envolvam cenários de conflito entre pais e filhos, sem apelarem para a violência física. Envolve também esforço de consideração empática, isto é, é preciso que os pais sejam capazes de se colocar no lugar da criança, buscar entrar em contato com as necessidades da vida infantil a partir da perspectiva da criança.

Há várias alternativas à educação com violência, e as próprias crianças sabem quais são – basta ouvi-las com respeito e consideração. Em Conceição (2004), por exemplo, a partir de entrevistas com cerca de 500 crianças com idade de 9 a 12 anos, de ambos os sexos, de uma escola particular do município de Santo André, São Paulo, são apresentadas 12 alternativas aos pais, sugeridas pelas próprias crianças para *educar sem palmada*, ou diante de situações consideradas problemáticas e difíceis de lidar pelos pais. São as próprias crianças que sugerem aos pais o que este poderiam fazer diante de tais situações (*maus modos, mentira, desobediência, mimo, manha, bagunça, desorganização, falta de limites, baixo rendimento escolar*, etc.) ao invés de valerem-se das palmadas. Entre algumas outras alternativas, as crianças sugerem: "*arrumar outra atividade, por exemplos: atividades físicas, música, pintura...*", "*conversar em algum lugar, mas sem gritar*", ter paciência, suportar o ritmo da criança, pois "*logo,tudo passa*", "*explicar*", "*os pais deveriam se colocar no lugar dos filhos*" e assim por diante. As práticas da *pedagogia não-violenta* podem ser muitas, mas todas devem orientar-se pelo preceito básico de "educar as novas gerações sem bater, física ou psicologicamente" (AZEVEDO; GUERRA, 2005, p.51). Isso porque, em primeiro lugar, bater nos filhos configura-se como uma violação dos direitos da infância e adolescência; em

segundo lugar, bater é uma violência, e bater caracteriza-se como *sanção expiatória*, impossibilitando o estabelecimento de nexos claros entre erro ou comportamento e conseqüência, além de não permitir à criança, enquanto experiência, poder reparar o que fez de errado, isto é, superar-se em busca da excelência. Enquanto violência, a palmada é um ato próprio de relações marcadas pelo *respeito unilateral* e pela *heteronomia*; além disso, bater não educa, e ao contrário, deseduca. O foco de uma educação não-violenta é a educação para a autodisciplina, autonomia e liberdade, e não a construção da pronta obediência heterônoma, a qualquer preço; trata-se de superar antigos mitos culturais acerca da palmada, pois, cremos, existem já claros conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, suficientes para rejeitá-los.[45] A esse respeito recuperamos novamente Azevedo e Guerra (2002), que relacionam cinco mitos brasileiros acerca da "boa palmada", entendendo por mitos aquilo que se pode chamar de "belas mentiras [...] falsas crenças, difíceis de combater, porque muito resistentes a evidências contrárias" (AZEVEDO; GUERRA, 2002, p.39), isto é, às evidências científicas. São eles:

1) *O Mito do Amor*. Trata-se da idéia de que "palmada com amor educa";
2) *O Mito do Seguro de Vida.* Pertencente à tradição do "é de pequeno que se torce o pepino", como precaução dos pais para não apanharem dos filhos quando estes crescerem;
3) *O Mito da Eficácia.* Assenta-se na crença de que a dor física (*estímulo aversivo*) teria o poder de controlar o comportamento;
4) *O Mito do Limite.* Idéia de que a palmada é essencial para impor limites à criança;
5) *O Mito do Momento Certo.* Idéia de que existe uma hora ou momento certo para a aplicação da palmada.

[45] É a "ciência" contra o "mito", novamente, como sempre foi na história do pensamento científico, esclarecido. Ocorre que, nessa espécie de luta generalizada do bem contra o mal, o que a ciência fez, pelo menos até muito recentemente, sobretudo em se tratando da História da Psicologia, foi reforçar crenças sócio-culturais tradicionais sobre a validade e mesmo necessidade de se bater em uma criança para bem "educá-la", sendo a punição corporal considerada como estratégia aversiva de controle do comportamento.

Essa interessante discussão sobre os "mitos" culturais relacionados ao bater para "educar" é retomada e ampliada no vídeo-documentário *Palmada já era? Vozes da Brava Gente*, de autoria de Azevedo e Guerra (2005). Uma revisão do que pensam uma diversidade de pessoas sobre a palmada no Brasil encontra-se aí contemplada. Neste trabalho as autoras recolhem e organizam depoimentos de homens e mulheres (de diversas idades, etnias, religiões e ocupações[46]) a *favor* e *contra* as palmadas, gravados ao longo de 2004 em 22 unidades federadas brasileiras. Trata-se de um verdadeiro retrato do que pensa acerca da palmada a "brava gente brasileira" (expressão cunhada pelas autoras), uma das formas punitivo-corporais mais populares no Brasil, especialmente entre as mães. A apresentação dos depoimentos está estrutura em 8 blocos temáticos, agrupados por discursos favoráveis à palmada – considerados então como "mito", e discursos contrários a palmada, considerados como mais próximos da verdade científica atual sobre a questão. Assim, trata-se de um embate entre idéias ou construções discursivas "mitológicas" e "verdadeiras", isto é, não-mitológicas, acerca da palmada, que agora traremos à discussão de forma comparativa.

Mito 1. "*Quem bem ama, bem castiga*"

Discursos afiliados a esta crença apresentam no seu interior a tese de que castigar é demonstração do amor dos pais pelos filhos, e mesmo prática inerente ao dever de educar, cuidar e proteger dos filhos que cabe aos pais. A palmada é apresentada como um esforço paterno no sentido de "corrigir" a criança, enquadrando-a no "bom caminho" da "correção".

Verdade 1 "*Não à palmada do amor.*"

A *palmada* raras vezes pode configurar-se para a criança que apanha como uma demonstração de amor, uma vez que emerge e configura-se na maioria das vezes em um

[46] Os depoimentos coletados são de estudantes, professores, psicólogos, assistentes sociais, conselheiros tutelares, bibliotecários, economistas, militares, padres, empregadas domésticas, médicos, técnicos, advogados e outros mais.

contexto emocional de raiva, medo, tristeza e humilhação; e para a criança que apanha o sentido da experiência é de desamor e não de amor.

Mito 2. "*Palmada dada na hora certa, no lugar certo...*"

Nesta forma discursiva encontra-se a idéia de que há um tempo ótimo ou exato para a aplicação da palmada. Aí residiria o segredo de seu poder pedagógico. De modo geral, a palmada deve ser aplicada imediatamente após o erro, ou mesmo durante o erro, e nunca ser protelada. Ou ainda, imediatamente antes do erro ser cometido, em sua iminência, como quando a criança aproxima sua mão da tomada elétrica, exemplo preferido pelos que advogam a palmada para tais situações, como se já não existisse, há bastante tempo, bons e acessíveis protetores de tomada...

Verdade 2. "*Não à palmada do momento certo.*"

Nenhum momento pode ser considerado adequado para as palmadas, uma fez que seus efeitos são sempre negativos, isto é, marcados pela tristeza, medo, raiva, humilhação, etc. Para a criança, nunca é bom apanhar.

Mito 3. "*Gota d´água*"

Nesta formulação mitológica, ocorre que a palmada é representada como resultado imediato do fato de a criança ter extrapolado, em último ato, o limite de tolerância do pai ou da mãe. Portanto, a atitude desafortunada qualquer da criança levou à palmada, ou como se diz, "foi a gota d´água". Pode ser ainda encarada como um "último recurso" disponível aos pais, quando nada mais adiantou.

Verdade 3. "*Não à palmada anti-stress.*"

Ocorre que muitos pais dão palmadas em seus filhos como uma forma de descarregar suas cargas emocionais de *stress*. Nesse sentido, é a criança quem "paga o pato"... Portanto, a palmada não é reação dos pais à *gota d´água* (comportamento supostamente intolerável da

criança), mas sim indício de *stress* dos pais, quando então a criança é tornada o "bode-expiatório" dos problemas familiares.[47]

Mito 4. "*Bater com moderação.*"

Aqui os discursos sustentam-se na idéia de que há que se fazer um uso "moderado" da força ao dar palmada numa criança. Trata-se de um princípio fundamental da ética aristotélica popularizada, que é o da moderação, ponderação, ou meio termo: a palmada não pode ser fraca demais, pois não produziria efeitos, e nem forte demais, pois se verteria em espancamento, o que foge à moderação.

Verdade 4. "*Não à palmada com moderação.*"

Não há como estabelecer um valor em termos de força física sobre o que seja, para a criança, uma palmada "moderada" ou "não-moderada", visto que a atribuição de sentido às experiências é antes um processo de subjetivação do real, o que implica dizer que uma palmada aplicada com a mesma força física em diferentes crianças é sentida como mais ou menor forte, causando mais ou menos dor, medo, etc. Além disso, a criança desenvolve tolerância ou acomoda-se a uma determinada força de palmada, tornando-se resistente a ela, fazendo com o que os pais tenham que aumentar a força punitiva, abrindo-se então as portas para uma possível escalada da violência doméstica.

Mito 5. "*Quem come do meu pirão, leva do meu cinturão.*"

A idéia central aqui é a do "direito natural" dos pais à palmada, que pode ser exercido exclusivamente pelo pai ou pela mãe da criança. Além disso, por serem os responsáveis legais e provedores da criança, os pais têm o direito de batê-las.

---

[47] A esse respeito, conforme apontamentos de Green (2003, p.36-7), "[...] a maioria dos tapas dados pelos pais acontece quando eles estão saturados e não agüentam mais. Muitas vezes o tapa surge após uma longa série de amolações e é precipitado por um fato trivial que se torna a última gota d'água, estourando o limite dos pais. Com isto, uma considerável quantidade de raiva é posta para fora, o que confunde, sem dúvida, as crianças."

Verdade 5. ***"Não à palmada como direito familiar."***

A palmada não é um exercício do direito parental, mas sim uma violação dos direitos da criança.

Mito 6. ***"Menino e sino só com palmada"***

Há crianças que só "funcionam" ou só "aprendem" se apanharem, sobretudo as mais levadas ou "danadas", desobedientes, birrentas e mal comportadas – e meninos. A palmada seria então a única forma de estabelecer limites para essas crianças-problema, de os pais se fazerem obedecer. Além disso, crê-se que carinho demais estraga a personalidade, o caráter, desvirtua a vontade, e outros argumentos de natureza psicologizante.

Verdade 6. ***"Não à palmada limitadora."***

Não é certa a capacidade da palmada em limitar ou estabelecer claros limites à criança. Além disso, não há crianças que só aprendem apanhando devido à sua suposta natureza ou a alguma característica de personalidade, mas pais que só *sabem* "educar" batendo, por hábito ou costume social, ou por não possuírem outro repertório sobre como educar os filhos.

Mito 7. ***"É de pequenino que se torce o pepino."***

A crença aqui subjacente é que a criança que não apanha dos pais torna-se "torta", isto é, mal educada, desobediente, incorrigível. A "natureza pecaminosa" infantil, tendente ao mal e ao erro, deve ser "corrigida" ou "endireitada" desde cedo - o quanto antes melhor, desde o berço -, portanto, é necessária a "ortopedia" infantil através da punição corporal.

Verdade 7. ***"Não à palmada por via das dúvidas."***

Como não é produtivo, do ponto de vista científico, afirmar ou negar a existência de uma suposta natureza infantil, mas sim condições peculiares de desenvolvimento da criança, não há que se naturalmente "corrigir" essa natureza tendente ao mal. Ademais, a palmada não é educativa, pois não extingue os comportamentos punidos, embora diminuam sua ocorrência imediata diante da autoridade punitiva, mas não quando em sua ausência.

Mito 8. ***"Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu."***

A idéia também muito comum de que o indivíduo se torna boa pessoa, responsável ou bem sucedida, devido ao fato de ter levado palmadas quando criança é aqui enunciada. As pessoas dizem: *"Tornei-me bem-sucedido (responsável, pai de família, chefe, com sucesso, etc.) na vida porque apanhei dos meus pais quando mereci."* O seu equivalente inverso seria algo assim: "Fracassei na vida porque não apanhei de meus pais quando criança." São todas variações da mesma crença, de que é apanhando que se aprende, que a criança amadurece.

Verdade 8. ***"Não à palmada eficaz."***

Não há relação entre sucesso ou insucesso na vida pessoal ou profissional e apanhar dos pais na infância. Assim como não se pode afirmar que quem apanhou dos pais prosperou e quem não apanhou fracassou, também não se pode afirmar que quem não apanhou dos pais na infância prosperou e quem apanhou fracassou. Não há eficácia comprovada na palmada.

Azevedo e Guerra (2006) sistematizam as opiniões de brasileiros acerca da palmada, compondo um verdadeiro retrato do "estado de opinião", a partir de dados provenientes de 232 equipes de ex-telestudantes do *Telecurso de Especialização na Área da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes* (LACRI/IPUSP), que realizaram Debates Conscientizadores em todo o Brasil nos anos de 2004 e 2005.[48]

[48] "Os debates foram assistidos respectivamente por 17.486 pessoas (2004: 9024 e 2005: 8462) sendo que os que responderam o questionário apresentado (16.719) no Debate foram em sua maioria do sexo feminino (11.602 – 69.39%) e com idades mais incidentes que variaram de < 20 anos até 30-34 anos (10.602 – 63.41%)." (AZEVEDO; GUERRA, 2006)

Tabela 2 - Síntese do "estado de opinião" brasileiro acerca da Palmada (2004-2005)

Quesitos	Respostas	Total	%
Você foi educado com palmadas? (dados de 2004/2005)	SIM	10.046	60,08
Você acha que a Palmada poderia ser evitada? (dados de 2004/2005)	SIM	12.914	77,24
Opiniões sobre a palmada (dados de 2005)	DESFAVORAVEIS	4643	55,30
Argumentos contra o uso da Palmada (o mais freqüente) (dados de 2005)	Trata-se de método ineficaz, deseducativo, não adequado, que deve ser abolido	1470	31,66
Opiniões favoráveis ancoradas em Mitos (os mais freqüentes) (dados de 2005)	do momento certo da eficácia	863 789	32,97 30,14

Nota: Extraído do *Relatório Anual – 2005* do Laboratório de Estudos da Criança (LACRI-IP/USP), organizado por Azevedo e Guerra (2006). Disponível em: < http://www.palmadajaera.com/peopniao.asp>. Acesso em: 15dez.2006.

Das opiniões favoráveis à palmada assentadas em mitos sócio-culturais, temos as seguintes preferências:

Tabela 3 - Opiniões favoráveis ancoradas em mitos (Brasil, 2005)

MITOS	Totais	%
Mito da Eficácia	789	30,14
Mito do Momento Certo	863	32,97
Mito do Limite	439	16,77
Mito do Amor	210	8,02
Mito do Seguro de Vida	231	8,82
Sem Informação	85	3,24
Total	**2617**	**100**

Fonte: AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N.A. (2005). *PALMADA JA ERA!* SÃO PAULO: LACRI,3ª. EDIÇÃO[9].

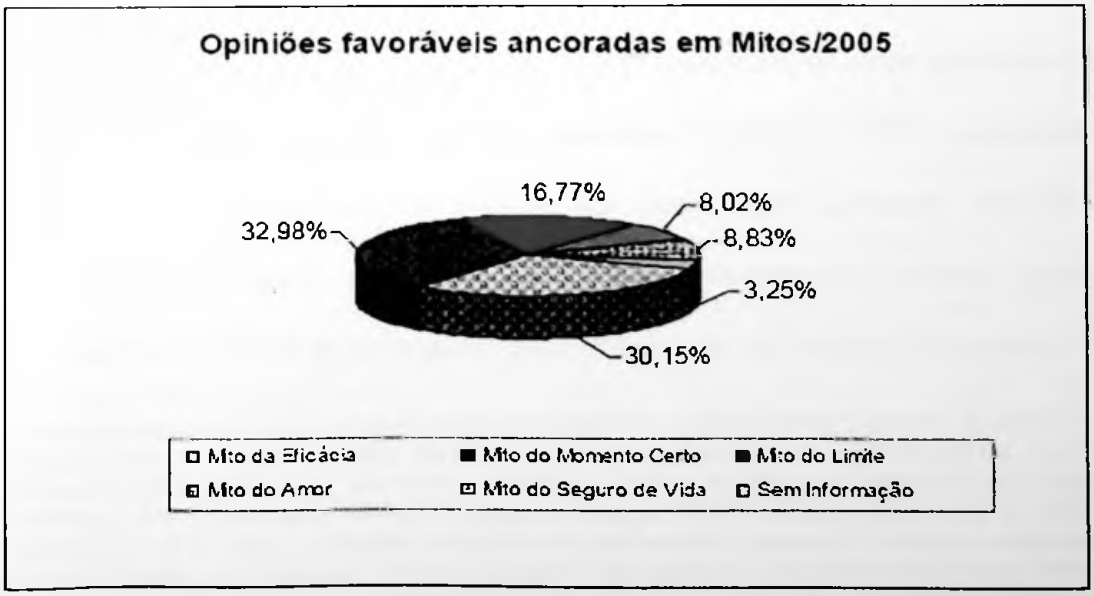


Gráfico 1 – Opiniões favoráveis ancoradas em Mitos/2005

Mas deixemos de lado, por hora, as discussões em torno do substrato sócio-cultural das representações mitológicas e do estado de opinião brasileiro acerca da palmada, e avancemos um pouco mais em nossa revisão, apresentando agora uma breve introdução ao *castigo físico* do ponto de vista do desenvolvimento moral infantil. Conforme La Taille, (2002):

> [...] Saber que um tapa, forma de castigo muito mais aplicada do que 'confessada' pelos adultos, causa, já aos 9 anos, vergonha e/ou humilhação, é um forte argumento, além de todos os outros que condenam o castigo físico, para condenar esta prática herdada do passado. (LA TAILLE, 2002, p.209)

Como se percebe por esta revisão, há poucos estudos brasileiros dedicados ao tema específico da palmada, embora muitos pesquisadores tenham se dedicado, sobretudo a partir de 1995, ao tema da VDCA, e em menor número, ao tema da *Punição Corporal Doméstica*[49]. De qualquer forma, os estudos aqui recuperados sobre a palmada oferecem suficientes subsídios para a problematização da questão, e posterior discussão dos resultados da presente tese. Passemos agora à literatura internacional.

3.2. Literatura Científico-Internacional sobre Palmada

Assim como começamos a revisão da literatura nacional sobre palmada remetendo-nos à Dissertação de Mestrado por nós realizada (LONGO, 2001), principiaremos agora retomando aquele trabalho, no tocante aos livros sobre educação familiar de autores estrangeiros publicados no Brasil. Após isso, passaremos à revisão internacional de publicações científicas propriamente, provenientes em sua maioria de revistas ou periódicos

---

[49] Cabe mencionar ainda duas outras produções acadêmicas (vídeos) sobre o assunto: AZEVEDO, M.A., coord. Criança. *Vozes da infância - A palmada deseduca.* [Vídeo – Desenho animado]. São Paulo, LACRI, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo : Campinas, Núcleo de Cinema de Animação de Campinas : Save the Children, 1998 (1ª versão), 1999 (2ª versão). 1 cassete NTSC, 2,5min. color. son; e AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N.A., coord. *Campanha pela Abolição da Punição Corporal de Crianças e Adolescentes no Brasil.* Crescer: Crescer com palmada? Ou sem palmada? Até quando a sociedade brasileira vai conviver com esta dúvida? [Folder]. São Paulo, LACRI, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004.

de divulgação científica. Comecemos com os autores internacionais favoráveis ao uso das palmadas.

3.2.1. Argumentos favoráveis às palmadas

O renomado médico psiquiatra e psicanalista Donald W. Winnicott, autor de diversos estudos sobre privação afetiva, família e delinqüência, em *Conversando com os pais* (1993), considera a possibilidade das palmadas como uma questão de merecimento e direito paterno.

> Em parte os pais são como mães e podem ficar tomando conta do bebê e fazer todo o gênero de coisas como a mulher. Mas, como pais, parece-me que aparecem pela primeira vez no horizonte do bebê como aspecto inflexível na mãe que a habilita a dizer 'não' e a sustentar a negativa com firmeza. **Casualmente e com sorte este princípio do 'não' passa a estar consubstanciado no homem, o Papai, que passa a ser amado e poderá aplicar o ocasional palmada sem perder nada. Mas ele tem de merecer o direito a dar palmadas, se pretender dá-las.** E para adquirir esse direito deverá fazer coisas, como ter uma presença assídua no lar e não estar do lado da criança contra a mãe. No começo vocês poderão não gostar da idéia de consubstanciar o 'não'; mas talvez aceitem aquilo que eu quero dizer quando lembro que as crianças pequenas gostam que se lhes diga 'não'. Elas não gostam de lidar sempre com coisas amenas e macias; também gostam de pedras, paus e chão duro [...]. (WINNICOTT, 1993, p.47-8, grifo nosso).

Zig Ziglar (1995), escritor e empresário norte-americano, recomenda palmada como parte integrante do processo disciplinar, sobretudo quando a criança é "caprichosamente desobediente".Mas, adverte, não se deve bater com ira, para não ser injusto na dosagem punitiva. O pai ou a mãe

> [...] Deve estar certo de que a intensidade do castigo é proporcional ao erro cometido e que não guarde relação com a intensidade de sua cólera. [...] É preciso que saibam que lhes queremos muito bem e é por isso que temos de castigar a sua desobediência. Os tapas transmitem à criança uma mensagem de preocupação, de interesse por ela, e de amor a ajudarem-nas a eliminar a revolta surda. Os psicólogos afirmam que essa revolta é altamente destrutiva sobretudo se não se encontra remédio. Quando uma criança se rebela, desobedece os seus pais, fica nela certa mágoa de sentir que praticou uma má ação e o remorso é verdadeiro. Umas palmadas servem para eliminá-lo, e [...] as lágrimas da criança lavam o remorso e aliviam a sua consciência. (ZIGLAR, 1995, p.238)

Por fim, o autor tece algumas ressalvas a respeito das palmadas e apresenta os princípios filosóficos e psicopedagógicos que a norteiam.

> Outra coisa que se deve levar em conta no castigo corporal é que nunca convém bater em uma criança pequena ou grande no rosto. É muito interessante observar que o corpo humano foi dotado pela natureza com um sensível mas bem 'acolchoado' ponto de contato disciplinar. Sim, precisamente: no traseiro é onde se deve administrar o castigo que for necessário. **Os doces gozos da vida em família devem ser sabiamente salgados de vez em quando com alguma forma de firme castigo corporal. Isso faz parte da vida normal da criança, uma vez que seja em pequenas quantidades, com cuidado e moderação. Mas, certamente devem usá-los os que querem educar positivamente o caráter do seus filhos[...] Assim como o cinzel do artista golpeia para modelar a pedra e deixar por fim à vista sua obra prima, assim a breve sacudidela da disciplina corporal vai talhando a personalidade da criança**, arrancando-a da imaturidade e da temeridade egoísta para conduzi-la à resistência e maturidade de que precisa para enfrentar um mundo negativo, e ganhar. (ZIGLAR, 1995, p.240-41, grifo nosso).

Nesse último excerto, o trecho grifado remete-nos às concepções aristotélicas, tomistas e humanistas de infância, que apresentam uma visão da criança como tábula rasa, "*disposta para se formarem nella quaesquer imagens*", como recomendava o padre Alexandre de Gusmão (1629-1725) pedagogo e literato, fundador do Colégio de Belém, em Salvador da Bahia, e autor de várias obras pedagógicas, tais como *A Arte de crear bem os filhos na idade da puerícia* (1685) e a *História de Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito* (1685). Como recuperado por Massimi (1999), Gusmão exorta os educadores a não desanimar ante a incapacidade de "lavrar" o menino: não se deve atribuir as causas da ineficácia à personalidade deste, mas ocorre recorrer aos "políticos previstos nesta matéria." Com efeito: "A responsabilidade do processo de aprendizagem da criança depende então dos pais e dos educadores, comparados a agricultores que lançam as primeiras sementes da doutrina na terra que são os ânimos infantis ou a pintores que pintam o painel em branco, ou a escultores que dão forma à pedra." (MASSIMI, 1999, p.111)

A psicóloga norte-americana Elisabeth M. Ellis (1997) também entende que "umas palmadas talvez não machuquem os filhos", desde que se constitua em uma "quantidade de

estresse" que a criança possa "administrar adequadamente" e que seja "normal e apropriada para sua faixa de idade." (ELLIS, 1997, p.132)

Diversos outros manuais sobre "como educar seu filho" continuam sendo publicados no mundo, sobretudo nos países de língua anglo-saxã, contando com boa aceitação no mercado. Alguns tecem um discurso ambíguo em relação ao problema, com o que deixando aos pais-clientes a escolha do cardápio punitivo. Alguns se tornam *best-sellers* e são vertidos para diversos outros idiomas. É o caso do recente *Domando sua Ferinha*, do Dr. Christopher Green, médico, pediatra e consultor em Sydney, Austrália, com "um milhão de cópias vendidas em todo o mundo", segundo chamada na capa do livro. Obviamente, como em todo manual de orientação aos pais sobre a árdua tarefa de educar os filhos, o capítulo destinado à *disciplina* não poderia faltar, quando então aborda a questão do "tapinha" sob a rubrica "Bater nas Crianças", logo após interrogar-se sobre a possibilidade de existência de lugar para a democracia na relação entre pais e filhos. Escreve:

> Numa visão panorâmica do assunto, um tapa corretivo e ocasional é praticamente inofensivo, apesar de ainda permanecer como uma forma ineficiente de disciplina. Usualmente é ineficaz, porque é desencadeada num ataque de temperamento, seguindo-se ao que as crianças capitalizaram através de nossa culpa e fraqueza, usando-as em vantagem própria. (GREEN, 2003, p.35)

Ao sistematizar os "bons" e "maus" resultados desta estratégia ético-disciplinar, o autor assume a possibilidade da existência de um lado bom da palmada, sua utilidade, isto é, assume-a parcialmente como um *bem* :

> Se tiver que recorrer a bater em seu filhinho, então você precisa ter idéia dos possíveis resultados, bons e maus. **[Resultados bons:]** Resolve uma situação sem saída. **Dar um tapinha é útil quando crianças e pais estão presos numa situação sem saída,** dentro de um assunto que precisa de solução, por exemplo, se a criança se recusa a ficar presa ao assento do carro. **Quando todo o resto falhou e nossa autoridade está em jogo,** um tapa de leve geralmente resolve o assunto logo. Impede o perigo. Acredito que um tapinha bem dado pode ser um bom impedimento para assegurar que uma ação perigosa nunca mais se repita. Não vejo nada errado em um tapa imediato, que reforçará a mensagem de que aquilo que aconteceu nunca mais deverá acontecer de novo. [...] **[Maus resultados]** Tapa não superado. Muitos tapas parecem acontecer quando os pais estão zangados. Na hora, eles se sentem melhor, mas é sempre uma disciplina doentia, ao mesmo tempo intempestiva e desapropriada. O problema para a maioria dos pais surge dois minutos depois, quando, após o dilúvio de lágrimas da criança, a raiva se transforma em culpa. [...] (GREEN, 2003, p.36-7, grifo nosso)

3.2.2. Argumentos contrários às palmadas

A psicóloga e sexóloga Shere Hite (1995), desaconselha o uso das palmadas por motivos relacionados a questões de poder e desenvolvimento *psicossexual*.

> Para muitas crianças, principalmente depois dos cinco ou seis anos, o único contato físico que têm com seus pais é quando são castigadas, quando um dos pais realmente põe as mãos e detém controle físico sobre o corpo da criança, tocando-o e movendo-o de alguma forma.[...] As palmadas e surras transmitem uma forte mensagem tácita relacionando poder, violência e sexualidade. A palmada em especial é uma experiência sexual invasiva que define o corpo da criança e une as nádegas e os órgão genitais com violência e às vezes prazer. Palmadas esporádicas e relativamente não brutais [...] são menos traumáticas que surras abusivas violentas e repetidas, freqüentemente premeditadas [...]. Mas quase todas as palmadas ainda são lembradas.[...] Meninos e meninas apanham com a mesma freqüência, mas de modo diferente. As meninas tendem a ser castigadas pela mãe, geralmente com tapas 'mais espontâneos'. Se um pai castiga uma filha, isso tende a não ser espontâneo [...] e a envolver palmadas ou surras de cinto. Geralmente o castigo de um pai é mais severo e temido, ele parece maior, mais dominador e assustador. (HITE, 1995, p.33-4).

Segundo Hite, as palmadas estão nas origens dolorosas de grande parte do sado-masoquismo adulto.

> [...] O ensino dessas relações entre o poder e o órgão genital freqüentemente criam um forte laço de amor e ódio, medo e intimidade com a pessoa que cometeu o abuso. Quando uma criança apanha nas nádegas o sangue flui para a área causando um formigamento nos órgãos genitais. As meninas [...] parecem tender um pouco mais a apanhar nas nádegas enquanto os meninos apanham nas costas, ou na parte posterior das pernas. Uma parte maior da anatomia sexual das meninas é exposta na posição inclinada [...]. Embora os testículos fiquem vulneráveis nessa posição, o pênis permanece na frente do corpo, enquanto a abertura da vagina, mais próxima da parte de trás da vulva, está mais perto da área de fluxo sangüíneo causado pelos golpes. Esse tipo de contato violento pode ser sexualizado na mente infantil não só devido a um real fluxo sangüíneo para a genitália, mas também devido a um desejo de intimidade com os pais: se o contato físico [...] é a única satisfação desse desejo, então isso pode ser bom. (HITE, 1995, p.42-3).

E adiante:

> A agressão a uma parte do corpo da criança tão perto dos seus órgãos genitais geralmente acontece. A nossa sociedade acha que esses órgãos deveriam ser cobertos; é vergonhoso mostrá-los. (Deve ter significados desconcertantes para a criança. O que ela significa? Que os pais desejam ter intimidade com a criança - mas que ela deve ser punida porque esse desejo é culpa? Que essa sua parte é tão indecente, os órgãos genitais são indecentes, que os pais queiram bater nela? Que os pais agora querem destruir os órgãos genitais ou aquela parte, a parte ruim do corpo da criança?) Certamente, no caso das palmadas, ao contrário das surras, a criança pode achar que está sendo punida não só apanhando mas também com a humilhação de ter de inclinar-se, mostrar essa parte indigna. Todas essas idéias e muitas outras passam rapidamente pela cabeça da criança como um lampejo de realidade, sem que a névoa da realidade da sociedade encubra esse *insight* e lhe dê a interpretação certa do que aconteceu,

3.2.2. Argumentos contrários às palmadas

A psicóloga e sexóloga Shere Hite (1995), desaconselha o uso das palmadas por motivos relacionados a questões de poder e desenvolvimento *psicossexual*.

> Para muitas crianças, principalmente depois dos cinco ou seis anos, o único contato físico que têm com seus pais é quando são castigadas, quando um dos pais realmente põe as mãos e detém controle físico sobre o corpo da criança, tocando-o e movendo-o de alguma forma.[...] As palmadas e surras transmitem uma forte mensagem tácita relacionando poder, violência e sexualidade. A palmada em especial é uma experiência sexual invasiva que define o corpo da criança e une as nádegas e os órgão genitais com violência e às vezes prazer. Palmadas esporádicas e relativamente não brutais [...] são menos traumáticas que surras abusivas violentas e repetidas, freqüentemente premeditadas [...]. Mas quase todas as palmadas ainda são lembradas.[...] Meninos e meninas apanham com a mesma freqüência, mas de modo diferente. As meninas tendem a ser castigadas pela mãe, geralmente com tapas 'mais espontâneos'. Se um pai castiga uma filha, isso tende a não ser espontâneo [...] e a envolver palmadas ou surras de cinto. Geralmente o castigo de um pai é mais severo e temido, ele parece maior, mais dominador e assustador. (HITE, 1995, p.33-4).

Segundo Hite, as palmadas estão nas origens dolorosas de grande parte do sado-masoquismo adulto.

> [...] O ensino dessas relações entre o poder e o órgão genital freqüentemente criam um forte laço de amor e ódio, medo e intimidade com a pessoa que cometeu o abuso. Quando uma criança apanha nas nádegas o sangue flui para a área causando um formigamento nos órgãos genitais. As meninas [...] parecem tender um pouco mais a apanhar nas nádegas enquanto os meninos apanham nas costas, ou na parte posterior das pernas. Uma parte maior da anatomia sexual das meninas é exposta na posição inclinada [...]. Embora os testículos fiquem vulneráveis nessa posição, o pênis permanece na frente do corpo, enquanto a abertura da vagina, mais próxima da parte de trás da vulva, está mais perto da área de fluxo sangüíneo causado pelos golpes. Esse tipo de contato violento pode ser sexualizado na mente infantil não só devido a um real fluxo sangüíneo para a genitália, mas também devido a um desejo de intimidade com os pais: se o contato físico [...] é a única satisfação desse desejo, então isso pode ser bom. (HITE, 1995, p.42-3).

E adiante:

> A agressão a uma parte do corpo da criança tão perto dos seus órgãos genitais geralmente acontece. A nossa sociedade acha que esses órgãos deveriam ser cobertos; é vergonhoso mostrá-los. (Deve ter significados desconcertantes para a criança. O que ela significa? Que os pais desejam ter intimidade com a criança - mas que ela deve ser punida porque esse desejo é culpa? Que essa sua parte é tão indecente, os órgãos genitais são indecentes, que os pais queiram bater nela? Que os pais agora querem destruir os órgãos genitais ou aquela parte, a parte ruim do corpo da criança?) Certamente, no caso das palmadas, ao contrário das surras, a criança pode achar que está sendo punida não só apanhando mas também com a humilhação de ter de inclinar-se, mostrar essa parte indigna. Todas essas idéias e muitas outras passam rapidamente pela cabeça da criança como um lampejo de realidade, sem que a névoa da realidade da sociedade encubra esse *insight* e lhe dê a interpretação certa do que aconteceu,

> isto é: 'aquilo foi necessário', 'os pais tinham de fazê-lo', 'você mereceu, isso o tornará uma pessoa melhor - o endireitará'. [...] É a distância do poder que está sendo gravada no cérebro: a criança é aterrorizada, dominada por uma agressão vinda de alguém que ela também ama e de quem, em outras ocasiões, é o seu temor. (HITE, 1995, p.46).

A partir desta aproximação psicanalítica que faz sobre as palmadas, Hite (1995) revela-nos possíveis aspectos nefastos relacionados ao desenvolvimento psicossexual e afetivo da criança educada sob palmadas, sobretudo por incidirem sobre zonas erógenas e erotizarem a coação paterna.

Merece particular atenção em nossa revisão internacional o livro *La Fessée,* de Olivier Maurel (2001), por dedicar-se amplamente às questões relacionadas à palmada, através de 100 questões sobre os castigos corporais, assemelhando-se assim a uma espécie de manual de orientação a pais e educadores.

Fessée, do francês, vem de *fesse*, nádega, significa palmada nas nádegas, ou açoite. Maurel (2001) aponta que, em sondagem realizada em janeiro de 1999, constatou-se que 85% das crianças francesas são batidas (*frappés*) por seus pais. Em diversos países do mundo esta proporção se eleva à 90 ou 95%. Ou seja, a grande maioria das crianças, de diversas nacionalidades e diferentes culturas, parece apanhar dos pais em casa, através de diversos meios e modos de punição corporal, sobretudo a palmada, talvez por não necessitar de nenhum outro instrumento, que não a mão humana. O autor recupera uma breve história dos castigos corporais, apontando que estudos etnológicos sobre as crianças mostram que determinadas tribos praticavam os castigos corporais, enquanto outras não. Quanto às primeiras grandes civilizações, parece quase não haver exceção, afirma Maurel (2001): da Suméria ao Chipre, da Índia à antiga América pré-colombiana, bateu-se nas crianças.[50]

---

[50] Seria bastante instigante o trabalho de recuperação a respeito da História da Punição Corporal de Crianças, passando pelas concepções da criança durante os séculos do Renascimento e Iluminismo, e com o advento da chamada Pedagogia e Psicologia "científica" de fins do século XIX, chegando ao presente momento. Entretanto fugiria em demasia ao escopo do presente estudo, e não o abordaremos em profundidade, contentando-nos apenas com as considerações já realizadas ao apresentarmos nossa problemática. Sobre a História da Punição Corporal de Crianças remetemos, além de Maurel (2001), à tese de Wilson (2000), e, quanto à história da

Maurel (2001) assinala que a fundamentação ou justificativa mais arcaica para se bater em crianças vem da tradição religiosa, da idéia de que a criança possui o mal em si, o "diabo no corpo", e, para extirpá-lo, deve-se batê-lo. Esta crença pode justificar a própria morte por espancamento da criança, quando, na crença dos pais ou grupo social, está dominada pelo mal. Também de fundo religioso, semelhante à anterior, é a idéia de que a criança seria um "ser perverso" por natureza a ser corrigido, pois a alma da criança tenderia para o mal. Outra justificativa consiste em dizer que a criança é um *petit animal* que deve ser adestrado e domesticado. As pancadas, nesse caso, são indispensáveis, mas deve-se evitar o abuso, crê-se. A justificativa mais recente reconhece que bater é uma má solução, mas que não se pode fazer outra coisa em determinadas situações.

Maurel (2001) cita diversos estudos científicos recentes que oferecem sólida fundamentação ao porque se deve renunciar aos castigos corporais. Em primeiro lugar, em crianças de pouca idade, ser batido pode produzir perturbações no desenvolvimento do cérebro. Há estudos que comprovam relações entre a palmada e lesões imediatas. A palmada, considerada por alguns como totalmente inofensiva, pode ser em realidade perigosa, causando deslocamentos e contusões no nervo ciático, *coccyx* e órgãos sexuais. As palmadas na infância podem inclusive predispor aos acidentes, como apontado por outras pesquisas.

Ademais, prossegue Maurel (2001), os castigos corporais não são verdadeiramente indispensáveis, e tampouco são eficazes, pois a criança obedece a ordem que recebe somente de imediato, por medo das pancadas. Ao apanhar, a criança aprende de seus pais lições ou princípios de violência, contrários à civilização. Nesse sentido, experiências freqüentes com os castigos corporais podem levar a criança à delinqüência: "o delinqüente mais agressivo é aquele que foi o mais batido." (MAUREL, 2001, p.42, tradução nossa).

---

punição corporal de crianças no Brasil, à Azevedo e Guerra (2001a) e Longo (2001), que trabalham a partir da História da Infância e da história das idéias psico-pedagógicas disciplinares sobre a criança no Brasil, valendo-se da historiografia brasileira clássica (Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, entre outros) e contemporânea (Mary del Priore, Maria Luiza Marcílio, M.C Freitas, entre outros).

Os castigos corporais podem ainda tornar a criança insensível e masoquista, e mesmo predispondo-a ao abuso sexual infantil, na medida em que:

> [...] As crianças que têm sido batidas não consideram que seu corpo lhes pertença. As pancadas habituam-nas a aceitar a idéia de que os adultos têm um poder absoluto sobre seus corpos, compreendendo o direito de lhes fazer mal. As palmadas convencem-nas, de outro modo, que suas zonas sexuais são submissas à vontade dos adultos. (MAUREL, 2001, p.45, tradução nossa).

Do ponto de vista do *desenvolvimento da moralidade infantil*, e isso interessa-nos particularmente nesse estudo, Maurel (2001) aponta que o sentido do *bem* e do *mal* pode ser perturbado a partir da lógica subjacente à punição corporal. Interroga-se sobre a coerência em se bater em uma criança, como se faz freqüentemente, para ela aprender a não bater em outros, ao que aponta que os castigos corporais alteram o senso do bem e do mal na criança. Ora, o que pode reter uma criança, que se conduz, sobretudo, por imitação, sobre ensinamentos contraditórios? Os castigos corporais não favorecem o aprendizado moral e de comportamentos tidos como adequados.

> Se diz freqüentemente que bater em uma criança é um meio para ela aprender 'a lei' e os limites que deve conhecer. Estranho meio de instrução cívica, interditado na vida adulta sobre os outros adultos, condenado pela Convenção dos Direitos da Criança assinada por todos os países [...] E, como poderia se ensinar limites utilizando um meio, os golpes, que é ele mesmo uma invasão violenta (*effraction*) do território da criança, uma transposição dos limites de segurança, e um meio que é muito difícil de manter nos limites do razoável? (MAUREL, 2001, p.57, tradução nossa).

A palmada na infância pode se constituir, pois, como uma experiência de desrespeito ao direito à integridade e à intimidade da criança, premissa da qual partimos.

Por fim, Maurel (2001) tece considerações sobre os princípios adquiridos por um *enfant frappé*. O que uma criança aprende depende mais da maneira pela qual ela é ensinada do que do que se procura ensinar propriamente, pois é sobre a base empírica, da vivência, que ela forma seus "princípios de vida". Assim, sob o signo das punições corporais, ensina-se à criança os piores princípios do *maquiavelismo*, da covardia e da crueldade. São eles:

> - Os maiores e os mais fortes têm o direito de bater nos menores e mais fracos. A razão do mais forte é sempre a melhor. – Quando se é fraco e pequeno, pode-se ser submetido à

violência. – Pelo bem das crianças, pode-se lhes fazer mal. O fim justifica os meios. – Pode-se bater em alguém por seu próprio bem. - Quando se ama alguém, tem-se o direito de fazê-lo sofrer. Quem bem ama bem castiga. – Se há razão para me bater é porque eu sou mau.. – A maior parte das crianças apanham, então a maioria das crianças são más. – Não se deve dar atenção ao sofrimento daqueles que são batidos." (MAUREL, 2001, p.58, tradução nossa).

Maurel (2001) conclui que tais "princípios" morais se inscrevem no mais profundo do espírito da criança e irão inspirar suas condutas quando adulto, sem mesmo que saiba de onde elas provêm.

Shelov e Hannemann (2006), responsáveis pelo Guia Oficial da Academia América de Pediatria (AAP), assumem da mesma forma um posicionamento claramente contrário às palmadas e demais punições corporais, salientando a importância de evitar bater na criança ou agredi-la de qualquer forma ao discipliná-la:

> Não importa a idade a qual tenha sido o seu comportamento, a punição física é sempre uma forma inadequada de responder. Bater apenas ensina a criança a ser agressiva quando estiver chateada.[...] Não há uma maneira *menos* efetiva de disciplinar uma criança e, certamente, não ensina ao seu filho uma forma alternativa de ele se comportar. Também compromete a comunicação eficiente entre vocês, bem como enfraquece o senso de segurança da criança. (SHELOV; HANNERMANN, 2006, p.292-293).

Noutra passagem, esses autores apontam as principais razões a partir das quais afirmam que bater, dar tapas e gritar com uma criança *de qualquer idade* traz mais prejuízos do que benefícios:

> 1. Mesmo que isso a impeça de se comportar mal naquele momento, também ensina a criança que ela pode bater e gritar quando estiver triste ou com raiva. [...] Crianças que são espancadas costumam se transformar em espancadores, pois aprenderam que a violência é uma forma aceitável de expressar a raiva e de disciplinar. 2. A punição física pode machucar o seu filho. Se um pequeno tapa não funcionar, muitos pais baterão com mais força ao ficarem mais irritados e frustrados. 3. A punição física torna a criança irritada e ressentida com os pais. Em vez de desenvolver uma autodisciplina, é mais provável que as crianças tentem revidar continuando a se comportar mal, mas sem serem descobertas. 4. A punição física dá à criança uma forma de atenção extrema. Apesar de ser desagradável, até mesmo dolorosa, significa para a criança que ela obteve a atenção dos pais. [...] A criança pode achar que o mau comportamento e a punição que o segue são uma forma de obter atenção dos pais. A punição física é prejudicial emocionalmente para os pais e para a criança. É a forma menos eficiente de disciplina. (SHELOV; HANNERMANN, 2006, p.323-324).

*

Antes de iniciarmos a revisão de outras fontes bibliográficas internacionais sobre a palmada, em especial dos artigos publicados em revistas científicas indexadas, cabem algumas distinções terminológicas que nortearam essa busca. Como já assinalado, a pesquisa sobre PCDCA é bastante extensa, e o nosso foco, no presente estudo, é especificamente sobre a *palmada*. Entretanto, observou-se que alguns artigos que versam sobre palmadas são recuperados a partir de indexadores mais abrangentes, como *Corporal Punishment, Physical Maltreatment* ou mesmo *Child Abuse*. Assim, para localizar os estudos que ora nos interessam foi necessária atenciosa leitura de referências mais amplas, tendo atenção para escritos relacionados aos temos *Spank* e *Smack*, uma vez que, em língua inglesa, os pesquisadores utilizam, por vezes indiscriminadamente, diversos termos para se referirem às palmadas, punições corporais ou violência física. Trata-se de um problema terminológico ou etimológico, não menos importante.

Como um grande número de pesquisadores ainda insiste em adjetivar a punição corporal de "moderada" ou "imoderada", estando a palmada classificada invariavelmente no primeiro grupo, e como são ainda relativamente raros os estudos que se dedicam especificamente sobre *smacking*, e sim sobre *spanking*, que já ganha conotação de surra ou espancamento, o trabalho de revisão bibliográfica torna-se bastante delicado e restrito, além de trabalhoso. Assim, quando os autores referem-se a punição corporal "moderada", "leve", "razoável", ou "não-abusiva", adotamos o critério de subentender que estão se referindo, de forma elíptica, às palmadas que queremos enfocar. Por isso também incluímos esses estudos.

Essa dificuldade conceitual talvez se explique devido a uma impossibilidade de ordem prática, isto é, o fato de que as formas cotidianas através das quais os pais batem em seus filhos são muitas, e são dinâmicas, e, por vezes, diferentes atos (pela forma e força) são designados com o mesmo nome. Embora o ato de bater nos filhos seja concreto, observável, sua percepção é sempre subjetiva, tanto para quem apanha quanto para quem bate. Sendo

assim, como julgar um ato punitivo com a palma da mão aberta em direção ao corpo de uma criança como "moderado" ou "leve", para poder considerá-lo como uma "inofensiva palmadinha"? Qual o parâmetro? A avaliação de quem o executa ou de quem o sofre?! Ouçamos o que dizem as crianças, entendamos os *sentidos* que a experiência de apanhar do pai ou da mãe ao longo da infância assume em sua história de vida.

Após tais observações, passemos agora aos estudos internacionais que abordam direta ou indiretamente a controversa questão das palmadas. Optamos, por questões de clareza e possibilidades comparativas, em apresentá-los sob a forma de um quadro de levantamento bibliográfico, destacando os sujeitos e/ou objetivos de pesquisa, estratégias metodológicas utilizadas, o *locus* do objeto de estudo, e as principais conclusões obtidas sobre a palmada. Trata-se de um *Corpus* bibliográfico representativo da diversidade teórico-epistemológica dos estudos sobre a problemática aqui tratada, cobrindo o período de 1990 a 2007.

Quadro 1. Síntese do Levantamento Bibliográfico Internacional sobre Palmada (1990-2007).

N.	Ano	Autores	Tipo de Publicação	Sujeitos ou Objetos do Estudo*	Metodologia de Pesquisa	Principais Resultados e Conclusões concernentes à Palmada	Área	*Lócus***
1	1990	Davis	Publicação institucional da *Society for the Study of Social Problems (SSSP)* (Relato de pesquisa).	135 crianças que apanharam dos pais em público.	Observação direta da relação entre adulto-criança, em *setting* público na cidade de Atlanta (Ga.), ao longo de 1989. Dados quantitativos e etnográficos.	As 135 crianças vivenciaram um total de 310 tapas (*slaps*), palmadas (*spanks)* e outros golpes (*hits*). Examina os episódios de pancadas (*hits)*, uso de objetos, recorrência de episódios e aparente aceitação da vítima. De todas as crianças batidas, 50% vivenciaram um único episódio consistindo de um único golpe. Entretanto, das crianças observadas no período de 5 a 10 minutos seguintes ao episódio inicial, 33% vivenciaram ao menos um episódio subseqüente de pancada (*hitting)* e 12% foram batidas com objetos. As crianças que apanharam com objetos aparecem mais em cenas de múltiplas pancadas por episódios (*hits-per-episode*) se comparadas às crianças que foram batidas apenas com a mão (*hit by hand*). Consistente com a estrutura normativa do enquadre público, pessoas estranhas não se envolveram nas cenas de pancadas (*hitting scenes*), e os adultos, ao baterem, minimizam a expressividade e o contato com o grupo e em relação a estranhos.	Ciências Sociais (Sociologia/ Etnografia)	América do Norte, Estados Unidos.
2	1991	Buriel	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	Mães hispânicas, nascidas no México ou nos EUA, residentes nos EUA.	Análise comparativa inter-grupos: Mexicanas-americanas X Americanas-Mexicanas.	As mães nascidas no estrangeiro utilizavam mais as palmadas e admoestações verbais do que as mães nativas mexicanas. Não se constatou preferência pelas palmadas entre as mães nativas.	Psicologia (Ciência do Comportamento	América do Norte, Estados Unidos.

3	1992	Krugman; Mata; Krugman	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa piloto).	497 estudantes da Universidade de Costa Rica.	*Survey* sobre percepções e experiências com várias formas de punição e experiências com abuso sexual durante a infância.	A palmada mostrou-se ser a forma de "correção" (*discipline)* com maior aceitação e a forma mais comum de disciplinamento (*discipline)* entre os estudantes universitários costa-riquenhos. A maioria dos estudantes considerou outros tipos ou formas punitivas de abuso. Este estudo não possui um grupo de comparação e não pode ser generalizado para toda população da Costa Rica. A seção sobre abuso sexual demonstrou que 32% das mulheres e 13% dos homens experimentaram algum tipo de abuso sexual durante a infância. O abuso ocorreu principalmente entre as idades de cinco e 10 anos, e os homens eram na maioria dos casos os perpetradores.	Medicina (Pediatria)	América Central, Costa Rica.
4	1992	Rostión Allel *et al.*	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	33 crianças (22 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com idade média de 4,4 anos) que deram entrada no Hospital *Roberto del Rio,* entre 1982 e 1989, por diagnóstico de Síndrome da Criança Maltratada.	Estudo de casos.	As crianças têm sido vítimas de abuso por parte dos adultos durante séculos. Somente nos últimos 40 anos começou-se a difundir como um problema público maior. Os menores de um ano constituíram 35% dos casos. As lesões variam desde leves a graves. O castigo foi impetrado em 93,9% dos casos por um ou ambos os pais. Ao longo do tratamento médico de cada caso e da investigação legal pertinente, 78% das crianças regressaram ao lar de origem ou de algum parente próximo, o que significa que poderiam continuar sendo maltratadas.	Medicina (Pediatria)	América do Sul, Chile.
5	1993	Vargas Catalán *et al.*	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	527 pais e responsáveis residentes na região metropolitana da cidade de Santiago, Chile assim distribuídos: 173 (32,8%) de um colégio municipal, 250 (45,5%) de um subvencionado (ambos gratuitos e laicos) e 104 (19,7%) de um colégio particular, pago e católico.	Aplicação de questionário anônimo, com respostas fechadas, para conhecer opiniões e condutas concernentes ao castigo físico de crianças.	A proporção de pais que reconheceu golpear às crianças variou de 56,7% (particular) a 78,0% (municipal) e 82% (subvencionado); apesar de que 34,1% (municipal) e 51,9% (particular) disseram que nunca se deve bater nos filhos. Em dois colégios as mulheres reconheceram com mais freqüência que os homens que batiam nas crianças ($p < 0,01$). Não estudar, desafiar e escapar de casa foram razões mais freqüentes para justificar o castigo físico nos colégios gratuitos; enquanto que desafiar foi a razão mais freqüente no colégio particular. As mulheres tenderam a justificar todas as razões de castigo em porcentagens maiores que os homens. Não houve diferenças marcantes dos castigos físicos usados, ainda que no colégio particular os pais não reportaram o uso de correia para bater. Concluiu-se que o castigo físico às crianças pode estar associado ao nível sócio-econômico.	Medicina (Pediatria)	América do Sul, Chile.

6	1994	Buntain Ricklefs *et al.*	Artigo de periódico científico (relato de pesquisa).	449 pais norte-americanos.	*Survey* sobre formas de punições vividas durante a infância.	94% dos sujeitos entrevistados sofreram palmadas durante a infância, e 88% aprova essa forma mais comum de punição. Variáveis de raça, nível social e educacional não foram fatores significativos para aprovação ou reprovação das palmadas.	Educação	América do Norte, Estados Unidos.
7	1994	Flynn	Artigo de periódico científico (relato de pesquisa).	978 adultos norte-americanos, com idades variando de 30 a 60 anos..	Questionário estruturado a respeito de anos de educação, número de crianças, renda, gênero, raça, religião, região geográfica e atitudes em relação a palmada.	Resultados mostram que 79.6% dos sujeitos defendem o uso da palmada. Há variações quanto à região geográfica: os sujeitos do Nordeste dos EUA reportaram menos atitudes favoráveis em relação à punição corporal do que aqueles que eram do Oeste, Centro-Oeste ou Sul; 86% dos sujeitos do Sul defenderam a punição corporal. Atitudes favoráveis em relação às surras aumentam com o incremento do número de filhos, baixa renda e nível educacional, e afiliação a igrejas Protestantes conservadoras.	Psicologia	América do Norte, Estados Unidos.
8	1995	Cohen	Artigo de periódico científico (discussão teórica).	Objeto de discussão: A questão do direito dos pais de baterem em seus filhos.	Problematização a respeito do direito dos pais baterem nos filhos, à luz da lei, da jurisprudência e dos novos movimentos advocatícios.	Questiona se a palmada envolve abuso infantil ou é uma forma aceitável de disciplina no Canadá. Embora o Código Criminal canadense (Seção 43) aceite o uso de "força moderada" como medida disciplinar por pais e professores, há um grupo de advogados que acredita que este preceito possa ser repelido. A jurisprudência indica que a questão da abolição da punição corporal é controversa entre a Corte canadense.	Direito	América do Norte, Canadá.
9	1995	Holden,; Coleman; Schmidt	Artigo de periódico científico (relato de pesquisa).	39 mães norte-americanas (com nível colegial) de crianças de três anos de idade.	Entrevistas telefônicas realizadas durante 14 dias.	A maioria das mães (77%) afirmou bater nos filhos uma média de 2,5 vezes por semana. Dos 537 incidentes graves de mau comportamento (*misbehavior*) da criança, descritos em detalhe, 16% terminaram em surra. Certos tipos de maus comportamentos, notadamente agressão, aparecem como mais prováveis do que outras más ações (*misdeeds*) para eliciar a surra.	Ciências Sociais	América do Norte, Estados Unidos

10	1998	*American Academy of Pediatrics* (AAP)	Publicação institucional (*Periodic Survey*).	603 Pediatras norte-americanos, pós-residentes que mantinham contato direto com pacientes.	*Survey* sobre atitudes e práticas pediátricas de aconselhamento em relação à punição corporal doméstica, conduzido de outubro de 1997 a março de 1998. Após seis tentativas de contato via correspondências eletrônicas, 62% dos sujeitos responderam à pesquisa.	A opinião dos pediatras sobre o uso de punição corporal em casa varia: 53,4% afirmaram que geralmente se opõem ao uso da punição corporal pelos pais, embora acreditem que uma "palmada ocasional", sob certas circunstâncias, pode ser uma forma efetiva de disciplina; 31,4% dos pediatras são completamente contra o uso de punição corporal pelos pais contra os filhos, sob quaisquer circunstâncias; 14% dos pediatras disseram que defendem, em princípio, o "uso limitado" da punição corporal pelos pais; somente 1,5% disseram-se indecisos em relação à punição corporal. Metade (50,3%) dos entrevistados acredita que os pediatras têm a obrigação de tentar eliminar a palmada como forma de disciplina infantil. Três quartos (73,9%) dos pediatras responderam terem sido surrados quando crianças; 11,6% disseram ser essa a estratégia disciplinar de preferência dos pais. Por fim, 35,4% dos pediatras disseram que recorrem às surras para disciplinar seus próprios filhos, e cerca de 1% apenas disseram ser a palmada seu método mais usado de disciplina.	Medicina (Pediatria)	América do Norte, Estados Unidos.
11	1998	Qasem, *et al*	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	337 mães e pais do Kuwait com pelo menos um filho vivo. [O propósito maior do estudo foi descrever as atitudes parentais frente aos castigos físicos e examinar possíveis correlações sócio-demográficas. Um objetivo relacionado foi avaliar a associação entre o fato dos pais terem sofrido eles mesmos o castigo físico quando crianças e suas atitudes em relação ao uso do castigo físico com seus filhos.]	Realizou-se uma *pesquisa trans-seccional* durante a segunda semana de dezembro de 1996 em cinco clínicas gerais que cobrem as áreas administrativas do Kuwait. 95% dos sujeitos contratados foram entrevistados com êxito através de um questionário estruturado. Enquanto método estatístico, utilizou-se *análise de regressão múltipla..*	86% dos pais concordaram com o castigo físico como forma de disciplinar os filhos. A aceitação do castigo foi maior no caso de má conduta grave como roubar (63%) e usar drogas (77%). Os resultados da análise de regressão múltipla demonstraram que o baixo nível de educação dos pais e uma etnia beduína estavam positivamente associados com a aceitação do castigo físico. Uma grande proporção de pais afirmou que eles mesmos sofreram castigo físico, e que estavam de acordo com este castigo para disciplinar seus filhos, mas isto não obteve significação estatística. Conclui que uma associação inversa entre o nível educativo e a concordância com o castigo físico sugere que as atitudes em relação a esta forma de disciplina infantil estão mudando. Aqueles indivíduos de um contexto étnico beduíno, todavia, aderem mais estritamente às formas tradicionais de disciplina infantil incluindo os golpes físicos. Existe una necessidade de investigar o possível impacto psicossocial negativo do castigo físico à luz dos estudos em outros países.	Ciências Sociais	Ásia, Kuwait.

12	1999	Durrant	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	O objetivo deste estudo foi examinar os efeitos sociais das mudanças legais e políticas públicas implementadas nas duas últimas décadas na Suécia em relação à proibição de toda forma de punição corporal contra crianças e adolescentes. Pretende avaliar o grau em que este objetivo foi alcançado.	Os dados preliminares foram coletados de fontes suecas oficiais para as seguintes variáveis: sustentação pública para a punição corporal, relatório sobre abuso físico de crianças, mortalidade proveniente do abuso infantil, taxas de acompanhamento (*prosecution*) e intervenção pelas autoridades sociais. Linhas de melhor ajuste foram geradas e os testes de tendências de Cox e de Stuart foram conduzidos.	A sustentação pública da punição corporal declinou, a identificação das crianças em risco aumentou, a mortalidade proveniente do abuso de criança é raro, as taxas de reincidência remanesceram firmemente, e a intervenção do serviço social tornou-se cada vez mais de suporte e preventiva. Conclusões: A proibição sueca foi altamente bem sucedida em realizar seus objetivos. [Em 1979, a Suécia se transformou na primeira nação a proibir explicitamente todas as formas de punição corporal em crianças por pais ou responsáveis, agindo no sentido de alterar atitudes públicas em relação a esta prática, identificar precocemente o aumento das crianças em situação de risco de abuso, e promovendo uma intervenção mais adiantada e mais de suporte às famílias.]	Direito	Europa, Suécia.
13	1999	Murphy Cowan & Stringer	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	371 pais e mães norte-irlandeses, de diferentes classes sociais. [Questão: A transmissão inter-geracional do uso da punição física no disciplinamento infantil.]	Aplicação aos pais de questionário estruturado sobre medidas de aceitação do uso da punição física, da hostilidade, e de outras estratégias disciplinares.	Os resultados revelam que 91% dos pais usaram a punição física para disciplinar seus filhos, incluindo aí 44% na categoria que "dá palmada (*smacked*) somente muito raramente"). Os resultados dos pais da *classe trabalhadora* sugerem que a punição física usada por seus pais em níveis baixos, médios e elevados corresponde aos níveis de punição empregados pelos entrevistados com seus próprios filhos. Os pais da *classe média* que relataram níveis baixos ou médios de disciplinamento corporal parental indicaram um padrão similar da transmissão inter-geracional. Entretanto, pais da *classe média* que afirmaram terem recebido níveis mais elevados de punição corporal tiveram taxas mais baixas da punição em relação a seus próprios filhos.	Psicologia Social.	Europa, Irlanda do Norte.

14	2000	Cheng	Tese de Doutorado.	As conseqüências a curto e longo prazo da punição corporal em crianças.	Tese teórica - revisão e problematização da literatura científica sobre punição corporal de crianças.	Estudos recentes passaram a examinar mais especificamente a influência da cultura sobre as percepções infantis e interpretações da palmada (*spanking*), e seus efeitos subseqüentes sobre o comportamento da criança. Um entendimento mais compreensível dos *efeitos da punição corporal* requer levar em consideração o contexto da disciplina e do relacionamento entre pais e filhos, a influência das características da criança e dos pais, assim como o *contexto cultural* no qual a punição corporal acontece.	Psicologia	América do Norte, Estados Unidos.
15	2000	Chenoweth & Just	*Paper*	O uso de punições corporais no disciplinamento infantil.	Discussão teórica – apresentação de linhas gerais para a administração "apropriada" das punições corporais.	Apresenta as razões dos pais para o uso das palmadas, tecendo argumentos em favor do uso da punição corporal, diferenciando entre seu uso eficiente (*effective use*) e seu uso prejudicial (*harmful use*). Apresentando resultados de pesquisas que apontam que uma leve palmada uma vez por semana não afeta negativamente o ajustamento da crianças Aponta em direção à contribuição das crenças parentais sobre a palmada e suas emoções em relação a essa prática. Conclui que a palmada é uma forma apropriada e eficiente de punição corporal.	Psicologia/ Educação	América do Norte, Estados Unidos.

16	2000	Davis	Publicação institucional da *Society for the Study of Social Problems (SSSP)* (relato de pesquisa).	250 crianças norte-americanas que apanharam dos pais em público.	Observação naturalística (*setting* público) de como crianças lidam com episódios particulares de punição corporal.	Diante das palmadas, tapas e pancadas sofridas em cenário público muitas crianças aparentemente não esboçaram reação às batidas *(hitting)*, nem reclamando ou fazendo algo diferente. Uma em cada três crianças chorou, mas somente por pouco tempo, mudando imediatamente o que estavam fazendo. Tais reações estavam usualmente associadas com aparente indiferença ou, ocasionalmente, hostilidade posterior. As linhas de ações das crianças geralmente indicavam que elas tinham uma apreciação pragmática de seu *status* subordinado. Sugere que a aparente indiferença e aquiescência exterior é uma representação de estoicismo e uma estratégia para evitar problemas maiores futuros.	Ciências Sociais (Sociologia/ Etnografia)	América do Norte, Estados Unidos.
17	2000	Dietz	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	Pais e mães norte-americanos de diferentes níveis sócio-econômicos e educacionais que utilizam a punição corporal para disciplinar seus filhos.	Avalia o instrumento *Social Situational Model of Family Violence* através da investigação das características associadas ao uso da punição corporal ordinária (*ordinary)* e severa (*severe)*, como medidas da *Parents-Child Conflict Tactics Scales*. Do ponto de vista estatístico, trabalha também com *Regressão Logística* para examinar a validade do modelo.	A palmada, enquanto *punição corporal ordinária* é menos presente em famílias com baixos recursos sócio-econômicos e educacionais, que aplicam com mais freqüência punições corporais consideradas severas. Por conseguinte famílias com alto status sócio-econômico e educacional preferem a palmada às punições corporais severas.	Medicina (Epidemio-logia)	América do Norte, Estados Unidos.

18	2000	Hesketh; Hong; Lynch	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	338 médicos e enfermeiras chineses da área da saúde da criança, de 8 hospitais situados nas províncias de Jiangxi e de Zhejiang, na República Popular da China.	Investiga o abuso de crianças extraindo dados de um questionário com perguntas estruturadas aos médicos e enfermeiras.	Atitudes em relação à punição física e experiências profissionais com o abuso infantil são relatadas, identificando a idade da criança a partir da qual os respondentes acreditam que a punição física seja aceitável, as percepções de vantagens e desvantagens da punição física, os tipos de punição física que consideram abuso, e os tipos de punição que acreditam ser aceitáveis. Constatou-se que os médicos e enfermeiras apontaram mais desvantagens do que vantagens no uso da punição física contra crianças, mas observou-se que isto provavelmente não seja verdadeiro para a sociedade chinesa no geral.	Sociologia	Asia, China.
19	2001	*American Academy of Pediatrics* (AAP)	Publicação institucional.	Objeto de discussão: disciplina infantil.	Metodologia expositiva em forma de "guia" para pediatras e "conselheiros" sobre orientações aos pais em matéria de disciplinamento infantil. Argumentação teórica baseada em pesquisas empíricas.	A palmada traz conseqüências negativas e não é mais eficiente do que outras formas de disciplinamento. Na realidade, há freqüentemente uma área nebulosa entre quando a *surra* termina e o *abuso infantil* começa. Muitos pais acreditam que podem manter a calma quando batem em seus filhos. Entretanto, em uma pesquisa realizada em 1996, 44% dos pais entrevistados disseram ter utilizado a punição corporal e metade desses afirmou estarem em estado de raiva quando puniram seus filhos: 85% disseram ter sentido raiva moderada à intensa, remorso e agitação enquanto puniam seus filhos. Se a palmada é espontânea, os pais podem mais tarde explicar calmamente porque eles fizeram isso, o comportamento específico que a provocou, e quanta raiva eles sentiram.	Medicina (Pediatria)	América do Norte, Estados Unidos.

20	2001	Bardi; Borgognini Tarli	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	2.388 famílias residentes na Toscana, Itália. [O propósito deste artigo foi investigar os fatores associados com a violência intra-familiar sobre as crianças na Itália. Se exploraram a estrutura familiar e as características de ambos cuidadores e das crianças. Sua associação com a incidência da violência menor e severa foi analisada para assim avaliar a hipótese de que o maltrato físico infantil está relacionado a uma combinação de fatores diferentes que implicam a família como um todo.]	Aplicação de questionário anônimo a ser completado pelas famílias. O questionário incluía duas seções, uma relacionada com o substrato cultural familiar e com os eventos potencialmente influentes que afetaram a família ao longo de 1998. A outra seção, extraída do *Conflict Tactics Scale (CT)*, apresentou uma hierarquia de possíveis respostas ao conflito.	Observou-se que o castigo físico é uma conduta generalizada na Itália, e que a incidência da *violência menor* foi de 77%. A incidência da *violência severa* foi cerca de 8%. Quando se leva em consideração as características da família, do cuidador (pais ou responsáveis) e da criança associados ao castigo físico, tem-se que as famílias italianas de baixos rendimentos econômicos, aonde os cuidadores têm problemas de saúde ou *stress*, e com crianças pequenas e mais "problemáticas", apresentaram o maior risco de violência intra-familiar na resolução de conflitos. Os resultados assinalam a importância de um balanço entre os fatores potencializadores e compensadores nas relações complexas e dinâmicas entre os membros da família, a fim de evitar estratégias de resolução de conflitos que por último levem à violência. Ademais, a *violência menor* e *severa* parecem ser dois fenômenos relacionados, mas diferentes.	Ciências Sociais	Europa, Itália.
21	2001	Christensen	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	Mais de 5.000 crianças dinamarquesas nascidas no outono 1995. [Trata da prevalência da punição corporal entre crianças de três anos de idade, e analisa em quais famílias e entre quais crianças a punição corporal é usada.]	Discussão baseada em resultados de um estudo longitudinal.	13% das crianças com três anos de idade experimentaram a punição corporal como parte de sua educação (*upbringing*). As famílias onde a punição corporal é usada são assim caracterizadas: mães que dão prioridade às qualidades como obediência e boas maneiras, mães e/ou pais com nenhuma instrução posterior a educação primária, mães e/ou pais com pobre saúde mental, e mães que consideram seus filhos como "difíceis". Além disso, estas mães caracterizam suas crianças como irrequietas, desequilibradas e fisicamente agressivas no contato com seus pares. As análises (baseadas na *análise de regressão logística*) indicam três fatores principais que aumentam o risco das crianças de três anos serem tratadas com o uso da punição corporal. Inicialmente, a opinião das mães sobre os objetivos da educação, em segundo lugar a saúde mental das mães e dos pais, e em terceiro as experiências maternas com a criança e com o comportamento infantil.	Psicologia	Europa, Dinamarca.

22	2001	McAlister *et al.l*	Publicação institucional (*Bulletin World Health Organizatio n.).*	Um total de 3.122 estudantes dos EUA (Houston e Washington.) e de quatro países europeus - Estônia (Tartu), Finlândia (Helsinque), Romênia (Satu Mare) e Federação Russa (St. Petersburg), e 341 adultos jovens (de 18 a 35 anos) do Texas, EUA. [Foco de interesse: Atitudes de jovens em relação à guerra, a matança, e a punição corporal das crianças. Objetivo: Estudar as diferenças culturais em termos de desengajamento moral (*moral disengagement)*, que empresta sustentação às atitudes e justificativas para o uso da violência.]	Realização de pesquisa do tipo *survey* em sala de aula. Os dados foram também coletados a partir de um *survey* por telefone de uma amostra aleatória de 341 adultos jovens do Texas, EUA. Dez grupos distintos foram estudados. Sete perguntas eram comuns a todos os questionários, usando indicações idênticas sobre a concordância dos participantes com atitudes que se relacionam à guerra, diplomacia, matança e punição corporal das crianças.	Os estudantes norte-americanos mostraram-se mais propensos do que os estudantes europeus a concordar com as seguintes afirmações: "A guerra é necessária" (20% contra 9%); "Uma pessoa tem o direita de matar para defender a propriedade" (54% contra 17%), e "a punição física é necessária para crianças" (27% contra 10%). Justificativas em relação à guerra e matar foram menos freqüente no sexo feminino do que entre os homens em todos os grupos. Os resultados confirmam as diferenças entre os grupos norte-americanos e europeus em relação às atitudes e tendências morais que poderiam conduzir à violência fatal.	Medicina (Saúde Pública).	Europa: Estônia, Finlândia, Romênia e Federação Russa e América do Norte, Estados Unidos.

23	2002	Gray	Artigo em periódico científico (revisão da literatura).	A questão da punição corporal.	Discussão e problematização de estudos científicos, enquetes públicas e legislação canadense.	Especialistas não vêem nenhuma necessidade para a punição corporal, incluindo as palmadas. Quando os pais disciplinam as crianças, qual a diferença entre força moderada (*reasonable)* e imoderada (*unreasonable*)? De acordo com uma pesquisa realizada no Canadá, 70% responderam "Não" quando perguntados: "Pode o governo aprovar uma legislação proibindo os pais de baterem em seus filhos?" Cerca de metade responderam acreditar que "um leve tapa" (*a light slap*) é uma resposta eficiente. Entretanto, tal afirmação não é sustentada pelos fatos: diversos estudos internacionais têm mostrado que a punição corporal não ajuda as crianças a internalizarem regras de comportamento *(rules of behaviour)*.	Medicina (Pediatria)	América do Norte, Canadá.
24	2003	Bugental; Martorell; Barraza	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	Crianças norte-americanas com até um ano de idade.	Monitoramento dos níveis de respostas hormonais da criança diante de formas de maltrato materno.	Formas sutis de maltrato durante a infância (até um ano de idade) apresentam potenciais conseqüências sobre o funcionamento do sistema adreno-corticol da criança. O estudo sugere que há custos hormonais prejudiciais ao organismo ante ao *stress* da palmada. Crianças que freqüentemente receberam punição corporal (por exemplo, a palmada) mostraram elevada reatividade hormonal ao *stress* em situações de separação da mãe, combinada com a presença de um desconhecido. As respostas hormonais dadas pelas crianças podem alterar o funcionamento do sistema hipotalâmico-pituitário-adrenal (HPA) de maneiras que, se continuadas, podem aumentar o risco para desordens imunológicas, sensibilização para *stress* posterior, déficits cognitivos e problemas sócio-emocionais.	Psicologia / Psicofisiologia	América do Norte, Estados Unidos.

25	2004	Regalado *et al.*	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	2.068 pais e/ou mães norte-americanos de crianças entre as idades de 4 e 35 meses.	Examina o uso e características das diferentes práticas disciplinares utilizadas pelos pais, a partir de dados extraídos do *2.000 National Survey of Early Childhood Health* (NSECH), um *survey* representativo realizado nacionalmente por telefone com 2.068 pais de crianças com idades entre 4 e 35 meses, conduzido pelo *National Center for Health Statistics*. O *survey* inclui perguntas sobre uso dos pais de 5 práticas disciplinares: gritar, punição corporal, *time out* (ficar um tempo isolado de castigo), remoção do brinquedo, e explanações. Foram usadas as análises de Chi2 e regressão logística multivariada para examinar associações entre práticas disciplinares e criança, pais, e fatores demográficos. .	Entre crianças de 19 a 35 meses, o freqüente uso parental de estratégias disciplinares variou da seguinte forma: 26% (palmada), 65% (retirada de um brinquedo ou privilégio), 67% (gritar), 70% (*time out* - tempo de castigo, "para fora", ou "de fora"), 90% (fornecer explanações, explicações). Em análises multivariadas, a idade da criança mostrou-se ser fator de predição para maior freqüência de palmadas e gritos, e o risco ao desenvolvimento da criança está associado ao aumentado de relatos de gritos. O nível de frustração do pai ou da mãe prediz o uso freqüente de cada prática da disciplina, incluindo uma inclinação maior para usar práticas aversivas. Baixo bem-estar emocional dos pais está frequentemente associado com gritar e dar palmadas. Etnia negra e baixa idade maternal predizem uma maior freqüência do uso de palmadas, e os pais de língua espanhola relataram com menor freqüência o uso de *time out* e remoção de brinquedo. Conclui que a idade da criança e risco de desenvolvimento, e a etnia dos pais, suas emoções e saúde mental estão intimamente associadas com as práticas disciplinares nos primeiros três anos de vida da criança. Estes fatores são importantes para que os pediatras reconheçam a necessidade de fornecer aos pais orientação antecipatória sobre a disciplina infantil.	Medicina (Saúde Pública/ Epidemiologia)	América do Norte, Estados Unidos.

26	2004	Slade & Wissow	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	1.966 crianças residentes nos Estados Unidos, de etnias diversas, com até 2 anos de idade (0 a 23 meses) e suas mães, participantes de um estudo nacional de grande escala. [Objetivo: Explorar a relação entre freqüência da palmada antes dos 2 anos de idade e problemas de comportamento perto da época de entrada na escola..]	As crianças foram acompanhadas cerca de quatro anos depois, quando já haviam entrado na escola. A probabilidade de significantes problemas comportamentais posteriores foi estimada através de análises multivariadas controladas pela linha de base *freqüência de palmada* e outras características. [Dois indicadores dicotômicos de problemas do comportamento foram usados. O primeiro indicando que a avaliação maternal de problemas do comportamento da criança excedeu um ponto inicial; o segundo indicando que uma mãe se encontrou com um diretor escolar para discutir problemas comportamentais de seu filho.]	Crianças brancas não-hispânicas que foram batidas *(spanked)* com maior freqüência antes dos dois anos de idade tiveram substancialmente mais problemas de comportamento após a entrada na escola, controlando-se outros fatores. Para as crianças hispânicas e negras, as associações entre a freqüência da palmada e problemas comportamentais não foram estatisticamente significativas e não se mostraram consistentes através de outras medidas de resultado. Entre as crianças brancas não-hispânicas, mas não entre crianças negras e hispânicas, a freqüência de ser batido antes dos dois anos de idade está associada significativamente e positivamente com problemas de comportamento infantil na idade escolar. Estes resultados são consistentes com aqueles relatados nos estudos de crianças com mais de dois anos de idade, mas estendem-se também às crianças que começam a serem batidas em uma idade relativamente adiantada.	Medicina (Saúde Pública).	Estados Unidos

27	2004	Taylor & Redman	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	Discussão teórica sobre palmadas.	Revisão da literatura e problematização teórica.	Dado um crescente interesse da família e da comunidade em relação aos cuidados com as crianças, as implicações do debate sobre bater ou não bater para "educar" não podem ser ignoradas. O Que os profissionais devem dizer às famílias sobre as palmadas? Mesmo entre os países que ratificaram a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança há muita controvérsia sobre a questão da punição corporal. A problemática tornou-se bastante controversa no Reino Unido. As opiniões dos meios de comunicação e as várias campanhas opondo-se dominam as esferas públicas e profissionais. Os direitos, as responsabilidades, os exemplos de outros países, a cultura e o gênero são usados como fundo no debate. Os exemplos extremos citados por ambos os lados são usados como clichês para o que são às vezes tênues argumentos. Uma vez que se constata uma divisão mesmo dentro das arenas de proteção legal da criança, os profissionais devem esforçar-se para encontrar um caminho através do labirinto de resultados aparentemente contraditórios da pesquisa, da política e da opinião pública. Diversos estudos sugerem que a opinião pública e os profissionais estão divididos quanto ao uso da palmada (*smacking)* como um expediente do disciplinamento de crianças de pouca idade. A opinião está dividida também quanto à habilidade da legislação em causar mudanças de atitudes e nos comportamentos sociais. Os profissionais da área da saúde necessitam estar em uma posição para recomendar a melhor prática e assim fazê-la consistentemente.	Enfermagem	Reino Unido, Dundee.

28	2006	Crandall; Chiu; Sheehan	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	Cerca de 5.000 crianças da maioria dos Estados norte-americanos. [Investiga-se fatores potenciais que contribuem para lesões entre crianças nascidas em famílias de alto risco.] [Lesões (*injury*) são uma das principais causas de mortalidade entre crianças com até um ano de idade.]	O *Fragile Families and Child Wellbeing Study* é um estudo longitudinal de aproximadamente 5.000 crianças da maior parte dos Estados Unidos. Dados das entrevistas com as mães conduzidas logo após o nascimento e posteriormente até um ano foram usados para a análise. Os ferimentos ocorridos no primeiro ano de vida e que requereu a atenção médica foram estudados. A Análise Multivariada de Regressão foi usada para identificar fatores de risco independentes em relação a ferimentos (*injury*) nesta população.	Um total de 13,7% das mães relatou que seu filho tinha sofrido alguma lesão (*injury*) no primeiro ano da vida. Identificou-se 17 fatores de risco maternal, paternal, e ambientais potenciais para lesões, incluindo fatores sócio-econômicos, saúde mental, relacionamento violento, envolvimento criminal no sistema judicial, e diferentes formas de abuso de substâncias psicoativas. As análises de regressão multivariada revelaram dois significativos fatores de risco independentes: o uso materno do álcool (*odds ratio* 2.15 P = 0.044) e o uso materno da palmada sobre a criança no mês precedente (*odds ratio* 2.32, P = 0.027). Entre o grupo de elevado-risco, a incidência de ferimentos no primeiro ano de vida corresponde a mais de duas vezes a taxa de incidência nacional. Os fatores que predispõem às injúrias (lesões, ferimentos) são freqüentemente complexos e relacionados. Assim, para diminuir a carga de sofrimento infantil nesta população vulnerável são necessários esforços focalizados na instrução e na prevenção, incluindo discussões sobre o uso materno do álcool e sobre atitudes em relação ao disciplinamento físico (*physical discipline*).	Medicina (Epidemiologia)	América do Norte, Estados Unidos.

29	2006	Millicham p; Martin; Langley	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	962 adultos com 26 anos de idade nascidos em Dunedin, Nova Zelândia. [Objetivo: Investigar a prevalência, a natureza, e o contexto da punição física e outras formas de disciplina parental relatadas no *Dunedin Multidisciplinary Health and Development Study*.]	Os adultos foram entrevistados sobre suas experiências de disciplina na infância. Os participantes do estudo foram perguntados sobre as formas usuais de punição recebida durantes os anos de escolarização primária e secundária, assim como a pior punição que receberam. Foram coletados detalhes a respeito das reações dos participantes às diferentes punições. Variáveis relacionadas à pessoa que administrou a punição foram também investigadas.	Dos participantes do estudo que forneceram dados, 80% relataram ter recebido *punição física* algum dia durante a infância: palmada *(smacking)* identificada em 29% dos casos; ser batido com um objeto relatado em 45% dos casos; e punição física extrema reportada em 6% dos casos como a forma mais severa de punição sofrida na infância. A regularidade da punição física foi relatada por 71% dos sujeitos. Os resultados variaram conforme a idade, sendo que a maioria dos sujeitos relata ter sofrido a punição física nos anos de escola primária. Entretanto, o número de sujeitos que tiveram experiências com a punição física na adolescência foi ainda elevado, em torno de 47%. Constataram-se diferenças significativas de gênero em relação à punição sofrida, com mais meninas recebendo palmadas (*smacked*), e mais meninos batidos com um objeto nos anos iniciais de escolarização primária. Os relatos sobre punições relacionadas mostraram que as mães eram significativamente mais propensas a empregar formas não-físicas de punição, e os pais eram significativamente mais propensos a usar a punição física extrema. Para muitos neozerlandeses a experiência de sofrer punição física durante a infância é, na maioria das vezes, a norma. Estes resultados têm implicações para os jovens adultos estudados e o desenvolvimento de estilos de parentagem, visando esforços para a prevenção e intervenção precoce em grupos de risco.	Psicologia Médica.	Oceania, Nova Zelândia.

30	2006	Pinheiro	Publicação institucional da ONU - *United Nations Secretary-General* (relatório de pesquisa encomendada).	A questão da violência contra as crianças no mundo, em diferentes contextos.	Revisão e discussão da literatura científica internacional.	As famílias podem ser lugares perigosos para crianças e em particular para bebês e crianças pequenas. Na casa e no *setting* familiar, as crianças têm experiências com agressões (*assaults)* e outros atos de violência física, violação sexual, práticas tradicionais prejudiciais, humilhação e outros tipos da violência psicológica e negligência. Assim como agressões e outras violências físicas, podem-se incluir os atos da omissão, tais como a falha em proteger a criança da exposição à violência possível de ser evitada, nas mãos de amigos, vizinhos, ou de visitantes; e atos do estigma ou discriminação bruta. Pesquisas ao redor do mundo sugerem que a *violência física doméstica contra crianças* é difundida em todas as regiões. O crescente interesse global sobre a prevalência da punição doméstica – perpetuada pela sua difundida legalidade e aprovação social – levou ao interesse em compreender sua prevalência e formas, fomentando também o debate sobre a questão. A palmada está descrita no rol das práticas de *violência física não-fatal*.	Ciências Sociais (Sociologia/ Política)	Europa, Genebra.
31	2006	Redman & Taylor	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	Uma amostra de 244 artigos de cinco diferentes jornais impressos do Reino Unido, examinada durante o ano de 2004. [Estudo das representações da mídia impressa sobre questões relacionadas ao uso da palmada (*smacking*) pelos pais. Procurou-se responder à pergunta: "Por que a palmada é considerada como uma estratégia legítima de parentagem (*parenting*) no Reino Unido?"]	Análise documental. [*Análise semiótica* das representações sobre os meios legítimos de uso da violência por parte dos pais sobre as crianças].	As reportagens de jornal sobre o uso parental do disciplinamento físico aumentaram nos últimos 20 anos. Somente um jornal (*The Independent*) publicou algo sobre este tópico antes de 1994. O discurso sobre o uso da disciplina física por pais mudou do foco da eficácia da palmada (*smacking*) a uma questão sobre os direitos da criança. Os temas principais identificados no discurso dos meios impressos eram os direitos da criança, a eficácia dos efeitos da palmada e de suas conseqüências à longo prazo, e o papel do Estado. Os textos dos meios de comunicação podem influenciar e reforçar dimensões sociais de comportamento e etiqueta (*label*). A opinião e as atitudes de profissionais da saúde e de pais sobre palmadas podem ser influenciadas por tais representações.	Enfermagem	Reino Unido, Dundee.

32	2006	Vittrup; Holden; Buck	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	132 mães norte-americanas. [Objetivo: Acompanhar a emergência do uso de técnicas disciplinares por mães de crianças pequenas, e avaliar a validade de predição sobre atitudes relacionadas ao bater nos filhos através de relatórios subseqüentes sobre a palmada..]	As mães foram entrevistados a cada 6 meses (iniciando quando seu filho tinha 12 meses e prosseguindo até que tivessem com 4 anos de idade) sobre como disciplinaram suas crianças. Os comportamentos disciplinares avaliados incluíram a punição física, métodos não-coercitivos, o uso dos "intervalos de parada" (*time-outs*) e a retirada de privilégios. Atitudes em relação à punição corporal também foram avaliadas diversas vezes.	Quando as crianças tinham 12 meses, as mães reportaram usar 10 das 12 técnicas de disciplina avaliadas, e quando as crianças tinham 24 meses de idade, a maioria de mães reportou o uso difundido de todas as técnicas. A freqüência do uso da punição corporal aumentou com idade da criança. Embora alguns métodos de disciplinamento mudaram conforme as crianças tornavam-se mais velhas, as mães mostraram significativa estabilidade em sua estratégia disciplinar global. As atitudes em relação à palmada (avaliada quando as crianças tinham seis meses de idade) foram significativamente correlacionadas com o subseqüente comportamento de bater, e as atitudes das mães mostraram também estabilidade quanto ao tempo. Quando as crianças estão com 12 meses de idade, o disciplinamento é uma ocorrência freqüente em muitas famílias. Múltiplas técnicas são utilizadas, e as atitudes em relação à palmada predizem o comportamento subseqüente de mães em punir corporalmente a seus filhos. Esta informação é útil para pediatras, uma vez que estes profissionais podem fornecem aos pais uma orientação preliminar sobre como disciplinar crianças pequenas.	Medicina (Pediatria)	América do Norte, Estados Unidos.
33	2007	Grogan-Kaylor; Otis	Artigo em periódico científico (relato de pesquisa).	Pais norte-americanos.	Uso da análise de regressão Tobit e dados do *2000 National Longitudinal Survey of Youth* para examinar a prevalência e a cronicidade da punição corporal em uma amostra nacionalmente representativa de pais. [Variáveis de Predição; Regressão Estatística; Estudos longitudinais; *surveys* nacionais.]	Algumas pesquisas recentes sugerindo que o uso da *punição corporal* em crianças pode ter significativos efeitos negativos em longo prazo têm tornado crescente a exploração e interesse nesta questão. As características da mãe (por exemplo, idade, instrução escolar) e o contexto de desenvolvimento não mostraram correlações com o uso parental da punição corporal. Entre os pais que usaram a punição corporal, ser Protestante teve um relacionamento relativamente grande com seu uso. Embora os comportamentos das crianças tenham alguma associação com a inclinação dos pais em bater nos filhos, os dados sugerem que o uso da punição corporal pode ser mais bem compreendido como parte de uma constelação dos comportamentos que se relacionam a um *estilo de parentagem*. Os dados indicam ainda ser mais fácil predizer a incidência da punição corporal do que predizer sua freqüência de uso.	Medicina (Epidemiologia)	América do Norte, Estados Unidos.

Nota: *Utilizamos as categorias *sujeitos* e/ou *objetos* de pesquisa pois parte dos estudos dedicam-se às revisões da literatura, focando alguma problemática específica envolvendo o tema das palmadas. ** Por *locus* entendemos não o local de publicação do estudo ou a nacionalidade do autor, mas o local onde o fenômeno foi investigado, isto é, trata-se propriamente do *locus do objeto*.

Referências completas das publicações:

1. Davis, Phillip W. (1990). When adults hit children in public: An observational study. *Society for the Study of Social Problems (SSSP)*.

2. Buriel, Raymond *et al* (1991). Mexican-American disciplinary practices and attitudes toward child maltreatment: A comparison of foreign- and native-born mothers. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 13(1): 78-94, Feb.

3. Krugman, S.; Mata, L.; Krugman, R. (1992). Sexual abuse and corporal punishment during childhood: a pilot retrospective survey of university students in Costa Rica. *Pediatrics*, 90(1): 157-61, Suppl. S, Jul.

4. Rostlón Allel, Carmen Gloria *et al* (1992). Síndrome del niño maltratado: SNM. *Pediatría* (Santiago de Chile), 35(1): 34-7, ene.-mar.

5. Vargas Catalán, Nelson A. *et al* (1993). Características del castigo físico infantil administrado por padres de tres colegios de Santiago. *Revista Chilena de Pediatria*, 64(5): 333-6, sept./oct.

6. Buntain Ricklefs, Joanne J. *et al* (1994). Punishments: What predicts adult approval. *Child Abuse and Neglect*, 18(11): 945-55, Nov.

7. Flynn, Clifton P. (1994). Regional differences in attitudes toward corporal punishment. *Journal of Marriage and the Family*, 56(2): 314-24, May.

8. Cohen, L. (1995). Debate about parents right to spank causes divisions among MDS. *Canadian Medical Association Journal (CMAJ)*, 153(1): 73-5, July.

9. Holden, George W.; Coleman, Susan M.; Schmidt, Kristen L. (1995). Why 3-year-old children get spanked: Parent and child determinants as reported by college-educated mothers. *Merrill Palmer Quarterly*, 41(4): 431-52, Oct.

10. American Academy of Pediatrics. AAP. (1998). Attitudes and counseling on corporal punishment in the home. *AAP, Division of Child Health Research*, Periodic Survey of Fellows # 38.

11. Qasem, Fatma S. *et al* (1998). Attitudes of Kuwaiti parents toward physical punishment of children. *Child Abuse and Neglect*, 22(12): 1189-202, Dec.

12. Durrant, J.E. (1999). Evaluating the success of Sweden's corporal punishment ban. *Child Abuse and Neglect*, 23(5): 435-48, May.

13. Murphy Cowan, Teresa & Stringer, Maurice (1999). Physical punishment and the parenting cycle: A survey of Northern Irish parents. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 9(1): 61-71, Jan-Feb.

14. Cheng, Karen O. (2000). *Review of the literature regarding the short - and long - term consequences of corporal punishment on children. California.* Doctoral Dissertation, 65pp. Estados Unidos, Biola University.[Abstract].

15. Chenoweth, T. & Just, H. (2000). Corporal punishment: Does it hinder the development of children? US: Texas: s.ed. [Abstract].

16. Davis, Phillip W. (2000). Little stoics and small assaults: Children's reactions to corporal punishment in public. *Southern Sociological Society (SSS).*

17. Dietz, T.L. (2000). Disciplining children: characteristics associated with the use of corporal punishment. *Child Abuse and Neglect,* 24(12): 1529-42, Dec.

18. Hesketh, Therese; Hong, Zhang Shu; Lynch, Margaret A. (2000). Child abuse in China: The views and experiences of child health professionals. *Child Abuse and Neglect,* 24(6): 867-72, June.

19. American Academy of Pediatrics (2001). Just the facts. Effective Discipline. *AAP, Division of Child Health Research*

20. Bardi, Massimo & Borgognini Tarli, Silvana M. (2001). A survey on parent-child conflict resolution: Intrafamily violence in Italy. *Child Abuse and Neglect*, 25(6): 839-53, June.

21. Christensen, E. (2001). The use of corporal punishment on three-year-olds - How prevalent is the use of corporal punishment - In which families and for what behaviors is corporal punishment administered. *Nordisk Psykologi,* 53(1): 47-71, Apr.

22. McAlister, A. *et al* (2001). Attitudes towards war, killing, and punishment of children among young people in Estonia, Finland, Romania, the Russian Federation, and the USA. *Bulletin World Health Organization,* 79(5): 382-7.

23. Gray,C. (2002).Pediatricians taking new look at corporal-punishment issue.*Canadian Medical Association Journal (CMAJ)* 19,166(6), Mar.

24. Bugental DB; Martorell GA; Barraza V. (2003). The hormonal costs of subtle forms of infant maltreatment. *Hormonal Behavior*; 43(1):237-44, Jan.

25. Regalado M; Sareen H; Inkelas M; Wissow LS; Halfon N (2004). Parents' discipline of young children: results from the National Survey of Early Childhood Health. *Pediatrics*;113(6 Suppl):1952-8, Jun.

26. Slade EP; Wissow LS (2004) Spanking in early childhood and later behavior problems: a prospective study of infants and young toddlers. *Pediatrics*;113(5):1321-30, May.

27. Taylor J.; Redman S. (2004).The smacking controversy: what advice should we be giving parents? *Journal of Adv Nurs.*46(3):311-8, May.

28. Crandall M; Chiu B; Sheehan K. (2006) Injury in the first year of life: risk factors and solutions for high-risk families. *Journal of Surg Res*;133(1):7-10, 2006 Jun 1.

29. Millichamp J; Martin J; Langley J. (2006). On the receiving end: young adults describe their parents' use of physical punishment and other disciplinary measures during childhood. *New Zealand Med. Journal.*;119(1228):U1830 New Zealand.

30. Pinheiro, P.S. (2006). *The World Report on Violence against Children.* Genebra, United Nations Secretary-General, ONU.

31. Redman S, Taylor J. (2006). Legitimate family violence as represented in the print media: textual analysis. *Journal of Adv Nurs.* 2006 Oct;56(2):157-65.

32. Vittrup B; Holden GW; Buck J (2006). Attitudes predict the use of physical punishment: a prospective study of the emergence of disciplinary practices. *Pediatrics*;117(6):2055-64, Jun.

33. Grogan-Kaylor, Andrew; Otis, Melanie D. (2007). The predictors of parental use of corporal punishment. *Family Relations,*56(1):80-91, Jan.

Pensamos ser desnecessário e mesmo improdutivo apresentar uma síntese geral a respeito do Quadro 1, que já é um quadro-síntese, e uma vez que assim perderíamos de vista a especificidade teórico-epistemológica de cada estudo apresentado. Entretanto, podemos tecer algumas críticas genéricas concernentes aos objetivos das pesquisas e construção metodológica empregada na maioria dos estudos, que se debruçam sobre a problemática da punição corporal de forma superficial, preferencialmente através de *surveys* ou *questionários fechados* (KRUGMAN; MATA; KRUGMAN, 1992; VARGAS CATALÁN et al., 1993; BUNTAIN RICKLEFS et al, 1994; FLYNN, 1994; QASEM et al., 1998; MURPHY COWAN; STRINGER, 1999; McALISTER et al., 2001), às vezes até mesmo através de *enquetes telefônicas* (HOLDEN; COLEMAN; SCHMIDT, 1995) ou via *correspondência eletrônica* (AAP, 1998), a fim de verificar taxas de prevalência, atitudes ou opiniões; ou se limitam a revisões bibliográficas buscando refinamento conceitual e verificação do "estado da arte" da problemática (CHENG, 2000; CHENOWET; JUST, 2000; AAP, 2001; TAYLOR; REDMAN, 2004; PINHEIRO, 2006); ou valendo-se de modelos unicausais, buscando, através de testes, uso de escalas e análises estatísticas, evidenciar ou refutar possíveis relações (do tipo causa-efeito) entre palmada e conseqüências negativas para a criança, como comportamento anti-social, desajuste escolar, delinqüência, risco de suicídio ou problemas de saúde físico-psíquica (DIETZ, 2000; BUGENTAL; MARTORELL; BARRAZA, 2003), assim como possíveis relações entre escolaridade, renda ou etnia dos pais e níveis de violência doméstica física perpetrada contra as crianças (BARDI; BORGOGNINI TARLI, 2001; REGALARDO et al., 2004; GROGAN-KAYLOR; OTIS, 2007). Outros estudos valem-se do *método comparativo* (BURIEL, 1991) para analisar grupos culturais distintos (incluindo aí diferentes etnias, nacionalidades, filiações religiosas) ou segmentos de classes (recorte por níveis de renda, escolaridade), evidenciando diferenças quantitativas de opinião a respeito da palmada, sem, contudo, buscar as causas sócio-culturais que as explicam, ou seja, não

alcançam outro nível que não o da constatação de uma dada realidade. Há autores que enriquecem a discussão a partir de uma problematização de estudos de casos concretos, no campo do Direito, das legislações e da jurisprudência de países distintos (COHEN, 1995; DURRANT, 1999; GRAY, 2002).

Há alguns estudos psicológicos e sociológicos, entretanto, que partem de *métodos qualitativos* para a abordagem do problema, valendo-se da etnografia e do estudo ecológico, por exemplo, para observação e coleta direta de dados, estudando as atitudes e reações de pais, filhos e pessoas próximas em situação pública de punição corporal (DAVIS, 2000), incluindo aí tapas, palmadas, chacoalhões, apertões etc, ou desenvolvendo metodologias diferenciadas de *estudos longitudinais* (SLADE; WISSOW, 2004; CRANDALL; CHIU; SHEEHAN, 2006; VITTRUP; HOLDEN; BUCK, 2006). Registramos ainda um estudo (REDMAN; TAYLOR, 2006) que se vale do método semiológico para *análise documental* de um *Corpus* constituído por notícias sobre punição corporal contra crianças veiculadas em jornais impressos do Reino Unido. Entretanto, pouco se verificou na literatura internacional analisada estudos envolvendo abordagens mais qualitativas, ou que desenvolvessem novas e mais criativas metodologias para a abordagem do fenômeno, buscando conhecer a perspectiva da criança que vivencia a *punição corporal doméstica*.

Sabe-se que os pais baterem em crianças é uma prática "quase que universal", pois atinge altos índices em países de todos os continentes, além de ser a que conta com menor proteção legal. Já é bastante consensual também entre os pesquisadores ao redor do mundo e de diversas áreas do conhecimento (Psicologia, Pediatria, Psiquiatria, Enfermagem, Sociologia, Direito) que a experiência de apanhar dos pais em casa relaciona-se frequentemente a diversos problemas de saúde físico-psíquica e de ajustamento social na infância e adolescência: disfunção hormonal, agressividade, problemas de socialização escolar e mesmo fracasso escolar, outros problemas relacionados ao desenvolvimento, inibição e

insegurança excessiva, isolamento, depressão infantil, quadros psicóticos, fobias, autismo, ideação suicida, suicídio e fuga de casa, delinqüência juvenil, transtornos de ordem sexual, abuso de álcool e drogas, além de outros problemas. Sabe-se também que a estratégia da prevenção e da orientação familiar obtém significativos sucessos na redução dos níveis de abuso físico fatal e não-fatal contra as crianças, e que a intervenção social pode ser bastante facilitada e ter melhores resultados se contar com o apoio do sistema legal e institucional de proteção à criança em cada país.

Assim, a partir desta meta leitura, encerramos a presente revisão ciente da necessidade de trazer novas questões relacionadas à problemática em questão, iluminando aspectos a serem pesquisados a partir de nosso interesse pelas sensações, emoções, sentimentos, valores e noções ou mensagens ético-morais referentes ao *crescer com palmada,* isto é, aos sentidos de se ser "educado" pelos pais a partir de punições corporais, expressos por intermédio dos desenhos infantil legendados. Diante do quadro bibliográfico analisado, constatamos que o desenvolvimento metodológico que adotamos é bastante inovador – parece ser mesmo inédita a análise qualitativa de um *Corpus* de produções gráficas infantis sobre o tema da palmada, e ainda mais sem valer-se das abordagens clínico-projetivas ou psicométricas já consagradas no campo da Psicologia do Desenho Infantil.

4. Desenvolvimento Metodológico

Nesta seção serão explicitadas as condições de produção do *Corpus* e as diretrizes para sua análise e interpretação, a partir dos referenciais teóricos privilegiados. Esclarecemos tratar-se de uma *Pesquisa Qualitativa* sobre *Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes* (VDCA), que investiga *Testemunhos de Infâncias*[51].

Por que pesquisa qualitativa? Em primeiro lugar, porque não estamos trabalhando com *amostragem estatística*, mas sim com um *Corpus* homogeneamente constituído. Bauer e Aarts (2002) assinalam que a construção de um *Corpus* é um princípio de coleta de dados qualitativos alternativo à *amostragem estatística aleatória*, orientação bastante comum e mais elaborada das Ciências Sociais. A construção de um *Corpus* (corpo ou material de análise) é, pois, um princípio para a coleta de dados qualitativos.

> Toda pesquisa social empírica seleciona evidências para argumentar e necessita justificar a seleção que é a base de investigação, descrição, demonstração, prova ou refutação de uma afirmação específica. [...] 'Construção de *Corpus*' significa escolha sistemática de algum [meio] racional alternativo [...]. (BAUER; AARTS, 2002, p.39).

Além disso, o foco de atenção especial em nossa investigação é a *atribuição de sentidos* que as crianças conferem aos acontecimentos ou experiências vividas, através de uma análise de indicadores ou "dados[52]" que tende a seguir um *processo indutivo*, isto é, permite o estabelecimento de proposições gerais com base em certo número de dados singulares. Por

---

[51] Inspiramo-nos aqui no fundamental artigo de Maria Amélia Azevedo, 2004, "*Pesquisa Qualitativa e Violência Doméstica contra crianças e adolescentes (VDCA)*: por que, como e para que *investigar testemunhos de sobreviventes*", disponível online em: < www.usp.br/ip/laboratorios/lacri>.

[52] Preferimos o termo indicador ao termo dados, pois o conceito de *indicador* supera o conceito tradicional de dado, uma vez que "[...] pressupõe uma representação diferente do processo de construção do conhecimento, na qual este aparece como um processo diferenciado que logra seus momentos de integração como momentos de construção teórica. O indicador se legitima na qualidade integral do estudado e não como entidade abstrata portadora de um valor geral suscetível de converter-se em unidade de comparação entre qualidades diferentes – formas assumidas com freqüência pelo dado.[...] A ressignificação do lugar da teoria na investigação, conduz também à ressignificação dos processos de análise e construção da informação comprometidos com a investigação." (GONZÁLEZ REY, 1999, p.157, tradução nossa) E adiante: "Os indicadores nos permitem construções que nos possibilitam ir mais além dos limites da evidência e do próprio indicador produzido, e é este processo teórico uma condição para a aparição do próximo indicador, o qual será inacessível sem o marco de significação produzido na construção teórica." (GONZÁLEZ REY, 1999, p.157, tradução nossa).

lidar com interpretações das realidades sociais, isto é, com os *sentidos* que cada um confere às suas experiências e à sua vida, configura-se como uma *pesquisa social qualitativa.*

Por que se trata de um estudo em VDCA? Porque, como já suficientemente justificado, a *palmada* é uma forma de *punição corporal* e de *violência física*, e, como tal, uma das modalidades da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes. E por que sobre *testemunhos de infâncias*? Porque entendemos que as produções que constituem nosso *Corpus* representam verdadeiros "depoimentos" sobre *modos de sociabilidade doméstica*, no tocante a relação entre pais e filhos, e, portanto, testemunham aspectos da condição da criança e de sua educação doméstica no Brasil do início do século XXI. Adiante fundamentaremos melhor todos esses aspectos.

O presente estudo tem seu *Corpus* constituído por 92 Produções (desenhos legendados) de crianças brasileiras de ambos os sexos, de 9 a 12 anos, todas em processo de escolarização. Além disso, o que também torna o *Corpus* homogêneo é que na história autobiográfica de cada um dos sujeitos autores das Produções constam experiências domésticas marcadas pelas punições corporais, todas retratadas e re-significadas a partir da alcunha *Palmada*. Isso ocorre porque, conforme veremos a criança expressa por *palmada* variadas formas de *punições corporais domésticas*, isto é, sofridas no lar.

O método analítico adotado é *híbrido*, pois se debruça sobre imagens e textos, valendo-se inicialmente da AC *temática* e *categorial*, e chegando por fim à análise de conteúdo *estrutural*. Entretanto, tal apresentação sintética não é suficiente para fundamentar metodologicamente nosso estudo, e passaremos então a uma explicitação detalhada sobre cada definição.

4.1. Pesquisa Social Qualitativa

A presente investigação configura-se como uma *pesquisa social qualitativa*. Tal enquadre justifica-se ainda na medida em que o foco genérico das pesquisas qualitativas movimenta-se, conforme Denzin e Lincoln (2000), a partir de uma análise interpretativa e crítica relacionada à compreensão das representações e formas culturais, no universo da vida cotidiana: é o que propomo-nos a fazer.

Por trata-se de uma pesquisa social, qualitativa, apóia-se em dados sociais, isto é, dados sobre o *mundo social*, que são constituídos a partir dos processos comunicativos existentes (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002). Em nosso estudo, captamos registros do *mundo doméstico* no tocante aos processos de educação e disciplinamento infantil, das interações entre pais e filhos, através de impressões do *mundo psíquico* de crianças brasileiras ao expressarem os sentidos de situações envolvendo *punições corporais domésticas*. O mundo conhecido e vivenciado pela criança é representado e constituído através destes mesmos processos, isto é, dos processos comunicativos e relacionais, sob modos determinados de sociabilidade doméstica, e que são traduzidos em *signos* na atividade criativa de desenhar. O signo é um fenômeno ou manifestação histórico e social, junção de pensamentos, palavras, gestos e sons. O valor de um signo "apura-se exato em um contexto" (BOSI, 1990, p.40), impondo-se como expressividade do real-concreto, ainda que de forma caricatural: "O signo é um segmento da matéria que foi assumido pelo homem para dar ato de presença a qualquer objeto ou momento da existência." (BOSI,1990, p.42). Ao *significar*, isto é, operar e produzir através de signos, a criança é motivada por uma "vontade-de-significar", fonte energética dos fenômenos de comunicação e expressão, conforme Bosi (1990).

Aspectos da realidade social são representados de maneiras informais ou formais de comunicar, e o meio de comunicação pode ser composto de textos, imagens e material sonoro. Dadas as características de nosso *Corpus*, estaremos operando com análise de comunicações

compostas por imagem (desenho infantil propriamente dito) e texto (legendas referentes ao desenho). A esse complexo de imagem-texto denominamos Produções. Assim, nosso *Corpus* de análise é constituído por 92 Produções infanto-juvenis sobre os sentidos atribuídos ao crescer com palmada.

Os desenhos das crianças pertencem ao *modo imagético* de dados sociais, isto é, operam a comunicação através de imagens. A análise de imagens traz à tona os significantes e os significados da vida social, através da tentativa dos sujeitos de *atribuição de sentido* às suas experiências. Desta perspectiva, o desenho infantil pode ser considerado um tipo de *ação comunicativa informal* (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002) com poucas regras explícitas, uma vez que as crianças podem desenhar do modo que queiram – obviamente dentro de suas possibilidades gráfico-expressivas ou dentro de seu estágio de desenvolvimento cognitivo - sobre o tema sugerido, isto é, sobre o que sentem ao apanharem dos pais. Isso não significa, entretanto, que não existiram regras delimitadoras para tais produções, uma vez que foram concebidas dentro de um enquadre específico de concurso de desenho infantil, levado à cabo em contexto escolar.[53]

Por ser uma *pesquisa social*, estamos interessados na maneira como as crianças se expressam sobre o que é importante para elas, o que sentem e como pensam suas ações e as ações de seus pais. Uma vez que se debruça sobre ações e interações humanas, encontra-se em campo essencialmente ético. O estudo das relações familiares tendo como foco as formas de punição corporal doméstica incidente sobre as crianças revela importantes aspectos da ética disciplinar doméstica, ética dos modos privados de socialização, e aprendizado das relações de poder e, portanto, de dominação e submissão.

Em se tratando de pesquisa social, a dicotomia pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa pode ser superada se levarmos em conta o *pluralismo metodológico do processo*

---

[53] Deter-nos-emos mais sobre esses aspectos quando recuperarmos o processo de constituição de nosso *Corpus*, na subseção 4.2.

de pesquisa, e que *não há quantificação sem qualificação* e nem *análise estatística sem interpretação* (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002). Isso significa que, em nossa pesquisa qualitativa, haverá momentos de quantificação das informações ou dados, o que não se constitui de maneira alguma incoerência metodológica, uma vez que há que se ter uma base objetiva inicial, quantificada, para que se possa fazer avançar os processos analíticos e interpretativos, qualitativos.

A pesquisa qualitativa é intrinsecamente uma forma de pesquisa mais *crítica* e potencialmente *emancipatória*, pois permite a compreensão de como as pessoas concebem seu mundo, de como o representam, e de quais sentidos atribuem às suas experiências. E ao acessar tais níveis de compreensão do real, aponta possíveis caminhos para se trabalhar mudanças de atitudes e valores societários: aí reside o caráter crítico e potencialmente emancipatório de nossa pesquisa social qualitativa.

> Um objetivo importante do pesquisador qualitativo é que ele se torna capaz de ver 'através dos olhos daqueles que estão sendo pesquisados' (Bryman, 1988:61)[54]. Tal tipo de enfoque defende que é necessário compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo, pois são estas que motivam o comportamento que cria o próprio mundo social. (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p.32-3).

O principal interesse ao se realizar uma pesquisa qualitativa-social está em se captar e compreender a tipificação da variedade de representações das pessoas no seu *mundo vivencial*, isto é, no próprio contexto de desenvolvimento, pois é aí que são construídos os sentidos das experiências vividas. O ambiente doméstico, enquanto mundo de vivências e contexto de desenvolvimento é o *locus* onde se dão as primeiras experiências com as punições corporais, sob o pretexto paterno disciplinador-educativo.

> As maneiras como as pessoas se relacionam com os objetos no seu mundo vivencial, sua relação sujeito-objeto, é observada através de conceitos tais como opiniões, atitudes, sentimentos, explicações, estereótipos, crenças, identidades, ideologias, discurso, cosmovisões, hábitos e práticas. [...] As representações são relações sujeito-objeto particulares, ligadas a um meio social. (BAUER; AARTS, 2002, p.57).

---

[54] BRYMAN, A. (1988). *Quantity and Quality in Social Research.* London: Unwin Hyman, 1988, Apud BAUER; GASKELL; ALLUM (2002).

O ambiente doméstico é um ambiente de socialização primária, e os pais ao elegerem possíveis formas de como educar seus filhos fazem ou reafirmam opções éticas, quer tenham ou não consciência das implicações de suas escolhas: estamos falando da *ética disciplinar doméstica*. A ética doméstica, no caso da família brasileira, reproduz um conjunto de valores próprios da sociabilidade moderna, marcados pelo autoritarismo e violência nas relações hierárquicas entre pais e filhos. A palmada, enquanto violência física é representativa de um modo de sociabilidade maior, que extrapola o âmbito doméstico, remetendo-se diretamente ao próprio processo histórico de constituição da sociedade brasileira, marcada pelo emprego dos castigos corporais ao longo de todo seu processo civilizatório ou colonizatório.

Do ponto de vista operacional nossa investigação requer a construção e análise de *categorias*, definidas a partir da presença de um conjunto de *indicadores*, que permitam evidenciar e compreender dimensões do fenômeno social pesquisado. O processo de construção do conhecimento na investigação qualitativa em Psicologia confere especial destaque ao conceito de *indicador*, utilizado para:

> [...] Designar aqueles elementos que adquirem significação graças à interpretação do investigador, isto é, que sua significação não é acessível de forma direta à experiência, nem aparece em sistemas de correlação. Neste sentido o subjetivo e o objetivo [...] se integram em uma unidade indissolúvel que só tem valor dentro dos limites do processo em que resulta produzido. [...] (GONZÁLEZ REY, 1999, p.113, tradução nossa).

Uma categoria constitui-se em um conjunto de indicadores relacionados sob um mesmo sentido interpretativo. Por sua vez, é a informação de conteúdos que confere sentido ao indicador.

A definição de um indicador, conforme González Rey (1999) constitui-se um momento qualitativo que permite a definição de uma nova opção na construção do conhecimento. É por isso por dedicamos especial atenção ao processo de construção de nossos indicadores, a partir do referencial teórico ora privilegiado. Explicitaremos tal construção mais adiante, na seção destinada à revelação dos processos de análise de conteúdo

do *Corpus*, pois ainda nos deteremos um pouco mais às considerações que fundamentam teoricamente o trabalho de definição de indicadores. O processo de definição de indicadores é um processo de construção teórica de complexidade crescente:

> [...] O indicador se torna um elemento de relação entre os diferentes níveis da produção teórica e das zonas de sentido do objeto a que ditos níveis dão acesso. Desta forma o indicador é parte do processo permanente em que se vai construindo o conhecimento e representa um dos elementos essenciais que facilitam a viabilidade do processo de conhecimento. O indicador não tem valor como elemento isolado e estático, senão como parte de um processo dentro do qual aparece em estreita inter-relação com outros indicadores. (GONZÁLEZ REY, 1999, p.115, tradução nossa).

Um conjunto de indicadores tem, portanto, o poder de expressar uma categoria. É com esse entendimento que construímos nosso quadro de indicadores geradores de categorias capazes de captar índices concernentes aos *modos de sociabilidade doméstica*, mais especificamente no tocante à PCDCA, e os sentidos que as crianças atribuem a tais experiências. Nosso estudo constitui-se, pois, em uma pesquisa sobre a subjetividade social de crianças no tocante à *punição corporal doméstica*.

Considerando a necessidade dos níveis descritivo e explicativo para a compreensão de qualquer fenômeno social, temos que, em nosso estudo, o nível descritivo trata das formas de sistematização do observável, e o nível explicativo apela às construções objetivas para *dar sentido à subjetividade*. Com tal entendimento operacionalizado através dos procedimentos de análise de conteúdo a serem empreendidos poderemos explicar os processos que subjazem e possibilitam o sentido atribuído pelas crianças às suas experiências domésticas de punição corporal, e os afetos que dela decorrem.

O desenvolvimento de indicadores e categorias é, pois, um momento essencial na pesquisa qualitativa que, enquanto processo de produção de conhecimento, não pode avançar sem os momentos de *integração* e *generalização* que representam as categorias, essenciais para a construção teórica. Em nosso estudo, como será demonstrado, indicadores definem categorias, e estas compõem índices norteadores dos processos analíticos aplicados sobre o

Corpus. Isso porque, como bem apontado por González Rey (1999), a produção de indicadores e de categorias são processos estreitamente inter-relacionados:

> [...] Pois em um momento dado, se as idéias associadas com o desenvolvimento dos indicadores não se expressam em categorias, o próprio processo gerador de teoria sobre o que descansa o curso da investigação, corre o risco de interromper-se e levar ao círculo vicioso de reiteração do conhecido que caracteriza algumas investigações em nossas áreas. Só o desenvolvimento de conceitos permite integrar em uma construção teórica em processo, fatos e situações que, de outra forma não seriam aproveitadas para a construção teórica. (GONZÁLEZ REY, 1999, p.120-1, tradução nossa).

A compreensão e a abstração (conceitualização) de um processo social determinado ganham força com a emergência das *categorias*, pois estas representam uma construção superior em relação aos *indicadores* que a facilitaram:

> [...] [A categoria] não é uma simples conceitualização daqueles [dos indicadores], nem tampouco se verifica neles, senão que 'dialoga' com eles, no sentido de que é uma construção teórica que permitirá situá-los dentro do espaço de sentido subjetivo que os expressam, e que vai permanecer em contato com ditos indicadores ao longo do tempo. [...] As categorias representam um momento na construção teórica de um fenômeno, e através delas entramos em nova zonas do estudado, que conduzirão a novas categorias que se integrarão às anteriores ou as negarão, mas que não seriam construídas sem aquelas. Portanto, toda categoria ou teoria concreta tem ante si o desafio de passar a novas zonas do estudado que estão mais além das categorias desenvolvidas por qualquer teoria concreta em seu momento atual. (GONZÁLEZ REY, 1999, p.122-3, tradução nossa).

Assim, após todas essas considerações teórico-epistemológicas gerais sobre o valor e o significado da construção de *indicadores* em pesquisa social-qualitativa, podemos agora apresentar a lista de indicadores que adotaremos em nosso estudo. Mas antes, por uma questão de ordem, iremos explicitar o processo de constituição de nosso *corpus*, bem como os materiais e métodos utilizados para sua produção.

4.2. Processo de constituição do *Corpus*

Devemos aqui resgatar todo o processo trilhado para a constituição de nosso *Corpus*, a fim de evidenciar os critérios aplicados para se chegar a sua configuração final. As produções escolhidas respeitaram o princípio da homogeneidade necessário à construção de um *Corpus*, isto é, foram produzidos num mesmo contexto, nas mesmas condições, sobre o mesmo tema,

num período delimitado de tempo, e assim por diante. Assim, partirmos de um *Corpus inicial* de trabalho, até chegarmos, após sucessivos recortes, ao *Corpus final* analítico.

O *Corpus inicial* de trabalhado no presente estudo constituiu-se de 123 Produções (desenhos mais escritos ou legendas) de sujeitos de 9 a 12 anos de idade, provenientes de 18 unidades federadas brasileiras[55] e de um município do Peru, Arequipa. Trata-se dos 15 desenhos finalistas e dos 108 desenhos merecedores de menção honrosa e premiação no Concurso de Desenho Infantil *Crescer Sem Palmada* realizado pelo LACRI (Laboratório de Estudos da Criança, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo), no primeiro semestre do ano de 2003. Os desenhos foram assim produzidos em contexto escolar, em um enquadre de Concurso de Desenho Infantil.

Participaram inicialmente do *Concurso* um total de 8.640 crianças de 9 a 12 anos, de ambos os sexos, que freqüentavam instituições escolares públicas e privadas nos municípios onde residiam.

As Produções foram coletadas por equipes de alunos do *X Telecurso de Especialização na Área de Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes*, sob orientação da Dra. Maria Amélia Azevedo. Passaram por distintas etapas classificatórias, através de vários julgamentos: inicialmente pelos próprios pares, pelas crianças das instituições escolares que participaram do Concurso, onde os colegas escolheram entre si os dez desenhos preferidos; depois, em cada município, para cada equipe participante do Telelacri/2003, por uma Comissão de Jovens de 2° grau, que escolheram os doze melhores desenhos dentre os 20 das duas instituições respectivas, e, finalmente, por uma Comissão Julgadora Final, integrada por artistas plásticos (escritores e educadores)[56], que escolheram as 123 melhores produções, compondo assim as 108 produções menções honrosas e 15

[55] São elas: Acre, Alagoas, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Paraíba, Pará, Rondônia, Roraima, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo.

[56] Ver Anexo A, sobre os membros da Comissão Julgadora Final do Concurso de Desenho Infantil *Crescer Sem Palmada* (LACRI, 2003).

finalistas. Como nosso interesse é investigar as produções no contexto brasileiro, optou-se por excluir do *Corpus* as duas produções finalistas de crianças peruanas. Assim, ficou-se com 121 Produções. Entretanto, cabe indicar que um novo recorte foi operado sobre esse *Corpus*, agora por uma questão lógico-comparativa, isto é, devido à impossibilidade de se comparar o *sentido de uma experiência* (CRESCER COM PALMADA) com o *sentido de sua ausência* (CRESCER SEM PALMADA). Considerando isso, optou-se por focar a análise somente nas produções de sujeitos que *cresceram com palmada*, deixando de lado, ao menos para compor os quadros da análise de conteúdo, as produções dos sujeitos que cresceram sem palmadas. Após este recorte, ficamos um número de 96 Produções. Entretanto, este ainda não se constituiu como o *Corpus final* analítico, pois ao longo do processo de validação categorial e refinamento do instrumental analítico, decidiu-se por excluir do *Corpus* quatro produções que fugiam demasiadamente do tema proposto[57]. Assim, após cortes criteriosos, nosso *Corpus final*[58], do qual emergiram categorias analíticas, compôs-se de 92 Produções, provenientes agora de 17 unidades federadas brasileiras. Todos esses recortes operados encontram-se sintetizados no Quadro 2.

Quadro 2 - Recortes para fixação do *Corpus*

Número total de Produções do *Corpus* inicialmente constituído (contexto brasileiro)	N=121	Conjunto total das produções (Menção Honrosa e Finalistas do Concurso de Desenho Infantil *Crescer Sem Palmada*, com exceção de duas produções premiadas de crianças peruanos, de Arequipa. (Lacri, 2003)
Número de Produções dos sujeitos que Cresceram sem Palmada	N=25	Descartados da análise de conteúdo comparativa (problemática epistemológica). Alguns serão inseridos na análise como dados *indiciários*, subsidiários à inferências.
Número de Produções dos sujeitos que Cresceram com Palmada	N=92	*Corpus final* analítico (sobre o qual incidirão as análises, e do qual emergiram as categorias "teoricamente saturadas").

Nota: Para efeitos de análise, nosso *Corpus* final está constituído por 92 Produções.

[57] Essa sugestão foi indicada pelos juízes que testaram o instrumental de análise, conforme será comentado na subseção 4.5.2 e detalhado no Apêndice Metodológico – Ver Apêndice A.

[58] Tal *Corpus* será apresentado na seção 5, com uma organização específica, como parte dos resultados da pesquisa.

4.2.1. Fontes primárias como *Corpus*

A presente pesquisa qualitativa é sobre fontes primárias de "dados", coletadas por outros pesquisadores. Em primeiro lugar, cumpre destacar que não teria sido possível a um único pesquisador, por questões óbvias de tempo e recursos destinados a uma Tese de Doutorado, reunir um conjunto de produções com as características do presente *Corpus,* que resulta de um esforço coletivo e bem orquestrado de 108 equipes de profissionais em processo de especialização na área de VDCA, o que representa uma ação de cerca de 600 pesquisadores em campo.[59]

Embora o Autor não tenha participado diretamente da aplicação e coleta do material, o princípio da homogeneidade do enquadre foi garantido através de instruções uniformes dos aplicadores (equipes do Telelacri) e de um regulamento escrito bastante específico sobre as condições de produção e validade dos desenhos.[60]

Afirmarmos que as fontes constituintes do *Corpus* são primárias, a partir de discussões e definições conceituais buscadas em literatura metodológica, que consideram, invariavelmente, que fontes primárias são materiais ou documentos originais sobre os quais outros pesquisadores se baseiam em seus estudos. São produções datadas, situadas em um período de tempo e em um espaço sócio-cultural determinados:

> Estes documentos originais (isto é, eles não são sobre um outro documento ou acontecimento) são frequentemente diários, cartas, memórias, jornais, discursos, manuscritos, entrevistas e outros trabalhos não publicados. Podem também incluir peças publicadas, tais como artigos de jornal ou *magazines* (contanto que sejam escritos logo após o fato e não como acontecimentos históricos), fotografias, gravações de áudio ou vídeo, relatórios de pesquisa em ciências naturais ou sociais, ou trabalhos literários ou teatrais originais. (LYONS, 2005, tradução nossa).

---

[59] Agradecemos ao trabalho de todos esses colegas, e, sobretudo, pela generosidade da professora Maria Amélia Azevedo em cedê-los para o presente estudo.
[60] Ver Anexo B, *Regulamento do Concurso: Crescer Sem Palmada* (LACRI, 2003).

Ora, as produções infantis de nosso *Corpus* bem se caracterizam, então, como *fontes primárias* de pesquisa.

4.3. Materiais e métodos para coleta das Produções

As produções constituintes do *Corpus inicial* foram coletadas através de Formulários específicos, contendo, no cabeçalho, o título do Concurso (*Crescer Sem Palmada*), a responsabilidade pelo mesmo (Laboratório de Estudos da Criança/IPUSP) e data de realização (Março de 2003), uma consigna específica para os sujeitos que apanharam ("Formulário A: Faça um desenho que responda à seguinte pergunta: *Como você se sente quando recebe uma palmada?*") ou que nunca apanharam dos pais e/ou responsáveis ("Formulário B: Faça um desenho que responda à seguinte pergunta: *O que você sente por nunca ter recebido uma palmada?*"), produções essas retiradas de nosso *Corpus final* analítico, conforme já explicado na subseção 4.2.

Imediatamente abaixo da instrução, um espaço em branco destinado ao desenho, delimitado por um retângulo de dimensões 14 por 16,5 centímetros. Logo abaixo, um espaço (três linhas) destinado ao sujeito responder por escrito a questão "*Escreva o que este desenho quer dizer*", seguindo identificação da criança: nome completo, sexo, idade, instituição e série escolar, cidade e Estado.[61]

Só participaram do Concurso as crianças que livremente manifestaram vontade de participar. As crianças foram orientadas a produzir desenhos coloridos. Só foram avaliados os desenhos devidamente identificados, produzidos dentro da temática sugerida e com os materiais especificados, e acompanhados de *Termo de Autorização e Cessão de Direitos*[62] datado e assinado pelos pais e/ou responsáveis.

---

[61] Vide no Anexo C, os formulários padronizado para coleta das Produções infantis.
[62] Vide no Anexo D o *Termo de Autorização*.

As produções que constituem o *Corpus* do presente estudo foram selecionadas, conforme já assinalado, através de vários julgamentos regionais, culminando com a avaliação por uma Comissão Julgadora Final, composta de 8 juízes, integrada por artistas plásticos, escritores e educadores. Os critérios empregados pela Comissão para a análise de cada desenho foram os seguintes:

1) *Adequação à respectiva faixa etária.* Segundo teóricos da *evolução do grafismo*, as crianças de 9 a 12 anos devem ser capazes de desenvolverem esquemas, linhas do céu e do chão, pinturas em raio-X, uso objetivo da cor, diferenciação dos sexos, detalhes, tentativas de perspectivas e de estabelecimento de cores em paisagens, caricaturas/desenhos animados.

2) *Adequação à temática proposta.* O desenho deve relacionar-se ao tema proposto, isto é, como a criança se sente quando recebe ou por nunca ter recebido palmada.

3) *Originalidade.* É importante que o desenho não reproduza modelos já conhecidos e divulgados através dos meios de comunicação, como figuras de desenhos animados, de histórias infantis, etc. Originalidade implica em imaginação criativa, e não mera cópia de algum modelo já consagrado culturalmente. Isto é, a criança deve manifestar um esforço criativo no sentido de uma composição original de comunicação, e não uma imagem estilizada.

4) *Comunicabilidade.* O desenho deve transmitir imediatamente a mensagem a que se propõe, não sendo confuso ou indecifrável. O desenho deve comunicar mensagens a respeito de *sentidos* relacionados às palmadas.

5) *Senso estético.* A criança deve utilizar bem o espaço que lhe foi oferecido para desenhar, distribuir adequadamente a sua comunicação nesse espaço, e ter uma noção mínima de combinação de cores[63].

---

[63] O senso estético envolve a avaliação de indicadores de organização de volume (3ª. dimensão) e de espaço, bem como a composição cromática. Do ponto de vista da composição volume/espaço, Greig (2004) distingue quatro possibilidades representacionais de acordo com o desenvolvimento do grafismo infantil. *Ponto de vista único:* espaço apenas com linha de solo, grama, flores, com linha de céu ou nuvens, espaço com três faixas (solo/espaço livre/céu); *junção sincrética:* rebatimentos, transparências de superposição, materialização de ações; *busca de profundidade:* início da coordenação de posições e planos, transparências de esquematizações

4.4. Características autorais do *Corpus*

Faremos aqui uma apresentação das características gerais de nosso *Corpus*, tais como idade, sexo, escolaridade e região de produção. Referem-se aos sujeitos considerados, servindo para caracterizá-los do ponto de vista de um quadro estatístico geral. Assim, na Tabela 4, a seguir, tem-se uma apresentação quantitativa a respeito do *Corpus final* então constituído (N=92), dos sujeitos que cresceram com palmada.

Tabela 4 - Composição do *Corpus* por gênero, idade e escolaridade

Idade/Sexo	Escolaridade					Total	%
	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª		
9 anos masculino	1	10	-	-	-	11	11,95%
9 anos feminino	1	5	-	-	-	6	6,52%
10 anos masculino	1	6	3	-	-	10	10,87%
10 anos feminino	2	6	5	-	-	13	14,13%
11 anos masculino	2	3	11	1	-	17	18,48%
11 anos feminino	-	2	7	5	-	14	15,22%
12 anos masculino	-	-	4	7	1	12	13,04%
12 anos feminino	-	1	-	6	2	9	9,78%
Total	7	33	30	19	3	92	100,00%

Observamos pela Tabela 4 que nosso *Corpus* está homogeneamente representado por gênero e idade, o que nos permite análises comparativas entre grupos e intra-grupos (por sexo e idade); entretanto, o mesmo não se verifica em relação à escolaridade, estando a grande maioria dos sujeitos (68,47%) na 4ª. e 5ª. série escolar quando conceberam suas produções.

Buscando alcançar a diversidade necessária a um estudo social qualitativo, as Produções pertencentes ao *Corpus* final cobrem 17 estados brasileiros, assim representados:

(interior de casas ou corpos); *perspectiva convencional:* boa utilização do processo de interupção-continuidade, boa coordenação de posições e planos.

Tabela 5 - Produções do *Corpus* por unidades federadas brasileiras.

UNIDADES FEDERADAS	Número de Produções	Porcentagem (%)
1. São Paulo	39	42,4%
2. Minas Gerais	9	9,8%
3. Santa Catarina	6	6,5%
4. Ceará	6	6,5%
5. Rio de Janeiro	5	5,4%
6. Rio Grande do Sul	4	4,3%
7. Paraná	4	4,3%
8. Rondônia	3	3,2%
9. Maranhão	3	3,2%
10. Acre	2	2,2%
11. Alagoas	2	2,2%
12. Pernambuco	2	2,2%
13. Pará	2	2,2%
14. Roraima,	2	2,2%
15. Mato Grosso do Sul	1	1,1%
16. Distrito Federal	1	1,1%
17. Espírito Santo	1	1,1%
TOTAL	92	100,0 %

Como pode concluir-se da análise da Tabela 5, a maioria das Produções é oriunda das regiões Sul e Sudeste, sendo predominantes Produções de crianças residentes no Estado de São Paulo. Esses dados não nos permitem concluir, contudo, que as crianças dessas regiões desenham melhor do que as outras, pois foram coletados mais desenhos nessas regiões, tendo em vista que um maior número de Equipes de Tele-estudantes concentrava-se nas mesmas. O que queremos enfatizar aqui é a diversidade de contextos culturais abrangido por nosso *Corpus*.

4.5. Procedimentos de *Análise de Conteúdo* (AC) aplicados ao *Corpus*

Podemos extrair inferências, específicas e gerais, a partir da AC das produções infantis sobre *Crescer com Palmada*. A *inferência* é um termo para designar indução, a partir dos fatos. É possível inferir a partir do conteúdo, sendo necessário, para tanto, lançar perguntas claras e objetivas ao *Corpus*, para daí poder inferir algo sobre o objeto que se estuda. É possível inferir que as crianças que cresceram com palmada consideram tal ato como

violência dos pais/responsáveis? Ou pode-se inferir que as crianças entendem a palmada como cuidado e demonstração de amor paterno?

Um princípio básico geral de análise é que esta deve permanecer dentro do *Corpus* e procurar dar conta de toda a diferença que está nele contida. Entretanto, o *Corpus* é encarnado, o que implica que se deve buscar explicar o modo e o porquê de sua produção a partir as forças que o engendraram, isto é, nas relações sociais mediadas por todo um universo cultural e simbólico. Portanto, a análise parte do *Corpus*, mas não se esgota nele: buscaremos descer às determinações sociais que possibilitaram sua produção. Ou seja, a análise/interpretação deve passar pelos planos da história e da cultura, necessariamente. Esquivar-se dessa discussão é empobrecer a análise, ou o que é pior, abstrair o *Corpus*.

Embora tenhamos ensaiado alguns possíveis distintos olhares metodológicos sobre o *Corpus*, como através da Teoria das Facetas (BILSKY, 2003), da Semiologia (BARTHES, 1964/1996) e de tentativas de operacionalização semiótica para a análise de imagens paradas (PENN, 2002), optamos por trabalhar com diferentes níveis de *Análise de Conteúdo* (AC), por termos mais familiaridade, valendo-se sobretudo de Bardin (1988), González Rey (1999) e Bauer, Gaskell e Allum (2002).

A AC é entendida, conforme Bardin (1988), como um conjunto de técnicas ou procedimentos sistemáticos (quanti-qualitativamente) de análise da *comunicação,* entendida como qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor, controlado ou não por este. A intenção da AC é *inferir conhecimentos* – no presente estudo relativo ao que sente e pensa sobre *Palmada* a criança que cresce tendo tais vivências. Assim, a partir de uma leitura global do *Corpus*, de níveis mais abrangentes de análise, buscar-se-á extrair as mensagem ou metáforas infantis concernentes à atribuição de sentidos relacionados às experiências punitivas corporais domésticas.

A análise de conteúdo debruça-se sistemática e quantitativamente sobre o conteúdo manifesto da comunicação; é uma técnica para *fazer inferências*, ou seja, tirar conclusões, passagem de uma proposição a outra derivada, no campo da lógica. A *natureza proposicional* da seleção é acentuada pelo *sentido* de qualquer material com *funções simbólicas* (BAUER; AARTS, 2002). Consiste em procedimentos de processamento da informação, em que o conteúdo da comunicação é transformado através da aplicação (objetiva e sistemática) de *regras de categorização*. As inferências possíveis são sobre os emissores, a própria mensagem, e seu contexto de produção. A produção de inferências - objeto da análise de conteúdo - tem por base *indicadores* precisos. Inferir é extrair uma conseqüência, através de operações lógicas, pelas quais "se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceites como verdadeiras." (BARDIN, 1988, p.39) O objetivo é "fazer falar" o material. No presente estudo interessa-nos responder nossas questões chave, aproximando-nos da verificação (confirmação ou refutação) de nossa hipótese.

Na presente pesquisa, os emissores são as crianças de 9 a 12 anos, a mensagem a ser analisada são suas produções sobre crescer com palmada (desenhos legendados), e o contexto de produção, podemos assim definir, foi a sociedade brasileira, pois embora as produções tenham sido coletadas em ambiente escolar, o contexto a ser discutido não é, evidentemente, a escola, mas a própria cultura societária, particularmente com enfoque nas relações familiares, portanto no âmbito doméstico. Daí que enfatizamos ser uma pesquisa sobre *modos de sociabilidade doméstica* – no caso, modo marcado pela VDFCA, abrangendo aspectos do desenvolvimento moral e ético da criança, pois enquanto representações circulantes, a *cultura da violência doméstica* permeia o desenvolvimento de conceitos, noções e juízos de valores.

O objetivo fundamental de nossa análise de conteúdo será compreender quais os sentidos atribuídos por crianças às experiência de apanhar dos pais, buscando assim verificar

a hipótese inicialmente formulada, isto é, de que a palmada, além de constituir-se um ato de desrespeito à integridade física, psíquica e moral infantil, é tida, sentida e expressa, na maioria das vezes, como uma experiência maléfica para quem apanha. Buscaremos evidenciar os *indicadores, categorias* e *índices* relacionados a tais atribuições de sentidos existentes nas Produções. Cremos que com este recorte poderemos trabalhar de forma uniforme o conjunto do *Corpus*, levando em conta tanto suas especificidades quanto seus aspectos comuns.

Para atingir tais objetivos, serão empregadas inicialmente, conforme já assinalado, duas modalidades técnicas de AC, conhecidas como *técnica de análise temática* e *técnica de análise categorial*. A partir desse tratamento das mensagens poderemos deduzir conhecimentos relevantes sobre a problemática tratada. O percurso vai da descrição à interpretação, passando pela inferência possível graças à análise criteriosa efetuada – o rigor do procedimento sustenta aquilo mesmo que irá ser afirmado em termos de discussão dos resultados. A sistematização e explicitação do conteúdo das mensagens e do sentido expressivo ou significativo deste conteúdo, conforme já assinalado, permitem a verificação (confirmação, refutação, confirmação parcial) da hipótese inicialmente formulada, isto é, de que a criança e o adolescente sentem e percebem a palmada e todas as punições corporais como algo que causa um mau, traz mal-estar para si, rebaixa ou danifica sua auto-imagem ou atributos pessoais, e assim por diante, podendo mesmo ser entendida como um *mal moral*. Partiremos da premissa fundamentada, através da teoria crítica da VDCA, de que a *palmada* e demais *punições corporais domésticas* constituem-se como uma violação ao direito à integridade física, psíquica, emocional e moral da criança, conforme previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), artigo 18 e outros.

Diante disso, o que podemos verificar e afirmar a partir de nossos procedimentos analíticos? Antes disso: quais foram nossos procedimentos analíticos? Devemos explicitar

todos os passos que seguimos, pois coerência e transparência são critérios de uma boa prática na AC: o processo deve ser claro e replicável.

A análise de conteúdo, tradicionalmente, trabalha com materiais textuais escritos, mas seus procedimentos podem ser aplicados à análise de imagens, aponta Bauer (2002). Como nosso *Corpus* é composto por imagem (desenhos propriamente) e texto (legendas e escritos no desenho), estamos operando no campo da *análise de conteúdo híbrida.*

Bauer (2002), em revisão à análise de conteúdo e suas técnicas, aponta ser a análise de conteúdo uma técnica híbrida, superando a dicotomia quantidade/qualidade. Podemos, assim, aplicar técnicas de análise de conteúdo a um *Corpus* híbrido, imagético-textual, como se configura nosso *Corpus* – desenhos legendados - ora em estudo. Sendo o *Corpus* híbrido, podemos adotar três caminhos:

1) analisar separadamente, com semelhantes ou diferentes procedimentos, os desenhos e as legendas escritas;
2) analisar a unidade de produção como um todo, a partir da atribuição de sentido predominante;
3) privilegiar as duas formas de análise anteriores, ou seja, ter o momento de dissecação do *Corpus*, separando a análise textual (legendas) da imagética (desenho propriamente), assim como o momento de integração analítica, buscando decifrar o sentido global do *Corpus* e específico de cada Produção.

Optamos pelo terceiro caminho, por ser o mais sistemático e completo, permitindo assim vários níveis analíticos e de exploração teórica. Para tanto, devemos nos deter algo mais sobre as relações entre imagem e texto, imperativas em nosso estudo.

Há segundo Bauer e Gaskell (2002) diferentes formas de se entender a relação texto/imagem, sendo que tanto a imagem quanto o texto contribuem reciprocamente para o sentido geral de uma produção, oferecendo algumas diretrizes possíveis para sentidos interpretativos. Assim, devemos considerar, a todo instante, as duas dimensões de cada unidade de Produção: *imagem* e *texto*. A *análise e conteúdo* deve ser de forma integrada,

"holística", mesmo que, para fins operacionais, haja um momento de inventários denotativo e conotativo, lingüístico e icônico. Se, num primeiro momento, fragmentamos o *Corpus*, é para depois integrá-lo de forma criativa e inovadora, buscando sua decifração, isto é, sua leitura embasada ou fundamentada.

Nesse processo de "dissecação" analítica, relembramos, partiu-se sempre do enquadre (*setting)* do Concurso *Crescer sem Palmada* (LACRI, 2003), ou seja, os participantes eram convidados a fazer um desenho que respondesse à seguinte pergunta: "*Como você se sente quando recebe uma palmada?*, caso apanhasse dos pais , ou "*O que você sente por nunca ter recebido uma palmada?*, caso não apanhasse dos pais, grupo este eliminado do esforço analítico), bem como responder por escrito o que o desenho queria dizer. Este é o *setting* da produção, em *locus* escolar, e contexto culturalmente diversificado, pois se tratam de produções provenientes de diversas regiões e estados brasileiros, embora podendo ser homogeneizado sob o rótulo de "cultura brasileira". Disto decorrem duas implicações imediatas:

1) a criança está expressando algo que diz respeito a si própria e a seu mundo social, sua vida cotidiana, doméstica, e algo sobre sua afetividade, seu mundo de afetos, emoções, sentimentos;

2) a criança está expressando algo que diz respeito à sua vivência ou impressões sobre a *palmada*, muito embora as produções expressem também outros conceitos e imagens, relativos à *violência, injustiça, lei, paz, morte,* entre outros.

Ora, como não podemos comparar a expressão de uma vivência com a expressão de sua ausência, mais uma vez justificamos o porquê do recorte no *Corpus*.[64]

Assim, temos que as considerações teórico-metodológicas a respeito da AC de textos bem servem à análise dos desenhos legendados (*Corpus* híbrido imagético-textual). A análise do desenho, enquanto linguagem através da imagem, do ponto de vista da análise de conteúdo, assemelha-se à análise de textos ou comunicações.

O resultado da análise permite a compreensão do fenômeno estudado; permite, conforme Bauer (2002), captar ou registrar eventos, valores, regras e normas sócio-culturamente compartilhadas. A *análise de conteúdo* permite a reconstrução de indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos, e sua comparação entre grupos ou comunidades.

Os desenhos evidentemente são construídos, são *construções de sentidos,* socialmente motivados. Como se explica, então, em cada Produção, o que a criança pensa e sente ao *crescer com palmada*? No esforço de colocar-se na perspectiva da criança, esse estudo tem por objetivo captar o que a criança expressa, como ela re-traduz a palmada em sua vida, quais os *sentidos expressos* no desenho, através dele. E, para tanto, devemos evidenciar temas, criar categorias analíticas, e acima de tudo compreendê-las a partir dos e nos contextos aonde foram produzidas.

Evidenciar (agrupar, aglutinar) os temas emergentes do *Corpus* não é tarefa das mais difíceis, pois eles emergem quase que por si próprios, "saltam aos olhos" do observador atento. Construir categorias analíticas, entretanto, é tarefa mais complexa[65], pois a construção das categorias teoricamente saturadas envolve constante diálogo entre as teorias de apoio e o *Corpus* disponível. "A teoria e o problema [...] serão responsáveis pela seleção e

---

[64] Se até o momento do Exame de Qualificação buscava-mos uma análise comparativa entre *Infância com Palmada X Infância Sem Palmada,* após ela, a partir de orientações e sugestões da Banca Examinadora, deixamos de lado a análise comparativa entre esse dois grupos, uma vez que tal análise traz consigo um problema lógico, epistemológico, a saber: comparar uma experiência (palmada) com sua ausência (não-palmada). Assim, focou-se então a atenção nas produções das crianças que cresceram sob o signo da palmada, conforme já anunciado.

[65] A categorização do problema é fundamental à pesquisa social. "Categorizar o presente e, às vezes, predizer futuras trajetórias é o objetivo de toda pesquisa social." (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p.22).

categorização dos materiais de texto, tanto implícita, como explicitamente." (BAUER, 2002, p.194).

A construção de um *referencial de codificação* ou *sistema categorial* deve ser coerente com o referencial teórico, com o objeto e objetivos da pesquisa, pois a AC é um sistema de codificação que implica valores teóricos:

> A codificação e, conseqüentemente, a classificação dos materiais colhidos na amostra, é uma tarefa de construção, que carrega consigo a teoria e o material de pesquisa. [...] Um referencial de codificação é um modo sistemático de comparação. Ele é um conjunto de questões (códigos) com o qual o codificador trata os materiais, e do qual o codificador consegue respostas, dentro de um conjunto predefinido de alternativas (valores de codificação). Embora o *Corpus* [...] esteja aberto a uma multidão de possíveis questões, a AC interpreta [...] à luz do referencial de cofificação, que constitui uma seleção teórica que incorpora o objetivo da pesquisa. A AC re-presenta o que é já uma representação [...] (BAUER, 2002, p.199).

*

Posto isso, torna-se imperativo apresentar as definições estipulativas concebidas, isto é, todas as categorias analíticas, fundamentando-as. Assim, preparamos o leitor para poder "ver" o que estamos enxergando no *Corpus* e para além deste, e nos expomos abertamente à crítica sobre o método utilizado, submetendo à testagem a validade de nossos indicadores[66]. Será que o que estamos vendo no *Corpus* qualquer pessoa enxergaria? Um educador, um professor secundarista, uma pastor da igreja evangélica, movido de boa-fé, e assim por diante, veriam a mesma coisa? Se alcançarmos tal objetividade, teremos sido bem sucedido em nossa análise, possibilitando até a construção de um instrumento de detecção e prevenção de VDCA, de manejo não exclusivo de psicólogos, por exemplo, para ser usados por educadores em contexto escolar.[67]

---

[66] Ver Apêndice Metodológico – Apêndice A.

[67] Tal instrumento, conforme apresentaremos na subseção 5.5, emergiu do próprio processo de criação e validação categorial.

4.5.1. Da *análise de conteúdo temática*

O procedimento utilizado inicialmente foi a sistematização das produções finalistas do *Concurso Crescer Sem Palmada* (LACRI, 2003) segundo a natureza *temática* de *Crescer com* ou *Crescer sem* Palmada. Destes dois grupos, eliminamos da análise as produções dos sujeitos que cresceram sem conhecer a experiência da palmada, mais duas produções de crianças peruanas, chegando então ao número de 96 produções, somente de sujeitos que cresceram sob palmada e/ou demais formas de manifestação da punição corporal doméstica; destas, mais quatro produções foram eliminadas por fugirem em demasia da temática proposta, ficando então o *Corpus final* com 92 produções de crianças que cresceram com palmada. Assim, elegemos como foco analítico as produções sobre o tema *Crescer com Palmada,* operando assim uma primeira distinção temática.

A análise *temática* é a análise dos significados que, tradicionalmente, permite revelar a freqüência dos temas manifestos, detectáveis, isto é, a análise da *dimensão denotativa do discurso* (BARDIN, 1988). Assim, após a separação inicial e definição do *Corpus*, buscou-se extrair de cada produção formas *sintagmáticas* através das quais os sujeitos deram conta da tarefa proposta, isto é, fazer um desenho que respondesse à pergunta: *"Como você se sente quando recebe uma palmada?"* Observou-se que há produções que expressam diretamente algo sobre a Palmada, tendo em comum o fato objetivo da menção escrita do termo *palmada,* ou o desenho da cena consagrada da palmada ("tapa no bumbum"), ou ainda algum símbolo com a mão aberta (espalmada) para expressar Palmada.

Os resultados brutos dos levantamentos temáticos das Produções serão tratados de maneira a serem significativos ou "falantes" e válidos. A partir de tais resultados poder-se-á então avançar na análise comparativa básica (temas por idade, temas por sexo, temas por escolaridade, temas por região do país, e assim por diante), buscando produzir conhecimentos sobre o fenômeno estudado.

Fazer uma análise de conteúdo temática das produções infantis sobre o tema *Crescer Com Palmada* consiste, no presente estudo, em descobrir os "núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou freqüência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido" (BARDIN, 1988, p.105). Ora, descobrir os *núcleos de sentidos temáticos* consiste em identificar os sentidos primeiros para a criança da experiência de apanhar do pai ou da mãe.

Na análise temática nos debruçaremos sobre os *personagens* das cenas dos desenhos infantis, bem como sobre os *acontecimentos* representados, e em que local (privado ou público) e tempo o episódio punitivo é lembrado. Assim, podemos ter acesso às representações sobre palmada e outras formas de punição corporal, à figura do sujeito punidor mais significativo (pai, mãe, etc.), aos meios e modos punitivos privilegiados pelos pais, a aspectos relacionados ao ambiente doméstico (mundo privado) como cenário por excelência onde se exerce a punição corporal. Podemos explorar o que do pondo de vista psicológico é mais marcante para as crianças, se o momento que antecede as punições, durante as punições ou o estado que se segue às punições corporais, e ainda conhecer os motivos pelos quais as crianças relatam apanhar dos pais, bem como as formas predominantes.

Esta codificação inicial do material permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, que, conforme Bardin (1988) pode servir para a construção de *indicadores* superiores ou mais abrangestes, o que nos permite a compreensão do fenômeno da palmada e demais punições corporais doméstica na infância segundo a ótica de quem as protagoniza - daí seu caráter *testemunhal*.

4.5.2. Da *análise de conteúdo categorial*

Em um segundo momento, empregaremos a *análise categorial,* enquanto técnica de AC que tem como objetivo a classificação das mensagens ou "saberes" extraídos do *Corpus* em amplas *categorias*. O segundo nível analítico é, pois, a *análise de conteúdo categorial*, pensada a partir da seguinte questão-chave genérica: *Quais sensações, emoções e sentimentos sócio-morais estão relacionados às palmadas?* Por intermédio desta indagação captamos também aspectos sobre valores e princípios relacionados ao uso da violência física nas relações familiares e sociais, bem como aspectos relacionados à *representação de si* ou auto-imagem.

O recorte adotado permite a criação de um sistema categorial abrangente, levando a análise do *Corpus* de forma comparativa e evolutiva[68], a partir da construção dos *indicadores* de produção.

Interessa-nos delimitar que grupos categoriais podem-se extrair da análise do *Corpus*. Elegemos, conforme já afirmado, *categorias* relativas às *sensações, emoções* e *sentimentos sócio-morais,* afetados pelo evento da palmada, passada ou presente, ou iminente (futuro próximo). Iremos considerar o desenho infantil à maneira dos textos, em termos de AC, e já fundamentamos o suficiente tal possibilidade.

As produções infantis são entendidas, portanto, como uma manifestação expressiva, comunicadoras de *sentidos* da experiência de apanhar[69]. Muitas questões derivam do processo de categorização do *Corpus*, enriquecendo cada vez mais a análise, e mesmo permitindo um ensaio teórico fundamentado.

---

[68] Evolutivo aqui tanto no sentido cronológico quanto da evolução do grafismo infantil.

[69] Muitas vezes, "[...] os conteúdos encontrados encontram-se ligados a outra coisa, ou seja, aos códigos que contêm, suportam e estruturam estas significações [...], ou então, às significações 'segundas' que estas significações primeiras escondem e que a análise, contudo, procura extrair: mitos, símbolos e valores, todos estes sentidos segundos que se movem com descrição e experiência sob o sentido primeiro." (BARDIN, 1988, p.135-136).

A violência física, parte da *ética disciplinar doméstica*, passa a ser concebida como punição pela criança, como (re)ação legítima dos pais em determinadas situações, como em casos de desobediência, quando a criança "apronta", faz "arte", é "danada", etc. A violência proveniente palmada passa a compor cenários da vida cotidiana infantil – e isso as produções por si revelam -, podendo constituir-se, para a criança, em uma estratégia pessoal na resolução de conflitos, tornando-se ação normal e moral no universo das possíveis práticas e reações em relação ao comportamento do outro.[70]

Às vezes, no processo de análise e criação categorial, categorias aparentemente pouco úteis e esclarecedoras podem servir de meio para se chegar à formulação de outras categorias mais relevantes. Daí porque o processo de criação categorial não se dá num instante, coisa pronta: requer idas e vindas, requer revisitações, esquecimento e recuperações. Assim deu-se com o processo de criação de nosso sistema categorial. Partimos de um rol extenso de categorias, e operamos cortes e reformulações, buscando sempre simplificar e tornar operacional suas definições.

Submetemos também o sistema categorial criado a um processo de validade de construto, buscando verificar se havia consenso naquilo que se olhava, isto é, o próprio *Corpus*. Buscando garantir a consistência, trabalhou-se com dois juízes para avaliar o material, ajustado à forma de manual. Nesta pré-testagem constatou-se elevada concordância entre os juízes (em média acima de 75% nas respostas), que também apontaram problemas na construção das categorias e seus indicadores, o que resultou em reformulações, junções e mesmo abandono de determinadas categorias[71]. Fortalecia-se, a esta altura, a idéia da criação de um instrumento, como parte de uma proposta de intervenção preventiva da VDCA no âmbito escolar. Um instrumento que permitisse investigar atitudes, valores, crenças em

[70] Tal nível de inferência nossos dados parecem não suportar, mesmo porque para alcançar tais questões seria necessário realizar entrevistas em profundidade com os sujeitos, o que não foi realizado.
[71] Em nosso Apêndice Metodológico detalhamos melhor este processo – Ver Apêndice A.

relação às palmadas. Precisava-se então instrumentalizar as categorias, dar os parâmetros aos juízes.

Definimos todas as *categorias* e seus *indicadores*, isto é, os "níveis moleculares" de análise, pois um indicador sozinho não diz algo consistente, mas uma combinação de *indicadores*, isto é, uma *categoria*, tem algo mais consistente a dizer. Todos os indicadores devem ser analisados no contexto da produção total, para que se possa discernir sobre especificidades. Um indicador sozinho nada ou muito pouco diz sobre um estado do ser ou fenômeno qualquer, mas conjuntos de indicadores compondo índices sinalizam numa mesma direção interpretativa, ganhando grande poder *expressão de sentidos*.

Assim, buscamos definir *indicadores, categorias* e *índices*. Trata-se de definições estipulativas. Evitou-se listar os mesmos indicadores em mais de uma categoria, para não cair em erro de construção metodológica, embora, conforme mostraremos mais adiante, algumas categorias são como que derivadas de outras básicas, o que nos permitiria trabalhar com certa sobreposição categorial.

Não é tarefa fácil captar atribuições de sentidos a partir de indicadores: há sempre o problema da interpretação, da subjetividade, do olhar de cada avaliador, problema este que tentamos minimizar buscando bem definir cada indicador. Assim, sintetizamos abaixo a estruturação de nosso *sistema de análise de conteúdo categorial*. Em nosso sistema, um índice é composto de duas ou mais categorias, categorias estas definidas por um conjunto de indicadores específicos.

A seguir, apresentamos os *índices, categoriais* e *indicadores* gráfico-expressivos criados para balizar a análise categorial das Produções, após o que buscaremos fundamentar sua construção teórica. Edificamos os indicadores de modo a garantir que a presença de ao menos um indicador na produção seja suficiente para incluí-la na categoria de referência,

expressando um *índice*. Entretanto, a direção do sentido da interpretação deve ser dada pela análise da produção toda, de forma não fragmentada.

Assim, trabalharemos com 4 índices, 19 categorias e 84 indicadores de sentidos, assim distribuídos:

Quadro 3 - Sistema de *análise de conteúdo categorial.*

ÍNDICES	CATEGORIAS	INDICADORES
I. *Sensações de Dor e Prazer*	2	7
II. *Emoções de Fundo*	2	8
III. *Emoções Básicas*	4	21
IV. *Sentimentos Sócio-Morais*	11	48
TOTAL	19	84

Passemos agora à fundamentação teórica de nossas *categorias*, uma vez que só assim elas ganham existência e configuração própria, a partir dos referenciais teórico-metodológicos trabalhados. Cabe precisarmos conceitos que serão discutidos daqui por diante, e que permitirão a própria análise e discussão do *Corpus*.

Assim, após um longo percurso de leituras orientadas, de caminhos iniciados e redirecionados, optamos por alicerçar os fundamentos de nossa construção metodológica, além de no modelo crítico de quarta geração aplicado à VDCA, em quatro autores centrais (e alguns comentadores) que mantém certa afinidade entre si, e ao mesmo tempo pertencerem a matrizes de pensamentos não opostas ou contraditórias. Estamos nos referindo ao filósofo Baruch de Espinosa (1632-1677), ao psicólogo Liev S. Vygotsky (1899-1934), ao neurocientista Antonio Damasio (1944-), e ao psicólogo do desenvolvimento Yves de la Taille.

A primeira crítica, bastante vulgar, seria de que se trata de três autores muito distantes temporalmente, e que supostamente não se "afinam" entre si. Mas isso mostrou ser inverdade,

pelos motivos que agora expomos para justificar o fato de termos erguido as principais categorias analíticas do presente estudo à luz destes autores e de suas obras.

Em primeiro lugar, não há nenhum problema de natureza epistemológica em se trabalhar junto o pensamento de Espinosa e o de Vygotsky. Conforme Chaui (1983), os instrumentos de trabalho utilizados por Espinosa foram os métodos histórico-crítico e genético; Vygotsky e colaboradores, além de valerem-se do método histórico-crítico e do método genético em diversas pesquisas e formulações teóricas, impulsionaram o desenvolvimento da compreensão neurobiológica, abrindo importantes campos de pesquisa nesta área. Sabemos ainda, através de Guillermo Blank (2003), que Espinosa era um autor bastante caro à Vygotsky, filósofo e filólogo, sendo a *Ética* (1677) de Espinosa seu livro "de cabeceira" e "leito de morte". E da própria teoria vygotskyana é possível enxergar a influência do espinosismo, sobretudo na construção da teoria dos afetos e sentimentos que o psicólogo russo constrói. Mas é em Bader Burihan Sawaia (2000) que temos uma bela reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa, introduzindo a emoção como *locus* de produção do conhecimento. Deter-nos-emos um pouco mais nesse estudo, que vem para confirmar e aclarar nossa construção teórica, partindo de Espinosa (1677).

Conforme Sawaia (2000), baseado em leitura crítica de comentadores e biógrafos de Vygotsky (como VAN DER VEER; VALSINER, 1991), a influência da filosofia espinosana sobre o pensamento de Vygotsky foi marcante, sobretudo para a elaboração de uma teoria das emoções crítica às teorias então hegemônicas, assentadas sobre o pensamento cartesiano.[72] No prefácio do livro *Psicologia da Arte,* recupera Sawaia (2000), o próprio Vygotsky afirma: "meu pensamento constitui-se sob o signo das palavras de Espinosa".

---

[72] "Vygotsky pretendia elaborar uma teoria da emoções, tendo iniciado um manuscrito que ficou incompleto, cujo título original é *'Espinosa e sua teoria dos afetos-prolegômenos à Psicologia do Homem.'* O objetivo é apresentar as bases filosóficas das teorias das emoções para criticar as teorias fisiológicas e idealistas, o que exige uma análise profunda das bases filosóficas das teoria de James e Lange, para tanto lê a *Ética* de Espinosa e *As Paixões da Alma* de Descartes. Este texto só foi publicado pela primeira vez em 60, na Rússia e, em 84, com o título de *A teoria das emoções – uma investigação histório-psicológica*, no 6 vol das obras escolhidas. Apesar do título original referir-se a Espinosa, o discurso construtivo sobre Espinosa nunca foi escrito. O manuscrito termina com a análise da teoria cartesiana.[...]" (SAWAIA, 2000)

O percurso teórico desenvolvido por Sawaia (2000) é-nos de bastante utilidade neste momento, pois, à luz da filosofia espinosana, pretende

> [...] restaurar o vigor de suas análises sobre emoções, conhecendo as idéias que ele usou da obra de Espinosa e como faz uso delas, mais especificamente de duas de duas de suas obras mais citadas por Vygotsky: *Ética* (1677) e *Tratado da Correção do Intelecto* (1670). Considero que este caminho analítico possibilita o levantamento de suposições sobre aspectos não explicitados e sugerir outras possíveis decorrências na tentativa de continuar a teoria que esse advogado e crítico de arte o russo tão brilhantemente introduziu na Psicologia: a emoção como positividade epistemológica, superando a tradicional abordagem negativa, própria das teorias que analisam o homem à reboque da sociedade. (SAWAIA, 2000).

Neste "exercício analítico" Sawaia (2000) explorar a obra de Vygotsky, com ênfase na sua concepção de *emoção como positividade epistemológica.*

> [...] Emoção, apesar de incompleta, é questão epistemológica e ontológica central na teoria de Vygotsky e não um simples conceito, por isto está espalhada por toda a sua fabulosa obra. E que, para analisar a teoria das emoções em Vygotsky nesta dimensão é preciso mediá-la pela filosofia espinosana. (SAWAIA, 2000)

A teoria de Vygotsky já se encontra parcialmente incorporado no tocante ao entendimento do desenho infantil e os processos psicossociais envolvidos nessa atividade, e falta ainda aprofundarmos algo mais sobre sua teoria das emoções. A importância maior da teoria vygotskyana das emoções, que retomaremos ao longo da exposição do sistema categorial e por dentro da análise dos resultados do *Corpus*, reside em sua contribuição sobre os processos pelos quais emoções e sentidos são educados, isto é, construídos. É este caráter mediado da construção dos sentimentos, e, portanto, dos *sentidos*, que interessa-nos focar, sobretudo para iluminar caminhos analíticos.

Também não resulta problemático o diálogo desses autores com o neurocientista Antonio Damásio, sobretudo se considerarmos os caminhos percorridos em sua última obra, *Em busca de Espinosa* (Damásio, 2004). E coerente com nosso modelo analítico de quarta geração sobre o fenômeno da VDCA não podemos abordar os sentimentos sem considerar o aporte das neurociências contemporâneas, o que justifica este autor na medida em que apresenta idéias "de ponta" no tocante ao funcionamento da neurobiologia das emoções e sentimentos, a partir de todos os métodos de investigação modernos sobre o funcionamento

cerebral, mapeamento e imagens mentais, etc., e ainda discutidas à luz de aspectos da teoria espinosana. Damásio (2004) chega à conclusão, a partir de estudos recentes, que Espinosa havia *intuído* o correto funcionamento cerebral do homem, do corpo-mente e suas afecções, emoções e sentimentos, sem dispor dos recursos tecnológicos atualmente disponíveis. E mais, que a doutrina espinosana da *mente como idéia do corpo* estava perfeitamente em concordância com as atuais descobertas do funcionamento cerebral.

Certamente, uma leitura rigorosa da leitura que faz Damásio (2004) sobre Espinosa (1677) encontrará pontos criticáveis, erros de assimilações terminológicas, mesmo porque Damásio não é filósofo de formação. Entretanto, consideramos que tal leitura à luz dos conhecimentos atuais das ciências do cérebro é-nos bastante adequada para o entendimento da relação corpo-mente e da própria afetividade, envolvida em todo processo de *atribuição de sentido* às experiências, e em especial os *sentidos* da *punição corporal doméstica* sofrida.

Assim, se agora nos parecem sincronizados Espinosa, Vygotsky e Damásio, devemos, contudo, provar tal sintonia a partir do próprio pensamento desses autores. É através destas construções que fundamentaremos nossas categorias analíticas, a fim de extrair os núcleos de *sentidos* das Produções do *Corpus*. Contudo, falta-nos ainda justificar a presença do psicólogo de desenvolvimento Yves de la Taille, que traz, em recentes estudos (LA TAILLE 1999, 2000, 2002, 2006) importantes discussões sobre a gênese e desenvolvimento dos limites, da moralidade e da ética em crianças e adolescentes brasileiros. Dessa perspectiva, além de extrairmos definições conceituais sobre sentimentos morais, podemos fazer avançar nossa discussão sobre *ética disciplinar doméstica* e *modos de sociabilidade doméstica*, sob o enfoque da psicologia do desenvolvimento moral. Ademais, encontramos convergências teóricas importantes entre a psicologia do desenvolvimento humano e a filosofia espinosana, sobretudo tendo-se em conta, respectivamente, os conceitos de *expansão de si* e *conatus*, potência de ser e existir.

Pensar a questão da PCDCA no campo do desenvolvimento moral infantil é trazer contribuições inéditas ao campo de estudos da VDCA, assim como iluminar possíveis caminhos sobre o estudo da moralidade infantil.

4.5.2.1. Sobre a teoria dos afetos

Todas as *sensações, emoções* e *sentimentos* que descreveremos como parte de nosso *sistema categorial* podem ser ditas, em termos da filosofia de Espinosa, *espécies de alegria, de tristeza e de desejo*: são *afecções, afetos* ou *paixões* compostas e derivadas, que nascem da combinação das três *afecções primitivas*[73].

Na teoria corporal espinosana, *afecção* é o *estado do corpo*. Pela definição geral das *afecções*, temos: "Uma afecção, chamada paixão da alma (*animi pathema*), é uma idéia confusa pela qual a alma afirma a força de existir, maior ou menor do que antes, do seu corpo ou de uma parte deste, e pela presença da qual a alma é determinada a pensar tal coisa de preferência a tal outra." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, *Definição Geral das Afecções*, p.221). Portanto, *afecção* ou *paixão* é uma idéia confusa, que tende a afirmar ou negar a potência do corpo.

No sistema espinosano, todas as paixões são, portanto, apenas a *alegria*, a *tristeza* e o *desejo*[74], essência do homem. "A alegria e a tristeza, assim como o desejo ao qual estão ligadas, são as três afecções primitivas de que todas as outras devem nascer." (DELBOS, 1912/2002a, p.133) Da variedade de suas relações gera-se a variedade de denominações

---

[73] Segundo a ordem de nossa exposição, definiremos os conceitos tratados, sem grande rigor teórico, entretanto, uma vez que interessa-nos, no momento, apresentar o sistema categorial.

[74] Desejo, em Espinosa, compreende todas as tendências da natureza humana: apetites, vontades, impulsos, volições, que se tem consciência. "O *desejo* (*Cupiditas*) é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada a fazer algo por uma afecção qualquer nela verificada." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, *Definições das Afecções*, definição I, p.211). "O desejo é a essência ou natureza de cada indivíduo, na medida em que é concebido como determinado a fazer qualquer coisa pela sua constituição, tal qual ela é dada [...] Portanto, conforme um indivíduo é afetado por causas exteriores por esta ou aquela espécie de alegria, de tristeza, de amor, de ódio, isto é, conforme a sua natureza é constituída desta ou daquela maneira, o seu desejo será necessariamente este ou aquele [...]"(ESPINOSA, 1677, Ética – III, Demonstração da Proposição LVI, p.208).

extrínsecas de todos os estados passionais humanos. Esclarece Delbos (1912/2002a, p.133-134):

> É portanto pela diversidade dessas relações que Espinosa explica a diversidade das paixões, relações aliás que por diversas que sejam, deixam-se reduzir a alguns tipos principais; são relações de associação por contigüidade ou por semelhança ou por contraste, que produzem combinações ou transferências que têm em comum a característica de estar fora da razão.

O termo *afecções* pode ser melhor traduzido por *afetos*: " 'Por afetos entendo as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as idéias dessas afecções na mente' *(Ética,* III, def. 3)." (CHAUI, 1987, p.51)[75]

Conforme entendimento de Andrade (1996), *afecção corporal* – ou *afetação corporal*, podemos considerar - é qualquer mudança que ocorra no corpo, que sempre acarreta uma mudança na *potência de agir* ou *padecer* do corpo.

Mas, o que é o *corpo*, ou antes, porque o interesse substancial pelo corpo? Por um motivo bastante evidente: *a palmada incide sobre o corpo da criança.* E por outro motivo não tão evidente assim, mas também trivial: o corpo informa sensações, emoções e sentimentos, constrói os *sentidos*.

O *corpo,* em Espinosa, é um *modo finito, coisa extensa.*[76] O corpo humano, escreve Espinosa, "pode ser afetado de maneiras muito numerosas e diversas por um só e mesmo corpo" e "um só e mesmo objeto pode ser a causa de afecções múltiplas e contrárias." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Escólio da Proposição XVII, p.186). O ser humano pode ser afetado por uma coisa ou pela imagem de uma coisa, quando considera a coisa como presente. "[...] o estado do corpo, ou a sua afecção, é o mesmo, quer a imagem seja a de uma coisa

---

[75] Na tradução da *Ética* (1677) que trabalhamos, da edição *Os Pensadores* de 1983, o tradutor da Parte III utiliza *afecções* no lugar de *afeto,* termo preferido por Chauí (1987) para a tradução do mesmo trecho da *Ética.*

[76] Não avançaremos nas definições e proposições do *more geométrico* espinosano mais do que o necessário para os interesses da presente Tese.

passada ou futura, ou de uma coisa presente." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Demonstração da Proposição XVIII, p.186).

A própria idéia do objeto, portanto, afeta o corpo -, gerando *idéias* na alma ou mente.[77] "O objeto da idéia que constitui a alma humana é o corpo, ou seja, um modo determinado da extensão, existente em ato, e não outra coisa." (ESPINOSA, 1677, Ética – II, Proposição XIII, p.143) As idéias das afecções ou afetos do corpo existem na mente pois o corpo é objeto da alma humana. Dito de outra forma: os estados corporais são os parâmetros para a geração de idéias ou conceitos da alma ou mente. A alma ou mente humana está unida ao corpo, mas não só: "o corpo humano existe exatamente como o sentimos" (ESPINOSA, 1677, Ética – II, Corolário da Proposição XIII, p.144), *em ato*.

Espinosa rompe com a dicotomia corpo-mente ou corpo-alma. "Não há reversibilidade nem hierarquia na relação corpo-alma, o que se passa num deles exprime-se no outro, não havendo relação causal entre eles. Somos, assim, passivos de corpo e alma ou ativos de corpo e alma." (CHAUI, 1987, p.52). Aquilo que se expressa no corpo, da mesma forma expressa-se na mente, como *imagem* ou *idéia*, fazendo parte, portanto, do pensamento, dos conceitos, da imaginação, dos sentimentos, da afetividade e assim por diante.

Espinosa esclarece-nos acerca da natureza do corpo humano, objeto da alma humana. "Todos os modos pelos quais um corpo qualquer é afetado por outro corpo seguem-se da natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, da natureza do corpo que afeta, de tal modo que um só e mesmo corpo é movido de diferentes maneiras [...]"(ESPINOSA, 1677, Ética – II, Axioma I, Lema III, p.145). A mente deve perceber tudo o que acontece no corpo humano. A *idéia*, que conforme Espinosa constitui *o ser formal da alma humana*, é idéia do corpo. "[...] A alma humana percebe a natureza de um grande número de corpos ao mesmo tempo

---

[77] Assinalamos que toda vez que se empregar a palavra *alma*, ou mesmo nas citações de Espinosa ou de outros autores, queremos melhor dizer *mente*, para que não fiquemos com a falsa idéia de que a filosofia espinosana seria uma "metafísica" dualista ou espiritualista, quando na verdade trata-se de um *racionalismo absoluto*, conforme comentários de Chauí (1983).

que a do seu próprio corpo." (ESPINOSA, 1677, Ética – II, Corolário I da Proposição XVI, p.149)

Nesta perspectiva, o pensamento resulta dos modos de afetação do corpo, que levam à formação imagens das coisas em nosso cérebro, base para a construção de conceitos e do pensamento. "[...] Cada qual opina *[judicare]* acerca das coisas conforme a disposição do seu cérebro, ou, antes, toma as afecções de sua imaginação como se fossem as próprias coisas [...]" (ESPINOSA, 1677, Ética, Parte I, Apêndice, p.120).

> Todas as idéias de corpo que nós temos indicam antes o estado atual do nosso corpo que a natureza do corpo exterior [...]; e a que constitui a forma de uma afecção deve indicar ou exprimir o estado do corpo ou de alguma das suas partes, em razão do que a sua capacidade de agir, ou a sua força de existir, é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada. (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Explicação da *Definição Geral das Afecções*, p.221).

Conforme leitura apresentada por Chaui (1987), as afecções corporais constituem a imaginação, e a potência do corpo é imaginar:

> A mente é idéia de seu corpo e idéia de si mesma, podendo relacionar-se com ele e consigo mesma tanto por meio das imagens corporais quanto por meio de suas próprias operações intelectuais. Sua potência de agir é pensar. [...] Corpo e mente, demonstra Espinosa, são realidades complexas ou múltiplas, aptas para a pluralidade simultânea de afecções ou percepções (corpo) e de afetos e idéias (mente). (CHAUI, 1987, p.50-51).

O corpo guarda memórias. O conceito de memória compõe necessariamente a *teoria da imaginação* de Espinosa. Assim a memória "não é, com efeito, senão uma certa concatenação das afecções do corpo humano, a qual se produz na alma, segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano.[...] Esta concatenação se realiza segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano, para a distinguir da concatenação das idéias que se produz segundo a ordem da inteligência." (ESPINOSA, 1677, Ética – II, Escólio da Proposição XVIII, p.150-151). Assim se explica a diversidade de *imagens*[78] e pensamentos gerados a partir das afecções corporais, "e, assim, cada um passará de um pensamento a outro,

[78] "[....] As imagens das coisas são as afecções do corpo humano, isto é, os modos pelos quais o corpo é afetado pelas causas externas e disposto a fazer isto ou aquilo." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Escólio da Proposição XXXII, p.194)

conforme no corpo de cada um, o hábito tiver ordenado as imagens das coisas. [...] Cada um, conforme esteja habituado a associar e a encadear as imagens de tal ou tal maneira, passará de um mesmo pensamento a este ou àquele outro." (ESPINOSA, 1677, Ética – II, Escólio da Proposição XVIII, p.151).

As idéias da alma humana (mente) são idéias das afecções de que o corpo é afetado. O *estado do corpo* é gerador de idéias na mente; o que a mente percebe são os afetos e o próprio corpo humano, percebido como *existente em ato*: "A alma humana não conhece o próprio corpo humano nem sabe que ele existe, senão pelas idéias das afecções de que o corpo é afetado." (ESPINOSA, 1677, Ética – II, Proposição XIX, p.151). Assim, é conforme a disposição do corpo (a partir dos modos pelos quais encontra-se afetado) que cada um formará imagens das coisas, que resultam em idéias na mente, e portanto conceitos, pensamentos, etc.

No sistema espinosano, a alma está unida ao corpo, pois o corpo é objeto da alma. Por conseqüência, a idéia da alma está unida com a própria alma, e esta unida ao corpo. A idéia do corpo (alma) e o corpo "são um só e mesmo indivíduo, concebido ora sob o atributo pensamento, ora sob o da extensão. [...] A idéia da alma, isto é, a idéia da idéia, não é senão a forma da idéia, enquanto é considerada como um modo de pensar [...]" (ESPINOSA, 1677, Ética – II, Escólio da Proposição XXI, p.152). "A alma percebe não apenas as afecções do corpo, mas também as idéias dessas afecções." (ESPINOSA, 1677, Ética – II, Proposição XXII, p.152). Assim, coisas e eventos são percebidos pelas *idéias das afecções do próprio corpo*. Isso significa que as idéias emergem da percepção ou consciência dos estados do corpo, ou dos modos pelo qual o corpo tem aumentado ou diminuído sua potência de agir e existir.

As afecções, em suma, são "modos pelos quais as partes do corpo humano, e, consequentemente, o corpo humano, na sua totalidade, é afetado." (ESPINOSA, 1677, Ética –

II, *Demonstração* da Proposição XXVIII, p.152) Essas idéias das afecções corporais são, segundo Espinosa, *idéias confusas*, da mesma forma que as idéias da alma humana, isto é, as *idéias das idéias das afecções do corpo humano* não são claras e distintas. Por serem idéias confusas, mutiladas ou inadequadas, podem conduzir ao erro e à *falsidade*, entendida como "*privação de conhecimento que envolve as idéias inadequadas, isto é, mutiladas e confusas.*" (ESPINOSA, 1677, Ética – II, Proposição XXXV, p.158).

O que afeta o corpo afeta, conseqüentemente e necessariamente, a alma ou mente, Assim, o corpo pode ser afetado por *modos de ser* que aumentam ou facilitam a sua potência de agir, ou que diminuem ou bloqueiam tal potência; o mesmo pode ser dito em relação à potência de pensar da mente. Com efeito, mesmo em condições adversas, o ser esforça-se em perseverar na existência, valendo-se de uma espécie de mecanismo de defesa adaptativo: "*A alma esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar as coisas que aumentam ou facilitam a potência de agir no corpo.*" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Proposição XII, p.183).

Conforme Joaquim de Carvalho, tradutor e estudioso da obra de Espinosa, essa noção de vida afetiva como um modo de pensar (*modus cogitandi)* é desenvolvida nos Livros II e III da *Ética* (1677)[79], e nos será bastante útil para a compreensão dos modos pelos quais as crianças expressaram os sentidos da experiência de apanhar do pai ou da mãe ao longo da infância.

Assim, com essa breve introdução à teoria espinosana dos afetos e aos modos pelos quais são estabelecidas múltiplas relações entre a vida corporal e a vida afetiva e mental, podemos agora iniciar, enfim, a apresentação de nossas categorias.

[79] Ver nota 124, da Parte I – De Deus – da *Ética*, de Espinosa. (1677/1983).

4.5.2.2 Sistema de análise categorial: *índices, categorias* e *indicadores* da Palmada

Nosso método de apresentação será partir da exposição de definições conceituais apresentadas pelos autores nos quais nos apoiamos, além de definições etimológicas. Voltaremos à fundamentação teórica das categorias quando apresentarmos e discutirmos nossos resultados (seção 5), naquilo que concerne às conseqüências, decorrências e implicações de certas definições, pois entendemos que assim o referencial torna-se útil, abrindo caminhos interpretativos. Por uma questão de abrangência, situamos as categorias no interior de índices; duas ou mais categorias compõem um índice, e as categorias, por sua vez, são compostas por um número variável (de 2 a 8) de indicadores.

Índice I: ***Sensações de Dor e Prazer***

Utilizamos a categoria *sensações* meramente para fins de operacionalização de nossa análise, distinguindo-a de *emoções* e *sentimentos*. Em Damásio (2004) dor e prazer são os "alicerces da mente", ora referidos como *emoções*, ora como *sentimentos*. O universo de interesse aqui é identificar as *reações* ou *experiências sensoriais de dor* e/ou *prazer*; isto é, se a criança sente *dor* ou *prazer* com a palmada, ou ambas as sensações ao mesmo tempo, o que é possível ser captado a partir da presença ou ausência de *indicadores* específicos.

Sobre a Categoria *DOR*

Dor (do latim *dolore*), no sentido médico-fisiológico, é definida como uma sensação desagradável, variável em intensidade e em extensão de localização, produzida pela estimulação de terminações nervosas especiais (FERREIRA, 1999).

Reservamos esta categoria para captar a *dor física* ou *corporal* propriamente, não abrangendo, portanto, o sentido de dor enquanto *sofrimento psíquico* ou *moral*, pois a dor pode ser pensada também como emoção ou como sentimento.

Do ponto de vista das neurociências contemporâneas, conforme Damásio (2004), dor e prazer são os *alicerces da mente*. A sensação de prazer ou dor é um componente necessário de todo sentimento, fazendo parte da *regulação homeostática automática*.[80]

O mecanismo da dor, do ponto de vista neurobiológico, pode ser assim descrito:

> Nos seres humanos, que não apenas sentem mas também podem relatar aquilo que sentem, essas reações são descritas como dolorosas ou aprazíveis, como recompensadoras ou punitivas [...] As células da região afetada emitem sinais químicos chamados nociceptivos (a palavra nociceptivo significa 'indicador de dor'). Em resposta a esses sinais, o organismo reage automaticamente com comportamentos de dor e comportamentos de doença. Esses comportamentos são uma série de ações, por vezes sutis, por vezes óbvias, com as quais a natureza tenta restabelecer o equilíbrio biológico de forma automática. **Da lista dessas ações faz parte o retraimento do corpo (ou de uma parte do corpo) em relação à origem do problema, a proteção da parte do corpo afetada e expressões faciais de alarme e sofrimento. Tais ações são acompanhadas de diversas respostas, invisíveis a olho nu, organizadas pelo sistema imunológico**.[...] É o conjunto dessas ações e dos sinais químicos relacionados com a sua produção que resulta na experiência a que chamamos dor. (DAMÁSIO, 2004, p.40, grifo nosso).

A partir dessa formulação concebemos alguns de nossos indicadores gráfico-expressivos da categoria *dor*:

1. Retraimento do corpo ou de parte deste; fricção ou massagem na parte do corpo batida, para aliviar a dor.
2. Marcas, hematomas ou feridas; "estrelinhas" sobre a parte do corpo batida.
3. Expressões faciais de alarme e sofrimento físico.
4. Legendas específicas: *senti dor, doeu muito; sofri no corpo, na pele; Ai!! Ui!; etc.*

Note-se que não incluímos a presença de lágrimas como indicador de dor, o que certamente seria também pertinente. Sabemos que as crianças frequentemente choram ao sentirem dor física, mas que também aprendem a suportar a dor física sem chorar. Como os outros indicadores expressivos que listamos bastam para caracterizar a dor, preferimos

[80] A *regulação homeostática automática* se organiza em quatro níveis no organismo humano: no nível basal temos as respostas imunitárias, reflexos básicos e regulação metabólica; no segundo nível, os comportamentos de *dor e prazer*, aos quais se seguem *pulsões e motivações*, e por fim as *emoções*, seguindo-se então os *sentimentos*.

reservar o indicador *lágrimas* para expressar *tristeza*, uma vez que queremos aqui captar mais o sentido de dor física, corporal.[81]

Sobre a Categoria *PRAZER*

Esta categoria mostrou-se bastante problemática em termos analíticos – e explicitaremos o porquê disso quando da apresentação e análise dos resultados referentes ao sentido do prazer de apanhar dos pais. Entretanto, decidimos preservá-la a fim de manter a ambigüidade analítica própria das Produções de nosso *Corpus*.

Entendemos aqui *prazer* no sentido primeiro de ausência de dor física, sensação corporal agradável, isto é, o contrário do que definimos por *dor*. Tal sensação pode ser dita de diversas formas na língua portuguesa: *sentir prazer; ter uma sensação de agrado; achar algo agradável* (ENGELMANN, 1978).

Conforme Damásio (2004), o *prazer* e suas variantes são o resultado de um certo *mapeamento do corpo*. Sentir dor ou prazer resulta da presença de certa *imagem do corpo*[82] tal como é representada, em certo momento, em *mapas do corpo*.

> Da mesma forma que o cérebro reage a um problema que se declara no corpo, também reage quando o corpo funciona bem. Quando o corpo funciona sem dificuldade, e quando a transformação e a utilização da energia ocorrem com facilidade, o corpo comporta-se com um estilo definido. A aproximação em relação a outros é facilitada. Nota-se uma descontração e abertura do corpo, bem como expressões que traduzem confiança e bem-estar; por outro lado, liberam-se certas classes de moléculas tais como as endorfinas. O conjunto dessas reações e dos sinais químicos com elas associados resultam na experiência do prazer. (DAMÁSIO, 2004, p.40-41).

Como indicadores gráfico-expressivos de *prazer*, temos:

1. Expressão prazerosa ou de satisfação presente na expressão facial do sujeito punido.
2. Descontração e abertura do corpo, expressões ou posturas corporais que traduzem bem-estar, prazer e/ou contentamento.
3. Legendas específicas: *sinto prazer; é muito bom; é bom; gostoso; etc.*

[81] Além disso, adiantamo-nos, o conjunto do *Corpus* indica que os sujeitos têm preferência por expressar sua tristeza, sobretudo, através do desenho de lágrima(s).

[82] "[...] A morfina ou a aspirina podem alterar essa imagem. O uísque ou o *ecstasy* também. E os anestésicos. E certas formas de meditação. E o desespero. E a esperança." (DAMÁSIO, 2004, p.135).

Índice II: ***Emoções de Fundo***

A expressão *emoções de fundo* refere-se a uma das três classificações básicas, em Damásio (2004), das emoções propriamente ditas. As emoções primárias abrangem a leitura das *emoções de fundo* e das *emoções básicas.* As *emoções de fundo* podem ser divididas em *mal-estar* e *bem-estar.* Os indicadores das *emoções de fundo* devem ser buscados nas formas e movimentos corporais e expressões faciais, sobretudo, bem como na impressão geral de cada Produção.

Sobre a Categoria *MAL-ESTAR*

O mal-estar pode revelar uma perturbação orgânica, uma ansiedade mal definida; uma inquietação, proveniente de situação incômoda; um constrangimento ou embaraço (FERREIRA, 1999). Há diversas formas de dizer-se com mal-estar: *sentir-se mal; ter uma sensação de mal-estar; ter uma sensação de incômodo; sentir-se péssimo; estar de mau humor; estar ruim; encontrar-se num estado de sofrimento; sentir-se perturbado; estar padecendo; sentir-se num desassossego* (ENGELMANN, 1978).

O *mal-estar* pode ser diagnosticado, conforme Damásio (2004), a partir da observação da "energia" ou "entusiasmo" geral de alguém, e por indicadores de expressões e posturas corporais específicas.

Como indicadores gráfico-expressivos de *mal-estar*, temos:

1. Conotação de mal-estar, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico-corporal.
2. Representação de partes separadas do corpo; fragmentos ou partes específicas para retratar o estado de sentimentos; corpo disforme, quebrado, partido, rasgado ao meio (coração partido, rosto partido, etc.).
3. Sinais de interrogação e exclamação, e outros símbolos conotativos de dúvida, confusão, desorientação e mal-estar.
4. Legendas específicas: *sinto-me mal, fiquei mal; sofri na alma; dor na alma; meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedaçado; não sei o que fazer, para onde ir, etc.*

Sobre a categoria *BEM-ESTAR*

Definimos *bem-estar* como o estado corporal-anímico oposto ao de *mal-estar*. Diz-se: *Sentir-se bem; ter uma sensação de bem-estar* (ENGELMANN, 1978). Trata-se de um estado de perfeita satisfação física ou moral; conforto; bem-bom. (FERREIRA, 1999).

Segundo Damásio (2004, p.43), "[...] a finalidade do esforço homeostático é produzir um estado de vida melhor do que neutro, produzir aquilo que nós, seres pensantes, identificamos com o bem-estar." A busca de bem-estar faz parte do esforço implacável de autopreservação presente em qualquer ser, *esforço, ímpeto* ou *tendência* designado por Espinosa pelo termo *conatus*[83]. À luz da neurobiologia contemporânea, o *conatus* pode ser compreendido como *a tentativa contínua de conseguir um estado de vida equilibrado, aspecto profundo e definidor da nossa existência.* "[...] E o que é o *conatus* de Espinosa em termos biológicos e contemporâneos? O *conatus* é o agregado de disposições presentes em circuitos cerebrais que, uma vez ativados por certas condições do ambiente ou externo, levam à procura da sobrevida e do bem-estar." (DAMÁSIO, 2004, p.44-45).

A afirmação da potência do *conatus*, força de ser e existir em Espinosa, é o mesmo fenômeno descrito pelo termo *expansão de si próprio,* cunhado por Alfred Adler e retomado

---

[83] Devemos aqui abrir uma nota explicativa sobre este conceito, *conatus*, central na filosofia espinosana. Conforme recuperação etimológica de Andrade (1996), *conatus* é um termo latino, uma palavra do vocabulário clássico comum, podendo ter vários significados: *esforço, empenho, finca-pé, impulso, empresa, tentativa, fazer esforço para algum fim*, "[...] O *conatus* é, para Espinosa, o desejo, ou apetite, ou impulso, o esforço, que todo e qualquer ser tem naturalmente em favor de sua própria conservação." (ANDRADE, 1996, p.7). O *conatus* é *desejo natural e inevitável do ser*, na medida em que o desejo é definido como sendo a própria essência do ente; *conatus* é potência de existir e agir (ANDRADE, 1996). Conforme Chaui (1987, p.69), "o *conatus*, ou direito natural, é a potência de agir individual que se estende até onde puder ser exercida." *Conatus* é o esforço para perseverar no ser. "Intrinsecamente indestrutível, individualidade real, essência singular e atual, o *conatus-cupiditas* corpóreo e anímico é um modo finito, e a finitude pode impedi-lo de realizar sua potência de agir quando esta se vê determinada, freada ou bloqueada pela potência de forças exteriores mais numerosas e mais fortes do que ela. Torna-se passivo [...] Quando, porém, o *conatus* se fortalece internamente e sua potência de agir, intrinsecamente determinada por suas próprias operações, não sucumbe ao poderio de forças externas, efetua-se como atividade [...] (CHAUI, 1987, p.49). Nas palavras de Espinosa, recuperadas por Damásio (2004, p.43-5): " 'cada coisa, na medida do seu poder, esforça-se por perseverar no seu ser e 'o esforço através do qual cada coisa tende a perseverar no seu ser nada mais é do que a essência dessa coisa'. Interpretado à luz do conhecimento atual, a noção de Espinosa implica que um organismo vivo está construído de forma a lutar, contra toda e qualquer ameaça, pela manutenção da coerência das suas estruturas e funções'. O *conatus* diz respeito não só ao ímpeto de autopreservação, mas também ao conjunto de atos de autopreservação que mantém a integridade de um corpo. [...] As variadas atividades do *conatus* estão representadas no cérebro por sinais químicos e neurais. Os numerosos aspectos do processo da vida são continuamente representados no cérebro em mapas constituídos por células nervosas que se encontram em diversos locais do cérebro."

por La Taille (2006, p.49-50), como a "motivação psicológica a ser necessariamente contemplada, para que um indivíduo experimente o sentimento perene de bem-estar subjetivo." Podemos considerar a *expansão de si* como manifestação da afirmação ou aumento da potência do próprio *conatus*.

Como indicadores gráfico-expressivos de *bem-estar*, temos:

1. Presença de contentamento ou outras emoções e sentimentos que conotam bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico-corporal.
2. Retratar-se "no alto", "nas nuvens", no cume; segurando um troféu, vitorioso.
3. Arco-íris, sol amarelo sorrindo, flores coloridas, pássaros coloridos, natureza exuberante, etc.
4. Legendas específicas: *sinto-me bem; com bem-estar etc.*

Mal-estar e bem-estar, da mesma forma que *dor e prazer*, podem ser sentidos conjuntamente, a partir de uma mesma experiência, configurando a ambivalência ou, em termos espinosanos, *flutuação da alma*[84], quando a idéia do corpo-mente é duplamente afetada por forças contraditórias. Entretanto, por ser uma *emoção de fundo*, há sempre a predominância de um estado sobre o outro, num dado momento ou sob uma experiência específica.

Índice III: *Emoções Básicas*

São as emoções identificadas em seres humanos das mais diversas culturas e também em seres não humanos – daí seu caráter universal. São elas: a *tristeza*, o *medo*, a *alegria*, a

[84] Conforme as Proposições XII e XIII, da terceira Parte da *Ética* de Espinosa (1677), sintetiza Delbos (1912/2002a, p.133-134): "[...] A alma, tanto quanto pode, esforça-se em imaginar o que aumenta ou favorece a potência de agir do corpo, e por conseqüência sua própria potência de agir; que, quando constrangida a imaginar algo que diminui a potência do corpo e sua própria potência, ela tende a descartar essa representação com imagens contrárias." E adiante: "[...] A semelhança de um objeto amado com um objeto detestado põe a alma num estado de incerteza ou flutuação, nascido do encontro de duas paixões contrárias." (Delbos, 1912/2002a, p.134-135) O estado de *flutuação da alma* (*fluctuatio animi*) se compõe a um só tempo de, de alegria e tristeza, amor e ódio. Segundo Correia de Lira (1996, p.126), "a flutuação da alma é produzida por duas circunstâncias das quais não podemos escapar: de um lado, pela complexidade mesma de nosso corpo, de outro, pela ação da contingência que une e separa, por semelhança e diferença, afetos múltiplos e contrários que, de outra maneira, talvez, não pudessem ser relacionados." Esta *flutuação da alma* explicaria, conforme será visto, o porquê da ocorrência de expressão de sentidos (sensações, emoções, sentimentos) contraditórios em determinadas Produções infantis de nosso *Corpus*.

raiva, o nojo e a *surpresa*. Excluímos de nosso sistema categorial as emoções de *nojo* e *surpresa*, por não estarem presentes em nossas Produções, conforme será visto..

Do ponto de vista do processo do sentir, a *emoção* tem precedência sobre o *sentimento*. A parte pública desse processo Damásio (2004) denomina de *emoção* (ações ou movimentos, no rosto, na voz, em comportamentos específicos, alterações nos níveis hormonais sangüíneos ou de padrões de ondas eletrofisiológicas). As emoções ocorrem no "teatro do corpo"; fazem parte dos mecanismos básicos da regulação da vida, assim como as várias reações que as constituem.

Sobre a categoria *TRISTEZA*

A tristeza é um sentimento, uma qualidade ou estado de triste, de falta de alegria. Pode ser desalento, consternação; aspecto revelador de mágoa ou aflição (FERREIRA, 1999). *Estar triste; sentir uma tristeza* (ENGELMANN, 1978). Estar ou sentir-se triste é estar magoado.

Em Espinosa temos a seguinte definição para o afeto ou afecção de tristeza, que se à primeira vista parece-nos estranho, relaciona-se aos efeitos daquilo que contemporaneamente entendemos por tristeza. Define Espinosa: "A *tristeza (Tristitia)* é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor." (ESPINOSA,1677, Ética – III, na *Definições das Afeccções*, definição III, p.212).

Se é *passagem*, é em ato. "A afecção de tristeza é um ato, e esse ato não pode, por conseguinte, ser senão o ato pelo qual se passa para uma perfeição menor, isto é, o ato pelo qual a capacidade de agir do homem é diminuída ou entravada [...]" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, *Definições das Afecções*, explicação da definição III, p.212). Para entendermos tal definição, devemos antes explorar o que Espinosa entende por *perfeição*. Define o filósofo: "Por realidade e por perfeição entendo a mesma coisa." (ESPINOSA, 1677, Ética – II, *Definições*, definição VI, p.136) *Perfeição* e *realidade* são a mesma coisa, e a realidade de um indivíduo pode ser dita ou mensurada a partir de sua potência para agir e existir, e,

portanto, para perseverar na existência. "[...] A potência de agir, seja do corpo, seja da alma, é o que se pode chamar perfeição, e o termo perfeição aplicado aos estados humanos não poderia ter outra significação positiva senão essa." (DELBOS, 1912/2002a, p.132). E, conforme Chaui (1987, p.55): "Passagem da heteronomia à autonomia, a perfeição ou realidade é fortalecimento da força do corpo (imaginar sem tristeza) e da alma (pensar sem tristeza) [...]".

Passar a uma perfeição menor, devido a afetação ou ação do afeto de tristeza, é ter diminuída, entravada ou bloqueada sua capacidade de agir e existir, resultante do entristecimento do *conatus*. "A tristeza diminui ou reduz a capacidade de agir do homem [...], isto é [...], o esforço pelo qual o homem tende a perseverar no seu ser [...]." (ESPINOSA,1677, Ética – III, Demonstração da Proposição XXXVII, p.197) "[...] Por tristeza entendemos o que diminui ou entrava a capacidade de pensar da alma [...]; e, por conseqüência, na medida em que a alma está triste, a sua capacidade de conhecer, isto é [...], a sua capacidade de agir, é diminuída e contrariada; por conseqüência, nenhumas afecções de tristeza podem ser referidas à alma enquanto ela é ativa, mas somente afecções de alegria e de desejo [...] se referem à alma, considerada como ativa." (ESPINOSA,1677, Ética – III, Demonstração da Proposição LIX, p.210).

A afecção de tristeza quando referida simultaneamente à alma e ao corpo é denominada por Espinosa como *melancolia* ou *dor*. Aceitamos o primeiro termo, mas rejeitamos o segundo, pois definimos *dor* como dor físico-corporal.

Como indicadores gráfico-expressivos de *tristeza*, temos:

1. Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro).
2. Lágrimas de tristeza; olho que chora, do qual escorrem lágrimas.
3. Coração partido, do qual escorrem gotas (azuis ou verdes, de modo geral, ou vermelhas conotando sangue).
4. Corpo curvado, cabeça para baixo; mão(s) segurando o rosto; desolação.
5. Legendas específicas: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste; fiquei magoado; mágoa, magoado; ressentido; etc.*

Sobre a categoria *ALEGRIA*

Alegria, do latim *álacre,* é a qualidade de alegre, sentimento de felicidade, de contentamento, satisfação, júbilo (FERREIRA, 1999). Expressamos: *estar alegre; sentir uma alegria; estar feliz; estar contente* (ENGELMANN, 1978).

Em Espinosa, a definição de alegria retoma o significado de *laetitia:* "A *alegria (Laetitia)* é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior." (ESPINOSA, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição II, p.212) Nesse sentido, a alegria está no pólo do desenvolvimento das potencialidades, e a tristeza não, pois sob *tristitia* o homem passa a uma *perfeição menor.*[85]

Passagem a uma perfeição maior, aumento da potência de ser e existir, maior perfeição ou realidade. La Taille (2006) assinala que a tese da possível *perfectibilidade* do homem encontra-se em variados sistemas éticos, como na filosofia espinosana, para quem a alegria consiste exatamente nisso, isto é, na passagem de uma perfeição mínima para outra maior.

Existe-se em alegria ou em tristeza. Chaui esclarece-nos que na filosofia de Espinosa "alegria e tristeza não são estados d´alma, são modos de ser ou existir." (CHAUI, 1987, p.54). A autora apresenta a seguinte leitura sobre a *alegria* em Espinosa:

> A alegria (*laetitia)* é a passagem de uma perfeição menor a outra maior, sentimento de que nossa capacidade ou aptidão para existir e agir aumentaram em decorrência de uma causa externa, na paixão, e de uma causa interna, na ação. Dela nascem amor, amizade, contentamento, glória, esperança, irrisão, segurança, estima, misericórdia. Como o desejo, a alegria pode ser paixão ou ação, desde que sua gênese seja imaginária ou real, ignorada ou conhecida, externa ou interna. (CHAUI, 1987, p.55).

Alegria e tristeza são, portanto, afetos primários, idéias afetivas sobre as afecções do corpo. Conforme Correia de Lira (1996, p.125), estudioso da filosofia de Espinosa:

---

[85] Não estamos com isso supondo que só sob o estado de alegria ocorre o desenvolvimento. As implicações dessas definições serão exploradas quando da análise dos resultados.

> A tristeza (*tristitia)* assim como a alegria (*laetitia)* decorrem das transformações que a alma sofre em virtude das transformações do corpo. Ambas são afetos, isto é, idéias afetivas da mente quando ela percebe as afecções do seu corpo. São, na alma, a consciência da vida do seu corpo.

Como indicadores gráfico-expressivos de *alegria*, temos:

1. Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).
2. Estar pulando de alegria; estar festejando, dançando, estar soltando fogos de alegria.
3. Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.
4. Legendas específicas: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz, contente, etc.*

Sobre a categoria *RAIVA/ÓDIO:*

Em palavras expressamos raiva de diversas maneiras: *estar com raiva; sentir rancor; estar com ódio; encontrar-se num estado de ira; estar enfurecido; sentir-se nervoso; estar fulo de raiva; estar zangado; estar enfezado; sentir cólera* (ENGELMANN, 1978). Uma raiva intensa pode ser dita como ódio, ira, cólera ou rancor (FERREIRA, 1999). Assim, raiva e ódio inscrevem-se num mesmo espectro de paixões, e os trataremos aqui como sinônimos, para caracterizar o estado de raiva mais ou menos intenso.

Espinosa definiu *ódio* como uma espécie de tristeza, da qual deriva a *cólera* ou *ira*, enquanto desejo que conduz a uma ação. "O *ódio (Odium)* é a tristeza acompanhada de uma causa exterior." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição VII, p.213) E: "A *cólera (Ira)* é o desejo que nos incita a fazer mal, por ódio, àquele que odiamos.[...]." (ESPINOSA,1677, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição XXXVI, p.219) Conforme comentários de Delbos:

> [...] Quando ela [a alma] imagina o que aumenta sua potência, experimenta alegria; quando imagina o que diminui sua potência, experimenta tristeza. Ela ama portanto o objeto a que associa sua alegria, tal como odeia o objeto cuja imagem associa à sua tristeza. E assim conhecemos claramente o que é o amor e o que é o ódio: o amor não é nada mais que uma alegria acompanhada da idéia de uma causa exterior; o ódio não é nada mais que uma tristeza acompanhada da idéia de uma causa exterior. *(Ética,* III, prop. XII-XIV.) (DELBOS, 1912/2002a, p.134).

Estar afetado de ódio por alguém tem, pois, suas conseqüências: "*Aquele que odeia alguém esforçar-se-á por fazer-lhe mal, a não ser que receie que daí resulte para si um mal maior; e, ao contrário, aquele que ama alguém esforçar-se-á, pela mesma lei, por fazer-lhe bem.*" (ESPINOSA,1677, Ética – III, Proposição XXXIX, p.198).

Como se vê, o ódio pode ser dito também pelo seu oposto, isto é, o amor: "[...] O *amor* não é senão a *alegria acompanhada da idéia de uma causa exterior,* e o *ódio* não é senão a *tristeza acompanhada da idéia de uma causa exterior.* [...] Aquele que ama se esforça por ter presente e conservar a coisa que ama; e, ao contrário, aquele que odeia esforça-se por afastar e destruir a coisa que odeia." (ESPINOSA,1677, Ética – III, Escólio da Proposição XIII, p.184).

Amamos, a princípio, o que nos alegra, e odiamos o que nos entristece. Entretanto, amor e ódio podem estar simultaneamente direcionados a um mesmo objeto. Este estado da alma, quando nos encontramos diante de dois ou mais afetos contrários, é chamado por Espinosa de *flutuação da alma*, conforme comentários apresentados anteriormente[86].

O ódio pode também advir do sentimento de sentir-se desprezado ou odiado por alguém. Em Espinosa temos a seguinte proposição: "*Aquele que imagina que é odiado por alguém, e julga não lhe ter dado qualquer motivo para isso, odiá-lo-á por sua vez.*" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Proposição XL,p.198). E: "O ódio é aumentado por um ódio recíproco e pode, ao contrário, ser destruído pelo amor." (ESPINOSA, 1677, Ética–III, Proposição XL, p.200).

---

[86] Insistimos na importância desse constructo pois nos será bastante útil quando analisarmos os sentimentos de *alegria, bem-estar, prazer e gratidão* sob palmada. Valendo-nos do conceito de *flutuação da alma,* de Espinosa (1677), explicaremos parte da ambigüidade afetiva relacionada ao apanhar do pai ou da mãe ao longo da infância.

Como indicadores gráfico-expressivos de *raiva/ódio*, temos:

1.Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.
2. Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados; boca entreaberta, berrando.
3. Raiva representada em elementos da natureza: raios, tempestade e nuvens ao fundo ou sobre a cabeça do sujeito punido, mar revolto, vulcão, furacões, sol com expressão raivosa, etc.
4. Músculos salientes, expressivos, conotando força, tensão, agressividade e raiva; posturas de luta, golpes, mãos fechadas, etc.
5. Legendas específicas: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso; vou descontar; você vai ver só; vou me vingar; Toma!; odeio meu pai/minha mãe, etc.*

Sobre a categoria *MEDO/TEMOR*

Trata-se de um sentimento, ou antes, de um *estado corporal* de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma ameaça. Medo é comumente tido como sinônimo de susto, pavor, temor, terror[87], quando o medo é intenso, grande pavor ou apreensão (FERREIRA, 1999). Pode ser dito de várias maneiras: *estar com medo; estar assustado; encontrar-se num estado de pavor; sentir um temor,* etc. (ENGELMANN, 1978).

Em Espinosa temos a seguinte definição do *medo*, obviamente também espécie de *tristeza*: "O *medo (Metus)* é uma tristeza instável nascida da idéia de uma coisa futura ou passada, do resultado da qual duvidamos numa certa medida [...]." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição XIII, p.214) Sente-se medo, age-se por temor. "O *temor (Timor)* é o desejo de evitar, por um menor, um mal maior que tememos. [...]" (ESPINOSA,1677, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição XXXIX, p.219)

Vemos assim que o *medo* é uma *tristeza instável* nascida da imagem de uma coisa duvidosa, pois, conforme Espinosa, "se se retira a dúvida [...] o medo [transforma-se] em *desespero,* a saber, [...] *tristeza nascida da imagem de uma coisa que tememos ou esperamos.*" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Escólio II da Proposição XVIII, p.187).

Em leitura espinosana sobre esse afeto apresentada por Chauí (1987), tem-se que:

[87] Reservamos o termo *terror* para caracterizar outra categoria – *o sentimento de terror* -, que vai muito além do medo ou temor, conforme será apresentado logo adiante.

> O medo nasce de outras paixões e pode ser minorado (nunca suprimido) por outros afetos contrários e mais fortes do que ele, como também pode ser aumentado por paixões mais tristes do que ele.[...] Paixão triste, o medo é e sempre será paixão, jamais transformando-se em ação do corpo e da alma. **Sua origem e seus efeitos fazem com que não seja paixão isolada, mas articulada a outras formando verdadeiro *sistema do medo*, determinando a maneira de sentir, viver e pensar dos que a eles estão submetidos.** (CHAUI, 1987, p.55-56, grifo nosso).

Lembra-nos Chaui (1987, p.37) que "temos medo do ódio que devora e da cólera que corrói, mas também da resignação sem esperança, da dor sem fim e da desonra", e que se o medo não é louco, "enlouquece o ânimo e extravia a alma" (CHAUI, 1987, p.61), pois, no *sistema do medo*, afirma-se nossa *impotência* e insignificância; o medo faz-nos vivenciar sentimentos ambíguos, contraditório, configurando o estado passional de *flutuação da alma:* "sob o medo, a potência do corpo e da mente para o múltiplo é substituída pela obssessão de ânimo [...]" (CHAUI, 1987, p.73). E é sob o *medo* que se constrói todo sistema de dominação, baseado na *impotência, heteronomia, superstição* e *servidão,* termos de Espinosa empregados na *Ética* (1677).

> Mais do que em qualquer outro afeto, no medo ficamos expostos à imagem de nossa impotência. Essa imagem não produz apenas a mais terrível das paixões – a flutuação do ânimo (*fluctuatio animi)* – que nos faz experimentar, simultaneamente, temor, regozijo, desespero, esperança, remorso, 'balançando como vagas num mar revolto'[88], mas é ainda origem da servidão suprema, que Espinosa chama de superstição. (CHAUI, 1987, p.60).

Indicadores gráfico-expressivos de *medo/temor*:

1. Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta.
2. Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.
3. Esconder-se atrás, embaixo ou no interior de objetos ou móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro), ou em lugares da casa (no porão, em cima da árvore, etc.).
4. Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo!".
5. Clamar por piedade, com medo da punição.
6. Representação de tempo escuro, escuridão, noite, tempo ruim (chuva, tempestade, raios)
7. Legendas específicas: *sinto medo; medo; assustado; desproteção e insegurança, etc.*

[88] Essa metáfora do mar revolto para a explicação do estado de flutuação da alma, conforme veremos, aparece como tema de uma Produção onde há forte ambivalência afetiva.

Índice IV ***Sentimentos Sócio-Morais***

Os *sentimentos sócio-morais*, tratados também por alguns autores como *emoções sociais*, incorporam, segundo Damásio (2004), respostas que fazem parte das emoções primárias e de fundo. As reações regulatórias e os componentes das emoções primárias integram, em diversas combinações, as emoções sociais; da mesma forma, *dor* ou *prazer* são igualmente evidentes na profundidade de tais sentimentos.

Conforme o entendimento da neurobiologia contemporânea, à *reação* ou *emoção*, no sentido literal do termo, segue-se o *sentimento*. Os sentimentos nada mais são, sob esta perspectiva, do que a consciência das emoções. As emoções sociais ou *sentimentos sócio-morais* que aqui analisaremos são: *inferioridade física, solidão/desamparo, resignação/submissão, gratidão/reconhecimento, auto-piedade, culpa, vergonha/humilhação, revolta/indignação*, sentir-se *desprezado/rejeitado/indignificado, terror* e *desejo de morrer*. Obviamente que nossa lista categorial não esgota as possibilidades em se tratando de sentimentos sócio-morais, entretanto, optamos por tais categorias, pois foram estas que emergiram com maior força de nossa AC.

Os sentimentos são, pois, imagens mentais que têm origem em mapeamentos do *estado do corpo*. Trata-se da parte privada, invisível ao público, pois os sentimentos ocorrem no "teatro da mente" (DAMÁSIO, 2004). A reação ou emoção é seguida por um sentimento, isto é, uma imagem mental, tendo como componentes a sensação de *prazer* ou *dor*, conforme a emoção que o originou seja positiva ou negativa. Dor e prazer são, portanto, ingredientes constituintes dos sentimentos. Assim, o sentimento é "*uma percepção de um certo estado do corpo, acompanhado pela percepção de pensamentos com certos temas e pela percepção de um certo modo de pensar*. Todo esse conjunto perceptivo se refere à causa que lhe deu origem." (DAMÁSIO, 2004, p.92). *Sentimentos* são fenômenos mentais, expressão do

florescimento ou do sofrimento humano, na mente e no corpo. Os sentimentos são revelações do estado da vida dentro do organismo, e constituem *sombras das manifestações emocionais.*

Diante de objetos e eventos da vida cotidiana desencadeia-se complexa cadeia de acontecimentos que começa na emoção e termina no sentimento, seguindo-se então pensamentos relacionados. Os sentimentos, conforme Damásio (2004), também contribuem para a regulação da vida, mas em um nível mais alto, uma vez que as emoções e as reações a elas relacionadas precedem os sentimentos na história da vida humana.

Os *sentimentos* – e as *pulsões* – constituem, conforme La Taille (2006), as dimensões afetivas da moral e da ética. Por dimensões afetivas entende as *pulsões* e os *sentimentos*, a energética ou motivação da ação; por dimensões intelectuais ou racionais, as *operações da inteligência*. La Taille (2006) marca a diferença entre *pulsões* e *sentimentos*, embora ambos se refiram à *energéticas das ações morais e éticas*:

> As pulsões são forças inconsciente, enquanto os sentimentos são sua representação na consciência, como, por exemplo, o amor, a vergonha, a inveja, a culpa, etc. O fato de os sentimentos serem representados pela consciência, portanto identificados e nomeados pela inteligência, implica que são fruto de elaborações psíquicas que os torna passíveis de um trabalho psicológico capaz de modifica-los, atenua-los, sofisticá-los. Houvesse apenas pulsões, os indivíduos se assemelhariam a animais, apenas motivados por instintos que se impõem incondicionalmente. (LA TAILLE, 2006, p.65).

Uma vez que mencionamos os termos *pulsões* e *motivações*, devemos aqui aproveitar para diferenciá-los algo mais de *emoções* e *sentimentos,* retomando noções da filosofia espinosana.

> Os exemplos principais [de pulsões e motivações] incluem a fome, a sede, a curiosidade e os comportamentos exploratórios, os comportamentos lúdicos e os comportamentos sexuais. Espinosa colocou todas essas reações sob a excelente designação de *apetites* e, com grande refinamento, usou uma outra palavra, *desejo,* para a situação em que o indivíduo consciente toma conhecimento de um apetite. A palavra apetite designa o estado comportamental de um organismo afetado por uma pulsão; a palavra desejo refere-se ao sentimento consciente de um apetite e à consumação ou frustração de um apetite. Essa distinção espinosiana é equivalente à distinção entre emoção e sentimento [...] Os seres humanos têm tanto apetites como desejos ligados, de forma sutil, às emoções e aos sentimentos. (DAMÁSIO, 2004, p.41, grifo nosso).

Há, contudo, que se ter o cuidado, nesse terreno, para não tecermos associações bem-intencionadas, mas ingênuas entre a vida afetiva e a vida moral, como bem adverte La Taille (2006).

Sobre a categoria *INFERIORIDADE FÍSICA*

Trata-se de um perceber-se e sentir-se menor fisicamente (com menor força física e massa corporal) e mais fraco em relação a outrem. Contudo, não expressa mera desproporção física entre sujeito punido (criança) e punidor (pais), pois contém em si a percepção e avaliação (julgamento, portanto) de certa covardia – daí sua dimensão de *sentimento sócio-moral* - presente na própria punição corporal de pais contra filhos. Essa percepção da covardia, todavia, se não é forte o suficiente para poder ser dita como sentimento de revolta/indignação já o pré-anuncia. Também o sentimento *inferioridade física* não pode ser confundido com rebaixamento moral, sentimento moral de outra natureza, associado à vergonha e humilhação moral.

Como indicadores gráfico-expressivos de *inferioridade física*, temos:

1. Representação do sujeito punido excessivamente reduzido em comparação com o sujeito punidor ou parte de seu corpo (mão, pé, objeto para bater, etc.)
2. Exagero intencional na representação do tamanho de objetos ou outras pessoas proporcionalmente ao resto da composição.
3. Perceber-se e sentir-se mais fraco em relação a outrem, com menor força física e massa corporal, impotente para defender-se.
4. Legendas específicas: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno, minúsculo, etc.*

Sobre a categoria *SOLIDÃO/DESAMPARO*

Optamos por compor esta categoria por dois qualificadores, *solidão* e *desamparo*, a fim de melhor caracterizar o sentimento que queremos aqui focalizar. *Solidão* (do latim *solitudine)* é o estado do que se encontra ou vive só, em isolamento (FERREIRA, 1999). *Desamparo* é falta de amparo, estado de abandono; o sujeito em desamparo sente-se solitário, ermo (FERREIRA, 1999). Diz-se: *Sentir solidão; sentir-se desamparado; sentir-se*

abandonado (ENGELMANN, 1978). Refere-se ainda ao estado daquele que não se sente entendido ou compreendido por ninguém, sem amigos, sem alguém para contar, etc.

Indicadores gráfico-expressivos do sentimento de *solidão/desamparo*:

1. Sujeito punido no chão, desolado; retratação do corpo do sujeito punido em posição de encolhimento, sentado ou deitado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito.
2. Figuração da casa ou quarto como cadeia; janelas e/ou portas fechadas; figuração de muros ou obstáculos intransponíveis; pouco ou nenhum objeto biográfico, quando muito uma cama.
3. Legendas específicas: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário;sinto-me desamparado, sem ninguém, sem amigos; sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*

Sobre a categoria *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO*

Designamos duplamente tal categoria para melhor caracterizar certo estado de resignação e submissão, isto é, passividade, impotência. *Resignação* é o ato ou efeito de resignar-se, é submissão paciente aos sofrimentos da vida (FERREIRA, 1999). A resignação leva à submissão, e vice-versa. *Sentir-se resignado; sentir-se submisso* (ENGELMANN, 1978).

A resignação configura-se como um estado de *impotência* do sujeito diante da potência dos afetos e do mundo - o que Espinosa (1677) denomina *passividade, heteronomia,* ou *servidão.* O ser resignado, conformado, tende à submissão e à servidão, pois passivo, impotente.

Nos sistema espinosano, *passividade* é heteronomia, servidão, assim como *atividade* é autonomia, liberdade. "Os 'afetos que travam combate em nós' podem ser causa de servidão tanto quanto de liberdade, porque deles depende que nos deixemos ou não dominar pelo poderio de uma exterioridade adversa e contrária à nossa essência." (CHAUI, 1987, p.50). E adiante: "O segredo da liberdade, e toda a sua dificuldade, reside na passagem da heteronomia passional (afecções passivas do corpo; idéias imaginativas mutiladas da mente) à autonomia corporal e intelectual. Dessa passagem, **os afetos são a chave** [...]." (CHAUI, 1987, p.51,

grifo nosso). E ainda: "A autonomia do *conatus-cupiditas* corpóreo e anímico, opondo-se à heteronomia passional, leva Espinosa a definir a atividade como liberdade e a passividade como servidão [...]"(CHAUI, 1987, p.53).

Indicadores gráfico-expressivos do sentimento de *resignação/submissão*:

1. Sujeito punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição; resignado a sessão punitiva, resignado à *ritualística da punição corporal.*
2. Legendas específicas: *não há o que fazer; vivo num mundo sem saída; sinto-me submisso; estou resignado; só resta esperar, etc.*

Sobre a categoria *GRATIDÃO/RECONHECIMENTO*

Gratidão é a qualidade ou sentimento de quem é grato. Significa o *reconhecimento* por um benefício recebido, um agradecimento (FERREIRA, 1999). Quem sente que está recebendo uma graça, sente gratidão. *Sentir que está recebendo uma graça; sentir gratidão* (ENGELMANN, 1978)

As bases fisiológicas da *gratidão* (assim como da admiração e do orgulho) assentam-se na alegria e felicidade. Trata-se de uma emoção social positiva, que teria como conseqüência o desencadeamento da *cooperação.* Em termos neurobiológicos, conforme Damásio (2004), o estímulo-emocionalmente-competente (EEC) desencadeador da gratidão é o *reconhecimento (no outro ou no próprio indivíduo) de uma contribuição para a cooperação,* para um bem maior.

Em Espinosa temos a seguinte definição para *gratidão* ou *reconhecimento*: "O reconhecimento ou gratidão (*Gratia* ou *Gratitudo)* é o desejo ou solicitude de amor pelo qual nos esforçamos por fazer bem àquele que, por uma mesma afecção de amor, nos fez bem." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, *Definições das Afeccções,* definição XXXIV, p.219).

Como indicadores gráfico-expressivos do sentimento de *gratidão/reconhecimento*, temos:

1. Demonstrar gratidão e reconhecimento pelos esforços e cuidados paternos; alegria por estar ao lado/junto com os pais.
2. Estar aprendendo "a lição", estar sendo corrigido, mesmo que através da punição corporal.
3. Legendas específicas: *sinto-me alegre por ter aprendido; aprendi a lição; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem, foi para o meu bem; tornei-me melhor; os pais batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor; mereci apanhar; sou danado mesmo; foi justo; graças a isso cheguei onde estou, bem sucedi-me, etc.*

Sobre a categoria *AUTO-PIEDADE/PENA DE SI*

Reservamos essa categoria para quando a criança sente pena de si mesmo, da própria condição ou situação em que se encontra. *Ter pena de alguém* (ENGELMANN, 1978), ter pena de si mesmo, sentimento de *auto-piedade*.

Normalmente, sente-se pena de quem sofre ou é infeliz em demasia: "[...] Os homens são geralmente dispostos, por natureza, a ter comiseração daqueles que são infelizes [...]"(ESPINOSA,1677, Ética – III, Escólio da Proposição XXXII, p.194) O sujeito que se encontra em uma situação de sofrimento e penúria é, pois, digno de pena: "quando nós representamos outrem na tristeza ou na desgraça, sentimos por ele piedade", afirma Delbos (1912/2002a, p.136) em seu curso sobre o espinosismo.

Como indicadores gráfico-expressivos do sentimento de *auto-piedade/pena de si*, temos:

1. Revelação de sentimentos e pensamentos envolvendo pena, dó, compaixão, expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou outros personagens.
2. Legendas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!; sou mesmo um coitado!; pobre criança!, etc.*

Sobre a categoria *CULPA*

Expressa através de um estado de *estar com sentimento de culpa, sentir-se culpado* (ENGELMANN, 1978), a culpa advém de uma conduta negligente ou imprudente, da qual proveio dano ou ofensa a outrem. Resulta da falta voluntária a uma obrigação, ou a um princípio ético: falta, delito, crime. Quando resulta da transgressão de preceito religioso, chama-se pecado. Violação ou inobservância de uma regra de conduta, da culpa deriva o *remorso*, inquietação da consciência por culpa ou crime cometido (FERREIRA, 1999).

Embora não estejamos trabalhando com o referencial psicanalítico, cabem algumas considerações sobre o sentimento de culpa a partir desta perspectiva.[89] Em psicanálise, a expressão *sentimento de culpa* possui uma acepção bastante ampla, podendo designar:

> [...] um estado afetivo consecutivo a um ato que o sujeito considera repreensível [...], ou ainda um sentimento difuso de indignidade pessoal [...]. Por outro lado, é postulado pela análise como sistema de motivações inconscientes que explica comportamentos de fracasso, condutas delinqüentes, sofrimentos que o indivíduo inflige a si mesmo, etc. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1995, p.472-3).

O estudo psicanalítico da melancolia aponta ser o sentimento de culpa uma afecção "caracterizada particularmente por auto-acusações, uma autodepreciação, uma tendência para a autopunição que pode levar ao suicídio." (LAPLANCHE; PONTALIS, 1995, p.473). Em Freud, o *sentimento de culpa é a percepção que corresponde no ego a crítica do superego.* Como, dessa perspectiva, o aparecimento da consciência moral está ligado à esfera do inconsciente, ao complexo de Édipo, Freud aponta que grande parte da culpa deve ser inconsciente.[90]

---

[89] O referencial psicanalítico, ademais, não é totalmente estranho ao nosso referencial, uma vez que, como é sabido, Freud "bebeu" em Espinosa, sobretudo para a formulação da teoria do *desejo* como essência do homem.

[90] Entretanto, a expressão *necessidade de punição* pareceu mais adequada a Freud do que *sentimento de culpa inconsciente.* Segundo Laplanche e Pontalis (1995, p.474), a expressão *necessidade de punição*, "tomada no seu sentido mais radical, designa uma força tendente ao aniquilamento do sujeito, e talvez irredutível a uma tensão intersistêmica, enquanto o sentimento de culpa, seja consciente ou inconsciente, se reduz sempre a uma mesma relação tópica – a do ego e do superego, que é também um vestígio do complexo de Édipo." Como mostraremos, uma força tendente ao aniquilamento do sujeito não é possível no sistema espinosano.

A culpa é apresentada, em La Taille (2006), como um sentimento genuinamente moral, e decorre do *sentimento de obrigatoriedade*[91], edificado, por sua vez, sob a fusão do medo e do amor que a criança sente por alguns adultos, sobretudo pais e professores, que se tornam logo autoridades morais. Assim entende o autor:

> [...] Penso que as primeiras experiências do sentimento de culpa são decorrências dessas primeiras experiências do sentimento de obrigatoriedade: é porque se sente obrigada a agir de determinadas formas que a criança, ao fugir a esses primeiros deveres, sente culpa. Ou seja, o sentimento de culpa provém do sentimento de obrigatoriedade, e o reforça. [...] O sentimento de culpa é decorrência de ações que a criança considera negativas, seja porque traduzem desobediência (correlato de amor/medo), seja porque causaram prejuízo a outrem (correlato da simpatia). (LA TAILLE, 2006, p.131).

Interessante leitura sobre a culpa à luz de Espinosa é apresentada por Chaui (1987, p.53):

> Quando a interiorização da culpa e da obediência tiverem feito seu percurso, o desejado, que antes fora posto como causa externa do desejo, será imaginado como perversão interior, exigindo o advento da *recta ratio*, capaz de frear e reprimir uma natureza essencialmente pecaminosa e autodestrutiva. A paixão engendra, assim, seus próprios fantasmas: deuses, diabos, bens, males, tiranos externos e internos a suplicar a tirania da razão.

Culpa e vergonha são sentimentos próximos. Entretanto, se a culpa está para a *ação*, a vergonha está para o *ser*: de modo geral, sente-se culpado do que se fez ou deixou de fazer, e sente-se vergonha pelo que se é.

---

[91] O *sentimento de obrigatoriedade* é comum a todas as expressões da moralidade: é uma *realidade psicológica*, conforme La Taille (2006). "Se negamos a existência de um sentimento de obrigatoriedade, é porque fazemos a hipótese de que cada um segue regras oriundas dos sistemas morais, não por dever, mas em razão de um cálculo de interesses, por medo do castigo ou por esperança de recompensa." (LA TAILLE, 2006, p.31). Assim, quando a ação é motivada estritamente por medo ou interesse na recompensa, não pode-se falar propriamente em uma ação realizada devido ao sentimento do dever moral ou sentimento de obrigatoriedade, não sendo portanto uma ação moral mas uma demonstração de heteronomia moral. Um sujeito moral é inspirado pelo sentimento do dever – dever moral - a agir de tal forma em detrimento de outra, diante de uma dada situação. Entretanto, "o sentimento de obrigatoriedade moral não implica sempre o saber qual o dever a ser seguido." (LA TAILLE, 2006, p.34). É a força do sentimento de obrigatoriedade no pretenso sujeito moral que faz o sujeito, diante de uma situação de conflito, tomar uma ou outra decisão, moral ou contrária à moral. "Ora, falar em 'força' implica assumir uma teoria energética das ações humanas, portanto, de uma teoria da afetividade." (LA TAILLE, 2006, p.36).

Indicadores gráfico-expressivos do *sentimento de culpa*:

1.Reconhecimento da culpa ou erro.
2. Pedir desculpas, desculpar-se, pedir perdão.
3. Auto-acusações, depreciações.
4. Autopunição corporal, automutilação.
5. Legendas específicas: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; sou abusado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer, etc.*

Sobre a categoria *VERGONHA/HUMILHAÇÃO*

Vergonha vem do latim *verecundia*, que significa desonra humilhante, opróbrio, ignomínia. Trata-se de um sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem, ou sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo. Oriunda de ato ou atitude vexatória, ou de um auto-juízo negativo, a vergonha se traduz como sentimento de abalo da própria dignidade, do brio, da honra. (FERREIRA, 1999).

Em Damásio (2004), as bases fisiológicas da vergonha, do embaraço e da culpa assentam-se nas emoções de medo, tristeza e tendências submissas. O estímulo-emocionalmente-competente (EEC) desencadeador da vergonha é a *identificação de um problema no comportamento ou no corpo do próprio indivíduo.*

A *vergonha* em Espinosa é definida (pelo Escólio da Proposição XXX) como uma espécie de tristeza, que nasce do fato de os homens *se julgarem censurados*. Essa tristeza "é tanto mais favorecida quanto o homem imagina que é censurado pelos outros" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Corolário I da Proposição LV, p.207). Isto é, a tristeza moral, como vergonha, é mais forte do que a simples tristeza. Quando o mal que se teme é o pudor, o temor que se tem chama-se *vergonha* (conforme Escólio da proposição XXXIX, Ética – III, p.198). E também, quando alguém "imagina que deu uma justa causa de ódio, então [...] será afetado de vergonha. Isso, porém [...], acontece raras vezes." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Escólio

da Proposição XLX, p.199) Mas, como Espinosa define pudor? "O *pudor (Pudor)* é a tristeza acompanhada da idéia de alguma ação nossa que imaginamos que os outros censuram." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, *Definições das Afecções*, definição XXXI, p.218).

Espinosa esclarece melhor noutra passagem da *Ética* (1677) a diferença entre pudor e vergonha: "[...] O pudor é a tristeza que segue um fato de que se tem pudor; a vergonha, ao contrário, é o medo ou o temor do pudor que refreia o homem e o impede de cometer qualquer coisa torpe. À vergonha é costume opor-se a impudência." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, *Definições das Afecções*, Explicação da definição XXXI, p.211)

Em termos de psicologia do desenvolvimento, conforme La Taille (2006), as primeiras experiências envolvendo o *sentimento de vergonha* coincidem com a construção da *função simbólica*, por volta dos dois anos de idade[92]. Entretanto, nessa fase inicial do desenvolvimento, trata-se da *vergonha-exposição* (vergonha de ser objeto do olhar alheio), desvinculada de qualquer conteúdo moral. Somente a partir dos 9, 10 anos espera-se que a *vergonha moral* se associe ao *sentimento de obrigatoriedade*:

> [...] A vergonha moral não é experimentada – ou o é bem pouco – por crianças menores. [...] A vergonha moral não é sentimento importante na fase de despertar do senso moral[93], mas [...] em compensação, torna-se presente, e forte, na fase posterior, que chamamos de construção da personalidade ética [...] No início da gênese da moralidade, os valores morais ainda não penetraram a personalidade da criança, a transgressão moral pode causar medo do castigo, tristeza e culpa de se ter magoado outrem, mas não o sentimento pessoal de perda de valor. A presença desse sentimento, que nossas pesquisas atestam a partir dos 9 anos de idade, mostra que uma etapa do desenvolvimento moral foi superada e que, agora, o medo de decair perante seus próprios olhos e também perante os olhos das pessoas respeitadas - medo moral por excelência, como afirmava Piaget – começa a poder tornar-se dominante. Primeiros sinais de auto-respeito, ou honra[94], aparecem, e se, ao longo do restante do desenvolvimento, ele se tornar sentimento central, terá sido construída a personalidade ética. (LA TAILLE, 2006, p. 138-139).

---

[92] A *função simbólica* permite a internalização da linguagem social e o surgimento do pensamento propriamente dito, a partir da emergência da capacidade de ter representações mentais e, portanto, atividade simbólica,

[93] A *fase de despertar do senso moral* refere-se à fase de *heteronomia*, "na qual o juízo alheio é crucial para a construção das representações de si e dos ideais que inspiram as direções a serem tomadas pela expansão de si [...]" (LA TAILLE, 2006, p. 140).

[94] O conceito de *honra* refere-se diretamente à *vergonha moral*, e devemos recuperá-lo para melhor conduzir nossa posterior análise. "A pessoa 'honrada' é aquela que sentiria vergonha se agisse de determinadas formas [...] A pessoa com honra é aquela que, ao cumprir seu dever, respeita a si mesma, é fiel a si mesma; é a pessoa que, se faltasse para com seu dever, se tornaria uma pessoa indigna perante os próprios olhos." (LA TAILLE, 2006, p. 136).

A capacidade de se afetar pela *vergonha moral*, sua identificação ou atribuição de sentido torna-se possível, então, em termos de *psicologia do desenvolvimento moral da criança*, a partir dos 9 anos, "idade com a qual sentimentos morais negativos começam a ocupar lugar importante na afetividade das crianças, e com a qual, também, a vergonha associa-se a valores em geral." (LA TAILLE, 2002, p.207). O sentimento de vergonha vai portanto, paulatinamente, associando-se a valores morais.

A vergonha remete a *valores*, à questão do *olhar de outrem* e o nosso olhar sobre nós; esses valores e juízos não são necessariamente morais, mas podem sê-lo, cumprindo a moralidade um papel determinado na sociedade.

A *vergonha* é apresentada em La Taille (2006) como o sentimento que é experimentado tanto no plano ético quanto no plano moral e que é responsável pelo auto-respeito ou honra, sendo sentimento central para a construção da *personalidade ética*[95]. Nesse sentido, sentir vergonha é salutar ao bom desenvolvimento moral – quem não sente vergonha do que faz, certamente tem limites pouco estabelecidos. Diz-se em psicopatologia que o psicopata não sente culpa, remorso ou vergonha de seus atos: *"a incapacidade de sentir vergonha moral é típica das pessoas que agem contra a moral.* Logo, a *capacidade de sentir vergonha moral é condição necessária a esse 'querer fazer' que é o dever moral."* (LA TAILLE, 2006, p. 136).

Há, conforme explicamos várias causas para o sentimento de vergonha, como a exposição aos olhares alheios, ou a vergonha que decorre de um juízo negativo, e assim por diante. Pode-se sentir vergonha estando sozinho, por uma lembrança, um pensamento que outrora foi causa de vergonha. Para ser experimentado, contudo, o sentimento de vergonha

---

[95] Numa *personalidade ética*, em situações de conflito, dilemáticas, sempre a vergonha moral deve prevalecer sobre a vergonha não moral, o auto-respeito deve ser mais forte que a auto-estima: os valores morais devem prevalecer aos interesses pessoais ou atributos de si. Noutras palavras, em um ser ético, *afetos* ou *sentimentos* "mais elevados" (do ponto de vista moral) têm maior força do que afetos ou sentimentos mais ordinários.

pressupõe um *autojuízo negativo.* Interessa-nos a vergonha que decorre de um juízo negativo, pois "traduz-se pelo sentimento de perda real ou virtual de valor." (LA TAILLE, 2006, p.134).

> [...] Para ser experimentado, o sentimento de vergonha pressupõe um *autojuízo negativo.* Dito de outra forma, quem sente vergonha julga negativamente a si próprio [...] O juízo negativo proveniente de outrem somente desencadeia a vergonha se o envergonhado assumir tal juízo. (LA TAILLE, 2006, p.134).

Existem, portanto, várias formas ou modalidades de vergonha – em La Taille (2002) temos sete categorias para vergonha - desde a *vergonha-pura* ou *exposição,* que deriva do fato de saber-se sendo olhado, observado, até a vergonha ocasionada pelo fato de sentir-se humilhado por outrem, denominada de *vergonha-humilhação* ou simplesmente *humilhação,* modalidade de vergonha vinculada à moral, à honra, no campo da ética. La Taille (2002) aponta uma diferença possível entre *vergonha* e *humilhação:* na vergonha, deve haver um *autojuízo negativo*, na humilhação, não necessariamente.

> [...] O sentimento negativo de humilhação provém de se estar sendo inferiorizado, sem necessariamente assumir os juízos negativos de quem inferioriza. E se, por causa da humilhação, a pessoa também sente vergonha (o que é freqüente), é porque o fato de estar sendo inapelavelmente inferiorizado contradiz a 'boa imagem' [...] (LA TAILLE, 2002, p.208).

Em Harkot-de-la-Taille (1999) a vergonha é apresentada como *configuração passional*, sentimento relacionado ao estabelecimento da *função semiótica*, que se estabelece no encontro de duas outras configurações: a da *inferioridade* e da *exposição*. A humilhação, inferiorização definida como *rebaixamento moral*, está intimamente relacionada ao respeito, compreendido como submissão a uma autoridade. "Dentro de zonas de limites variáveis, é freqüentemente aceita como 'recurso pedagógico'. Abundam exemplos de pais que humilham os filhos, para 'educá-los'." (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p.36). São todos "programas de destruição da boa imagem", de *rebaixamento moral*, em que o indivíduo se reconhece enquanto sujeitado. "Ao sujeito humilhado resta o silêncio" (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p.38).

No tratamento moral da vergonha, em Harkot-de-la-Taille (1999), importam seu "parentesco" com o Bem ou o Mal, sua relação com o domínio público, e sua circulação no universo social. A vergonha - implicação do Mal - representa a consciência do sujeito ter transgredido um *preceito moral*.

Não distinguiremos, entretanto, para efeito de categorização em nosso estudo, entre modalidades de sentir-se envergonhado, compreendendo tratar-se de formas de manifestação da vergonha sentida que se inter-relacionam complexamente ao longo do desenvolvimento. E, conforme já assinalado, se a culpa está para a *ação*, a vergonha está para o *ser*:

> [...] O sentimento de culpa incide sobre a ação: sente-se culpa do que se fez, não do que se é. Ora, com a vergonha é diferente: *sente-se vergonha do que se é*. A vergonha, portanto, refere-se ao eu. 'Quem sou eu?', eis a pergunta que o envergonhado se faz. Nessa pergunta, ele compara as 'boas imagens', ou imagens idealizadas, que tem ou quer ter de si, com a imagem por meio da qual ele realmente se vê. (LA TAILLE, 2006, p.134-135).

Utilizamos assim dois termos para compor esta categoria, vergonha e humilhação, pois entendemos que embora possa haver distinção entre os termos, a vergonha em crianças de

mais idade (como no caso de nossos sujeitos, com idades entre 9 e 12 anos) revela sempre uma faceta da humilhação, e sentir-se envergonhado, em muitos casos, é sentir-se humilhado, ou a humilhação traz consigo a vergonha. E, como a vergonha sempre decorre de um auto-juízo negativo, isto em si é humilhante.

Indicadores gráfico-expressivos do sentimento de *vergonha/humilhação*:

1. Representação de situação vexatória em si, como exposição das nádegas, chute nas nádegas, apanhar em público, etc.
2. Bochechas coradas, orelhas vermelhas; "vergonha na cara".
3. Retratação do sujeito punido de costas, sem rosto expresso ("sem cara"); mãos ocultando a expressão facial, cara escondida.
4. Corpo curvado, abaixado, no chão; estar de joelhos, em posição de súplica; "estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).
5. Estar maltrapilho, com roupas rasgadas.
6. Dedo da autoridade apontando, acusando, humilhando, diminuindo; sentir-se diminuído em seu ser.
7. Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral, sentir-se um lixo enquanto pessoa, equivaler-se ao lixo, ao nada.
8. Legendas específicas: *sinto-me humilhado, envergonhado, inferiorizado, ridicularizado; "pessoa minúscula"; vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado, etc.*

Sobre a categoria *DESPREZADO/REJEITADO/INDIGNIFICADO*

Categoria utilizada para caracterizar o sentir-se desprezado, rejeitado e em condição indigna. Ocorre quando se é afetado pelo *desprezo* de outrem para consigo. Quando o indivíduo se sente odiado por alguém, quando sente a *hostilidade* de outrem direcionada a si, pode-se também sentir-se *desprezado* e *indignificado,* isto é, tornado indigno.

Sentir-se desprezado revela percepção de um estado de *inferioridade*, pois o *sentimento de inferioridade* advém, em grande medida, do desprezo e da humilhação. O *rebaixamento de si*, percepção do estado de si que acompanha o *sentimento de inferioridade*, caracteriza um tipo de inferioridade provocada, "um programa de destruição de valor, de objeto-valor 'boa imagem'" (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p.34). O ser inferiorizado é indignificado, perde sua dignidade, sua condição torna-se indigna. O sentimento de

indignidade, portanto, "nasce de projeções que o sujeito faz de si, num imaginário de desconfiança em que se supõe dotado de uma 'má índole'". (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p.42-3).

Valendo-se de conceitos de Ricoeur (1990), La Taille (2006) trabalha com as categorias *auto-estima* e *auto-respeito*, que iremos aqui recuperar a fim de melhor compreender a origem do estado afetivo de sentir-se deprezado: "A *auto-estima* corresponde a todo e qualquer estado subjetivo de valorização de si próprio. O *auto-respeito* corresponde apenas à auto-estima experimentada quando a valorização de si próprio incide sobre valores morais. Logo, o auto-respeito é um caso particular de auto-estima [...]" (LA TAILLE, 2006, p.56). E adiante: "O auto-respeito é, na verdade, a própria honra, ou melhor dizendo, corresponde a um sentido fundamental da honra: o valor moral que a pessoa tem aos próprios olhos e a exigência que faz a outrem para que esse valor seja reconhecido e respeitado." (LA TAILLE, 2006, p.62). Assim La Taille (2006) apresenta sua fórmula essencial sobre ética e moral, a partir de uma abordagem psicológica voltada ao desenvolvimento da moralidade:

> [...] *O auto-respeito é o sentimento que une os planos moral e ético, pois ele é, por um lado, expressão da expansão de si próprio – portanto, elemento da 'vida boa' -, e, por outro, causa essencial do sentimento de obrigatoriedade - portanto, motivação para a ação moral.* Em poucas palavras: *respeita a moral que, ao faze-lo, respeita a si próprio.* Em termos puramente morais, não há possibilidade de respeitar a outrem na sua dignidade sem, ao fazê-lo, experimentar o sentimento da própria dignidade." (LA TAILLE, 2006, p.56).

Em Espinosa: "O desprezo (*Contemptus)* é a imaginação de uma coisa qualquer, imaginação que toca de tal modo pouco a alma que a alma é conduzida, pela presença desta coisa, a imaginar antes o que nela não existe que o que existe [...]" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, *Definições das Afecções*, definição V, p.213) Sentir-se deprezado é sentir-se desprezível, indignificado – daí indigno. O desprezado é marcado ou afetado pela falta, pela negação de si.

Quando o desenvolvimento da *auto-estima* e do *auto-respeito* é abalado ou impossibilitado, enquanto construções do sujeito a partir de suas relações sociais, a construção dos sentimentos de dignidade e honra pode se encontrar prejudicada. Da mesma forma, sob tal

violência, não há *expansão de si*, mas ao contrário, constrição e angústia do ser, *conatus in tristitia*, configurando certos estados d'alma. E, "nesse emaranhado de estados, o que a alma sempre procura, a despeito de ocorrências que a atraiçoam, é só o que afirma sua potência de agir." (DELBOS, 1912/2002a, p.137). Mas, quando a alma, pelo contrário, "é forçada a imaginar sua impotência, entristece-se, e experimenta uma humildade que pode ir até a desestima de si. *(Ética,* III, prop. LIII-LV.)" (DELBOS, 1912/2002a, p.137). A desestima de si advém de ser ou imaginar-se desprezado, rejeitado, rebaixado, ou mesmo odiado por alguém por quem se tem certo apreço ou afeição.

Define Espinosa: "A *desestima* (*Abjectio)* consiste em, por tristeza, ter uma opinião demasiado desfavorável acerca de si próprio." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, *Definições das Afecções*, definição XXIX, p.217). A *desestima de si*, termo também empregado por Espinosa, é entendida como uma afecção raríssima, uma vez que *a natureza humana luta contra ela tanto quanto pode.* Abjeção é ignorância de si mesmo, indica *impotência da alma*, e dela pode advir o auto-aniquilamento pelo surgimento do *desejo de morrer.*

O contrário da desestima é a estima. Ora, a auto-estima ou estima de si advém do amor e da alegria, e nunca da tristeza, do ódio ou do medo.

Espinosa define *amor-próprio* ou *repouso íntimo* como "a alegria que nasce da contemplação de nós mesmos" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Escólio da Proposição LV, p.207). O amor-próprio espinosano corresponde, portanto, à auto-estima e ao auto-respeito, e advém de uma contemplação ou admiração da auto-imagem ou das representações de si.

Indicadores gráfico-expressivos do sentir-se *desprezado/rejeitado/indignificado*:

1. Figuração do sujeito punido na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.
2. Figuração do sujeito punido sendo posto para fora da casa, na rua.
3. Expressão facial de desprezo, indiferença, ódio ou satisfação cruel presente no sujeito punidor (pais ou responsáveis).
4. Legendas específicas: *me sinto como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; me jogou na rua, expulsou de casa, mandou pra fora de casa, etc.*

Sobre a categoria *REVOLTA/INDIGNAÇÃO*

Ato ou efeito de revoltar-se, indignar-se, a *revolta* pode derivar do sentimento de injustiça acrescido de raiva. Injustiça (do latim *injustitia)* é falta de justiça, ação ou coisa injusta, que pode levar o indivíduo a ter a percepção e ser afetado pelo sentimento de sofrer injustiça, isto é, ser injustiçado, pois não se fez justiça para consigo. *Sentir-se revoltado; sentir-se indignado; sentir-se com vontade de algo* (ENGELMANN, 1978); sentir vontade de xingar, por exemplo, ou manifestar-se contra a autoridade estabelecida; levantamento, motim, insurreição, rebelião, sublevação. Grande perturbação moral causada por indignação, aversão, repulsa moral (FERREIRA, 1999).

O *sentimento de indignação*, já presente ou possível em crianças de pouca idade, quando se mostram contrariadas ao receberem um castigo que julgam não merecido, pode ser definido como:

> [...] um forte sentimento negativo, muito próximo à cólera, desencadeado por um *juízo negativo* feito por quem a experimenta, sendo que tal juízo é de *ordem moral.*[...] A indignação refere-se essencialmente a um conteúdo preciso da moral a saber, a justiça.[...] Em resumo, a indignação é um sentimento moral despertado pelo fato de direitos terem sido desrespeitados, pelo fato de alguma injustiça ter sido cometida. (LA TAILLE, 2006, p.123).

O fato de crianças experimentarem indignação é, segundo La Taille (2006, p.124), "um sinal de que a fonte do valor da justiça e dos direitos decorrentes não se encontra apenas na interiorização dos mandamentos dos adultos, mas também, por um lado, na afirmação dos *interesses próprios,* e, por outro, nessa força motivacional essencial do plano ético que é a *expansão de si próprio*".

Para a criança pequena, ser castigado por ter feito alguma coisa errada é sentido essencialmente, como *desvalorização de sua pessoa.* "Há algo de humilhação no castigo, humilhação essa que ela pode suportar quando de fato culpada, mas que rechaça veementemente quando inocente." (LA TAILLE, 2006, p.128). Daí advir revolta ou indignação. Assim, conclui o autor:

> [...] parece-me verossímil a hipótese de que a questão da buscas de representações de si com valor positivo, busca essa decorrente da expansão de si, desempenha, ao lado do interesse próprio, papel fundamental no desencadear do sentimento de indignação e no desenvolvimento da noção de direito a ela associada. (LA TAILLE, 2006, p.128).

A indignação (*indignatio*) em Espisona é definida como uma espécie de ódio, "*ódio para com aquele que fez mal a outrem.*" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Escólio da Proposição XXII, p.188 e *Definições das Afecções*, definição XX, p.215). Assim, revoltar-se ou indignar-se (diferente de indignificar-se) contra algo ou alguém pressupõe um *quantum* de afecção de ódio para com esse algo ou alguém, podendo conduzir ao desejo de vingança.

Indicadores gráfico-expressivos do sentimento de *revolta/indignação*:

1. Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, espirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.
2. Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão.
3. Figuração do sujeito punido fugindo de casa, "pegando" a estrada, desaparecendo; mala, mochila ou trouxa nas costas.
4. Ser punido por algo que causou sem intenção, sem querer; estar sendo condenado injustamente; apanhar sem saber o motivo.
5. Situação de punição injusta em si, covarde, desproporcional ao erro cometido.
6. Retaliar alguém após ser agredido, atirar ou esfaquear alguém; estar descontando algo ou uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão; vingança movida por raiva.
7. Legendas específicas auto-referentes: *isso me revolta; estou indignado; estou "fulo" da vida; é injusto; sou injustiçado; não merecia; foi sem querer; não tive intenção; não sabia; porque estou apanhando?!; palavras de ordem: "não à palmada!", "abaixo a palmada", "diga não à violência"; etc.*

Sobre a categoria *TERROR*

Por sentimento de *terror* entendemos um grande medo, que advém de um mal intenso ou de sua imaginação. *Sentir terror; sentir-se torturado; sentir-se atormentado; encontrar-se num estado de pânico; encontrar-se num estado de pavor* (ENGELMANN, 1978). Do latim *terrore*: qualidade de terrível (*terribile*), isto é, que infunde ou causa terror, estado de grande pavor ou apreensão, grande medo ou susto.

Difere do medo (emoção básica) pela sua intensidade e freqüência, pois requer experiências autobiográficas que, "além da dor, caracterizam-se por serem capazes de causar *espanto, pavor, medo, pânico, temor extremos,* dadas sua **imprevisibilidade,**

incontrolabilidade, perversidade e aversibilidade." (AZEVEDO; GUERRA, 2001b, p.88, grifo do autor).

Assim, temos os seguintes indicadores gráfico-expressivos do sentimento de *terror*:

1. Representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico: punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, violência extrema.
2. Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, conotando medo intenso, terror.
3. Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros.
4. Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada, bizarra, tirânica ou maléfica do sujeito punidor;
5. Retratação do sujeito punidor como *monstro, vampiro, diabo, ser maligno, etc.*
6. Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; meu sofrimento é sem fim, etc.*

Sobre a categoria *DESEJO DE MORRER*

Sentir-se com vontade de algo (ENGELMANN, 1978), sentir-se com vontade de morrer, *sentir-se mortificado* (ENGELMANN, 1978). *Ideação suicida* ou de auto-aniquilamento, *suicídio de si.* Optamos pela categoria *desejo de morrer* para qualificar tal estado de afetação ou *atribuição de sentido* decorrente da experiência de apanhar dos pais.

O *desejo de morrer* é a mais trágica das formas de afetação do ser, e decidimos explora-lo mais profundamente a fim de melhor conhecer suas possíveis causas.

Conforme La Taille (2006), apoiando-se em Durkheim (1930), a causa mais freqüente do suicídio é a *perda do sentido da vida*, um vazio de sentido existencial, embora haja casos de suicídio que se explicam em razão de experiências episódicas de desespero, alguma dor aguda, física ou moral, causada por algum acontecimento.

Uma vida só faz sentido quando marcada pela possibilidade da *expansão de si,* termo emprestado de Alfred Adler (1912/1992) por La Taille (2006) e que remete à busca de novos horizontes de ação, à busca de superação de si, *à necessidade de enxergar a si próprio como uma pessoa de valor.* Assim, a expansão de si próprio articula-se às demais características

atribuídas ao plano ético, isto é, de uma "vida boa" com sentido. Expandir-se é superar-se, é aumentar suas potencialidade de ser e agir, e no suicida o que se verifica é o oposto.

A vida é, pois, em Espinosa, "a força pela qual as coisas perseveram em seu ser", conforme apontado em *Cogitata metaphysica,* citado por Delbos, (1912/2002b, p.120). E noutra passagem trazida por Delbos, de Espinosa do *Breve tratado*[96], afirma-se:

> Pois é evidente que coisa alguma poderia por sua própria natureza tender ao aniquilamento de si mesma, mas, pelo contrário, cada coisa tem em si própria uma tendência a manter-se no mesmo estado e a elevar-se a um melhor. (*Breve tratado,* Primeira parte, cap. V, p.79, apud DELBOS, 1912/2002b, p.121).

Assim, cada ser esforça-se para perseverar em seu ser, isto é, perseverar a existência. As causas que aumentam ou diminuem a potência da alma determinam-na de fora. O esforço por perseverar no ser pode ser medido pelo grau de atividade ou potência positiva que implica a essência de cada ser. O desenvolvimento da natureza humana deriva do esforço de todo ser para perseverar em seu ser (DELBOS, 1912/2002b). Como pensar, então, a partir do sistema espinosano, a questão do auto-aniquilamento ou suicídio, que denominados *desejo de morrer*? Esta explicação já se encontra bastante desenvolvida entre estudiosos de Espinosa, e nos valeremos de tais contribuições.

Retomemos, pois, que o conceito de desejo, em Espinosa, compreende todas as tendências da natureza humana: apetites, vontades, impulsos, volições, que se tem consciência. "O *desejo* (*Cupiditas)* é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada a fazer algo por uma afecção qualquer nela verificada." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, *Definições das Afecções*, definição I, p.211). O *sujeito desejante* é compelido a fazer algo, nalguma direção – no caso a morte, suicidar-se -, pois está *afetado* por determinadas afecções que assim o conduzem. Julgamos que este argumento já seja suficiente

[96] Trata-se aqui das seguintes obras de Espinosa: *Tratado da correção do intelecto* e *Pensamentos metafísicos,* das quais temos boas traduções em português, respectivamente, por Carlos Lopes de Mattos e Marilena de Souza Chauí, inicialmente publicados na Col. Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, edição de 1973 e 1979.

para justificar o porquê optamos pela categoria *desejo de morrer*, coerente com o referencial adotado.

Voltaremos à teoria do suicídio em Espinosa quando apresentar-mos e discutirmos os resultados relativos ao *desejo de morrer*.

Indicadores gráfico-expressivos do *desejo de morrer*:

1. Expressão de pensamentos ou atitudes auto-destrutivas como esfaquear-se, cortar os pulsos; enforcar-se, pular no abismo, pular da ponte, saltar pela janela do prédio, etc.
2. Pensamentos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo; desejo de morrer.
3. Representação da morte como alternativa ou solução ideal aos transtornos da vida.
4. Legendas específicas: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; passar desta para melhor; etc.*

*

Aprofundaremos a caracterização de tais categorias na seção 5, quando analisarmos os resultados referentes a cada categoria. Sintetizando tudo o que foi exposto, temos a seguinte lista que compõe nosso sistema fechado[97] de *análise de conteúdo categorial*.

[97] Optamos por construir um sistema categorial fechado para dar conta da análise de nosso *Corpus*. Entretanto, cumpre antecipar-nos, criamos, enquanto parte dos resultados da pesquisa, um instrumento de intervenção escolar visando à prevenção da VDCA, e neste caso optamos pela criação de um sistema categorial aberto, o que permite a emergência de novas possibilidades analíticas. Aprofundaremos tais discussões na subseção 5.4.

Lista 1 - Índices, Categorias e Indicadores das *Sensações*, *Emoções e Sentimentos Sócio-Morais*

Índice I. *Sensações de Dor e Prazer*
A) Categoria *DOR*. **Lista de Indicadores:**
1. Retraimento do corpo ou de parte deste; fricção ou massagem na parte do corpo batida, para aliviar a dor.
2. Marcas, hematomas ou feridas; "estrelinhas" sobre a parte do corpo batida.
3. Expressões faciais de alarme e sofrimento físico.
4. Legendas específicas: *senti dor, doeu muito; sofri no corpo, na pele; Ai!! Ui!; etc.*
B) Categoria *PRAZER*. **Lista de Indicadores:**
1. Expressão prazerosa ou de satisfação presente na expressão facial do sujeito punido.
2. Descontração e abertura do corpo, expressões e posturas corporais que traduzem bem-estar, prazer e/ou contentamento.
3. Legendas específicas: *sinto prazer; é muito bom; é bom; gostoso; etc.*
Índice II. *Emoções de Fundo*
A) Categoria *MAL-ESTAR* **Lista de Indicadores:**
1. Conotação de mal-estar, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico-corporal.
2. Representação de partes separadas do corpo; fragmentos ou partes específicas para retratar o estado de sentimentos; corpo disforme, quebrado, partido, rasgado ao meio (coração partido, rosto partido, etc.).
3. Sinais de interrogação e exclamação, e outros símbolos conotativos de dúvida, confusão, desorientação e mal-estar.
4. Legendas específicas: *sinto-me mal, fiquei mal; sofri na alma; dor na alma; meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedaçado; não sei o que fazer, para onde ir, etc.*
B) Categoria *BEM-ESTAR* **Lista de Indicadores:**
1. Presença de contentamento ou outras emoções e sentimentos que conotam bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico-corporal.
2. Retratar-se "no alto", "nas nuvens", no cume; segurando um troféu, vitorioso.
3. Arco-íris, sol amarelo sorrindo, flores coloridas, pássaros coloridos, natureza exuberante, etc.
4. Legendas específicas: *sinto-me bem, com bem-estar, etc.*
Índice III: *Emoções Básicas*
A) Categoria *TRISTEZA* **Lista de Indicadores:**
1. Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro).
2. Lágrimas de tristeza; olho que chora, do qual escorrem lágrimas.
3. Coração partido, do qual escorrem gotas (azuis ou verdes, de modo geral, ou vermelhas conotando sangue).

4. Corpo curvado, cabeça para baixo; mão(s) segurando o rosto; desolação.
5. Legendas específicas: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste; fiquei magoado; mágoa, magoado; ressentido; etc.*
B) Categoria *ALEGRIA* **Lista de Indicadores:**
1. Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).
2. Estar pulando de alegria; estar festejando, dançando, estar soltando fogos de alegria.
3. Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.
4. Legendas específicas: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz, contente, etc.*
C) Categoria *RAIVA/ÓDIO* **Lista de Indicadores:**
1. Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.
2. Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados; boca entreaberta, berrando.
3. Raiva representada em elementos da natureza: raios, tempestade e nuvens ao fundo ou sobre a cabeça do sujeito punido, mar revolto, vulcão, furacões, sol com expressão raivosa, etc.
4. Músculos salientes, expressivos, conotando força, tensão, agressividade e raiva; posturas de luta, golpes, mãos fechadas, etc.
5. Legendas específicas: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso; vou descontar; você vai ver só; vou me vingar; Toma!; odeio meu pai/minha mãe, etc.*
D) Categoria *MEDO/TEMOR* **Lista de Indicadores:**
1. Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta.
2. Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.
3. Esconder-se atrás, embaixo ou no interior de objetos ou móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro), ou em lugares da casa (no porão, em cima da árvore, etc).
4. Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo!".
5. Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, como medo da punição.
6.Representação de tempo escuro, escuridão, noite, tempo ruim (chuva, tempestade, raios).
7. Legendas específicas: *sinto medo; medo; assustado; desproteção e insegurança etc.*
Índice IV: *Sentimentos Sócio-Morais*
A) Categoria *INFERIORIDADE FÍSICA* **Lista de Indicadores:**
1. Representação do sujeito punido excessivamente reduzido em comparação com o sujeito punidor ou parte de seu corpo (mão, pé, objeto para bater, etc.)
2. Exagero intencional na representação do tamanho de objetos ou outras pessoas proporcionalmente ao resto da composição.
3. Perceber-se e sentir-se mais fraco em relação a outrem, com menor força física e massa corporal, impotente para defender-se.
4. Legendas específicas: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno, minúsculo, etc.*
B) Categoria *SOLIDÃO/DESAMPARO* **Lista de Indicadores:**
1.Sujeito punido no chão, desolado; retratação do corpo do sujeito punido em posição de encolhimento, sentado ou deitado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito.

2. Figuração da casa ou quarto cadeia; janelas e/ou portas fechadas; figuração de muros ou obstáculos intransponíveis; pouco ou nenhum objeto biográfico, quanto muito uma cama.
3. Legendas específicas: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário; sinto-me desamparado, sem ninguém, sem amigos; sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*
C) Categoria *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO*: **Lista de Indicadores:**
1. Sujeito punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição; resignado a sessão punitiva, resignado à *ritualística da punição corporal.*
2. Legendas específicas: *não há o que fazer; vivo num mundo sem saída; sinto-me submisso; estou resignado; só resta esperar, etc.*
D) Categoria *GRATIDÃO/RECONHECIMENTO*: **Lista de Indicadores:**
1. Demonstrar gratidão e reconhecimento pelos esforços e cuidados paternos; alegria por estar ao lado/junto com os pais.
2. Estar aprendendo "a lição", estar sendo corrigido, mesmo que através da punição corporal.
3. Legendas específicas: *sinto-me alegre por ter aprendido; aprendi a lição; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem, foi para o meu bem; tornei-me melhor; os pais batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor; mereci apanhar; sou danado mesmo; foi justo; graças a isso cheguei onde estou, bem sucedi-me, etc.*
E) Categoria *AUTO-PIEDADE/PENA DE SI*: **Lista de Indicadores:**
1. Revelação de sentimentos e pensamentos envolvendo pena, dó, compaixão, expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou outros personagens.
2. Legendas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!; sou mesmo um coitado!; pobre criança!, etc.*
F) Categoria *CULPA*: **Lista de Indicadores:**
1. Reconhecimento da culpa ou erro.
2. Pedir desculpas, desculpar-se, pedir perdão.
3. Auto-acusações, depreciações.
4. Autopunição corporal, auto-mutilação.
5. Legendas específicas: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; sou abusado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer, etc.*
G) Categoria *VERGONHA/HUMILHAÇÃO*: **Lista de Indicadores:**
1. Representação de situação vexatória em si, como exposição das nádegas, chute nas nádegas, apanhar em público, etc.
2. Bochechas coradas, orelhas vermelhas; "vergonha na cara".
3. Retratação do sujeito punido de costas, sem rosto expresso ("sem cara"); mãos ocultando a expressão facial, cara escondida.
4. Corpo curvado, abaixado, no chão; estar de joelhos, em posição de súplica; "estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).

5. Estar maltrapilho, com roupas rasgadas.
6. Dedo da autoridade apontando, acusando, humilhando, diminuindo; sentir-se diminuído em seu ser.
7. Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral, sentir-se um lixo enquanto pessoa, equivaler-se ao lixo, ao nada.
8. Legendas específicas: *sinto-me humilhado, envergonhado, inferiorizado, ridicularizado; "pessoa minúscula"; vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado, etc.*
H) Categoria *DESPREZADO/REJEITADO/INDIGNIFICADO*: **Lista de Indicadores:**
1. Figuração do sujeito punido na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.
2. Figuração do sujeito punido sendo posto para fora da casa, na rua.
3. Expressão facial de desprezo, indiferença, ódio ou satisfação cruel presente no sujeito punidor (pais ou responsáveis).
4. Legendas específicas: *sinto-me como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; me jogou na rua, expulsou de casa, mandou pra fora de casa, etc.*
I) Categoria *REVOLTA/INDIGNAÇÃO* : **Lista de Indicadores:**
1. Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, espirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.
2. Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão.
3. Figuração do sujeito punido fugindo de casa, "pegando" a estrada, desaparecendo; mala, mochila ou trouxa nas costas.
4. Ser punido por algo que causou sem intenção, sem querer; estar sendo condenado injustamente; apanhar sem saber o motivo.
5. Situação de punição injusta em si, covarde, desproporcional ao erro cometido.
6. Retaliar alguém após ser agredido, atirar ou esfaquear alguém; estar descontando algo ou uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão; vingança movida por raiva.
7. Legendas específicas auto-referentes: *isso me revolta; estou indignado; estou "fulo" da vida; é injusto; sou injustiçado; não merecia; foi sem querer; não tive intenção; não sabia; porque estou apanhando?!; palavras de ordem: "não à palmada!", "abaixo a palmada", "diga não à violência"; etc.*
J) Categoria *TERROR*: **Lista de Indicadores:**
1. Representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico: punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, violência extrema.
2. Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, conotando medo intenso, terror.
3. Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros.
4. Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada, bizarra, tirânica ou maléfica do sujeito punidor;
5. Retratação do sujeito punidor como *monstro, vampiro, diabo, ser maligno, etc.*
6. Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; meu sofrimento é sem fim, etc.*

K) Categoria *DESEJO DE MORRER*: **Lista de Indicadores:**
1. Expressão de pensamentos ou atitudes auto-destrutivas como esfaquear-se, cortar os pulsos; enforcar-se, pular no abismo, pular da ponte, saltar pela janela do prédio, etc.
2. Pensamentos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo; desejo de morrer.
3. Representação da morte como alternativa ou solução ideal aos transtornos da vida.
4. Legendas específicas: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; passar desta para melhor; etc.*

OBS: Deve-se ter em conta que a presença de um dos indicadores listados é suficiente para justificar a classificação da Produção em determinada categoria, sempre se tendo em conta o contexto global e sentido predominante da Produção.

Através destas breves definições poderemos operacionalizar nossa análise de conteúdo categorial, avançando em direção ao terceiro e último nível de análise que empreenderemos, isto é, a *análise de conteúdo estrutural.*

4.5.3. Da *análise de conteúdo estrutural*

Passemos agora a explicitar nosso terceiro nível de análise, isto é, a análise de conteúdo estrutural (quanto à unidade semiológica), ou a *análise dos sistemas de signos* produtores de sentidos.

Fazer *análise de conteúdo estrutural* é fazer análise dos signos, pois os signos permitem a construção de índices, e, então, recai-se no processo inferencial. A análise de conteúdo, conforme já apontado, presta-se a *construir índices.* "Um índice é um sinal que é casualmente relacionado a outro fenômeno, assim como, por exemplo, a fumaça é um índice, ou um sintoma de fogo" (BAUER, 2002, p.194). Portanto o índice é um "sinal-sintoma", podemos assim considerar, e ao analisarmos índices, sinais ou pistas, estamos operando no campo do *paradigma indiciário*, tão bem descrito em seus pressupostos por Ginzburg (1989).

Devemos captar os índices de valores expressos nas produções infantis. O pressuposto é o de que os modos de expressão dos *sentidos* relativos às *Palmadas* revelam valores, desejáveis e aceitáveis moralmente, práticas legítimas de determinada sociedade – a sociedade brasileira, no caso - no processo de educação/socialização da criança e do adolescente, e o que quisermos mais focalizar.

A consideração do conteúdo - aponta Bauer (2002) - juntamente com a intensidade, define um *índice*. A quantidade de alguma coisa qualquer – por exemplo, a representação da tristeza através do choro - pode ser uma medida da posição deste sentimento, bastante freqüente nos sujeitos, como conseqüência da palmada, ou um indicador de que a violência física não é boa ao desenvolvimento infantil, se considerarmos que a tristeza, em excesso, não promove o desenvolvimento, mas sim o paralisa.

Mas a análise estrutural não deve contentar-se em evidenciar as unidades de significação de um *Corpus*. Deve "ir além da classificação das unidades de texto, e orientar-se na construção de redes de unidades de análise para representar o conhecimento não apenas por elementos, mas também em suas relações." (BAUER, 2002, p.194). Portanto, deve-se neste nível avançar sobre a análise das relações entre todos os elementos do *Corpus*, inicialmente fragmentado ou dissecado, recortado em categorias. Entramos agora no plano da *análise de conteúdo estrutural* ou *semiológica*.

A análise semiológica busca examinar detalhadamente as imagens, a fim de procurar seus *sentidos culturais implícitos*. A explicação semiológica busca a precisão, tornando explícito o implícito na imagem, detendo-se na natureza construída da imagem.

Penn (2002) defende a idéia de uma "semiologia híbrida", integrada com técnicas interativas de coleta de dados: "O potencial para uma *aproximação* com as técnicas de análise de conteúdo contempla um aspecto diferente do problema da subjetividade, ao enfatizar uma abordagem sistemática à amostragem e à análise." (PENN, 2002, p.338). Embora a semiologia e a análise de conteúdo sejam instrumentos de análise diversos, podem ser aproximados:

> Os semiólogos podem incorporar os procedimentos sistemáticos de amostragem da análise de conteúdo. [...] A sistematização mais aprimorada da análise, que a análise de conteúdo defende, pode levar também a ajudar o semiólogo a combater acusações de seletividade (por exemplo, na construção de inventários de denotação e matrizes de possíveis sintagmas). A análise resultante deverá ser mais fidedigna (replicável) e menos dependente de idiossincrasias e habilidades de determinados analistas. [...] A inclusão de mais códigos interpretativos (baseados mais na

> conotação do que na denotação) nas análises de conteúdo é prova da recíproca influência da semiologia. (PENN, 2002, p.339).

Assim, Penn (2002) considera que devem empregar-se, lado a lado, o enfoque semiológico e de análise de conteúdo. "Uma explicação semiológica de uma pequena amostra de imagens pode exemplificar diferentes códigos analíticos de conteúdo." (PENN, 2002, p.339).

Seguindo a técnica da análise estrutural apresentada em Bardin (1988), podemos nos perguntar o que há de esquema invariável em nosso *Corpus*? O desenho infantil, tal como apresentamos, pode ser entendido enquanto *linguagem criativa*, narrativa a ser *decifrada*. A imagem pode ser trabalhada como *testemunho de modos de sociabilidade doméstica, entre pais e filhos, mediados pela violência física*. A *análise estrutural* visa superar a insuficiência da simples classificação em freqüências. Trata-se de explicar, ou antes, explicitar o funcionamento da sociabilidade doméstica de crianças e adolescentes, tendo por foco a questão da PCDCA.

Em qualquer *Corpus* há uma *realidade estruturada*, no interior da qual o *lugar* dos elementos é mais importante do que o seu número (BARDIN, 1988). Assim, com os procedimentos de análise estrutural buscaremos identificar as relações entre os elementos constituintes do conjunto das produções, ou as *grandes unidades de significação*.

A técnica de análise estrutural ou semiológica não se restringe a análise das palavras ou do discurso falado e escrito propriamente, podendo ser aplicada à análise de imagens. No presente estudo, analisamos produções que contém imagem e texto, legendas indiciárias, que nos dão pistas sobre o que a criança quer expressar.

Não nos aprofundaremos mais do que o necessário em apontamentos teóricos sobre a análise estrutural, pois optamos centrar esforços numa operacionalização possível da técnica, a partir de tentativas de ensaios metodológicos recentemente produzidos no campo da Psicologia (ver PENN, 2002). O referencial ou instrumental conceitual da análise semiótica

permite uma abordagem sistemática dos sistemas de signos, a fim de descobrir como eles produzem sentido.

No presente estudo, propõe-se, agora neste nível, através da *análise semiótica* dos desenhos legendados infantis (enquanto *imagens testemunhais* de situações e condições de infâncias), a revelação das imagens expressivas da consciência infantil sobre o ato da palmada. Os desenhos infantis, enquanto imagens, significam algo mas não automaticamente, pois todo sistema semiológico possui uma mistura lingüística, de modo que o sentido de uma imagem visual é ancorado pelo texto que a acompanha. Sistemas de signos necessitam da *mediação da língua, que extrai seus significantes e nomeia seus significados na forma de usos ou de razões* (PENN, 2002).

Signos são as unidades do sistema lingüístico, e há regras que governam suas relações. O enfoque estrutural entende o *Corpus* de forma sistêmica, e busca descobrir as regras de sua união. Há dois tipos de relação dentro do sistema lingüístico, de modo que:

> [...] O valor de um termo, dentro de um contexto, depende dos contrastes com termos alternativos que não foram escolhidos (relações paradigmáticas ou associativas), e das relações com os outros termos que o precedem e o seguem (relações sintagmáticas). Um paradigma, ou conjunto associativo, é um grupo de termos que são tanto relacionados, ou semelhantes, sob algum aspecto, como diferentes. O sentido de um termo é delimitado pelo conjunto de termos não escolhidos e **pela maneira como os termos escolhidos são combinados entre eles, a fim de criar um conjunto significativo.** [...] O valor de cada termo é determinado pelo seu lugar no sintagma, isto é, pelos outros termos, na frase, que o precedem e o seguem, e pelo conjunto de termos alternativos que podem substituí-lo. (PENN, 2002, p.321-1, grifo nosso).

O sistema do signo lingüístico é o modelo para a análise de outros sistemas de signos, como o desenho infantil. Mas deve-se considerar, no processo analítico, a importante diferença entre *linguagem* e *imagem*, conforme salientado por Penn (2002, p.322):

> A imagem é sempre polissêmica ou ambígua. É por isso que a maioria das imagens está acompanhada de algum tipo de texto: o texto tira a ambigüidade da imagem – uma relação que Barthes denomina de *ancoragem*[98], em contraste com a relação mais recíproca de *revezamento*, onde ambos, imagem e texto, contribuem para o sentido completo. As imagens diferem da linguagem de outra maneira importante para o semiólogo: tanto na linguagem

[98] O texto dirige a correta maneira de ler a imagem (o desenho). A mediação textual é conhecida como *ancoragem* em Semiologia.

escrita, como na falada, os signos aparecem seqüencialmente. Nas imagens, contudo, os signos estão presentes simultaneamente. Suas relações sintagmáticas são espaciais e não temporais.

No presente estudo busca-se compreender a relação entre imagem (desenho) e texto (legenda) como uma relação que pode ser ora de *ancoragem*, ora de *revezamento*, ou ora de *redundância*, quando o texto repete descritivamente a mensagem da imagem. Há produções, por vezes, carregadas de sentidos contraditórios, à primeira vista; o sujeito desenha algo e diz outra coisa, aparentemente noutro sentido. Ocorre que, conforme mostraremos, alguns julgam ambiguamente as punições corporais domésticas: acham-na má e boa, ao mesmo tempo, em determinadas situações; a maioria dos sujeitos produtores de nossos *Corpus*, pré-adolescentes (9-12 anos), ou na "idade de transição," terminologia preferida de Vygotsky, entendem as palmadas e demais PCD como algo ruim, e nenhuma crê que seja um ato somente bom, embora possa significar um ato de preocupação, amor e cuidado dos pais.

Outra importante distinção entre linguagem e imagem relaciona-se com a distinção entre *arbitrário* e *motivado*. Daí surge a distinção entre *ícone*, *índice* e *símbolo*, que também devemos considerar, sempre que a análise do *Corpus* exigir.

> Uma maneira a mais de analisar a questão da motivação é fornecida pela distinção de Barthes entre diferentes níveis de significação: o denotativo, ou primeiro nível, é literal, ou motivado, enquanto níveis mais altos são mais arbitrários, dependentes de convenções culturais. **A relação entre o significante e o significado no ícone é uma relação de semelhança.[...] No signo indéxico, a relação entre significante e significado é uma relação mais de contigüidade ou causalidade. Assim, a fumaça é um índice de fogo, e um estetoscópio é tomado como um índice do médico, ou da profissão médica.[...] No símbolo, a relação entre significante e significado é puramente arbitrária.** Uma rosa vermelha significa amor [...] devido unicamente à convenção. (PENN, 2002, p.322-3, grifo nosso).

Podemos assim esquematizar tais relações estruturais, que fundamentam o processo operatório da análise estrutural-semiótica. O movimento dos níveis de significação se dá dos elementos constituintes aos elementos de ordem superior, isto é, aos signos. Os elementos significantes estabelecem relações sintagmáticas, produzindo ou gerando signos mais altos, de ordem mais elevada no campo das significações. Os elementos conotam algo, ou melhor,

conduzem às conotações. As análises dos códigos de conteúdos possibilitam a explicação semiológica, dão sustentação, e, portanto permitem a compreensão dos mitos ou representações circulantes em nossa sociedade em relação a educar uma criança através da punição corporal. A análise semiológica é desmitificadora, isto é, reveladora dos mitos sociais.

O ato de ler um texto ou uma imagem é sempre um processo interpretativo: "O sentido é gerado na interação do leitor com o material. O sentido que o leitor vai dar irá variar de acordo com os conhecimentos a ele(a) acessíveis, através da experiência e da proeminência cultural. Algumas leituras podem ser bastantes universais dentro de uma cultura; outras serão mais idiossincráticas." (PENN, 2002, p.324).

Mitos são crenças resistentes a evidências empíricas. Logo, "mito é o meio pelo qual uma cultura naturaliza, ou torna invisível suas próprias normas e ideologia" (PENN, 2002, p.324); mitos são sistemas de representação que legitimam e sustentam a estrutura de poder e determinados valores culturais.

> A tarefa do semiólogo é desmistificar, ou 'desmascarar' esse processo de naturalização, chamando a atenção para a natureza construída da imagem, por exemplo, **identificando os conhecimentos culturais que estão implicitamente referidos pela imagem** ou contrastando os signos escolhidos com outros elementos de seus conjuntos paradigmáticos. (PENN, 2002, p.325, grifo nosso).

Ora, conforme vimos, há diversos mitos em relação à educação de crianças, bastante vivos e atuantes em distintos universos culturais brasileiros. Tal estrutura mítica aparece nos desenhos, enquanto *Corpus*, sendo revelada a partir da AC estrutural ou semiológica.

O processo de análise semiológica pode ser descrito, segundo Penn (2002), como uma "dissecação" seguida pela articulação ou reconstrução da imagem semanticizada, tendo por objetivo tornar explícitos os conhecimentos culturais necessários para a compreensão da imagem. Nesse sentido, aproxima-se de uma análise de conteúdo clássica.

Em nosso estudo, uma vez delimitado o material para análise, procedeu-se a um *inventário denotativo,* ou seja, foram identificados os elementos do material, de forma sistemática, pois "é importante que o inventário seja completo, pois a abordagem sistemática ajuda a assegurar que a análise não seja seletivamente auto-afirmativa. Este é o estágio denotativo da análise: a catalogação no sentido literal do material." (PENN, 2002, p.326). Cada elemento, por sua vez, pode ser dissecado em unidades menores. Os *inventários* que realizamos para empreender os processos analíticos do *Corpus* foram em relação ao texto e em relação à imagem.

As diferenças entre as imagens, cenas e cenários produzidos pelas crianças são intencionais, são *escolhas paradigmáticas significativas*. Um conjunto paradigmático específico confere *sentido*, como a forma de um corpo ou de um objeto. Há um sistema de referência subjacente à criação. O que os sistemas de significantes sugerem? É preciso, pois, observar os *sistemas de referências* adotados pelos autores infantis, na composição de suas Produções.

4.5.3.1. Da *análise estrutural* propriamente dita

Com nossa análise estrutural buscaremos qualificar, refinar, aprofundar e ir além do primeiro e segundo níveis (análise temática e categorial), evidenciando e problematizando os símbolos expressivos paradigmáticos *para se dizer do mal da palmada*, segundo a percepção de nossos sujeitos. Buscar-se-á aqui captar o universo de discurso compartilhado; identificar, neste nível, as *facetas do mal da palmada* e demais violências relacionadas, evidenciando a simbologia utilizada por nossos sujeitos para expressá-las. Trata-se sempre de uma análise cultural e situada, contextualizada, "holística" e em profundidade, mais global; desce às raízes da cultura. Mas, porque o foco da análise estrutural incidir sobre o mal? Ora, pois assim

podemos completar e aprofundar nossos argumentos em favor da tese do mal da palmada, o que parece bastante evidente.

Cada produção do *Corpus* foi entendida enquanto um conjunto de significantes produzindo significados. São, portanto, *signos*. Um signo tem tripla determinação: abarca a dimensão das relações familiares, estados pessoais e aspectos culturais. Um signo deve ser analisado em todas as suas dimensões, determinações e significações, das mais evidentes, explícitas, às mais ocultas, latentes. As características do *Corpus* permitem fazer conjecturas fundamentadas, podendo inferir os valores, atitudes, estereótipos, símbolos e cosmovisões a respeito de indivíduos de uma sociedade, e desta própria sociedade, no tocante a uma modalidade específica de VDCA, a violência física, no tocante à palmada. Pode-se avaliar a estrutura de valor de uma dada sociedade, a partir de registros de suas práticas cotidianas domésticas. A esfera da vida privada interessa-nos à medida que nos interessa o desenvolvimento ético-moral de crianças e adolescentes. Particularmente interessa-nos os *sentidos do mal* que a experiência de apanhar dos pais pode assumir na infância ou início da adolescência.

Em nossa análise, ti vemos o cuidado epistemológico, contudo, para não cairmos em "intuições impressionistas" - ou leituras idiossincráticas - sobre a *construção de sentidos*. Para não cometer tal falácia, o que se afigura como mais importante para a análise não é o idiossincrático, mas as associações e os mitos culturalmente partilhados empregados (PENN, 2002). Do ponto de vista estilístico, há também que se evitar a tendência à abstração resultante de níveis profundos de análise, mesmo porque "as explicações semiológicas reconhecem a relação entre 'conteúdo superficial' e 'conteúdo interpretativo' nas distinções entre denotação e conotação, e entre significante e significado." (PENN, 2002, p.335). É importante identificar a estrutura de superfície bem como os mitos do material de análise. Mas é também importante captar as dimensões fundamentais, abstrair do não essencial.

Da mesma forma, estivemos atentos para não cair na *falácia da causa mecanicista*, que consiste na fragmentação dos componentes de um complexo causal e analisá-los separadamente, avaliando sua influência causal separadamente, assim como não cair na *falácia da redução*, que consiste em identificar um elemento singular – um detalhe - na explicação apresentada e reivindicar, sem fundamento, que ele é o elemento chave de toda compreensão (BAUER; GASKELL, 2002). Mas a análise de detalhes em determinadas Produções também interessa-nos à medida que o detalhe pode configurar-se como índice social potencial:

> [...] o detalhe não deve ser visto como puramente secundário, dependente da estrutura do mito: ele é importante em si mesmo, e especialmente útil como um índice social potencial.[...] Uma análise deve ser recíproca. A abstração deve alimentar a concretização e vice-versa. [...] por outro lado explicações detalhadas de denotação tendem a apresentar o óbvio e, é claro, tornar-se totalmente repetitivo. (PENN, 2002, p.336).

Assim, os passos para a *análise estrutural-semiológica* que adotaremos podem ser resumidos como se segue:

a) Escolha das imagens ou produções a serem analisadas (todo o *Corpus*, N=92);
b) Compilação de um *inventário denotativo*[99] – levantamento sistemático dos conteúdos do material (texto e imagens); enfatizar o processo de construção da imagem; anotar detalhes, localização, tamanho, cor, movimento etc.; reconstrução paradigmática;[100]
c) Exame dos níveis mais altos de significação (conotação, mito e sistemas referentes), em busca da resposta ao que os elementos conotam[101], tendo como foco os *sentidos do mal da palmada*.

---

[99] Os *inventários* completos encontram-se no Apêndice Metodológico – Ver Apêndice B. Optamos por assim apresenta-los, em primeiro lugar, para não fatigar nosso leitor com "pedras brutas", e em segundo lugar, por outro lado, para deixar registrado o imenso esforço e complexidade que envolve a construção de um inventário, que sempre pode ser revisitado e reformulado, fazendo emergir novas categorias relacionais a cada novo olhar. A estrutura analítica será indicada, também a fim de garantir a transparência do processo de análise, de modo que o estudo possa ser replicado, o que aumenta a confiabilidade pública dos dados, conforme ressaltado por Bauer e Gaskell (2002).

[100] No processo analítico de reconstrução paradigmática busca-se identificar as alternativas não escolhidas para cada elemento identificado, contribuindo assim, pelas ausências, para a significação, através de delimitação do sentido dos elementos escolhidos (PENN, 2002).

[101] "Que elementos constituintes trazem contribuições para cada signo de ordem superior identificado? Identifique os conhecimentos culturais aos quais as imagens se referem e através dos quais elas são interpretadas. Elementos diferentes podem ser polissêmicos e podem contribuir para mais de um signo de ordem superior. O conhecimento cultural e os valores que se pressupõe que o leitor possua podem ser usados para 'reconstruir' o leitor 'ideal', ou identificar índices sociais." (PENN, 2002, p.340-1). Examinar também as relações

Mas deixemos de lado a fundamentação teórica, já suficiente para nossos propósitos, e passemos à operacionalização das categorias, tarefa bastante complicada e densa. Tentamos simplificá-la ao máximo, mantendo a coerência interna. Agora que definimos, fundamentamos e explicitados nossos três níveis ou procedimentos analíticos, podemos passar à análise propriamente do *Corpus,* munidos de nosso referencial.

---

sintagmáticas: "como os elementos se relacionam um com o outro? Correspondências, contrastes? Há pistas para ênfases e relações, por exemplo, cor, tamanho, posicionamento? Como o texto se relaciona com a imagem? Ancoragem, revezamento? Redundância?" (PENN, 2002, p.341).

5. Resultados da Pesquisa: Apresentação e Análise do *Corpus*

Podemos equacionar a atividade mental dos sujeitos autores das Produções do *Corpus* da seguinte forma: 1) a instrução apresentada, ou seja, a solicitação de desenhar sobre como se *sente* por levar uma palmada desencadeia uma série de lembranças autobiográficas relacionadas ao corpo, à relação com os pais e à própria infância; 2) essas lembranças mobilizam estados afetivoss específicos na criança, de acordo com sua própria história de vida, e tais estados são percebidos pela consciência, ou seja, tornam-se sentimentos conhecidos, identificáveis para o sujeito; 3) tais sentimentos, por sua vez, são acompanhados por uma série de pensamentos relacionados a eventos punitivos ou não punitivos que se passaram ao longo da infância; 4) esses pensamentos, finalmente, manifestam-se através de cenas, conceitos e valores, e ganham expressão simbólica através dos desenhos e suas legendas.

É este o material que nos interessa analisar, ou seja, as formas de expressão dos sentidos a partir das memórias autobiográficas relacionadas às experiências pessoais com as palmadas e, quando presente, outras formas de PCDCA.

5.1.As Produções do *Corpus*

As Produções constituintes do *Corpus* foram classificadas e numeradas de 01 a 92, com o objetivo de facilitar futuras análises comparativas e permitir referências às Produções sem necessidade de reapresentá-las. A ordem de apresentação e numeração dos desenhos seguiu basicamente os seguintes critérios:

1°) ordem crescente de idade dos sujeitos, iniciando pelos meninos que *cresceram com palmada;*

2°) internamente a cada sub-grupo etário e de gênero buscou-se ordenar os desenhos a partir do ponto de vista da *evolução do grafismo*, embora sem absoluto rigor, uma vez que não é essa a preocupação do presente estudo.

Optamos, portanto, em dispor o *Corpus* a partir do critério cronológico e de evolução do grafismo, por sexo, e depois, no correr do texto, apenas citar os números de referência de cada Produção. Assim, o leitor primeiro verá as Produções, em ordem cronológica crescente, iniciando pelos meninos de 9 anos, seguidas pelas meninas de 9 anos, meninos de 10 anos, meninas de 10 anos, e assim por diante, terminando com as meninas de 12 anos que *cresceram com palmada.* No Quadro 4 discriminamos os oito grupos constituídos, divididos por idade e sexo, bem como a numeração dos intervalos de grupos referentes às Produções e o número total e porcentagem de Produções por grupos.

Quadro 4. Síntese das estatísticas gerais do *Corpus*

GRUPOS	DISCRIMINAÇÃO SEXO/IDADE	NUMERAÇÃO DAS PRODUÇÕES	TOTAL E PORCENTAGEM DE PRODUÇÕES POR GRUPOS
G I	Masculino/ 9 anos	P1 a P11	11 (12%)
G II	Feminino / 9 anos	P12 a P17	6 (6,5%)
G III	Masculino / 10 anos	P18 a P27	10 (10,9%)
G IV	Feminino / 10 anos	P28 a P40	13 (14,1%)
G V	Masculino / 11 anos	P41 a P57	17 (18,5%)
G VI	Feminino / 11 anos	P58 a P71	14 (15,2%)
G VII	Masculino / 12 anos	P72 a P83	12 (13%)
G VIII	Feminino / 12 anos	P84 a P92	9 (9,8%)
8 GRUPOS	50 Masculino (54,3%) / 42 (45,7%) Feminino	P1 a P92	92 (100%)

Vamos, então, primeiro, imergir em nosso *Corpus* (N=92 Produções), para depois fazer dele emergirem os sentidos. Antes ainda, algumas breves notas explicativas. Por *legenda específica* consideramos as respostas escritas à seguinte questão formulada: "Escreva o que

este desenho quer dizer:" Por *legendas no espaço do desenho* consideramos toda palavra escrita no espaço retangular padronizado para a confecção do desenho. Em ambos os casos, buscamos preservar o *habitus lingüístico* da criança. Apenas as aspas e a menção dos sujeitos dos discursos foram acrescidas, esta última entre colchetes [ ].

Apesar da opção por apresentarmos as legendas digitalizadas, mantivemos a expressão gráfica da criança, o que enriquece as possibilidades analítico-interpretativas, além de melhor preservar o documento como fonte primária. Excluimos apenas os dados de identificação dos sujeitos e de suas instituições escolares, por óbvias razões éticas de pesquisa.Quando omitimos a referência à instituição do sujeito quanto ao aspecto de ser pública ou privada, é porque tal informação não foi identifica nos protocolos de coleta das Produções. E, por fim, quando ficamos em dúvida sobre o que a criança escreveu, assinalamos com um ponto de interrogação entre colchetes [?] após o que digitalizamos mesmo como duvidoso; e, quando absolutamente não conseguirmos decifrar o que a criança escreveu, assinalamos como: [não compreensivo].

Grupo I. Onze meninos de 9 anos de idade

Produções 1 a 11

PRODUÇÃO 1. Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de São Paulo, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Eu misinto com raiva é tristesa ...

Legenda específica:

"Eu misinto com raiva é tristesa ... [não compreensivo]".

PRODUÇÃO 2. Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Município de Engenheiro Coelho, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

O menino apanhou muito do seu pai e o sol está sentido com isso

Legenda específica:
"O menino apanhou muito do seu pai e o sol está sentido com isso."

Legendas no espaço do desenho:
"Como é ruim ver este menino sofrer." [Sol].
" ai! que dor na bunda." [O Menino]
"paz para ás crianças".

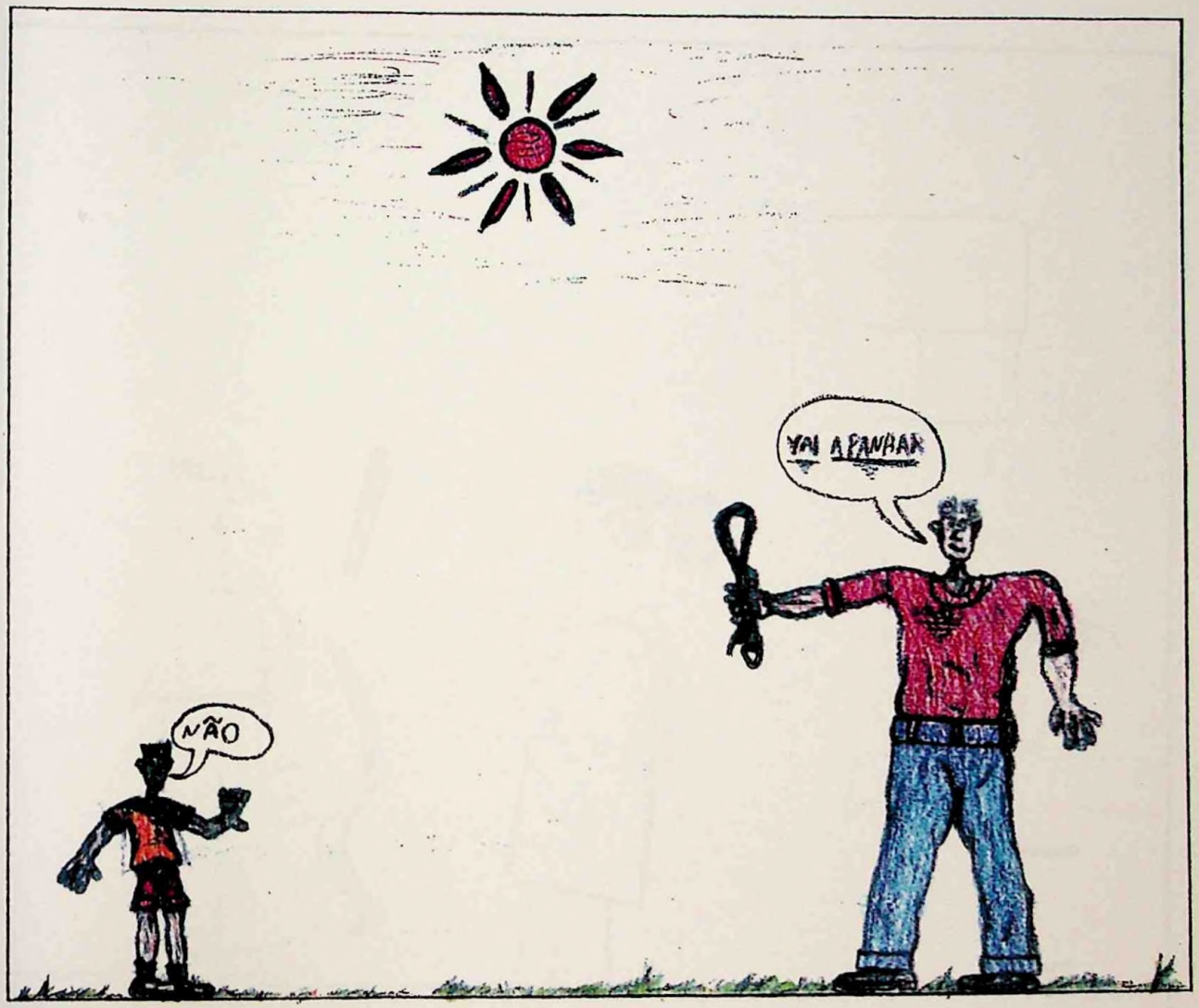
PRODUÇÃO 3. Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de Lages Schmitt, Estado de Santa Catarina.

Observações:

Escreva o que este desenho quer dizer:
O pai batendo no filho e o filho se sentiu triste.

Legenda específica: ***"O pai batendo no filho e o filho se sentiu triste."***

PRODUÇÃO 4. Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de Piedade, Estado de São Paulo.



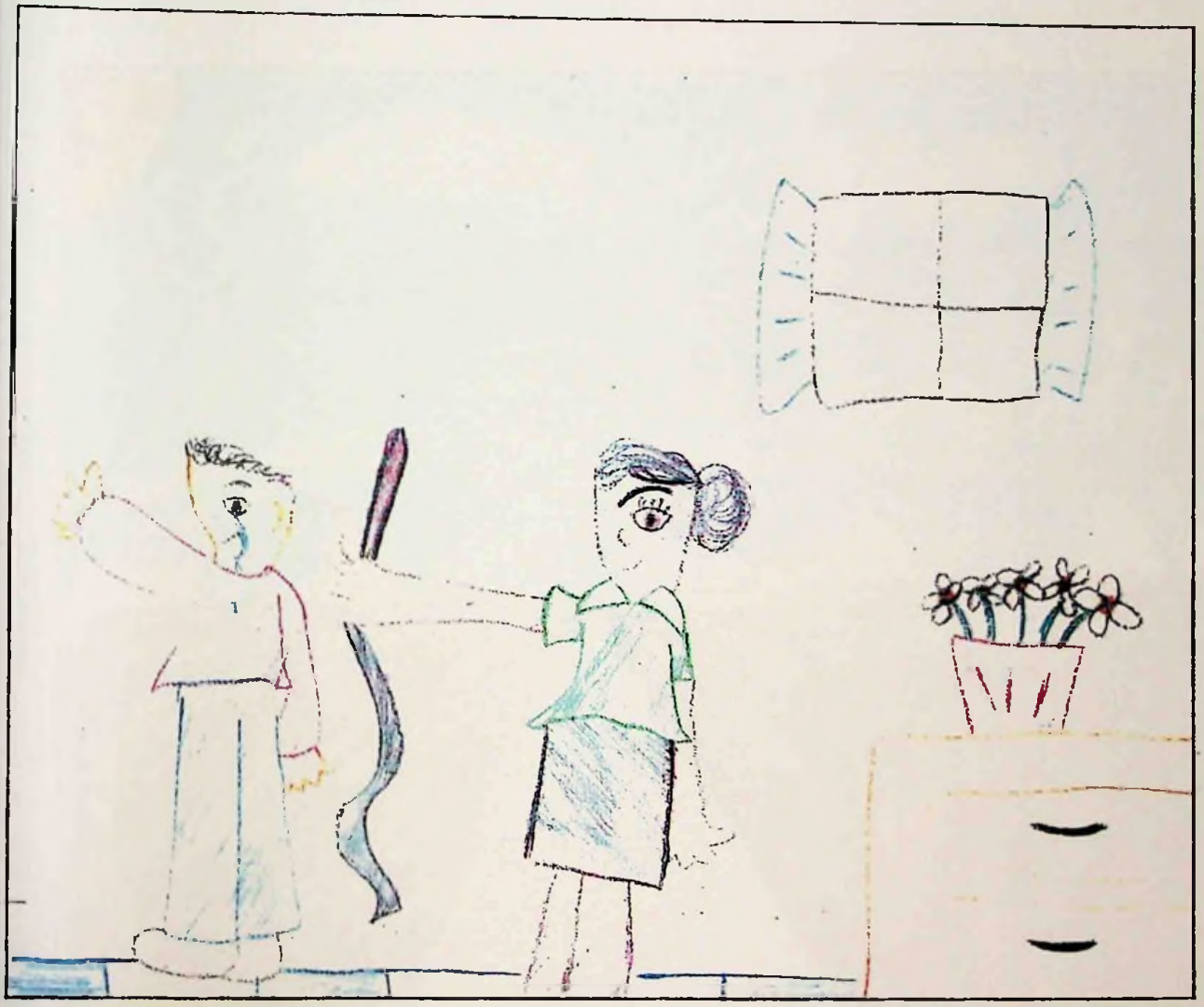
Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer: Este desenho quer dizer dor quando apanha.

Legenda específica: ***"Este desenho quer dizer dor quando apanha."***

Legendas no espaço do desenho:
"VAI APANHAR" [Figura masculina adulta]
"NÃO" [Criança]

PRODUÇÃO 5. Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de Itapevi, Estado de São Paulo.



Observações:

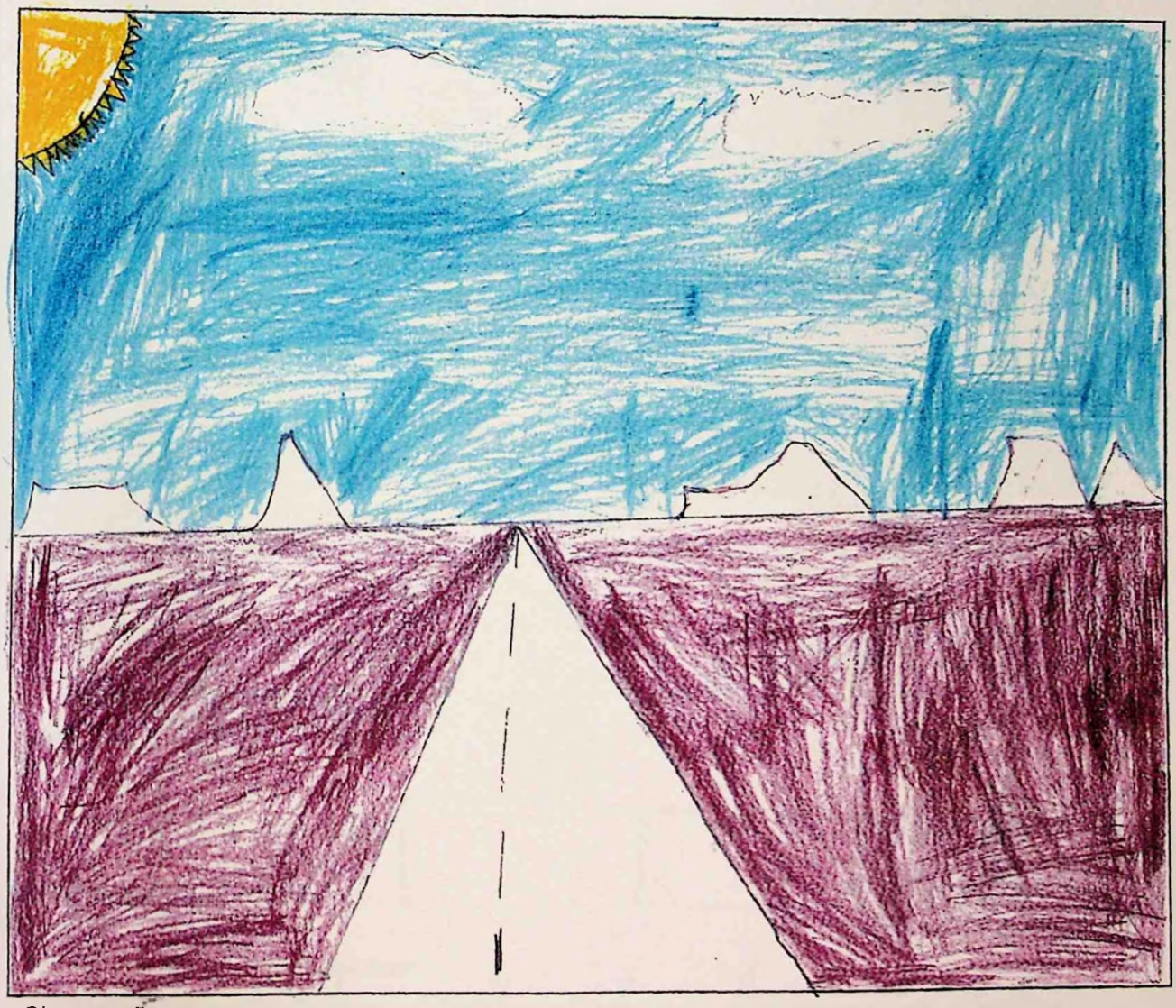
1. Escreva o que este desenho quer dizer:

O meu desenho quer dizer que doe muito se você bater converse com seu filho mas não bata doe muito as vezes pode sair sangue.

Legenda específica:

"O meu desenho quer dizer que doe muito se você bater converse com seu filho mas não bata doe muito as vezes pode sair sangue."

PRODUÇÃO 6. Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição privada, Município de Maceió, Estado de Alagoas.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

com vontade de fugi

Legenda específica: ***"com vontade de fugi".***

PRODUÇÃO 7. Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Município de Elias Fausto, Estado de São Paulo.

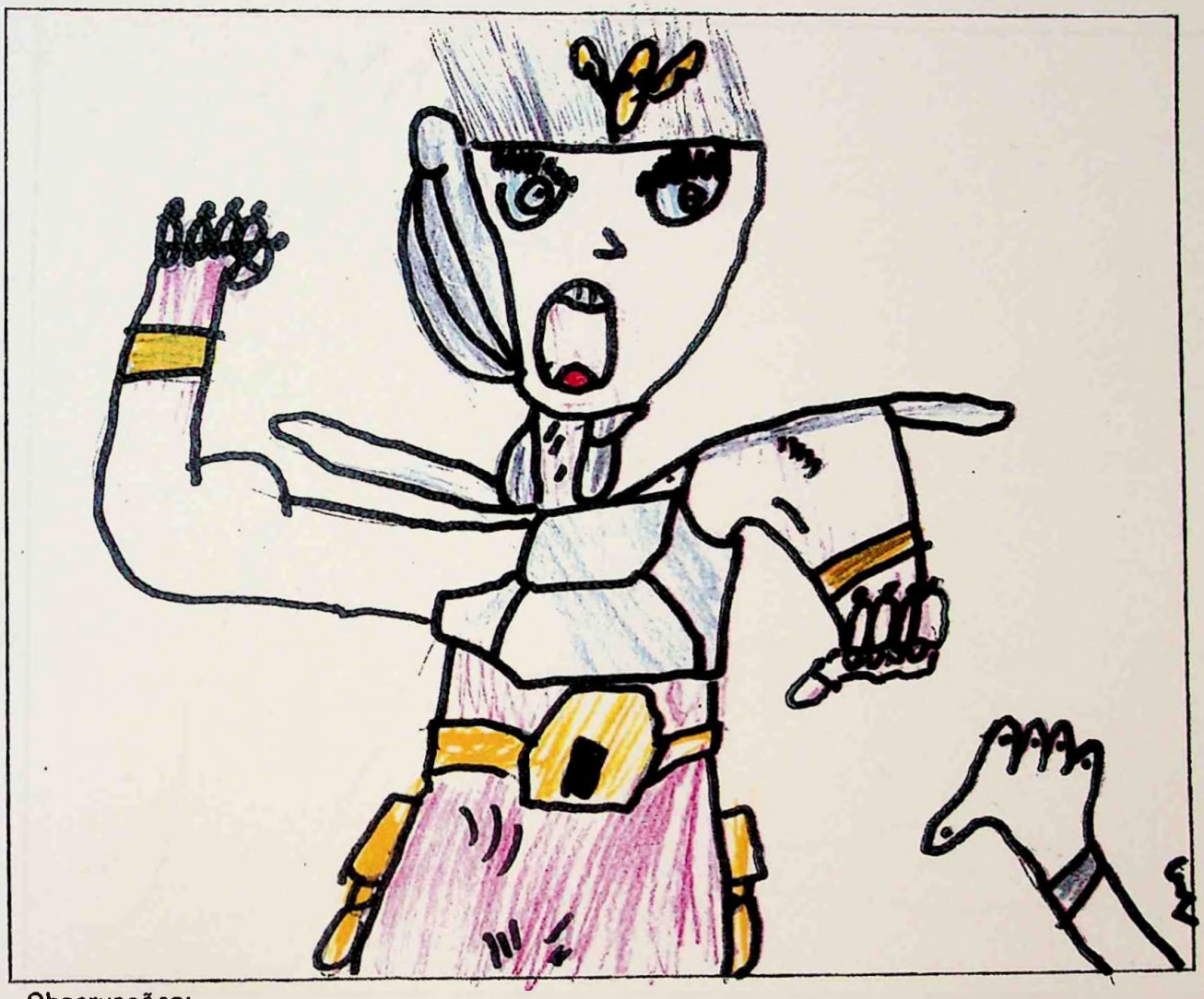
Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
(h)ue a minha mãe está brigando com o meu pai porque ele bateu ne mim

legenda específica:
Que a minha mãe está brigando com o meu pai porque ele bateu ne mim."

legendas no espaço do desenho:
"Eu vou bater nele" [O Pai]
"Eu vou .... [não compreensivo]". [O Pai]
"O que aconteceu" [A Mãe]

PRODUÇÃO 8. Masculino, 9 anos, 3ª. Série, Instituição pública, Município de Mauá, Estado de São Paulo.

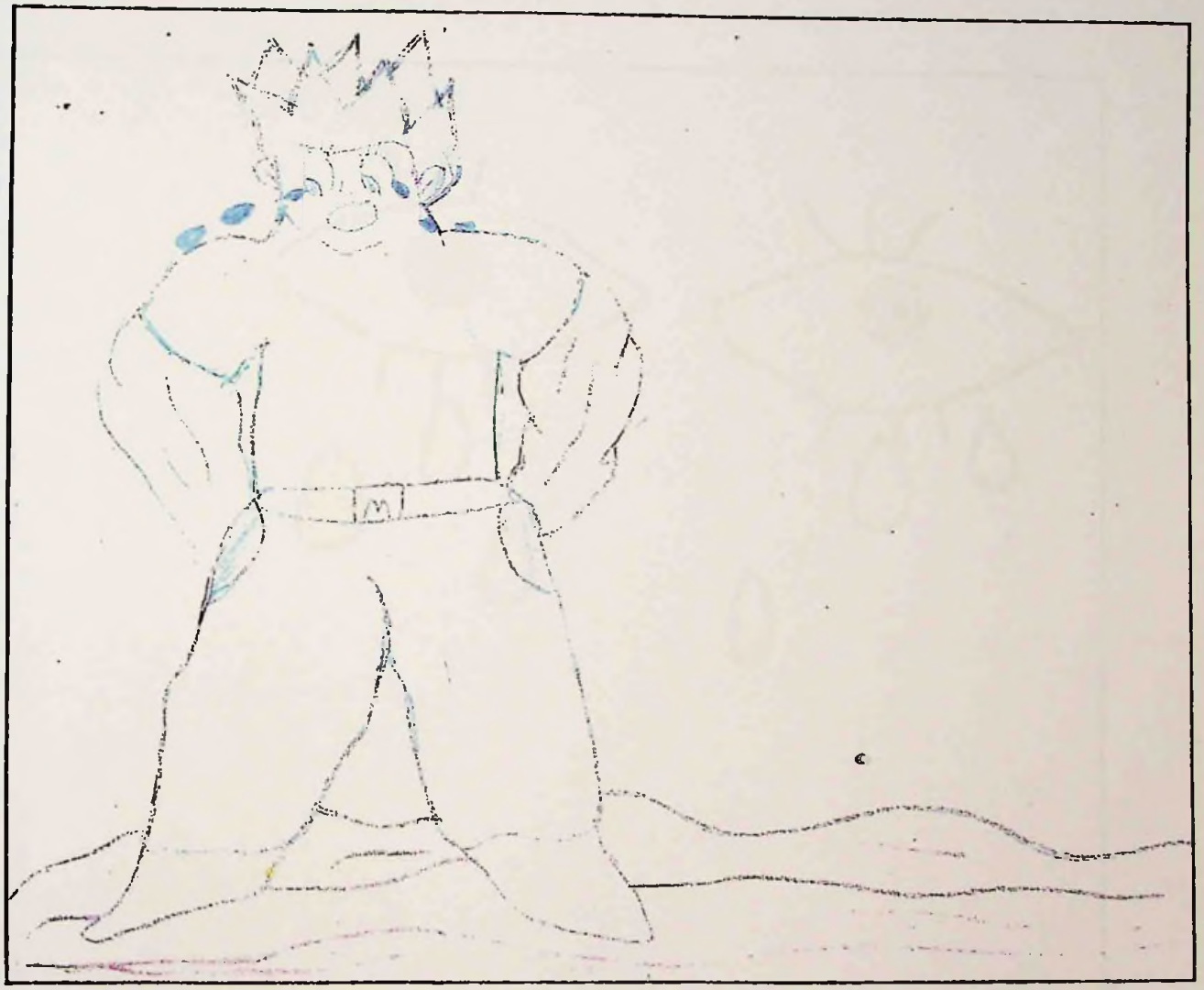


Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
não ce pode bater cem motivo

Legenda específica: *"Não ce pode bater cem motivo".*

PRODUÇÃO 9. Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de Nova Olímpia, Estado do Paraná.

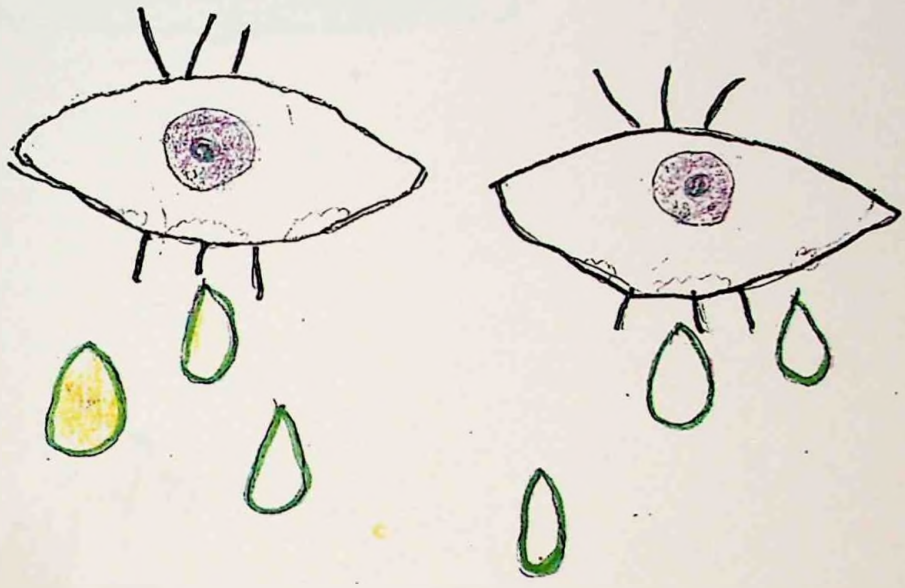


Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
O choro e a dor

Legenda específica:
"O choro e a dor."

RODUÇÃO 10. Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição privada, Município de Porto Velho, Roraima.

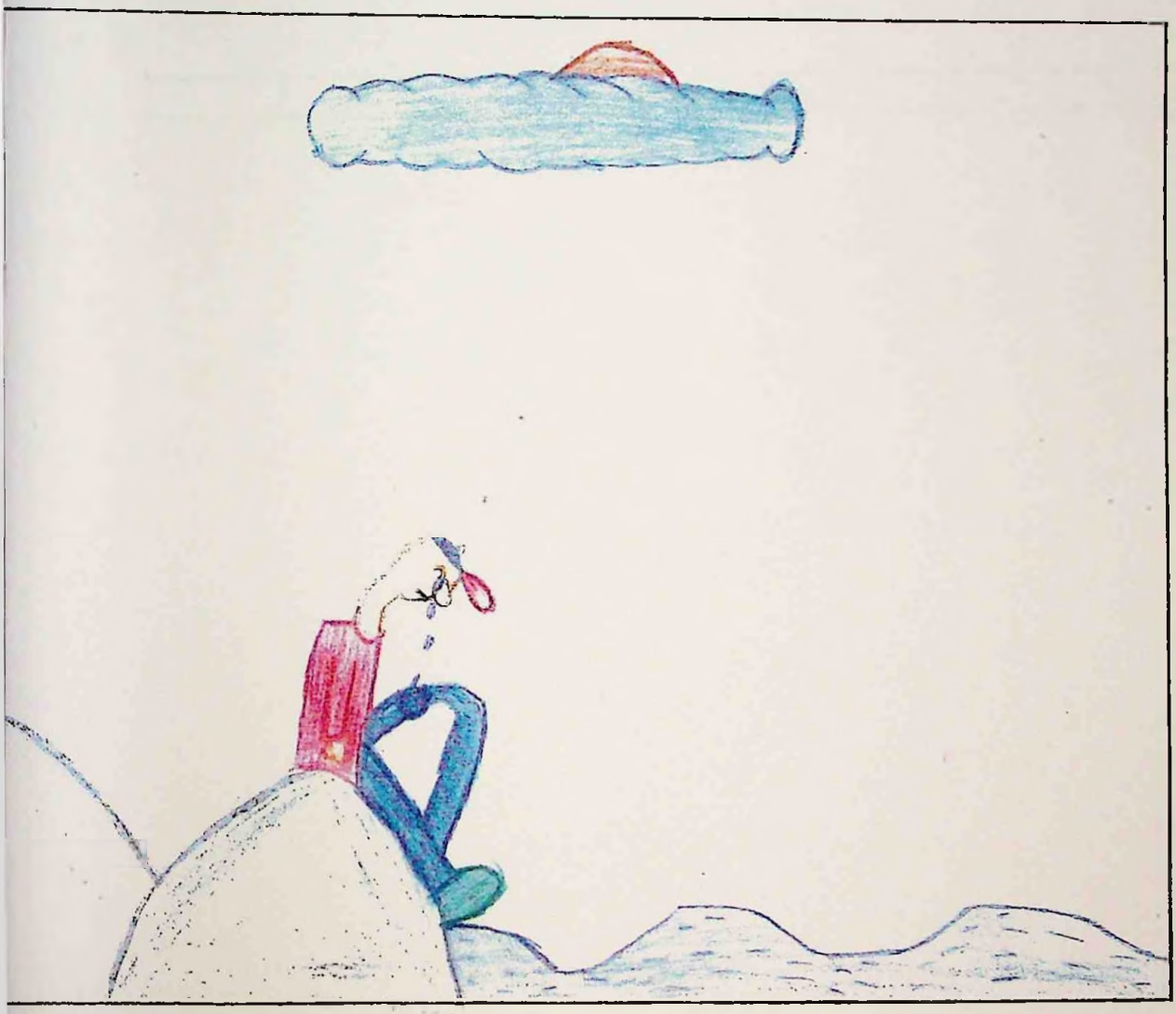


Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Eu quando apanho eu sinto muito tristesa

egenda específica:
Eu quando apanho eu sinto muita tristesa."

PRODUÇÃO 11. Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de Avaré, Estado de São Paulo.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Quando eu apanho eu fico triste e choro.

Legenda específica:
"Quando eu apanho eu fico triste e choro."

Grupo II. Seis meninas com 9 anos de idade

Produções 12 a 17

PRODUÇÃO 12. Feminino, 9 anos, 4ª. Série, Município de Alvorada, Estado do Rio Grande do Sul.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Que quando eu levo palmada eu fico triste mas eu sei que eu não posso ficar triste por que eu fiz coisa errada.

Legenda específica: ***"Que quando eu levo palmada eu fico triste mas eu sei que eu não posso ficar triste por que eu fiz coisa errada."***

Legendas no espaço do desenho:
"O dia está bonito mas eu levei palmadas de minha mãe hoje." [A Flor-criança]

PRODUÇÃO 13. Feminino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.

Observações:

Escreva o que este desenho quer dizer:

Quando eu apanho eu fico muito triste e choro

Legenda específica:

"Quando eu apanho eu fico muito triste e choro."

PRODUÇÃO 14. Feminino, 9 anos, 3ª. Série, Instituição privada, Município de Itanhaen, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer: Que eu me sinto triste.

Legenda específica: ***"Que eu me sinto triste."***

PRODUÇÃO 15. Feminino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição privada, Município de Governador Valadares, Estado de Minas Gerais.

Observações:

Escreva o que este desenho quer dizer:

Que a menina está chorando ne um canto muito triste e só

Legenda específica:

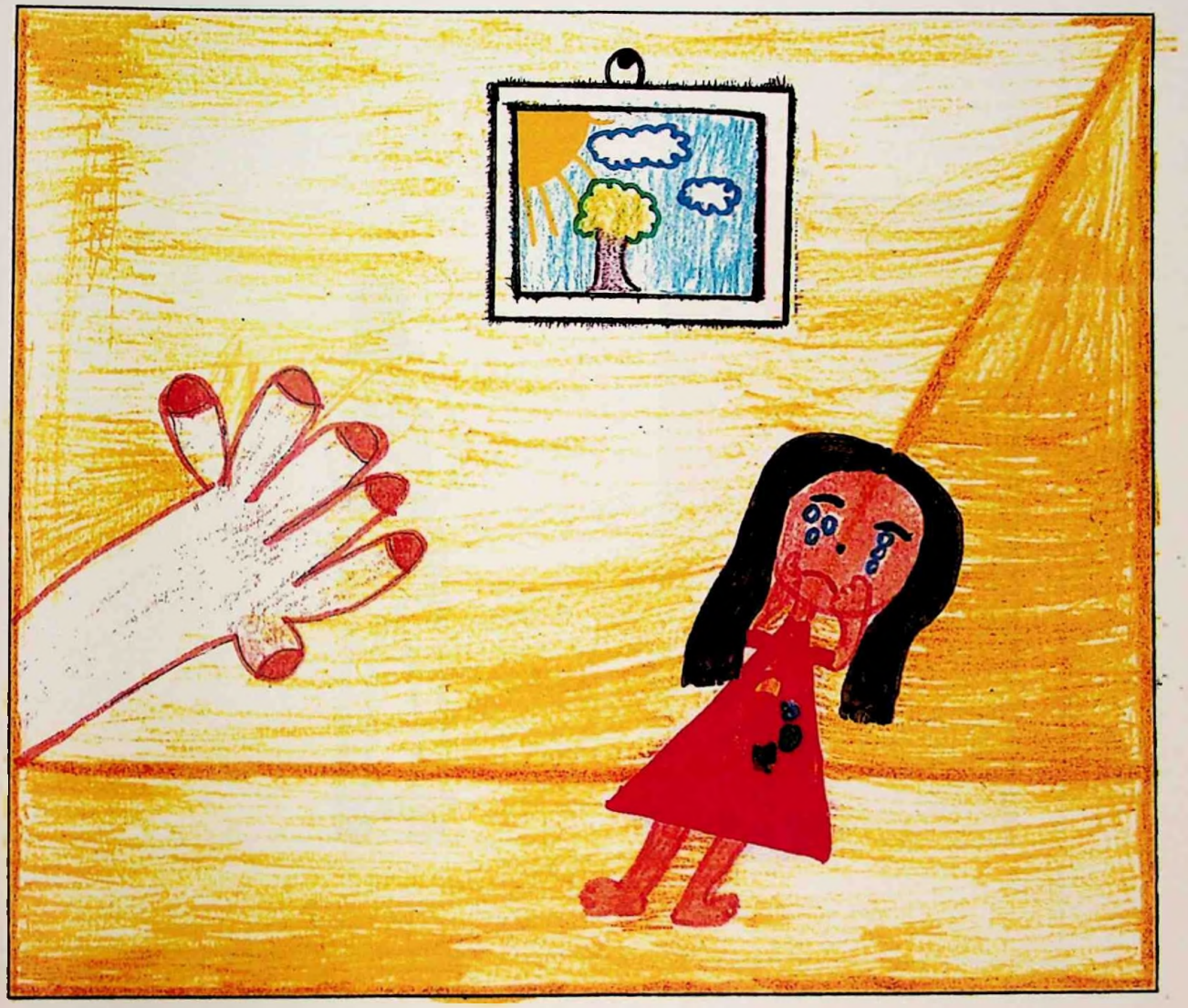
"Que a menina está chorando ne um canto muito triste e só."

Legendas no espaço do desenho:

"Não gostei nada disso." [A Mãe]

"Mamãe descupa" [A Menina]

PRODUÇÃO 16. Feminino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição privada, Município de Fortaleza, Estado do Ceará.



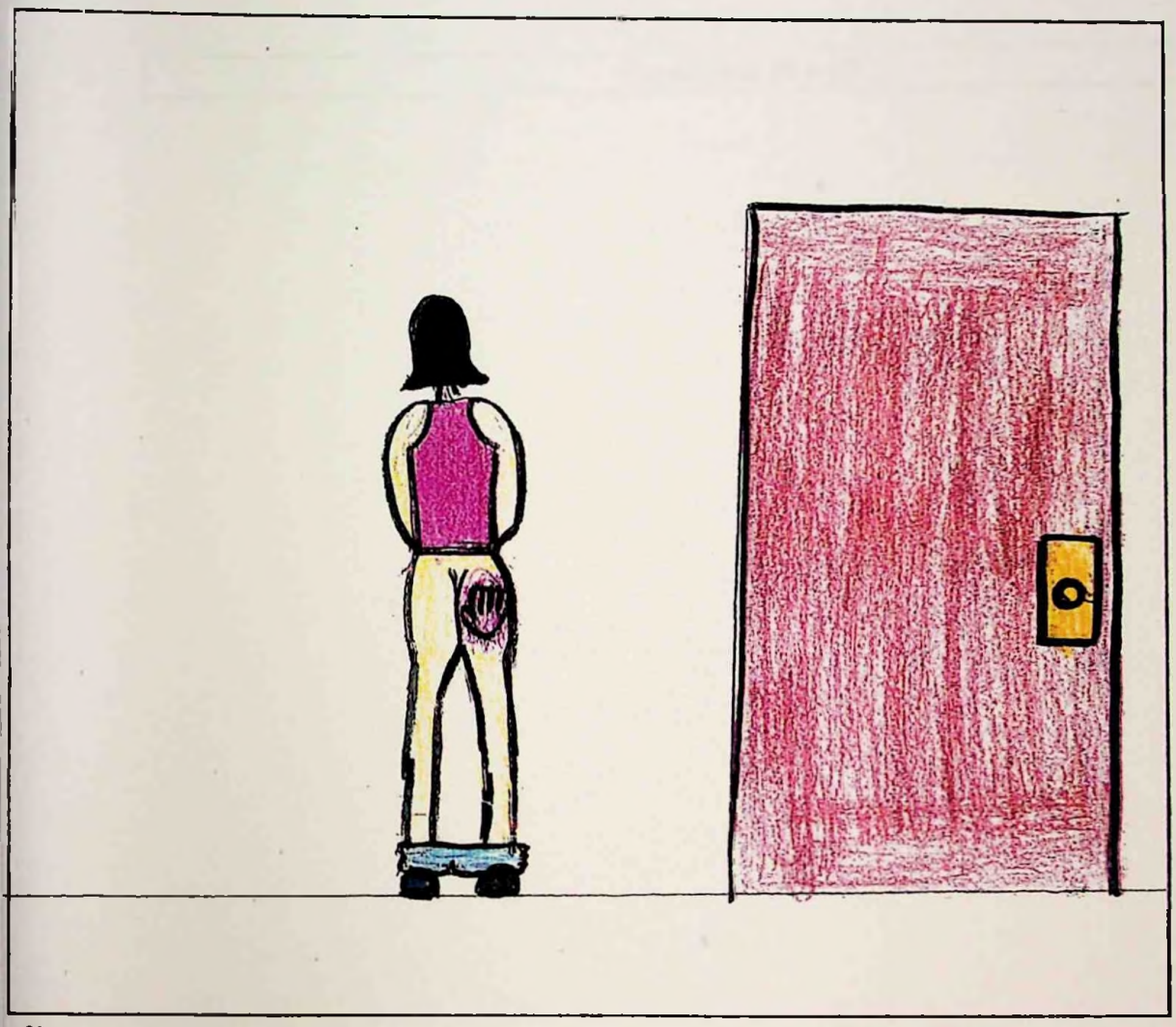
Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer: Quer dizer que eu estou chorando decepsionada com meu pai porque ele me deu uma mãozada.

Legenda específica:

"Quer dizer que eu estou chorando decepsionada com meu pai porque ele me deu uma mãozada."

PRODUÇÃO 17. Feminino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição privada, Município de São Sebastião do Paraíso, Estado de Minas Gerais.



Observações:

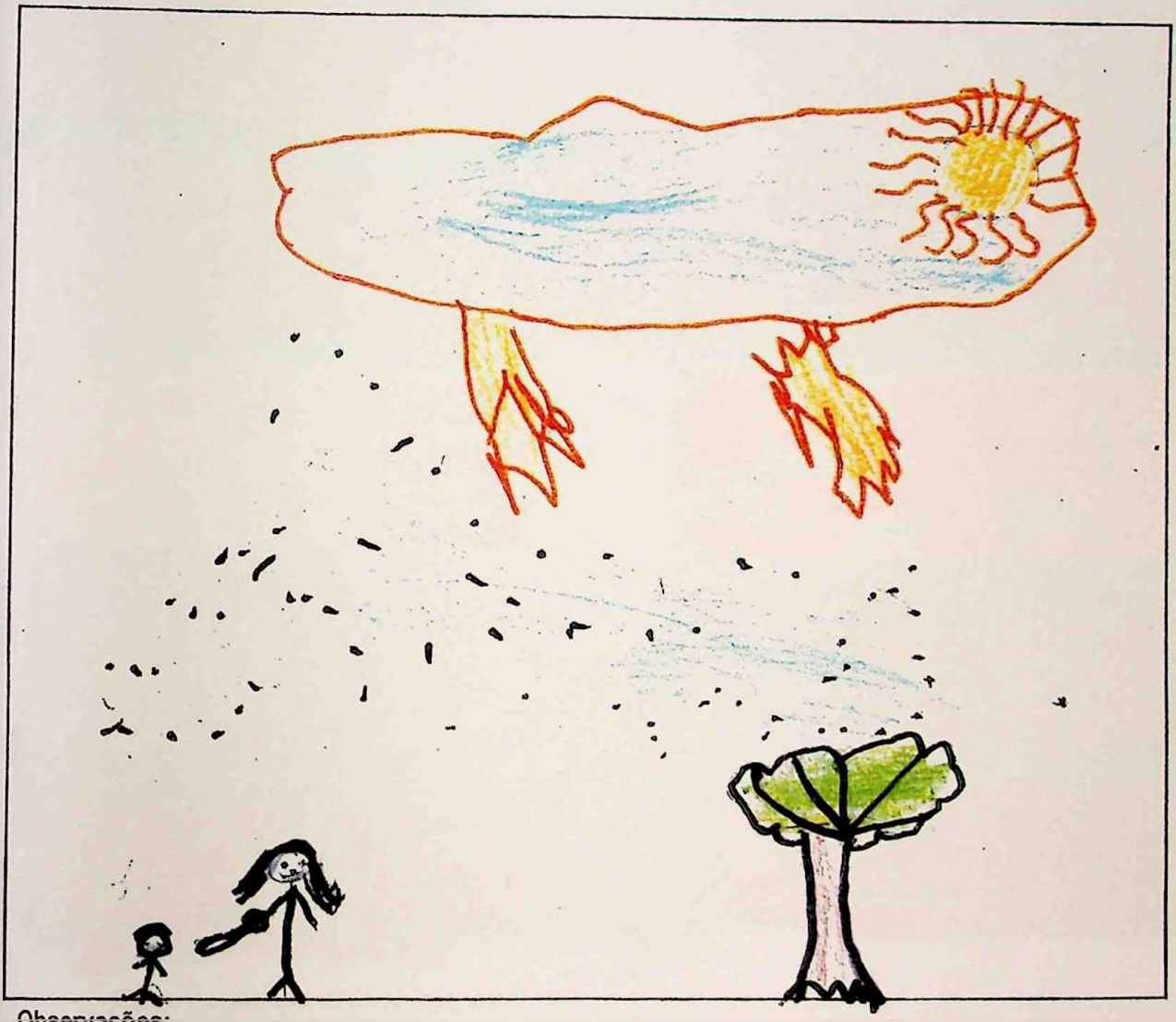
1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Que uma palmada pode marcar uma criança

Legenda específica: ***"Que uma palmada pode marcar uma criança".***

Grupo III. Dez meninos com 10 anos de idade

Produções 18 a 27

PRODUÇÃO 18. Masculino, 10 anos, 3ª. Série, Município de Imperatriz, Estado do Maranhão.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Que eu estou apanhando da minha madrinha e eu estou triste

Legenda específica: ***"Que eu estou apanhando da minha madrinha e estou triste"***

PRODUÇÃO 19. Masculino, 10 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de Carapicuíba, Estado de São Paulo.

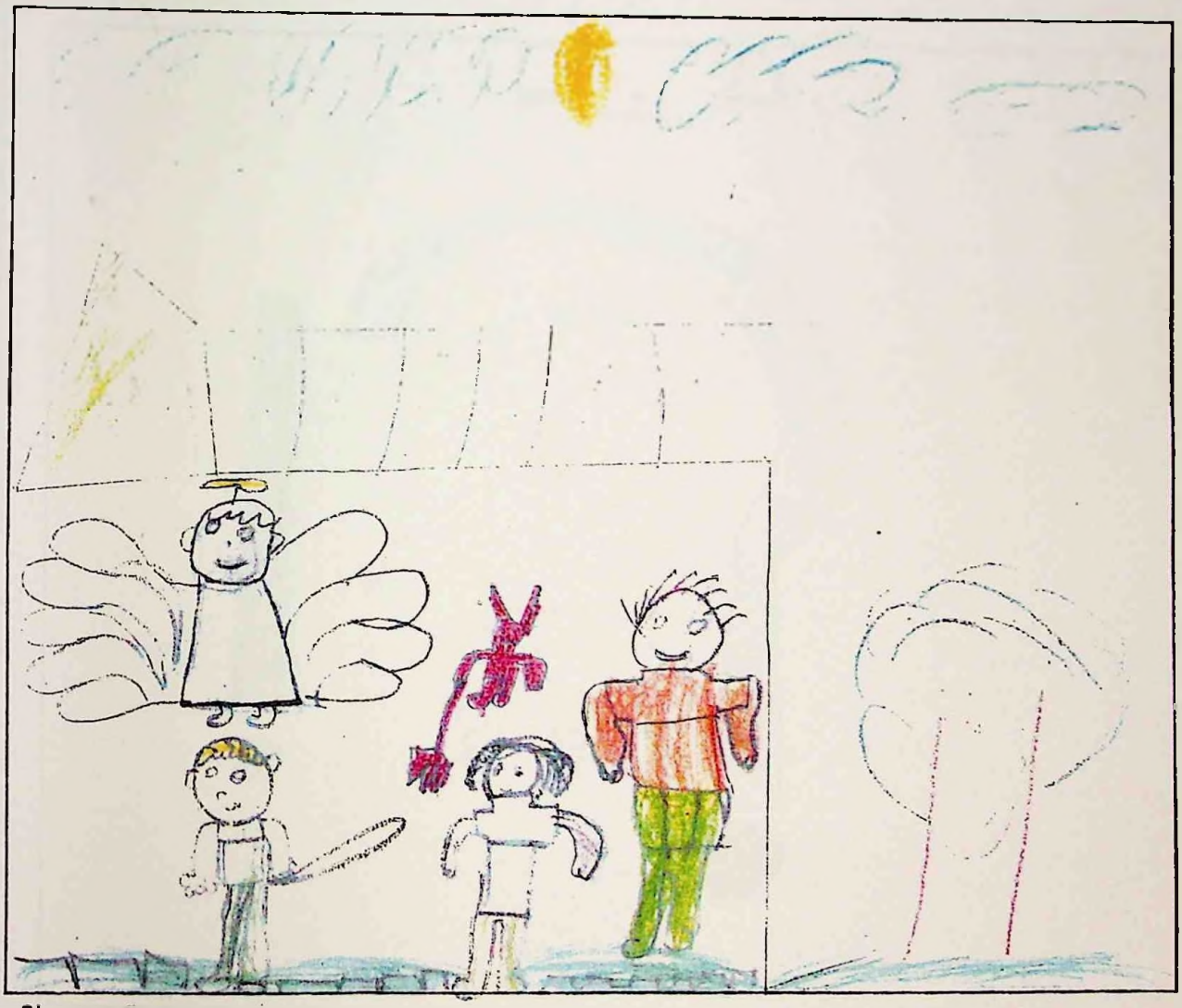
Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Este desenho que di ger raiva

Legenda específica:
"este desenho que di ger raiva"

PRODUÇÃO 20. Masculino, 10 anos, 4ª. Série, instituição pública, Município de Mairiporã, Estado de São Paulo.



Observaçoes:

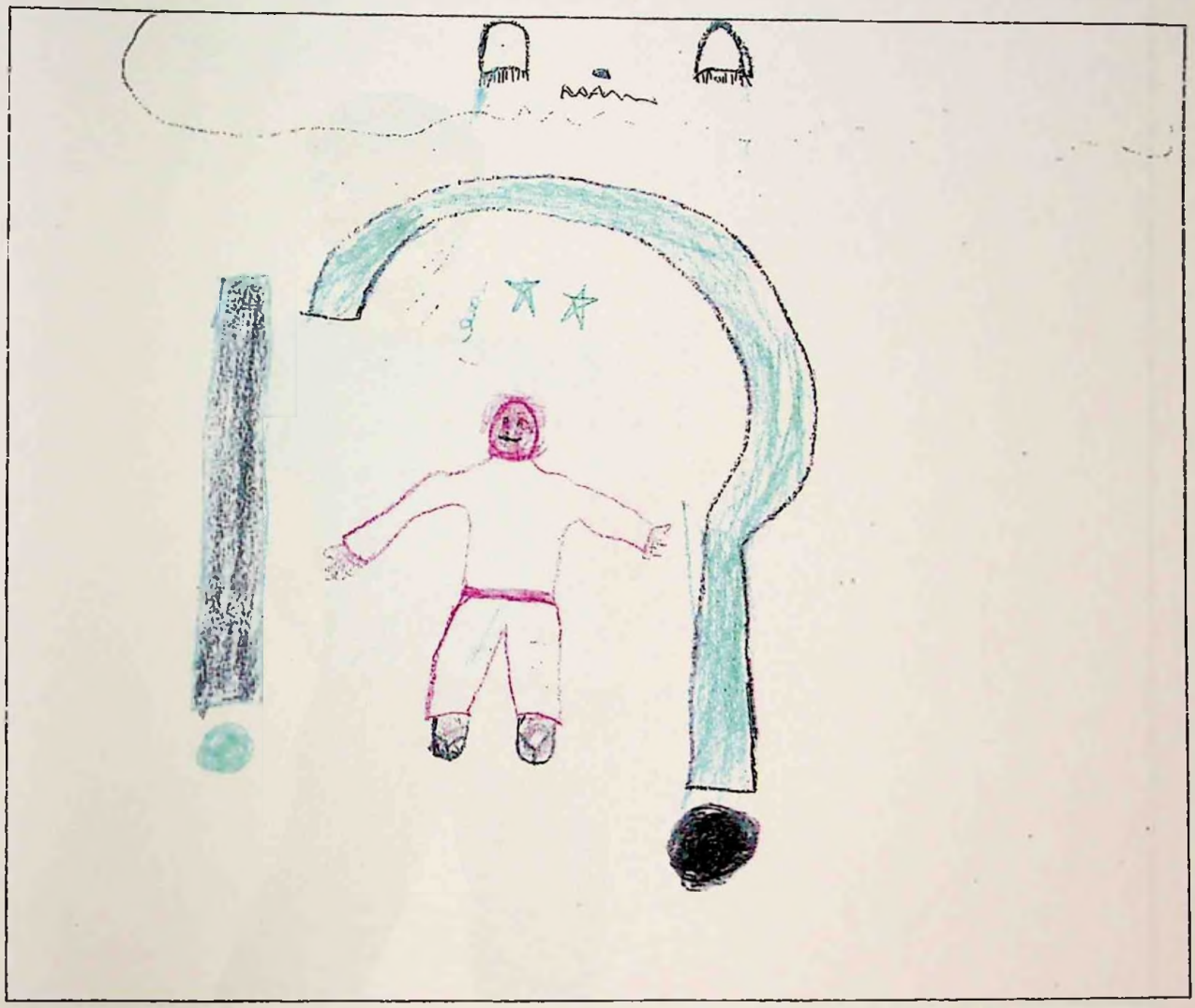
1. Escreva o que este desenho quer dizer:

O menino batendo na menina um anjo da guarda falando pra ele não se mexer e o diabo falando pra ele bater o homem não bateu porque ficou com medo do anjo

Legenda específica:

"O menino batendo na menina um anjo da guarda falando pra ele não se mexer e o diabo falando para ele bater. O homem não bateu porque ficou com medo do anjo."

PRODUÇÃO 21. Masculino, 10 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de Piquete, Estado de São Paulo.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

a gente quando apanha em publico ficamos envergonhado e fica sem saber o que fase e para onde ir aonde ficar oque faser.

Legenda específica:

"a gente quando apanha em publico ficamos envergonhado e fica sem saber o que fase e para onde ir aonde ficar oque fazer."

PRODUÇÃO 22. Masculino, 10 anos, 5ª. Série, Município de Londrina, Estado do Paraná.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Eu me sinto muito nervoso quando meu pai e minha mãe me bate.

Legenda específica:

"Eu me sinto muito nervoso quando meu pai e minha mãe me bate."

PRODUÇÃO 23. Masculino, 10 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
   Ele quer dizer medo.

Legenda específica: ***"Ele quer dizer medo."***

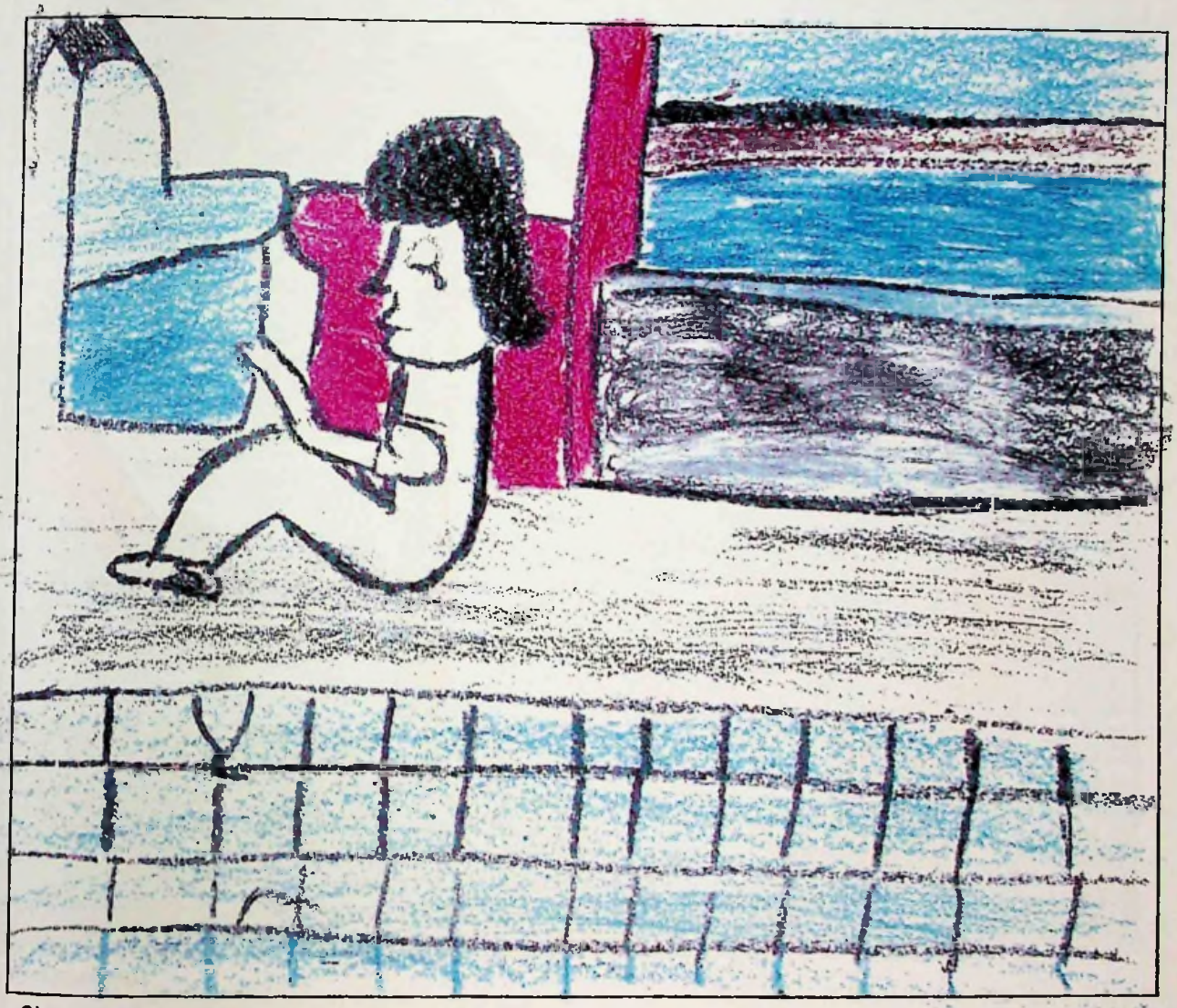
PRODUÇÃO 24. Masculino, 10 anos, 4ª. Série, Município de Resende, Estado do Rio de Janeiro.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Dialogo é melhor do que violencia.

Legenda específica:
"Dialogo é melhor do que violencia

PRODUÇÃO 25. Masculino, 10 anos, 5ª. Série, Município de Itabira, Estado de Minas Gerais.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

O desenho quer dizer que quando a gente leva uma palmada a gente sofre mais nos se sentimos sozinhos sem ninguem para nos protejer.

Legenda específica:

"O desenho quer dizer que quando a gente leva uma palmada a gente sofre mais nos se sentimos sozinhos sem ninguem para nos protejer."

PRODUÇÃO 26. Masculino, 10 anos, 5ª. Série, Instituição pública, Município de Imbituba, Estado de Santa Catarina.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer: A violencia a criança.

Legenda específica:
"A violencia a criança."

PRODUÇÃO 27. Masculino, 10 anos, 4ª. Série, Instituição privada, Município de São Luis, Estado do Maranhão.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Eu me sinto um lixo.

Legenda específica:
"Eu me sinto um lixo."

Legendas no espaço do desenho:
"Lixo" [6 repetições]

Grupo IV. Treze meninas com 10 anos de idade

Produções 28 a 40

PRODUÇÃO 28. Feminino, 10 anos, classe especial*, Município de Araçatuba, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

a mão do meu pai
o meu coração triste

Legenda específica:
"a mão do meu pai
o meu coração triste"

PRODUÇÃO 29. Feminino, 10 anos, 5ª. Série, Instituição pública, Município de Fortaleza, Estado do Ceará.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Quer dizer que não podemos bater nos filhos sem precisão. Acho isso uma injustiça muito grande

Legenda específica:

"Quer dizer que não podemos bater nos filhos sem precisão. Acho isso uma injustiça muito grande."

Legendas no espaço do desenho:

" DIGA NÃO A VIOLENCIA."

PRODUÇÃO 30. Feminino, 10 anos, 3ª. Série, Instituição privada, Município de Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Eu apanho de vara e minha irma também e daí eu choro e meus irmãos também apanharam também nós todos ficamos com marcas no corpo quando ela bate em nós todos.

Legenda específica:

"Eu apanho de vara e minha irma também e daí eu choro e meus irmãos também apanharam também. nós todos ficamos com marcas no corpo quando ela bate em nos todos.

Legendas no espaço do desenho:

" *VARA*" [parece estar repetida 3 vezes]

PRODUÇÃO 31. Feminino, 10 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de Jacareí, Estado de São Paulo.

Observações:

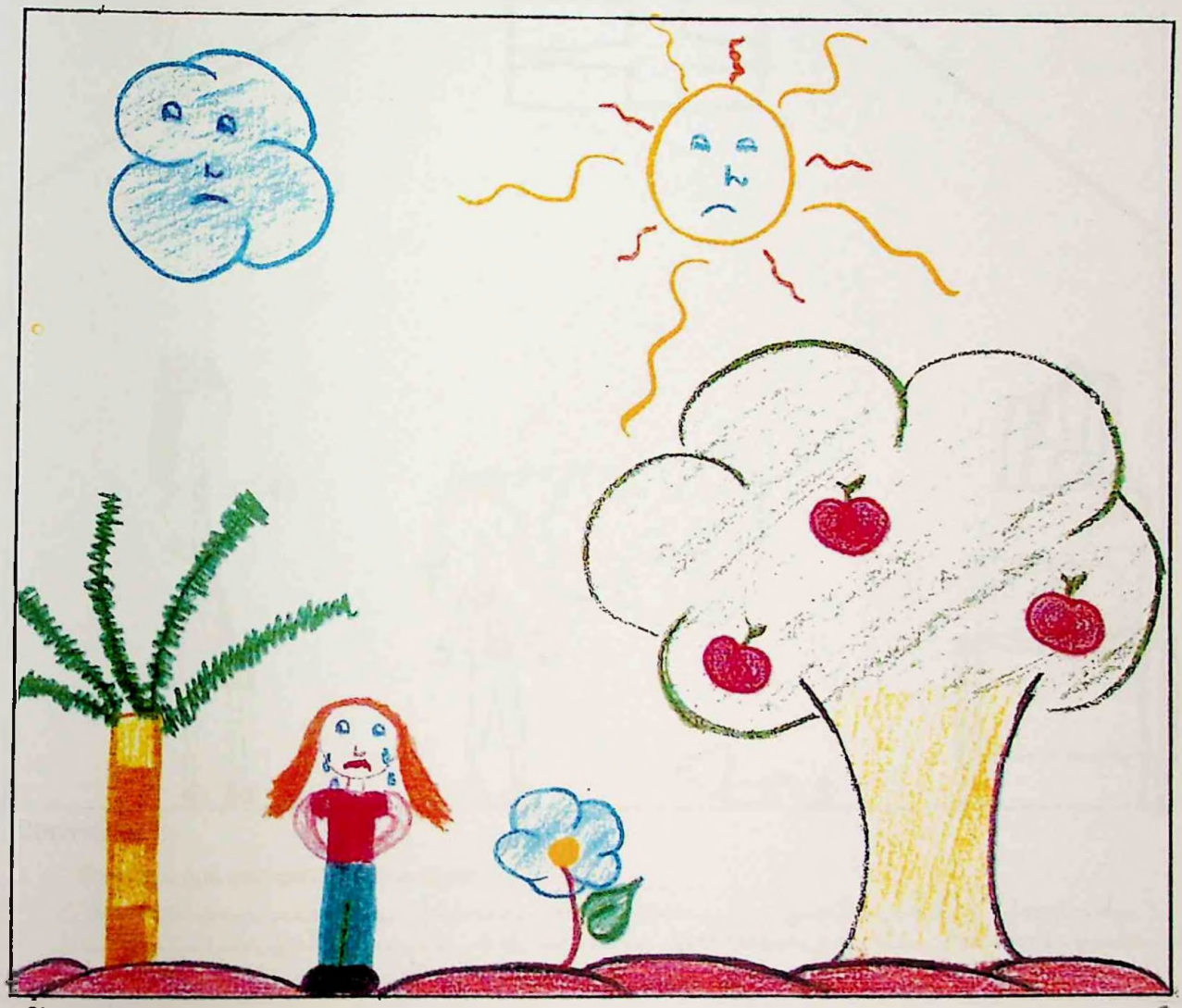
1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Quando o meu pai me Bate eu so sei chora e o meu Coração se parte em dois

Legenda específica:

"Quando o meu pai me Bate eu so sei chora e o meu coração se parte em dois"

PRODUÇÃO 32. Feminino, 10 anos, 4ª. Série,Instituição privada, Município de Araçatuba, Estado de São Paulo.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Este desenho quer dizer uma bela paisagem comigo triste e solitária.

Legenda específica:

"Este desenho quer dizer uma bela paisagem comigo triste e solitária."

PRODUÇÃO 33. Feminino, 10 anos, 4ª. Série, Município de Governador Valadares, Estado de Minas Gerais.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

A menina estava brincando com o passarinho e jogando bola e quebro a TV e o aclario quebrou e ela acabou apanhando de sua mãe que está pronta para sair para ir ao shopping.

Legenda específica:

"A menina estava brincando com o passarinho e jogando bola e quebro a TV e o aclario [aquário] **e ela acabou apanhando de sua mãe que está pronta para sair para ir ao shppigh** [shopping]."

Legendas no espaço do desenho:

"[um raio]#X*

+.....[nuvens e trovão]

.....

[crânio humano]" [expressão de pensamentos destrutivos, xingamentos]

PRODUÇÃO 34. Feminino, 10 anos, 4ª. Série, Município de Macaé, Estado do Rio de Janeiro.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Quando meus pais me batem eu fico assim!!

Legenda específica:
"Quando meus pais me batem eu fico assim!!"

PRODUÇÃO 35. Feminino, 10 anos, 5ª. Série, Instituição privada, Município de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

O meu desenho quer dizer, um pai e uma mãe que colocaram a filha na rua para pedir dinheiro, em um dia ela não conseguiu, os pais drogados, não a deixaram entrar em casa e bateram nela te sangrar e a deixaram na rua.

Legenda específica:

"O meu desenho quer dizer, um pai e uma mãe que colocaram a filha na rua para pedir dinheiro, em um dia ela não conseguiu, os pais drogados, não a deixaram entrar em casa e bateram nela te sangrar e a deixaram na rua."

PRODUÇÃO 36. Feminino, 10 anos, 4ª. Série, Município de Fortaleza, Estado do Ceará.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Este desenho quer dizer que uma criança sofre muito quando leva uma palmada.

Legenda específica:

"Este desenho quer dizer que uma criança sofre muito quando leva uma palmada."

PRODUÇÃO 37. Feminino, 10 anos, 4ª. Série, Município de Santo André, Estado de São Paulo.

Observações:

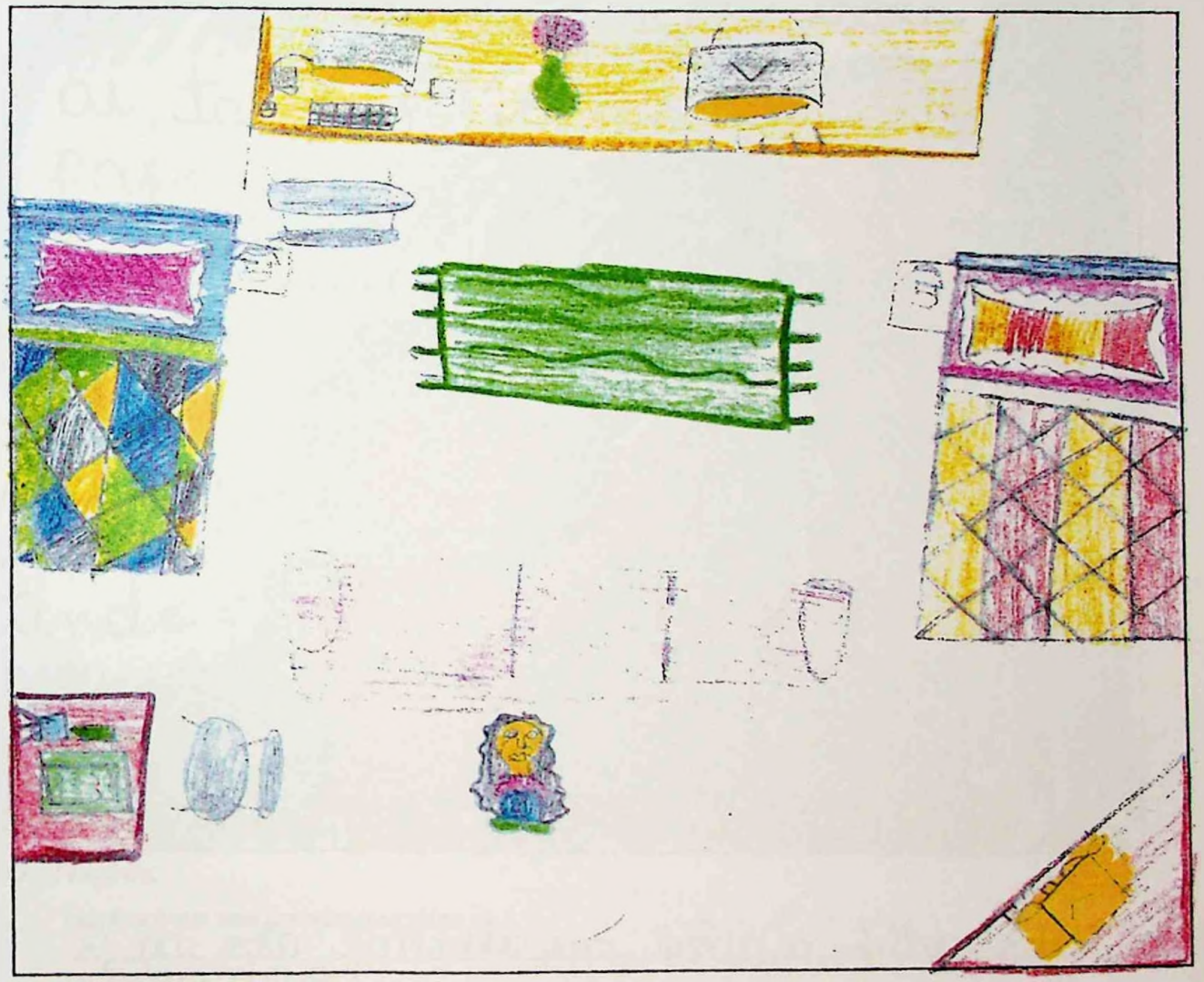
1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Este desenho quer dizer que é uma menina chorando!

Legenda específica:
"Este desenho quer dizer que é uma menina chorando!"

Legendas no espaço do desenho:
"I LOVE" [pendurado na porta do seu quarto]

PRODUÇÃO 38. Feminino, 10 anos, 5ª Série, Instituição privada, Município de Vinhedo, Estado de São Paulo.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Representa uma pessoa triste que apanhou da mãe.

Legenda específica:
"Representa uma pessoa triste que apanhou da mãe."

PRODUÇAO 39. Feminino, 10 anos, 5ª. Série, Município de Gama, Distrito Federal.

Observaçoes:

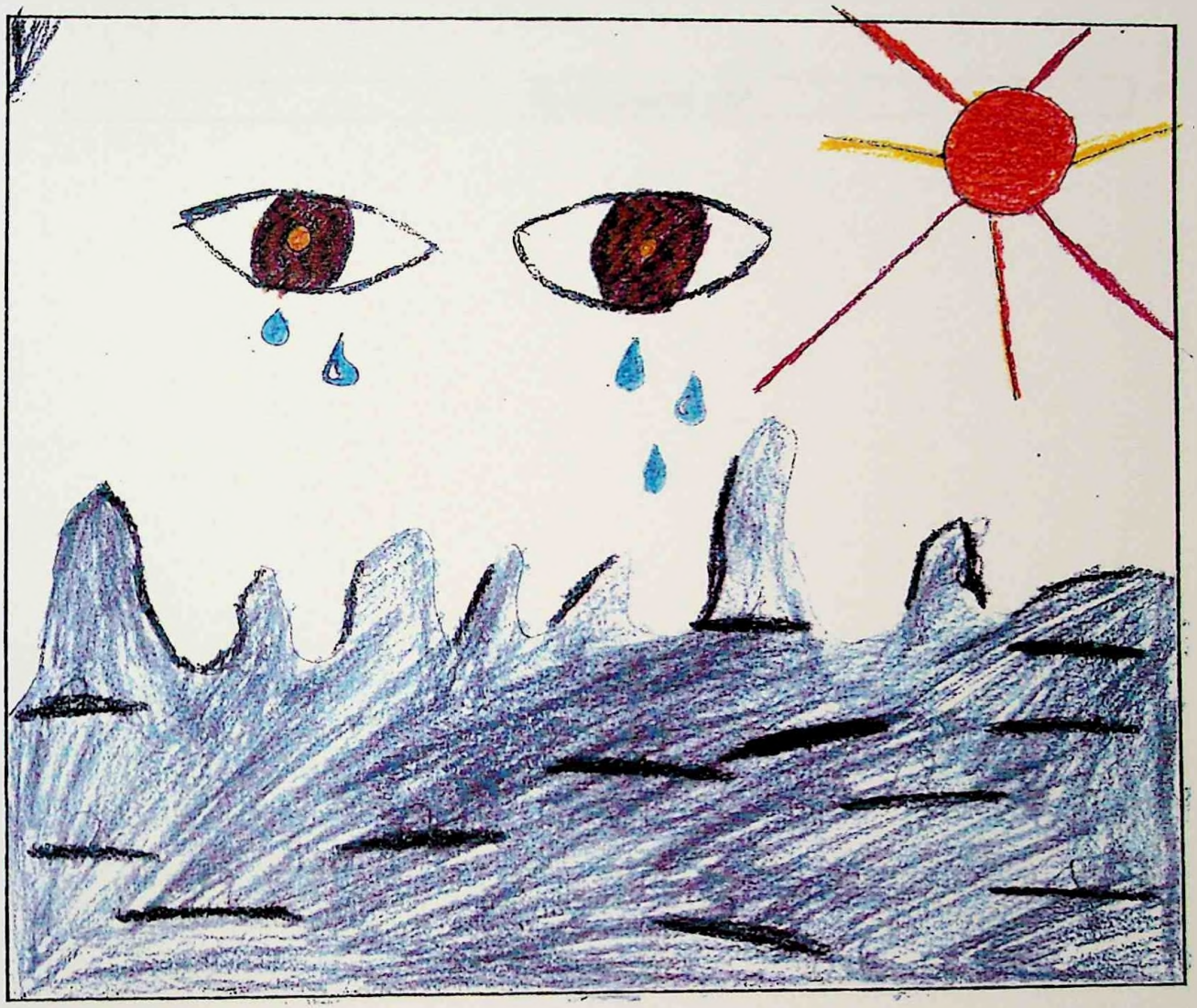
1. Escreva o que este desenho quer dizer: O pai está batendo na filha, a filha está chorando!

Legenda específica:
"O pai está batendo na filha, a filha está chorando!"

Legendas no espaço do desenho:
"Por que você está me batendo?" [A filha]
"Ai, tá doendo papai! Chuif!chuif!" [A filha]

"Não importa! É para doer! [O pai]

PRODUÇÃO 40. Feminino, 10 anos, 5ª. Série, Instituição privada, Município de Belém, Estado do Pará.



Observações:

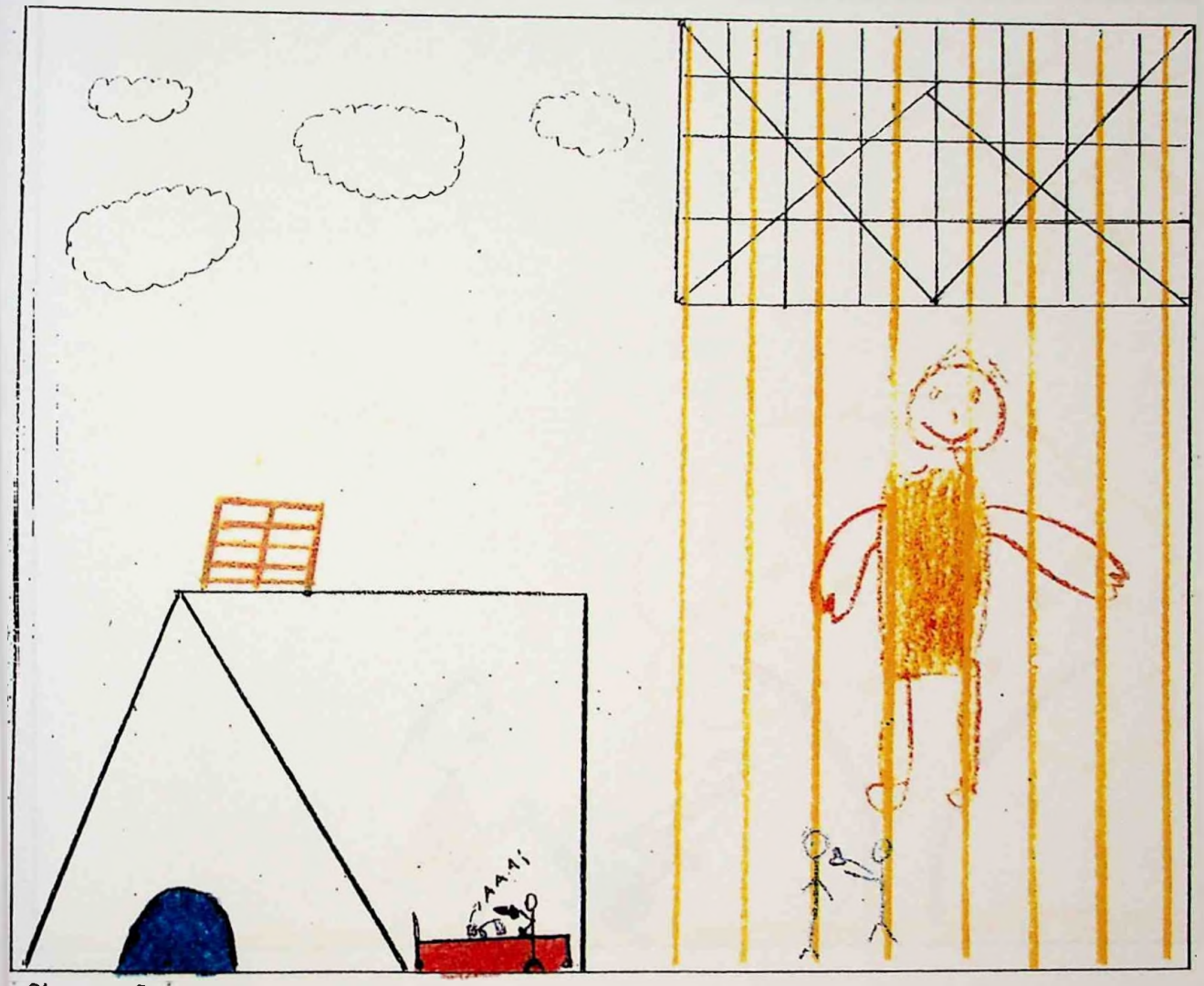
1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Triste porem com raiva e alegria por ter aprendido

Legenda específica:
"Triste porem com raiva e alegria por ter aprendido."

Grupo V. Dezessete meninos com 11 anos de idade

Produções 41 a 57

PRODUÇÃO 41. Masculino, 11 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de São Mirandópolis, Estado de São Paulo.



Observações:

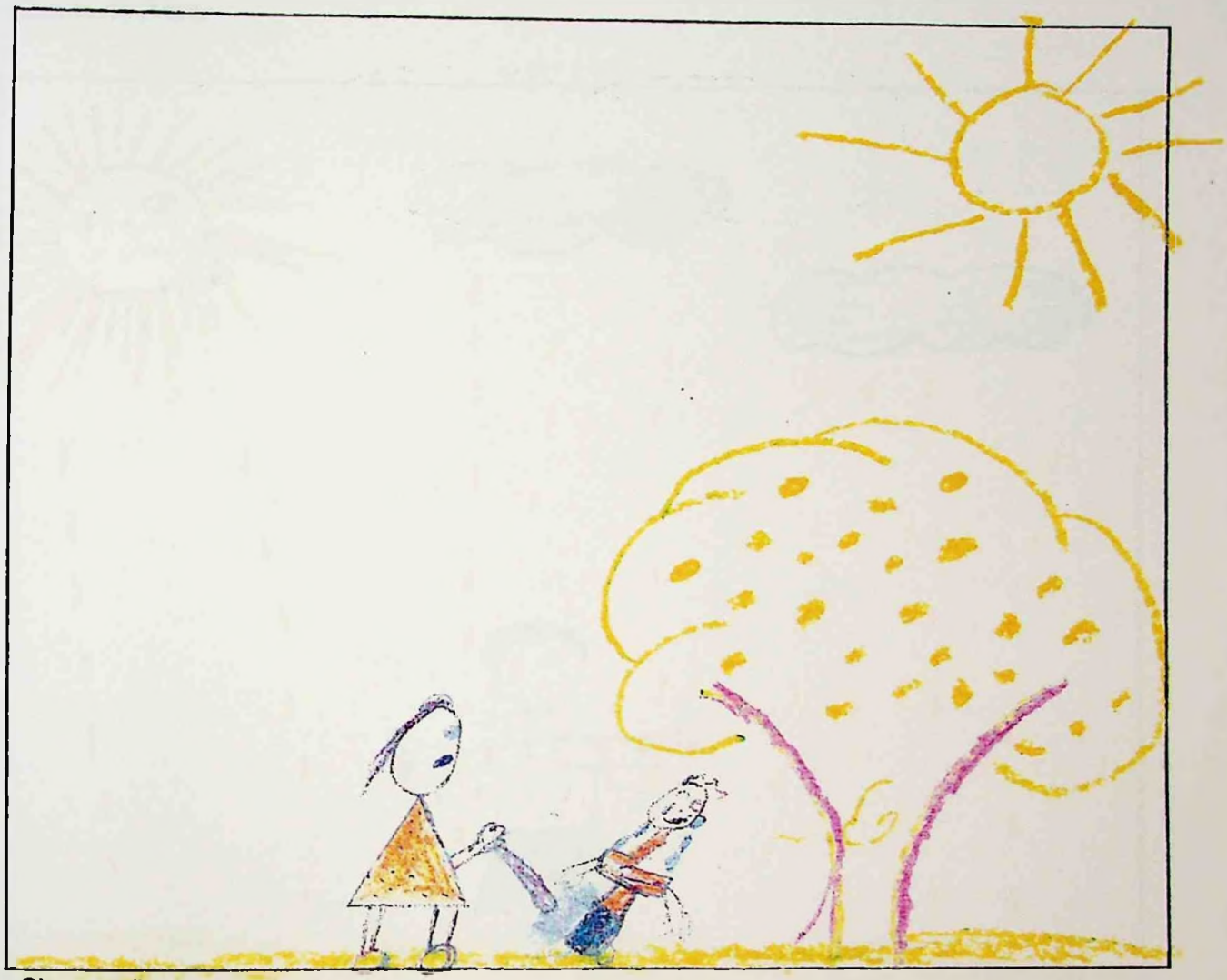
1. Escreva o que este desenho quer dizer:

A minha Mãe está alegre porque min bateu
e eu chorei muito no quarto

Legenda específica:
"A minha Mãe está alegre porque min bateu e eu chorei muito no quarto"

Legendas no espaço do desenho:
"*AAAi* [O menino gritando na cama]

PRODUÇÃO 42. Masculino, 11 anos, 3. Série, Município do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

O meu filho esta abusado poriso ele levou umas palmadas

Legenda específica:

"O meu filho esta abusado poriso ele levou umas palmadas".

PRODUÇÃO 43. Masculino, 11 anos, 3ª. Série, Instituição privada, Município de Mauá, Estado do Acre.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Quando uma criança apanha a natureza chora

Legenda específica:

"Quando uma criança apanha a natureza chora ".

PRODUÇÃO 44. Masculino, 11 anos, 4ª. Série, Município de Curitiba, Estado do Paraná.

Observações:

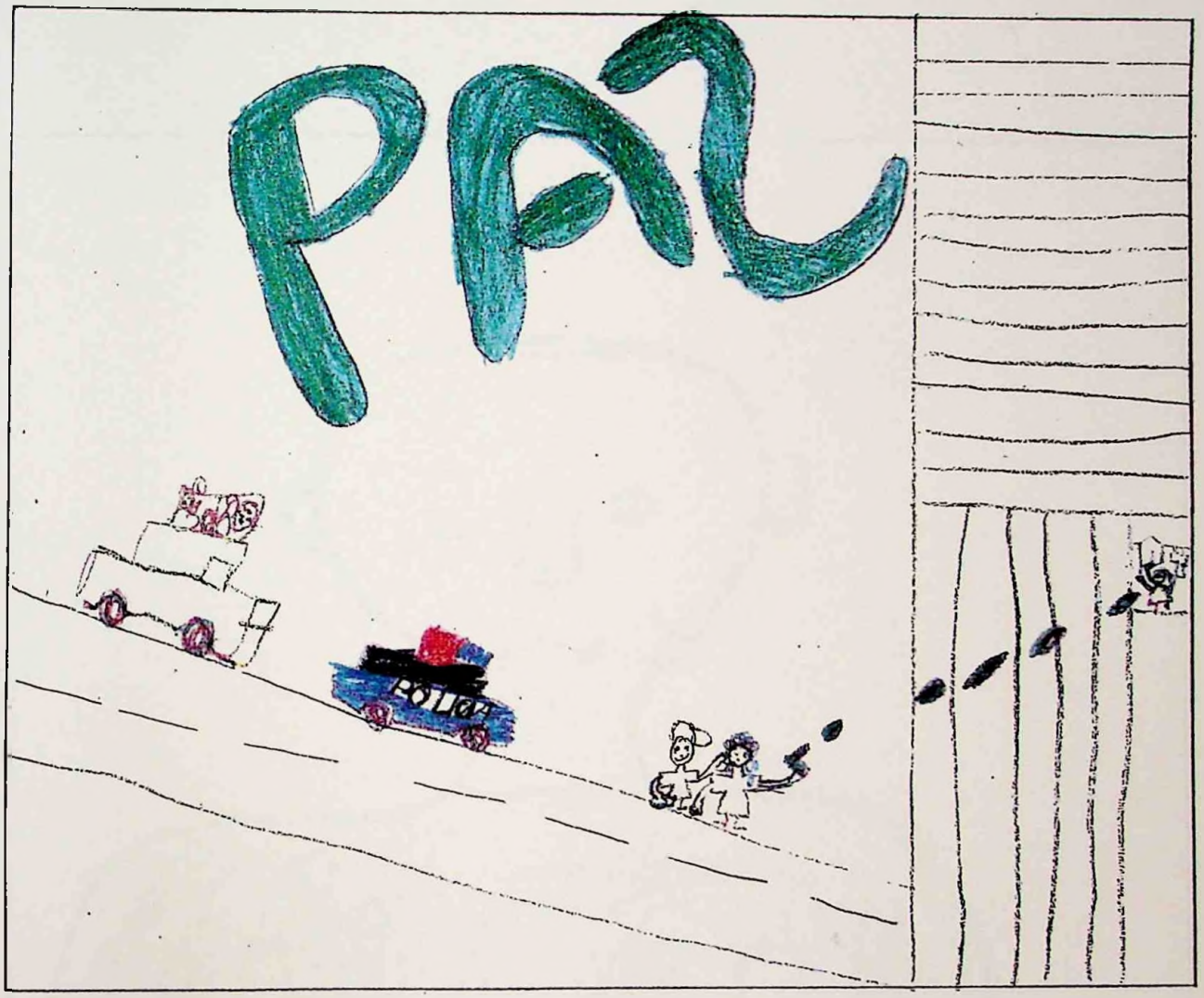
1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Eu estou levando uma paumada na bunda porque fui pular no lago.

Legenda específica:

"Eu estou levando uma paumada na bunda porque fui pular no lago."

PRODUÇÃO 45. Masculino, 11 anos, 4ª. Série, Município de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

apanhar é muito tiste

Legenda específica:
"apanhar é muito tiste"

Legendas no espaço do desenho:
" PAZ"

PRODUÇÃO 46. Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Município de Taquari, Estado do Rio Grande do Sul.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
   Estou chorando.

Legenda específica:
" Estou chorando. "

PRODUÇÃO 47. Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Instituição privada, Município de Jaru, Rondônia.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Que quando apanho eu choro e me sinto triste

Legenda específica:
"Que quando apanho eu choro e me sinto triste."

PRODUÇÃO 48. Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Instituição pública, Município de Itajaí, Estado de Santa Catarina.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer: Tristeza, se sentir odiado pela pessoa que bateu

Legenda específica:

"Tristeza, se sentir odiado pela pessoa que bateu."

PRODUÇÃO 49. Masculino, 11 anos, 4ª. Série, Instituição privada, Município de Paulista, Estado de Pernanbuco.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Que eu me sinto muito sosinho e que todas as pessoas estão contra mim

Legenda específica:

"Que eu me sinto muito sosinho e que todas as pessoas estão contra mim."

PRODUÇÃO 50. Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Instituição privada, Município de Votuporanga, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Me sinto só, sem amigos

Legenda específica:

"Me sinto só, sem amigos "

PRODUÇÃO 51. Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Instituição pública, Município de Boa Vista, Roraima.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Quer dizer que a gente se sente preso e triste dentro da nossa casa

Legenda específica:

"Quer dizer que a gente se sente preso e triste dentro da própria casa."

PRODUÇÃO 52. Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Instituição pública, Município de Pacaembu, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Quando eu fico triste após levar umas palmadas

Legenda específica:
"Quando eu fico triste após levar umas palmadas."

PRODUÇÃO 53. Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Município de Recife, Estado Pernambuco.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
O desenho mostra o cotidiano de um menino infeliz que sofre dolorosos castigos do pai.

Legenda específica:
"O desenho mostra o cotidiano de um menino infeliz que sofre dolorosos castigos do pai."

Legendas no espaço do desenho:
"Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sab " [dias da semana]
"FOLGA" [no sábado]
"DOMINGO" [para indicar o dia da cena representada, conforme previsto no calendário punitivo]

PRODUÇÃO 54 . Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Instituição pública, Município de Crateús, Estado do Ceará.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

eu não gosto quando minha mãe mim da Palmada porque eu apronto alguma causas mal que a minha mãe não gosta que eu faço por isso eu levo algumas Palmada!

Legenda específica:

"eu não gosto quando minha mãe mim da Palmada porque eu apronto alguma coisas mal que a minha mãe não gosta que eu faço por isso eu levo algumas Palmada."

PRODUÇÃO 55. Masculino, 11 anos, 6ª. Série, Instituição privada, Município de Santana do Parnaíba, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Ele representa a vontade que eu tenho de fazer quando levo uma palmada.

Legenda específica:
"Este representa a vontade que eu tenho de fazer quando levo uma palmada. "

Legendas no espaço do desenho:
"DROGA MÃE, VOCÊ SÓ SABE ABTER, NÃO SABE CONVERSAR! " [O menino]
"TOMA PAI!!!" [O menino]
"VOU FUGIR DE CASA!" [O menino]

PRODUÇÃO 56. Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Município de Resende, Estado do Rio de Janeiro.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

O desenho quer dizer que quando eu tomo uma palmada eu fico com vergonha do mundo.

Legenda específica:

"O desenho quer dizer que quando eu tomo uma palmada eu fico com vergonha do mundo."

PRODUÇÃO 57. Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Instituição privada, Município de Belém, Estado do Pará.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Que eu quero a morte, porque esta é a pior educação que os pais podem dar para as crianças

Legenda específica:

"Que eu quero a morte, porque esta é a pior educação que os pais podem dar para as crianças."

Grupo VI. Quatorze meninas com 11 anos de idade

Produções 58 a 71

PRODUÇÃO 58. Feminino, 11 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de Fortaleza, Estado do Ceará.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Chorando

Legenda específica:
"chorando"

PRODUÇÃO 59. Feminino, 11 anos, 6ª. Série, Município de Jaru, Rondônia.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Quando minha mãe me bate tenho vontade de chingar.

Legenda específica:
"Quando minha mãe me bate tenho vontade de chingar."

Legendas no espaço do desenho:
"Cala a boca, se não você vai apanhar." [A mãe]
" [símbolos de xingamentos]" [A filha]

PRODUÇÃO 60. Feminino, 11 anos, 6ª. Série, Instituição privada, Município de Boa Vista, Roraima.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Que a mãe está batendo na sua filha, porque ela é muito danada. E as suas colegas estavam rindo porque nunca apanharam!

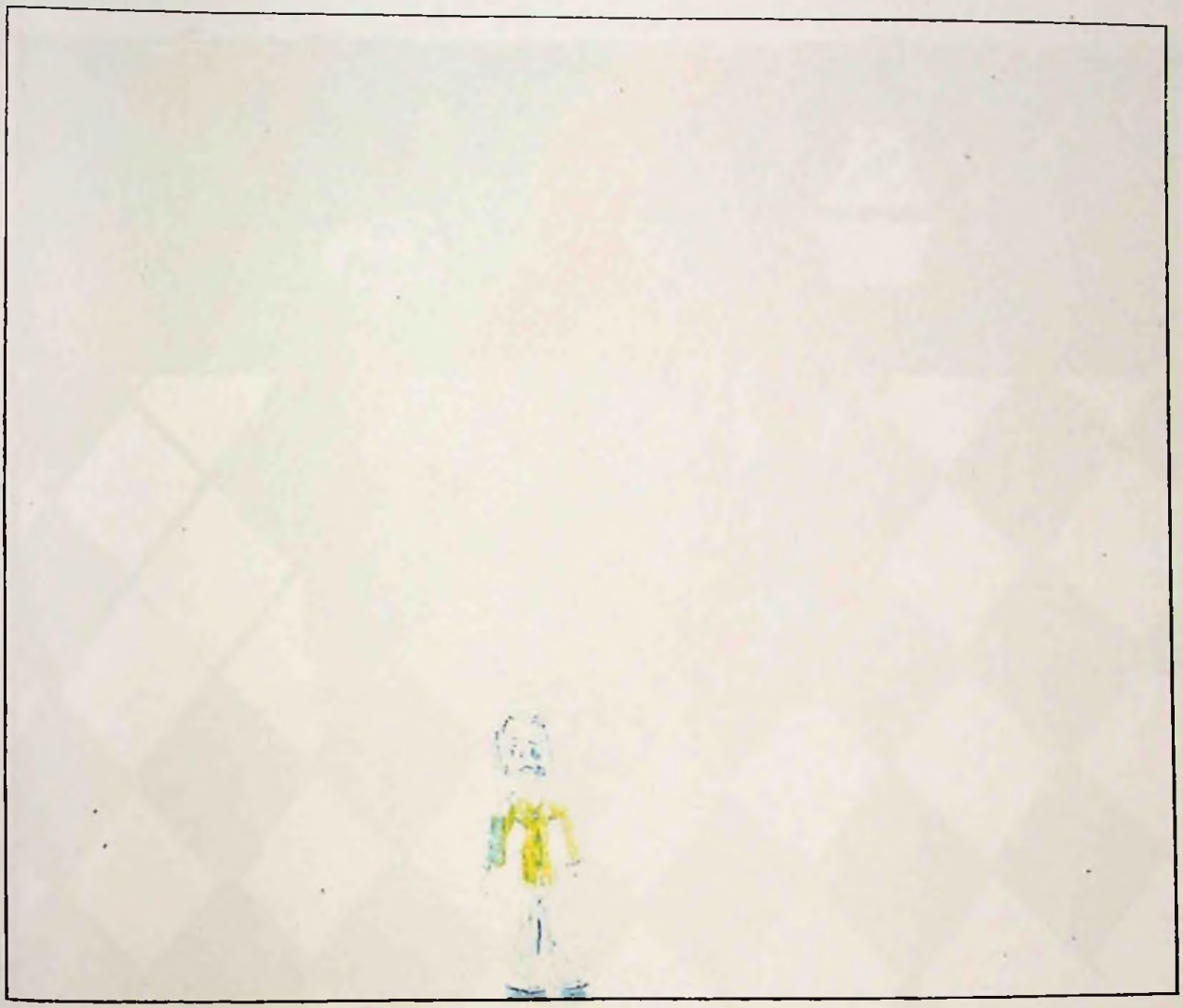
Legenda específica:

"Que a mãe está batendo na sua filha, porque ela é muito danada. E as suas colegas estavam rindo porque nunca apanharam!

Legendas no espaço do desenho:

"Mãe não me bate! Por favor!" [A filha, cena representada no andar superior da casa]
"Você é muito danada! Então vai apanhar!" [A mãe, cena representada no andar superior da casa]
"Venham comer" [Figura feminina, cena representada no andar inferior da casa]
"Pare de bater nela mulher!" [O pai, cena representada no andar inferior da casa]
"Ela sempre vai apanhar!" [Colega, cena representada fora da casa]
"Coitadinha!" [Colega, cena representada fora da casa]
"Eu nunca apanhei!" [Colega, cena representada fora da casa]

PRODUÇÃO 61. Feminino, 11 anos, 6ª. Série, Instituição privada, Município Londrina, Estado do Paraná.



Observações:

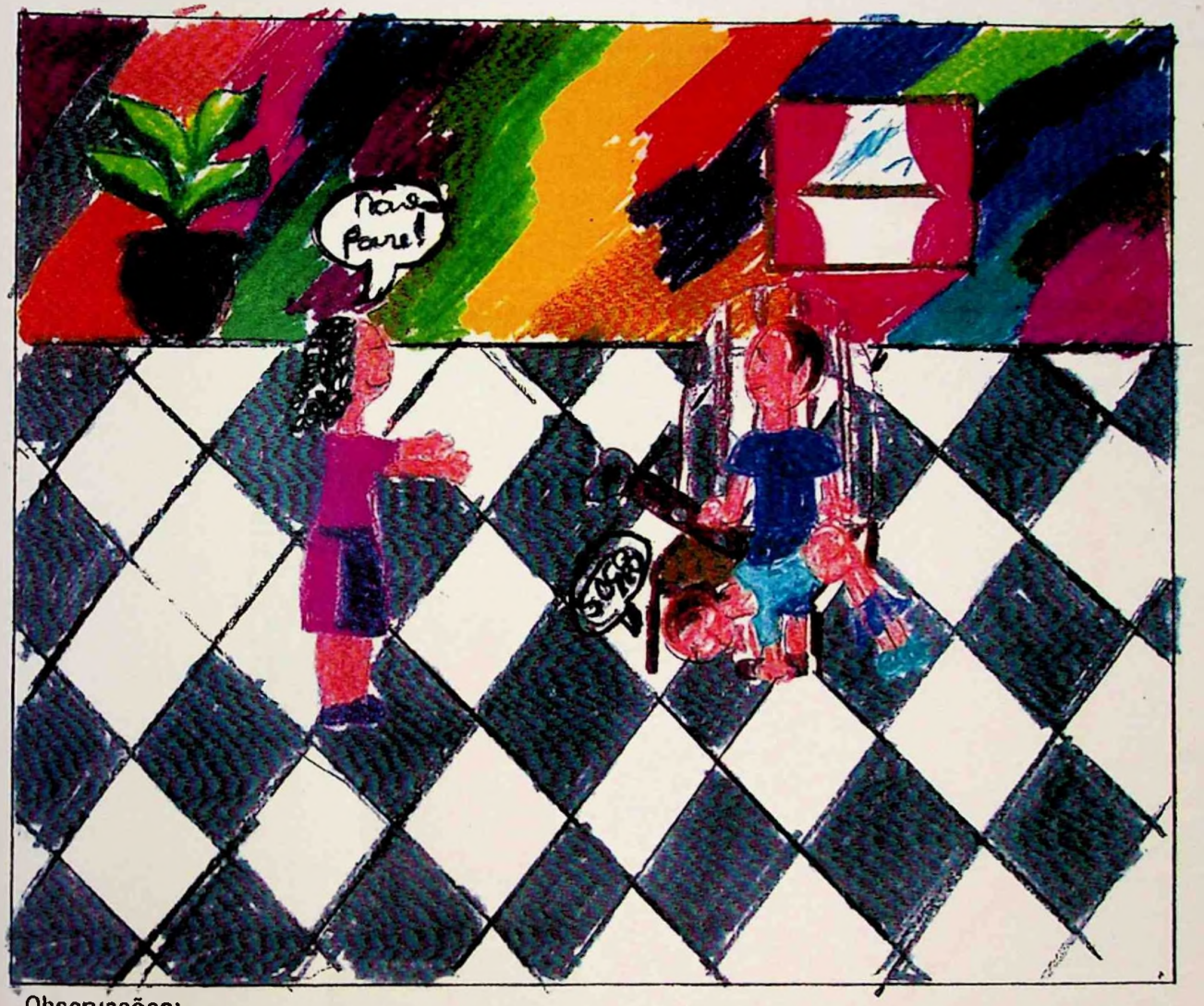
1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Que sempre fico muito triste quando levo apenas um tapinha

Legenda específica:

"Que sempre fico muito triste quando levo apenas um tapinha."

PRODUÇÃO 62. Feminino, 11 anos, 5ª. Série, Instituição particular, Município de Aparecida, Estado de São Paulo.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

O meu desenho q. eu dizer que o pai está batendo no filho e a mãe está falando para o pai não bater

Legenda específica:

"O meu desenho quer dizer que o pai, está batendo no filho e a mãe está falando para o pai não bater. "

Legendas no espaço do desenho:

"Não, pare! " [A mãe]

"SOS" [não compreensível] [A criança]

PRODUÇÃO 63. Feminino, 11 anos, 1°.CII, Instituição pública, Município de São José dos Campos, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Eu me sinto sozinha, só eu e a lua, como se ninguém gostase de mim.

Legenda específica:

"Eu me sinto sozinha, só eu e a lua, como se ninguém gostase de mim."

PRODUÇÃO 64. Feminino, 11 anos, 5ª. Série, Instituição pública, Município de Pouso Alegre, Estado de Minas Gerais.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Minha mãe me bateu quando fiz arte.
Doeu muito. Ficou doendo muito tempo

Legenda específica:
"Minha mãe me bateu quando fiz arte. Doeu muito. Ficou doendo muito tempo."

PRODUÇÃO 65. Feminino, 11 anos, 5ª. Série, Instituição particular, Município de Maceió, Estado de Alagoas.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Quer dizer que quando eu levo uma palmada eu fica triste.

Legenda específica:
"Quer dizer que quando eu levo uma palmada eu fico triste."

PRODUÇÃO 66. Feminino, 11 anos, 5ª. Série, Município de Vitória, Estado do Espírito Santo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

A tristeza de uma criança que sabe que vai apanhar da mãe so por que quebrou o vaso de flores sem querer

Legenda específica:

"A tristeza de uma criança que sabe que vai apanhar da mãe so por que quebrou o vaso de flores sem querer. "

PRODUÇÃO 67. Feminino, 11 anos, 4ª. Série, Município de São Luis, Estado do Maranhão.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
quer dizer quando recebe uma Palmada
sinto muita dor

Legenda específica:
"quer dizer quando recebe uma Palmada sinto muita dor"

PRODUÇÃO 68. Feminino, 11 anos, 5ª. Série, Instituição pública, Município de Marília, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

este desenho quer dizer que nem uma criança não gosta de palmada e eu fico triste por levar palmada mais as vez e para nos ajudar

Legenda específica:

"este desenho quer dizer que nem uma criança não gosta de Palmada e eu fico triste por levar palmada mais as vez e para nos ajudar".

PRODUÇÃO 69. Feminino, 11 anos, 6ª. Série, Instituição privada, Município de São Paulo, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Dependendo do motivo que eu apanho eu me sinto injustiçada, pois sempre que apanho é por briga de irmão.

Legenda específica:
"Dependendo do motivo que eu apanho eu me sinto injustiçada, pois sempre que apanho é por briga de irmão."

Legendas no espaço do desenho:
"CULPADA" [O pai-juiz]
"CULPADA CULPADA CULPADA CULPADA" [O irmão-acusador]
"PIEDADE" [A menina-ré]
"INJUSTIÇADA" [No quadro central]

PRODUÇÃO 70. Feminino, 11 anos, 1°. CII, Instituição pública, Município de São José dos Campos, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Eu me sinto sozinha no mundo sem ninguem para desabafar e por isso fico chorando para ver se a dor passa.

Legenda especifica:

"Eu me sinto sozinha no mundo sem ninguém para desabafar e por isso fico chorando para ver se a dor passa."

PRODUÇÃO 71. Feminino, 11 anos, 2CIII, Instituição pública, Município de Itatiba, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Este desenho quer dizer tristeza, eu me sinto triste e choro lembro da palmada fico com raiva, meu coração parte e eu me sinto escura por dentro, eu me sinto brava, chateada e triste, muito triste.

Legenda específica:

"Este desenho quer dizer tristeza, eu me sinto triste e choro, lembro da palmada, fico com raiva, meu coração parte, e eu me sinto escura por dentro, eu me sinto brava, chateada e triste, muito triste."

Grupo VII. Doze meninos com 12 anos de idade

Produções 72 a 83

PRODUÇÃO 72. Masculino, 12 anos, 6ª. Série, Município de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo.

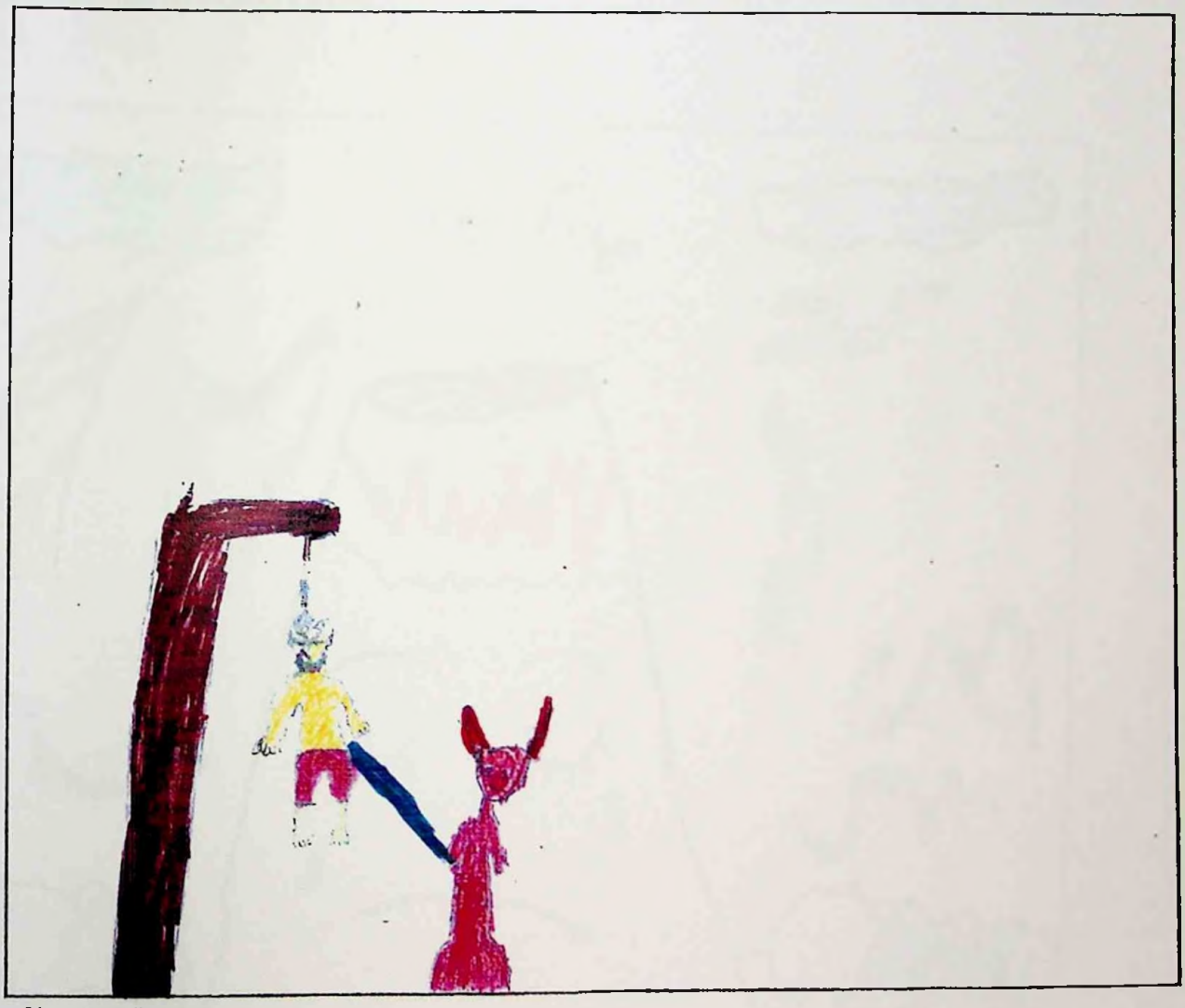
Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer: Eu me sinto sozinho no universo quando eu levo um palmado.

Legenda específica:

"Eu me sinto sozinho no universo quando eu levo uma palmada."

PRODUÇÃO 73. Masculino, 12 anos, 5ª. Série, Município de Imbituba, Estado de Santa Catarina.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer: As vezes Tenho vontade de morrer.

Legenda específica:
"As vezes tenho vontade de morrer."

PRODUÇÃO 74. Masculino, 12 anos, 6ª. Série, Instituição pública, Município de Três Marias, Estado de Minas Gerais.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Quer dizer que quando eu recebo uma palmada eu me sinto um vulcão eu fico muito triste.

Legenda específica:

"Quer dizer que quando eu recebo uma palmada eu me sinto um vulcão eu fico muito triste."

PRODUÇÃO 75. Masculino, 12 anos, 5ª. Série, Cidade Tiradentes, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer: ele quer dizer que doéu muito e também ficou triste com a causa disso tudo e com varias nuveis a redor da cabeça como se tivesse ressecado

Legenda específica:

"ele quer dizer que doéu muito e também ficou triste com a causa disso tudo e com varias nuveis a redor da cabeça como se tivesse ressecado."

PRODUÇÃO 76. Masculino, 12 anos, 6ª. Série, Instituição privada, Município de São Sebastião do Paraíso, Estado de São Paulo.

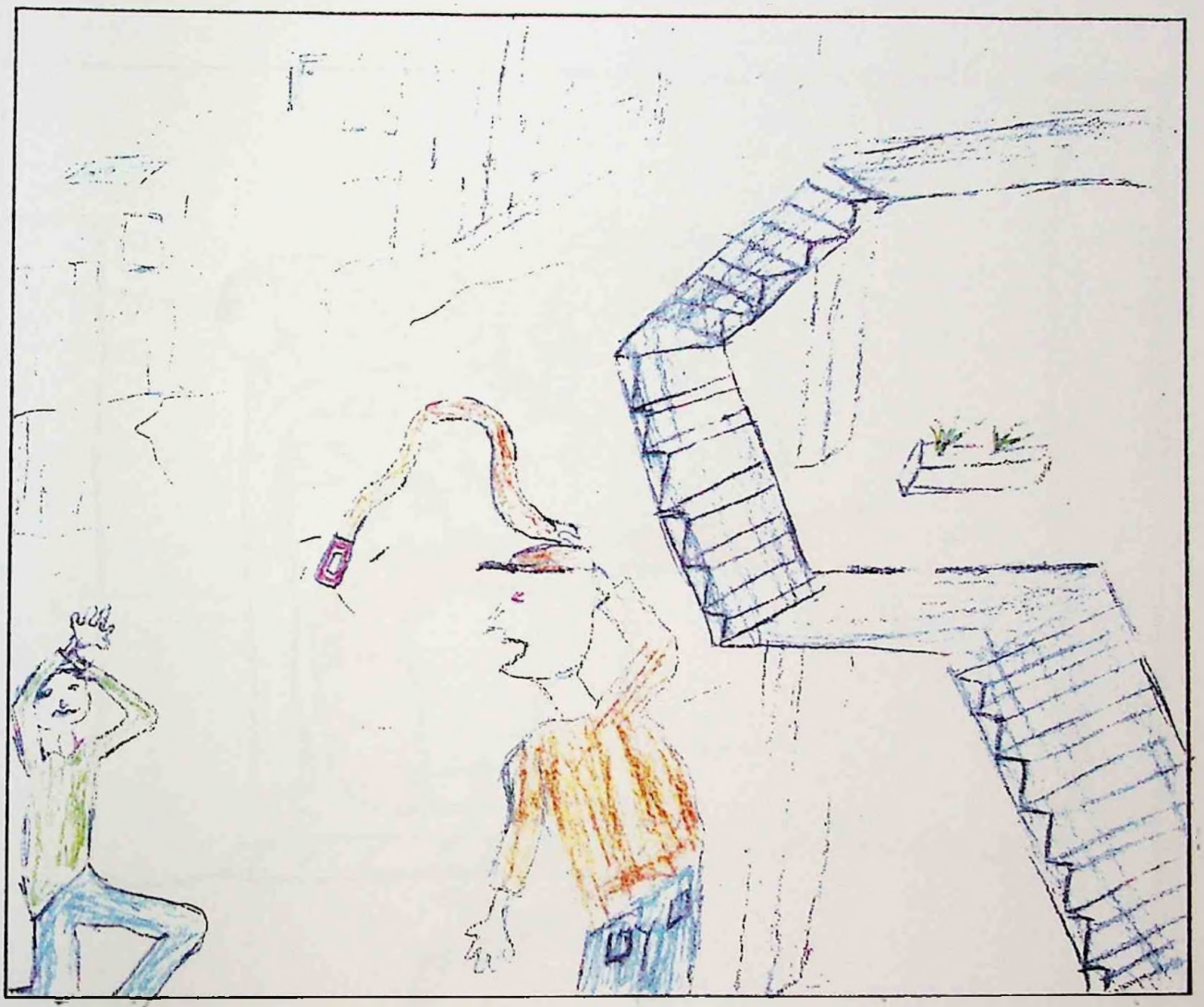
Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Eu sentia que eu queria me suissidar, me dar uma facada. Não parei de falar palavrões.

Legenda específica:
"Eu sentia que eu queria me suissidar, me dar uma facada. Não parei de falar palavrões."

Legendas no espaço do desenho:
"....[expressões de pensamentos destrutivos, de xingamentos]" [O sujeito punido]

PRODUÇÃO 77. Masculino, 12 anos, 7ª. Série, Instituição privada, Município de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Expressa a dor, no corpo e na alma deste menino que passa dificuldades, mora em um barraco e ainda é mal tratado pelo seu pai. O sentimento e a raiva é grande!

Legenda específica:

"Expressa a dor, no corpo e na alma, deste menino que passa dificuldades, mora em um barraco e ainda é mal tratado pelo seu pai. O sentimento e a raiva é grande!"

PRODUÇÃO 78. Masculino, 12 anos, 6ª. Série, Instituição privada, Município de Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Que existem pessoas ruins no mundo eles batem em crianças inocentes como: crianças na rua, filhos, etc pois eu acho que essas pessoas não podiam ser gentes.

Legenda específica:

"Que existem pessoas ruins no mundo eles batem em crianças inocentes como: crianças na rua, filhos, etc pois eu acho que essas pessoas não podiam ser gentes."

PRODUÇÃO 79. Masculino, 12 anos, 6ª. Série, Instituição privada, Município de Americana, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
VOCÊ SE SENTE MAGUADO MAS AS VEZES É BOM TOMAR UMAS PALMADAS.

Legenda específica:
"Você se sente maguado mas as vezes é bom tomar umas palmadas."

PRODUÇÃO 80. Masculino, 12 anos, 5ª. Série, Instituição privada, Município de Niterói, Estado do Rio de Janeiro.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Ele apanhou Por que ele Brigol no colegio

Legenda específica:
"Ele apanhou por que ele Brigol no colégio."

Legendas no espaço do desenho:
"PAF" [som da palmada]

PRODUÇÃO 81. Masculino, 12 anos, 6ª. Série, Município de Bauru, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer: SOLITARIO Triste magoado

Legenda específica:
"SOLITARIO Triste magoado."

PRODUÇÃO 82. Masculino, 12 anos, 6ª. Série, Instituição privada, Município de Rio Branco, Acre.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Do lado da noite, simboliza que as vezes não mereci levar palmada e pareço estar num pesadelo sem fim. Do lado de dia, sei que mereci levar palmada e por isso pareço estar em um lugar mágico.

Legenda específica:

"Do lado da noite, simboliza que as vezes não mereci levar palmada e pareço estar num pesadelo sem fim. Do lado de dia, sei que mereci levar palmada e por isso pareço estar em um lugar mágico."

PRODUÇÃO 83. Masculino, 12 anos, 6ª. Série, Município de Pacaembu, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Que há pais que bateem em crianças, mas as crianças ficam escondidas para não apanhar.

Legenda específica:
"Que há pais que batem em crianças, mas as crianças ficam escondidas para não apanhar."

Legendas no espaço do desenho:
"0 ZERO" [nota de prova ou boletim escolar]

Grupo VIII. Nove meninas com 12 anos de idade

Produções 84 a 92

PRODUÇÃO 84. Feminino, 12 anos, 6ª. Série, Município de Passa Tempo, Estado de Minas Gerais.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Quando meus pais me batem sinto dor choro e brigo com eles. Mas talvéz eles batem de precisão. Mas mesmo assim eles batem mas ao mesmo tempo expressam amor.

Legenda específica:
"Quando meus pais me batem, sinto dor, choro e brigo com eles, mas talvéz eles batem de precisão. Mas mesmo assim eles batem mas ao mesmo tempo expressam amor."

Legendas no espaço do desenho:
"Porque os pais batem?" [Criança punida]

PRODUÇÃO 85. Feminino, 12 anos, 7ª. Série, Instituição pública, Município de Sobral, Estado do Ceará.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Para mim esse deseno todo diz que a minha mãi por maldade eu fico triste por quer eu acho que as mãis devia conversar com as suas filhas primeiro para depois saber de tudo

Legenda específica:

"Para mim esse deseno todo diz que a minha mãe por maldade eu fico triste por que eu acho que as mães devia conversar com as suas filhas primeiro para depois saber de tudo. "

PRODUÇÃO 86. Feminino, 12 anos, 6ª. Série, Município de São José, Estado de Santa Catarina.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Quando recebo uma palmada, fico triste e com raiva.

Legenda específica:
"Quando recebo uma palmada, fico triste e com raiva."

PRODUÇÃO 87. Feminino, 12 anos, 6ª. Série, Instituição privada, Município de Itajaí, Estado de Santa Catarina.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Ao mesmo tempo que apanho minha irmã passa paz e tranqüilidade (força) pra mim.

Legenda específica:
"Ao mesmo tempo que apanho minha irmã passa paz e tranqüilidade (força) para mim."

Legendas no espaço do desenho:
"Não chora mana!" [A irmã]
"PAZ" [efeito da ação solidária da irmã]

PRODUÇÃO 88. Feminino, 12 anos, 6ª. Série, Município de São Paulo, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Quer dizer que eu me sinto muito triste. Num mundo sem saida

Legenda específica:
"Quer dizer que eu me sinto muito triste. Num mundo sem saida."

Legendas no espaço do desenho:
"MUNDO SEM SAIDA "

PRODUÇÃO 89. Feminino, 12 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de Irlândia, Estado de São Paulo.

Observações:

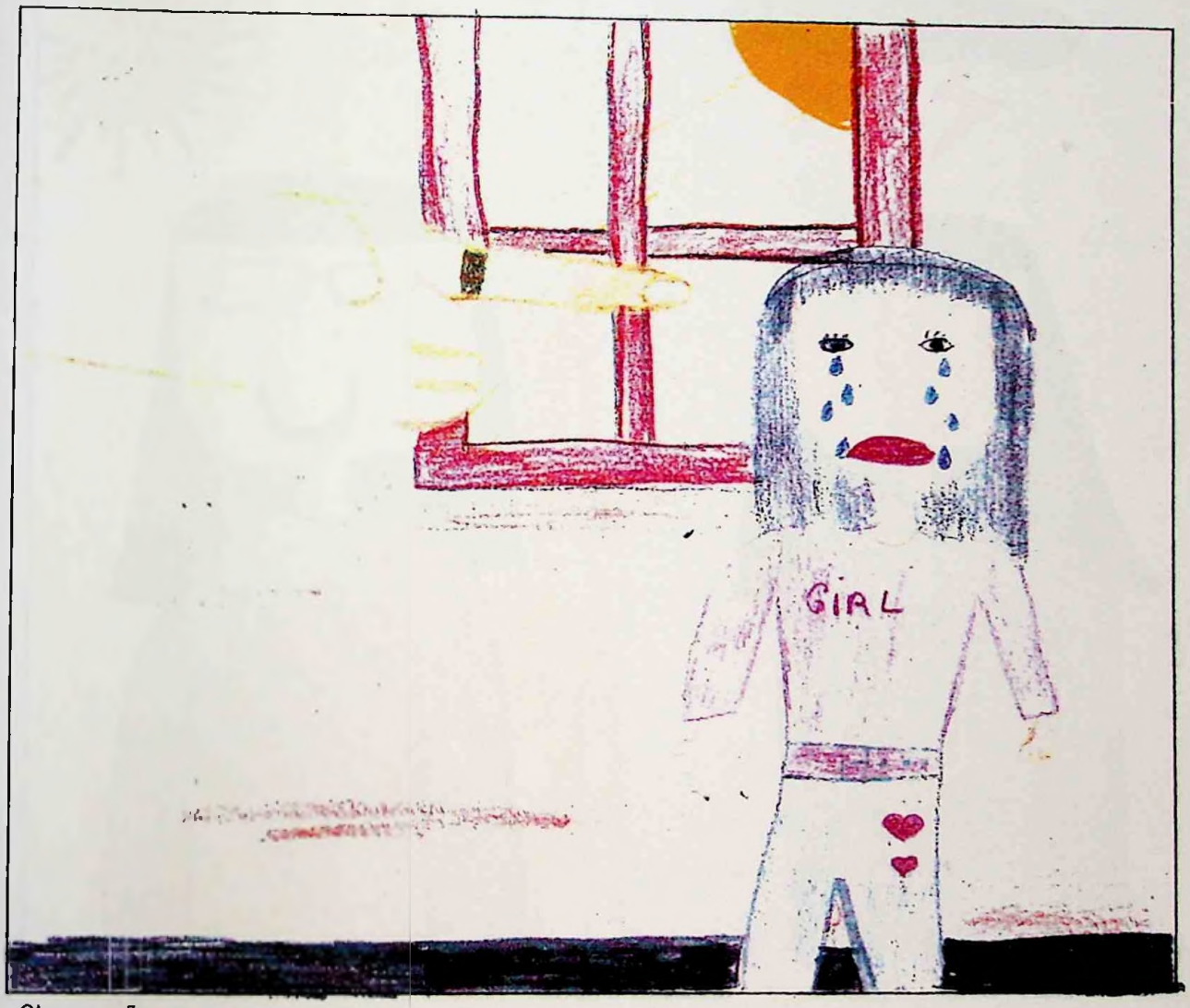
1. Escreva o que este desenho quer dizer:

que estou com a mão na bunda porque apanhei de cinta da minha mãe

Legenda específica:

"Que estou com a mão na bunda porque apanhei de cinta da minha mãe."

PRODUÇÃO 90. Feminino, 12 anos, 6ª. Série, Instituição privada, Município de Tatuí, Estado de São Paulo.



Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Uma adolescente que tem dificuldade na aprendizagem, e seus pais a obriga a tirar notas boas na escola. E com a pouca idade que tem já é obrigada a trabalhar em serviços pesados que prejudica a saúde e ajudar nas atividades domésticas.

Legenda específica:

"Uma adolescente que tem dificuldade na aprendizagem, e seus pais a obriga a tirar notas boas na escola. E com a pouca idade que tem já é obrigada a trabalhar em serviços pesados que prejudica a saúde e ajudar nas atividades domésticas."

Legendas no espaço do desenho:

"GIRL " [na camisa da criança punida]

PRODUÇÃO 91. Feminino, 12 anos, 6ª. Série, Instituição privada, Município de São Paulo, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:
Antes de receber a palmada, a criança estava feliz, depois ela está cheia de raiva.

Legenda específica:
"Antes de receber a palmada a criança estava feliz, depois ela está cheia de raiva."

PRODUÇÃO 92. Feminino, 12 anos, 7ª. Série, Município de Campinas, Estado de São Paulo.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Que quando eu levo uma palmada sinto me chateada e uma pessoa minuscula.

Legenda específica:

"Que quando eu levo uma palmada sinto me chateada e uma pessoa minuscula."

Após a apresentação do *Corpus*, passemos, enfim, aos resultados e suas análises.

5.2. Resultados da *análise de conteúdo temática*

Iniciaremos nossa análise *temática* a partir de uma consideração básica, mas de grande importância para a compreensão das construções de sentidos que se apresentam. A maioria das crianças ao produzirem sobre o tema *Palmada* retratam cenas do cotidiano doméstico que envolvem, a rigor, outras formas de punições corporais, consideradas pela literatura científica como "não-moderadas", severas ou mesmo cruéis e degradantes. Tal fato é um forte indício de que, na cultura brasileira, sob o signo *Palmada* escondem-se diversas práticas da PCDCA. Assim, temos a seguir o primeiro quadro de nossa análise temática.

Quadro 5. Palmada *stricto sensu* e outras formas de PCDCA.

Número de produções referentes à palmada *stricto sensu*.	N= 30 [PRODUÇÕES: 2, 9, 12, 17, 22, 25, 32, 36, 42, 44, 52, 53, 54, 55, 56, 63, 65, 67, 68, 71, 72, 74, 75, 79, 80, 82, 84, 86, 91, 92].	Referência explícita à palmada através do desenho e/ou legendas. A mão espalmada aparece como freqüente ícone da palmada; ou a mão para trás, protegendo as nádegas, indicando que esta foi batida Exclui as outras formas (meios e modos) de punições corporais, como a chinelada, a cintada, o açoite etc.
Número de produções referentes à outras formas de PCDCA.	N=62 [PRODUÇÕES: todas as outras, com exceção das produções listadas anteriormente, referentes à palmada *stricto sensu*].	Inclui outras formas (meios e modos) de punições corporais que não a palmada *stricto sensu*, como a chinelada, a cintada, o açoite, etc.

Nota: Há Produções que representam duas ou mais formas de punições corporais.

Das 92 Produções, 32,64% referem-se categoricamente à Palmada, isto é, desenham a cena típica da palmada, a palma da mão como ícone da palmada, ou escrevem nas legendas a palavra *palmada, palmadinha, tapinha no bumum,* etc. O restante, isto é, 67,40% das Produções expressam temas relacionados a outras modalidades de punições corporais, ou se referem-se à palmada não a mencionam explicitamente. Isso não quer dizer que tais Produções não estão adequadas ao tema proposto, e deveriam ser descartadas do *Corpus*, pois

somente enriquecem e complexificam as discussões sobre a palmada. Revelam não simplesmente que a criança fugiu do tema proposto, mas sim que em seu universo simbólico, autobiográfico, *Palmada* está associada a outras formas de punições corporais, às vezes intensas e cruéis. Talvez a criança não faça distinção técnica entre *tapa no bumbum, tapa na cara, chicotada, chinelada*, pois tudo são expressões para designar diferentes formas de apanhar do pai ou da mãe, que por vezes se sucedem temporal e espacialmente, num mesmo *continuun* de violência, numa mesma cena doméstica.

Essa primeira constatação nos mostra que a maioria dos sujeitos viveu uma história de punições corporais variadas, e não apenas de palmada. Certamente, recebem ou receberam palmada, e por Palmada outras imagens são também lembradas. É pouco provável, embora ocorra nos dias de hoje sem que imaginemos a freqüência, que o primeiro contato com a punição corporal seja através de açoitamento com cinto, chicote ou vara: é mais provável que tenha começado com uma "leve" palmadinha no bumbum, um tapinha da mãe ou do pai, e daí por diante. Ou seja, a palmada está contida nas demais formas de punições corporais relatadas, ao mesmo tempo em que a criança, ao desenhar sobre açoitamento no dorso, atesta, através desse modo expressivo, a existência da palmada de outrora. Assim, ao porquê de algumas crianças interpretarem *Palmada* como palmada, enquanto outras retratam *Palmada* através de outras cenas ou temas punitivos corporais domésticos, tem-se que isso parece obviamente remeter-se à história autobiográfica de cada sujeito no tocante às formas pelas quais foi disciplinado/punido corporalmente por seus pais ou responsáveis. Ao que parece, e conforme indicado pela pela literatura científica sobre VDCA e PCDCA, embora algumas crianças iniciem cedo suas experiências domésticas com as punições corporais consideradas "imoderadas", "severas", ou "cruéis' , podendo ocasionar danos físicos e/ou psíquicos irreversíveis, é mais corriqueiro uma progressão da intensidade, freqüências e formas de bater em uma criança, indo "desde um simples tapa até o espancamento fatal, representando um só

continuum de violência" (NEWELL, 1989, Apud AZEVEDO; GUERRA, 2001a). Ou seja, quando a criança retrata uma cena de açoitamento ou chinelada sob *Palmada*, entendemos, é porque a palmada já esteve presente em sua história de vida familiar, progredindo a outras estratégias disciplinares. É por isso que, para efeitos de análise, consideramos que a experiência da palmada está contida em outras formas de punições corporais, consideradas como mais duras. São produções que não fazem referência à palmada *strictu sensu*, mas sim a outras formas e instrumentos disciplinares, modos de punições corporais e violência física contra a criança.

Ora, tal aparente problema pode ser pensado de duas formas: trata-se de um problema enfrentado pela da Comissão Julgadora do Concurso de Desenho, que no tocante ao critério da *adequação temática proposta* avaliou ser pertinente uma Produção que retrata açoitamento ou chienelada sob a consigna *Palmada*. Mas isto seria reduzir a riqueza do expresso nas Produções: entendemos, pois, frizamos, que a palmada é apenas uma das formas de punição corporal sofridas na infância, e que a criança extrapola em sua criação o tema *Palmada* pois, em sua autobiografia de disciplinamento doméstico, as experiências de apanhar do pai ou da mãe são múltiplas, não esgotando-se na palmada. E, nesse sentido ainda, ao anunciar *"Vou te dar umas palmadas!"*, os pais estão na verdade dizendo ao filhos: *"Vou te bater, conforme convier ao momento, situação, 'crime-delito' cometido, e meu estado de ânimo na ocasião, etc."* Portanto, a denominação *palmada* para a violência de pais contra filhos parece ser antes uma razão eufêmica do que mera expressão da força de um hábito lingüístico. Como a palmada é permitida socialmente, é mais fácil assumí-la, mas não à *cintada, varada, vassourada, tabefe, soco, beliscão, humilhação, terror* e *tortura*. É de certa forma até confortável para um pai ou uma mãe justificar-se das "palmadinhas" que eventualmente dá em seus filhos, mas é pouco provável que assuma e defenda publicamente - diante de amigos, professores, numa reunião de pais, perante um juiz, delegado ou conselheiro tutelar - que além

das palmadinhas, também " eventualmente" açoita, chuta, dá soco, chacoalha, humilha, xinga, põe pra fora de casa, explora, etc. Trata-se, portanto, de uma (des)razão eufêmica cínica, dissimuladora da realidade dos fatos cotidianos domésticos, marcada por relações de violência e agressões de pais contra seus filhos.

Compreendemos também que os diversos *sentidos* que as crianças associam às palmadas fazem parte do mesmo campo semântico no universo infantil, isto é, confundem-se na história autobiográfica de disciplinamento/punição corporal doméstica. É por isso que, sob o signo Palmada, as crianças representam cenas envolvendo temas diversos. É como se dissessem: "*Vejam, levamos palmadas mas também sofremos isso!*"

Cada cultura concebe, pois, formas punitivas (meios e modos) para domesticar ou "aquebrantar" suas crianças, objetivo primordial da *pedagogia despótica.* Quais seriam, pois, as formas predominantes da PCDCA presentes na cultura ético-disciplinar doméstica brasileira?

Quadro 6. Meios e modos punitivos corporais.

1. Produções referentes à palmada *stricto sensu.*	N=30 [PRODUÇÕES: 2, 9, 12, 17, 22, 25, 32, 36, 42, 44, 52, 53, 54, 55, 56, 63, 65, 67, 68, 71, 72, 74, 75, 79, 80, 82, 84, 86, 91, 92].	Referência explícita à palmada através do desenho e/ou legendas. A mão espalmada aparece como freqüente ícone da palmada, ou mão para trás, protegendo as nádegas, indicando que esta foi batida. Exclui as outras formas (meios e modos) de punições corporais, como a chinelada, a cintada, o açoite etc.
2. Modo punitivo corporal não especificado.	N= 35 [PRODUÇÕES: 1, 6, 10, 11, 13, 14, 19, 21, 24, 27, 31, 34, 35, 37, 38, 40, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 57, 58, 59, 60, 66, 69, 70, 76, 81, 85, 88, 90]	Produções que não explicitam a forma de punição corporal, embora podendo-se referir à palmada como resposta "natural" ao enquadre temático do Concurso *Crescer Sem Palmada.* Entretanto, preferimos analisar tais Produções como um grupo a parte, uma vez que não podemos garantir que o sujeito realmente estava pensando em palmada em sentido estrito e não em cintada, chinelada, etc. quando compôs seu desenho. Mas, certamente um número significativo dessas produções podem ser sobre palmadas *strictu sensu.* Entretanto não devemos afirmar o que não é absolutamente claro e explícito, para não parecermos tendenciosos a ver isso ou aquilo.

3. Produções sobre CINTADA.	**N=17** [PRODUÇÕES: 4, 5, 7, 18, 20, 23, 29, 39, 42, 53, 56, 62, 73, 77, 78, 83, 89]	Produções nas quais o personagem punidor (pai, mãe, madrinha, homem, mulher, etc) empunha um cinto ou cinturão próximo ou em direção ao corpo do personagem punido, ou está desferindo golpes com o cinto em direção ao corpo ou nádegas do personagem punido (criança, filho, filha, menino, menina, etc). Ou explicito através das legendas escritas.
4. Produções sobre TAPAS, "MÃOZADA" ou GOLPES com a mão (excetuando-se as palmadas).	**N=9** [PRODUÇÃO: 3, 8, 16, 28, 33, 45, 53, 61, 90]	Explícita através das legendas escritas, ou figuração da mão em direção ou defronte a criança, mas sem haver indicações precisas sobre em que parte do corpo incidiu ou incidirá o golpe.
5. Produções sobre CHINELADA	**N=6** [PRODUÇÕES: 15, 41, 53, 64, 71, 87]	Produções nas quais o personagem punidor (pai, mãe, madrinha, homem, mulher etc) empunha um chinelo ou tamanco próximo ou em direção ao corpo ou nádegas do personagem punido (criança, filho, filha, menino, menina, etc), ou o chinelo aparece como ícone da chinelada. Ou explícita através das legendas escritas.
6. Produções sobre SURRA CRUENTA	**N=4** [PRODUÇÕES: 5, 30, 35, 53]	Produções nas quais aparecem hematomas, ferimentos e/ou sangue escorrendo do corpo da criança punida. Ou crueldade explícita através das legendas escritas.
7. Produção sobre AÇOITAMENTO COM CHICOTE	**N=1** [PRODUÇÃO :53]	Produções nas quais o personagem punidor (pai, mãe, madrinha, homem, mulher etc) está desferindo golpes de chicote em direção ao corpo ou nádegas do personagem punido (criança, filho, filha, menino, menina, etc). Ou explícito através das legendas escritas.
8. Produção sobre Açoitamento com FIO ELÉTRICO, ou mesmo eletrochoque	**N=1** [PRODUÇÃO: 53]	Explícita através das legendas escritas específicas sobre *fio, fio elétrico, fio de luz, choque*, ou figuração de fio elétrico, tomada elétrica.
9. Produção sobre VARADA	**N=1** [PRODUÇÃO: 30]	Explícitas através das legendas escritas específicas sobre *vara, varada, varinha*, etc., ou figuração de uma *vara* em direção ou defronte a criança, ou incidindo sobre seu corpo.
10. Produção GOLPE COM OS PÉS	**N=1** [PRODUÇÃO: 26]	Explícita através das legendas escritas específicas sobre *pontapé no traseiro, chute na bunda, pé na bunda, pernada, botada* ou figuração do pé ou perna, botada em direção ou incidindo sobre as nádegas da criança.
11. Produção sobre uso de PALMATÓRIA	**N=1** [PRODUÇÃO: 53]	Explícita através das legendas específicas sobre *palmatória, raquetada, paulada na mão,* ou figuração de palmatória ou raquete de madeira, como uma colher de pau, em direção ou incidindo sobre o corpo da criança.

Nota: Cada Produção pode constar em distintos temas, pois a imagem é sempre polissêmica.
Obs: Entendemos por meios e modos punitivos corporais domésticos todas as variações técnicas e instrumentais das quais os pais se valem para atingir o corpo da criança.

Percebe-se, a partir do Quadro 6, que os meios e modos da PCDCA mais freqüentes utilizados por pais e mães brasileiros são, nessa ordem, a palmada (32,60%), a cintada (18,47%), golpes com a mão aberta ou fechada (9,78%), a chinelada (6,52%), a surra cruenta (4,34%) e, as demais formas mencionadas no Quadro 6. Notamos a presença de práticas e instrumentos acestrais da *cultura brasileira do bater*, como o açoitamento, a varada e a tradicional palmatória; e também instrumentos contemporâneos para bater: bater com fio elétrico, ou bater de sandália Havaianas, ou de raquete de ping-pong, e assim por diante. A tecnologia punitiva sempre de adapta aos objetos ou engenhos disponíveis em seu tempo.

As punições corporais contra crianças e adolescentes, no Brasil, restringem-se ao âmbito doméstico ou os pais exercem esse pretenso direito também em situações públicas?

Quadro 7. Enquadre do cenário da Produção.

Cenário privado	**N=33** [PRODUÇÕES : 5, 7, 15, 16, 17, 20, 24, 25, 33, 37, 38, 41, 49, 50, 51, 54, 55, 59, 60*, 62, 64, 65, 66, 69, 77, 78, 79, 81, 83, 85, 86, 90, 92]	Ambiente doméstico, interno à casa (esfera privada), ou sugestivo de ambiente fechado, presença de portas, etc.
Cenário público	**N=26** [PRODUÇÕES:1, 2; 3, 4, 9, 11, 12, 13, 18, 21, 23, 26, 27, 30, 32, 35, 39, 42, 43, 44, 45, 58, 60*, 80, 84, 89]	Ambiente não-doméstico, externo à casa (esfera pública), na natureza ou a "céu aberto".
Não aplicável – *"paisagem do corpo", estado subjetivo*	**N=19** [PRODUÇÕES: 6, 10, 19, 28, 31, 40, 56, 57, 63, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 82, 88, 91]	Produção sobre estado ou cenário interno, de como se sente *(cenário interno, "paisagem corporal", estado subjetivo).*
Cenário incerto	**N=14** [PRODUÇÕES : 8, 14, 22, 29, 34, 36, 46, 47, 48, 52, 53, 61, 68, 87]	Ambiente não-identificável
Não aplicável – *produção icônica*	**N=1** [PRODUÇÕES: 67]	Produção *icônica***(palma da mão riscada por um X, etc.).

Nota: Por *enquadre do cenário da Produção* entende-se o *locus* ou o *contexto* no qual o agente punido, isso é, a criança se insere ao compor sua obra, com todos os símbolos expressivos utilizados para retratação de objetos, seres (naturais e sobrenaturais) e relações circundantes. *A Produção 60 tem duplo enquadre pois ocorre em casa mas é ouvida de fora da casa **Entendemos por Produção *icônica* aquela construída por signos em que a relação entre o significante e o significado é de semelhança, representação pictórica ou reprodução.

Embora seja predominante a punição corporal doméstica, isto é, o bater nos filhos em casa (35,86% dos cenários identificados), apanhar em público, fora da esfera privada, parece ser também bastante comum no Brasil (28,26% dos cenários identificados), e conta com a indiferença ou omissão dos espectadores de ocasião, que costumam não interferir nas cenas conflituosas envolvendo punições corporais protagonizadas por pais e filhos em público - talvez por concordância com a atitude dos pais, ou para não constrangerem os pais, ou porque estão constrangidos e fingem não ver.

Para a criança mais velha, conforme demonstraremos, apanhar em público é sempre uma experiência mais constrangedora do que apanhar em casa, isso porque já possuem o sentido da preservação da auto-imagem mais desenvolvido, e sentem portanto mais vergonha quando expostos à punição corporal em público. Chamou-nos a atenção produções que focalizam o cenário interno ou a paisagem afetiva do corpo (20,65%).

Em termos da rememoração, o que afeta mais os sentidos da criança que apanha dos pais: o ato mesmo de apanhar, ou o estado desencadeado pós-surra? Ou será ainda que o anúncio mesmo da surra é mais impressionante? Para responder a tais questões, analisamos as Produções sob o enquadre temporal da criação.

Quadro 8. Enquadre temporal da Produção.

Cena pós-punitiva	**N=54** [PRODUÇÕES: 1,2, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 40, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 61, 63, 65, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 79, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 89, 92]	Produção da cena após concluída a punição corporal, revelando o estado do ser punido ou as conseqüências da punição já concretizada.
Cena presente de punição corporal	**N=25** [PRODUÇÕES: 3, 5, 7, 8, 18, 20, 23, 26, 30, 36, 39, 41, 42, 44, 45, 53, 54, 60, 62, 64, 67,73, 77, 80, 87]	Produção da cena mesma punitiva, no momento em que se realiza a ação do agente punidor sobre a criança.

Cena pré-punitiva de punição corporal	N=8 [PRODUÇÕES: 4, 33, 66, 68, 69, 78, 83, 90]	Produção da cena imediatamente anterior à cena punitiva propriamente; punição iminente e/ou anunciada imperativamente.
Cena composta ou mista	N=4 [PRODUÇÕES: 15, 29, 59, 91]	Produção da cena em diferentes momentos temporais: antes ou durante a punição (pré-punitiva ou punitiva) e após concluída a punição (pós-punitiva)
Não identificável	N=1 [PRODUÇÕES: 28]	Produção sem indicação temporal, escrita ou imagética.

Nota: Levou-se em consideração os tempos verbais utilizados nas legendas bem como os desenhos propriamente.

Os dados apontam que o estado anímico-corporal ou afetivo subseqüente à experiência de apanhar dos pais é mais marcante do que a própria cena punitiva em si: a maioria das Produções (58,70%) expressa cenas pós-punitivas, enquanto que 27,18% expressam cenas do momento presente da punição corporal. O que se sente *depois* parece ser mesmo pior do que a dor momentânea do corpo batido. Dessa forma, podemos afirmar que a "dor psicológica" proveniente da punição corporal supera a própria dor física, em se tratando de crianças da faixa dos 9 aos 12 anos de idade. Temos ainda que cerca de 8,69% das Produções fixam a cena imediatamente anterior à punição corporal. O próprio anúncio dos pais de que a criança será batida configura-se já como *violência psicológica,* uma espécie de *terror*. Há ainda, em um menor número de Produções (4,35%) que denominamos de compostas ou mistas quanto ao enquadre temporal, que expressam diferentes tempos do vivido, como estratégia criativa para marcar a diferença de estados afetivos antes e depois (ou durante) da palmada.

Na cultura brasileira, a prática doméstica de bater nos filhos é exercida tanto pelo pai quanto pela mãe, ou por ambos, em concordância. Entretanto, haverá alguma predominância quanto ao gênero do sujeito punidor? Nossa análise aponta para um certo equilíbrio entre pais e mães como perpetradores da PCDCA: ambos batem.

Quadro 9. Predominância entre pai ou mãe como agente punidor.

Agente punidor não representado	**N= 42** [PRODUÇÕES: 1, 6, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 19, 21, 24, 25, 27, 32, 37, 40, 43, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 58, 61, 63, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 79, 81, 82, 86, 87, 88, 91]	Impossível indentificar, ausência de especificação.
Figura feminina como agente punidora	**N= 22** [PRODUÇÕES: 5, 12, 15, 18, 29, 30, 33, 36, 38, 41, 42, 44, 49, 54, 56, 59, 60, 64, 66, 80, 85, 89]	Mãe, madrasta, avó, irmã, tia, madrinha, mulher.
Figura masculina como agente punidor	**N= 20** [PRODUÇÕES: 2, 3, 4, 7, 8, 16, 20, 23, 26, 28, 31, 39, 45, 53, 62, 69, 73, 77, 83, 92]	Pai, padrasto, avô, tio, irmão, padrinho, homem.
Figuras masculina e feminina como agentes punidores	**N= 8** [PRODUÇÕES: 22, 34, 35, 55, 57, 78, 84, 90]	Ambas representações ao mesmo tempo; referência aos pais, pai e mãe, etc.

Obs: Levou-se em consideração a caracterização dos personagens, como presença de cabelos longos, seios, saias (caracterizações de gênero) e as legendas específicas, quando presentes.

A mãe é figurada como quem bate em 23,91% das Produções, e o pai em 21,73%. Somam-se a estas percentagens mais 8,69% de Produções que expressam o pai e a mãe como os agentes punidores. Chamou-nos ainda a atenção que em um grande número de Produções (45,65%), quase metade do *Corpus*, não foi possível identificar o agente punidor. Levantamos duas hipóteses explicativas: ou porque a criança quis, consciente ou inconscientemente, preservar a figura do pai ou da mãe, ou porque como são os dois que batem, pai e mãe, e portanto não haveria razão para distinguí-los. Entretanto, cabe lembrar, não foi solicitado à criança que revelasse de quem ela mais apanha em casa.

Os motivos pelos quais os pais alegam bater em seus filhos são vários, há múltiplas razões. Mas, será que as crianças sabem porque apanham? Quais os motivos que relatam como causas desencadeadoras das punições corporais? Vejamos o Quadro 10.

Quadro 10. Motivos ou circunstâncias desencadeadoras da PCDCA.

MOTIVOS DESENCADEADORES	PRODUÇÕES
Motivo não mencionado.	N= 65 [PRODUÇÕES: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53,55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 65, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 81,87, 88, 89, 91, 92]
Bater sem motivo, sem necessidade, "sem precisão" (*apanhar sem motivo*).	N=4 [PRODUÇÕES: 8, 29, 39, 82]
Ser "abusado", "danado", "aprontar alguma", "fazer arte" (*apanhar por possuir algum atributo negativo*).	N= 4 [PRODUÇÕES: 42, 54, 60, 64]
Para ajudar, para o próprio bem, como demostranção de cuidado e amor (*apanhar como demonstração de amor*).	N= 4 [PRODUÇÕES: 40, 68, 79, 84]
Fazer coisa errada, desaprovada ou proibida pelos pais (*apanhar por desobediência e erro*).	N= 3 [PRODUÇÕES: 12, 15, 44]
Quebrar, sem intenção, algum objeto doméstico (*apanhar por dar prejuízo*).	N=3 [PRODUÇÕES: 33, 66, 86]
Maldade, monstruosidade ou satisfação cruel do pai ou da mãe (*apanhar por sadismo dos pais*).	N= 2 [PRODUÇÕES: 78, 85]
Tirar notas baixas no boletim escolar (*apanhar por fracassar na escola*).	N=2 [PRODUÇÕES:83, 90]
Falar palavrões, xingamentos (*apanhar por "ter a boca suja"*).	N=2 [PRODUÇÕES: 59, 76]
Brigar na escola (*apanhar por bater*).	N=1 [PRODUÇÕES: 80]
Brigar com o irmão (*apanhar por bater*).	N=1 [PRODUÇÕES: 69]
Não cumprir uma tarefa solicitada pelos pais (*apanhar por ser incompetente*).	N=1 [PRODUÇÕES: 35]

Obs: Considerou-se que os motivos estão expressos tanto na composição das cenas quanto nas legendas escritas.

Porque, então, os pais batem, na ótica da criança que apanha, isto é, o que fica para a criança da experiência pretensamente educativa de apanhar? Não surpreende-nos que a maioria das crianças (70,65%) não sabe exatamente porque estão apanhando, qual a causa do infortúnio. Claro que, alguém poderia argumentar com razão que a consigna proposta aos

sujeitos não focalizava tal questão, isto é, não foi solicitado à criança que desenhasse sobre os motivos pelos quais apanhou do pai ou da mãe. De qualquer forma, é fato que muitas crianças, quando apanham do pai ou da mãe, não têm claro para si mesmas porque estão sendo batidas - não há estabelecimento aparente de nexo entre "fiz isso de errado" e "por isso estou sendo punido". Ora, se isso ocorre é porque a punição não foi educativa ou construtiva, não propiciou à criança aprendizagem e reconhecimento do erro, nem tampouco permitiu à criança ter uma atitude reparatório, no sentido de fazer um certo bem a um mal que causou, com ou sem intenção; neste caso a punição cumpriu apenas uma função expiatória, de causar dor ou desconforto à criança, ou uma função catártica, a fim de aliviar o *stress* emocional dos pais.

Nas cerca de 30% das Produções onde identificamos os motivos desencadeadores da PCDCA, foram mencionados ou expressos pelas crianças dez motivos, sendo os mais freqüentes, nesta ordem: *apanhar por possuir algum atributo negativo, apanhar como demonstração de amor dos pais, apanhar por desobediência e erro, apanhar por dar prejuízo, apanhar por sadismo dos pais, apanhar por fracassar na escola, e apanhar por falar palavrões e brigar.*

Assim, encerramos nossa aproximação inicial do *Corpus*, por intermédio da *análise de conteúdo temática.* Passemos agora à AC *categorial.*

5.3. Resultados da *análise de conteúdo categorial*

A função desta análise é buscar nas Produções a confirmação ou não da nossa hipótese, isto é, de que para crianças brasileiras (9 a 12 anos) a palmada é predominantemente sentida e vivida como um mal, uma vez que algumas Produções revelam aspectos da internalização e assimilação do discurso disciplinar punitivo paterno, o que nos força a manter a ambigüidade analítica.

Do ponto de vista da AC *categorial*, mostrou-se interessante construirmos quadros sínteses com os resultados das análises provenientes da "chave de leitura" dos indicadores listados sobre *Palmada* e *Sensações, Emoções* e *Sentimentos Sócio-Morais*. Aqui os apresentaremos com os resultados da *análise categorial* realizada, a partir da lista de índices, categorias e indicadores tais como previamente definidos na subseção 4.5.2.2[102].

Mas antes, duas outras notas metodológicas explicativas. Entendemos que o referencial teórico torna-se útil não só como balizador para a construção teórica, mas também deve iluminar caminhos ou possibilidades interpretativas. Assim, ao longo da análise/interpretação dos dados retomaremos definições teóricas a fim de sustentar direções analíticas assumidas. E, definimos que a presença de qualquer um dos *indicadores* categoriais é suficiente para sustentar a inclusão de uma Produção em determinada categoria, mas consideramos que quanto maior o número de indicadores de determinada categoria presentes em uma Produção, obviamente maior será a força ou o grau de afetação pela sensação, emoção ou sentimento considerado. Ao escolhermos e reapresentarmos Produções paradigmáticas categoriais, levamos em conta essa questão.

---

[102] Decidimos manter preservado, em Apêndice Metodológico, o processo de aplicação da grade de indicadores para cada Produção.

TABELA 6 - Freqüência de aparição de *Dor*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	6/11	5/10	11/17	8/12
Feminino	4/6	8/13	9/14	8/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

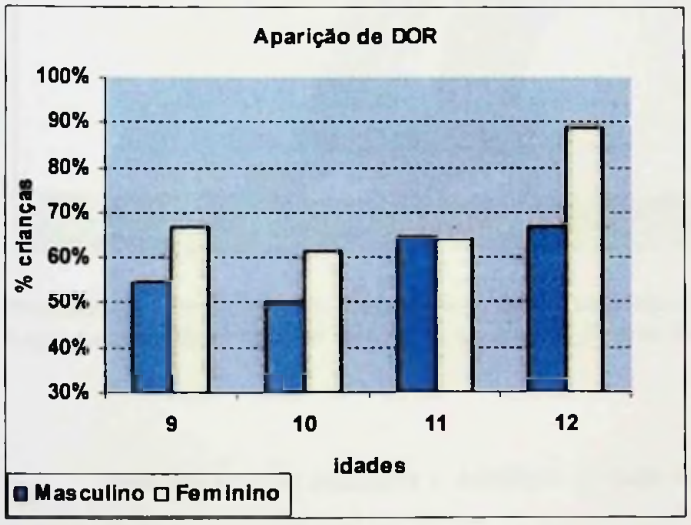


Gráfico 2 - Porcentagem de aparição de dor, por sexo e idade

Elegemos a Produção P64 como paradigmática da sensação de dor, por reunir todos os indicadores listados.

Produção 64 - Feminino, 11 anos, 5ª, série, estado de Minas Gerais.
Legenda específica: ***"Minha mãe me bateu quando fiz arte. Doeu muito. Ficou doendo muito tempo."***

Percebe-se que meninos e meninas sentem em sua maioria dor ao apanhar (índice de aparição categorial em todas as idades e gêneros acima de 50%). O incremento na sensação de dor, a partir dos 11 e 12 anos, em meninas e meninos, pode ser explicado, conforme assinalado na literatura científica, pelo aumento da severidade física com que os pais punem corporalmente os filhos de mais idade. Parece ainda que nas meninas a lembrança do aspecto da dor física ao apanhar seja mais fundamental no processo de *atribuição de sentidos* a tais experiências. Mas, se aos meninos estão destinadas punições mais severas, porque então as meninas expressam sentir mais dor? Talvez a menina como que se convalesça mais ao apanhar. Cremos haver aqui uma decorrência da influência da educação da afetividade relacionada ao gênero da criança. A mulher sente como mais doloroso apanhar, embora os homens apanhem com mais força. Ou haveria aí algo relacionado à constituição biológica (muscular, óssea, etc.) do corpo masculino e feminino? De qualquer modo, meninas mais velhas sentem na maioria das vezes dor ao apanhar do pai ou da mãe. Uma já adolescente de

12 anos pode sentir dor física devido mesmo à intensidade punitiva. Entretanto, parece que é a dor moral, psicológica, que predomina no cenário afetivo para atribuir a quantificação da dor como elemento subjetivo da experiência objetiva de apanhar dos pais aos 12 anos de idade.

Nas Produções P6 e P8 não foi possível identificar a sensação de dor, pois em ambas está ausente a representação de si mesmo; para ser mais exato, na P8 a representação de si se faz a partir da presença de um braço que se protege: se, entretanto, não há dor, há medo, e o forte golpe (ver expressão muscular e facial do agente agressor), quando incidir sobre a criança que tenta proteger-se, certamente causará grande dor física.

TABELA 7 - Freqüência de aparição de *Prazer*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	0/11	1/10	0/17	1/12
Feminino	0/6	2/13	0/14	0/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

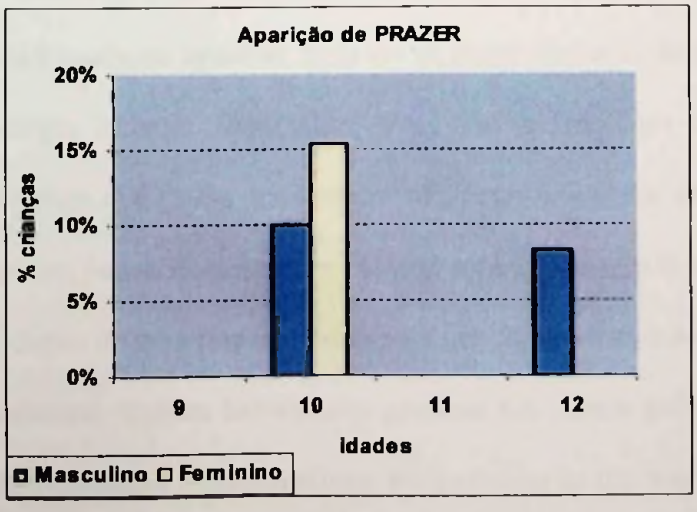


Gráfico 3 - Porcentagem de aparição de prazer, por sexo e idade

Dada natureza da experiência de apanhar, o prazer presente é sempre relativo, ambivalente, pois envolvido por certo desprazer, mal-estar e tristeza. Esse suposto prazer aparece então sempre acompanhado de um desprazer ou dor, ou de um estado de mal-estar. As duas sensações, *dor* e *prazer*, aparecem às vezes e ao mesmo tempo em algumas Produções, provenientes de mesma causa, isto é, da experiência de apanhar.

A sensação de prazer ao apanhar do pai ou da mãe foi pouco expressa considerando-se o número total das Produções (4 em 92, ou 4,34%). Mas, por ser um fenômeno bastante significativo, tentamos compreendê-lo.

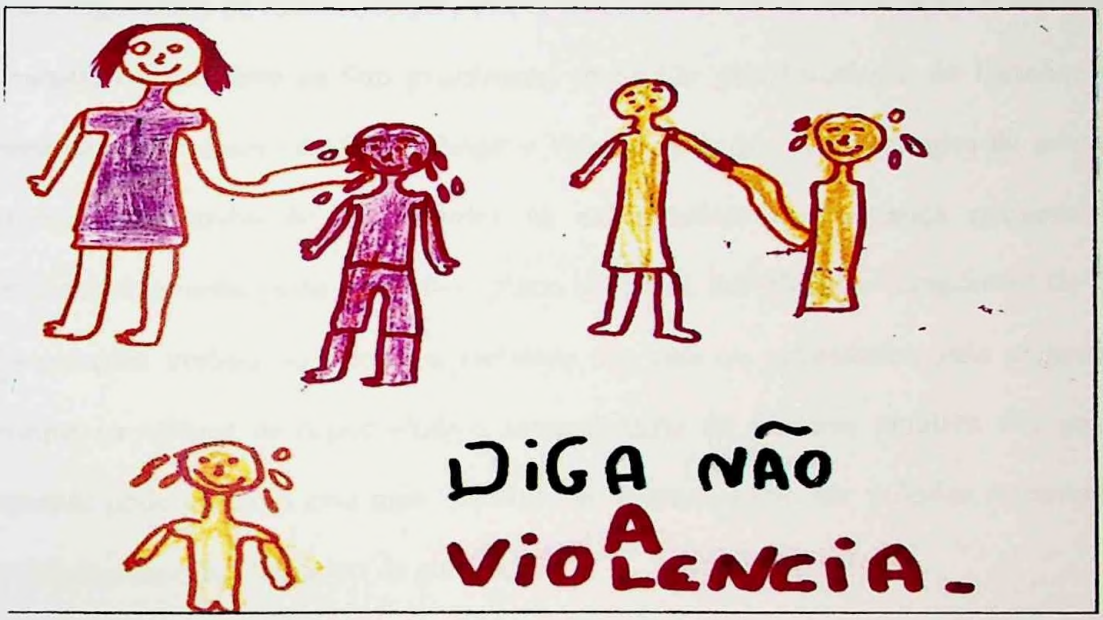
No sentido psicológico, esta ambivalência afetiva trata-se de um estado de quem experimenta ao mesmo tempo, numa determinada situação, sentimentos opostos. No sentido filosófico espinosano pode ser dito como sentimento ou afecção de *flutuação da alma,* quando o corpo e a mente são afetados por forças contrárias, que "travam em nós" intenso combate, afetando nossa potência de ser, agir, pensar e existir (o *conatus*), aumentado-a ou diminuindo-a. Este estado de *fluctuatio animi,* por ser confusional, sempre diminui a potência de quem o experimenta.[103]

Podemos aventar que se encontrássemos nalguma Produção somente expressão de prazer relacionada ao apanhar seria de se supor tratar-se de um quadro revelador de grande psicopatologia infantil. Entretanto, isso não ocorre com nossos sujeitos, e sempre que expressam algo que possa ser interpretado como indicador de prazer expressam junto signos do seu oposto, isto é, do desprazer, do mal-estar, da angústia e da tristeza.

É digno de nota que consideramos que todos os sujeitos produtores do *Corpus,* à época que desenharam, tinham habilidades gráficas suficientes para retratarem estados emocionais, sentimentos ou cenas representativas, e a presença de um sorriso entre lágrimas e dor deve ser entendido como uma representação intencional da criança, revelando certo prazer, alegria ou contentamento na situação, em meio à dor e tristeza. Não é tampouco mero lapso do

[103] Discorremos teoricamente sobre a *flutuação da alma* em notas anteriores – rever Notas 84 e 86.

desenhista. Há produções, entretanto, que podem em parte ser explicadas sob o ponto de vista de uma inabilidade em desenhar inapropriada para a idade ou nível de escolarização da criança. É o que ocorre com a Produção 29, que escolhemos como paradigmática do prazer de apanhar.



Produção 29 - Menina, 10 anos, 5ª. Série, Estado do Ceará.
Legenda específica: *"Quer dizer que não podemos bater nos filhos sem precisão. Acho isso uma injustiça muito grande".* Legendas no espaço do desenho: *"DIGA NÃO A VIOLENCIA."*

Entretanto, podemos afirmar que na Produção 29 trata-se de um caso de pouco desenvolvimento da habilidade de desenhar da criança, devido à ausência de membros num dos personagens, ausência de linha de solo, etc, ou mesmo de transtorno mental grave ou pouca inteligência? Cremos que não, pois entendemos essas "falhas" como a própria expressão conflituosa do evento punitivo, experiência desorganizadora do psiquismo infantil. Podemos ainda aventar que o riso expresso em personagens desta mesma Produção revela cinismo? Podemos conjeturar que sim, pois para a criança a atitude materna pode parecer extremamente cínica – e a própria mãe pode deleitar-se ao bater na filha -, assim como a própria criança que apanha pode assumir uma postura "estóica", no sentido de suportar a punição sabendo, entretanto, que não mudará sua atitude ou comportamento, ou mesmo partir

para uma afronta cínica do tipo "*não doeu nada!*", embora o que se afirme seja falso, posto que doeu.

Quanto menor a idade da criança, menor a freqüência de expressão de sentir prazer ao apanhar dos pais. Ou seja, para a criança pequena apanhar é invariavelmente um mal, posto que a capacidade de racionalização, isto é, de internalização e assimilação da cultura, é mais limitada. Isso se deve ao fato psicológico conhecido pela Psicologia do Desenvolvimento, presente em diversos estudos de Piaget e Vygotsky, de que como a lógica de pensamento e processo de *atribuição de sentidos* às experiências é na criança pequena marcado predominantemente pelas sensações (plano sensorial, das afetações corpóreas) do que pelas formulações verbais ou discursos racionais dos pais ou autoridades. Isso explicaria ainda porque na criança de maior idade a internalização do discurso punitivo dos pais de que apanhar pode ser bom está mais solidificada, fazendo parte das próprias representações de quem apanha - justificadoras da punição.

TABELA 8 - Freqüência de aparição de *Mal-estar*

Idade (anos)	**9**	**10**	**11**	**12**
Masculino	10/11	9/10	17/17	11/12
Feminino	6/6	13/13	14/14	9/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

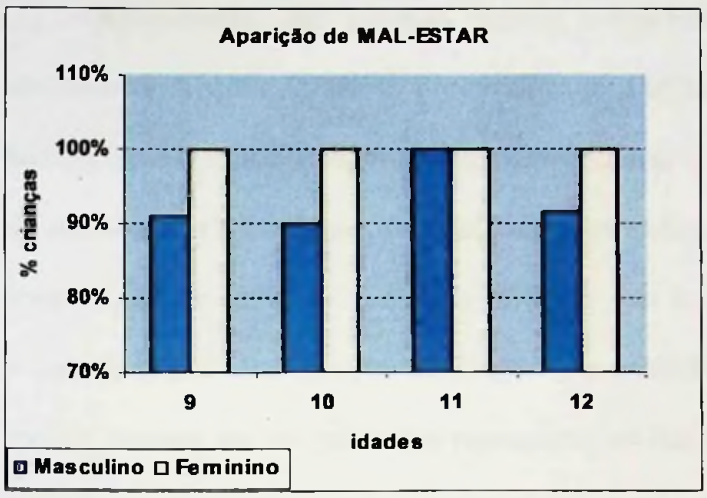
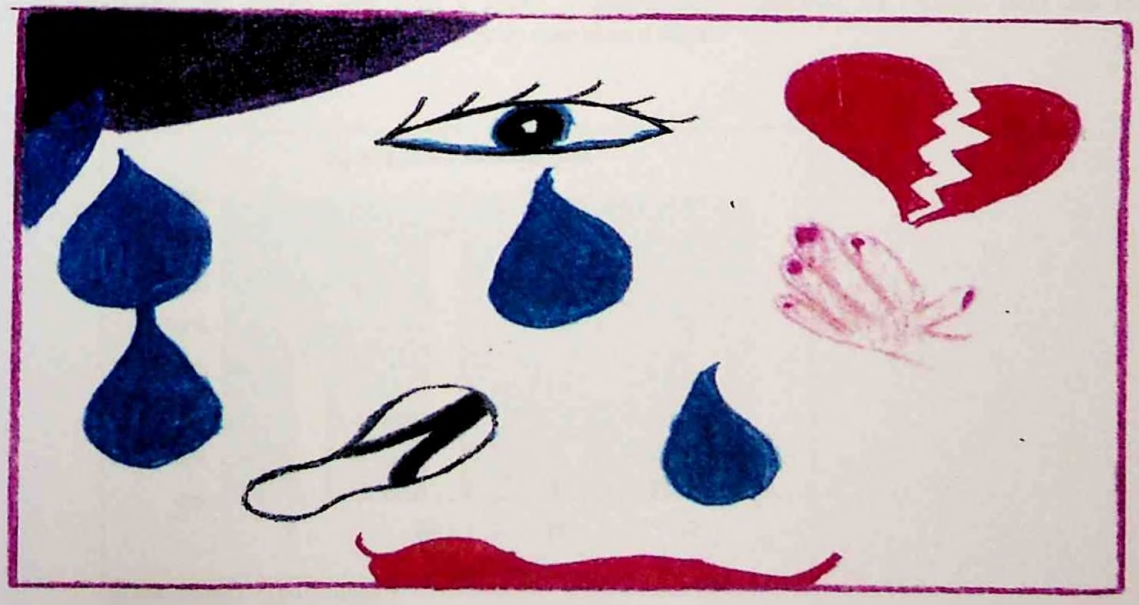


Gráfico 4 - Porcentagem de aparição de mal-estar, por sexo e idade

O mal-estar é sem dúvida a *emoção de fundo* que predomina como efeito da palmada, para ambos os sexos, com porcentagem de aparição acima de 90% para todos os grupos. Parece, entretanto, haver uma afetação maior deste estado emocional sobre as meninas: todas (100%) se sentem predominantemente mal quando apanham do pai ou da mãe.

Destacamos a Produção P 71 como paradigmática da emoção de fundo mal-estar.



Produção 71 - Feminino, 11 anos, estado de São Paulo.
Legenda específica: ***"Este desenho quer dizer tristeza, eu me sinto triste e choro, lembro da palmada, fico com raiva, meu coração parte, e eu me sinto escura por dentro, eu me sinto brava, chateada e triste, muito triste."***

As meninas, sem exceção, sentem e expressam *mal-estar;* os meninos podem não admiti-lo de imediato, devido provavelmente à idéia circulante em nossa cultura de que o homem deve ser forte e suportar a dor sem reclamar – diz-se no vulgo que queixar-se é "*coisa de mulherzinha*". Podemos, de qualquer forma afirmar categoricamente que apanhar causa invariavelmente mal-estar psíquico-corporal, isto é, constrói imagens ou estados corporais negativados por essa *emoção de fundo.* A experiência de apanhar nunca é boa para quem apanha, mesmo que no plano das representações discursivas ou imagéticas o sujeito expresse bem-estar ou contentamento e mesmo gratidão aos pais, conforme veremos, por ser "educado" através das punições corporais.

TABELA 9 - Freqüência de aparição de *Bem-estar*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	0/11	1/10	0/17	2/12
Feminino	1/6	4/13	1/14	2/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

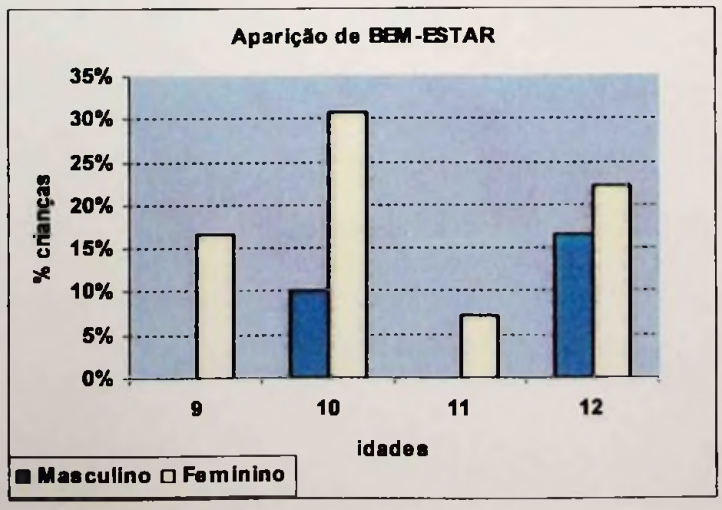
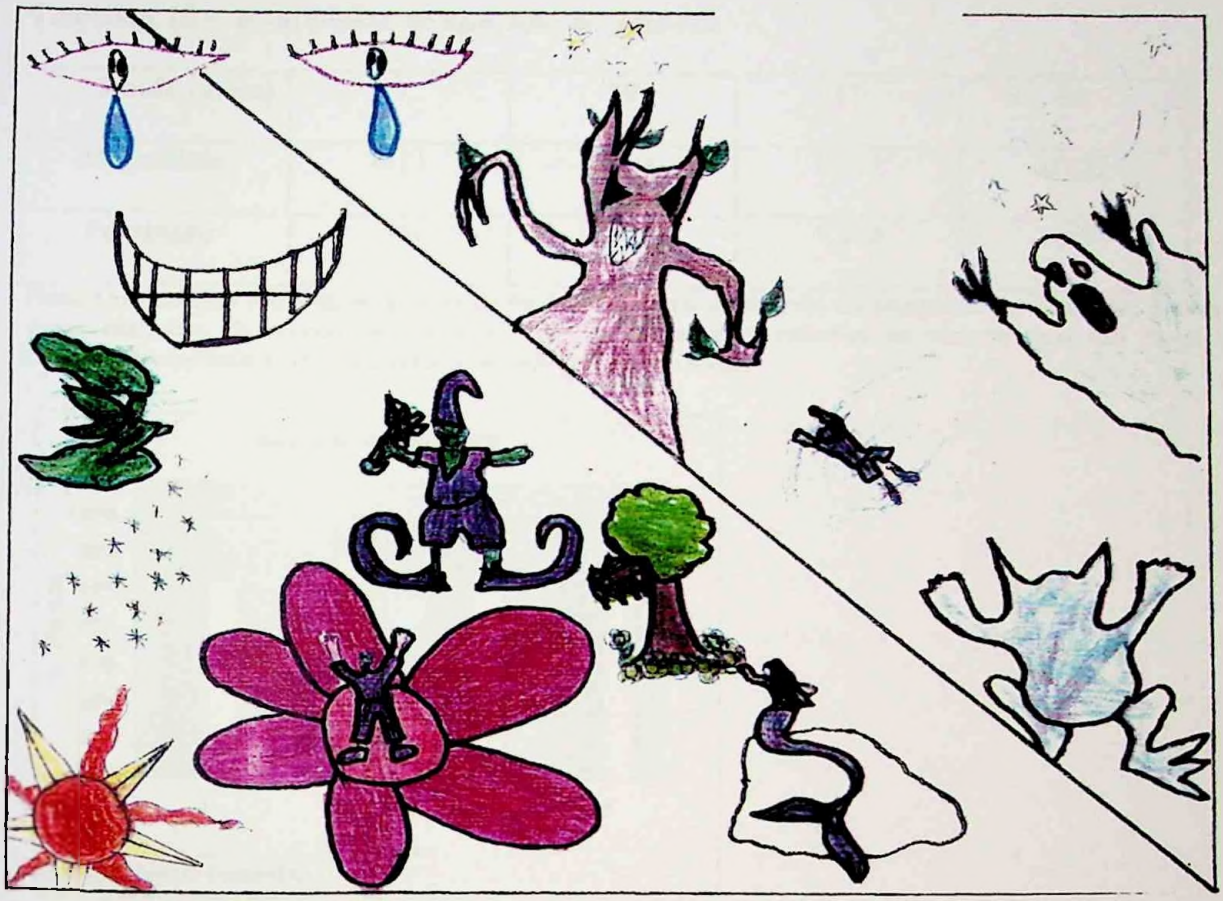


Gráfico 5 - Porcentagem de aparição de bem-estar, por sexo e idade

A incidência geral da aparição de bem-estar foi também relativamente baixa (11,95%), mas mais freqüente do que a aparição de prazer, o que era de se esperar posto que o bem-estar pressupõe o prazer, mas nem sempre o prazer expressa bem-estar. Novamente aqui parece haver a influência de determinações da educação de gênero.

Destacamos parte da Produção P82 (o lado esquerdo) como paradigmática da sensação de bem-estar, embora a análise global da Produção não permita falar em bem-estar propriamente, mas sim em alguma cisão de natureza tal a negar a realidade dolorosa, buscando extrair algum conforto ou bem-estar. Assim, uma maior capacidade de preservar certo bem-estar interno ao apanhar parece estar presente com maior freqüência nas meninas.



Produção 82 - Masculino, 12 anos, 6ª. série, estado do Acre.
Legenda específica: ***"Do lado da noite, simboliza que as vezes não mereci levar palmada e pareço estar num pesadelo sem fim. Do lado de dia, sei que mereci levar palmada e por isso pareço estar em um lugar mágico."***

Também, através de Espinosa, podemos entender que ao imaginar algo ruim, que tende a diminuir a potência do *conatus* ou bloquear a *expansão de si*, a própria "alma" esforça-se por imaginar algo contrário, que amenize a tristeza ou dor, a partir da geração de idéias ou imagens boas ou de alegria, como uma espécie de mecanismo de preservação do ser, ou do *conatus*. Ainda em termos espinosanos, da preservação e expansão do *conatus*, talvez possamos considerar o estado de *flutuação da alma* como ainda revelador de mais potência do que um estado marcado somente por forças afetivas derivadas da tristeza: ainda é sinal de um esforço de auto-preservação.

TABELA 10 - Freqüência de aparição de *Tristeza*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	8/11	5/10	16/17	10/12
Feminino	5/6	13/13	12/14	8/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

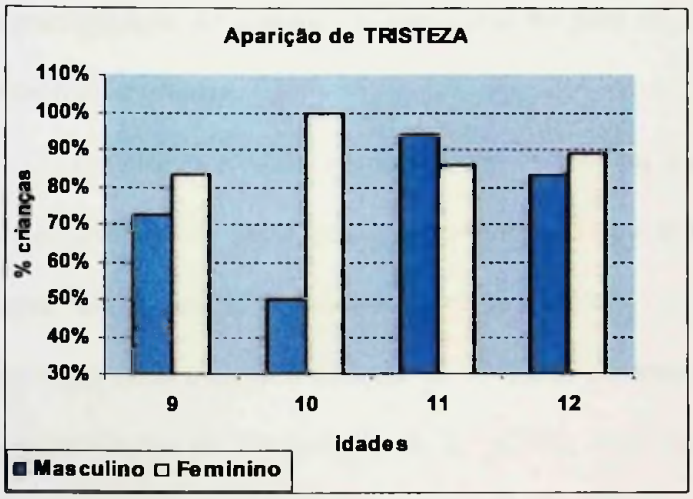
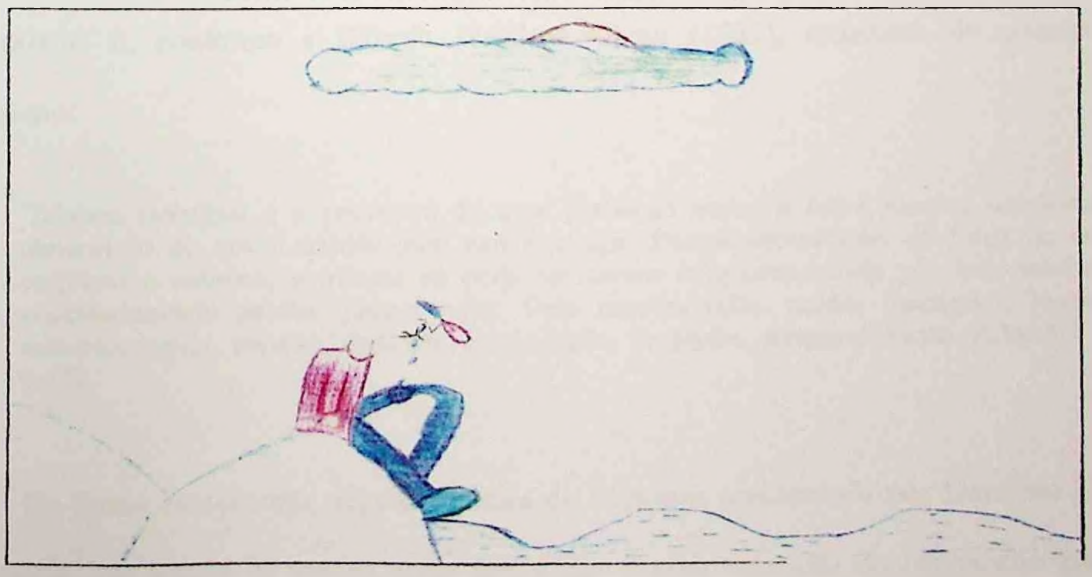


Gráfico 6 - Porcentagem de aparição de tristeza, por sexo e idade

Destacamos a Produção P11 como paradigmática da tristeza.



Produção 11 - Masculino, 9 anos, 4ª. Série, estado de São Paulo. Legenda específica: *"Quando eu apanho eu fico triste e choro."*

O índice geral de aparição da emoção tristeza é também bastante elevado (83,70%) quando os sujeitos atribuem sentidos às experiências autobiográficas punitivas corporais: apanhar dos pais é uma experiência marcada pela tristeza.

As meninas sentem mais tristeza talvez por sentirem mais mal-estar; além disso, ao permitirem-se sentir mais raiva, ódio e revolta, como veremos a seguir, os meninos parecem sentir menor impotência, pois a raiva e a revolta podem gerar energia motivadora ou impulsionadora do *conatus*, mesmo que no pólo da destruição ou vingança, sobrepondo-se então a ira à tristeza.

Entendemos com Espinosa que a tristeza caracteriza-se por esta diminuição das potencialidades de ser e existir, e, portanto, do próprio desenvolvimento, da *expansão de si*. Nesse sentido ainda, "quando uma coisa é afetada de tristeza, nessa medida ela é destruída, e isto tanto mais quanto é afetada de uma tristeza maior [...]" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, *Demonstração* da Proposição XXI, p.188). Segundo leitura espinosana apresentada por Correia de Lira (1996), o encadeamento das paixões tristes e paixões originadas na tristeza depreciam e submetem o *conatus*, diminuindo ou mesmo impedindo sua potência de agir e pensar, e portanto de existir. A redução da liberdade de agir implica diminuição da aptidão para existir. E, conforme a filósofa Marilena Chaui (1987), estudiosa do pensamento espinosano:

> Tristeza (*tristitia*) é a passagem de uma perfeição maior a outra menor, sentimento da diminuição de nossa aptidão para existir e agir. Porque diminuição da força do *conatus* corpóreo e anímico, a tristeza só pode ter causas exteriores sendo por isso intrínseca e necessariamente paixão, jamais ação. Dela nascem ódio, medo, desespero, humildade, remorso, inveja, abjeção, despeito, comiseração, vergonha, arrependimento. (CHAUI, 1987, p.55).

De forma semelhante, segundo leitura de Espinosa apresentada por Damásio (2004), na *tristitia*, "os mapas da mágoa estão associados a uma transição do organismo para um estado de menor perfeição. O poder e a liberdade de agir reduzem-se." (DAMÁSIO, 2004, p.

148). Esse autor apresenta-nos uma evidência científica que bem esclarece o modo de pensamento sob tristeza: "Na condição experimental de tristeza notamos desativações muito significativas do córtex pré-frontal, enquanto na condição experimental de felicidade, notamos a ativação das mesmas regiões [...], um resultado que está bem de acordo com a idéia de que a fluência das idéias está reduzida na tristeza e aumentada durante a felicidade." (DAMÁSIO, 2004, p. 110).

Em termos psicológicos, o desenvolvimento infantil não é favorecido pelo estado de tristeza, pelo contrário, as potencialidades são diminuídas devido a um certo "embotamento" das funções psicológicas (pensamento, memória, imaginação, criatividade, etc.).

TABELA 11 - Freqüência de aparição de *Raiva/Ódio*.

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	2/11	2/10	3/17	5/12
Feminino	0/6	3/13	2/14	4/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

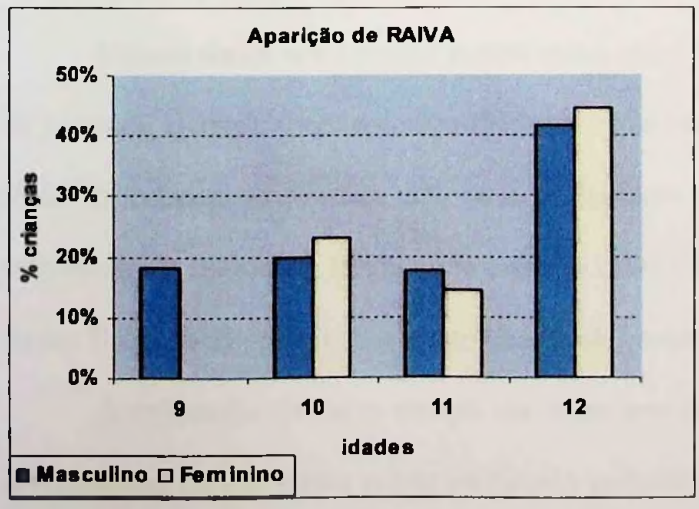


Gráfico 7 - Porcentagem de aparição de raiva, por sexo e idade

Destacamos a Produção P22 como paradigmática da raiva.

Produção 22 - Masculino, 10 anos, 5ª. Série, estado do Paraná.
Legenda específica: *"Eu me sinto muito nervoso quando meu pai e minha mãe me bate."*

A raiva ganhou expressão em 24% das Produções do *Corpus*.

Nossos dados nos levam a pensar que a raiva enquanto reação ou conseqüência afetiva da palmada aparece antes e com maior expressão nos meninos; e ainda que, quanto maior a idade da criança ao apanhar dos pais, maior será seu sentimento de raiva. Ocorre que o sentimento da dignidade ferida pode levar ao estado de raiva, e tal percepção moral para além da dor física se dá posteriormente no desenvolvimento.

A expressão da raiva parece ser mais intensa nos meninos ou por apanharem mais severamente, ou por terem maior permissão cultural para expressarem tal sentimento: afetar-se de raiva não é próprio ao gênero feminino - não se esperam manifestações de raiva entre as mulheres, uma vez que devem comportar-se, conforme a norma cultural, com mais

delicadeza, devem ser compreensivas, afetivas, etc., por "natureza" e de acordo com as representações sociais em torno da construção e dos modos de ser e sentir do sexo feminino.

Odiar é segundo Espinosa *imaginar alguém como causa de tristeza.* Quando a criança passa a odiar o pai ou a mãe devido às punições corporais sofridas, se a afetação por ódio é intensa e de longa data, abrem-se os caminhos para eventos como o parricídio, por exemplo, sobretudo em se tratando de filhos adolescentes. Isso se poderia deduzir da seguinte proposição: "*Aquele que imagina que aquilo que odeia é destruído alegrar-se-á.*" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Proposição XX, p.187).

Tendemos a buscar o que nos causa alegria e a fugir do que nos causa tristeza, ao mesmo tempo em que, por conseguinte, tendemos a odiar tudo o que nos causa tristeza. Assim interpreta Delbos (1912/2002a) a relação entre amor e ódio no sistema espinosano:

> [...] Desde que começamos a ter ódio pelo objeto amado, pode ocorrer que o amor que lhe tínhamos acabe sendo abolido; mas a partir de então lhe teremos mais ódio, por um motivo igual, do que se nunca o tivéssemos amado: quanto maior foi o amor, maior será o ódio. [...] O ódio nos excita a fazer mal àquele que odiamos, e neste caso é cólera; ele nos excita a devolver o mal que nos foi feito, e neste caso é vingança. (DELBOS, 1912/2002a, p.136-137).

TABELA 12 - Freqüência de aparição de *Medo/Temor.*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	6/11	4/10	3/17	7/12
Feminino	2/6	3/13	7/14	4/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

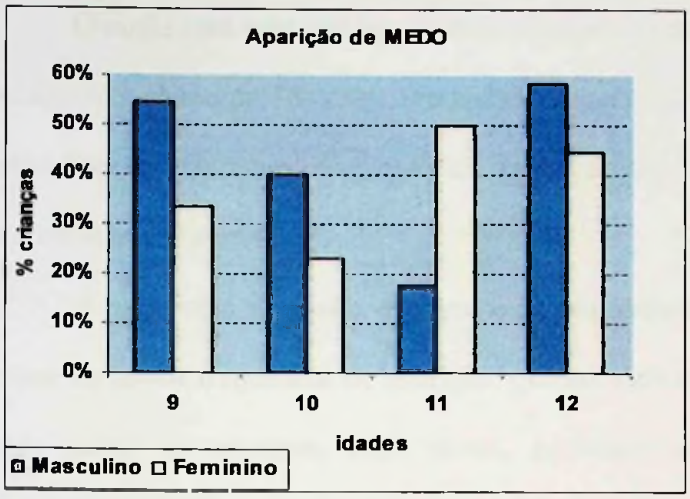


Gráfico 8 - Porcentagem de aparição de medo, por sexo e idade

Destacamos a Produção P23 como paradigmática da emoção medo.

Produção 23 - Masculino, 10 anos, 4ª. Série, estado de São Paulo.
Legenda específica: ***"Ele quer dizer medo."***

O medo está bastante associado à experiência de apanhar na infância, estando expresso em aproximadamente 38% das Produções. As crianças de menor idade parecem sentir mais medo quando apanham, enquanto as de mais idade relatam mais o sentimento de terror, conforme mostraremos.

A expressão de medo está presente em todas as idades, em meninos e meninas, em menor ou maior freqüência de aparição: quanto mais novos os meninos, mais medo, e quanto mais velhas as meninas, mais medo, podemos assim considerar. Entretanto, a maior expressividade de medo em meninos de 12 anos parece estar de acordo ou decorrer do fato de que quando os pais – sobretudo o pai - batem em pré-adolescentes e adolescentes, o fazem com maior severidade, uma vez que se trata de uma relação quase que entre adultos, pois a criança cresceu, é "quase um homem".

A afetação pelo medo, além de resultar da violência física, pode também ser expressão da violência psicológica – *terror* – da situação de punição corporal, como quando é anunciada pelos pais.

TABELA 13 - Freqüência de aparição de *Alegria*

Idade (anos)	**9**	**10**	**11**	**12**
Masculino	0/11	1/10	0/17	1/12
Feminino	0/6	3/13	0/14	2/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador. refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

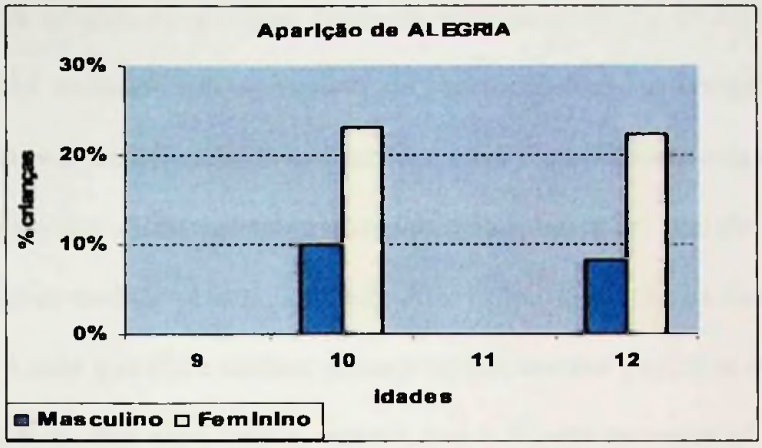


Gráfico 9 - Porcentagem de aparição de alegria, por sexo e idade

Encontramos expressão de alegria somente em cerca de 7% das Produções, sendo predominante nas meninas de 10 e 12 anos. Destacamos a Produção P84 como paradigmática da alegria, embora traga consigo também indicadores de dor, mal-estar e tristeza, assim como no caso do *prazer* e do *bem-estar*, conforme comentamos. Isto porque nenhuma criança que apanha, em nossa civilização, poderia sentir somente alegria ao apanhar, a não ser é claro num quadro de grande perturbação psíquica.

Produção 84 - Feminino, 12 anos, 6ª. Série, estado de Minas Gerais. Legenda específica: *"Quando meus pais me batem, sinto dor, choro e brigo com eles, mas talvéz eles batem de precisão. Mas mesmo assim eles batem mas ao mesmo tempo expressam amor."* Legendas no espaço do desenho: *"Porque os pais batem?"* [Criança punida]

A criança pode sentir graus de alegria e tristeza ao mesmo tempo, o que pode ser entendido também sob o aspecto da ambivalência das emoções (ou *flutuação da alma*) desperta pela experiência de apanhar dos pais. Normalmente esta alegria é sentida tendo como fonte geradora discursos internalizados pela criança no sentido de que ao apanhar ela está tornando-se melhor pessoa, aprendendo a lição, ou outra justificativa com esse tipo de apelo moral. Ainda quando a cultura oferece representações positivas que validem para o indivíduo ter apanhado dos pais, isto é, mesmo que o sujeito encontre aí certa positividade e alegria, trata-se de um esforço de perseveração da própria criança, buscando preservar a si mesmo da experiência triste de apanhar dos pais, buscando reconhecer alguma positividade no mal.

TABELA 14 - Freqüência de aparição de *Inferioridade Física*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	5/11	3/10	4/17	5/12
Feminino	1/6	6/13	7/14	3/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

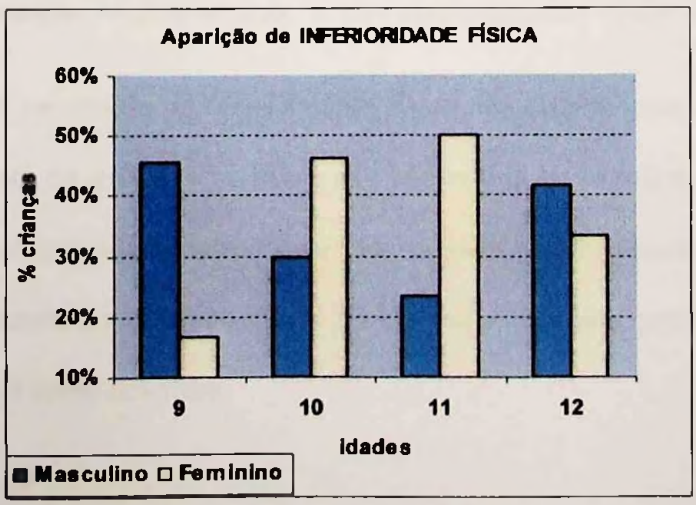
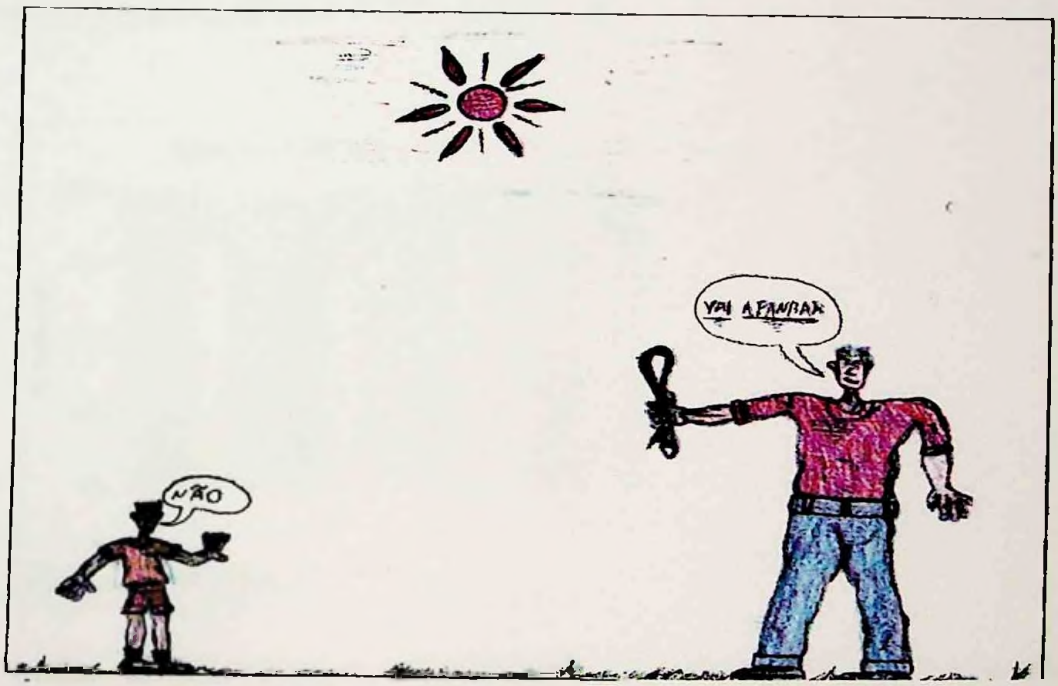


Gráfico 10 - Porcentagem de aparição de inferioridade física, por sexo e idade

O sentimento de inferioridade física esteve presente em 37% das Produções, sendo ligeiramente predominante nos meninos. Entretanto, destacamos uma Produção masculina (P4) como paradigmática do sentimento de *inferioridade física*, por melhor evidenciar, sob este aspecto, a expressão de sentido infantil.



Produção 4 - Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Estado de São Paulo.
Legenda específica: *"Este desenho quer dizer dor quando apanha."* Legendas no espaço do desenho: *"VAI APANHAR"* [Figura masculina adulta] ***"NÃO"*** [Criança]

A percepção da *inferioridade física* não é mera constatação da diferença de tamanho entre o pai ou a mãe e os filhos(as): assinala já certo julgamento crítico da criança sobre a desproporcionalidade entre quem bate e quem apanha, sendo, portanto, já um prenúncio do entendimento do conceito moral de *covardia*. Implica, portanto, uma crítica veemente aos pais, tidos como covardes.

TABELA 15 - Freqüência de aparição de *Solidão/Desamparo*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	1/11	3/10	3/17	2/12
Feminino	2/6	4/13	5/14	3/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

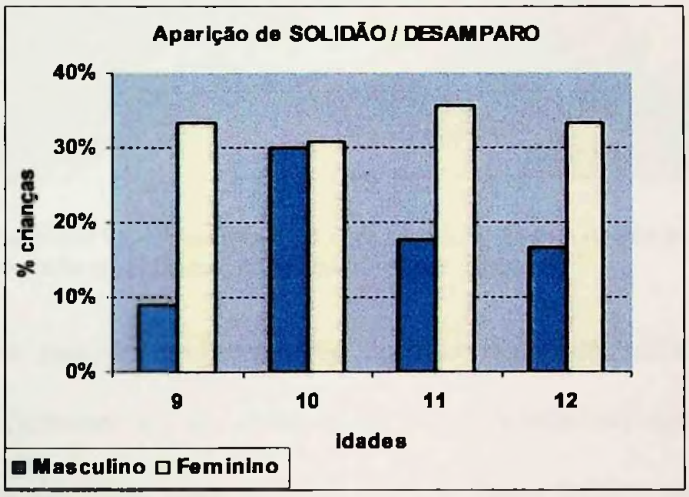
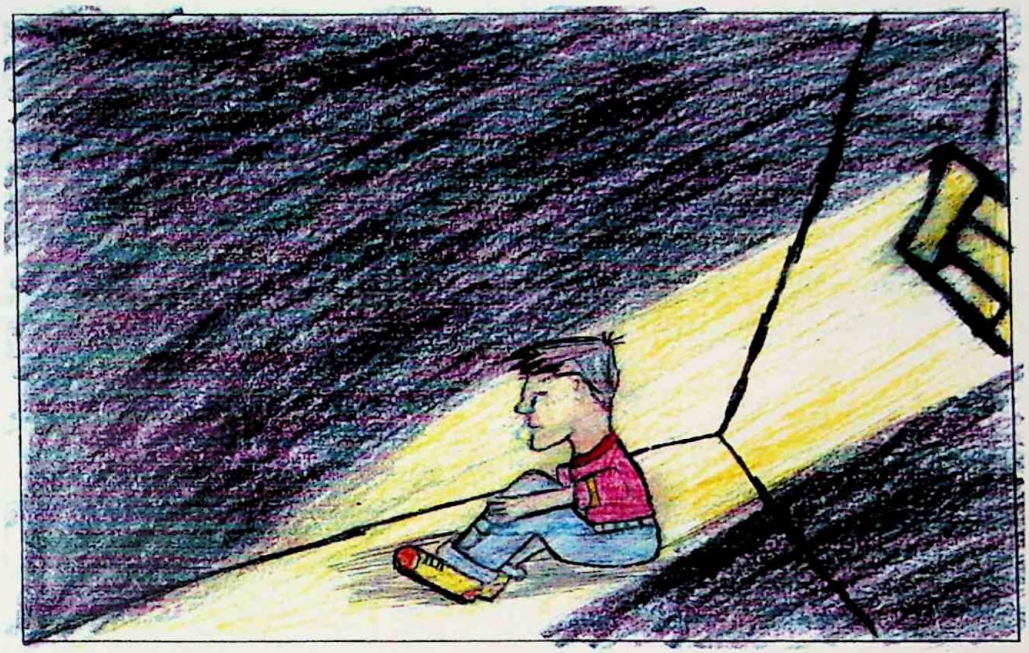


Gráfico 11 - Porcentagem de aparição de solidão/desamparo, por sexo e idade

O estado de solidão/desamparo pode ser sentido como ausência de um outro a quem contar, ou isolamento, clausura. Destacamos a Produção P 81 como paradigmática do sentimento de solidão/desamparo.



Produção 81 - Masculino, 12 anos, 6ª. Série, Estado de São Paulo.
Legenda específica: ***"SOLITARIO Triste magoado "***

Há significativa expressão do sentimento de *solidão/desamparo* entre meninos e meninas (presente em um quarto ou 25% das Produções), sobretudo em cenário pós-palmada. Há um predomínio, entretanto, na aparição desse sentimento entre as meninas, em todas as idades comparadas. Sentir-se desamparada, solitária, isto é, estar necessitando de um amparo, de alguém para contar, parece predominar entre as mulheres. O desamparo é anterior e necessário ao surgimento do *sentimento de resignação*, estado de grande impotência, quando o sujeito se dá conta de que não há nada mais que possa fazer, devendo-se, pois, aceitar silenciosamente e solitariamente a condição de ser agredido fisicamente.

Chama-nos ainda a atenção representações da casa ou quarto como sela de cadeia ou prisão, talvez porque após a seção punitiva é costume dos pais ordenarem aos filhos irem para o quarto, ainda como parte do castigo ou para que "reflitam" a sós sobre o ocorrido.

TABELA 16 - Freqüência de aparição de *Resignação/Submissão*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	2/11	1/10	5/17	2/12
Feminino	1/6	2/13	3/14	2/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

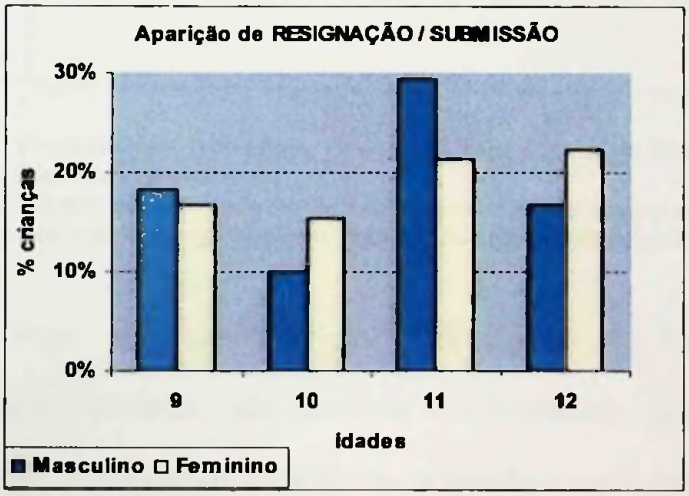
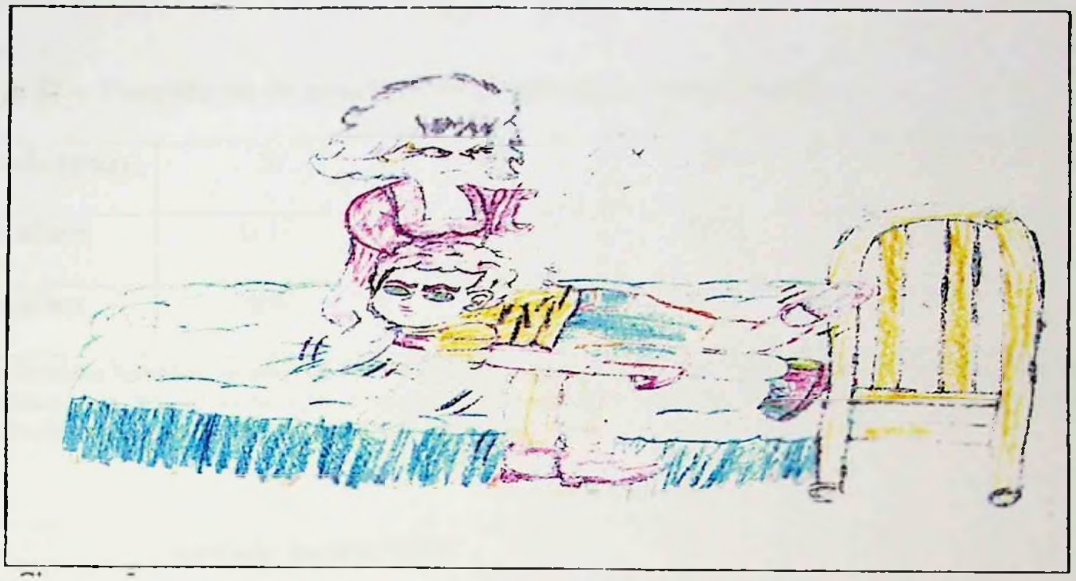


Gráfico 12 - Porcentagem de aparição de resignação/submissão, por sexo e idade

Destacamos a Produção P54 como paradigmática do *sentimento de resignação/submissão.*



Produção 54 - Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Estado do Ceará.
Legenda específica:
"eu não gosto quando minha mãe mim da Palmada porque eu apronto alguma coisas mal que a minha mãe não gosta que eu faço por isso eu levo algumas Palmada."

Algo em torno de 20% de todas as Produções expressa sentidos de resignação/submissão, não havendo predominância aparente entre gêneros. Notamos, entretanto, significativo aumento na expressão de tais sentimentos em sujeitos de 11 e 12 anos, de ambos os sexos, possivelmente devido ao maior tempo em termos de história autobiográfica de disciplinamento corporal doméstico.

Seriam as meninas mais submissas que os meninos, aceitando mais passivamente eventos desagradáveis presentes em seu cotidiano doméstico? Através dessa categoria não podemos afirmar isso, pois há um relativo equilíbrio entre meninos e meninas quanto à expressão do estado de resignação. Nossos dados nos levam a pensar que talvez as crianças se acostumem a apanhar dos pais, acostumem-se aos rituais punitivos domésticos, submetem-se e resignam-se a eles com maior ou menor revolta aparente ou latente. Se isso for verdade, significa que a punição deixou de cumprir sua função de controle sobre o comportamento, pois o sujeito habituou-se ao estímulo aversivo, não sendo mais controlado por ele.

TABELA 17 - Freqüência de aparição de *Gratidão/Reconhecimento.*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	0/11	0/10	0/17	1/12
Feminino	0/6	1/13	1/14	1/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

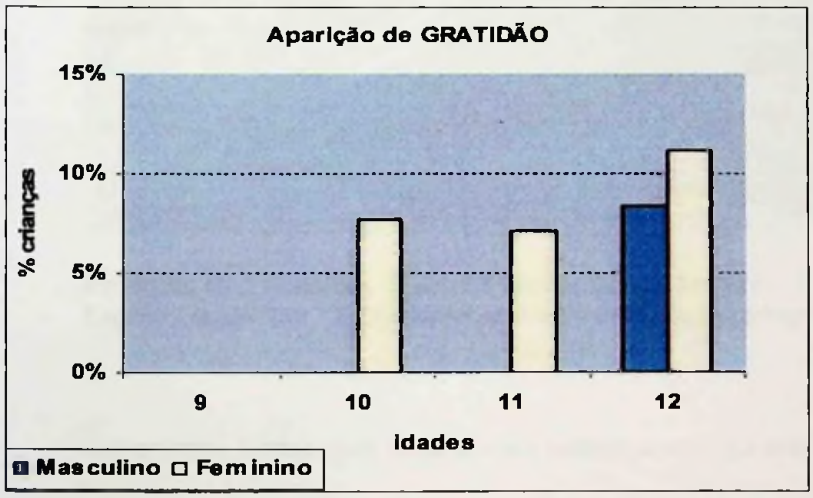
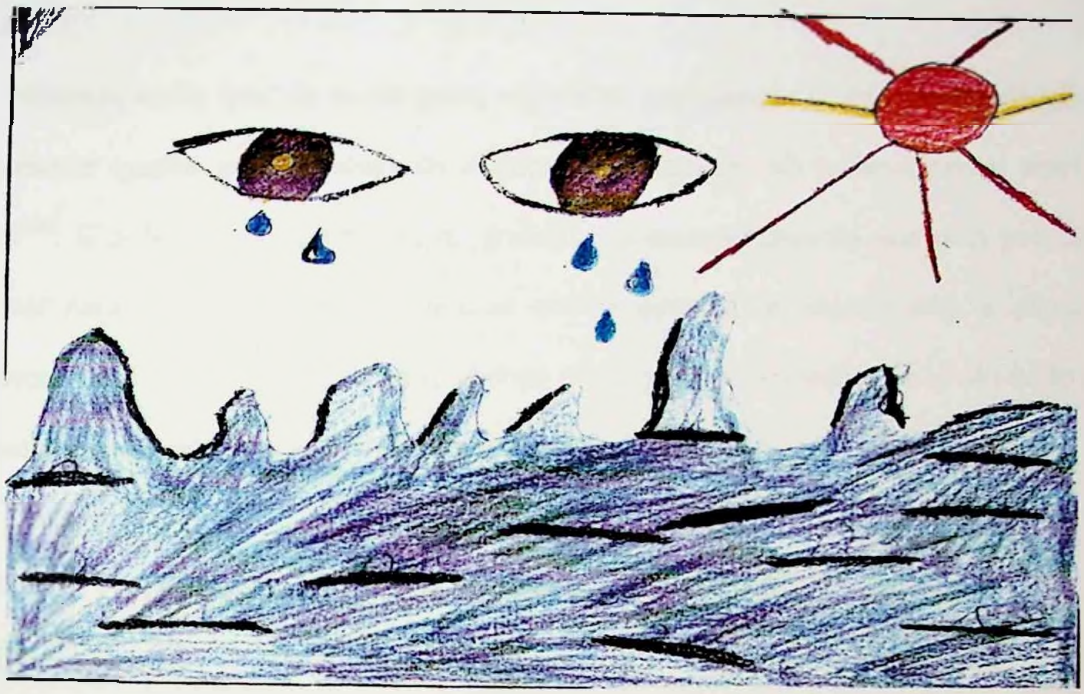


Gráfico 13 - Porcentagem de aparição de gratidão/reconhecimento, por sexo e idade

O sentimento de gratidão ou reconhecimento ao pai ou à mãe por terem batido aparece expresso em apenas cerca de 4% das Produções, predominantemente entre as meninas, sobretudo nas de 11 e 12 anos de idade. Em consonância com os dados anteriores sobre *bem-estar, prazer* e *alegria*, afetos "positivos", as meninas parecem sentir mais gratidão por apanharem dos pais, talvez porque delas se espere mais compreensão, cordialidade e positividade, submissão e passividade, concordância com a autoridade.

Destacamos a Produção P40 como paradigmática do *sentimento de gratidão* por apanhar do pai ou da mãe na infância.



Produção 40 - Feminino, 10 anos, 5ª. Série, Estado do Pará.
Legenda específica: ***"Triste porem com raiva e alegria por ter aprendido."***

Da mesma forma que ocorre com outras emoções e sentimentos ditos "positivos", a expressão de *gratidão*, quando presente nas produções de nosso *Corpus*, vem sempre acompanhada de emoções ou sentimentos "negativos". Nenhuma criança sente somente gratidão ao apanhar, embora possa manifestar tal sentimento em relação ao pai ou mãe batedor pelas mesmas razões já assinaladas, isto é, pela internalização do discurso de que está tornando-se melhor pessoa ao ser corrigido, mesmo que através da punição corporal, que "é para seu próprio bem", etc. A gratidão resulta, pois, da crença em um suposto aprendizado decorrente da punição corporal, discurso já suficientemente internalizado por crianças de 9 a 12 anos de idade. Entretanto, como se vê na Produção 40, é sempre um esforço de gratidão e alegria em meio à tristeza, raiva e mal-estar, sendo que o *Eu* ou o *si mesmo* aparece figurado em meio à agitação de um "mar revolto", representação do estado confusional de *flutuação da alma*. Perguntamo-nos até quando um sentimento de gratidão em relação aos pais pode

sustentar-se, na criança, se vem acompanhado de tantas outras emoções negativas ou destrutivas?

Notamos então que, de modo geral, a gratidão por apanhar (como racionalização) é mais presente quanto maior a idade da criança, e predomina, em nosso *Corpus*, entre as meninas[104]. E o fato de o sentimento de gratidão ou reconhecimentos aos pais por terem batido ser mais freqüente entre as meninas está novamente de acordo com a educação tipicamente à submissão destinada às mulheres, o que passa obviamente pela educação dos sentimentos e seus modos de expressão entre os gêneros.

TABELA 18 - Freqüência de aparição de *Auto-piedade/Pena de si*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	1/11	1/10	3/17	1/12
Feminino	1/6	2/13	3/14	3/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

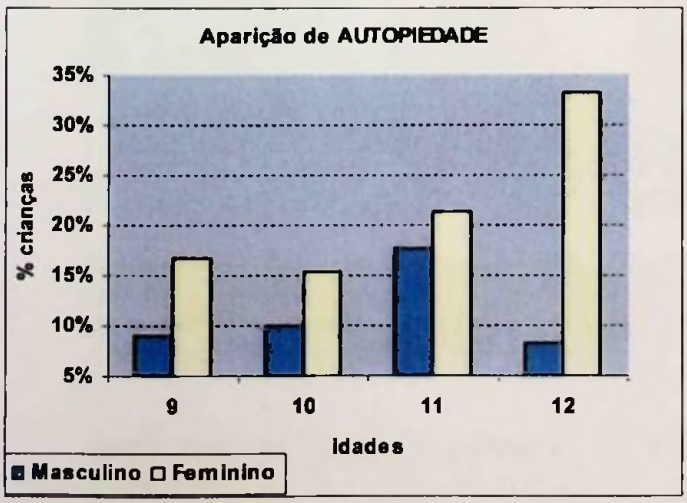


Gráfico 14 - Porcentagem de aparição de auto-piedade/pena de si, por sexo e idade

[104] Em adultos, isso se verifica quando legitimam o fato de terem apanhado e se bem-sucederem – *mito da palmada eficaz*, conforme discutimos na subseção 3.1.2, valendo-nos de Azevedo e Guerra (2005).

O sentimento de auto-piedade ou pena de si esteve presente em aproximadamente 16% das Produções, sendo predominante entre as meninas, e tanto mais freqüente quanto maior a idade da criança, talvez pelo fato de que, quanto mais velha for a criança mais terá solidificada uma *auto-imagem* ou *representações de si*, digna ou não de pena, o que remete-se à sua história autobiográfica toda.

Destacamos a Produção P35 como paradigmática do sentimento de *auto-piedade* ou *pena de si*, isto é, quando a criança sente pena de si mesma, da sua própria situação na relação com os pais, no contexto doméstico.

Produção 35 - Feminino, 10 anos, 5ª. Série, Estado de São Paulo.
Legenda específica: ***"O meu desenho quer dizer, um pai e uma mãe que colocaram a filha na rua para pedir dinheiro, em um dia ela não conseguiu, os pais drogados, não a deixaram entrar em casa e bateram nela te sangrar e a deixaram na rua."***

Sentir pena de si parece, portanto, ser um sentimento mais associado à condição feminina; as meninas se compadecem mais de si mesmas, assumem atitudes passivas, conformistas, submissas, e mesmo sentem sua auto-imagem como mais "negativada" ou danificada ao apanharem do pai ou da mãe. Isso também se coaduna com o imaginário

cultural, no sentido de que se espera do sexo feminino maior delicadeza e fragilidade, donde adviriam maior compadecimento e pena de si ao apanhar.

Parece-nos claro que a construção deteriorada da auto-imagem expressa por intermédio de representações de si mesmo é mais possível em crianças mais velhas, a rigor, a partir da aquisição da capacidade de abstrair, própria da adolescência. Podemos considerar ainda, conforme nosso *Corpus* sugere através de diversas evidências (que apresentaremos conforme convier), que o desenvolvimento cognitivo e moral das meninas alcançam, antes que o dos meninos, certa maturidade.

TABELA 19 - Freqüência de aparição de *Culpa*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	0/11	0/10	4/17	4/12
Feminino	2/6	2/13	4/14	2/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

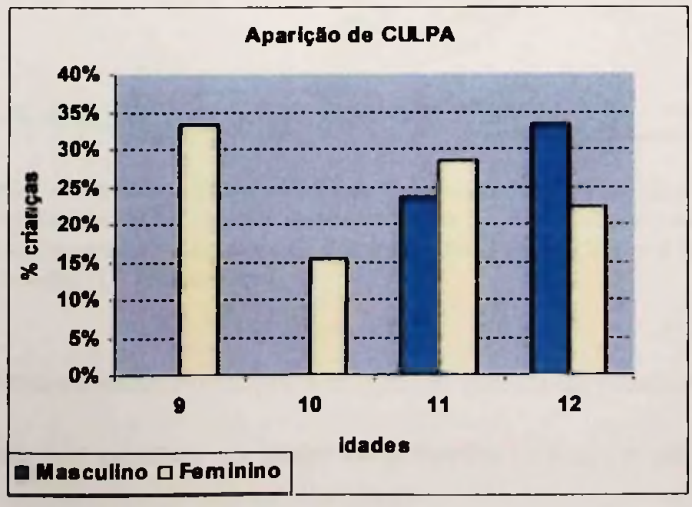


Gráfico 15 - Porcentagem de aparição de culpa, por sexo e idade

O sentimento sócio-moral de *culpa* ao apanhar dos pais esteve presente em cerca de 19% das Produções, sendo predominantes nas meninas em todas as idades, com exceção aos 12 anos, onde os meninos expressaram sentir, relativamente, mais culpa que as meninas. O sentimento de culpa nas meninas de menor idade predomina, não se verificando culpa entre os meninos de 9 e 10 anos. Isso seria um indício que o desenvolvimento da consciência moral das meninas é anterior à dos meninos: a menina antes alcança a maturidade moral, podendo então a mulher ser um ser moralmente mais elevado antes que o homem de mesma idade; ou, simplesmente, pode ser um viés do *Corpus*. Preferimos à primeira hipótese.

Destacamos a Produção 12 como paradigmática do sentimento de culpa.

Produção 12 - Feminino, 9 anos, 4ª. Série, Estado do Rio Grande do Sul.
Legenda específica: ***"Que quando eu levo palmada eu fico triste, mas eu sei que eu não posso ficar triste por que eu fiz coisa errada."*** **Legendas no espaço do desenho:** ***"O dia está bonito mas eu levei palmadas de minha mãe hoje."*** [A Flor-criança]

Nota-se nesta Produção a expressão que ainda preserva o forte traço do *animismo*, que predomina nas crianças ao longo da primeira infância e parte da segunda infância: em seu modo próprio de pensar e sentir, de sua perspectiva, a criança projeta em elementos da natureza (sol, nuvem, vulcões, oceanos, etc.), plantas ou animais aquilo mesmo que sente em

determinado momento, ou em dada situação. Devemos aqui considerar que a criança está projetando seus conteúdos internos, afetivos, em outros seres (animados ou inanimados)

Assim, a culpa ao apanhar, o sentimento de estar errado e mesmo merecer apanhar, parece ser uma afetação típica ou mais afeita às meninas, dadas todas as razões sócio-culturais que já mencionamos.

TABELA 20 - Freqüência de aparição de *Vergonha/Humilhação*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	0/11	2/10	4/17	4/12
Feminino	2/6	2/13	6/14	3/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

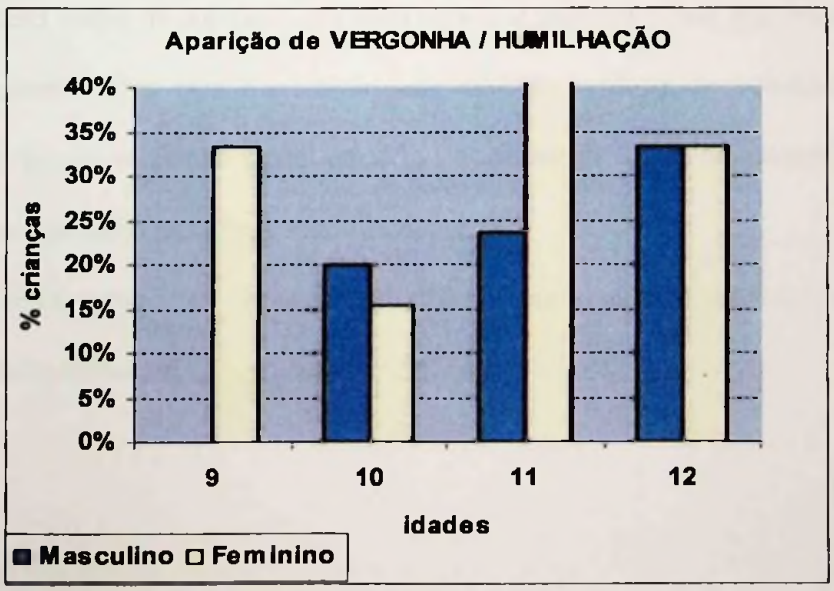


Gráfico 16 - Porcentagem de aparição de vergonha/humilhação, por sexo e idade

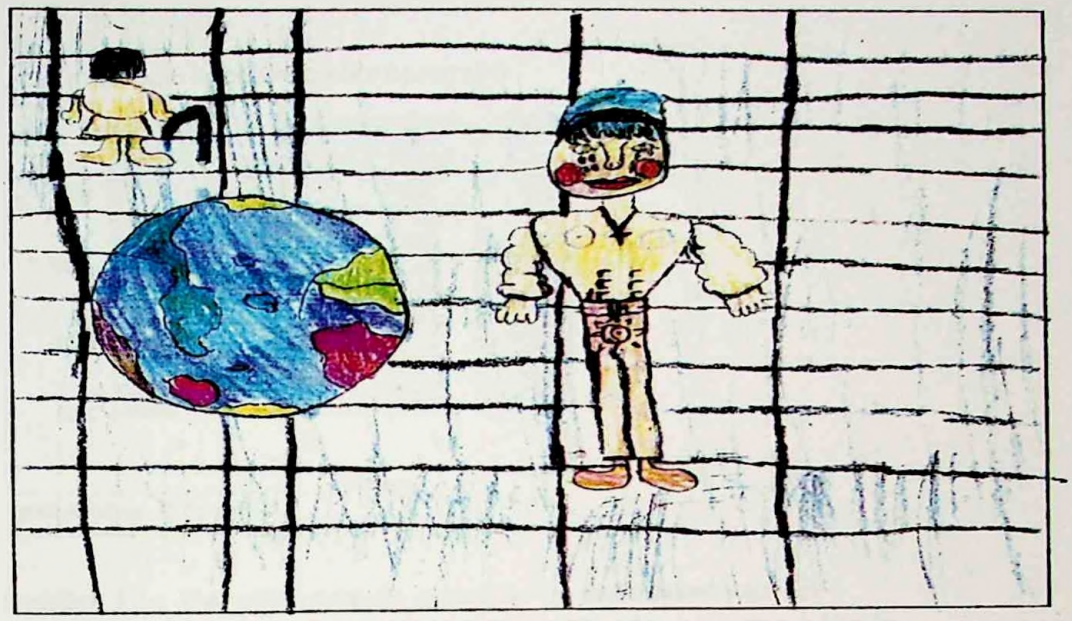
O sentimento de *vergonha-humilhação*, sentimento moral por excelência, conforme La Taille (2002, 2006), ganhou expressão em um quarto ou 25% das produções, novamente

verificando-se o predomínio da aparição de vergonha em meninas, sobretudo já aos nove anos de idade.

Assim como sentem antes e, ao que parece, mais intensamente que os meninos a culpa, as meninas expressam antes e em maior freqüência o sentimento de vergonha/humilhação, o que também corrobora a idéia de que as meninas antes que os meninos alcançam maturidade moral ou desenvolvem a *sensibilidade moral*, expressão empregada por La Taille (2006, p.87) para referir-se à "capacidade de perceber questões morais em situações nas quais elas não aparecem com toda clareza." De qualquer forma, a *atribuição do sentido* de vergonha/humilhação ao apanhar do pai ou da mãe tende, de modo geral, a aumentar em meninos e meninas com idades mais elevadas, o que também está de acordo com as formulações gerais sobre o desenvolvimento da moralidade infantil.

Mas, se a humilhação começa a ser associada à vergonha já partir dos 9 anos de idade, porque nem todos os sujeitos - ou pelo menos a maioria – dos que levam palmadas retratam tal sentimento? Ora, isso é relativamente fácil de explicar, se considerarmos que se espera encontrar pouca vergonha moral em crianças de menor idade ou estágios de desenvolvimento cognitivo marcados pela *heteronomia moral*.

Destacamos a Produção P56 como paradigmática do *sentimento de vergonha/humilhação*.



Produção 56 - Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Estado do Rio de Janeiro.
Legenda específica: ***"O desenho quer dizer que quando eu tomo uma palmada eu fico com vergonha do mundo".***

Embora a produção paradigmática seja masculina, faz-se notar as ambigüidades expressivas na caracterização do sexo do personagem, sobretudo pelo símbolo na altura da região genital, que representa forças opostas ou contraditórias.

TABELA 21 - Freqüência de aparição de *Desprezado/Rejeitado/Indignificado*.

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	3/11	5/10	8/17	5/12
Feminino	1/6	5/13	5/14	3/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

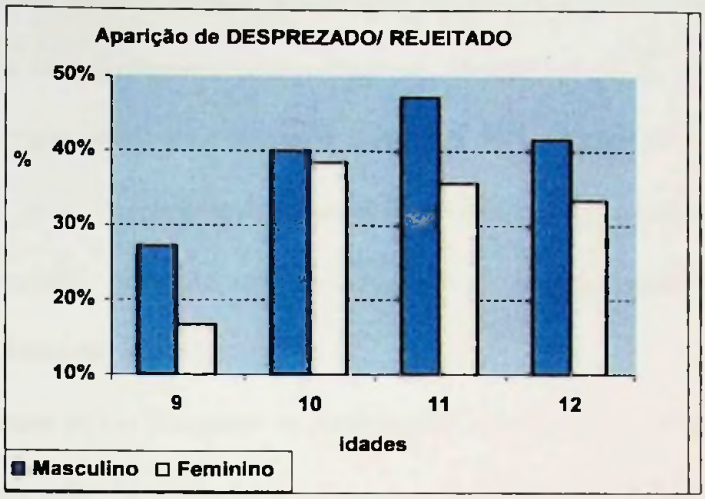


Gráfico 17 - Porcentagem de aparição do sentimento de ser desprezado/rejeitado/indignificado, por sexo e idade.

O sentimento de ser desprezado esteve presente em grande proporção do *Corpus* (aproximadamente em 38% das Produções), predominando, em todas as idades comparadas, mais entre os meninos.

Destacamos a Produção P27 como paradigmática do sentimento de ser desprezado, rejeitado, e daí *indignificado.*

Produção 27 - Masculino, 10 anos, 4ª. Série, Estado do Maranhão.
Legenda específica: *"Eu me sinto um lixo."* Legendas no espaço do desenho: *"Lixo"* [6 repetições]

Nossa análise aponta para o fato de que os meninos parecem sentir-se mais rejeitados pelos pais ao apanharem, provavelmente porque apanham mais severamente, sobretudo do pai, e também porque as meninas tendem a racionalizar como "para o próprio bem" terem apanhado, pois "mereceram". Contudo, podemos afirmar que tanto maior será o sentimento de ser desprezado, presente em meninos e em meninas, quanto mais severa for a punição corporal doméstica incidente.

Sentir-se ou imaginar-se desprezado, ou saber-se rejeitado, não amado ou odiado pelo pai ou pela mãe, de quem se espera amor, é causa, na criança, de grande tristeza[105]. A criança esforça-se, "tanto quanto pode", para fazer com que o pai e a mãe (ou a *coisa amada)* lhe tenham apreço. Quando a criança imagina que os pais nutrem por ela sentimentos ou *afecções* de alegria e amor, tanto maior será a alegria e positividade com que contemplará a si mesma, levando às "boas imagens", representações ou idéias "positivas" relativas à própria identidade, e, portanto, ao que se é. Ao contrário, quando sente que os pais a rejeitam ou nutrem para consigo sentimentos de desamor e desprezo, a criança torna-se triste, e mesmo sente-se indigna (do amor dos pais), daí o termo *indignificado,* que incorporamos por último para caracterização dessa categoria.

O *sentimento de indignidade* por ser ou sentir-se desprezado ou rejeitado pelo pai ou pela mãe, quando presente, revela que a auto-imagem e a auto-estima da criança encontram-se já suficientemente danificadas, o que pode ser verificado através da análise das *representações de si,* expressas nos desenhos. O sentimento de ser desprezado, de ser tornado indigno, isto é, *indignificado*, esse *rebaixamento de si*, é contrário à *expansão de si*, pois "a expansão de si implica construir representações de si com valor positivo". [106] (LA TAILLE,

---

[105] Isto se deduz da Proposição XXXIV, parte III, da *Ética* de Espinosa (1677), que trata de situação oposta: "*Quanto maior é a afecção que imaginamos que a coisa amada experimenta para conosco, tanto mais nos gloriaremos.*" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Proposição XXXIV, p.195).

[106] E a busca de *representações de si* com valor positivo constitui a energética do *sentimento de obrigatoriedade* no plano ético, conforme desenvolvido por La Taille (2006).

2006, p.127). Ora, se as representações de si são negativadas quando afetadas por sentimentos de tristeza, vergonha, humilhação, etc., conclui-se que o estado afetivo de sentir-se desprezado ao apanhar do pai ou da mãe pode ser bastante prejudicial ao desenvolvimento infantil, pois contrário à *expansão de si*. A *expansão de si*, a busca pela excelência, é uma espécie de "mola propulsora" ou força motriz do desenvolvimento, conforme desenvolvido por La Taille (2002) ao tratar da temática dos *limites* na educação infantil.

O fato de uma criança sentir-se desprezada ou rejeitada pelos pais pode levar à deformação da *boa auto-imagem*, das idéias ou representações acerca de si, afetando negativamente sua *auto-estima*. A *baixa-estima*, então, resulta desses processos de *atribuição de sentidos* quando relacionados à auto-imagem.

O sentimento infantil de ser desprezado pelos pais pode assim levar a *desestima de si*. Ora, se a *auto-estima* e o *auto-respeito* são prejudicados sob eventos punitivos corporais domésticos, levando ao sentimento de ser desprezado, rejeitado, etc., parece-nos provada a impossibilidade da educação moral a partir de estratégias que envolvam punições corporais.

Em termos espinosanos, a *afecção* ou estado afetivo decorrente de ser desprezado por alguém significativo (ou alguém por quem se sinta amor ou de quem se espera amor), diminui a potência de ser e agir do *conatus*, afetado pela tristeza, rebaixamento e humilhação, sendo, portanto, um estado contrário à *natureza humana* e à *lei de seu desenvolvimento*[107], em busca de um estado de *perfeição* maior ou de maior *realidade*, e, portanto, em busca da *autonomia* e *liberdade*, contrária à *heteronomia* e à *servidão* (submissão) que implica.

[107] Apoiamo-nos aqui, sobretudo, em Delbos (1912/2002b).

TABELA 22 - Freqüência de aparição de *Revolta/Indignação*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	4/11	1/10	4/17	5/12
Feminino	0/6	4/13	5/14	5/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

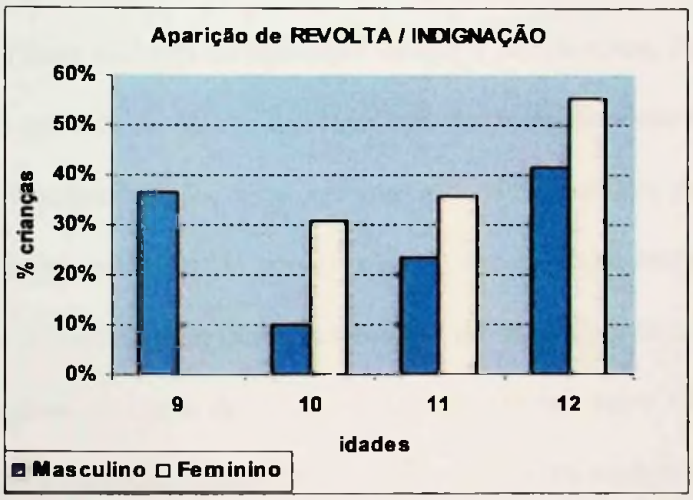


Gráfico 18 - Porcentagem de aparição de revolta/indignação, por sexo e idade

Sentido expresso em 30% das Produções do *Corpus*, o *sentimento de revoluta/indignação* incide em termos absolutos igualmente entre meninos e meninas, aumentando sua aparição conforme o aumento da idade da criança. Entretanto, é atribuído antes e predominantemente pelos meninos de 9 anos, e comparativamente mais presente nas meninas de 10, 11 e 12 anos. O que podemos pensar a esse respeito se, conforme a norma cultural de gênero, não se espera das mulheres atos ou sentimentos de revolta e indignação, posto que devam ser submissas, compreensivas, cordiais, afetivas, etc.? Estariam equivocadas nossas análises anteriores? Pensamos que não, e explicaremos por que.

O sentimento de *revolta/indignação* na criança que apanha parece crescer, de modo geral, com a idade, o que está de acordo, em termos teóricos, com o desenvolvimento da capacidade da criança em compreender noções no campo da justiça e, portanto, indignar-se ou julgar algo ou alguma situação como justa ou injusta. Ora, se as meninas antes que os meninos desenvolvem a *sensibilidade moral*, é decorrência lógica que devem revoltar-se ou indignar-se com mais freqüência. Mas, se isso é verdadeiro, como explicar a aparição da revolta antes nos meninos de nove anos? O que nos parece é que a reação de revolta dos meninos é mais violenta ou agressiva do que a das meninas. Pensamos que talvez isso se deva ao fato de que não se espera das meninas, do ponto de vista de sua educação afetiva, atos de revolta e insubordinação, uma vez que são educadas para serem delicadas, dóceis, frágeis, cordiais, representações de gênero que não mais se sustentam com o amadurecimento das estruturas psíquicas e do desenvolvimento da sensibilidade e capacidade de raciocínio moral que se seguem ao curso do desenvolvimento. Assim, até o advento das *estruturas lógicas* ou operatórias concretas e formais do pensamento (em termos piagetianos) prevalece a revolta dos meninos, devido a maior exteriorização da agressividade permitida, mas quando as estruturas cognitivas equilibram-se num estágio superior do desenvolvimento, e a sensibilidade e capacidade de raciocínio e julgamento moral tornam-se operantes, passa a prevalecer a revolta/indignação feminina, posto que, pelo que afirmamos até agora, parece desenvolver-se antes entre as meninas.

De qualquer forma, se considerarmos os temas representados em *estado de raiva* e *revolta*, temos que o choro em meninos e meninas de mais idade, cabe assinalar, é motivado mais pelo *sentimento de revolta* e *indignação* do que *dor física* propriamente. Isso pode ser verificado claramente na Produção P55, que destacamos como paradigmática do *sentimento de revolta/indignação*.

Produção 55 - Masculino, 11 anos, 6ª. Série, Estado de São Paulo.
Legenda específica: ***"Este representa a vontade que eu tenho de fazer quando levo uma palmada."***
Legendas no espaço do desenho:
"DROGA MÃE, VOCÊ SÓ SABE ABTER, NÃO SABE CONVERSAR!" [O menino]
"TOMA PAI!!!" [O menino]
"VOU FUGIR DE CASA!" [O menino]

Conforme discutido ao longo da definição dessa categoria, revoltar-se contra algo ou alguém pressupõe um *quantum* de afecção de ódio para com esse algo ou alguém, podendo conduzir ao *desejo de vingança*, no caso vingança contra o pai ou a mãe, os perpetradores da punição corporal e da injustiça.

TABELA 23 - Freqüência de aparição de *Terror*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	1/11	2/10	1/17	5/12
Feminino	0/6	4/13	0/14	1/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

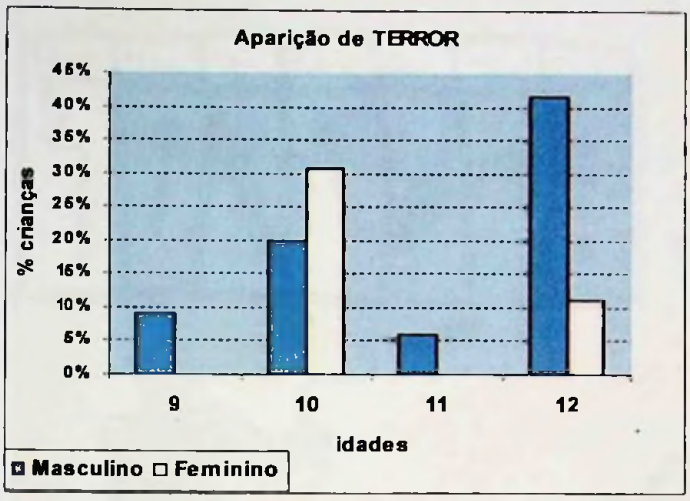
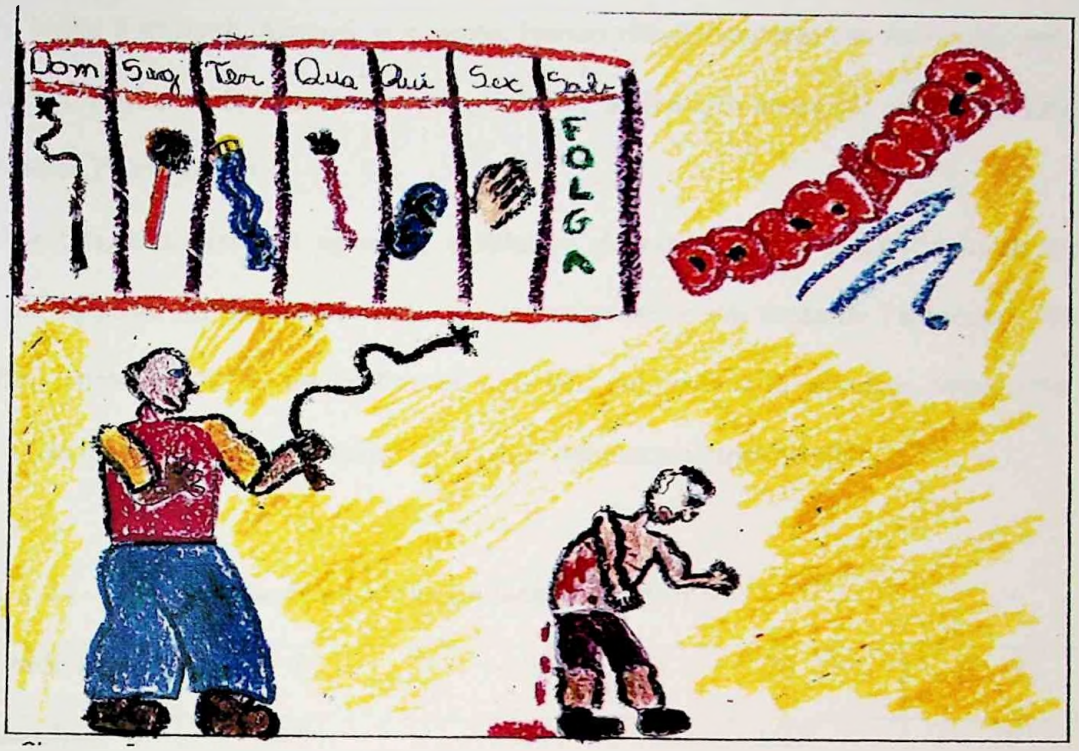


Gráfico 19 - Porcentagem de aparição de terror, por sexo e idade

O sentimento de terror esteve presente em aproximadamente 15% das Produções, sendo predominante entre os meninos, sobretudo aos 12 anos de idade (incidência de terror acima de 40%) - dado bastante alarmante dada a gravidade do que caracterizamos como *sentimento de terror*. O fato de os meninos de mais idade atribuírem mais freqüentemente sentidos de terror ao apanharem dos pais está plenamente de acordo com o fato descrito na literatura científica de que crianças mais velhas e adolescentes tendem a sofrer punições corporais mais severas por parte dos pais, sobretudo do pai contra o filho homem.

Elegemos a Produção 53 como paradigmática do *terror*.



Produção 53 - Masculino, 11 anos, 5ª. Série, Estado de Pernambuco.
Legenda específica: ***"O desenho mostra o cotidiano de um menino infeliz que sofre dolorosos castigos do pai."*** **Legendas no espaço do desenho:** ***"Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sab"*** [dias da semana]; ***"FOLGA"*** [no sábado]; ***"DOMINGO"*** [para indicar o dia da cena representada, conforme previsto no calendário punitivo].

Assim, o *terror* proveniente das punições corporais incide mais ou é mais relatado entre os meninos, que apanham dos pais de forma mais violenta. Ora, se a crueldade dos meios e modos punitivos é maior sobre os meninos, é esperado que sintam mais *terror*: a violência física incidente sobre os meninos mais velhos é mais pesada e cruel, configurando-se, para além da "*harsh discipline*", como *tortura* ou *terror doméstico*.

Se uma intimidade maior com experiências que causem o sentimento de *terror* parece ser reservada aos meninos, talvez possamos conjeturar que outra espécie de terror, proveniente da violência sexual de pais contra filhos (VDSCA) seja mais incidente sobre as meninas.

O terror é terrível! Assumi, por vezes, formas ritualísticas que são marcadas pelo uso intenso e planejadas de formas cruéis e degradantes de punição corporal, como expressas na paradigmática Produção 53.

Por fim, analisaremos agora os resultados de nossa última categoria: *o desejo de morrer* por apanhar do pai ou da mãe, que esteve presente em cerca de "somente" 3% das Produções, como se fosse insignificante que três em cada 100 crianças brasileiras que apanham dos pais preferem ou desejam a morte a permanecer apanhando!

TABELA 24 - Freqüência de aparição de *Desejo de Morrer*

Idade (anos)	9	10	11	12
Masculino	0/11	0/10	1/17	2/12
Feminino	0/6	0/13	0/14	0/9

Nota: O numerador refere-se ao número de Produções em que a categoria considerada esteve presente, para cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade; o denominador refere-se ao número total das Produções consideradas de cada grupo analisado, de acordo com sexo e idade.

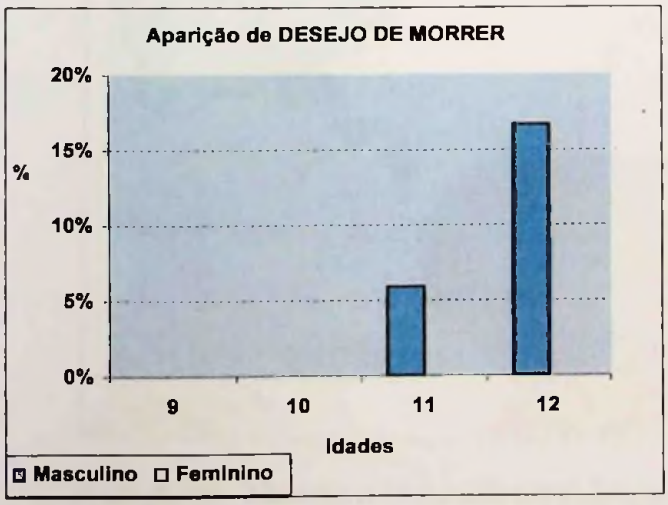


Gráfico 20 - Porcentagem de aparição do *desejo de morrer*, por sexo e idade

Notamos que tal sentimento, o *desejo de morrer*, para afetar mais os meninos, e quanto mais idade tiverem. É sabido que a taxa de suicídio entre adolescentes é superior à taxa de suicídio entre crianças, mas não podemos afirmar, pois não dispomos dessas informações, se predomina o suicídio entre crianças e adolescentes do sexo masculino ou do sexo feminino, ou se a variável gênero é indiferente. Tudo nos leva a crer que o suicídio predomina entre crianças e adolescentes do sexo masculino, dada sua maior disposição sócio-cultural para afetar-se por *imagens* ou *idéias* de força e potência, ainda que destrutivas, pois carregadas de agressividade e violência, que quando voltadas contra si mesmo podem ser fatais.

Destacamos a Produção P76 como paradigmática do *desejo de morrer*.

Produção 76 - Masculino, 12 anos, 5ª. Série, Estado de Minas Gerais.
Legenda específica: ***"Eu sentia que eu queria me suissidar, me dar uma facada. Não parei de falar palavrões. "*** **Legendas no espaço do desenho:** "....[expressões de pensamentos destrutivos, de xingamentos]"

O relato deste sentimento entre meninos de mais idade, na faixa de 11, 12 anos, é bastante preocupante, mas também presumível, conforme argumentamos. Indica que, em consonância com os dados anteriores sobre aparição de raiva, revolta e terror, a violência física incidente sobre os meninos parece ser mais grave e severa quando mais próximos estão da adolescência. O mal-estar da experiência de apanhar dos pais pode gerar idéias relacionadas ao auto-aniquilamento, talvez para por fim à tormenta de ser batido.

Mas, como podemos compreender o suicídio a partir da existência de forças ou tendências como a *expansão de si* ou o *conatus*, como busca da excelência e potência para ser e existir? O *conatus*, conforme a teoria espinosana, é uma força indestrutível internamente, mas que, porém, pode ser destruída por uma força exterior a si, que o afeta de tal forma levando-o ao aniquilamento.

Esclarecemos desde logo que a hipótese do *suicídio como potência* figura-se como explicação impossível no sistema espinosano, *pois nada pode ser destruído por algo que se encontre em sua própria natureza*[108]. "[...] Ninguém, na esperança de recuperar o dano a si causado, desejará causar dano a si mesmo, nem quererá estar doente na esperança da convalescença." (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Escólio da Proposição XLIV, p.201). Ora, daí ser absurdo conceber um esforço de destruir a si mesmo. Assim, não podemos conjeturar que a criança *deseja* morrer como manifestação de uma potência interna à sua constituição biológico-pulsional.

Apoiando-nos na leitura de Espinosa que faz Victor Delbos (1912/2002b) podemos, da mesma forma, compreender o suicídio como contrário à *natureza humana* e à *lei de seu desenvolvimento*, um princípio aplicado a toda existência natural:

> *Unaqueque res, quantum in se est, in suo esse perseverare conatur.* 'Cada coisa se esforça, quanto está em si, por perseverar em seu ser.' *(Ética,* III, prop. VI.) Todas as tendências humanas são apenas expressões desse esforço. [...] Porém, é no esforço fundamental de cada

[108] Diferente do postulado pela teoria psicanalítica, onde coexistem duas forças ou *pulsões* contrárias na natureza humana, *pulsão de vida* e *pulsão de morte*.

ser, seja qual for, para perseverar em seu ser que está a lei que explica todas suas maneiras de ser. (DELBOS, 1912/2002b, p.119).

A partir da Proposição IV, da parte III da *Ética* (1677), podemos afirmar a impossibilidade ontológica de uma força ou pulsão auto-destrutiva inerente ao ser humano, pois: "*Nenhuma coisa pode ser destruída, a não ser por uma causa exterior.*" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Proposição IV, p.180). Não coexistem, num mesmo sujeito, coisas ou forças de natureza contrária, absurdo lógico, pois uma poderia destruir a outra, aponta Espinosa. Além disso, se não há um princípio auto-destrutivo, ao contrário, podemos afirmar a existência do seu oposto, isto é, certo princípio de manutenção da vida: "*Toda a coisa se esforça, enquanto está em si, por perseverar no seu ser.*" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Proposição VI, p.180). E, pela proposição seguinte: "*O esforço pelo qual toda coisa tende a perseverar no seu ser não é senão a essência atual dessa coisa.*" (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Proposição VII, p.181).

A alma (mente) esforça-se por perseverar no seu ser. Ora, o esforço em direção à não perseveração de si, ao suicídio, significa que o ser (a alma) não está em si, conforme a Proposição VI, Parte III da *Ética* (1677), e assim, sob essa perspectiva, podemos compreender o suicídio como resultado de uma espécie de *estranhamento de si* ou *alienação de si*, pois "o indivíduo se constitui no exercício mesmo de seu poder de auto-manutenção em relação às outras coisas, no exercício de seu *conatus,* entendido como potência de agir e existir no mundo." (CORREIA DE LIRA, 1996, p.128).

Interessa-nos trazer à discussão a terceira explicação que Espinosa faz sobre o suicídio, apresentada em sua *Ética* (1677), que ocorre então "porque causa exteriores ocultas dispõem a sua imaginação e afetam o seu corpo de tal maneira que este reveste uma outra natureza contrária à primeira e cuja idéia não pode existir na alma [...]" (ESPINOSA, 1677, Ética – IV, Escólio da Proposição XX, p.238). Por essa passagem fica claro que o suicídio

advém de causas exteriores à natureza humana, sendo absurdo conceber tal esforço ou tendência para o suicídio, como necessário à natureza humana. Então, como Espinosa explica o suicídio? "O que conhecemos como suicídio, diz Espinosa, só aparece quando alguém é vencido por causas exteriores contrárias à sua natureza. E isso pode dar-se de várias maneiras." (CORREIA DE LIRA, 1996, p.114).

A explicação do suicídio por Espinosa, conforme Correia de Lira (1996) está ligada à sua *teoria da imaginação*[109], sendo o suicídio discutido então enquanto formação de imagens. A idéia (imagem) - essência da alma (mente) - envolve a existência do corpo: a mente percebe tudo o que afeta o corpo, sendo da mesma forma afetada. Para Espinosa, a memória sempre ocorre colada a uma imagem, mesmo a memória de um conceito, e assim podemos melhor compreender as memórias autobiográficas sobre apanhar dos pais na infância, que funcionam como inspiração para a criação infantil através de imagens na atividade criativa de desenhar.

Na seguinte passagem de Espinosa, temos uma bela metáfora explicativa do suicídio como resultado do *embate entre forças* externas e internas:

> [...] Concebo perfeitamente que um homem colocado num tal equilíbro (isto é, que nada mais percebe que a sede e a fome, tal alimento e tal bebida colocados a igual distância dele) perecerá de fome e de sede. E se me perguntarem se tal homem não deve ser antes considerado um asno que um homem, respondo que não sei; do mesmo modo que não sei o que deve pensar-se daquele que se enforca, nem o que deve pensar-se das crianças, dos idiotas, dos loucos, etc. (ESPINOSA, 1677, Ética – II, Escólio da Proposição XLIX, p.170-171);

Nessa última passagem, Espinosa equipara o pensamento e a ação da criança ao dos idiotas e loucos. Se assim o faz, não é por alguma idéia preconceituosa ou de *desvalor* associada à criança, mas precisamente porque, como afirma o filósofo:

> [...] se quisermos atender à experiência, veremos que ela ensina [...], sobretudo se dirigirmos a nossa atenção aos primeiros anos da nossa vida. Na verdade, as crianças, porque o seu corpo está de certo modo num equilíbrio contínuo, riem ou choram apenas porque vêem as outras rir ou chorar; tudo o que vêem fazer aos outros, desejam imediatamente imita-lo, e, enfim, desejam para si todas as coisas que imaginam que dão prazer aos outros; e isso porque, como dissemos, as imagens das coisas são as afecções do corpo humano, isto é, os modos pelos

[109] Conforme comentários de Correia de Lira (1996, p.126), "o núcleo dessa nossa vida afetiva [...] transcorre inteiramente no campo da imaginação. Nele, o *conatus* atua procurando imaginar como presentes os corpos que ele imagina aumentarem a sua potência de agir e existir, já que atribui a eles a causa de sua alegria, por outro lado, correlativamente, a alma se esforçará para excluir o que entristece o seu corpo [...]"

> quais o corpo é afetado pelas causas externas e disposto a fazer isto ou aquilo. (ESPINOSA, 1677, *Ética,* Parte III, Escólio da Proposição XXXII, p.194).

Retomemos nossa argumentação. Se não se trata de um desejo inerente de autodestruição, ou potência destrutiva, mas resultado de um embate interno entre forças ou paixões que travam em nós intenso combate, nos dispondo a "fazer isto ou aquilo", como podemos então aprofundar a compreensão do suicídio infantil? Explica-nos Correia de Lira (1996, p.130-131, grifo nosso):

> Para Espinosa, o suicídio só poderia ser compreendido como sendo produzido por um desejo radical de existência, por um movimento interno de afirmação da vida, ou, melhor dizendo, pelo próprio *conatus,* cuja essência excluiria necessariamente a existência do corpo primeiro. **O suicídio é o desejo de ser eu mesmo tal como eu imagino que eu deva ser a partir do desejo do outro sobre mim tal como eu imagino esse desejo, esse outro e eu mesmo.** E se não se pode substituir alguma coisa por nada, o suicídio é a forma mais inadequada de afirmação da existência; é, portanto, ainda, *conatus,* em sua forma mais inadequada sem dúvida, por nenhum outro motivo que não o de levar à própria morte aquele que afirma radicalmente o seu desejo de vida.

Se bem entendemos a passagem acima grifada, a causa primeira do suicídio é o *desejo do outro* sobre o suicida. Ao desejar ser "eu mesmo" a partir do desejo do outro sobre mim, e esse meu desejar for *desejo de morte,* significa que a minha destruição ou aniquilamento é antes desejada por um outro. Nesse sentido, podemos dizer que a criança é levada ao suicídio pelo desejo do pai ou da mãe, o outro significativo. A criança não se suicida, ela *é suicidada.*

Na bela síntese apresentada por Correia de Lira (1996, p.125), "[...] o suicídio deve ser apenas o destino mais triste dos destinos humanos: desencontro dramático consigo mesmo." E se, conforme Espinosa, o *homem livre* "em nada pensa menos que na morte" (ESPINOSA, 1677, Ética – IV, Proposição LXVII, p.264), pensar sobre a própria morte e mesmo desejá-la é o cúmulo da servidão ou impotência do ser, enfraquecido pela afetação de forças externas contrárias à afirmação da vida, posto que paixões tristes. Ora, se as punições corporais levam à formação de tais imagens, como considerá-las como inofensivas e mesmo necessárias à educação doméstica de crianças?

Conforme discutido em Damásio (2004, p.148), "na perspectiva espinosana, a pessoa é invadida pela tristeza separada do seu *conatus*, é separada da sua tendência natural para a autopreservação. Tal descrição aplica-se por certo aos sentimentos que se encontram nas depressões graves e às suas conseqüências últimas no suicídio".

A solução de um problema é necessária para que a sobrevida e o bem-estar sejam atingidos. Afirma Damásio (2004, p.46): "A solução de cada novo problema é necessária para o equilíbrio global do organismo." Ora, o suicídio, como *solução*, pode ser pensado como ainda uma última tentativa, desesperada, inadequada, de buscar o equilíbrio, isto é, senão fazer advir o bem-estar, fazer cessar o mal-estar. Ocorre que em estado passional de tristeza, impotência e servidão o indivíduo não resiste ao poder das forças exteriores infinitamente superiores à de seu *conatus*, e tende ao aniquilamento.

Se pensarmos ainda o suicídio do ponto de vista das *escolhas ético-morais*, baseando-nos em estudos sobre os processos mentais de legitimação ou rejeição de regras, princípios e valores morais, e levando em consideração, conforme La Taille (2006), que a *moral* refere-se à dimensão dos deveres, e a *ética* à dimensão da *vida boa*, isto é, da *vida com sentido*, podemos conceber porque o suicídio, como *desejo da morte*, pode ser entendido como *idéia* ou *imagem* de uma existência sentida como de muito sofrimento, sentido este que pode ser fixado no sujeito a partir de uma vida marcada pela *violência física* e *psicológica* proveniente das relações entre pais e filhos. Uma vida sentida como de muito sofrimento pode significar uma *vida sem sentido*, pois o sentido da vida, para o indivíduo, nunca pode realizar-se no pólo do sofrimento triste. "[...] Viver uma vida que faça sentido é condição necessária para a 'vida boa', seja ela qual for, e que, portanto, encontramos nessa necessidade um elemento essencial à definição do plano ético." (LA TAILLE, 2006, p.44). Uma vida de sofrimento intenso pode, portanto, não fazer sentido, levando à construção do próprio *desejo de morrer*.

Se as *representações de si* ganham valência negativa *sob punição corporal*, e se as punições são freqüentes ou mesmo cotidianas na vida de determinadas crianças, a ponto de danificar a *auto-imagem, auto-estima* e *auto-respeito*, podemos afirmar que o sentido de uma "vida boa" e com sentido torna-se improvável enquanto construção infantil. Sem *representações de si* suficientemente positivas, alegres ou potentes, torna-se insuportável a vida que, ao deixar de ter sentido para a criança – e, sobretudo para o adolescente -, pode colocar a morte como realidade possível imediata desejada.

*

Vimos que toda Produção infantil expressa sempre um sentido predominante que o sujeito atribui às suas experiências autobiográficas de apanhar do pai e/ou da mãe. Cada composição retrata mais do que cenas cotidianas, expressa aspectos relativos ao processo de construção de conceitos relativos e valorativos aos modos pelos quais são punidos corporalmente (ou pretensamente "educados") por seus pais, responsáveis ou cuidadores.[110] A cena re-construída pode ser lembrança de um episódio mesmo ocorrido, datado, ou criação de conceitos que expressam o sentido acumulado ao longo de uma infância marcada pelas punições corporais domésticas. Nas duas hipóteses, o sentido do *mal da palmada* sempre está presente, de forma predominante. É o que mostraremos a partir de nossa *análise de conteúdo estrutural,* logo após a apresentação do Quadro síntese da *análise de conteúdo categorial.*

---

[110] Pensamos aqui na violência física doméstica perpetrada por irmãos mais velhos, parentes, babás, empregados domésticos, e mesmo fora da casa, como veladamente nas escolas, sobretudo em berçários e pré-escolas, devido à menor capacidade expressiva verbal da criança, ou mesmo da impossibilidade de comunicar verbalmente, como no caso dos bebês, até por volta de dois a dois anos e meio. Investigar a violência da babá, em *locus* doméstico, sobre a criança, traria também novas contribuições ao estudo da VDCA.

Quadro 11 - Síntese da *análise de conteúdo categorial*

Índice I. *Sensações de Dor e Prazer*	Índice II. *Emoções de Fundo*	Índice III. *Emoções Básicas*	Índice IV. *Sentimentos Sócio-Morais*
A) *DOR* [Presente em 59 Producões : P2,3,4,5,7,9,13,15,16,17,22,23,24, 25,26,30,31,32,35,36,37,38,39,41, 42,43,44,,46,47,48,51,53,55,56,58 ,60,61,62,63,64,67,69,70,73,75,76 ,77,79,80,81,82,84,85,86,87,88,89 ,90,92] [Ausente nas demais 33 Producões: P1,6,8,10,11,12,14, 18,19,20,21,27,28,29, 33,34,40,45,49,50,52,54,57,59,65, 66,68,71,72,74,78,83,91] B) *PRAZER* [Presente em 4 Producões : P20, 29, 30, 82] [Ausente nas demais 88 Producões]	A) *MAL-ESTAR* [Ausente em 3 Producões: P8, 20, 80] [Presente nas demaos 89 Producões] B) *BEM-ESTAR* [Presente em 11 Producões : P12,20,29,30,32,40,58,79,82, 84,89] [Ausente nas demais 81 Producões]	A) *TRISTEZA* [Ausente em 15 Producões: P4, 6,8,17,19,20,21, 23,27,57,59,62,78, 80, 91] [Presente nas demais 77 Producões] B) *RAIVA* [Presente em 22 Producões: P1, 9,19,22, 31, 35, 40, 53, 54, 55,56, 59,71, 73, 74, 76,77, 82, 84, 85, 86, 91] [Ausente nas demais 70 Producões] C) *MEDO* [Presente em 35 Producões : P1,4,5,7,8,9,15,16,18, 20,21,23,31,35,39, 42,49, 53,60,62, 64,66, 68, 69,71,72,74,77,79,82,83,85,87,88, 89] [Ausente nas demais 57 Producões] D) *ALEGRIA* [Presente em 7 Producões :	A) *INFERIORIDADE FÍSICA* [Presente em 34 Producões : P3,4,5,7,8,16,18,23,26,28,29,30,35,36,39,42,49,53,56,61,6 2,64,66,67,68,69,73,75,77,78,83,87,90,92]. [Ausente nas demais em 58 Producões] B) *SOLIDÃO/DESAMPARO* [Presente em 23 Producões : P11,15,17,24,25,27,32,35,37,38,49,50,51,63,65,66,69,70,7 2,81,88,90,92] [Ausente nas demais 69 Producões] C) *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO* [Presente em 18 Producões : 3,5,12,26,30,36,41,42,44,53,54,62,66,70,73,80,87,88] [Ausente nas demais 74 Producões] D) *GRATIDÃO* [Presente em 4 Producões : P40,68,79,84] [Ausente nas demais 88 Producões] E) *AUTOPIEDADE* [Presente em 15 Producões : 2,17,21,32,35,43,50,53,60,63,69,77,87,90,92] [Ausente nas demais 77 Producões]

		20,29,30,40,82,84,89] **[Ausente nas demais 85 Producões]**	**F)** ***CULPA*** **[Presente em 18 Producões** : P12,15,35,40,42,44,49,54,60,64,68,69,76,80,82,83,84,92] **[Ausente nas demais 74 Producões]** **G)** ***VERGONHA/HUMILHAÇÃO*** **[Presente em 23 Producões** :16,17,21,27, 35,36,41,52,54,56,60,61,62,66,69,70,77,79,80,83,87,90,92] **[Ausente nas demais 69 Producões:** Ausente nas demais.] **H)** ***DESPREZADO/REJEITADO/ODIADO*** **[Presente em 35 Producões:** P4,5,8,15,18,23,24,26,27,29,30,35,36,39,41,48,49,50,53,54 ,55,56 ,59,63,66,69,70,73,77,78,79,80,85,90,92] **[Ausente nas demais 57 Producões]** **I)** ***REVOLTA/INDIGNAÇÃO/INJUSTIÇA*** **[Presente em 28 Producões** : P2,4,6,8,22,29,33,35,39,45,53,54,55,59,66,68,69,71, 73,76,77,78,82,84,85,86,90,91] **[Ausente nas demais 64 Producões]** **J)** ***TERROR*** **[Presente em 14 Producões** : P8,23,26,30,31,35,36,53,73,77,78,79, 82,89] **[Ausente nas demais 78 Producões]** **K)** ***VONTADE DE MORRER*** **[Presente em 3 Producões** : P57,73,76] **[Ausente nas demais 89 Producões]**

Conforme afirmamos, há em cada produção infantil expressão ou expressões de um sentido predominante, que traz consigo uma série de sensações, emoções e sentimentos relacionados à experiência da palmada. Assim, cada Produção foi analisada a partir de um conjunto de quatro índices categoriais para dizer do apanhar: sensação predominante, emoções de fundo e emoções básicas, e sentimentos sócio-morais. Como entendemos que as construções expressivas relativas aos sentimentos sócio-morais são posteriores em termos de desenvolvimento cognitivo, enquanto possibilidades de sentir e julgar, esta expressão torna-se então predominante para a compreensão dos sentidos presentes em cada Produção, sobrepujando as sensações e os estados emocionais primitivos. Estes, os estados emocionais, são as bases sobre as quais se constroem os sentimentos morais.

Assim, pela AC *categorial* constatamos que os afetos mais freqüentemente relacionados às palmadas pelos nossos sujeitos são, nessa ordem: mal-estar, tristeza, dor, medo, sentimento de ser desprezado e de inferioridade física, revolta ou indignação, solidão e desamparo, vergonha e humilhação, seguindo-se então a raiva, a resignação, a culpa e auto-piedade ou pena de si, e o sentimento de terror; seguem-se então quatro afetos positivos, o bem-estar, a alegria, o prazer e a gratidão ou reconhecimento; por fim, segue-se o trágico *desejo de morrer*.

Quadro 12 - Afetos predominantes em crianças brasileiras (9 a 12 anos) sob *punição corporal doméstica*

MAL-ESTAR = 96%	*SOLIDÃO/DESAMPARO = 25%*	*TERROR = 15%*
TRISTEZA = 84%	*HUMILHAÇÃO = 25%*	*BEM-ESTAR = 12%*
DOR = 64%	*RAIVA/ÓDIO = 24%*	*ALEGRIA = 7%*
MEDO = 38%	*RESIGNAÇÃO = 20%*	*PRAZER = 4%*
DESPREZADO = 38%	*CULPA = 19%*	*GRATIDÃO = 4%*
INFERIORIDADE FÍSICA = 37%	*AUTO-PIEDADE = 16%*	*DESEJO DE MORRER = 3%*
REVOLTA/INDIGNAÇÃO = 30%		

Nota: As denominações das categorias encontram-se abreviadas.

Mas, como talvez ainda restem dúvidas quanto à validade da afirmação de que a palmada é predominantemente sentida como um mal para a criança que apanha, passemos agora à *análise de conteúdo estrutural.*

5.4. Resultados da *análise de conteúdo estrutural*

Passemos agora aos resultados de nosso terceiro nível de análise, isto é, da *análise de conteúdo estrutural* do *Corpus*. Elegemos aqui como foco da análise as formas simbólico-culturais adotadas pelos sujeitos produtores do *Corpus* para expressarem o *Mal da Palmada*, isto é, as formas pelas quais sentem/julgam e atribuem sentidos à experiência doméstica de apanhar do pai ou da mãe durante a infância. Ora, mas qual a razão metodológica em elegermos o *mal* como foco de nossa análise estrutural? Fixamos tal foco pois assim podemos nos aproximar mais da verificação ou não de nossa hipótese propriamente, ou seja, a hipótese de que, para a criança que apanha, a palmada é predominantemente um mal, lembrada como uma experiência de dor, mal-estar, tristeza, medo, raiva, humilhação e rejeição. Mas, antes mesmo dessa construção teórica, o mal "saltava" do *Corpus* através de imagens culturalmente sagradas como imagens do *Mal*, tais como diabos, monstros, seres malignos, pássaros negros agourentos, raios e trovões, tempestade, a representação estilizada da Morte com foice na mão, "para ceifar a vida", e assim por diante.

Se a expressão do mal contida no *Corpus* requeria esforço analítico de nossa parte, sua compreensão era também necessária para a verificação de nossa hipótese. Assim, iniciamos um estudo orientado sobre o *Mal*, a partir de leituras em filosofia e simbologia do mal, buscando conhecer os modos e as formas de se dizer o mal ou algo como mal. Depois avançamos sobre o entendimento do Bem e do Mal a partir de diferentes perspectivas éticas, sobretudo a ética espinosana e a ética pensada a partir da *psicologia do desenvolvimento da personalidade ética,* em La Taille (2006).

Antes de apresentarmos propriamente os resultados desse nível de análise devemos, como parte criteriosa de nosso método, definir do ponto de vista estrutural cada forma, maneira ou expressões do *mal* que encontramos, pois isso em si, entendemos, já é resultado.

5.4.1. Sobre o *mal*: elementos da *análise estrutural-semiótica*

Em Espinosa (1677), temos uma definição geral para o *Bem* e para o *Mal,* à qual recorreremos em diversos momentos de nossa análise:

> Por *bem* entendo aqui todo o gênero de alegria e tudo o que, além disso, a ela conduz, e principalmente tudo o que satisfaz ao desejo, qualquer que ele seja. Por mal, ao contrário, entendo todo o gênero de tristeza, e principalmente o que frustra o desejo. [....] Não desejamos uma coisa porque a julgamos boa, mas, ao contrário, chamamos boa à coisa que desejamos; consequentemente, chamamos má à coisa por que temos aversão. **Cada um julga, assim, ou estima, segundo a sua afecção, o que é bom, o que é mau, o que é melhor, o que é pior, o que é ótimo, o que é péssimo.** (ESPINOSA, 1677, Ética – III, Escólio da Proposição XXXIX, p.198, grifo nosso).

Assim, *bem* e *mal* derivam dos modos pelos quais o corpo-mente é afetado: a alegria está para o bem, assim como a tristeza está para o mal. "*O conhecimento do bem ou do mal não é outra coisa senão a afecção de alegria ou de tristeza, na medida em que temos consciência dela.*" (ESPINOSA, 1677, Ética – IV, Proposição VIII, p.231). Segue-se na demonstração dessa proposição: "Chamamos bem ou mal àquilo que nos é útil ou prejudicial à conservação do nosso ser [...], isto é [...], o que aumenta ou diminui, favorece ou entreva a nossa potência de agir." (ESPINOSA, 1677, Ética – IV, Demonstração da Proposição VIII, p.231). Completando o esquema: o bem está para a alegria e potência, assim como o mal está para a tristeza e impotência. Portanto, o Bem é inicialmente reconhecido na *Ética* (1677) como tudo o que aumenta a potência de agir dos seres. A esse respeito, conforme comentários de Zaneta Neto (1996), as coisas têm o poder de diminuir ou aumentar a potência de ser e de agir de um determinado ser:

> [...] Bem e Mal não se dizem das próprias coisas, mas dos efeitos que elas têm sobre o nosso *conatus*, isto é, nosso apetite e desejo.[...] Portanto, Bem e Mal na filosofia espinosana constituem-se como uma relação entre o homem e as coisa sobre as quais emite valorações. (ZANETA NETO, 1996, p.94).

O critério para a medição da malignidade ou benignidade é físico, corporal, e não imediatamente moral, pois a mente é, primeiramente, idéia de seu corpo[111] (ANDRADE, 1996). Desta perspectiva, deduz-se que a palmada é, em si, um mal, por diminuir a potência de ser e agir do corpo, uma vez que o afeta invariavelmente por "paixões tristes".

Se partirmos da premissa de que a palmada e toda forma de PCDCA se constituem numa violação do direito à integridade da criança e do adolescente, enquanto sujeitos de direito, podemos agora tornar mais evidente nossa afirmação de que a palmada é, para a criança, predominantemente um mal, e os agentes punidores, o pai ou a mãe, são muitas vezes percebidos, enquanto batem, como más pessoas, covardes, injustas, cruéis, sádicas, e até mesmo como monstros ou diabos, isto é, são percebido como agentes do mal e portanto como o próprio mal, encarnado.

Não definiremos, tal como fizemos com a análise categorial, índices, categorias e indicadores das formas de se expressar o *mal da palmada*, pois senão recairíamos no processo de categorização, embora saibamos que mesmo na análise estrutural opera-se com uma espécie de categorização, a partir da análise das relações entre os elementos estruturantes do *Corpus*. Assim, encontramos, em nossa AC *estrutural*, 14 formas significativas e inter-relacionadas de expressão de sentidos da *Palmada como um Mal: Mal como Violência Física; Mal como Sofrimento Psíquico; Mal como Ferida Moral; Mal como Vontade Maligna; Mal como Ser Maligno; Mal como Morte; Mal como Destrutividade; Mal como Tempo Ruim; Mal como Escuridão; Mal como Injustiça; Mal como Covardia; Mal como Ritual; Mal como Fragmentação do Self; Mal como Terror Doméstico.*

Podemos desde já, portanto, afirmar que em nosso *Corpus* predomina o mal como sentido para a experiência de apanhar do pai ou da mãe na infância ou adolescência, mal que

---

[111] Em um segundo momento, entretanto, o critério para o Bem exigirá outros elementos. "[...] O verdadeiro Bem espinosano não é simplesmente aquilo que causa uma sensação de aumento da potência de um sujeito, porém aquilo que, verdadeiramente, faz com que ele aumente seu grau de perfeição ou sua realidade." (ZANETA NETO, 1996, p.93).

ganha expressão através de variadas formas simbólico-culturais. Definiremos o que caracteriza e exatamente expressa cada uma dessas formas de atribuição de sentidos do mal de apanhar no momento mesmo em que analisarmos e re-apresentarmos de maneira estrutural o *Corpus*.

5.4.2. Das formas infantis de expressão do *Mal da Palmada*

Mal como Violência

A primeira forma de expressão do mal que elegemos evidenciar é o *Mal como Violência*. Trata-se do mal que diretamente atinge o corpo:

> A violência é geralmente qualificada como algo mau. Nessa significação, ela recorta uma ampla gama de atos humanos, que incluem **atos lesivos ao corpo próprio** e ao corpo ampliado sob a forma da família e do patrimônio. Qualificamos como **atos moralmente maus e legalmente condenáveis aqueles contra o corpo de cada um**, contra o patrimônio, o que faz com que uma pessoa seja ela também considerada 'má'. (ROSENFIELD, 2003, p. 44, grifo nosso).

Nesse sentido, a VDFCA é um mal, embora para muitos se afigure como um bem, que corresponde ao emprego de força física no processo disciplinar de uma criança ou adolescente por parte de seus pais (ou quem exerce tal papel no âmbito familiar, como, por exemplo, pais adotivos, padrastos, madrastas e assim por diante).

A literatura é muito controvertida em termos de quais atos podem ser considerados violentos: desde a "simples" palmada no bumbum até agressões com armas brancas e de fogo, com instrumentos (pau, barra de ferro, taco de bilhar, tamancos etc.) e imposição de queimaduras, socos, pontapés. Cada pesquisador tem incluído, em seu estudo, os métodos que considera violentos no processo educacional envolvendo pais e filhos, embora haja ponderações científicas mais recentes no sentido de que a violência deve se relacionar a qualquer ato disciplinar que atinja o corpo de uma criança ou de um adolescente. A literatura científica mais moderna sobre esta questão, especialmente a do final dos anos 80 (século XX), vem enfatizando com veemência que toda a ação que causa dor física numa criança, desde

tapa até o espancamento fatal, representa um só *continuum* de violência. Os representantes desta linha de pensamento defendem, portanto, que a PCDCA deve ser considerada violência, mesmo a chamada punição mais leve, na medida em que toda punição corporal para ter esse caráter deve implicar o conceito de dor física. Por outro lado, muitos estudiosos salientam que a punição corporal é uma porta aberta para quadros de violência mais graves. A PCDCA se insere, portanto, no campo da VDFCA, e esta no campo das relações desiguais – hierárquicas – de poder. (AZEVEDO; GUERRA; LONGO, 2002).

Posto isso, podemos considerar que o *mal da palmada como violência* está expresso em todas as 92 Produções do *Corpus*, uma vez se referem ao mesmo tema: "*Como você se sente quando recebe uma palmada?*", isto é, quando o próprio corpo é atingido, batido, por outro corpo (pelo pai ou pela mãe) ou objeto (utilizado para bater), ou simplesmente o que a criança sente ao sofrer violência física. Tratam-se, portanto, de Produções autobiográficas sobre uma experiência com o *mal*, posto que violência. Entretanto, algumas produções expressam também, concomitantemente ao *mal*, o sentido de um *bem* ao apanhar dos pais, o que nos impossibilita, ainda, afirmar a palmada como um mal absoluto, ou um mal em si, presente no processo de socialização ou formação ético-disciplinar doméstica.

Mal como Sofrimento Psíquico

Outra forma de expressão do mal de apanhar é enquanto experiência geradora de intenso sofrimento "mental": estamos diante do *Mal como Sofrimento Psíquico*. É o mal resultante da tristeza, da angústia, da melancolia, da solidão, da humilhação, "dor psíquica" ou "dor na alma", ou "dor no coração" que acompanha ou se segue à experiência de apanhar dos pais.

Lembremo-nos que na ética espinosana a *alegria* e a *tristeza* são as primeiras formas de contato com o Bem e o Mal:

> Constituem-se, Alegria e Tristeza, como os primeiros indicadores do Bem e do Mal, dando a eles um caráter genuinamente subjetivo. O critério de classificação moral é totalmente dado pela relação entre um sujeito determinado e o objeto. Em outras palavras, Bem e Mal são determinações subjetivas dadas às coisas pelos afetos que suscitam no homem. (ZANETA NETO, 1996, p.93).

Assim, o mal da palmada como *sofrimento psíquico* está expresso em 89 produções, ou seja, em sua grande maioria (96,74%), excetuando-se três produções (Produções P8, P20 e P80) que, dadas suas características, não revelam, de imediato, aspectos do sofrimento psíquico.

Em estado de *sofrimento psíquico*, do ponto de vista psicológico, não se favorece a *expansão de si* e, portanto, o desenvolvimento das potencialidades da criança: ocorre o oposto, isto é, a constrição ou o bloqueio do desenvolvimento.

Mal como Ritual

Podemos ainda compreender o mal da experiência de apanhar dos pais na infância a partir de expressões de *rituais punitivos domésticos*. Trata-se da expressão do *Mal como Ritual*.

Ocorre que, em alguns casos, não raros, a prática do pai ou da mãe do bater nos filhos assume a forma de um ritual, composto por etapas ou ritos introdutórios, que precedem as punições corporais, de ritos de bater que acompanham propriamente as punições corporais e de ritos expiatórios finais ou conclusivos, que se seguem às punições. Esses ritos caracterizam-se por falas apropriadas (discursos justificadores ou anunciadores da punição) para cada situação passível de punição, gestos ou atos punitivos organizados, sistemáticos, seguidos por complementos punitivos, como ficar de castigo, ir para o quarto ou para um canto para "refletir" sobre o erro, ter que cumprir alguma tarefa indesejável, e assim por diante. Constitui-se, pois, em verdadeira *ritualística de* PCDCA.

A punição ritualizada envolve posições corporais, atitudes específicas, discursos próprios e instrumentos, tanto por parte do agente punidor quanto em relação ao sujeito punido. O ritual difere de um golpe intempestivo, como um tabefe de súbito, instantâneo, por ímpeto ou força do costume, no momento mesmo que a criança comete um erro. Os rituais punitivos corporais domésticos deitam suas raízes em longínquas tradições punitivo-corporais utilizadas no Brasil desde os primeiros esforços colonizatórios.

O ritual é anunciado e encenado; como possui uma seqüência de atos que sempre se repetem, de forma semelhante, mas não idêntica, a criança antevê o que lhe acontecerá, o que, se por um lado aumenta seu sofrimento, antecipando-o, por outro lhe dá a certeza que logo, mais cedo ou mais tarde, o ritual irá terminar; possibilita assim certa dimensão temporal quanto ao fim do próprio sofrimento, o que pode oferecer algum conforto, resignado. Disto resulta que da submissão aos rituais e costumes sociais pode advir o conformismo e a resignação, aprendidos desde muito cedo no âmbito das relações privadas e modos de sociabilidade doméstica.

Assim, o *Mal como Ritual* está expresso em 22,82% das Produções do *Corpus*:

P 4, 5, 15,17, 23, 36, 39, 41, 53, 54, 59, 60, 62, 64, 66, 69, 77, 79, 80, 83, 90.

Mal como Covardia

A covardia pode ser entendida, em si mesma, como uma injustiça, pois pressupõe extrema desigualdade de forças físicas entre os combatentes. Mas preferimos tratar tal expressão do *mal da palmada* separadamente. Estamos nos referindo ao *Mal como Covardia,* que retoma a definição categorial de *sentimento de inferioridade* física. A covardia como um mal ganha expressão a partir de representações intencionalmente exageradas de objetos usados para bater, de mãos enormes e ameaçadoras, da proporção físico-corporal entre quem está batendo e quem está apanhando, e assim por diante. A criança pode não ter a categoria

covardia em seu sistema de valores morais, entretanto faz salientar a assimetria em termos de corporeidade ou força física entre quem bate e quem apanha.

Assim, o *Mal como Covardia* ganha expressão em cerca de 20% das Produções do *Corpus,* a saber:

P 4, 5, 7, 8, 16, 23, 26, 29, 30, 35, 39, 53, 62, 68, 77, 78, 83, 90.

Mal como Injustiça

O *Mal como Injustiça* é outra forma de revelar o *mal da palmada.* O sujeito expressa julgar que foi punido injustamente, quando não teve intenção de causar o mal e, portanto, não merecia apanhar, isto é, quando não se fez justiça através da ação punitiva dos pais-juízes. A avaliação do mal como injustiça recai sobre a figura do agente punidor, pai ou mãe, avaliados como pessoas injustas, promotoras de injustiça, mas quem sofre a injustiça *no corpo* é a criança batida, donde o cinismo do discurso paterno que por vezes antecede a punição corporal: "*Isso irá doer mais em mim do que em você...* "

O *Mal como Injustiça* está expresso em um significativo número de Produções, representando cerca de 16,30% do *Corpus.* São elas:

P8, 29, 33, 35, 39, 53, 55, 66, 69, 77, 78, 82, 85, 86, 90.

A injustiça, conforme discutimos anteriormente, é uma das causas geradoras do sentimento de *revolta* e *indignação*: não há indignação sem algum grau de percepção de que algo injusto se abateu sobre si ou sobre uma coletividade.

Mal como Terror Doméstico

Outra forma radical de expressão do mal da experiência de apanhar dos pais é através da retratação ou descrição de cenas de intenso sofrimento físico-psíquico, configurando-se como verdadeiro *terror doméstico.* A estes testemunhos de um *modo de sociabilidade*

doméstica da sociedade brasileira pautado pelo recurso à violência como estratégia de resolução de conflitos, denominamos *Mal como Terror Doméstico,* a partir da definição do constructo em Azevedo e Guerra (2001b, 2003b).

Em se tratando de *terror doméstico contra crianças e adolescentes*, tem-se que as táticas do *terror* empregadas são muitas vezes comparáveis àquelas do *terror político,*

> [...] quando assumem formas extremas de impor sofrimento físico ou mental às vítimas, podem e devem ser consideradas modalidades de TERROR, na medida em que são práticas que, além da dor, caracterizam-se por serem capazes de causar *espanto, pavor, medo, pânico, temor extremos,* dadas sua **imprevisibilidade, incontrolabilidade, perversidade e aversibilidade.** (AZEVEDO E GUERRA 2001b, p.88, grifos do autor).

O *terror doméstico* pode ainda ser pensado como *estratégia ético-disciplinar* ou *tecnologia punitiva* reveladora de meios e modos punitivos com grande potencial de causar danos ao corpo e à mente, com poder gerador de estados afetivos marcados pela presença de medo intenso, pavor, sofrimento atroz, humilhação, etc. Conforme assinalam Azevedo e Guerra (2001b, p.88), o terror constitui-se em:

> [...] estratégia organizada de violências (física, sexual, psicológica, negligência) que são cumulativas, reiterativas, inaceitáveis pelas normas humanas gerais como violações dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes, enquanto pessoas. Estas violências têm como finalidade manter o poder familiar central e despótico através de práticas terrificantes, que envolvem tortura, tratamento cruel, castigos inesperados e inusitados etc.

Ora, se a percepção da vida doméstica, da relação com os pais, é aterrorizante, abrem-se caminhos para a formação de pensamentos sobre fazer findar o terror, ou fugindo de casa, ou suicidando-se, ou eliminando o pai e/ou a mãe, agentes do terror. Assim, o *Mal como Terror Doméstico* está expresso com maior ou menor força em 15,21% das Produções do *Corpus,* a saber:

P8,23,26,30,31,35,53,73,77,78,79, 82, 83, 89.

Mal como Destrutividade

Outra forma de expressar o *mal da palmada* é através de uma vontade incontrolável de xingar, falar palavrões, ter pensamentos destrutivos, revidar, exteriorizar o mal-estar sofrido, através de uma forma de agressão física ou verbal. Estamos diante do *Mal como Destrutividade.*

Podemos afirmar que os estados afetivos que fazem emergir tal tipo de expressão do mal sentido são a *raiva* e a *revolta* que, de tão intensas, precisam ser exteriorizadas, mesmo de uma forma não adaptativa que, por vezes, faz recair sobre a criança mais punições ou retaliações dos pais. Essa vontade incontrolável de ofender e retaliar outrem mais que raiva esconde a revolta, reveladora do tipo de sentimento construído em relação aos pais punitivos.

Entendemos também ser expressão de tal destrutividade a vontade de fugir de casa, de "sumir no mundo", que pode afigurar-se tanto como uma reação para fazer cessar o sofrimento doméstico, como um reação de vingança em relação aos pais, a fim de puni-los. Neste último caso, a criança quer destruir justamente a própria autoridade paterna sobre si, mesmo que para isso ponha em risco sua própria sobrevivência, fora de casa.

Assim, o *Mal como Destrutividade* está expresso nas seguintes Produções, que representam cerca de 14,13% do total do *Corpus*:

P1, 6, 19, 22, 33, 40, 45, 55, 59, 71, 74, 76, 91.

Mal como Vontade Maligna

Outra forma de expressão do *mal da palmada* é atribuí-la o sentido de algo que só pode ser concebido como fruto de uma *Vontade Maligna.* Trata-se, no caso, de uma vontade maligna do agente punidor, da figura do pai ou da mãe, conforme a percepção infantil.

O mal dito como *uma vontade maligna* ou *malignidade* é reservado para:

> [...] qualificar determinados atos ou pessoas cujas ações atingem aquilo que consideramos como um parâmetro de natureza humana tido por universal, independentemente do que viermos a considerar como tal, ou **expressam a natureza de uma pessoa em seus atos, por atentarem sistematicamente contra a vida e a integridade do corpo alheio.** (ROSENFIELD, 2003, p. 46, grifo nosso).

Satisfação cruel ou *sadismo*: esta é uma das causas motivadoras da ação punitivo-corporal dos pais, segundo sentidos atribuídos nalgumas Produções infantis. Nesses casos, a criança encontra formas para expressar certa satisfação cruel ou ira intensa na expressão facial do agente punidor, como quando faz figurar um riso cínico e cruel na feição do pai ou da mãe, que advém do fato de saberem-se causadores do sofrimento do filho ou da filha, e precisamente disto extraírem algum contentamento ou prazer sádico.

Assim, o *Mal como Vontade Maligna* (do pai ou da mãe) está expresso em 13,04% das Produções, a saber:

P18, 20, 23, 29, 30, 36, 39, 41, 48, 55, 77, 85.

Quando o filho percebe/julga a ação disciplinar doméstica dos pais como um ato expressão de uma *vontade maligna*, portanto não justa, é porque as imagens dos pais já estão bastante comprometidas, restando pouco ou quase nada em termos de confiança entre pais e filhos. Como confiar em um pai ou em uma mãe (ou em alguém) que age punitivamente motivado por idiossincráticas *vontades malignas*?

Mal como Ferida Moral

Distinguimos aqui uma forma muito particular de expressão de *sofrimento psíquico* que deriva da *humilhação* e do *sentimento de inferioridade* resultantes do apanhar do pai ou da mãe na infância, à qual denominamos *Mal como Ferida Moral*, tomando aqui a expressão "ferida moral" de La Taille (2002), que envolve uma quantidade significativa de sofrimento

psíquico.[112] Uma *ferida moral* tem, pois, o poder de danificar a imagem de si, a "boa auto-imagem", levando a criança a um estado de *rebaixamento moral.*

Vergonha, humilhação, sentimento de inferioridade, rebaixamento, apequenamento de si, "sentir-se na lata de lixo", tudo revela o mal da punição corporal como *ferida moral*, quando o próprio sentimento da *honra* parece danificar-se, aquebrantar-se, fazer-se ferir: a dignidade é aviltada, e a auto-imagem rebaixada, "negativada".

Assim, o mal da palmada como *ferida moral* está expresso de maneira paradigmática em 10,86% das Produções do *Corpus,* a saber:

P 17, 21, 27, 52, 56, 60, 61, 79, 90, 92

Mal como Fragmentação do Self

Outra forma que a criança adota para expressar o *mal da palmada* é através da representação fragmentada do corpo e dos afetos, expressão da *fragmentação do self.* Estamos diante da representação do *Mal como Fragmentação do Self*, fazendo recair o foco da atenção no mal sobre si mesmo, enquanto elemento desorganizador do *self*, isto é, do próprio sentido de integridade do Eu. Trata-se aqui de um sentimento de despersonalização, de perda parcial de identidade ou senso de si, de ruptura do *ego*, às vezes acompanhado de alguma angústia de natureza psicótica, isto é, angústia de fragmentação: corpo ou partes do corpo partido, corpo sem partes, sem expressão, partes desconexas do corpo, o coração partido - símbolo da dor e cisão afetiva, etc. Isso porque apanhar do pai ou da mãe pode constituir-se em um evento altamente desestruturador ou perturbador do ego, e do próprio sentido da vida.

Assim, o *Mal como Fragmentação do Self* está expresso em 7,60% das Produções:

P 10, 28, 31, 40, 67, 71, 82.

[112] Conforme discutimos anteriormente, em La Taille (2002) os sentimentos morais da *vergonha* e da *humilhação* são tratados como *ferida moral,* e já aos nove anos um simples tapa do adulto na criança causa vergonha e/ou humilhação.

Mal como Escuridão

Uma outra variante figurativa para expressar o mal da palmada se dá através da representação do *Mal como Escuridão.* A escuridão pode ser um símbolo do mal, das trevas, da ausência de luz, do vazio; a solidão está para o mal, assim como a luz está para o bem. Fundo escuro, preferência e predomínio no emprego de tonalidades escuras, carregadas no traço, de preto, marrom, roxo ou vermelho escuros traduzem, em nossa cultura ocidental, as *cores do mal.*

Do ponto de vista psíquico, significa um obscurecimento ou certo bloqueio das atividades cognitivas da criança, quando afetada por tal estado anímico-corporal.

Assim, o *Mal como Escuridão* está expresso em 6,52% das Produções, a saber:

P 31, 35, 49, 71, 72, 89.

Mal como ação de Seres Malignos

Quando o *mal*, entretanto, deixa de ser expressão de uma *vontade maligna* do pai ou da mãe, para corporificar-se em um ser maligno, representante encarnado do mal – quando a representação do pai ou da mãe se dá por intermédio da figuração de um ser do mal -, estamos diante da expressão do *Mal como ação de Seres Malignos.* É que agora o agente punidor é visto como o próprio representante do mal encarnado, tornando-se verdadeiramente um monstro ou ser maligno: *pai-monstro, pai-diabo, pai-vampiro, pai-vilão* (anti-herói), *pai-drogado,* etc.

O *Mal* como ação de *Seres Malignos* está expresso em 5,43% do *Corpus*, nas seguintes produções:

P 8, 35, 73, 78, 82.

Mal como Tempo Ruim

O *Mal como Tempo Ruim* é uma outra forma encontrada por quem apanha para expressar o *mal da palmada* sobre si. Ocorre quando o sujeito expressa seu mal-estar através da projeção nos elementos da natureza, nas condições climáticas, resquícios do pensamento animista infantil. O mau tempo externo parece indicar o mal-estar interno, o desconforto, a dor, o mal sentido. É como se o mal da experiência de apanhar, sentido no "mundo interno", contaminasse toda a percepção do "mundo externo". Nuvens escuras, raios, chuva, ventania, furacões, etc. identificam tal expressão do mal.

Assim, o *Mal como Tempo Ruim* está expresso em 4,34% das Produções:

P 18, 23, 40, 74.

Mal como Morte

Morte, do latim *morte.* Ato de morrer; o fim da vida; termo, fim. Destruição, ruína. Em sentido figurado, grande dor; pesar profundo. Entidade imaginária da crendice popular, representada, em geral, por um esqueleto humano armado de uma foice com a qual ceifa as vidas humanas: *A Morte, Dona Morte*, *A Indesejada,* etc.

O *mal da palmada* também ganhou expressão ou foi representado recorrendo-se a idéias e imagens da Morte: a morte como alternativa aos sofrimentos da vida, a morte como auto-punição, a morte como resposta ao desejo do outro. O *mal como morte* afigura-se como um caso extremo da destrutividade.

Pensamentos sobre a morte de si mesmo - desejo de aniquilamento ou ideação suicida -, como derradeiro mal em busca do bem, de por fim aos sofrimentos da vida, a morte é representada de múltiplas maneiras: enforcamento; túmulo, lápide ou jazigo; suicidar-se com facada, faca ensangüentada; cortar os pulsos, etc. - formas culturais conhecidas de suicidar-se.

Uma interpretação possível, que aventamos acima, seria pensar a morte como alternativa aos males de sofrer violência doméstica física e, nesse sentido, a morte poderia ser então encarada pela criança como um bem. Mas, a partir da impossibilidade lógica e ontológica de se conceber a morte como um bem, posto que significa "grau zero" de potência, entendemos que numa criança, em decorrência da violência e opressão sofridas em casa, a morte como "destino" afigura-se sempre como um mal terrível, uma espécie de desnaturação ou "desencontro consigo mesmo" do *conatus*, isto é, da força de perseveração de qualquer ser na existência.

Assim, consideramos que o *Mal como Morte* está expresso em 4,34% das Produções, a saber:

P 57,73, 76, 88.

Cabe esclarecer que inserimos a Produção 88 como paradigmática do *mal como morte*, pois entendemos que retrata um estágio imediatamente anterior ao da ideação e ação suicida, isto é, quando a impotência é tal ante aos sofrimentos da vida familiar que parece não haver mais o que fazer, pois a criança encontra-se num "mundo sem saída". Aí então, o passo seguinte da criança pode ser "sair do mundo", isto é, matar-se ou deixar-se morrer.

*

A recuperação das memórias da *violência física* sofrida traz consigo toda a carga afetiva vivida durante as próprias experiências. Isso está de acordo com a seguinte formulação de Espinosa (1677, Ética – III, Escólio da Proposição XLVII, p.202): "[...] Sempre que a imagem dessa coisa odiada desperta, como ela envolve a existência da própria coisa, determina o homem a considerá-la com a mesma tristeza com que estava acostumado a considerá-la quando ela existia."

Assim, podemos ter certeza que as Produções infantis expressam mesmo, com realidade, os estados afetivos da criança sob a experiência de punição corporal perpetrada pelos pais. E a palmada pode afetar de diferentes maneiras a criança, pois o estado anímico-corporal é o parâmetro primeiro para o próprio julgamento moral infantil. Nas simples, mas sábias palavras de Espinosa (1677, Ética – III, Escólio I da Proposição LI, p.204): "[...] Cada um julga, segundo a sua afecção, o que é bom, o que é mau, o que é melhor e o que é pior [...] O homem julga muitas vezes as coisas apenas pelas suas afecções [...]".

Daí a importância de nos atermos aos processos do sentir e dos modos de afetação corporal e anímica para o entendimento da *atribuição de sentidos* às experiências vividas e, em decorrência, compreendermos aspectos do próprio desenvolvimento da moralidade infantil.

Chegamos assim ao seguinte quadro geral sobre as formas de expressão infantil para o *Mal da Palmada,* presente em maior ou menor número de Produções, conforme idade e sexo dos sujeitos, e formando entre si sistemas semióticos de *expressão de sentidos do Mal.*

Quadro 13 - Formas de expressão infantil para o *Mal da Palmada*

Mal como Violência = 100%	*Mal como Vontade Maligna* = 13,04%
Mal como Sofrimento Psíquico = 96,74%	*Mal como Ferida Moral* = 10,86%
Mal como Ritual = 22,82%	*Mal como Fragmentação do Self* = 7,60%
Mal como Covardia = 20%	*Mal como Escuridão* = 6,52%
Mal como Injustiça = 16,30%	*Mal* como ação de *Seres Malignos* = 5,43%
Mal como Terror Doméstico = 15,21%	*Mal como Tempo Ruim* = 4,34%
Mal como Destrutividade = 14,13%	*Mal como Morte* = 4,34%

Nota: Resultados quantitativos da *análise de conteúdo estrutural* ou *semiótica*

Após apresentarmos essas 14 formas emergentes do *Corpus* de expressões infanto-juvenis sobre *o mal de apanhar dos pais*, podemos então afirmar a veracidade da tese de que *a experiência infantil de apanhar do pai ou da mãe é sentida predominantemente como um mal, um mal-estar, uma experiência de dor e sofrimento, tristeza e humilhação,* e que, portanto, não pode favorecer o desenvolvimento global (comportamental, cognitivo, afetivo, moral, etc.) da criança.

Por que, então, crianças que *cresceram com palmadas*, ao serem convidadas a expressar, através da *atividade* de desenhar, o que sentem quando recebem palmadas, *produzem* representações na maioria das vezes "negativas" ou do "Mal"? Ora, o processo de *atribuição de sentidos* se dá, ao longo do desenvolvimento infantil, a partir das experiências vividas, portanto trata-se de um processo histórico, autobiográfico - a história do comportamento de uma determinada criança -, o que remete imediatamente ao seu passado e às recordações desse passado, no tocante às relações afetivo-punitivas com os pais. A atividade de desenhar sobre sentidos de episódios domésticos requer da criança apelo à memória e à imaginação, enquanto funções psicológicas superiores estruturantes do psiquismo e da subjetividade e, portanto, de toda vida afetiva infantil.

Uma vez que as crianças expressam como um mal experiências do âmbito das relações domésticas com os pais, será que podemos afirmar algo sobre possíveis implicações dos processos de socialização primária permeados pelas punições corporais em termos da gênese do pensamento moral e ético da criança? Poder-se-ia diferenciar entre uma "ética do mal" ou uma "ética do bem" nas crianças que cresceram com palmada? Nossos dados não nos permitem ir por essa linha analítico-inferencial.

Entretanto, se nossos "dados", ou nosso *Corpus,* não se prestam adequadamente ao estudo do pensamento moral infantil, dado que ele não provém de um interrogatório clínico-crítico que nos permitiria ter acesso a toda a argumentação das crianças (suas justificativas e

definições verbais do que querem expressar, isto é, pensamentos reveladores de estruturas sócio-cognitivas, simbólico-culturais), por outro lado, a novidade trazida pela *análise estrutural* de nossas Produções é que, ao se configurarem como *Corpus*, permite a geração de indicadores (de *atribuição de sentidos* sobre experiências) que captam ou expressam aspectos do *plano moral* e do *plano ético*, ainda que referentes àquele instante, dos processos de sentir e *atribuir sentidos* próprios da criança, concernentes à *violência física* presente na relação entre pais e filhos.

Ocorre que a hipótese por trás desta problematização é a de que as crianças que cresceram com palmadas, ao viverem experiências marcantes, intensas e freqüentes com o *mal físico* (a dor, o desagradável) e com o *mal moral* (a humilhação, a "felicidade dos maus") - categorias de Rosenfield (2003) - provenientes da palmada e de toda punição corporal doméstica, produzem sentidos morais e éticos negativos ou *do mal*, em relação às seguintes dimensões da existência: *relações interpessoais familiares*, ou modos de sociabilidade doméstica, marcadas pela assimetria de poder (hierarquia) e violência; *figura, poder e ação da autoridade*, autoridade paterna como força bruta, violenta, arbitrária, malévola e odiosa; *representações de si-mesmo* sob tais eventos; dimensões nos *planos moral e ético*, em relação à vida, ao plano de vida, e mesmo se a vida faz algum sentido, se vale a pena viver, ou a morte configurando-se como uma alternativa à insuportabilidade da vida doméstica, como se afigura para algumas crianças, conforme evidenciado em nosso *Corpus*.

É como se, ao nível do desenvolvimento psíquico, as crianças vitimizadas pela punição corporal sofressem ou fossem *afetadas* por *signos negativos do mal*, provenientes de estados corporais e anímicos danificados, fragmentados, entristecidos, representados em *mapas mentais* de estados ou *paisagens do corpo*, conforme terminologia apresentada por Damasio (2004). Tais memórias de sensações, emoções e sentimentos associados ao mundo punitivo doméstico ganham expressão através da atividade produtiva e criativa que é o

desenhar. Convertem-se, por isso mesmo, em *testemunhos do mal da punição corporal* para a criança, mal sentido a partir dos modos pelos quais é afetado seu corpo-mente em tais experiências.

A lembrança das cenas, dos personagens, das coisas ditas, dos atos encenados, tudo mobiliza ou traz em si emoções, sentimentos e memórias. Há, nesses registros autobiográficos, aspectos ou conceitos valorativos, dos planos moral e ético; há expressão de valores morais (dever, certo/errado, mau/bom, etc.), e de rudimentos de noções éticas (justo/injusto, mal/bem, etc).

Ora, mas o que isso pode nos revelar a respeito da psicologia do desenvolvimento moral infanto-juvenil? Pode nos informar algo sobre a formação de conceitos morais e éticos na infância e adolescência, quando marcados pela violência física doméstica proveniente de relações hierarquizadas entre pais e filhos. Revela costumes, noções ou valores morais embutidos na idéia do *bater para educar/disciplinar*, e os princípios éticos norteadores da validade da violência física enquanto mediadora das relações domésticas, protótipo de socialização para uma esfera de sociabilidade maior, reguladora das relações entre indivíduos, autoridades e Estado. Estamos aqui afirmando que a *ética disciplinar doméstica* reproduz e é reprodutora de uma ética societária maior presente nos modos de sociabilidade entre os homens que se inter-relacionam na esfera pública. Assim, em nossa sociedade, parece não haver contradição alguma em sofrer violência doméstica, posto que a violência social e institucional perpetua-se endemicamente.

Tendo isso em mente elaboramos, a partir do modelo *estrutural* de análise aplicado a nosso *Corpus*, quadros-sínteses que podem ser encarados como expressões polifônicas das sensações, emoções, sentimentos, enfim, como expressões de *sentidos* gerados a partir da experiência de apanhar do pai ou da mãe ao longo da infância e mesmo adolescência.

5.4.3. Polifonia ou Composição das "Vozes" Infantis: *mensagens a pais, mães e educadores* brasileiros.

Uma vez que nosso *Corpus* parece confirmar uma série de teses presentes no "vasto mundo" da Psicologia do Desenho Infantil, sentimo-nos autorizados a um ensaio teórico mais livre a respeito dos sentidos das mensagens gráfico-imagéticas infanto-juvenis. Aqui certamente corremos o risco de generalizações condenáveis, pois carentes de maiores evidências científicas, mas admitidas no campo de um *ensaio* teórico final fruto de todo nosso processo de investigação qualitativo-social sobre o fenômeno da PCDCA[113]. Mesmo alertados do perigo, realizamos o intento, pois julgamos, a essa altura, que a Tese já se encontra bem fundamentada.

Quadro 14 - O que crianças e adolescentes do Brasil (de 9 a 12 anos, em 2003) diriam a seus pais e mães por deles apanharem: composição polifônica de *sensações, emoções e sentimentos sócio-morais*

Quando você me bate, sinto tristeza e mágoa, sinto raiva e medo de você. Sinto-me envergonhado, humilhado, desamparado. Você me assusta. Sinto-me aprisionado em minha própria casa, e tenho vontade de fugir, sumir, "pegar a estrada". Sinto-me profundamente só, confuso, inseguro... Quando você me bate, sinto-me decepcionado com você, com sua atitude contra meu corpo, contra mim. Você dilacera meu coração, me faz sentir escuro por dentro; faz-me sentir culpado, às vezes me faz sentir desprezado, odiado, rejeitado – me faz sentir verdadeiramente no lixo! Você parece ter muita raiva de mim quando me bate. Também sinto ódio de você! Percebo, às vezes, que se realiza ao me causar dor, ao me humilhar; parece que ao me bater sente contentamento, e até mesmo alegra-se com o meu sofrimento: então acho que você é má pessoa, um monstro, às vezes torna-se o próprio Diabo encarnado!

Por que me bate tanto?! Porque não conversa comigo, procura entender o que se passa, da minha perspectiva, porque não considera os meus pedidos de desculpas, meus apelos, minhas súplicas, nem mesmo quando estou de joelhos diante de ti?! Minha dor não lhe comove, não lhe diz respeito! Você é insensível, distante, frio ao julgar-me, condenar-me e punir-me...

Às vezes sinto-me até grato a você, por tentar "ensinar-me a lição", corrigir-me, mesmo que através da dor, mesmo que batendo em mim; chego a pensar até que está sendo justo e me ama, quer me ensinar algo, tornar-me melhor pessoa, pois sou mesmo, por vezes, desobediente, danado mesmo, faço arte! Embora tente compreender dessa forma, sempre sinto também aquele mal-estar, aquela tristeza, mágoa e medo, aquele rancor em relação a você...

E o pior, às vezes me sinto num "mundo sem saída", aí tenho vontade de acabar com todo meu sofrimento, penso em me matar, e quando tomado de muita revolta, penso em matar-lo também: seria minha grande vingança, por tudo que já me fez sofrer quando me bate!

[113] Entendemos por *ensaio* um extrapolar dos dados, mas dentro de parâmetros e linhas de pensamento sugeridas, autorizadas ou sinalizadas pelo *Corpus*, impregnado por formulações autorais que, por sua vez, carregam a polifonia de discursos psicológicos, numa composição intertextual proveniente do diálogo incessante entre teoria e dados sociais.

Os sentidos da composição polifônica decorrem do encontrado no conjunto das Produções, assemelhando-se o quadro a uma espécie de "tipo discursivo ideal", por reunir de forma anedótica o que está expresso no *Corpus*. Em suma, todas as crianças, juntas, diriam isso, num coro polifônico. Buscamos assim, com essa estratégia analítica *estrutural*, captar as *redes de significações e sentidos* que se constituem através das múltiplas experiências domésticas com a punição corporal, mediadoras das relações entre pais e filhos, pois "formando redes de significações [...] organizamos e ordenamos nosso mundo e nossa vida, recebendo e doando sentido a eles." (CHAUI, 1999, 156). Assim, desvelamos o sentir da criança, ou o processo de *atribuição de sentidos*.

Através da atenção sobre os *indicadores semióticos* que revelem mensagens morais ou éticas buscamos aprofundar algo mais a compreensão de conceitos, valores e "lições" relacionadas às palmadas. A palmada, enquanto estilo de educação, inspira que valores, que noções ético-morais? Aqui interessa-nos captar se a palmada é entendida estruturalmente como um bem ou como um mal, e ao que está associada no imaginário infantil. Pretendemos agora investigar mais detalhadamente *se* e *como* a criança associa a Palmada ao Bem ou ao Mal, ao Bom ou ao Mau, à Justiça ou Injustiça (merecimento ou não merecimento da palmada) e assim por diante. Enfim, que *mensagens ético-imagéticas* relacionadas à violência física podem estar expressas através das Produções? Como as crianças representam noções ético-morais relacionadas às palmadas, se é que representam tal nível de atribuição de sentido?

Se, conforme La Taille (2006), o *equacionamento moral* e a *sensibilidade moral* são competências necessárias ao *juízo moral* e à *ação moral*, e levando-se em consideração que captamos a partir de nossa AC dimensões cognitivas e afetivas relacionadas à experiência doméstica de apanhar do pai ou da mãe, podemos melhor compreender e deduzir possíveis

"lições" relacionadas ou implicadas em termos de desenvolvimento moral da criança, sobre ser educada apanhando, e sobre o exemplo de bater para educar ou solucionar conflitos da vida.

Partimos da premissa lógica de que um juízo moral afirmativo pode ser expresso a partir de uma sentença equivalente negativa ou inversa, e permite a construção de derivações logicamente aceitáveis, dentro de um mesmo universo semântico, operando-se com sinônimos e antônimos, ou com sentidos opostos[114]. Quando, por exemplo, a criança afirma que é feliz porque não apanha deixa subentendido que julga que quem apanha é infeliz. Operamos com construções dessa natureza, a partir dos significados primeiros extraídos do *Corpus*, de onde se deve obviamente partir toda análise de conteúdo.

Assim, as listas e quadros que se seguem contêm, na maioria das vezes, expressões literais de nossos sujeitos, mas nem sempre, e foram construídas a partir de procedimentos da AC *estrutural* das Produções. Estamos na dimensão das crenças, saberes e mitos sobre a *ética disciplinar doméstica*, que contém em seu bojo a punição corporal como estratégia dos pais no processo de "educação doméstica" dos filhos.

---

[114] Buscamos extrair *conseqüências lógicas* para as unidades sintagmáticas ou unidades de sentido presentes no *Corpus*, a partir de regras de inferência. As Produções fornecem um *sistema de sentenças declarativas*, escritas e imagéticas, das quais podemos fazer derivas *relações de conseqüência lógica* (MATES, 1968) Assim, apoiamo-nos numa premissa básica da *lógica elementar*, apresentada por Benson Mates (1968, p.XIV), que afirma que "[...] o propósito primacial de qualquer sistema lógico é o de reduzir inferências complexas a um encadeamento de outras mais simples", a partir de regras de inferência legítimas. Cabe, contudo, a observação de que nosso tratamento lógico não será rigoroso, uma vez que se trata agora de construir inferências qualitativas sobre um fenômeno social determinado, e não construir derivações de sentenças lógico-matemáticas em sentido estrito.

Lista 2 - Valores morais e princípios éticos da *pedagogia doméstica*: *o que* e *por que* *"bater para educar"* uma criança

I. Bater o desajustamento e a inadequação – *"bater condutas anti-sociais"*.
1.*"Apanhei porque fui abusado." Quando o filho é abusado deve ou merece levar umas palmadas. Pessoas abusadas merecem apanhar.*
2.*"Apanhei porque fui danado." Quando o filho é danado, a mãe ou o pai podem bater. Quem é "danado" merece apanhar.*
3.*"Apanhei porque aprontei". Quando o filho apronta alguma coisa ruim merece receber algumas palmadas. Quem apronta merece apanhar. É legítimo bater em quem apronta.*
4.*"Apanhei porque incomodei". Não se bate no filho que não incomoda. Quem incomoda pode e deve apanhar. Quem incomoda merece apanhar.*
5.*"Apanhei porque me comportei mal." Quem tem mal-comportamento é má pessoa; pessoas más podem e devem apanhar. Quem se comporta mal merece apanhar.*
6.*"Apanhei porque fiz arte." Fazer arte é motivo para apanhar dos pais. Quem faz arte merece apanhar.*
7.*"Apanhei porque tenho a boca suja" Quando a criança "fala palavrões", os pais podem bater. Quem fala palavrões merece apanhar.*
8.*"Apanhei porque bati em alguém". Brigar no colégio é motivo para apanhar em casa. Quem briga merece apanhar. Quem bate em alguém merece apanhar.*
II. Bater os erros comportamentais – *"bater o erro"*.
1.*"Apanhei porque errei." Quando se erra, pode-se apanhar. Apanha-se quando se faz coisa errada. A pessoa errada merece apanhar.*
2.*"Apanhei porque desagradei." Quando os pais não gostam ou desaprovam algum comportamento do filho, batem. Quando não se gosta, pode-se bater; de quem não se gosta, bate-se.*
3.*"Apanhei porque dei prejuízo". Quebrar objetos domésticos, mesmo sem querer, pode levar a uma surra. Objetos podem ser mais valiosos e importantes que pessoas. Quem causa dano aos objetos ou dá prejuízos merece apanhar.*
III. Bater os insucessos, as inaptidões – *"bater o fracasso"*.
1.*"Apanhei porque fracassei". Quando se fracassa na escola, merece-se apanhar. Quem fracassa merece apanhar. Pode-se bater em pessoas fracassadas. Pessoas bem-sucedidas não merecem apanhar.*
IV. Bater a insubordinação – *"bater para preservar a autoridade"*.
1.*"Apanhei porque não calei a boca". Quando os pais ordenam que a criança "cale a boca", e ela não o faz, ela pode apanhar. Deve-se calar a boca quando a autoridade manda. Quem não cala a boca quando deve merece apanhar.*
2.*"Apanhei porque desobedeci". Deve-se ser obediente aos pais. Desobedecer aos pais é motivo para palmadas. Não se deve desobedecer aos pais. Não se deve desobedecer a autoridade. Quem desobedece merece apanhar. É natural que pessoas desobedientes sejam punidas e batidas. A pessoa obediente não merece apanhar. Não se bate em quem é obediente.*
3*"Apanhei porque fui insolente". O réu, a pessoa errada, deve clamar piedade, ajoelhar-se ante a autoridade. Quem não se curva ante a autoridade, merece apanhar.*
4.*"Apanhei porque não cumpri alguma tarefa doméstica". Quem não cumpre o solicitado pelos pais merece apanhar. Quem ajuda os pais nos trabalhos domésticos não merece apanhar. Deve-se ajudar aos pais. Quem não cumpre tarefas merece apanhar.*
V. Bater por satisfação cruel ou idiossincrática – *"bater por maldade e covardia"*.
1.*"Apanhei porque meus pais são malvados". Bate-se por maldade. Quem é mau, bate.*
2.*"Apanhei para satisfazer meus pais." Bate-se por deleite: bater causa alegria, há um contentamento em bater.Bate-se por prazer. Pode-se ter prazer com o sofrimento alheio.*
3.*"Apanhei sem motivos". Às vezes bate-se sem ter motivos, ou por motivo insignificante. Pode-se bater sem motivos.*
4.*"Apanhei porque sou fraco." Quem bate é grande e forte (a autoridade), quem apanha é pequeno e fraco. O mais forte, a autoridade, tem direito natural de bater no mais fraco. O mais forte bate. Quando for grande e forte, poderei bater. É bom ser grande e forte para bater.*

Lista 3 - Valores morais e princípios éticos da *pedagogia doméstica*: a lógica prático-afetiva do *"bater para educar"*.

I. Lógica das ações.
1. *É justificável esconder-se ou fugir para não apanhar.*
2. *Pode-se mentir para não apanhar.*
3. *Quando se erra, deve-se desculpar-se prontamente. Entretanto, às vezes, o arrependimento e a súplica podem não evitar a punição.*
4. *É preferível morrer a permanecer apanhando dos pais.*
5. *Para não mais apanhar pode-se matar os pais.*
6. *Certos objetos servem para bater. Podem-se usar instrumentos para melhor bater.*
7. *Usa-se droga para ter coragem. Quem usa drogas pode bater e matar os outros.*
II. Lógica dos afetos
1. *Não é legítimo ficar triste quando se é punido por ter feito algo errado.*
2. *A raiva que se sente não deve ser expressa, pois pode gerar mais punição.*
3. *Embora quem apanhe sinta-se triste e com raiva, deve alegrar-se e ter gratidão aos pais por ter aprendido a lição.*
4. *Bater causa dor, sofrimento e tristeza no outro; se educa através da dor, sofrimento e tristeza. Logo, a dor pode ser boa. Bate-se para causar dor.*
5. *Bater não é contraditório com o amor: pode-se bater e expressar amor ao mesmo tempo, em relação à mesma pessoa, e na mesma situação. Bate-se por amor. Quem ama, bate!*
6. *Os pais que amam ou se preocupam com os filhos batem. Crescer com palmada significa ser cuidado; crescer sem palmada significa ser negligenciado.*
7. *Os pais que amam seus filhos não batem. Crescer com palmada significa não ser amado, ser rejeitado. Crescer sem palmada significa ser amado. A palmada é o oposto ao amor, carinho, respeito e amizade.*
8. *Bate-se por raiva. Quando sente-se raiva, pode-se bater.*
9. *Bate-se por desprezo ao outro. Quando se despreza alguém, pode-se batê-lo.*
10. *A criança sem apanhar é mais feliz. A criança que apanha é mais infeliz. Quem não apanha é feliz, quem apanha é triste.*
11. *A alegria é boa, a tristeza é ruim. Chora-se de tristeza. A tristeza é má.*
12. *A tristeza, a dor e o sofrimento podem ser bons. Embora algo possa levar à tristeza e ser desconfortável, pode ser bom. Uma coisa pode ser sentida como má e boa ao mesmo tempo.*
13. *É vergonhoso apanhar. Apanhar em público é mais vergonhoso ainda.*
14. *Sentir-se só é ruim. Estar só é triste. Ficar sozinho no quarto, de castigo, é como estar preso.*
15. *"Bom tempo" (sol, nuvens azuis, pássaros coloridos) é bem-estar e bom; "tempo ruim" (chuvas, trovoadas, escuridão) é mal-estar e mal.*
16. *Raios, caveira, bombas, fogo, faca ensangüentada são coisas ruins, associadas ao mal-estar.*
17. *A palmada gera uma "mancha na vida" que nuca irá desaparecer – a palmada é má.*

Lista 4 - Valores morais e princípios éticos da *pedagogia doméstica*: julgamentos infantis sobre a PCDCA perpetrada pelos pais

1. *Bater é a pior educação que os pais podem dar aos filhos.*
2. *É preferível a morte a crescer apanhando.*
3. *Conversar é melhor do que bater.*
4. *Embora cause tristeza, mágoa, dor, etc., às vezes é bom "tomar umas palmadas". A palmada pode ajudar a criança, embora nenhuma criança goste dela. Há coisas más que podem ser boas, isto é, servir a uma boa causa –* ***princípios da lógica pragmática****.*
5. *Bater, embora possa pode trazer danos corporais ao outro (marcas, sangue, dor, ferimentos etc.) é legítimo, em determinadas situações.*
6. *Bater é violência. Palmada é violência. Palmada é maus-tratos Bater gera violência. A paz é o oposto à violência, e é preferível. A paz é preferível à violência e à guerra.*
7. *A violência é contrária à evolução da humanidade, pois violência gera violência.*
8. *É bom não apanhar. É ruim apanhar. A palmada é ruim, gera sofrimento, dor; ver alguém sofrer é ruim.*
9. *Educar sem palmada é educar sem violência. Educar com palmada é educar com violência.*
10. *Não se pode bater sem motivo. Quando há motivo, pode-se bater. Dependendo do motivo, apanhar é injusto; apanhar pode ser justo. É injusto apanhar sem merecer; é justo apanhar quando se merece, ou por "precisão". Não se pode bater nos filhos "sem precisão": bater sem merecimento é injustiça, bater com merecimento é justo.*
11. *Pais e mães ruins batem em crianças inocentes. Quem bate é pessoa ruim, do mal.*
12. *Pessoas ruins, que batem, não podem ser gentes (são monstros). Pais e mães que batem em seus filhos são monstros.*
13. *O injustiçado é aquele que é punido sem ter culpa.*
14. *O julgamento dos pais-juízes às vezes é injusto. Os pais cometem injustiças contra os filhos.*
15. *É injusto exigir algo acima das possibilidades de cada um, e punir corporalmente tal impossibilidade.*
16. *A injustiça é má (um pesadelo, a escuridão); a justiça é boa (luminosa, mágica).*
17. *A palmada deve ser abolida: "não à palmada de pais contra filhos"!*
18. *As crianças devem ter paz. Crescer com palmada é crescer sem paz, em tormenta e sofrimento.*

Se, de um lado, não podemos comparar a expressão de uma vivência (palmada) com a expressão de sua ausência (não-palmada), podemos, por outro lado, tecer muitas inferências sobre crescer apanhando ou sem apanhar dos pais, ainda mais se levarmos em consideração Produções de crianças que *cresceram sem palmada*, que serão apresentadas neste momento a fim de enriquecermos as possibilidades analítico-estruturais, embora, a rigor, não pertençam ao *Corpus*.

5.4.4. *Crescer sem Palmada*: novos testemunhos.

Poderemos agora, com mais evidências colhidas em Produções de crianças que *cresceram sem palmadas*, construir novos quadros analítico-comparativos entre possíveis *sentidos atribuídos* às experiências de apanhar e de não apanhar dos pais na infância ou adolescência. Vejamos, pois, algumas *expressões dos sentidos* de *Crescer sem Palmada.*

Observações:

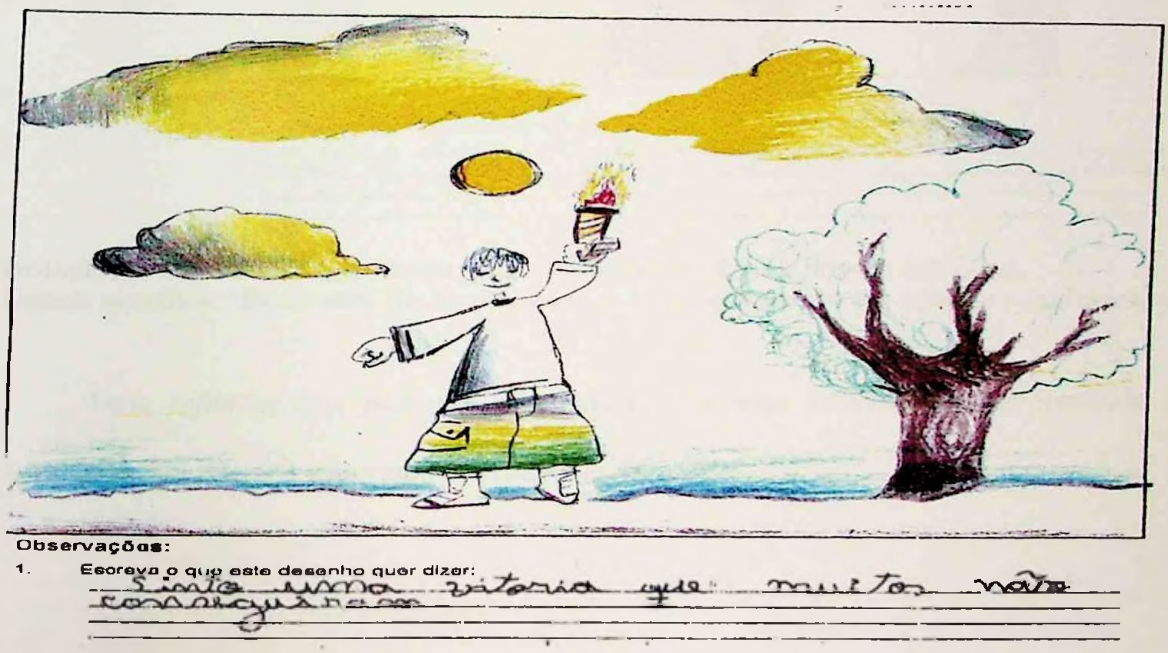
1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Alegria, felicidade

PRODUÇÃO 93 - Feminino, 9 anos, 4ª. serie, Escola particular, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.
Legenda específica: *"Alegria, felicidade."*

Observamos na Produção 93 clara expressão da alegria e felicidade de crescer sem apanhar do pai ou da mãe. A alegria, conforme vimos, aumenta a potência de ser e existir de quem por ela é afetado. A alegria e o bem-estar favorecem a *expansão de si*, e favorecem a construção do sentido de uma *vida com sentido*, que valha a pena ser vivida, uma vida que permita a construção do sentido de uma "vida boa".

Na Produção 94 temos expressado, claramente, o sentido de vitória ou conquista por não ter apanhado dos pais na infância. A metáfora é boa: realmente, poucos são os vencedores, premiados com troféus, e poucos são os que são agraciados em não apanharem do pai ou da mãe durante a infância e/ou adolescência. O que isto pode expressar segundo perspectiva da criança? Que apanhar, ser batido pelo pai ou pela mãe, é uma espécie de derrota pessoal e/ou moral. Assim, os afetos predominantes por não apanhar são os de alegria, glória ou sentimento de ser vitorioso, derivando a exaltação de si e promovendo uma espécie de *expansão de si*, o que fica evidenciado melhor através da Produção 95.

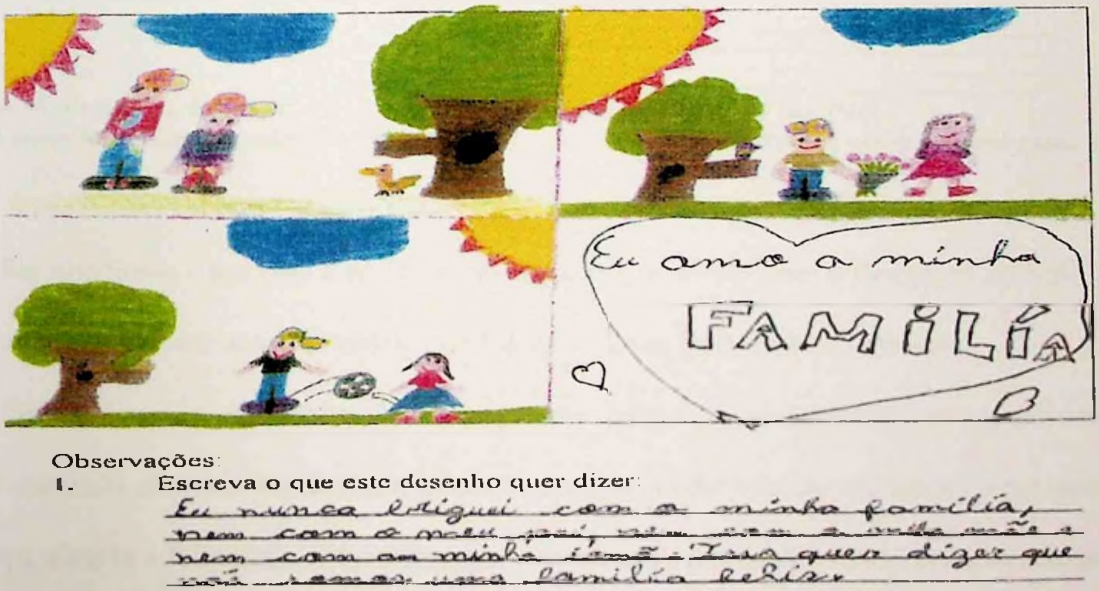


Produção 94 - Masculino, 10 anos, 5ª. série, Escola particular, Estado de Minas Gerais.
Legenda específica: "*Sinto uma vitoria que muitos não conseguiram.*

Produção 95. Masculino, 9 anos, Escola pública, município de Ibiporã, Estado do Paraná.
Legenda específica: "*Eu me cinto nas nuvens porque eu nunca apanhei isso que significa o meu desenho.*"

Uma *infância sem palmada* está associada a uma infância alegre, marcada pela ludicidade. É o que nos informam as Produções 96 e 97.

Produção 96 - Feminino, 10 anos, município de União da Vitória, Estado do Paraná.
Legenda específica: "*Felicidade, amor, carinho, pois é um sonho.*"
Legenda no espaço do desenho: "*Felisidade é tudo na vida!!!*" "*Paz e não guerra*".



Produção 97 - Masculino, 9 anos, 3ª. Série, Colégio particular, município de Osasco, Estado de São Paulo. Legenda específica: "*Eu nunca briguei com a minha família, nem com o meu pai, nem com a minha mãe e nem com a minha irmã. Isso quer dizer que nós somos uma família feliz*".
Legenda no espaço do desenho: "*Eu amo a minha FAMÍLIA*".

Também nas Produções de crianças que *cresceram sem palmadas*, o apanhar associa-se ao mal-ruim, e o não apanhar ao bem-bom.

Produção 98. Feminino, 9 anos, 4ª. Série, município de Cabreúva, Estado de São Paulo.
Legenda específica: "*Este desenho quer diser que eu vou na igreja e sou obediente e ajudo a minha mãe.*

Ser obediente - aos pais e ao Deus-pai -, aparece com um bom e desejável atributo de si. Parece somente justo apanhar aquele que é desobediente, pois passa a merecer.

Enfim, *Crescer sem Palmada*, na expressão infantil, está associado a um universo familiar marcado não pela violência, mas por paz, amor, união e apoio mútuo, compreensão, segurança, alegria e felicidade. E também, pelo exercício de um direito inalienável da criança: o *direito de brincar*.

Produção 99 - Feminino, 11 anos, 5ª. série, Colégio particular, município de Recife, Estado de Pernambuco.
Legendas específicas: [ausentes]
Legendas no espaço do desenho: "PAZ UNIÃO AMOR FELICIDAE"

Por fim, encerramos nossa apresentação iconográfica com aquela que julgamos ser a Produção que expressa mais avançada *sensibilidade moral e ética* de todas as 100 Produções aqui apresentadas, criada por uma adolescente catarinense de 12 anos de idade que cresceu sem a triste experiência de apanhar do pai ou da mãe.

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

Meus pais me educam sem violência, pois uma criança que recebe maus tratos na infância, pode ser o elo de continuidade entre este violento mundo e o futuro, fazendo com que

2. Seu nome completo : R.T.

Produção 100 - Feminino, 12 anos, 6ª. série, município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina.

Legenda específica: ***"Meus pais me educam sem violência, pois uma criança que recebe maus tratos na infância, pode ser o elo de continuidade entre este violento mundo e o futuro, fazendo com que nossa 'evolução' não ocorra."***

Legendas o espaço do desenho: ***"PAZ AMOR ALEGRIA"*** [ao redor do planeta terra]; ***"2003 2005 20014 2023"*** [para expressar o sentido de evolução].

*

Podemos agora, sustentado por novas evidências empíricas, apresentar novos quadros comparativos sobre aspectos da afetividade ou da vida afetiva de crianças que *crescem com ou sem palmadas* e demais punições corporais domésticas.

Quadro 15 - Antinomia das *sensações, emoções* e *sentimentos sócio-morais*, ou *estados afetivos* associados à *Palmada* e sua ausência

Estados afetivos associados à Palmada (expressos por crianças que apanharam ou apanham do pai ou da mãe durante a infância).	**Estados afetivos associados à ausência da Palmada.** (expressos por crianças que não apanharam do pai ou da mãe durante a infância, e inferidos pela AC *estrutural* das crianças que *cresceram com palmada*).
Mal-estar	*Bem-estar*
Tristeza, infelicidade, insatisfação	*Alegria, felicidade, contentamento*
Medo (do pai ou da mãe ou da punição), assombramento	*Ausência de medo* (confiança nos pais), segurança
Raiva, ódio, ira, destrutividade	*Amor, positividade ou construtividade*
Revolta, indignação	*Cooperação, colaboração*
Rejeição, desprezo, desafetuosidade, desamor	*Acolhimento, aceitação, afetuosidade, amor*
Solidão, desamparo	*Pertencimento, amparo*
Angústia, constrição	*Alegria, expansão*
Fragmentação, cisão, confusão	*Integridade, unidade*
Derrota, fracasso, impotência	*Vitória, glória, potência*
Desarmonia	*Harmonia*
Desestima	*Estima*
Auto-piedade, pena de si, baixa estima	*Alegria de si, Auto-estima, auto-respeito*
Chateação, desgosto, desolação	*Contentamento*
Dor física (no corpo), dor*	*Bem-estar corpóreo, prazer*
Dor psíquica (na "alma"), sofrimento psíquico*	*Bem-estar psíquico*
Dor ou Ferida Moral	*Integridade e saúde moral*
Vergonha-exposição	*Intimidade preservada, direito à intimidade*
Vergonha-humilhação	*Auto-imagem preservada, exaltada, apoio*
Rebaixamento, inferiorização	*Exaltação, superioridade*
Aprisionamento, sufocamento	*Liberdade*
Culpa	*Ausência de culpa*
Resignação, conformismo, heteronomia,	*Autonomia, pró-atividade*
Gratidão triste, falso contentamento	*Gratidão alegre, contentamento*
Coração partido	*Coração pulsante*
Escuridão	*Claridade*
Malignidade	*Benignidade*
Mágoa	*Alegria*
Persecutoriedade	*Segurança*
Desespero	*Tranquilidade*
Desproteção, desconfiança, insegurança	*Proteção, confiança, segurança*
Decepção, desesperança	*Surpresa, esperança*
Ser odiado	*Ser amado*
Pesadelo, terror	*Sonho*
Desejo de morrer, afirmação da morte	*Desejo de viver, afirmação da vida*

Nota: *Embora tais categorias pareçam manter a cisão corpo-mente, contrariando as vertentes da neuropsicologia contemporânea e da filosofia de Espinosa e psicologia de Vygostky, optamos por mantê-las, pois são com esses constructos ou categorias de pensamento que os sujeitos criam suas Produções. As emoções e sentimentos da segunda coluna são contrários ou opostos (por definição) aos referidos na primeira coluna (*Infância com Palmada)*, isto é, extraídas de nosso *Corpus* (N= 92).

Quadro 16 - *Conceitos* relacionados à experiência e não-experiência de apanhar do pai ou da mãe na infância

Conceitos negativos relacionados ao apanhar dos pais	Conceitos positivos relacionados ao não apanhar dos pais
Agressão	*Delicadeza*
Apanhar, suplício ou tortura corporal	*Não apanhar, afetuosidade corporal*
Autoridade despótica (impiedosa, fria, cruel)	*Autoridade democrática (justa medida)*
Bater (palmada, mãozada, tapa, tapinha, cintada, etc.)	*Não bater, acarinhar*
Crime, castigo, punição	*Correção, premiação, recompensa.*
Desobediência	*Obediência*
Desunião	*União, solidariedade*
Diabo (monstros)	*Deus (o anjo, a Igreja)*
Drogas	*Natureza*
Errado, erro	*Certo, acerto*
Guerra	*Paz*
Injustiça (não-merecimento), ser injustiçado, sofrer injustiça	*Justiça (merecimento), ser bem tratado, ser reconhecido*
Lágrimas (chorar)	*Sorrir, sorriso*
Mal, maldade, malignidade, monstruosidade	*Bem, bondade, benignidade*
Pai-patrão	*Pai-companheiro, pai-amigo*
Pai-diabo	*Pai-herói*
Palavrões	*Palavras afetuosas*
Ruim, mau	*Bom*
Sadismo cruel	*Compaixão*
Violência	*Paz*
Morte	*Vida*

Nota: Consideramos que conceitos podem ser também expressos através de imagens, a partir da representação de cenas ou eventos.

*

5.5. Instrumento de Leitura Ícono-verbal Exploratório da VDCA

Enquanto parte dos resultados desta pesquisa e inspirados nos procedimentos de *análise de conteúdo categorial*, concebemos um instrumento para ser utilizado por educadores, visando o diagnóstico e prevenção da VDCA na escola.

Trata-se de um *Instrumento de Leitura Ícono-verbal Exploratório da VDCA*, a ser aplicado a partir do contexto escolar, visando diagnosticar, intervir e reorientar as práticas disciplinares familiares. Isso porque compreendemos que a Escola enquanto contexto privilegiado de desenvolvimento infantil pode e deve assumir importante papel na reestruturação psíquica de crianças que sofrem cotidianamente Violência Doméstica, e mesmo agir ativamente visando sua prevenção.

Embora a VDCA não seja fator determinante do sucesso ou fracasso escolar, trata-se de um fenômeno que merece ser objeto de mais atenção da escola e de seus agentes. Assim, há que se pensar em como a escola pode agir (quais estratégias privilegiar) a esse respeito, atuando de maneira preventiva e/ou reparadora. A esse respeito, Aquino (1999) se refere às possíveis conseqüências da VDCA e o importante papel reparador e aglutinador que pode ser desempenhado pela escola no tocante a essa questão, pois "o *locus* escolar configura-se, muitas vezes e para muitos, como o único espaço social disponível que se apresenta de modo não-disruptivo, não-ameaçador, não-abusivo." (AQUINO, 1999, p.16). Nas relações com os professores os alunos teriam "um porto seguro" onde ancorar seus infortúnios e, sobretudo, desenvolver sua confiança no outro.

Ora, estando o professor instrumentado para lidar com a questão da violência doméstica incidente sobre o grupo de alunos sob sua responsabilidade o alcance de sua ação será maior. Entretanto, conforme diagnostica Aquino (1999, p.16-17):

> [...] nem sempre o contexto escolar é pródigo no que se refere ao acolhimento das diferenças humanas e sociais encarnadas em sua clientela "diferente", quanto mais de crianças e adolescentes que estejam atravessando situações demasiado aflitivas. Conotados em geral como "alunos-problema" [...], aqueles acometidos por alguma espécie de transtorno emocional, muitas vezes advindos de relações familiares conturbadas ou de situações trágicas,

> [e que] nem sempre conseguem garantir para si espaços de pertencimento nos cenários das trocas escolares. Além disso, a estigmatização velada passa a ser um fardo a mais, um dilema adicional a ser equacionado.

Nesse sentido, a Escola, por vezes, detecta o problema da Violência Doméstica incidente sobre seu corpo discente e forma certo "pacto de silêncio" com a família, e não raro passa a estigmatizar aluno e família como sendo "problemáticos", "desestruturados". Nesses casos, ao assumir atitudes de *omissão* ou de *estigmatização/preconceito* a instituição escolar deixa de cumprir importante papel que lhe cabe: para além da própria transmissão do conhecimento, a escola deve ser promotora de saúde e bem-estar das crianças que a ela recorrem, contribuindo com as famílias e com a comunidade com a qual dialoga e na qual está inserida. Lembramos que os agentes escolares estão necessariamente implicados nessa problemática, se não por convicção ético-profissional, por determinação legal, conforme os Artigos 13, 18 e 56 do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA).[115]

Muitas vezes a escola não se encontra preparada: faltam-lhe estratégias concretas sobre o que fazer em relação à VDCA, quando essa adentra os portões escolares. Nesse sentido, visamos construir nosso *Instrumento de Leitura Ícono-verbal Exploratório da VDCA* que, se não alcança ou abrange todas as modalidades de VDCA, como a *violência sexual* ou a *negligência*, pode servir para a detecção e prevenção da violência física e, secundariamente, da violência psicológica[116], embora em relação a essa sejam necessárias algumas adaptações e novos estudos a fim de garantir maior precisão e validade.

O instrumento criado não exige conhecimentos profundos de Psicologia do Desenho Infantil, de Testes Psicológicos Projetivos ou de outros instrumentos de uso privativo dos

---

[115] "Art. 13. Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais. [...] Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. [...] Art. 56. Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de : I – maus-tratos envolvendo seus alunos [...]" (BRASIL, 1990).

[116] Isto porque toda *violência física* carrega consigo dimensões de *violência psicológica*, embora a recíproca não seja verdadeira.

psicólogos. Assim, pode ser incorporado à dinâmica escolar, como instrumento de diagnóstico e prevenção da VDCA, orientação, formação e informação aos pais e educadores sobre educação e desenvolvimento infantil, no bojo da discussão sobre Cultura da Não-Violência ou Educação para a Paz, Educação para a Cidadania e para a Democracia[117].

Do ponto de vista de sua aplicabilidade, nosso instrumento também é bastante simples, além de ter um caráter lúdico e formativo. Pode ser aplicado em sala de aula ou outro espaço escolar, sob o pretexto de concurso de *desenho infantil temático*, por exemplo, a partir do devido consentimento dos pais ou responsáveis pelas crianças, que de livre consentimento desejem participar da atividade. Uma sugestão possível é de que o tema a ser proposto para as crianças seja, por exemplo, o mesmo apresentado na coleta das Produções de nosso *Corpus*, isto é:

Concurso de Desenho Infantil: *Crescer Sem Palmada.*

E justificamos tal escolha por vários motivos. Em primeiro lugar, porque esse tema, tal como formulado, não desperta certas angústias entre pais e mães de alunos como, por exemplo, se propuséssemos algo do tipo *Crescer apanhando*, ou *A Violência nossa de cada dia*, ou temas semelhantes. Em segundo lugar, e em decorrência do exposto anteriormente, é mais provável que os pais consintam na participação dos filhos em um concurso com essa temática - lembremos que temos que ter a autorização dos pais ao propormos uma atividade ou dinâmica dessa natureza para a criança, mesmo porque ela se insere em um contexto de atuação preventiva e formativa maior, a partir de estratégias conjuntas a ser pensadas pela

[117] Desenvolvemos algumas idéias referentes às possíveis atuações da escola diante da VDCA em Longo e Narita (2006), onde situamos o *concurso de desenho infantil* como uma das inúmeras estratégias a serem conduzidas pelos agentes escolares a fim de promover o debate, a prevenção e mesmo o diagnóstico da violência familiar incidente sobre o corpo discente.

escola. E, em terceiro lugar, porque foi a partir desse tema que construímos nosso Instrumento, e assim parece-nos mais adequado sua utilização sob tal enquadre[118].

Sugerimos, também, que se trabalhe com duas consignas distintas, uma para crianças que *cresceram com palmadas:*

> **"FAÇA UM DESENHO QUE RESPONDA À SEGUINTE PERGUNTA:** ***Como você se sente quando recebe uma palmada?"***

E outra consigna para crianças que *cresceram sem palmadas*:

> **"FAÇA UM DESENHO QUE RESPONDA À SEGUINTE PERGUNTA:** ***O que você sente por nunca ter recebido uma palmada?"***

Podem ser entregues dois formulários contendo as diferentes consignas para cada criança, a fim de se evitar ter que descriminar publicamente entre quem apanha e quem não apanha do pai ou da mãe em casa.

Após a produção do desenho deve ser solicitado à criança que explicite por escrito o que seu desenho quer dizer. Em crianças de pouca idade, tal sentido pode ser investigado verbalmente, e anotado pelo aplicador ou professor.

Os desenhos produzidos, ademais, podem servir para exposições e reuniões de conscientização e formação de pais, professores e demais agentes escolares, e ainda para fomentar debates entre as crianças e pais - desde que tomados os devidos cuidados éticos. Deve ser encarado, portanto, como um instrumento a mais a ser empregado como parte de uma programação de esforços maiores no sentido da prevenção da VDCA, a partir da atuação direta sobre todos os envolvidos na problemática e nos processos educacionais: crianças, pais, educadores e comunidade.

---

[118] Entretanto, pensamos que possa haver certa flexibilidade em relação ao tema a ser proposto para as crianças, desde que se leve em consideração tudo o que expressamos anteriormente, e que o tema consiga captar o que se quer investigar, isto é, os níveis de VDCA incidentes sobre os alunos.

No que se refere à análise dos possíveis dados captados por nosso instrumento, sua interpretação é bastante simples, uma vez que o instrumento fornece os parâmetros possíveis para interpretações e ações. Em suma, estando presentes determinados indicadores se pode detectar a gravidade ou níveis de violência doméstica física sofrida pelos alunos:

Quadro 17 - Parâmetros interpretativos dos níveis de *Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes* (VDCA)

I. **Violência Doméstica como de *Grande Risco* à Integridade da criança:**
Detecção da presença dos estados afetivos de *Terror* ou *Vontade de Morrer.*
II. **Violência Doméstica como de *Risco* à Integridade da criança:**
Detecção da presença dos estados afetivos de intensa *Raiva, Medo, Revolta, Vergonha/Humilhação* ou *Resignação.*
III. **Violência Doméstica *presente* na cultura disciplinar familiar da criança:**
Detecção da presença dos demais estados afetivos: *Dor, Mal-estar, Tristeza, Culpa,* etc.
IV. **Violência Doméstica *aparentemente ausente* na cultura disciplinar familiar da criança:**
Detecção de produção sobre a temática *Crescer sem Palmada.*

Os níveis I e II, considerados como de *Grande Risco* e de *Risco* à Integridade da criança, quando detectados em indivíduos do corpo discente, exige intervenção mais ou menos imediata e enérgica da escola e seus de agentes, como, por exemplo, convocar os pais ou responsáveis pela criança para reunião escolar, e, no processo de acompanhamento do "caso", se necessário, acionar as instituições de proteção legal à infância, conforme a gravidade do mau-trato detectado. Convém lembrar que antes de tomar qualquer atitude há que se discutir em equipe a caracterização e gravidade de cada caso detectado, a fim de traçar estratégias adequadas, claras e objetivas sobre como intervir. É fundamental agir de forma extremamente cuidadosa para preservar a integridade da criança, buscando ao mesmo tempo informar e formar os professores e os próprios pais, visto que o objetivo é a educação de todos, e não a punição... Passemos agora ao Instrumento propriamente.

Instrumento de Leitura Ícono-verbal Exploratório da *Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes* (VDCA)

Índice I. *Sensações de Dor e Prazer*	**PRODUÇÕES/CRIANÇAS**																
A) Categoria *DOR* **Lista de Indicadores:**																	
1. Retraimento do corpo ou de parte deste; fricção ou massagem na parte do corpo batida, para aliviar a dor.																	
2. Marcas, hematomas ou feridas; "estrelinhas" sobre à parte do corpo batida.																	
3. Expressões faciais de alarme e sofrimento físico.																	
4. Legendas específicas: *senti dor, doeu muito; sofri no corpo, na pele; Ai!! Ui!; etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( ) Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção?(especificar produção)

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

B) Categoria *PRAZER* **Lista de Indicadores:**																	
1. Expressão prazerosa ou de satisfação presente na expressão facial do sujeito punido.																	
2. Descontração e abertura do corpo, expressões e posturas corporais que traduzem bem-estar, prazer e/ou contentamento.																	
3. Legendas específicas: *sinto prazer; é muito bom; é bom; gostoso; etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção? (especificar produção)

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

Índice II. *Emoções de Fundo*	**PRODUÇÕES/CRIANÇAS**																
A) Categoria *MAL-ESTAR* **Lista de Indicadores:**																	
1. Conotação de mal-estar, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico-corporal.																	
2. Representação de partes separadas do corpo; fragmentos ou partes específicas para retratar o estado de sentimentos; corpo disforme, quebrado, partido, rasgado ao meio (coração partido, rosto partido, etc.).																	
3. Sinais de interrogação e exclamação, e outros símbolos conotativos de dúvida, confusão, desorientação e mal-estar.																	
4. Legendas específicas: *sinto-me mal, fiquei mal; sofri na alma; dor na alma; meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedacado; não sei o que fazer, para onde ir, etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção? (especificar produção)

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

B) Categoria *BEM-ESTAR* **Lista de Indicadores:**																	
1. Presença de contentamento ou outras emoções e sentimentos que conotam bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico-corporal.																	
2. Retratar-se "no alto", "nas nuvens", no cume; segurando um troféu, vitorioso.																	
3. Arco-íris, sol amarelo sorrindo, flores coloridas, pássaros coloridos, natureza exuberante, etc.																	
4. Legendas específicas: *sinto-me bem, com bem-estar, etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção? (especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

Índice III: ***Emoções Básicas***	**PRODUÇÕES/CRIANÇAS**																
A) Categoria *TRISTEZA* **Lista de Indicadores:**																	
1. Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro).																	
2. Lágrimas de tristeza; olho que chora, do qual escorrem lágrimas.																	
3. Coração partido, do qual escorrem gotas (azuis ou verdes, de modo geral, ou vermelhas conotando sangue).																	
4. Corpo curvado, cabeça para baixo; mão(s) segurando o rosto; desolação.																	
5. Legendas específicas: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste; fiquei magoado; mágoa, magoado; ressentido; etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção? (especificar produção)

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

B) Categoria *RAIVA* **Lista de Indicadores:**																	
1. Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.																	
2. Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados; boca entreaberta, berrando.																	
3. Raiva representada em elementos da natureza: raios, tempestade e nuvens ao fundo ou sobre a cabeça do sujeito punido, mar revolto, vulcão, furacões, sol com expressão raivosa, etc.																	
4. Músculos salientes, expressivos, conotando força, tensão, agressividade e raiva; posturas de luta, golpes, mãos fechadas, etc.																	
5. Legendas específicas: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso; vou descontar; você vai ver só, vou me vingar; Toma!; odeio meu pai/minha mãe, etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção?(especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

C) Categoria *MEDO* **Lista de Indicadores:**																	
1. Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta.																	
2. Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.																	
3. Esconder-se atrás, embaixo ou no interior de objetos ou móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro), ou em lugares da casa (no porão, em cima da árvore, etc).																	
4. Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo!".																	
5. Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, como medo da punição.																	
6.Representação de tempo escuro, escuridão, noite, tempo ruim (chuva, tempestade, raios).																	
7. Legendas específicas: *sinto medo; medo; assustado; desproteção e insegurança etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção? (especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

D) Categoria *ALEGRIA* **Lista de Indicadores:**																	
1. Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).																	
2. Estar pulando de alegria; estar festejando, dançando, estar soltando fogos de alegria..																	
3. Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.																	
4. Legendas específicas: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz, contente, etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção?(especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

Índice IV: ***Sentimentos Sócio-Morais***	**PRODUÇÕES/CRIANÇAS**																
A) Categoria ***INFERIORIDADE FÍSICA*** **Lista de Indicadores:**																	
1. Representação do sujeito punido excessivamente reduzido em comparação com o sujeito punidor ou parte de seu corpo (mão, pé, objeto para bater, etc.)																	
2. Exagero intencional na representação do tamanho de objetos ou outras pessoas proporcionalmente ao resto da composição.																	
3. Perceber-se e sentir-se mais fraco em relação a outrem, com menor força física e massa corporal, impotente para defender-se.																	
4. Legendas específicas: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno, minúsculo, etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção?(especificar produção)

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

B) Categoria *SOLIDÃO/DESAMPARO* **Lista de Indicadores:**																	
1.Sujeito punido no chão, desolado; retratação do corpo do sujeito punido em posição de encolhimento, sentado ou deitado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito.																	
2. Figuração da casa ou quarto cadeia; janelas e/ou portas fechadas; figuração de muros ou obstáculos intransponíveis; pouco ou nenhum objeto biográfico, quanto muito uma cama.																	
3. Legendas específicas: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário; sinto-me desamparado, sem ninguém, sem amigos; sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção?(especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

C) Categoria *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO* **Lista de Indicadores:**																
1. Sujeito punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição; resignado a sessão punitiva, resignado à *ritualística da punição corporal.*																
2. Legendas específicas: *não há o que fazer; vivo num mundo sem saída; sinto-me submisso; estou resignado; só resta esperar, etc.*																

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção? (especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

D) Categoria *GRATIDÃO/RECONHECIMENTO* **Lista de Indicadores:**																	
1. Demonstrar gratidão e reconhecimento pelos esforços e cuidados paternos; alegria por estar ao lado/junto com os pais.																	
2. Estar aprendendo "a lição", estar sendo corrigido, mesmo que através da punição corporal.																	
3. Legendas específicas: *sinto-me alegre por ter aprendido; aprendi a lição; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem, foi para o meu bem; tornei-me melhor; os pais batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor; mereci apanhar; sou danado mesmo; foi justo; graças a isso cheguei onde estou, bem sucedi-me, etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção?(especificar produção)

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

E) Categoria *AUTO-PIEDADE/PENA DE SI* **Lista de Indicadores:**																	
1. Revelação de sentimentos e pensamentos envolvendo pena, dó, compaixão, expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou outros personagens.																	
2. Legendas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!; sou mesmo um coitado!; pobre criança!, etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção?(especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

F) Categoria *CULPA* **Lista de Indicadores:**																	
1. Reconhecimento da culpa ou erro.																	
2. Pedir desculpas, desculpar-se, pedir perdão.																	
3. Auto-acusações, depreciações.																	
4. Autopunição corporal, auto-mutilação.																	
5. Legendas específicas: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; sou abusado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer, etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção?(especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

G) Categoria *VERGONHA/HUMILHAÇÃO* **Lista de Indicadores:**																	
1. Representação de situação vexatória em si, como exposição das nádegas, chute nas nádegas, apanhar em público, etc.																	
2. Bochechas coradas, orelhas vermelhas; "vergonha na cara".																	
3. Retratação do sujeito punido de costas, sem rosto expresso ("sem cara"); mãos ocultando a expressão facial, cara escondida.																	
4. Corpo curvado, abaixado, no chão; estar de joelhos, em posição de súplica; "estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).																	
5. Estar maltrapilho, com roupas rasgadas.																	
6. Dedo da autoridade apontando, acusando, humilhando, diminuindo; sentir-se diminuído em seu ser.																	
7. Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral, sentir-se um lixo enquanto pessoa, equivaler-se ao lixo, ao nada.																	
8. Legendas específicas: *sinto-me humilhado, envergonhado, inferiorizado, ridicularizado; "pessoa minúscula"; vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado, etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção? (especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

H) Categoria *DESPREZADO/REJEITADO* **Lista de Indicadores:**																	
1. Figuração do sujeito punido na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.																	
2. Figuração do sujeito punido sendo posto para fora da casa, na rua.																	
3. Expressão facial de desprezo, indiferença, ódio ou satisfação cruel presente no sujeito punidor (pais ou responsáveis).																	
4. Legendas específicas: *sinto-me como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; me jogou na rua, expulsou de casa, mandou pra fora de casa, etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção?(especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

I) Categoria *REVOLTA/INDIGNAÇÃO* **Lista de Indicadores:**																
1. Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, espirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.																
2. Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão.																
3. Figuração do sujeito punido fugindo de casa, "pegando" a estrada, desaparecendo; mala, mochila ou trouxa nas costas.																
4. Ser punido por algo que causou sem intenção, sem querer; estar sendo condenado injustamente; apanhar sem saber o motivo.																
5. Situação de punição injusta em si, covarde, desproporcional ao erro cometido.																
6. Retaliar alguém após ser agredido, atirar ou esfaquear alguém; estar descontando algo ou uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão; vingança movida por raiva.																
7. Legendas específicas auto-referentes: *isso me revolta; estou indignado; estou "fulo" da vida; é injusto; sou injustiçado; não merecia; foi sem querer; não tive intenção; não sabia; porque estou apanhando?!; palavras de ordem: "não à palmada!", "abaixo a palmada", "diga não à violência"; etc.*																

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção? (especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

J) Categoria *TERROR* **Lista de Indicadores:**																	
1. Representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico: punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, violência extrema.																	
2. Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, conotando medo intenso, terror.																	
3. Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros.																	
4. Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada, bizarra, tirânica ou maléfica do sujeito punidor;																	
5. Retratação do sujeito punidor como *monstro, vampiro, diabo, ser maligno, etc.*																	
6. Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; meu sofrimento é sem fim, etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção?(especificar produção)

_____

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

_____

K) Categoria *VONTADE DE MORRER* **Lista de Indicadores:**																	
1. Expressão de pensamentos ou atitudes auto-destrutivas como esfaquear-se, cortar os pulsos; enforcar-se, pular no abismo, pular da ponte, saltar pela janela do prédio, etc.																	
2. Pensamentos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo; desejo de morrer.																	
3. Representação da morte como alternativa ou solução ideal aos transtornos da vida.																	
4. Legendas específicas: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; passar desta para melhor; etc.*																	

Você percebeu algum outro indicador desta categoria?
( )Não ( ) Sim

Qual(is) _____

Qual a sua impressão geral sobre cada Produção?(especificar produção)

Atribua um parâmetro interpretativo dos níveis de VDCA em relação a cada aluno, a partir de sua Produção.

Cabe lembrarmos que apresentamos nosso *Instrumento de Leitura Ícono-verbal Exploratório da VDCA* como parte dos resultados da presente pesquisa. Assim, não tivemos desde o início de nossa investigação a idéia e o compromisso em concebê-lo.

Passemos agora às conclusões e considerações finais de nosso trabalho.

6. Conclusão / Considerações Finais

> "[...] Se liberdade e felicidade são atividade de um corpo e de uma alma aptos para o plural simultâneo, seu desenvolvimento será bloqueado sob o peso de forças externas adversas. Em outras palavras, sob a tirania política, teológica e moral não há felicidade nem liberdade [...]"
>
> Marilena Chaui

Chegamos ao fim do presente trabalho com a certeza de que provamos nossa hipótese referente ao *mal da palmada*, e que, portanto, cumprimos nosso objetivo inicial de oferecer subsídios cientificamente válidos no sentido de somar esforços em direção à abolição legal da palmada e todas as formas de PCDCA praticadas amplamente por pais e mães brasileiros.

Mas, obviamente, isso não poderia esgotar as considerações finais, e teceremos então nossas conclusões a partir de quatro distintos focos ou percursos analíticos inter-relacionados. Em primeiro lugar, situando o fenômeno da *palmada* e demais *punições corporais domésticas* como revelador de aspectos da *condição da infância* no Brasil, que é dada pelo *(des)valor* e pelo *lugar* que a criança ocupa nas relações sociais e de poder, relações hierarquizadas de dominação-submissão, que se reproduzem no âmbito doméstico. Os *modos de sociabilidade doméstica* explicam, em parte, o lugar ou a posição que as pessoas ocupam nas relações sociais. Segue-se então uma conclusão que decorre dessa constatação anterior: esses *modos de sociabilidade doméstica* trazem em seu bojo uma série de *preconceitos* associados à imagem da criança, o que explica em parte a "quase naturalidade" com que pais e mães batem em seus filhos e filhas.

Em seguida, teceremos conclusões relacionando *educação sob violência* e a *construção da afetividade e da moralidade infantil*, buscando sistematizar algumas idéias e argumentos apresentados no corpo da tese. E, finalmente, ainda mantendo-nos no campo da psicologia do desenvolvimento infantil, teceremos conclusões relacionando a *pedagogia da palmada* (e demais formas de PCDCA) e a *expansão de si* ou do *desenvolvimento*, em sentido amplo.

*

Em primeiro lugar, concluímos que a existência endêmica em nossa sociedade da prática de pais e mães de bater em seus filhos revela aspectos da condição contemporânea de *desvalor* reservada à infância no Brasil, que é condicionado pelo *valor* e pelo *lugar* que a criança ocupa em nosso imaginário sócio-cultural. Os desenhos infantis são testemunhos dessa condição, retratos do *mundo privado*, doméstico, familiar, marcado por uma sociabilidade violenta e autoritária, que reserva um lugar *menor*, de *desvalor* às crianças.

Nossos procedimentos analíticos revelaram aspectos da própria Condição da Infância no Brasil, no início do século XXI, no tocante à questão de como são tratadas e socializadas no âmbito doméstico. Em nosso *Corpus* encontram-se *testemunhos* ou *expressões de sentidos* suficientes para afirmarmos a existência disseminada da violência física e psicológica como *norma* culturalmente aceita e legitimada.

As representações construídas pelas crianças, a partir dos signos culturais disponíveis para expressar estados afetivos e situações concretas, traduzem modos de sociabilidade, expressam ambientes e cenas domésticas, situações familiares cotidianas; revelam "a essência" de um *modus operandi* ou *dispositivo* disciplinar autoritário e violento de que se valem as famílias pretensamente para "educar" suas crianças: trata-se antes de uma domesticação violenta, um "aquebrantamento" ou disciplinamento à força das "disposições infantis". Trazem latente e manifestamente *testemunhos* bastante claros ou explícitos, na maioria das vezes, sobre esses modos de se relacionar em família, de atitudes e valores presentes no universo doméstico, sobre as relações com as figuras primeiras de autoridade, e sobre o exercício do direito-dever dos pais de corrigir ou educar os filhos, quando lançam mão dos meios e modos "moderados" de castigo ou punição corporal.

A *cultura da palmada*, que autoriza os pais a baterem em seus filhos, é apenas uma das inúmeras facetas da *cultura do autoritarismo* que permeia o universo doméstico, nas relações privadas. O bater faz parte não só de uma estratégia, mas de uma *ética disciplinar doméstica,* visando produzir ou conformar comportamentos ajustados, obedientes, morais, corrigir desvios de caráter, expiar erros, culpas, pecados, pela dor e pela humilhação. A tradição escolástica, higienista, e da própria psicologia comportamental, notadamente de matriz anglo-saxônica, advogam ou advogaram até muito recentemente que as punições corporais têm um suposto poder para mudar ou controlar o comportamento, as disposições ou a "alma" da criança. E, deste antigo "caldo de cultura", com suas raízes no século XVI, cultura eminentemente *autoritária* e *adultocêntrica*, resulta que crianças brasileiras continuam sendo alvo da prática da violência, no interior de suas próprias casas.

A casa é o espaço das relações privadas, do que se passa "sob quatro paredes", onde tudo parece ser possível, justo ou injusto, moral ou imoral, ético ou não. No *espaço privado,* a *cultura da violência* e os princípios que a fundamentam são legitimados e reforçados, transmitidos e assimilados. A família, curiosamente, não aceita que um adulto exterior a ela exerça qualquer punição corporal sobre suas crianças ou adolescentes, todavia em casa os pais freqüentemente punem corporalmente seus filhos, sem se afetarem por qualquer indignação moral. Isso porque a PCDCA é prerrogativa da família - *direito doméstico* -, a ser exercido, em primeiro lugar, pelo pai ou pela mãe.

Nosso *Corpus* expressa, pois, o caráter autoritário da família brasileira, da "sagrada família", imersa na cultura brasileira, historicamente constituída sob o signo da violência de natureza física, de expiação e contenção dos corpos. E está manifesto nas Produções a impotência da criança ante essa prática autoritária reproduzida nas famílias. Subjaze aos desenhos a condição da infância brasileira, concernente aos modos pelos quais as crianças são socializadas ou "disciplinadas" em casa. Tal condição é de desrespeito, de fragilidade e

impotência, de injustiça, de violência, de *menorização* e de negação de um dos direitos básicos de toda criança e adolescente, que é o direito de ter preservada sua integridade física, psíquica e moral, o que pressupõe de imediato a exclusão das punições corporais enquanto práticas da educação doméstica.

A criança que apanha em casa, tem a *violência* como parte do seu repertório de experiências, de sua realidade pessoal e social; portanto, a violência não é apenas uma idéia que se conhece de forma abstrata, a partir do relato dos outros, pelos livros, mídias ou professores, como algo que existe para os outros, distante de si. Para aquele que apanha a violência é real, faz parte da concretude de sua vida, de seu *ser e estar* no mundo. Faz realmente diferença *crescer com* ou *crescer sem palmada*.

Ao mesmo tempo em que as Produções infantis afiguram-se como testemunhos das práticas domésticas ordinárias, narrativas de dramas ou tragédias familiares cotidianas, ao mesmo tempo em que se afiguram como registros das sensações, emoções e sentimentos infantis decorrentes das punições corporais, revelando *atribuições de sentidos*, a AC do *Corpus* apontou-nos para a permanência das práticas de punição corporal como forma de controle e correção do comportamento, "expiação do mal", "amor correcional", e assim por diante, que perpassam a história do Brasil e mostram-se mesmo atualmente bastante resistentes à mudança. A análise do *Corpus* revelou, em suma, *modos de sociabilidade doméstica,* portanto de socialização primária, pautados pela violência física, por códigos hierárquicos de valores, pela ambivalência afetiva, pelo desafeto, pela ênfase sobremaneira nas noções de erro, castigo, mal-comportamento e fracasso.

A idéia da *palmada* enquanto estratégia "moderada" de disciplinamento infantil mostrou-se ser, na realidade, um *mito*: enquanto recurso prático e ético-disciplinar a idéia da palmada mostrou-se falsa. A própria crença em sua possibilidade concreta constitui-se já em um mito, isto é, em uma idéia enganadora, uma vez que os pais raramente usam somente a

palmada em sentido estrito. É comum aos pais perderem o controle sobre os modos e meios punitivos empregados, o que enquadra a punição já não mais como leve ou moderada: os pais, muitas vezes sem terem consciência de que o fazem, extrapolam os limites do "razoável" ou "aceitável", conforme atestam ou *testemunham* nosso *Corpus*. Revelou-se que, sob o signo lingüístico *Palmada*, diversas formas de violência física e psicológica são exercidas sobre a criança: cintada, pontapé, paulada, tapa, soco, "mãozada", açoitamento com chicote, espancamento, etc.. Tudo se passa, sob a proteção da vida privada doméstica, como se realmente os pais lançassem mão só e tão somente do expediente da palmada, a "palmadinha leve no bumbum". Percebemos que, sob a alcunha *Palmada* esconde-se toda uma tecnologia punitiva, corretiva e "aquebrantadora" das crianças, já que se um adulto agisse assim com outro, poderia ser processado, ao menos, por crime de lesão corporal leve; e se agisse assim com um animal, poderia responder a um processo criminal por maus-tratos aos animais. Em síntese, sob a denominação corriqueira e socialmente intitulada "palmada" escondem-se práticas domésticas diversas que os pais se utilizam para educar os seus filhos, não raro com grande potencial lesivo ao corpo e ao psiquismo infantil, conforme tentamos evidenciar a partir da análise detalhada e sistemática de nosso *Corpus*. Portanto, se *Palmada* é *mito*, a verdade é a *violência física* presente em tais práticas ou modos inter-relacionais.

*

As Produções trazem consigo, enquanto testemunhos, impressões ou retratos de cenas vividas, expressões de *sentidos atribuídos* no contexto das relações familiares; expressam noções ético-morais, configurando *gestalts* a respeito das relações hierarquizadas, de poder e autoridade, entre pessoas e coisas, e o que é possível se esperar na relação com a autoridade quando se comete um erro, ou quando se tem atitudes ou comportamentos não aceitos, de forma que tais experiências vão se tornando referências para as futuras relações sociais. No âmbito doméstico, esse protótipo é marcado pela violência física, pela subjugação do mais

fraco, pela humilhação, pela tática do isolamento, do medo, pelo terror, pela punição do erro e do fracasso, e pelo latente e manifesto preconceito contra os mais fracos, que assume a forma de *preconceito anti-criança* [119].

Preconceito, sendo uma idéia, julgamento ou opinião pré-concebida, formada antecipadamente ou de antemão, sem o conhecimento dos elementos necessários e definidores de uma coisa, pessoa, objeto, idéia ou imagem, não envolve reflexão ou ponderação com relação aos fatos. No próprio termo *criança* e em suas designações há elementos de *desvalor*: *infantil, menor, menoridade, menino, menina, pequeno, mínimo, ingênuo, simples, simplório, pueril, fútil, frívolo, parvulo, tolo, idiota, irracional,* etc..

Mais ainda, a criança é também discriminada por ser *diferente* dos adultos, os grandes referenciais e detentores de poder. É vista como um ser incapaz, menor, sem vontade e desejos próprios, sem poder de voz e decisão, e, portanto, suas necessidades e seus direitos não têm o mesmo *status* que os dos adultos. Assim, é desvalorizada enquanto sujeito, e tratada como objeto; daí poder ser mal-tratada, humilhada, batida, já que não se encontra no mesmo "nível" dos adultos, numa sociedade que privilegia relações *adultocêntricas*. É, pois, a própria *condição da infância* alvo de preconceitos. Em suma: a criança não é tolerada em sua especificidade e tampouco tem respeitada sua "condição peculiar de desenvolvimento", donde podemos afirmar a existência disseminada do *preconceito anti-criança* em nossa sociedade, que se sustenta em parte por compreensões equivocadas dos processos de desenvolvimento infantil, e de outra parte, pela grande ignorância, desconhecimento mesmo das necessidades e especificidades da criança.

Os diferentes níveis analíticos que empreendemos sobre nosso *Corpus* revelaram esse caráter *menorizado* da criança brasileira, que vive relações hierárquicas violentas e

---

[119] Valemo-nos aqui de reflexões recentes desenvolvidas por Maria Amélia Azevedo (2007), em *Era uma vez o preconceito contra a criança,* quando aborda as diversas facetas do preconceito existente em nossa cultura contra a criança.

humilhantes com seus pais, sofrendo no anonimato da vida privada toda sorte de preconceitos relacionados à não compreensão de sua condição peculiar de desenvolvimento.

*

Concluímos que o que a criança parece verdadeiramente aprender com as palmadas é a "natureza" e as regras das relações hierárquicas assimétricas e de poder, em uma sociedade estruturada entre seres desiguais. O que as Produções revelaram a partir de procedimentos sistemáticos de AC são *testemunhos* de crianças a respeito de suas relações com a autoridade doméstica paterna ou materna e, portanto, também testemunho do tipo de *moralidade doméstica* socialmente disseminada e aprendida, reaprendida e reproduzida, e como tal moralidade se desenvolve no âmbito doméstico, a partir das experiências com os pais, figuras principais de apego e imitação. Tais relações familiares, entre pais e filhos, são cotidianamente marcadas pela violência, humilhação, terror, injustiça, autoritarismo, desrespeito, subjugação, rebaixamento e destrutividade; fazem guardar muita mágoa, tristeza e mesmo ódio e desejo de aniquilamento. Escondem-se em nossas Produções, pois, *códigos de valores* presentes na família brasileira contemporânea, segundo o qual objetos domésticos, muitas vezes, são bens de mais apego, apreço e valor do que os próprios filhos, de forma que danificar intencionalmente ou acidentalmente qualquer objeto doméstico (copos, vasos, tapetes, sofás, eletrodomésticos), implica estar suscetível às variadas formas de punição corporal.

A análise *estrutural* revelou-nos aspectos da educação moral próprios da vida em família, além de explicitar todo o *mal* da experiência infantil de apanhar do pai ou da mãe, sejam quais forem os motivos. O que, enfim, se esconde por trás do *Corpus,* além dos *códigos de valores*, mas orientados por eles, são os *costumes sociais* domésticos relativos à educação de filhos, referentes ao certo e ao errado, ao punível e ao não-punível, ao tolerável e ao intolerável, ao moderado e ao imoderado, e assim por diante.

A violência de pais contra filhos, sendo um valor social na educação doméstica, carrega em si problemas relacionados à *educação moral* de nossas crianças. As relações *simétricas* e *recíprocas* ou de *cooperação*, já se sabe, podem engendrar *autonomia*; pelo contrário, relações *assimétricas* e *unilaterais* tendem a engendrar *heteronomia*. Tendo a coerção física como *norma* social, o desenvolvimento rumo à *autonomia moral* e à construção de *personalidades éticas* pode vir a ser comprometido. Essas formulações, bastante básicas em termos de psicologia do desenvolvimento, já seriam suficientes para justificar a proibição legal da palmada e derrubar os argumentos favoráveis às punições corporais enquanto estratégia ético-disciplinar doméstica possível de ser empregada pelos pais contra os filhos.

No fundo, a questão que se coloca é: a violência física de pais contra filhos corrobora construções de quais valores morais e princípios éticos? Entretanto, essa análise não deve limitar-se ao plano ético-moral: é importante repensar a questão mais ampla, a *cultura da violência* e, mais especificamente, a *cultura da palmada*, cujas relações vão do âmbito do espaço privado ao espaço público e também do público para o privado.

Assim, se no início do desenvolvimento infantil a palmada é sentida ou vivenciada pela criança somente como algo *mau*, como algo que causa dor física, medo, susto, raiva, tristeza, lágrimas, etc., posteriormente, por intermédio dos processos de socialização que se dão ao longo do desenvolvimento, pode operar-se (por ação da cultura societária, grupal, familiar) a transformação da noção de *mau* para algo *bom*: a palmada, como forma de "educação/correção", ou "demonstração de amor paternal". Por meio de operações de racionalização a violência pode passar a ser assimilada como uma ação benéfica, como um bem e para o bem, embora o sentimento vivido seja de mal-estar (físico, psíquico, moral). Pode ocorrer, portanto, uma *relativização do mal*, e uma aproximação entre as noções de bem e mal, podendo conduzir a criança, sob as sucessivas experiências familiares com a palmada,

ao desenvolvimento da *idéia moral* de que usar a força física contra o outro, isto é, bater em alguém, pode ser justificável e mesmo benéfico, em certos casos.

Se, no início do desenvolvimento infantil a criança constrói significados maniqueístas em torno do bem e do mal, depois, com o processo de desenvolvimento em curso tal distinção absoluta pode ir sendo relativizada. Por meio dos processos mentais complexos de internalização ou assimilação de aspectos da cultura, que se dão a partir de um maior desenvolvimento das estruturas de raciocínio do pensamento infantil a criança/adolescente vai tendo mais elementos para lidar com a realidade. No entanto, a ambigüidade presente nas relações nas quais a violência física é praticada tende a produzir idéias confusas sobre valores, comportamentos e atitudes.

Ao longo do processo de desenvolvimento e com as sucessivas experiências autobiográficas de apanhar do pai ou da mãe, a criança pode construir, a partir de um conjunto de preceitos, práticas e ações morais paternos, conceitos, noções e princípios éticos que incorporem a *violência física* como forma possível de correção, educação e de solução de problemas, ou seja, a criança passa a incorporar a violência física como forma legítima "para se fazer um bem" ou para alcançar algum objetivo, ou para fazer justiça. A violência física, enquanto *ato*, passa a ser um meio legítimo de resolução de conflitos, ou uma maneira possível de se educar/disciplinar alguém. A violência pode tornar-se então, para a criança ou para o adolescente, uma *forma de sociabilidade* humana permitida, um modo de relacionar-se com as pessoas no mundo. Em termos de aprendizagem e desenvolvimento moral infantil, esse pode ser um dos males da palmada e das demais punições corporais domésticas na infância.

Isso não quer dizer, entretanto, que toda criança que conviva com a violência física dos pais contra si passe a aceitá-la como ato legítimo – e, portanto, moralmente aceitável – para atingir determinados fins (corrigir, punir, educar, etc.). As análises que empreendemos

em nosso *Corpus* deixam claro que há crianças que constróem imagens e conceitos "negativados" em relação às palmadas, associando-as à tristeza, dor, raiva, covardia, injustiça, malignidade, além de considerá-las como *atos de violência*, contrários à paz e à evolução da humanidade. Esse tipo de *imagem moral* é construído, conforme discutimos, notadamente por crianças de mais idade, com 11 e 12 anos, e antes nas meninas, desenvolvendo o pensamento conceitual-abstrato, ainda que em suas formas iniciais de estruturação.

Devido à própria *condição da infância*, marcada ainda pelo *signo da violência doméstica*, as crianças que sofrem punições corporais podem construir referenciais ético-morais pautados pela ambigüidade, relativismo e pragmatismo, o que permite a assimilação e acomodação ou "incorporação" da *violência como modo relacional*. Aquele que não sofreu violência está mais livre, no campo de possibilidades, para a geração de outras idéias e imagens mentais, outras simbolizações, construções e sinapses que não aquelas marcadas pela violência física. A criança que apanha habitualmente do pai ou da mãe pode ter na violência *uma possibilidade real para resolução de conflitos*, uma vez que esta está presente não de forma abstrata e distante, mas nas relações familiares vivenciadas, fazendo parte de suas experiências concretas de vida. Assim, a violência impregna o campo de experiências, podendo constituir-se em um referencial para as relações interpessoais presentes e futuras. A vivência da violência faz parte da autobiografia da criança, *é* nela. Ela possui esse repertório em seu corpo, em sua alma, seus sentimentos foram afectados pela dor, pela tristeza, pela humilhação. A violência sofrida torna-se parte da criança, e a prática da violência sendo algo que existe em seu repertório, pode vir à tona "naturalmente", se não realizar um esforço de mediação e superação de tal experiência.

A criança aprende a violência, é treinada - ou habitua-se - ao convívio com práticas de uma ética disciplinar ambivalente, marcada pela pedagogia do suposto "amor correcional" e, ao longo de seu desenvolvimento, pode reafirmar ou contestar essa mentalidade, esse ideário,

mas as imagens mentais da violência associadas a um conjunto de valores a respeito da punição corporal (do comportamento, da conduta, do caráter e de atributos desejáveis e indesejáveis da personalidade) dificilmente serão esquecidos. A *violência* e a *ética pragmática* como referências ou mesmo como modelos de resolução de conflitos marca o processo de socialização.

A conclusão a que chegamos, portanto, é que as punições corporais apontam para a formação ou desenvolvimento de moralidades pautadas por relações hierárquicas, de dominação-submissão, podendo o pólo dominante exercer a violência física como forma de manutenção do seu micro-poder doméstico. Assim, experiências reiteradas de punição corporal doméstica podem levar a criança – mas não necessariamente - à formação de uma *ética pautada pela legitimidade da violência física enquanto forma de resolução de conflitos,* o que é no mínimo paradoxal ante as idéias celebradas da *família* como lugar de proteção e acolhimento, da *sociedade democrática* e dos *direitos da criança e do adolescente.*

Assim, se a *punição corporal* corrobora uma *ética pragmática*, segundo a qual se pode valer de um procedimento físico, da força, como forma de punição, disciplinamento ou controle do outro, a *agressão física* torna-se uma forma de sociabilidade bastante factível na resolução dos conflitos domésticos, cotidianos, e sociais. E mesmo não considerando a palmada como algo bom, fica, ao nível da experiência assimilada para a criança, que a violência física, em determinadas situações, é legítima.

No entanto, a palmada não deve figurar no rol das práticas pedagógicas domésticas que visam a construção de uma *personalidade ética.* Sob violência física as crianças são inspiradas mais pelo *medo do castigo* do que por qualquer *sentimento de obrigatoriedade.* Não se pode combater a *heteronomia* natural da criança com uma prática essencialmente heterônoma como o uso da violência física. Não se está afirmando com isso que quem sofreu punições corporais na infância ou adolescência não poderá construir uma *personalidade ética.*

Entretanto, parece-nos claro que, enquanto experiência ou vivência, a punição corporal não promove a *expansão de si*, ao contrário, pode levar ao auto-aniquilamento.

Se a questão do *desenvolvimento moral* pode e deve ser encarada a partir da gênese e do desenvolvimento dos afetos, para sabermos se algo ou alguma prática o favorece ou não, devemos redirecionar nossa análise sobre os sentimentos ou *estados afetivos* gerados a partir de determinadas experiências. E, nosso estudo pôde-nos demonstrar que a experiência com a palmada e demais punições corporais não favorece o desenvolvimento da criança, pelo contrário, bloqueia suas potencialidades de pensar e agir e, portanto, limita suas possibilidades de ser de forma autônoma. Em termos de desenvolvimento psicológico a punição corporal é imediatamente contrária à *expansão de si*, na medida em que afeta a criança por estados de tristeza, medo, humilhação e impotência.

*

Se pensarmos no *continuum* das "paixões" ou *estados afetivos* gerados por causas externas, que vai da *alegria* (que mobiliza no sentido de aumentar a perfeição do ser, isto é, sua potência de agir e perseverar na existência) até a *tristeza,* passando pelos múltiplos estados gerados a partir dessas duas *afecções* básicas humanas, além do *desejo*, e chegando, por fim, ao desejo de morte ou auto-aniquilamento, podemos entender porque as *punições corporais domésticas* só podem promover predominantemente o bloqueio da potência de agir, pensar e ser do *conatus,* se opondo ao movimento natural do desenvolvimento humano. O bloqueio do *conatus* é o bloqueio do próprio desenvolvimento, enquanto potência para agir a ser expandida.

Podemos compreender que a criança submetida às experiências de palmadas, ao tornar-se predominantemente passiva, conformada, e mesmo resignada, tende ao estado de heteronomia, de servidão em relação aos pais-senhores. Na alegria da relação sem violência com os pais, percebemos afirmação e expansão do *conatus;* já na tristeza percebemos a

diminuição, o definhamento e, no limite, a auto-destruição do próprio *conatus*, ainda que em um esforço último e inadequado em busca da liberdade.

A PCDCA é, pois, contrária à *expansão de si*, do ser, da criança e seu desenvolvimento na medida em que engendra estados de tristeza, medo, humilhação, rebaixamento moral, afetando negativamente a construção das *representações de si* (auto-imagem) que, como se sabe, permitem a emergência de determinadas construções relativas à própria identidade, àquilo que se é ou se pensa ser.

A palmada não ajuda a criança a transpor limites, mas a limitar-se, restringir-se e, portanto, não pode ser considerada como parte prática de uma educação que oriente em direção à superação de si mesmo, dos próprios erros e limitações. A violência física não pode fazer parte de práticas educativas que busquem a *excelência* e o desenvolvimento da autonomia. A palmada é limitadora do desenvolvimento infantil.

Como ficou evidenciado a partir das múltiplas análises de conteúdo que empreendemos sobre nosso *Corpus*, para a criança brasileira a palmada é quase sempre um mal em si, algo que faz mal e traz um mal-estar, físico (dor), dor psíquica (sofrimento, tristeza, raiva, medo, revolta, ira), desconfiança dos pais, sentimentos de rebaixamento da auto-imagem, do *self*, e do próprio *conatus*, isto é, do próprio esforço de perseveração na existência. Portanto, algo que à primeira vista parece demasiado óbvio a título de conclusão de uma Tese deve ser ressaltado: a criança não gosta de apanhar, não aprecia tal atitude paterna, passa mesmo a desconfiar e a temer o pai ou a mãe, não se sente bem nesta situação. Apanhar na infância não é bom, é desfavorável ao desenvolvimento das potencialidades da criança, à sua passagem, em termos espinosanos, para um estado de *perfeição maior*, ou *equilibração superior*, em termos de psicologia genética.

Além disso, a palmada constitui um *desrespeito ao direito à integridade física, psíquica e moral* da criança e do adolescente, configura-se como uma violação de seus direitos. Os resultados da AC sustentam a hipótese inicial com a qual trabalhamos, na medida em que os desenhos das crianças que cresceram com palmadas ora retratam danos corporais (hematomas, dor, sangue etc.), ora danos psíquicos (tristeza, sentimento de solidão e desamparo etc.), ora danos morais (sentimento de inferioridade, humilhação/vergonha etc.), sendo, portanto, uma experiência marcada pelo *mal*, em suas diferentes formas de expressão. A palmada aparece predominantemente representada no pólo da dor, da tristeza, da vergonha, de sentimentos de inferioridade, do retraimento do corpo, do sofrimento, do medo, da angústia. Por outro lado, as expressões de crianças e adolescentes que não sofreram palmada encontram-se no pólo do bem-estar, da alegria, da afirmação da vida.

Assim, a palmada e as diversas formas de PCDCA constituem experiências marcadas pelo mal para a criança que a vivencia; a violência física e toda forma de VDCA é contrária à *expansão de si* e à afirmação do *conatus*, sendo, portanto, contrária ao pleno desenvolvimento da criança.

*

* *

Referências*

AAP. American Academy of Pediatrics. Attitudes and counseling on corporal punishment in the home. **AAP, Division of Child Health Research,** Periodic Survey of Fellows, # 38.

AAP. American Academy of Pediatrics. Just the facts. Effective Discipline. **AAP, Division of Child Health Research,** 2001.

ANDRADE, F. D. Desejo, alegria e tristeza: o *conatus* como potência de existir e agir. **Cadernos Espinosanos**, v. I, n. 1, p. 7-44, 1996.

ADLER, A. **Le tempérament nerveux.** Paris: Payot, 1912/1992.

ADORNO, S. Adolescentes, crime e violência. In: ABRAMO, H. W. ; FREITAS, M. V. ; SPOSITO, M. P. (Orgs.). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000. p.99-110.

AQUINO, J.G. Transtornos emocionais na escola: da consternação à inclusão. In: _____ (Coord.). **Transtornos emocionais na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999. p.11-17.

ARATANGY, L. R. **Desafios da convivência**: pais e filhos. 2ª ed. São Paulo: Gente, 1998.

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual.** São Paulo: Pioneira/Edusp, 1980.

AZEVEDO, M.A. (Coord). **Vozes da infância**: a palmada deseduca. [Vídeo – Desenho animado]. São Paulo, LACRI, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo : Campinas, Núcleo de Cinema de Animação de Campinas : Save the Children, 1998 (1ª versão), 1999 (2ª versão). 1 cassete NTSC, 2,5min. color. Son.

AZEVEDO, M. A. Contribuições brasileiras à prevenção da violência doméstica contra crianças e adolescentes. In: WESTPHAL, M.F. **Violência e criança**. São Paulo: Edusp, 2002. p.125-135.

---

* Padronizado de acordo com as recomendações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, NBR 6023, 2002).

AZEVEDO, M. A. Descobrindo o desenho infantil. Introdução. In: AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.A. **Descobrindo o desenho infantil**. São Paulo: Lacri/IPUSP : Ieditora, 2003a. p. 4-11. Disponível em: < http://www.ieditora.com.br >. Acesso em: 17 out. 2004.

AZEVEDO, M. A. Descobrindo o desenho infantil no universo da psicologia. In: AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.A. **Descobrindo o desenho infantil**. São Paulo: Lacri/IPUSP : Ieditora, 2003b. p. 20-35. Disponível em: < http://www.ieditora.com.br >. Acesso em: 17 out. 2004.

AZEVEDO, M. A. **Pesquisa qualitativa e violência doméstica contra crianças e adolescentes (VDCA)**: por que, como e para que investigar testemunhos de sobreviventes. São Paulo: Lacri/IPUSP, 2004. Disponível em: < http://www.usp.br/ip/laboratorios/lacri >. Acesso em: 15 set. 2004.

AZEVEDO, M. A. **Era uma vez o preconceito contra a criança.** São Paulo: Lacri/IPUSP, 2007.[mimeo].

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. **Infância e violência doméstica:** fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1993.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. **Violência doméstica na infância e na adolescência.** São Paulo: Robe, 1995. (Série encontros com a psicologia, 1).

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. **Infância e violência fatal em família.** São Paulo: Iglu, 1998.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. **Mania de bater:** a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Iglu, 2001a.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. **Violência psicológica doméstica**: vozes da juventude. São Paulo: Ieditora, 2001b.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. **Bibliografia seletiva internacional sobre VDCA (1981-2000).** São Paulo: Lacri/IPUSP, 2001c.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. **Bibliografia seletiva nacional sobre VDCA.** São Paulo: Lacri/IPUSP, 2001d.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. **Palmada já era!** São Paulo: Lacri/IPUSP , 2002.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. (2003a). **Por que abolir no Brasil a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes**? São Paulo: Lacri/IPUSP. Disponível em: <http://www.usp.br/ip/laboratorios/lacri>. Acesso em: 21 de maio 2004.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. Childhood and domestic terror in Brazil: stories of death and resistence. In: EUROPEAN CONFERENCE ON TRAUMATIC STRESS (ESTSS), 6., 2003, Istambul, Turquia. **Paper**... Istambul, 2003b. Disponível em: <http://www.usp.br/ip/laboratorios/lacri>. Acesso em: 8 jul. 2004.

AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N.A. (Coords.). **Campanha pela Abolição da Punição Corporal de Crianças e Adolescentes no Brasil**. Crescer: Crescer com palmada? Ou sem palmada? Até quando a sociedade brasileira vai conviver com esta dúvida? [Folder]. São Paulo, LACRI, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. (2005). **Palmada já era? Vozes da BRAVA Gente Brasileira.** [DVD] Duração 55min. São Paulo, SP, LACRI, Instituto de Psicologia da USP. Produção Mercado do Vídeo.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. (2006). **Relatório Anual – 2005**. São Paulo: Lacri/IPUSP. Disponível em http://www.palmadajaera.com/peopniao.asp, Acesso em 15/12/2006.

BARDI, M.; BORGOGNINI TARLI, S. M. A survey on parent-child conflict resolution: Intrafamily violence in Italy. **Child Abuse and Neglect,** v. 25, n. 6, p. 839-53, Jun., 2001.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1988.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia.** São Paulo: Cultrix, 1964.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.189-217

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.17-36

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.39-63

BELSKY, J. Child maltreatment: an ecological integration. **American Psychologist,** n.35, p.320-35, 1980.

BILSKY, W. A Teoria das Facetas: noções básicas. **Estudos de Psicologia, v. 8,** n. 3, p.357-365, 2003.

BLANCK, G. Prefácio. In: VIGOTSKI, L.S. **Psicologia pedagógica.** Edição comentada. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003. p.15-32.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Cultrix, 1990.

BOUTONIER, J. **El dibujo en el niño normal y anormal.** Buenos Aires: Paidos, 1968.

BRASIL. **Código Penal Brasileiro.** Brasília, DF: Senado, 1940.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1998.

BRASIL. Lei 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília, DF: Senado, 1990.

BRASIL. Lei n. 9455, de 7 de abril de 1997. Dispõe sobre os **Crimes de tortura**. Disponível em : <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9455.htm>. Acesso em: 09 de Dez. 2005.

BRASIL. Lei 10.406, de10 de janeiro de 2002 **Novo Código Civil, 2002.** Brasília, DF: Senado, 2002..

BRASIL. Projeto de Lei n. 2654, de 2003. **Projeto de Reforma Legal na Área de abolição da Punição Corporal Doméstica de Crianças e Adolescentes.** Disponível em: http://www.usp.br/laboratorios/lacri/projeto01.htm . Acesso em: 21 de mai. 2004.

BROFENBRENNER, U. **A Ecologia do desenvolvimento humano:** Experimentos Naturais e Planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979/1996.

BRYMAN, A. **Quantity and quality in social research.** London: Unwin Hyman, 1988.

BUGENTAL, D.B.; MARTORELL, G.A.; BARRAZA, V. The hormonal costs of subtle forms of infant maltreatment. **Hormonal Behavior,** v. 43, n.1, p.237-44, Jan., 2003.

BUNTAIN RICKLEFS, J.J. et al. Punishments: What predicts adult approval. **Child Abuse and Neglect**, v. 18, n.11, p. 945-55, Nov., 1994.

BURIEL, R. et al Mexican-American disciplinary practices and attitudes toward child maltreatment: A comparison of foreign- and native-born mothers. **Hispanic Journal of Behavioral Sciences**, v.13, n.1, p.78-94, Feb., 1991.

CABRERA, S. R. Q. **Pais e filhos**: quem e como educar. São Paulo: EdiCon, 1997.

CAMACHO, S. **Guia prático dos pais**. São Paulo: Greenforest do Brasil, 1998.

CARDIA, N. **Pesquisa sobre atitude, normas culturais e valores em relação a violência em 10 capitais brasileiras.** Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

CHAUI, M. Espinosa, Vida e Obra. In: **Os Pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.VII-XXII.

CHAUI, M. Sobre o medo. In: CARDOSO, S. et al. (Org.). **Os sentidos da paixão.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.35-75

CHAUI, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.** São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CHENG, K.O. **Review of the literature regarding the short - and long - term consequences of corporal punishment on children.** California,s.n., 65p. Tese (Doutorado) - Biola University, Estados Unidos, 2000 [Abstract].

CHENOWETH, T.; J, H. **Corporal punishment:** does it hinder the development of children? US: Texas: s.ed, 2000. [Abstract].

CHRISTENSEN, E. The use of corporal punishment on three-year-olds - How prevalent is the use of corporal punishment - In which families and for what behaviors is corporal punishment administered. **Nordisk Psykologi,** v.53, n.1, p. 47-71, Apr., 2001.

COHEN, L. Debate about parents right to spank causes divisions among MDS. **Canadian Medical Association Journal (CMAJ)**, v.153, n.1, p. 73-5, Jul. 1995.

CONCEIÇÃO, S. C. **Dificuldades dos pais na educação dos filhos sob a ótica de duas revistas brasileiras (1994-2001)**. São Paulo, s.n. 122p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004.

CORREIA DE LIRA, J.T. Suicídio e preservação de si: em torno de um grau zero de *conatus*. **Cadernos Espinosanos,** v. I, n. 2, p.113-134, 1996.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COUTINHO, R. G. **Sylvio Rabello e o desenho infantil.** São Paulo, s.n. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1997.

CRANDALL, M; CHIU, B; SHEEHAN, K. Injury in the first year of life: risk factors and solutions for high-risk families. **Journal of Surg Res, v.** 133, n.1, p. 7-10, Jun. 2006.

CURY, M. et al. (Coord.). **Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado**. Comentários jurídicos e sociais. São Paulo: Malheiros Editores, 1992.

DAVIS, P. W. Little stoics and small assaults: Children's reactions to corporal punishment in public. **Southern Sociological Society (SSS),** 2000.

DEBIENNE, M.-C. **O desenho e a criança.** Lisboa: Moraes, 1977.

DeLAMARE, R. **A vida de nossos filhos**: de 2 a 16 anos. 15ª ed. ampl. Rio de Janeiro: Bloch, 1992.

DELBOS, V. As afecções humanas – a servidão da alma. Décima Lição. In: DELBOS, V. **O Espinosismo:** curso proferido na Sorbonne em 1912-1913. Trad. Homero Silveira Santiago. São Paulo: Discurso Editorial, 1912/2002a. p.129-139.

DELBOS, V. A natureza humana e a lei de seu desenvolvimento. Nona Lição. In: _____. **O Espinosismo:** curso proferido na Sorbonne em 1912-1913. Trad. Homero Silveira Santiago. São Paulo: Discurso Editorial, 1912/2002b. p.115-128.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho:** desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

DAMÁSIO, A. R. **Em busca de Espinosa:** prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAVIS, P.W. When adults hit children in public: An observational study. **Society for the Study of Social Problems (SSSP)**, 1990.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. Preface. In: _____. **Handbook of Qualitative research.** 2a. ed. London, Sage, 2000. p. IX – XX

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho:** desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

DIETZ, T.L. Disciplining children: characteristics associated with the use of corporal punishment. **Child Abuse and Neglect**, v. 24, n.12, p. 1529-42, Dec, 2000.

DUBORGEL, B. **Le dessin d'enfant.** Paris: Jean-Pierre Dalarge, 1976.

DURKHEIM, E. **Le suicide.** Paris: PUF, 1930.

DURRANT, J.E. . Evaluating the success of Sweden's corporal punishment ban. **Child Abuse and Neglect**, v. 23, n. 5, p.435-48, May, 1999.

ELLIS, E. M. **Educando filhos responsáveis**: como evitar a culpa e a tolerância excessiva e criar filhos conscientes. São Paulo: Ática, 1997.

ENG, H.. **The Psychology of Children's Drawings.** London: Routledge e Kegan Paul, 1954.

ENGELMANN, A. **Os estados subjetivos:** uma tentativa de classificação de seus relatos verbais. São Paulo: Editora Ática, 1978. (Série ensaios, 36).

ESPINOSA, B. Ética. Demonstrada à maneira dos geômetras. In: **Baruch de Espinosa.** São Paulo: Abril Cultural, 1677/1983. p.69-299. (Série os pensadores).

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLYNN, C, P. Regional differences in attitudes toward corporal punishment. **Journal of Marriage and the Family**, v. 56, n.2, p.314-24, May, 1994.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir:** o nascimento da prisão. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

GAIARSA, J. A. **Agressão, violência e crueldade**. São Paulo: Gente, 1993.

GARDNER, H. **Artful scribbles: t**he significance of children's drawings. New York: Basic Books, 1980.

GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179

GOODENOUGH, F.L. **Measurement of intelligence by drawings.** Chicago: World Book Company ; N.Y: Yonkers-on Hudson, 1926.

GOODNOW, J. **Desenho de crianças.** Lisboa: Morais, 1977/1979.

GONZÁLEZ REY, F. L. **La investigación cualitativa en psicología:** rumbos y desafíos. São Paulo: Educ, 1999.

GRAY,C. Pediatricians taking new look at corporal-punishment issue. **Canadian Medical Association Journal (CMAJ),** v., 166, n.6, Mar, 2002.

GREEN, C. **Domando sua ferinha.** São Paulo: Fundamento, 2003.

GREIG, P. **A criança e seu desenho:** o nascimento da arte e da escrita. Porto Alegre:Artmed, 2004.

GROGAN-TAYLOR, A.; OTIS, M. D. The predictors of parental use of corporal punishment. **Family Relations**, v. 56, n.1, p.80-91, Jan., 2007.

GUERRA, V. N. de A. **Violência de pais contra filhos**: a tragédia revisitada. 3ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 1998.

GUERRA, V. N. Descobrindo o desenho infantil no mundo da arte. In: AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.A. **Descobrindo o desenho infantil**. São Paulo: Lacri/IPUSP , 2003. p. 12-19. Disponível em: <http://www.ieditora.com.br>.

HARKOT-DE-LA-TAILE, E. **Ensaio semiótico sobre a vergonha.** São Paulo: Humanitas, 1999.

HERSKETH, T.; HONG, Z.S.; LYNCH, M. A.Child abuse in China: the views and experiences of child health professionals. **Child Abuse and Neglect,** v. 24, n.6, p. 867-72, Jun. 2000.

HITE, S. **Relatório Hite sobre a família**: crescendo sob o domínio do patriarcado. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1995.

HOLDEN, G, W.; COLEMAN, S.M.; SCHMIDT, K. L. Why 3-year-old children get spanked: parent and child determinants as reported by college-educated mothers. **Merrill Palmer Quarterly**, v. 41, n.4, p.431-52, Oct., 1995.

KLEPSCH, M.; LOGIE, L.**Crianças desenham e comunicam:** uma introdução aos usos projetivos dos desenhos da figura humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

KRUGMAN, S.; MATA, L.; KRUGMAN, R. Sexual abuse and corporal punishment during childhood: a pilot retrospective survey of university students in Costa Rica. **Pediatrics,** v. 90, p.1, p. 157-61, Suppl. S, Jul., 1992.

LACRI. Laboratório de Estudos da Criança. **Concurso de desenho infantil:** *Crescer sem Palmada.* São Paulo: Lacri/IPUSP, 2003. Disponível em : < http://www.ip.usp.br/laboratorios/lacri/cdesinf.htm>. Acesso em : 13 mar. 2004.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS; J.B. **Vocabulário da psicanálise.** Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LA TAILLE, Y. **Limites:** três dimensões educacionais. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

LA TAILLE, Y. Violência: falta de limites ou valor? Uma análise psicológica. In: ABRAMO, H. W. ; FREITAS, M. V. ; SPOSITO, M. P. (Orgs.). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 110-134.

LA TAILLE, Y. **Vergonha:** a ferida moral. Petrópolis: Vozes, 2002.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LONGO, C.S. **A Punição Corporal Doméstica de Crianças e Adolescentes em Livros sobre Educação Familiar no Brasil (1981-2000).** São Paulo, s.n. 215p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2001.

LONGO, C.S. Ética disciplinar e punição corporal na infância. **Psicologia USP,** v.16, n.4, p. 99-120, 2005a.

LONGO, C.S. O desenho como linguagem socialmente motivada. **Pátio Educação Infanti/ Artmed** , v.3, n.8, p. 29-31, 2005b.

LONGO, C.S. Imaginação e atividade criadora na psicologia vygotskyana. **Temas sobre Desenvolvimento, v.** 14, n, 81, 2005c.

LONGO, C.S. Bibliografia seletiva e novas tecnologias de comunicação sobre Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA) no Brasil (1973-2005). In: AZEVEDO; M. A.; GUERRA, V. N. **Dossiê Direitos Negados (Brasil 2004-2005).** Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA): um cenário em (des)construção. São Paulo, Lacri/IPUSP, UNICEF, 2005d.

LONGO, C. S.; AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Bibliografia seletiva nacional e internacional sobre punição corporal doméstica (1990-2002).** São Paulo: Lacri/Save the Children, 2002.

LONGO, C.S.; NARITA, S. A escola diante da violência doméstica. **Pátio Educação Infantil,** ano IV, n.11., p.39-41, 2006.

LOPES, A. C. **Como Ter um filho sadio e feliz**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

LORDELO, E. R. Contexto e desenvolvimento humano: quadro conceitual. In: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo: Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2002. p.5-18

LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo: Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2002.

LORDELO, L. R.; BASTOS, A.C.S.; ALCANTARA, M.A.R. Vivendo em contexto de violência: o caso de um adolescente. **Psicologia em Estudo**, v.7, n.2, p.31-40, jul./dez., 2002.

LOWENFELD, V. **Creative and mental growth.** New York: Macmillan, 1947.

LOWENFELD,V. **A criança e sua arte.** São Paulo, Mestre Jou, 1956.

LUQUET, G.H. **El dibujo infantil.** Barcelona: Editoral Médica y Técnica, 1927/1978.

LYONS, K. **How to distinguish between primary and secondary sources**. Berkeley: Library, University of California, Berkeley, 2005. Disponível em <http://www.lib.berkeley.edu/TeachingLib/Guides/PrimarySources.html> Acesso em : 11 nov. 2006.

MACHOVER, K. **Personality projection in the drawing of the human figure.** Springfield, IL: Charles C. Thomas, 1949.

MERÈDIEU, F. **O desenho infantil.** São Paulo: Cultrix, 1979.

MALCHIODI, C. **Understanding children's drawings.** New York, The Guilford Press, 1998.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre Pais e Filhos**. A linguagem do sentir. Petrópolis: Vozes, 1981.

MASSINI, M. O lugar dos conhecimentos psicológicos na cultura luso-brasileira, do século XVI ao século XVIII. In: GUEDES, M. do C.; CAMPOS, R. H. F. (Eds.). **Estudos em História da Psicologia.** São Paulo: EDUC, 1999. p. 97-119.

MATES, B. **Lógica elementar.** Trad. Leônidas H.B. Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Companhia Editora Nacional, EDUSP, 1968.

MAUREL, O. **La Fessée.** 100 questions-réponses sur les châtiments corporels. Éditions la Plage, 2001. (Série collection alternatives).

McALISTER, A. et al Attitudes towards war, killing, and punishment of children among young people in Estonia, Finland, Romania, the Russian Federation, and the USA. **Bulletin World Health Organization,** v.79, n.5, p. 382-7, 2001.

MILLICHAMP, J.; MARTIN, J.; LANGLEY, J. On the receiving end: young adults describe their parents' use of physical punishment and other disciplinary measures during childhood. **New Zealand Med. Journal,** v.119, n. 1228, p. U1830, 2006.

MURPHY COWAN, T.; STRINGER, M. Physical punishment and the parenting cycle: a survey of northern irish parents. **Journal of Community and Applied Social Psychology**, v. 9, n.1, p. 61-71, Jan-Feb, 1999.

OZINGA, C. **L'activité créatice et l'enfant.** Paris: Dessain et Tolra, 1976.

PENN, G. Análise semiótica de imagens paradas. In : BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.319-342.

PIAGET, J. Os procedimentos da educação moral. Trad. Maria Suzana S. Menin. In: MACEDO, L. **Cinco estudos de educação moral.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1930/1996. p.1-36.

PIAGET, J. **Juízo moral na criança.** Trad. Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1932/1994.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A representação do espaço na criança.** Trad. Bernardina Machado de Albuquerque. Porto Alegre, Artes Médicas, 1972/1993.

PILLAR, A. D. **Desenho e construção de conhecimento na criança.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

PINHEIRO, P.S. **The world report on violence against children**. Genebra, United Nations Secretary-General, ONU, 2006. Disponível em: <http://www.violencestudy.org/r25>. Acesso em: 8 jan. 2007.

QASEM, F. S. et al Attitudes of Kuwaiti parents toward physical punishment of children. **Child Abuse and Neglect**, v. 22, n. 12, p. 1189-202, Dec., 1998.

RABELLO, S. **Psicologia do desenho infantil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

RAMACHANDRAN, V.S.; BLAKESLEE, S. **Fantasmas no cérebro:** uma investigação dos mistérios da mente humana. 2.a ed. trad. Antônio Machado. Rio de Janeiro: Record, 2004.

REDMAN, S.; TAYLOR, J. Legitimate family violence as represented in the print media: textual analysis. **Journal of Adv Nurs.**, v. 56, n.2, p.157-65, Oct., 2006.

REGALADO, M; SAREEN, H.; INKELAS, M.; WISSOW, L.S.; HALFON, N. Parents' discipline of young children: results from the National Survey of Early Childhood Health. **Pediatrics,** v. 113, n.6 , Suppl, p.1952-8, Jun., 2004.

RICOEUR, P. **Soi-même comme um autre.** Paris: Seuil, 1990.

ROSENFIELD, D. L. **Retratos do mal.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROSTIÓN ALLEL, C.G. et al. Síndrome del niño maltratado: SNM. **Pediatría** (Santiago de Chile), v. 35, n. 1, p. 34-7, ene.-mar., 1992

SAWAIA, B. B. A emoção como *locus* de produção do conhecimento – Uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. In: CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL, 3., 2000, Campinas, São Paulo. **Conferência**... Campinas, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1060.doc>. Acesso em: 25 jan. 2007.

SAWAIA, B. B. Uma análise da violencia pela filosofia da alegria: paradoxo, alienação ou otimismo ontológico crítico? In: SOUZA, L. S.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.). **Violência e Exclusão:** convivendo com paradoxos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 21-43.

SAWAIA, B. B. Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito. In: DaROS, S.Z.; MAHEIRIE, K.; ZANELLA, A. V.. (Orgs.). **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação**: sujeitos e (em) experiência. Florianópolis: UFSC/NUP, 2006. p. 85-94.

SHELOV, S.P.; HANNEMANN, R.E. **Cuidando de seu filho:** do nascimento aos cinco anos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SLADE, E.P.; WISSOW, L.S. Spanking in early childhood and later behavior problems: a prospective study of infants and young toddlers. **Pediatrics**, v. 113, n.5, p. 1321-30, May., 2004.

TAYLOR, J.; REDMAN, S.The smacking controversy: what advice should we be giving parents? **Journal of Adv Nurs**, v.46, n.3, p.311-8, May., 2004.

TIBA, I. **Seja feliz, meu filho**. São Paulo: Editora Gente, 1995.

TIBA, I. **Disciplina**: Limite na medida certa. 11ª ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

TIBA, I. **Quem ama, educa!** 160ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2002.

VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. **Vygotsky:** uma síntese. São Paulo, Edições Loyola, 1991.

VARGAS CATALÁ, N.A. et al. Características del castigo físico infantil administrado por padres de tres colegios de Santiago. **Revista Chilena de Pediatria,** v.64, n.5, p. 333-6, sept./oct., 1993.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1924/1998.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia del Arte.** Barcelona: Barral, 1925/1972.

VYGOTSKY, L.S. Internalização das funções psicológicas superiores. In:_____. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1930/1989. p.59-65.

VYGOTSKY, L.S. *A imaginação e seu desenvolvimento na infância.* In: _____. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1932/1998. p.107-130.

VYGOTSKY, L.S.. A pré-história da linguagem escrita. In: _____. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1935/1994. p.139-157.

VITTRUP, B; HOLDEN, G.W.; BUCK, J. Attitudes predict the use of physical punishment: a prospective study of the emergence of disciplinary practices. **Pediatrics, v.**117, n.6, p.2055-64, Jun., 2006.

WALLON, H.; LURÇAT, T. **El dibujo del personaje por el niño.** Buenos Aires, Proteo, 1968.

WILSON, R. M. **A study of attitudes towards corporal punishment as an educational procedure from the earliest times to the present.** Canadá, s.n. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de Victoria, 2000. Disponível em : <http://www.socsci.Kun.nl/ped/whp/histeduc/wilson/> Acesso em: 7 jan. 2000.

WINNICOTT, D. W. **Conversando com os pais.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZAGURY, T. **Educar sem culpa: A gênese da Ética** - Questões que afligem e reflexões que aliviam os pais modernos. 12ª. ed. Rio de Janeiro, 1993.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**: orientação para pais e educadores. 9ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ZANETA NETO, J. Espinosa: Deus, Bem e Mal numa Ética Moderna. **Cadernos Espinosanos,** v, I, n. 2, p.87-96, 1996.

ZIGLAR, Z. **Como criar filhos com atitudes positivas num mundo negativo**. 4ª. ed. São Paulo: Maltese, 1995.

Apêndice Metodológico

Apêndice A – Instrumento de validação categorial*

Prezadas(os) Juízas(es)

Solicito a gentileza de testarem o esboço de um possível *Manual de Análise de Conteúdo Categorial sobre Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes (VDCA)*, que venho trabalhando em minha Tese. Trata-se da análise de 96 Produções (desenhos + legendas) infanto-juvenis, de sujeitos de 9 a 12 anos, no ano de 2003, residentes e estudantes no Brasil, de ambos os sexos.

Um "Guia do Olhar"

Com o intuito de construir uma Grade de Leitura para inventariar as Produções infanto-juvenis, formulou-se, a partir de 4 grandes áreas de interesse (*Sensações, Emoções, Sentimentos Sócio-Morais* e *Consciência de Si ou Representações do Eu*), categorias apropriadas para se captar o dizer dos sujeitos sobre *como se sentem* com/a partir do(s) evento(s) autobiográfico(s) *PALMADA* e/ou demais formas manifestas da punição corporal doméstica, isto é, violência física. Assim, o trabalho do juiz avaliador consiste, neste momento, em sobrepor (testar) as definições ora apresentadas, isto é, a "Grade de Leitura", em cada Produção, a fim de identificar, na análise do *Corpus* todo (96 Produções/Desenhos), as peculiaridades, regularidade, enfim, as similaridades e diferenças nas Produções das crianças que cresceram com palmadas, levando-se em conta variáveis idade (9 a 12 anos) e sexo (masculino e feminino).

Para orientar esta "leitura" dos juizes, seguem-se pequenas definições categoriais sintéticas, bem como uma lista de indicadores gráfico-expressivos conotadores da categoria formulada. Alguma consideração teórica foi mantida, também sob a forma de notas de rodapés, com o intuito de situar o avaliador no universo de interesse em que se trabalha. Não são, entretanto, absolutamente necessárias à definição categorial.

Trabalharemos com 5 grandes Índices. Um índice pode ser definido como uma categoria complexa, composta de um conjunto de indicadores gerais e/ou específicos; ou , dito de outra forma, tais e tais indicadores reunidos tornam-se índice de algo, ou seja, adquirem a força e o poder de sinalizar algo em direção à verdade daquilo mesmo que se manifesta enquanto fenômeno social.

---

* Optamos por preservar nosso instrumento ainda em fase de testagem e validação categorial, tal como aplicado em abril de 2006 a dois juízes externos à pesquisa - estudantes do Curso de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Verificamos, na ocasião, elevado grau de concordância entre os juízes, nunca inferior a 70% para todas as categorias consideradas, o que indicava a validade do instrumento, muito embora, a partir das observações críticas dos juízes e da própria orientadora, percebemos aspectos falhos e inconsistentes na elaboração das categorias, que foram então reformuladas.

Assim, temos:

O Índice I, *Sensações de Dor e Prazer*, abrange ou é composto por 3 categorias de indicadores: ***1.Dor; 2. Prazer; 3.Dor & Prazer.***

O Índice II, *Emoções de Fundo*, abrange ou é composto por 3 categorias de indicadores: 1. ***Mal-estar; 2.Bem-estar;*** 3. ***Mal-estar & Bem-estar.***

O Índice III, *Emoções Básicas*, abrange ou é composto por 6 categorias de indicadores: ***1.Tristeza; 2. Raiva; 3.Medo; 4. Alegria; 5. Surpresa; 6. Nojo.***

O Índice IV, *Sentimentos Sócio-Morais*, abrange ou é composto por 20 categorias de indicadores: ***1. Vergonha/Humilhação; 2. Mágoa/Ressentimento; 3. Inferioridade Física/Covardia; 4. Solidão/Desamparo; 5. Injustiçamento; 6. Resignação/Submissão; 7. Terror; 8. Aprisionamento; 9. Gratidão; 10. Revolta/Indignação; 11. Culpa; 12. Autopiedade; 13. Vontade de Morrer; 14. Angústia de Fragmentação/Despersonalização; 15. Sentir-se Desprezado/Rejeitado; 16. Desejo de Vingança; 17. Justiçamento; 18. Sentir-se Odiado; 19. Decepção; e 20. Sentimento Paranóico.***

O Índice V, *Representações do Eu*[1], abrange ou é composto por 11 categorias de indicadores: ***1. Self Entristecido/Melancólico; 2. Self Humilhado/Inferiorizado; 3. Self Enfurecido; 4. Self Amedrontado/Aterrorizado; 5. Self Solitário/Em desamparo; 6. Self Injustiçado; 7. Self Aprisionado; 8. Self Suicida; 9. Self Culpado; 10. Self Fragmentado; 11. Self Resignado/Conformado.***

Dois conceitos que serão bastante utilizados na definição dos indicadores são os de: *agente punido* e *agente punidor*. O agente punido é o protagonista criança que aparece apanhando na cena, ou já foi batida e é retratado em determinado estado subjetivo; confunde-se com a representação de si-mesmo. Portanto, quando dizemos ***agente punido*** estamos referindo-nos à criança mesma que desenha e apanha, o filho, a filha, o menino, etc. E reservamos o termo ***agente punidor*** para referir-se ao personagem que executa a punição corporal, isto é, que aparece batendo ou tendo batido: o pai, a mãe, o padrasto, a madrinha, o avô, etc. Ocorre que os indicadores referem-se, na maioria das vezes, aos estados subjetivos e perceptivos do *agente punido*, isto é, da criança que sofre a palmada. Em alguns casos, entretanto, alguns indicadores são captados a partir das expressões do *agente punidor*.

[1] Como se verá na Lista de Definições a seguir, as categorias de indicadores do Índice V, *Representaçãoes do Eu*, são derivadas e na maioria dos casos sobrepostas das categorias de indicadores do Índice IV, *Sentimentos Sócio-Morais*.

O que irá definir se o indicador está presente ou ausente, e o que norteará o preenchimento da Grade de Avaliação de cada Produção, é a presença de um ou mais indicadores próprios, que caracterizam as categorias que compõem determinado Índice. Deve-se considerar, para tal decisão, toda a Produção, em seu aspecto global e particular.

Apresentação das definições categoriais estipulativas e dos indicadores que as expressam

Lista X. Categorias de Indicadores para a (de)codificação das *Sensações, Emoções, Sentimentos (Estados subjetivos*[2]*)* e *Consciência de Si* ou *Representações do Eu.*

I. Índice : *Sensações*[3] *de Dor e Prazer*

Universo de interesse: Identificar as *reações ou experiências sensoriais de Dor* e/ou *Prazer*; isto é, se o sujeito sente *Dor* ou *Prazer* com a palmada, ou ambas as sensações ao mesmo tempo. Isso é possível ser captado a partir das legendas escritas, da impressão geral que o desenho causa, e de sinais ou indicadores específicos.

Definições e Indicadores Gerais e Específicos:

1. ***DOR:*** Do latim *dolore. Sentir dor; ter uma sensação de desprazer* (Engelmann, 1978). No sentido médico-fisiológico, sensação desagradável, variável em intensidade e em extensão de localização, produzida pela estimulação de terminações nervosas especiais (Ferreira, 1999). Dor física, corpórea, não abrangendo nesta categoria a dor ou sofrimento psíquico ou moral. A dor pode ser pensada como emoção (de dor) ou como sentimento (de dor): *os sentimentos de dor ou prazer são os alicerces da mente* (Damásio, 2004). A sensação de prazer ou dor é um componente necessário do sentimento. Dor e prazer fazem parte da *regulação homeostática automática.* "*Nos seres humanos, que não apenas sentem mas também podem relatar aquilo que sentem, essas reações são descritas como dolorosas ou aprazíveis, como recompensadoras ou punitivas [...] As células da região afetada emitem sinais químicos chamados nociceptivos (a palavra nociceptivo significa 'indicador de dor'). Em resposta a esses sinais, o organismo reage automaticamente com comportamentos de dor e comportamentos de doença. Esses comportamentos são uma série de ações, por vezes sutis, por vezes óbvias, com as quais a natureza tenta restabelecer o equilíbrio biológico de forma automática.* ***Da lista dessas ações faz parte o retraimento do corpo (ou de uma parte do corpo) em relação à origem do problema, a proteção da parte do corpo afetada e expressões faciais de alarme e sofrimento. Tais ações são acompanhadas de diversas respostas, invisíveis a olho nu, organizadas***

[2] Utilizamos a categoria *estados subjetivos* a partir de Arno Engelmann (1978), e sua lista de locuções concebida a partir de uma tentativa de classificação de relatos verbais de estados subjetivos (caracterizar amostra do estudo de Engelmann). Acrescentamos, quando pertinente, novas locuções de significados presentes em nosso *corpus*. Curiosa surpresa foi ter encontrado, a partir da análise que empreendemos, estados subjetivos listados por Engelmann.

[3] Utilizamos tal categoria meramente para diferenciar de outras emoções e sentimentos, pois em Damásio dor e prazer, os "alicerces da mente", são ora referidos como *emoções*, ora como *sentimentos*.

pelo sistema imunológico.[...] É o conjunto dessas ações e dos sinais químicos relacionados com a sua produção que resulta na experiência a que chamamos dor."(Damásio, 2004, p.40, grifo nosso).

Indicadores gráfico-expressivos de *DOR*:-

Retraimento do corpo (ou de uma parte do corpo) em relação à origem do problema, a proteção da parte do corpo afetada e expressões faciais de alarme e sofrimento. (Damásio, 2004).

"Estrelinhas" sobre a parte do corpo batida do agente punido.- Atitude de proteção, fricção ou massagem no local batido.- Lágrimas de dor.- Marcas, hematomas ou feridas corporais, o que pressupõe, devido a intensidade da agressão, dor física. - Legendas específicas auto-referentes: *senti dor, doeu muito; Ai!! Ui! etc.*

2. ***PRAZER:*** Prazer no sentido primeiro de ausência de dor física, sensação corporal agradável, etc. *Sentir prazer; ter uma sensação de agrado; achar algo agradável* (Engelmann, 1978). Conforme Damásio, o *prazer* e suas variantes são o resultado de um certo *mapeamento do corpo*; sentir dor ou prazer resulta da presença de uma certa *imagem do corpo*[4] tal como é representada, em certo momento, em *mapas do corpo*. *"Da mesma forma que o cérebro reage a um problema que se declara no corpo, também reage quando o corpo funciona bem. Quando o corpo funciona sem dificuldade, e quando a transformação e a utilização da energia ocorrem com facilidade, o corpo comporta-se com um estilo definido. A aproximação em relação a outros é facilitada. Nota-se uma descontração e abertura do corpo, bem como expressões que traduzem confiança e bem-estar; por outro lado, liberam-se certas classes de moléculas tais como as endorfinas. O conjunto dessas reações e dos sinais químicos com elas associados resultam na experiência do prazer."* (Damásio, 2004, p.40-41)

Indicadores gráfico-expressivos de PRAZER:-Descontração e abertura do corpo, bem como expressões que traduzem confiança e bem-estar (Damásio, 2004).-Ausência dos indicadores de *Dor*. -Sorriso (concavidade da boca para cima) presente na expressão facial do protagonista da cena (criança, agente punido, representação de si mesmo). -Lágrimas de contentamento, de alegria. -Legendas específicas auto-referentes: *sinto prazer, bem-estar, etc.*

3. ***DOR & PRAZER***: As duas sensações ao mesmo tempo, provenientes da mesma causa, isto é, do mesmo evento autobiográfico. Os dois estados afetivos-corporais de forma concomitante. Ambivalência - no sentido psicológico: estado de quem experimenta ao mesmo tempo, numa determinada situação, sentimentos opostos. (Ferreira, 1999).

Indicadores gráfico-expressivos de *DOR & PRAZER*:-Combina elementos de indicadores de *Dor* e de *Prazer*, ao mesmo tempo, na mesma Produção.-Legendas específicas auto-referentes: *sinto dor e prazer ao mesmo tempo, etc.*

II. Índice: *Emoções de Fundo*

Universo de interesse: Uma das três classificações básicas, em Damásio (2004), das emoções propriamente ditas. As emoções primárias abrange a leitura das *emoções de fundo* e das *emoções básicas*. Os indícios das *emoções de fundo* devem ser buscados nas formas e movimentos corporais e expressões faciais, sobretudo, bem como na impressão geral de cada produção. As *emoções de fundo* podem ser divididas em *Mal-estar* e *Bem-estar*.

Definições e Indicadores Gerais e Específicos:

[4] "[...]A morfina ou a aspirina podem alterar essa imagem. O uísque ou o ecstasy também. E os anestésicos. E certas formas de meditação. E o desespero. E a esperança." (Damásio, 2004, p.135)

1. ***MAL-ESTAR*** : *Sentir-se mal; ter uma sensação de mal-estar; ter uma sensação de incômodo; sentir-se péssimo; estar de mau humor; estar ruim; encontrar-se num estado de sofrimento; sentir-se perturbado; estar padecendo; sentir-se num desassossego* (Engelmann, 1978). Perturbação orgânica; incômodo; ansiedade mal definida; inquietação, proveniente de situação incômoda (Ferreira, 1999).

Indicadores gráfico-expressivos de *MAL-ESTAR*:

- Impressão geral (*feedback*) que a Produção causa no avaliador.
- Presença de lágrimas, indicadores de dor, tristeza, solidão e outras emoções e sentimentos "negativos", que conotam certo estado subjetivo geral de mal-estar, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico e corporal.
- Predomínio excessivo de cores em tonalidades escuras, traçado intenso (forte, pesado, "carregado").
- Retratação do corpo do agente punido (si mesmo) em posição de encolhimento, sentado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito - posição de "encolhimento fetal", momento de regressão. - Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me mal, fiquei mal, etc.*

2. ***BEM-ESTAR:*** Significação oposta (antônimo) de mal-estar. *Sentir bem; ter uma sensação de bem-estar* (Engelmann, 1978). Estado de perfeita satisfação física ou moral; conforto; bem-bom. (Ferreira, 1999). "[...] *A finalidade do esforço homeostático é produzir um estado de vida melhor do que neutro, produzir aquilo que nós, seres pensantes, identificamos com o bem-estar.*" (Damásio, 2004, p.43)

Indicadores gráfico-expressivos de *BEM-ESTAR*:

- Impressão geral (*feedback*) que a Produção causa no avaliador.
- Ausência de indicadores de *Mal-estar*.- Presença de sorriso, alegria, contentamento, e outras emoções e sentimentos "positivos", que conotam certo estado subjetivo geral de bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico e/ou corporal.
- Ausência de retratação corporal em "encolhimento fetal". - Retratar-se "no alto"; "nas nuvens"; no cume; segurando um troféu, vitorioso.- Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me bem; sinto-me feliz; fico bem, etc.*

3. ***MAL-ESTAR & BEM-ESTAR***: As duas sensações ao mesmo tempo, provenientes da mesma causa, isto é, do mesmo evento autobiográfico. Os dois estados afetivos-corporais de forma concomitante. Ambivalência - no sentido psicológico: estado de quem experimenta ao mesmo tempo, numa determinada situação, sentimentos opostos. (Ferreira, 1999).

Indicadores gráfico-expressivos de *MAL-ESTAR & BEM-ESTAR*:

- Combina, na mesma Produção, elementos de indicadores de *Mal-estar* e de *Bem-estar*, como sentir o incômodo da dor mas a satisfação de ter expiada a culpa ou aprendido uma lição, isto é, tornado-se melhor em algum aspecto, etc.- Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me mal por ter apanhado porém bem por ter aprendido a "lição"*, etc.

III. Índice: *Reações Emocionais Básicas*

Universo de interesse: São as emoções identificadas em seres humanos das mais diversas culturas e também em alguns seres não humanos (mamíferos superiores) – daí seu caráter universal. Damásio (2004) cita-as a partir de estudos de Paul Ekman e Charles Darwin. São elas: a *tristeza*, o *medo*, a *felicidade*, a *raiva*, o *nojo* e a *surpresa*. A *emoção* tem precedência sobre o *sentimento*. A parte pública do processo do sentir

Damásio denomina de *emoção* (ações ou movimentos, no rosto, na voz, em comportamentos específicos, alterações nos níveis hormonais sanguíneos ou de padrões de ondas eletrofisiológicas). As emoções ocorrem no "teatro do corpo"; fazem parte dos mecanismos básicos da regulação da vida, assim como as várias reações que as constituem.

Definições e Indicadores Gerais e Específicos:

1. ***TRISTEZA:*** Do latim *tristitia.* Qualidade ou estado de triste. *Estar triste; sentir uma tristeza* (Engelmann, 1978). Falta de alegria; desalento, consternação; aspecto revelador de mágoa ou aflição (Ferreira, 1999). "A *tristeza (Tristitia)* é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor." (Espinosa, 1677, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição III, p.212) Em Damásio, os *mapas mentais* conformadores do sentimento *mágoa* explicam a *tristitia* espinosana: "De acordo com o que Espinosa disse quando discutiu a noção de *tristitia,* os mapas da mágoa estão associados a uma transição do organismo para um estado de menor perfeição. O poder e a liberdade de agir reduzem-se."(Damásio, 2004, p. 148)

Indicadores gráfico-expressivos de *TRISTEZA*:

- Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro);
lágrimas de tristeza.
- Olho que chora, do qual escorre uma gota ou gotas de lágrimas.
- Coração partido, do qual escorrem gotas de lágrimas (gotas azuis ou verdes, de modo geral) ou de sangue (gotas vermelhas).
- Corpo curvado, cabeça para baixo.
- Mão(s) segurando o rosto.
- **Retratação do corpo do agente punido (si mesmo) em posição de "encolhimento fetal", sentado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito, etc. - Legendas específicas auto-referentes: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste, etc.***

2. ***RAIVA:*** Embora hajam sutilezas e gradações conceituais, o sentimento de raiva pode ser dito também como cólera, ódio, ira, rancor (Ferreira, 1999). *Estar com raiva; estar fulo de raiva; sentir rancor; estar com ódio; encontrar-se num estado de ira; estar enfurecido; sentir-se nervoso; estar zangado; estar enfezado; sentir cólera* (Engelmann, 1978). "O *ódio (Odium)* é a tristeza acompanhada de uma causa exterior." (Espinosa, 1677, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição VII) "A *cólera (Ira)* é o desejo que nos incita a fazer mal, por ódio, àquele que odiamos *(Ver a proposição 39 desta parte.*" (Espinosa, 1677, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição XXXVI) "*Aquele que odeia alguém esforçar-se-á por fazer-lhe mal, a não ser que receie que daí resulte para si um mal maior; e, ao contrário, aquele que ama alguém esforçar-se-á, pela mesma lei, por fazer-lhe bem.*" (Espinosa, 1677, Ética – III, Proposição XXXIX)

Indicadores gráfico-expressivos de *RAIVA*:
- Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.
- Traçado carregado, tenso.
- Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados.
- Boca entreaberta, berrando.
- Nuvens e raios sobre a cabeça.
- Símbolos de pensamentos destrutivos, ofensivos, xingamentos.
- Estado de raiva representado por intermédio de projeção em elementos da natureza: raios e tempestade, mar revolto, vulcão prestes a explodir, furacões etc.
- Retaliar alguém após ser agredido, atira em alguém, dar facada, etc.[5].
- Legendas específicas auto-referentes: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso, etc.*

3. *MEDO:* Do latim *metu. Estar com medo; estar assustado; encontrar-se num estado de pavor; sentir um temor* (Engelmann, 1978). Sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma ameaça; susto, pavor, temor, terror (medo intenso, grande pavor ou apreensão). (Ferreira, 1999) "O *medo (Metus)* é uma tristeza instável nascida da idéia de uma coisa futura ou passada, do resultado do qual duvidamos numa certa medida." (Espinosa, 1677, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição XIII) "O *temor (Timor)* é o desejo de evitar, por um menor, um mal maior que tememos. (*Ver o escólio da proposição 39 desta parte.)* (Espinosa, 1677, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição XXXIX)

Indicadores gráfico-expressivos de *MEDO*:
- Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta, ou boca com concavidade para baixo, com os dentes à mostra ou não.
- Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.
- Esconder-se; proteger-se atrás de objetos ou no interior ou embaixo de móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro, no porão, em cima da árvore, etc.
- Mãos ou corpo tremendo – donde a expressão "tremer de medo!".
- Pedir desculpas, com a mão no rosto, como que em estado de susto.
- Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, como medo de apanhar.
- Escuridão, noite: cena representada com tempo escuro
- Cena representada com chuva, tempestade, raios – mau tempo - pássaros negros – mau agouro, etc.
- Presença de monstros aterrorizadores, fantasmas, seres imaginários, lendários, mitológicos.

[5] A raiva represada, voltada para dentro, contra si, pode manifestar-se como auto-punição, mutilação ou mesmo vontade suicida.

- Sentir-se num "pesadelo sem fim".
- Legendas específicas auto-referentes: *sinto medo; medo; assustado; "pesadelo sem fim"; etc..*

4. *ALEGRIA:* Qualidade de alegre. Sentimento de felicidade, de contentamento, satisfação, júbilo (Ferreira, 1999). *Estar alegre; sentir uma alegria; estar feliz; estar contente* (Engelmann, 1978). "A *alegria (Laetitia)* é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior." (Espinosa, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição II).

Indicadores gráfico-expressivos de *ALEGRIA* :

Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).
- Estar pulando de alegria.- Estar festejando de alegria.- Estar soltando fogos de alegria.- Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.- Legendas específicas auto-referentes: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz; etc.*

5. *SURPRESA*: Ato ou efeito de surpreender-se; proveniente de acontecimento imprevisto; sobressalto; espanto (Ferreira, 1999). *Ter uma surpresa; estar espantado* (Engelmann, 1978).

Indicadores gráfico-expressivos de *SURPRESA*:
- Expressão facial de surpresa: olhos arregalados; boca entreaberta; sobrancelhas erguidas. Relaciona-se ao medo-susto, ao espanto.
- Legendas específicas auto-referentes: *surpresa; fiquei surpreso; surpreendido, etc.*

6. *NOJO:* Náusea, enjôo; repulsão, repugnância, asco (Ferreira, 1999). *Sentir nojo; sentir repugnância; sentir repulsa por algo ou alguém* (Engelmann, 1978).

Indicadores gráfico-expressivos de *NOJO*:
- Expressão facial de nojo: nariz rebuxado; olhos semi-fechados; boca entreaberta, torta; etc.
- Presença de vômito, protagonista vomitando.
- Presença de mau cheiro, fezes, ratos, moscas, baratas, lixo, coisas nojentas etc.
- Legendas específicas auto-referentes: *nojo; senti nojo; nojento; enojado; senti repugnância, asco; etc.*

IV. Índice: *Sentimentos Sócio-Morais*

Universo de interesse: Os *sentimentos sócio-morais*, tratados também como *emoções sociais,* incorporam, segundo Damásio (2004), respostas que fazem parte das emoções primárias e de fundo (metáfora da "boneca russa" e princípio do encaixamento). Reações regulatórias e componentes das emoções primárias integram, em diversas combinações, as emoções sociais; da mesma forma, dor e prazer são igualmente evidentes na profundidade das emoções sociais. Conforme apontamentos da neurobiologia contemporânea, *a reação, a emoção no sentido literal do termo, é seguida por um sentimento.* Os sentimentos nada mais são do que a consciência das emoções. As emoções sociais ou *sentimentos sócio-morais*, categoria que aqui fixaremos, são: a *simpatia, a compaixão, o embaraço, a vergonha, a humilhação, a culpa, o orgulho, o ciúme, a*

inveja, a gratidão, a admiração, a indignação e o desprezo, entre outros *estados subjetivos* (Engelmann, 1978). "Dado que todos os sentimentos contém como ingrediente fundamental um componente de dor ou prazer, e dado que as imagens mentais a que chamamos sentimentos têm origem em mapeamentos do estado do corpo, é legítimo propor que a dor e as suas variantes correspondem a um certa configuração do mapas do estado do corpo." (p.134-135) A parte privada, invisível ao público, Damásio denomina *sentimento,* como as *imagens mentais*. "Os sentimentos ocorrem no teatro da mente." A reação ou emoção é seguida por um sentimento, tendo como componentes a sensação de *prazer* ou *dor*, conforme a emoção que o originou seja positiva ou negativa. Dor e prazer são, portanto, ingredientes essenciais e necessários dos sentimentos. Trata-se, os sentimentos, "de *uma percepção de um certo estado do corpo, acompanhado pela percepção de pensamentos com certos temas e pela percepção de um certo modo de pensar.* Todo esse conjunto perceptivo se refere à causa que lhe deu origem." (p.92). *Sentimentos* são fenômenos mentais, expressão do florescimento ou do sofrimento humano, na mente e no corpo. Os sentimentos são revelações do estado da vida dentro do organismo. Os sentimentos constituem *sombras das manifestações emocionais.* Diante de objetos e eventos da vida concreta desencadeia-se complexa cadeia de acontecimentos que começa na emoção e termina no sentimento, seguindo-se então pensamentos relacionados. "Os sentimentos também contribuem para a regulação da vida, mas em um nível mais alto. As emoções e as reações a elas relacionadas parecem preceder os sentimentos na história da vida e constituir o alicerce dos sentimentos. Os sentimentos, por outro lado, constituem o pano de fundo da mente." (Damásio, 2004, p.35)

Definições e Indicadores Gerais e Específicos

1. ***VERGONHA/HUMILHAÇÃO:*** Vergonha, do latim *verecundia.* Desonra humilhante; opróbrio, ignomínia. Sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem. Sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo. Oriunda de ato ou atitude vexatória. Sentimento de abalo da própria dignidade, do brio, da honra (Ferreira, 1999). *Sentir vergonha; sentir-se embaraçado; ficar sem graça; sentir-se humilhado* (Engelmann, 1978). As bases fisiológicas da vergonha (do embaraço e da culpa) assentam-se nas emoções de medo, tristeza e tendências submissas.[6] Segundo La Taille (2002), a vergonha remete a *valores*, à questão do *olhar de outrem* e o nosso olhar sobre nós; estes valores e juízos não são necessariamente morais, mas podem sê-lo. A vergonha relaciona-se, pois, com a moralidade, cumprindo um papel determinado na sociedade. La Taille parte da perspectiva da *gênese dos sentimentos morais*, entre eles a vergonha, e a *gênese da normatização das condutas* decorrentes de certos valores atinentes ao auto-respeito, como o direito à intimidade, as reações frente à humilhação, a confissão, entre outros. Aponta que aos 6 anos de idade há pouca ou nenhuma atribuição de *sentimento de vergonha*, tornando-se significativa a partir dos 9 anos, "idade com a qual sentimentos morais negativos começam a ocupar lugar importante na afetividade das crianças, e com a qual, também, a vergonha associa-se a valores em geral." (La Taille, 2002, p.207) O sentimento de vergonha vai, paulatinamente, associando-se a valores morais. Existem várias formas ou modalidades (ou modulações) de vergonha.[7] Entretanto, não distinguiremos, para efeito de categorização em nosso

[6] Como conseqüência do desencadeamento desta emoção social negativa, tem-se: *evitação da punição imposta por teceiros; reequilíbrio do prórpio indivíduo, do outro, ou do grupo; policiamento das regras de comportamento social.* O estímulo-emocionalmente-competente (EEC) desencadeador da vergonha é a *identificação de um problema no comportamento ou no corpo do próprio indivíduo.* (Adaptado de Damásio, 2004, p.168)

[7] Em La Taille (2002) temos sete categorias para vergonha - desde a *vergonha-pura* ou *exposição,* que deriva do fato de saber-se sendo olhado, observado, até a vergonha ocasionada pelo fato de sentir-se humilhado por outrem, denominada de *vergonha-humilhação* ou simplesmente *humilhação,* modalidade de vergonha vinculada à moral, à honra, no campo da ética. A *vergonha-pura* ou *exposição,* deriva do fato de estar sendo olhado (La Taille, 2002). A exposição é o sentimento de estar exposto, de não querer

estudo; entre *exposição* e *humilhação*, compreendendo que ambas são formas de manifestação do sentimento sócio-moral vergonha/humilhação, que se manifesta complexamente ao longo do desenvolvimento.

Indicadores gráfico-expressivos da *VERGONHA/HUMILHAÇÃO*:

- Exposição das nádegas do agente punido, situação vexatória em si, como chute nas nádegas, exposição das nádegas etc.
- Rosto enrubecido (bochechas coradas).
- Retratação do agente punido de costas, sem rosto expresso ("sem cara").
- Mãos ocultando a expressão facial, cara escondida, "vergonha na cara".
- Expressão do olhar do agente punido fixa no chão, para baixo.
- Corpo curvado, abaixado, rebaixado, no chão.
- Estar de joelhos, em posição de súplica.
- "Estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).
- Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral, sentir-se um lixo enquanto pessoa, equivaler-se ao lixo, ao nada, sentimento de "lixificação" e "nadificação" - tornar-se um nada moral, desprezível.
- Dedo da autoridade (dedo em riste) apontando para si, acusando, indicando, humilhando, diminuindo. Sentir uma "pessoa minúscula", diminuída em seu ser.
- Legendas específicas auto-referentes, atestando sentir vergonha; vergonha dos olhares alheios, do mundo (juízos adjudicativos): *vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado; etc.*

---

ser visto. A *vergonha-humilhação*, mais vinculada à moral, à honra, no campo da ética. La Taille (2002) aponta, em estudo sobre a *gênese dos sentimentos morais*, que o sentimento de humilhação é contemporâneo do sentimento de vergonha, e que a humilhação começa a ser associada à vergonha a partir dos 9 anos de idade, pois antes a *vergonha-exposição* é mais presente. La Taille aponta uma diferença possível entre *vergonha* e *humilhação:* na vergonha, deve haver um *autojulzo negativo*, na humilhação, não necessariamente. "[...] O sentimento negativo de humilhação provém de se estar sendo inferiorizado, sem necessariamente assumir os juízos negativos de quem inferioriza. E se, por causa da humilhação, a pessoa também sente vergonha (o que é freqüente), é porque o fato de estar sendo inapelavelmente inferiorizado contradiz a 'boa imagem' [...]"(La Taille , 2002, p.208) De qualquer forma, conforme apontado por A. Adler (*apud* La Taille) *a humilhação trunca a busca da auto-estima e do auto-respeito.* Interessa-nos particularmente a *vergonha-humilhação,* isto é, a "vergonha desencadeada por alguma forma de humilhação", segundo La Taille. O *sentimento de inferioridade* advém da humilhação e do desprezo. O rebaixamento, *sentimento de inferioridade*, caracteriza um tipo de inferioridade provocada, "um programa de destruição de valor, de objeto-valor 'boa imagem'" (Harkot-de-la- Taille, 1999, p.34) O sentimento de indignidade "nasce de projeções que o sujeito faz de si, num imaginário de desconfiança em que se supõe dotado de uma 'má índole'". (Harkot-de-la- Taille, 1999, p.42-3) A humilhação, inferiorização definida como *rebaixamento moral*, está intimamente relacionada ao respeito, compreendido como submissão a uma autoridade. "Dentro de zonas de limites variáveis, é freqüentemente aceita como 'recurso pedagógico'. Abundam exemplos de pais que humilham os filhos, para 'educá-los'. " (Harkot-de-la- Taille, 1999, p.36) São todos "programas de destruição da boa imagem", de *rebaixamento moral*, em que o sujeito se reconhece enquanto sujeito. "Ao sujeito humilhado resta o silêncio" (Harkot-de-la- Taille, 1999, p.38) No tratamento moral da vergonha, em Harkot-de-la-Taille (1999), importam seu "parentesco" com o Bem ou o Mal, sua relação com o domínio público, e sua circulação no universo social. A vergonha, implicação do Mal, representa a consciência do sujeito ter transgredido um *preceito moral*. A *vergonha*, em Harkot-de-la-Taille (1999), é apresentada como *configuração passional*, sentimento relacionado ao estabelecimento da *função semiótica*, que se estabelece no encontro de duas outras configurações: a da *inferioridade* e da *exposição*.

2. ***MÁGOA/RESSENTIMENTO:*** Ato ou efeito de ressentir(-se). Sentir novamente; magoar-se muito com; sentir profundamente; mostrar-se ofendido; melindrar-se; magoar-se (Ferreira, 1999). Sentir-se magoado, ficar magoado com alguém. *Ter uma mágoa; ter um ressentimento* (Engelmann, 1978). Em Damásio, tristeza e mágoa ora se confundem, uma vez a mágoa pressupõe a tristeza: os *mapas mentais* conformadores do sentimento *mágoa* explicam a *tristitia* (tristeza) espinosana: "De acordo com o que Espinosa disse quando discutiu a noção de *tristitia,* os mapas da mágoa estão associados a uma transição do organismo para um estado de menor perfeição. O poder e a liberdade de agir reduzem-se."(Damásio, 2004, p. 148)

Indicadores gráfico-expressivos da *MÁGOA/RESSENTIMENTO:*

- Coração partido, do qual escorrem gotas de lágrimas ou de sangue.
- Olhos fechados, como que voltados para dentro (ressentindo).
- Legendas específicas auto-referentes: *fiquei magoado; mágoa, magoado; ressentido; etc.*

3. ***INFERIORIDADE FÍSICA/COVARDIA:*** Perceber-se e sentir-se menor fisicamente (com menor força física e massa corporal), mais fraco em relação a outrem.

Indicadores gráfico-expressivos:

- Figura representativa do agente punido (si-mesmo) em tamanho reduzido em comparação com a figura do agente punidor.
- Exagero claramente intencional na representação do tamanho de objetos ou outras pessoas proporcionalmente ao resto da composição.
- Legendas específicas auto-referentes: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno; etc.*

4. ***SOLIDÃO/DESAMPARO:*** Solidão, do latim *solitudine:* estado do que se encontra ou vive só; isolamento (Ferreira, 1999). Desamparo, falta de amparo, estado de abandono; solitário, ermo (Ferreira, 1999). *Sentir solidão; sentir-se desamparado; sentir-se abandonado* (Engelmann, 1978). Sentimento daquele que não sente-se entendido/compreendido por ninguém; sem amigos; sem alguém para contar, etc. A insegurança, sentimento de desproteção, advém da solidão/desamparo, é o contrário de sentir-se seguro. *Sentir-se inseguro* (Engelmann, 1978); sentir-se desprotegido; (des)proteção-(des)amparo.

Indicadores gráfico-expressivos de *SOLIDÃO/DESAMPARO* :- Retratação do corpo do agente punido (si-mesmo) em posição de encolhimento, sentado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito ("posição de encolhimento fetal").

- Agente punido no chão, desolado.
- Agente punido em isolamento.
- Um olho só, que chora.
- Figuras inclinadas, sugestivas de sentimento de desequilíbrio e falta de um apoio seguro (Klepsh & Logie, 1984).[8]

[8] Não consideramos aqui outros indicadores de insegurança/desproteção listados por esses autores, como a presença de *linha de base ou colocação do personagem na borda inferior do papel*, e a *omissão de pernas* (falta de segurança e desamparo) o que pode indicar necessidade de segurança ou apoio. Se assim o fizéssemos, teríamos que afirmar que cerca de 50% das Produções de nosso *corpus* conotam desproteção/insegurança; se assim não o fizemos, foi para não ter que sustentarmo-nos em demasia às abordagens

- Legendas específicas auto-referentes: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário; etc.*

5. ***INJUSTIÇAMENTO.*** Do latim *injustitia.* Falta de justiça. Ação ou coisa injusta. Sentimento de sofrer injustiça, ser injustiçado, que ou aquele que não teve justiça, a quem não se fez justiça (Ferreira, 1999). Na moral infanto-juvenil não há a distinção jurídica entre dolo e culpa, pois raciocina que se não há intenção de fazer algo, não pode ser considerada culpada. Embora o fato concreto resulte de uma ação por si protagonizada, na qual participou, não agiu com intenção, de má-fé, por querer; agiu sem querer, portanto não merecendo ser punida.

Indicadores gráfico-expressivos de *INJUSTIÇAMENTO* :

- Ser punido por algo que causou sem intenção, isto é, sem querer, sem ter dolo/culpa.
- Estar sendo condenado em Tribunal injustamente. - Legendas específicas auto-referentes: *injusto; injustiçado; não merecia; foi sem querer; não sabia, etc.*

6. ***RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO:*** Resignação, ato ou efeito de resignar-se. Submissão paciente aos sofrimentos da vida (Ferreira, 1999). *Sentir-se resignado; sentir-se submisso* (Engelmann, 1978).

Indicadores gráfico-expressivos da *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO*:

- Agente punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição.
- Resignado a sessão punitiva, conformado, sem esboçar resistência.- Legendas específicas auto-referentes: *não há o que fazer; mundo sem saída; sinto-me submisso; estou resignado; etc.*

7. ***TERROR:*** Por sentimento de terror entende-se um medo intenso, que advém de um mal intenso ou de sua imaginação. *Sentir terror; sentir-se torturado; sentir-se atormentado; encontrar-se num estado de pânico; encontrar-se num estado de pavor* (Engelmann, 1978). Do latim *terrore*: qualidade de terrível (do latim *terribile*), isto é, que infunde ou causa terror, estado de grande pavor ou apreensão. Grande medo ou susto; pavor. Pessoa ou coisa que espanta, amedronta, aterroriza; terrificante, terrífico (Ferreira, 1999). Difere-se do medo (emoção básica) pela sua intensidade e freqüência, pois requer experiências autobiográficas com as táticas de *terror doméstico,* comparáveis àquelas do *terror político*, "quando assumem formas extremas de impor sofrimento físico ou mental às vítimas, podem e devem ser consideradas modalidades de TERROR, na medida em que são práticas que, além da dor, caracterizam-se por serem capazes de causar *espanto, pavor, medo, pânico, temor extremos,* dadas sua **imprevisibilidade, incontrolabilidade, perversidade e aversibilidade."** (Azevedo e Guerra 2001, p.88) E ainda: "Estratégia organizada de violências (física, sexual, psicológica, negligência) que são cumulativas, reiterativas, inaceitáveis pelas normas humanas gerais como violações dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes, enquanto pessoas. Estas violências têm como finalidade manter o poder familiar central e despótico através de práticas terrificantes, que envolvem tortura, tratamento cruel, castigos inesperados e inusitados etc." (Azevedo e Guerra 2001, p.88 – *Violência psicológica doméstica*)

---

projetivas. O mesmo pode ser dito em relações a outros indicadores já tidos como consensuais neste campo, como a inclusão do *sol* representando o amor e apoio parentais, e a presença de nuvens bloqueando ou escondendo o sol como conotativos da possibilidade de que a criança não esteja recebendo amor parental, conforme Klepsh e Logie (1984) e outros.

Indicadores gráfico-expressivos de *TERROR*:
- Figurações ou representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico.
Punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados etc.
- Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, conotando medo intenso, terror.- Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros.- Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada ou bizarra do agente punidor ou pai.- Retratação (percepção) do agente punidor como *monstros, vampiros, diabos, seres malignos*.- Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias de diferentes formas; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; etc.*

8. ***APRISIONAMENTO:*** Sentir-se aprisionado, encarcerado, confinado, enclausurado, sem liberdade.
Indicadores gráfico-expressivos de *APRISIONAMENTO*:- Figuração da casa ou quarto como cela de cadeia, com poucos objetos biográficos, mormente uma cama..- Janelas e/ou portas fechadas.- Figuração de muros ou obstáculos intransponíveis, "sem saída".- Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*

9. ***GRATIDÃO:*** Do latim *gratitudine*. Qualidade de quem é grato. *Sentir que está recebendo uma graça; sentir gratidão* (Engelmann, 1978). Reconhecimento por um benefício recebido; agradecimento, reconhecimento (Ferreira, 1999). Em Damásio (2004, p.168), as bases fisiológicas da gratidão (assim como da admiração, orgulho e elevação) assentam-se nas emoções de felicidade e alegria. Como conseqüência do desencadeamento desta emoção social positiva, tem-se: *recompensa da cooperação; policiamento da tendência para a cooperação*. O estímulo-emocionalmente-competente (EEC) desencadeador da gratidão é o *reconhecimento (no outro ou no próprio indivíduo) de uma contribuição para a cooperação*. "O reconhecimento ou gratidão (*Gratia ou Gratitudo)* é o desejo ou solicitude de amor pelo qual nos esforçamos por fazer bem àquele que, por uma mesma afecção de amor, nos fez bem. (*Ver a proposiçãp 39 e o escólio da proposição 41, desta parte)*" (Espinosa, 1677, Ética – III, na *Definições das Afeccções*, definição XXXIV).
Indicadores gráfico-expressivos da *GRATIDÃO*:- Estar envolvo por corações, demonstrar alegria estando ao lado, junto,com os pais.- Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me alegre por ter aprendido; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem; batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor, etc.*

10. ***REVOLTA/INDIGNAÇÃO:*** Ato ou efeito de revoltar-se, indignar-se. A *revolta* poder derivar do sentimento de injustiça acrescido de raiva. *Sentir-se revoltado; sentir-se indignado; sentir-se com vontade de algo* (Engelmann, 1978); sentir vontade de xingar. Manifestação contra a autoridade estabelecida; levantamento, levante, motim, insurreição, rebelião, sublevação. Grande perturbação moral causada por indignação, aversão, repulsa (Ferreira, 1999).
A vontade (ou necessidade) de fugir de casa, "sumir", "desaparecer", "pegar a estrada", pode derivar do sentimento de revolta-indignação. *Sentir-se com vontade de algo* (Engelmann, 1978), sentir-se com vontade de fugir.

Indicadores gráfico-expressivos da *REVOLTA/INDIGNAÇÃO*:
- Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, aspirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.
- Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão.
- Figuração de alguém fugindo de casa, pegando a estrada, desaparecendo.
- Mala, mochila ou trouxa nas costas.
- Legendas específicas auto-referentes.

11. *CULPA:* Do latim *culpa. Estar com sentimento de culpa; sentir-se culpado* (Engelmann, 1978). Conduta negligente ou imprudente, da qual proveio dano ou ofensa a outrem. Falta voluntária a uma obrigação, ou a um princípio ético. Delito, crime, falta. Transgressão de preceito religioso; pecado. Responsabilidade por ação ou por omissão prejudicial, reprovável ou criminosa. Violação ou inobservância duma regra de conduta. Da culpa deriva o *remorso*, inquietação da consciência por culpa ou crime cometido (Ferreira, 1999). Em psicanálise, a expressão *sentimento de culpa* possui uma acepção bastante ampla, podendo designar "um estado afetivo consecutivo a um ato que o sujeito considera repreensível [...], ou ainda um sentimento difuso de indignidade pessoal [...]. Por outro lado, é postulado pela análise como sistema de motivações inconscientes que explica comportamentos de fracasso, condutas delinqüentes, sofrimentos que o indivíduo inflige a si mesmo etc." (Laplanche e Pontalis, 1995, p.472-3) O estudo psicanalítico da melancolia aponta ser o sentimento de culpa uma afecção "caracterizada particularmente por auto-acusações, uma autodepreciação, uma tendência para a autopunição que pode levar ao suicídio." (Laplanche e Pontalis, 1995, p.473) [9]

Indicadores gráfico-expressivos da *CULPA*:
- Auto-acusações.- Autodepreciações.
- Tendência para a autopunição, automutilação, auto-aniquilamento.
- Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer; mereço a morte, etc.*

[9] Em Freud, *o sentimento de culpa é a percepção que corresponde no ego a crítica do superego.* Como o aparecimento da consciência moral está ligada à esfera do inconsciente, ao complexo de Édipo, Freud aponta que grande parte do sentimento de culpa deve ser inconsciente. Entretanto, a expressão *necessidade de punição* pareceu mais adequada à Freud do que *sentimento de culpa inconsciente.* Segundo Laplanche e Pontalis (1995, p.474), a expressão *necessidade de punição*, "tomada no seu sentido mais radical, designa uma força tendente ao aniquilamento do sujeito, e talvez irredutível a uma tensão intersistêmica, enquanto o sentimento de culpa, seja consciente ou inconsciente, se reduz sempre a uma mesma relação tópica – a do ego e do superego, que é também um vestígio do complexo de Édipo."

12. ***AUTOPIEDADE:*** Sentir pena de si-mesmo, da própria condição ou situação em que se encontra. *Ter pena de alguém* (Engelmann, 1978), ter pena de si-mesmo.

Indicadores gráfico-expressivos de *AUTOPIEDADE*:

- Revelação de sentimentos, pensamentos, opiniões ou julgamentos envolvendo pena, dó, compaixão, etc., expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou projeção de tais sentimentos em outros personagens secundários.
- Outrem (outra pessoa, um animal, um elemento da natureza) chora ao ver tamanho sofrimento do agente punido.
- Legendas específicas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!, etc.*

13. ***VONTADE DE MORRER:*** Ou ideação suicida, isto é, conjunto de pensamentos relacionados à morte. *Sentir-se com vontade de algo* (Engelmann, 1978), sentir-se com vontade de morrer. *Sentir-se mortificado* (Engelmann, 1978). Aniquilamento de si ou suicídio; morrer para acabar com o sofrimento. Ora, o suicídio, como solução, é ainda uma última tentativa, desesperada, inadequada, de buscar o equilíbrio, isto é, senão fazer advir o bem-estar, fazer cessar o mal-estar. Não perseveração do *conatus*.[10]

Indicadores gráfico-expressivos da *VONTADE DE MORRER*:

- Protagonista (criança, agente punido, o personagem de si mesmo) se enforcando, tendo pensamentos autodestrutivos, como esfaquear-se etc.
- Pensamentos simbólicos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo.
- A raiva represada, voltada para dentro, contra si, pode manifestar-se como autopunição, mutilação ou mesmo vontade suicida.
- Legendas específicas auto-referentes: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; etc.*

---

[10]"Na perspectiva espinosana, a pessoa é invadida pela tristeza separada do seu *conatus*, é separada da sua tendência natural para a autopreservação. Tal descrição aplica-se por certo aos sentimentos que se encontram nas depressões graves e às suas conseqüências últimas no suicídio."(Damásio, 2004, p. 148) *Conatus* é o esforço de autopreservação do ser na existência. [10] O *conatus* de Espinosa, à luz das neurobiologia contemporânea, pode ser compreendido como *a tentativa contínua de conseguir um estado de vida equilibrado, aspecto profundo e definidor da nossa existência.* "É o que nos diz Espinosa, que vai mais longe e chama a essa tentativa a primeira realidade da nossa existência, uma realidade que ele descreve como o esforço implacável da autopreservação presente em qualquer ser. Espinosa designa esse esforço implacável com o termo *conatus*, a palavra latina que pode também se traduzir como tendência, no sentido em que aparece nas Proposições VI, VII e VIII da *Ética*, Parte III. Nas palavras de Espinosa: 'cada coisa, na medida do seu poder, esforça-se por perseverar no seu ser e 'o esforço através do qual cada coisa tende a perseverar no seu ser nada mais é do que a essência dessa coisa'. Interpretado à luz do conhecimento atual, a noção de Espinosa implica que um organismo vivo está construído de forma a lutar, contra toda e qualquer ameaça, pela manutenção da coerência das suas estruturas e funções'.[10] O *conatus* diz respeito não só ao ímpeto de autopreservação, mas também ao conjunto de atos de autopreservação que mantém a integridade de um corpo.[...] E o que é o *conatus* de Espinosa em termos biológicos e contemporâneos? O *conatus* é o agregado de disposições presentes em circuitos cerebrais que, uma vez ativados por certas condições do ambiente ou externo, levam à procura da sobrevida e do bem-estar. [...] As variadas atividades do *conatus* estão representadas no cérebro por sinais químicos e neurais. Os numerosos aspectos do processo da vida são continuamente representados no cérebro em mapas constituídos por células nervosas que se encontram em diversos locais do cérebro " (Damásio, 2004, p.43-5) A solução de um problema é necessária para que a sobrevida e o bem star seja, atingidos. "A solução de cada novo problema é necessária para o equilíbrio global do organismo." (Damásio, 2004, p.46).

14. ***ANGÚSTIA DE FRAGMENTAÇÃO/DESPERSONALIZAÇÃO:*** Um tipo de angústia intensa, de perda de unicidade e integridade corporal; despersonalização. *Sentir angústia* (Engelmann, 1978), angústia de fragmentação.
Redunda em um estado confusional: sentir-se demasiadamente confuso, desnorteado, desorientado, atrapalhado, sem saber o que fazer. *Estar num estado de confusão; sentir-se desnorteado; sentir-se desorientado; estar atordoado.* (Engelmann, 1978)
Indicadores gráfico-expressivos *ANGÚSTIA DE FRAGMENTAÇÃO/DESPERSONALIZAÇÃO*:
- Figuração de fragmentos de corpos, ou apenas partes específicas para retratar o todo do eu.
- Partes separadas do corpo, pedaço do corpo.
- Corpo disforme, fragmentado, partes do corpo se fragmentando, quebrando-se, partindo-se, rasgando-se ao meio, em duas partes, etc.
- Cisão dos afetos, ambivalência marcada (riso tenso, nervoso, e lágrimas, de tristeza e felicidade, etc.
- Sinais de interrogação, exclamação, conotação de dúvida, confusão, etc.
- Legendas específicas auto-referentes: *meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedaçado; não sei o que fazer, para onde ir, o que pensar; sentir-se sem corpo (despersonalizado),* etc.

15. ***SENTIR-SE DESPREZADO/REJEITADO:*** Sentir-se desprezado, rejeitado. *Sentir desprezo* (Engelmann, 1978) de outrem para consigo. Trata-se de uma forma de *desestima,* isto é, de negativação da auto-imagem. "A *desestima (Abjectio)* consiste em, por tristeza, ter uma opinião demasiado desfavorável acerca de si próprio." (Espinosa, Ética – III, em *Definições das Afeccções,* definição XXIX, p.217)
Indicadores gráfico-expressivos de *SENTIR-SE DESPREZADO/REJEITADO*:
- Expressão facial de desprezo presente no agente punidor.
- Figuração do agente punido, de si-mesmo, na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.
- Legendas específicas auto-referentes, com opiniões depreciativas sobre si ou sobre algum atributo pessoal: *me sinto como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; etc.*

16. DESEJO DE *VINGANÇA:* Desejo de vingança. Sentir necessidade de se vingar de alguém; desejo de vingança. "A *vingança (Vindicta)* é o desejo que nos impele a fazer mal, por um ódio recíproco, àquele que, afetado por uma afecção semelhante para conosco, nos causou um dano. *(Ver o corolário 2 das proposição 40 desta parte, com o seu escólio.)"* (Espinosa, Ética – III, na *Definições das Afeccções,* definição XXXVII, p.219)
Indicadores gráfico-expressivos de *DESEJO DE VINGANÇA:*
- Indicação de estar descontando algo, uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão.
- Legendas específicas auto-referentes: *Toma!; vou descontar; vou revidar; você vai ver só; vou me vingar; etc.*

17. ***JUSTIÇAMENTO:*** Quando o sujeito expressa entendimento de que mereceu ser punido devido ao que cometeu ou ocasionou, ou devido a um comportamento ou traço de personalidade seu. Senso de justiça feita = punição justa = punição merecida; justiçamento.

Indicadores gráfico-expressivos de *JUSTIÇAMENTO*:

- Legendas específicas auto-referentes: *mereci apanhar; sou danado mesmo; foi justo; foi para o meu bem; etc.*

18. ***SENTIR-SE ODIADO:*** Sentir-se odiado por alguém. *Sentir hostilidade* (Engelmann, 1978) de outrem sobre si. "*Aquele que imagina que é odiado por alguém, e julga não lhe ter dado qualquer motivo para isso, odiá-lo-á por sua vez.*" (Proposição XL, Ética –III, P.198). "*O ódio é aumentado por um ódio recíproco e pode, ao contrário, ser destruído pelo amor.*" (Proposição XL, Ética–III, p.200)

Indicadores gráfico-expressivos *SENTIR-SE ODIADO*:

- Expressão facial de ódio (raiva intensa) do agente punidor (pais e/ou responsáveis).
- Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; etc.*

19. ***DECEPÇÃO:*** Estar decepcionado, desapontado com alguém ou em relação a uma atitude sua; desilusão (Ferreira, 1999). *Sentir uma decepção; sentir-se desapontado; estar desiludido* (Engelmann, 1978).

Indicadores gráfico-expressivos de *DECEPÇÃO*:

- Legendas específicas auto-referentes: *decepção; estou decepcionado; desapontado; fiquei desiludido; etc.*

20. ***SENTIMENTO PARANÓICO:*** Sentir-se perseguido, que todos estão contra si, sentir-se acuado, vigiado etc.

Indicadores gráfico-expressivos de *SENTIMENTO PARANÓICO*:

- Legendas específicas auto-referentes: *todos estão contra mim; estou sendo perseguido; estou sendo vigiado; etc.*

V. Índice: Indicadores *Representações do Eu (Self)*

Universo de interesse: As imagens que o autor tece de si, ou a *consciência de si*, entendida, conforme La Taille (2002), como um conjunto de *representações de si*, ou do *Eu*, constituidoras ou construidoras da identidade. As *Representações do Eu* constituem a identidade. No ato de desenhar a criança tem a possibilidade de representar-se, de construir imagens de si mesma, com alguma intenção (consciente ou inconsciente) valorativa. Através destes indicadores estamos interessados em captar a expressão da percepção de si mesmas protagonizando a cena da palmada ou demais formas de punições corporais. A palmada pode desencadear uma auto-avaliação negativa. Os olhares e juízos alheios desempenham um papel fundamental na construção das *representações de si*, e dos valores associados a tais representações, embora não sejam a única causa: "trata-se de um embate entre imagens que o indivíduo tem de si e olhares judicativos alheios." (La Taille, 2002, p.71). La Taille sustenta que "[...] quando uma pessoa pensa em si, quando representa-se para si mesma, todas as imagens que constrói estão intimamente associadas ao bem ou ao mal, ao desejável ou ao indesejável, ao certo ou ao errado, ao bonito ou ao feio, e assim por diante. Mesmo as formas aparentemente mais objetivas de se representar [...] estão prenhes de valor." (La Taille, 2002, p.61) Segundo Harkot-de-la- Taille (1999, p.131), "uma experiência de

vergonha [...] pode afetar o sujeito em vários níveis de profundidade, provocando desde desconforto [...] ou insegurança, até mesmo um profundo desejo de desaparecer." Vergonha repetida e prolongada afetaria a valência e o sujeito tensivo, levando à idéia de *desintegração do self*, metáfora semiótica à idéia de desintegração do *self*, distúrbios e desordens, no campo psicológico.

Definições e Indicadores Gerais e Específicos

1. ***SELF ENTRISTECIDO/MELANCÓLICO:*** Sobre entristecimento, ver categoria ***TRISTEZA***. Melancolia, do grego *melancholía:* estado mórbido de tristeza e depressão; estado de languidez e tristeza indefinida (Ferreira, 1999). *Estar triste; sentir uma tristeza; sentir melancolia* (Engelmann, 1978). A melancolia nada mais é do que a tristeza cronificada no sujeito. Categoria sobreposta, por derivação lógica, focada na representação do Eu; mesmas produções indicadas na categoria ***TRISTEZA.***

Indicadores gráfico-expressivos *SELF ENTRISTECIDO/MELANCÓLICO*:

- Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo, etc.
- Embotamento.
- Olhos fechados (voltados para dentro).
- Lágrimas de tristeza.
- Olho que chora; lágrimas.
- Corpo curvado, cabeça para baixo.
- Mãos segurando o rosto.
- Retratação do corpo do agente punido (si-mesmo) em posição de encolhimento, sentado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito ("posição de encolhimento fetal").
- Coração partido, do qual escorrem lágrimas ou sangue. - **Legendas específicas auto-referentes: *estou entristecido; sinto-me muito triste; etc.***

2. ***SELF HUMILHADO/INFERIORIZADO.*** *Sentir-se humilhado* (Engelmann, 1978). Expressão de si-mesmo em situação vexatória, sob constrangimento, inferioridade diante da autoridade. Revela sentimento de inferioridade, mas não no sentido empregado por Adler, isto é, de sentimento baseado numa inferioridade orgânica. No sentido freudiano, deve ser compreendido e interpretado como um *sintoma*. Apontam Laplanche e Pontalis (1995, p.475, grifo nosso): "Sobre sua origem, Freud, sem tratar da questão de forma sistemática, forneceu algumas indicações; o sentimento de inferioridade viria corresponder aos dois danos, reais ou fantasísticos, que a criança pode sofrer - **perda de amor e castração. 'Uma criança sente-se inferior se nota que não é amada**, e acontece o mesmo com o adulto.' Estruturalmente, o sentimento de inferioridade traduziria a tensão entre o ego e o superego que o condena. Esta explicação sublinha o parentesco entre o sentimento de inferioridade e o sentimento de culpa, mas torna difícil a sua delimitação.[...] Do ponto de vista clínico, muitas vezes tem sido sublinhada a importância dos sentimentos de culpa e inferioridade nas diversas formas de depressão." Retomemos aqui a definição espinosana de *desestima*, que "consiste em, por tristeza, ter uma opinião demasiado desfavorável acerca de si próprio." (Espinosa, Ética – III, em *Definições das Afecções*,

definição XXIX). Categoria sobreposta, por derivação lógica, focada na representação do Eu; mesmas produções indicadas na categoria *VERGONHA-HUMILHAÇÃO.*

Indicadores gráfico-expressivos de *SELF HUMILHADO/INFERIORIZADO* :

- Situação vexatória em si, como chute nas nádegas, etc.

- Corpo curvado, abaixado, rebaixado, no chão.
- Expressão fixa para baixo.
- Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral; sentir-se um lixo enquanto pessoa, equivaler-se ao lixo, ao nada – sentimento de lixificação e nadificação, tornar-se um nada moral, desprezível.
- Dedo da autoridade (dedo em riste) apontando para si, acusando, indicando, humilhando, diminuindo.
- Estar de joelhos, em posição de súplica.
- Sentir uma "pessoa minúscula", diminuída em seu ser.
- Figura representativa de si-mesmo em tamanho reduzido em comparação com a figura do agente punidor.
- Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me humilhado, envergonhado, reduzido, inferiorizado, ridicularizado, etc.*

3. ***SELF ENFURECIDO***. É aquele tomado de raiva, raiva intensa, cólera, ira, revolta e indignação, que pode motivar atos de agressão contra outrem. Categoria sobreposta, por derivação lógica, focada na representação do Eu; mesmas produções indicadas na categoria ***RAIVA.***[11]

Indicadores gráfico-expressivos de *SELF ENFURECIDO*:

- Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.
- Nuvens e raios sobre a cabeça.
- Traçado carregado, tenso.
- Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados.
- Boca entreaberta, berrando.
- Símbolos de pensamentos destrutivos, ofensivos, de xingamentos.
- Estado de raiva representado por mar revolto, vulcão prestes a explodir, etc.
- Retaliar alguém após ser agredido, atira em alguém, dar facada, etc.
- Legendas específicas auto-referentes: *fiquei furioso; estou raivoso; etc.*

4. ***SELF AMEDRONTADO/ATERRORIZADO:*** Expressão de si mesmo tomado por diferentes graduações do sentimento de medo, medo intenso, sentimento de terror. *Estar com medo; estar assustado; encontrar-se num estado de pavor; sentir um temor; sentir terror; sentir-se*

[11] A raiva represada, voltada para dentro, contra si, pode manifestar-se como auto-punição, mutilação ou mesmo desejo suicida (ver categoria *SELF SUICIDA).*

torturado; sentir-se atormentado (Engelmann, 1978) Categoria sobreposta, por derivação lógica, focada na representação do Eu; mesmas produções indicadas nas categorias ***MEDO*** e ***TERROR.***

Indicadores gráfico-expressivos de *SELF AMEDRONTADO/ATERRORIZADO*:

- Expressão facial de medo.
- Atitude de proteção com as mãos, virando o rosto, esquivando-se.
- Esconder-se, ocultar-se (por medo).
- Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo".
- "Suar de medo".
- Pedir desculpas, com a mão no rosto.
- Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, para não apanhar, etc.
- Escuridão: cena representada com tempo escuro, tempestade, raios, pássaros negros.
- Presença de monstros aterrorizadores, fantasmas, seres imaginários, lendários, mitológicos.
- Sentir-se num pesadelo, num filme de terror, etc.
- Figurações ou representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico, punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, etc.
- Figura do agente punidor como um monstro, diabo, ou outro ser maligno, aterrorizante.
- Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias de diferentes formas; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; etc.*

5. ***SELF SOLITÁRIO/EM DESAMPARO***: *Sentir solidão; sentir-se desamparado; sentir-se abandonado* (Engelmann, 1978). Categoria sobreposta, por derivação lógica, focada na representação do Eu; mesmas produções indicadas na categoria ***SOLIDÃO/DESAMPARO***.

Indicadores gráfico-expressivos de *SELF SOLITÁRIO/EM DESAMPARO*:- Retratação do corpo do agente punido (si mesmo) em posição de encolhimento ("posição de encolhimento fetal").

- Sentado no chão; isolado.
- Legendas específicas auto-referentes.

6. ***SELF INJUSTIÇADO:*** Sentir-se objeto de uma injustiça ou ação injusta; punição injustamente aplicada sobre si, quando punido por algo ou algum erro que cometeu sem intenção de o fazer, sem dolo, ser punido por algo feito "sem querer", etc. Categoria sobreposta, por derivação lógica, focada na representação do Eu; mesmas produções indicadas na categoria ***INJUSTIÇAMENTO.***

Indicadores gráfico-expressivos de *SELF INJUSTIÇADO*:

- Figuração de algum objeto doméstico quebrando-se ou quebrado por algum acidente, involuntariamente ocasionado, etc.

- Legendas específicas auto-referentes.

7. ***SELF APRISIONADO:*** Sentir-se aprisionado, encarcerado, confinado, enclausurado, sem liberdade. Categoria sobreposta, por derivação lógica, focada na representação do Eu; mesmas produções indicadas na categoria ***APRISIONAMENTO.***

Indicadores gráfico-expressivos de *SELF APRISIONADO*:

- Casa-prisão, quarto-cela.- Figuração da casa ou quarto como cela de cadeia, com poucos objetos biográficos, mormente uma cama..- Janelas e/ou portas fechadas.
- Figuração de muros ou obstáculos intransponíveis, "sem saída".
- Legenda específicas auto-referentes: *sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*

8. ***SELF SUICIDA.*** Revela o desejo de auto-aniquilamento ou erro no esforço de perseveração na existência. Categoria sobreposta, por derivação lógica, focada na representação do Eu; mesmas produções indicadas na categoria ***VONTADE DE MORRER.***

Indicadores gráfico-expressivos de *SELF SUICIDA*:

- Protagonista (criança, agente punido, o personagem de si mesmo) se enforcando, tendo pensamentos autodestrutivos, como esfaquear-se etc.
- Pensar sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo.
- Legendas específicas auto-referentes, com revelação expressa da vontade ou desejo de morte: *prefiro a morte; vou suicidar-me, etc.*

9. ***SELF CULPADO.*** *Estar com sentimento de culpa; sentir-se culpado* (Engelmann, 1978). Categoria sobreposta, por derivação lógica, focada na representação do Eu; mesmas produções indicadas na categoria ***CULPA.***

Indicadores gráfico-expressivos de *SELF CULPADO*:

- Auto-acusações.
- Auto-depreciações.
- Tendência para a auto-punição.
- Legenda específicas auto-referentes: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; sou safado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer; mereço a morte, etc.*

10. ***SELF FRAGMENTADO.*** Expressão de si mesmo como um ser fragmentado, em pedaços, um corpo partido, dilacerado, pois traz consigo profunda dor, sofrimento, tristeza, destrutividade. Um tipo de angústia intensa, de perda de unicidade e integridade corporal; despersonalização. *Sentir angústia* (Engelmann, 1978), angústia de fragmentação, despersonalizante. Categoria sobreposta, por derivação lógica, focada na representação do Eu; mesmas produções indicadas na categoria ***ANGÚSTIA DE FRAGMENTAÇÃO.***

Indicadores gráfico-expressivos de *SELF FRAGMENTADO*:

- Figuração de fragmentos de corpos.
- Partes separadas do corpo, pedaços do corpo.

- Corpo disforme, fragmentado, partes do corpo se fragmentando, quebrando-se, partindo-se, rasgando-se ao meio, em duas partes, estilhaçando-se, etc.
- Legendas específicas auto-referentes: *meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços; fico despedaçado,* etc.

11. *SELF RESIGNADO/CONFORMADO:* *Sentir-se resignado; sentir-se conformado* (Engelmann, 1978). Categoria sobreposta, por derivação lógica, focada na representação do Eu; mesmas produções indicadas na categoria ***RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO.***

Indicadores gráfico-expressivos de *SELF RESIGNADO/CONFORMADO*:
- Agente punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária ao agente punidor, aguardando apenas o fim dor ritual de punição.
- Resignado à sessão punitiva, conformado, sem esboçar resistência.
- Sentir-se numa situação sem saída, sem solução.
- Legenda específicas auto-referentes: *estou resignado; conformado; tenho que me submeter; não há o que fazer, etc.*

Orientações Gerais para preenchimento da Grade de Indicadores.

Deve-se assinalar o indicador ou os indicadores presentes em cada Produção, considerando-se sempre a imagem e a produção escrita[12] do sujeito, quer esteja no espaço destinado ao desenho, quer como resposta à questão 1 da folha padrão do Concurso *Crescer sem Palmada*: "Escreva o que este desenho quer dizer".

[12] Sobre a relação entre imagem e texto, considerar o que se segue. Como nosso *corpus* é composto por imagem (desenhos propriamente) e texto (legendas e escritos no desenho), estaremos operando com *análise de conteúdo híbrida.* Há, segundo Bauer e Gaskell (2002), diferentes formas de se entender a relação texto/imagem. Na relação de *Ancoragem*, uma imagem é acompanhada pelo texto que serve para tirar a ambigüidade da imagem - diz-se que o texto ancora a imagem; na relação de *Revezamento* (*relais*, francês; *relay*, inglês) tanto a imagem como o texto contribuem reciprocamente para o sentido geral; ocorre *Redundância* quando o texto repete descritivamente a mensagem da imagem. Embora esta três possibilidades de relação texto/imagem possam aparecer simultaneamente, é possível identificar uma função relacional predominante na produção. Embora se deva considerar as duas dimensões da unidade de produção (imagem e texto), a análise do sentido do conteúdo deve ser de forma integrada, "holística", mesmo que, para fins operacionais, haja um momento de inventários denotativo e conotativo, lingüístico e icônico. Se num primeiro momento fragmentamos o *corpus*, é para depois integrá-lo de forma criativa e inovadora, buscando sua decifração.

Assim, ao serem consideraras as Produções 1 (P1), (P2), (P3)... (P95), (P96) conferir todas as categorias de indicadores da grade, e assinalar com um **X** se o indicador está presente, ausente, ou se é impossível identificá-lo dadas as características gráfico-expressivas da Produção considerada.

Exemplo de Análise da Produção 1: P1. Masculino, 9 anos, 4ª. Série, Instituição pública, Município de São Paulo, Estado de São Paulo[13]

[13] Em havendo divergência quanto ao já assinalado sobre este modelo (Produção 1), favor anotar e justificar suas respostas.

P.	SENSAÇÕES E EMOÇÕES (de *Fundo* e *Básicas*)	SENTIMENTOS SÓCIO-MORAIS	REPRESENTAÇÕES DO EU
1	**Indicadores de *Dor*** (X)Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Vergonha/Humilhação*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Self Entristecido*** (X)Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar
	Indicadores de *Prazer* ( ) Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Mágoa/Ressentimento*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Self Humilhado*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar
	Indicadores de *Prazer & Dor* ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Inferioridade Física/Covardia*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Self Enfurecido*** (X)Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar
	Indicadores de *Bem-estar* ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Solidão/Desamparo*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Self medrontado*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar
	Indicadores de *Mal-estar* (X)Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Injustiçamento*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Self Solitário*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar
	Indicadores de *Bem-estar & Mal-estar* ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Resignação/Submissão*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Self Injustiçado*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar
	Indicadores de *Tristeza* (X)Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Terror*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Self Aprisionado*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar
	Indicadores de *Raiva* (X)Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Aprisionamento*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Self Suicida*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar
	Indicadores de *Medo* ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Gratidão*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Self Culpado*** ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar
	Indicadores de *Alegria* ( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Revolta/Indignação***	**Indicadores de *Self Fragmentado***

Indicadores de *Surpresa*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Nojo*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Culpa*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Autopiedade*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Vontade de Morrer*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Angústia de Fragmentação*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Sentir-se Desprezado/Rejeitado*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Desejo de Vingança*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Justiçamento*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Sentir-se Odiado*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Decepção*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Sentimento Paranóico*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Self Resignado*
( )Presente(s) (X)Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Outras orientações:

Para saber se o indicador considerado está presente ou ausente, o avaliador deve ler atentamente a definição categorial apresentada e a relação de indicadores definidores da categoria. Se julgar que um ou mais indicadores estão presentes na Produção, assinalar um X em ( ) Presente(s); se julgar que não existem tais indicadores categoriais, marcar um X em ( ) Ausente(s); se julgar ainda que, dadas as características (abstracionismo, omissão de personagens, etc.) da Produção considerada, é impossível identificar o indicador considerado, assinalar um X em ( ) impossível identificar.

Qualquer dificuldade, dúvida ou crítica quanto ao Instrumento de Análise ora proposto devem ser anotados no local em que aparecem em cada produção considerada. O material pode ser riscado, rabiscado, assinalado. Entretanto, sugiro que os X sejam marcados inicialmente a lápis, pois ao longo das sucessivas avaliações, ao considerar o *corpus* todo, o juiz avaliador poderá reconsiderar suas marcações anteriores, numa espécie de "calibração do olhar". Terminado o trabalho, pode ser assinalada com caneta a opção definitiva.

Se outras categorias emergirem da análise dos juizes, o que é bastante provável, estas devem ser anotadas e justificadas no verso da folha destinada a cada Produção, que se encontra em propositalmente em branco para qualquer anotação/comentário/crítica mais extensa, ainda que baseada apenas em impressões do avaliador.

O presente instrumento não está acabado e fechado, e, portanto, as críticas e sugestões serão sempre bem vindas – aliás, isto é fundamental, e muito importante. Apenas o que se enfatiza é que os juízes procurem olhar as produções a partir das definições das categorias consideradas e dos indicadores definidores das mesmas. É importante que os juízes não façam suas avaliações a partir de suas próprias concepções sobre *Dor, Tristeza, Alegria, Vergonha, Terror etc.*, mas considerem as definições e indicadores pré-fixados, embora sintéticos e provisórios, e ainda carentes de maior embasamento teórico. Portanto, a leitura da definição categorial deve sempre ser retomada, para que seja bem assimilada pelo avaliador.

A seqüência das Produções apresentadas parte dos meninos de 9 anos, seguido pelas produções das meninas de 9 anos, depois pelos meninos de 10 anos, seguidos pelas meninas de 10 anos; depois vem as produções dos meninos de 11 anos, seguida pelas produções das meninas de 11 anos, e, por fim, as produções dos meninos de 12 anos e das meninas de 12 anos, concluindo a exposição do *Corpus*. Recomenda-se que os juízes sigam a ordem da apresentação das Produções (1, 2, 3, 4...95, 96), uma vez que, como se verá, a complexidade dos desenhos aumenta com o aumento da idade dos sujeitos que a produziram.Posto isso, passemos à avaliação propriamente dita.

Bastante grato e... *Bon voyage!*

GRADES DE LEITURA DAS PRODUÇÕES INFANTO-JUVENIS

P.	SENSAÇÕES E EMOÇÕES (de *Fundo* e *Básicas*)	SENTIMENTOS SÓCIO-MORAIS	REPRESENTAÇÕES DO EU
1	**Indicadores de *Dor*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Prazer*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Prazer & Dor*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Bem-estar*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Mal-estar*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Bem-estar & Mal-estar*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Tristeza*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Raiva*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Medo*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Alegria*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Vergonha/Humilhação*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Mágoa/Ressentimento*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Inferioridade Física/Covardia*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Solidão/Desamparo*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Injustiçamento*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Resignação/Submissão*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Terror*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Aprisionamento*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Gratidão*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar	**Indicadores de *Self Entristecido/Melancólico*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Self Humilhado/Inferiorizado*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Self Enfurecido*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Self Amedrontado/Aterrorizado*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Self Solitário/Em desamparo*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Self Injustiçado*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Self Aprisionado*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Self Suicida*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Self Culpado*** ( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar **Indicadores de *Self Aborrecido/Chateado***

Indicadores de *Surpresa*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Nojo*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Revolta/Indignação*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Culpa*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Autopiedade*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Vontade de Morrer*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Angústia de Fragmentação/ Despersonalização*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Sentir-se Desprezado/Rejeitado*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Desejo de Vingança*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Justiçamento*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Sentir-se Odiado*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Decepção*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Sentimento Paranóico*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Self Fragmentado*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Self Resignado/Conformado*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Indicadores de *Self em Desespero*

( )Presente(s) ( )Ausente(s) ( )Impos.Identificar

Apêndice B – Inventário de Indicadores

Análise de Conteúdo (AC) das questões-chaves: *Crescer com Palmada – Emoções, Sentimentos, Mensagens* e *Auto-imagem* sob *Palmadas.*

	Indicadores de *Sensações* e *Emoções primárias*	**Indicadores de *Emoções sociais/morais* ou *Sentimentos morais***	**Indicadores de *Sentidos e/ou mensagens morais e éticas*** (conceitos, valores, "lições")	**Indicadores de *Percepção do self* ou *consciência de si*** (representações do Eu, constituintes da identidade)
GRUPO I. Onze Meninos com 9 anos de idade				
01	*Mal-estar; Raiva; Tristeza*	-	*Apanhar causa raiva e tristeza.*	*Só e chorando (lágrimas) triste.*
02	*Dor; Mal-estar;*	*Sofrimento empático (sentir pela dor do outro, embora o alter não seja um outro propriamente, mas o sol, elemento da natureza).*	*"Paz para as crianças". Apanhar significa não ter paz. Ver outra pessoa sofrer é ruim. O sofrimento é ruim.*	*Só e chorando triste (lágrimas), com "dor na bunda. " Projeção do sofrimento empático no sol, sofrimento por si-mesmo, pela própria condição após apanhar do pai.*

03	*Mal-estar; Tristeza* *Do pai punidor: desprezo*	-	*Apanhar causa tristeza.*	*Chorando triste, recebendo do pai um tapa nas costas.*
04	*Medo* *Dor*	*Sentimento de inferioridade física*	*Imperatividade do mais forte: "Vai apanhar!"*	*Atemorizado, bastante menor fisicamente que o agente agressor masculino da cintada.*
05	*Dor* *Mal-estar* *Do agente punidor feminino: 1.contentamento*	-	*Converse com seu filho, não o bata: "Converse com seu filho mas não bata".* *Bater causa muita dor e pode causar ferimentos em quem apanha: "às vezes pode sair sangue".*	*Com dor, chorando, voltado para a parede, prestes à cintada.* *Em posição de submissão, de costas, sem esboçar defesa.*
06	*mal-estar.*	*vontade de fugir; solidão*	*É preferível fugir de casa a permanecer apanhando.*	*Ausência de si-mesmo.*
07	*mal-estar.*	-	*Bater no filho é motivo de discórdia entre os pais, que brigam entre si.*	*Si-mesmo apanhando de cinta do pai, entre o pai e a mãe que brigam entre si.* *Dividido entre a violência do pai e a tardia proteção da mãe.*

08	*Medo (tentativa de proteção)* *Do agente punidor masculino:* *raiva, ira.*	*Sentimento de inferioridade física, Rebaixamento .*	*Não se pode bater sem motivo. Quando há motivo pode-se bater.*	*Si-mesmo representado por meio de braço e mãos, de alguém que apanha e tenta proteger-se.*
09	*Mal-estar* *Dor*	-	*Apanhar causa dor.*	*Si-mesmo idealizado através de um jovem super-herói japonês, musculoso, que sente dor nas nádegas e chora.*
10.	*mal-estar; tristeza intensa*	-	*Apanhar causa profunda tristeza.*	*Si-mesmo como tristeza pura, expresso somente pelos olhos chorosos.*
11.	*Mal-estar; Tristeza*	*Sentimento de solidão*	*Apanhar causa tristeza, faz sentir só.*	*Si-mesmo por alguém chorando e só, cabisbaixo e curvado, junto ao oceano,sobre um monte ou montanha.*

GRUPO II. Seis meninas com 9 anos de idade				
	Indicadores de Emoções primárias	*Indicadores de Emoções sociais/morais ou Sentimentos morais*	*Indicadores de Sentidos e/ou mensagens morais e éticas*	*Indicadores de Percepção do self ou consciência de si*

12	*mal-estar; tristeza*	*Culpa; Remorso.*	*Não se pode ficar triste por levar palmadas quando se faz "coisa errada". A criança entende (sente) que não tem o direito de ficar triste porque agiu de forma errada, isto é, sua ação foi má aos olhos da mãe: "eu sei que eu não posso ficar triste porque eu fiz coisa errada". Sente-se triste por ter levado palmada, mas sabe que não deveria sentir-se assim porque não agiu bem. Sente-se culpada pelos sentimentos que tem, por sentir-se mal por apanhar, pelo fato de que foi ela mesma a culpada por ter recebido as palmadas de sua mãe.* *Tamanho conflito sentir-se culpado por sentir tristeza! Trata-se do conflito entre a instância ou consciência moral reguladora (os valores paternos internalizados, ou o superego), e as paisagens do corpo, isto é, o próprio estado do ser. Daí a culpa e o remorso etc.*	*Representação através de uma rosa tristonha, em contraste com o bom tempo (externo) e o mau tempo (tempo triste, interno). Trata-se da imagem de si projetada na natureza, com o sentido de estado de mal-estar interno, após as palmadas recebidas da mãe (cenário pós-palmada, relativo ao estado interno em oposição ao externo). A rosa é um elemento fixo ao solo, isto é, impotente quanto ao que fazer (não pode fugir). A imagem da rosa poder estar associada a amor mas também a tristeza, amor ferido (rosa quebrada), espinhos, sangue, lágrimas...*
13	*mal-estar; tristeza intensa.*	-	*Apanhar causa muita tristeza.*	*- representação de si como alguém triste, chorando e só.*

14	*mal-estar; tristeza.*	-	*Apanhar causa tristeza.*	*- representação de si como um rosto triste e chorando contido (uma só lágrima), olhos cerrados (voltados para dentro).*
15	*mal-estar; surpresa Medo tristeza intensa;*	*Solidão* *Rebaixamento*	*Mesmo quando se desculpa pelo erro cometido, a mãe-autoridade que "não gostou(ei) nada disso" aplica a punição. Apanhar causa tristeza, medo.*	*- Representação dinâmica de si, em duas situações: pré-chinelada, em pé desculpando-se com as mãos ao rosto e pós-chinelada, encolhida e c chorando num canto, com a cabeça abaixada sobre os braços. "Posição fetal", de encolhimento, proteção, rebaixamento (num canto no chão).*
16	*Mal-estar.* *tristeza (lágrimas, criança chorando com a mão no rosto).*	*Decepção* *Mágoa*	*O pai decai no conceito do filho quando ao bater-lhe. Se há decepção, é porque o pai, ao dar palmada, decaiu no conceito infantil; através da palmada mostrou uma faceta sua "negativa"; só se decepciona com o pai porque esperava (tinha esperança) de algo mais, mas não "uma mãozada".*	*Representa-se chorando e triste (lágrimas), decepcionada, ante a "mãozada" do pai, de uma enorme mão com seis dedos.*
17	*Mal-estar,* *dor*	*Há possíveis indicadores de vergonha (personagem de costa) diante da cena vexatória (calça abaixada, exposição das nádegas, nádega direita marcada pela palmada).*	*Palmada associada a algo que danifica o corpo, que "pode marcar uma criança".* *É constrangedor, vergonhoso apanhar na bunda!*	*É representada através da imagem de alguém marcado pela palmada, em situação de exposição e vergonha. É vexatória a cena retratada (nádegas expostas, em cenário pós-palmada) da consequência da palmada sobre si-mesmo, sobre parte específica do próprio corpo, isto é, a nádega, local culturalmente referendado para a aplicação da palmada.*

GRUPO III. Dez meninos com 10 anos de idade				
	Indicadores de Emoções primárias	***Indicadores de Emoções sociais/morais ou Sentimentos morais***	***Indicadores de Sentidos e/ou mensagens morais e éticas***	***Indicadores de Percepção do self ou consciência de si***
18	*Mal-estar; Tristeza*	*Indicadores de inferioridade, de apequenamento de si, embora respeitando proporções da composição*	*- É triste apanhar.*	*Representação de si como figura esquemática minúscula, pouco expressiva.*
19	*1.Mal-estar; 2. Raiva intensa 3. * Indicadores de angústia psicótica*	-	*-Apanhar causa intensa raiva.*	*Representação de si tomado pela raiva, corroborada pela expressão carregada e forte do vermelho e tonalidades avermelhadas escuras*
20	*Medo*	*Respeito/ temor*	*O bater está para o Mal ("Diabo" tentador) assim como o não bater está para o Bem ("Anjo da Guarda").* *Obedece-se por temor às vontades e às ordens de seres superiores (reais ou imaginárias): "o homem não bateu porque ficou com medo do anjo."*	*Representação de si com algo na mão (cinto ou pau), batendo numa menina, ao mesmo tempo que em estado confusional por duas ordens opostas ("não se mexer" versus "bater") de forças superiores contrárias, e ao mesmo tempo em que apanharia do "homem", não fosse este ter ficado "com medo do anjo."*

21	*mal-estar;* *Surpresa (estado confusional)*	*Vergonha-exposição pública*	*Apanhar em público é vergonhoso.* *Apanhar leva a um estado confusional, de perda de sentido da realidade: "sem saber o que fase e para onde ir aonde ficar o que fazer."*	*Representação de si envergonhado, surpreso e confuso, sem pensamentos claros, e sem chão.* *projeção animística da dor e/ou tristeza (lágrimas) sobre a expressão da nuvem*
22	*Mal-estar;* *Raiva intensa ("muito nervoso")*	-	*Apanhar gera raiva intensa.*	*Representação de si em estado "muito nervoso" dentes cerrados, lábios abertos, olhos arregalados e fixos. Foco na expressão facial de ira. Mãos para trás, denotando proteção/massagem das nádegas doloridas e/ou impotência, representada por um sujeito sem mãos e sem pés.*
23	*Mal-estar;* *Medo intenso,* *Expressão de raiva do agressor* *Sentimentos de mal-estar e terror na expressão sinistra do tempo, semelhante a do agressor .*	*terror doméstico, situação de tortura e terror.* *Impotência (estar amarrado – não há o que fazer).*	*Apanhar de um adulto pode ser aterrorizante, um verdadeiro suplício.* *O tempo fechado, tempestade, raios, pássaros negros no céu são indicativos de medo, do mal-estar.*	*Representação de si com braços e pernas amarrados num tronco de árvore, com medo intenso (aterrorizado), recebendo uma cintada do dorso.*
24	*Mal-estar;* *Dor e/ou tristeza (lágrimas)*	*Solidão;* *Rebaixamento*	*"Diálogo é melhor do que violência".* *Levar Palmada é sofrer violência.*	*Representação de si encolhida e chorando num canto, com a cabeça abaixada sobre os braços. "Posição fetal", de encolhimento, proteção, rebaixamento sentado sobre o chão.*

25	*Mal-estar, Sofrimento.*	*Solidão Desproteção.*	*-Apanhar gera solidão e desproteção.*	*A consciência de si, enquanto ser desprotegido e só, é representada através de um menino chorando no chão da casa.* *Posição de rebaixamento, regressão fetal.*
26	*Mal-estar; Dor,*	*Inferioridade física; Humilhação (ser chutado no traseiro para fora da casa).*	*Palmada/Pontapé como Violência sobre a criança.* *Agressão física (contra o corpo) como violência.*	*Representação de si chorando (lágrimas) em situação de violência física e humilhação,* *Posição caída sentada, batendo com as nádegas ao solo.*
27	*mal-estar*	*sentimento de inferioridade e rebaixamento, sentindo-se "um lixo", no interior de uma lata de lixo).*	*Quem apanha é porque não presta, é um lixo, um dejeto moral.*	*Representação de si como um lixo, dentro da lata de lixo, em meio a sacos de lixo, restos de comida e moscas.*
			GRUPO IV. Treze meninas com 10 anos de idade	
	Indicadores de Emoções primárias	***Indicadores de Emoções sociais/morais ou Sentimentos morais***	***Indicadores de Sentidos e/ou mensagens morais e éticas***	***Indicadores de Percepção do self ou consciência de si***
28	*Mal-estar.* *Tristeza (no coração)*	-	*Apanhar atinge diretamente o coração.*	*O si-mesmo é representado através de um coração triste, tomado por esse sentimento. A dor no coração é o próprio estado do ser.*

29	*Mal-estar e Bem-estar. Tristeza e Felicidade*	*sentimento de grande injustiça*	*"Diga não a violência". [Logo, palmada afigura-se violência].* *Bater nos filhos "sem precisão" (sem necessidade) é "uma injustiça muito grande". [Logo, bater quando necessário pode não ser uma injustiça].*	*Representação de si-mesmo em três situações apanhando e chorando.* *Há incongruência na representação facial das emoções, pois tal como expresso é como se chorasse de alegria.* *OBS: * Desenho bastante inadequado à faixa etária ou expressão de forte sintoma de despersonaliação, de angústia psicótica, o que não parece, entretanto.*
30	*Mal-estar ("marcas no corpo", choro) e Bem-estar.*	-	*Apanhar de vara pode deixar marcas no corpo.*	*Há incongruência na representação facial das emoções de si-mesmo, pois tal como expresso é como se chorasse de alegria por apanhar. Tal ambiguidade aparece também na composição e colorido da produção toda. Parece que o problema maior do apanhar reside mas no plano corporal, da dor física mesma.*
31	*Mal-estar; Tristeza*	*Mágoa*	*Apanhar do pai pode ser motivo de forte sofrimento e angústia de fragmentação ("se parte em dois") do eu, dos afetos, o coração partido, chorando etc.*	*Representação de um eu fragmentado, escurecido pelo mau tempo, chorando*
32	*Mal-estar Tristeza*	*Solidão*	*Não há como uma bela paisagem, um belo dia ser bom se eu apanhei (não estou bem por dentro).*	*Representação de si chorando (lágrimas) e triste (estado interno) em contraste com a "bela paisagem" (estado externo), muito embora as expressões faciais anímicas da nuvem e do sol sejam bastante semelhantes ao da protagonista, com exceção da ausência de lágrimas*

33	*Mal-estar* *Raiva (contida)*	-	*Quebrar objetos domésticos, principalmente se caros – eletrodomésticos, pode ser motivo para apanhar da mãe.* *Deve-se conter a raiva, os pensamentos destrutivos contra a mãe punidora.* *Quando a mãe (ou os pais) está pronta para sair, tem algum compromisso etc - "sua mãe que está pronta para sair para ir ao shppigh" – e a criança faz algo errado, que poderia a atrasar, a gravidade do erro é maior ainda.*	*Representação de si chorando (lágrimas) e tendo pensamentos destrutivos, indizíveis, quiçá palavrões, conotando raiva, morte, tempestade)*
34	*1.Mal-estar* *2. tristeza*	-	*Apanhar gera tristeza.*	*Foco na expressão facial do sofrimento, tristeza e/ou dor (lágrimas)* *Olhos fechados, voltados para dentro (para si, para a paisagem interna)*

35	*Mal-estar,* *Dor* *Tristeza intensa*	*Sentimento de sofrer injustiça* *Impotência* *Desamparo*	*Pais drogados batem nos filhos, são injustos com eles, os exploram.* *Colocar o filho pra pedir dinheiro é exploração.*	*Representação de Si- mesmo bastante prejudicada, danificada, maltratada.*
36	*mal-estar;* *sofrimento intenso*	*inferioridade física* *impotência* *resignação*	*"Uma criança sofre muito Quando leva uma palmada"*	*A consciência de si é representada rebaixada, diminuída em relação à figura da mãe no ato da palmada; retrata-se na cena objetalizante.*
37	*Mal-estar* *Tristeza*	*solidão* *sentimento de clausura, recolhimento ao quarto.*	-	*Representação de si como uma menina chorando (lágrimas) e angustiada por ter apanhado; solitária em seu quarto, buscando apoio em seus brinquedos, objetos transicionais, que dão certo acalanto para superar o momento.*
38	*Mal-estar;* *tristeza*	*solidão* *desamparo* *rebaixamento*	*apanhar causa tristeza.*	*Representação de si encolhida e chorando (lágrimas) no meio da sala. "Posição fetal", de encolhimento, proteção, rebaixamento sentado sobre o chão.*

39	*mal-estar* *dor* *tristeza*	*mágoa* *sentimento de injustiça (não sabe por qual motivo está apanhando)*	*Bate-se mesmo para causar dor no outro.* *A autoridade, o maior, o mais forte, o pai, bate mesmo sem motivo, é arbitrário.* *Pode-se não ter empatia com o sofrimento alheio, compaixão da dor do outro.*	*Representação da cena punitiva, com dor e tristeza (lágrimas, olhos cerrados), impotente ante a vontade do pai, embora busque defender as nádegas com as mãos para trás.*
40	*Mal-estar;* *Tristeza* *Raiva* *Alegria*	*Gratidão (por ter aprendido algo, mesmo apanhando)* *Solidão* *Algo de melancólico*	*Embora a palmada seja desconfortável, e possa causar dor, tristeza e raiva, deve-se sentir alegria por pela lição aprendida. [Raciocínio moral em direção à máxima: se os fins são bons, os meios justificam-se].*	*Repesentação de si fragmentada; a tristeza dos olhos que choram, desaguando no mar. A tristeza toma conta do si-mesmo.*

GRUPO V. Dezessete Meninos com 11 anos de idade				
	Indicadores de Emoções primárias	***Indicadores de Emoções sociais/morais ou Sentimentos morais***	***Indicadores de Sentidos e/ou mensagens morais e éticas***	***Indicadores de Percepção do self ou consciência de si***
41	*Mal-estar* *Dor* *Da mãe punidora: alegria*	*- Sentimento de inferioridade, inexpressividade*	*Bater em alguém pode causar alegria (satisfação) em quem bate, embora em quem apanha cause dor. [Pode-se ter contentamento com o infortúnio alheio]*	*Desenho bastante inadequado à idade, com representações da figura humana através de esquema rudimentar. O si-mesmo é representado sob a cama, sendo punido e gritando de dor.*

42	*Mal-estar. Tristeza, dor e/ou medo*	-	*A causa motivadora da palmada foi um comportamento ou atributo pessoal inaceitável pelos pais - "esta abusado" -, merecedor da punição palmada. Graças à explicação escrita que o sujeito dá, entendemos que a justificativa para os pais valerem-se da estratégia palmada: o "abusado" merece levar "umas palmadas". Estar abusado, isto é, agir abusadamente, é estar errado enquanto ser; se se é abusado, merece-se palmadas.* *[A criança já assimilou um mau atributo – abusado - à sua auto-imagem, ferindo a "boa imagem" de si. Trocadilho terminológico: se se é abusado, deve-se sofrer abuso físico].*	*A consciência de si é representada através da cena punitiva, com a criança levando palmada e chorando.* *Observações: do ponto de vista da evolução do grafismo, esse desenho também está mais próximo das produções dos sujeitos de 9 anos, centrado na representação concreta da cena com a palmada, com esquemas representativos mais simples (corpo através de triângulo, retângulo, colocação dos braços e pernas, perspectiva em dois planos, etc.). Embora a criança escreva estar levando umas palmadas, a pessoa que bate, ao que parece ser a mãe, é representada na cena com algum objeto (cinto, bolsa?), extensão do braço de quem bate.*

43	*mal-estar tristeza*	*1. Sofrimento empático da natureza com o sofrimento de si – projeção animista*	*A própria natureza se compadece (chora) com o sofrimento da criança que apanha: "Quando uma criança apanha a natureza chora."* *[Não é natural apanhar, pois contrário mesmo à Natureza, isto é, Deus].*	*Representação de si através de um menino chorando (lágrimas), com os braços abertos.*
44	*Mal-estar.* *Tristeza e/ou dor (presença de lágrimas)*	-	*A causa motivadora da palmada foi uma ação pessoal inadequada – pular no lago. Há comportamentos passíveis de aplicação de palmadas, pois perigosos, e representam desobediência a uma ordem expressa dos pais.*	*A consciência de si é representada através da própria cena punitiva, de um personagem que chora, na beira de um lago, tomando "paumada".*

45	*Mal-estar* *Tristeza* *Raiva*	*- Vontade de matar outra pessoa*	*"Paz".* *Sugere que quem apanha, além de sentir tristeza, pode perpetuar o ciclo da violência (contrária à paz) agredindo outra pessoa - no caso agressão armada (arma em disparo contra outra pessoa).*	*Representação de si presumida como sendo do personagem chorando (lágrimas) com a arma na mão em disparo, ao mesmo tempo em que apanha de outra pessoa.*
46	*Mal-estar* *Tristeza*	-	-	*Representação de si focada do abdômen para cima de um menino que chora (lágrimas)*
47	*Mal-estar* *Tristeza*	-	*Apanhar causa tristeza.*	*Representação de si focada na expressão facial das emoções de um menino que chora, olhos cerrados, boca para baixo. O si-mesmo como expressão de tristeza*
48	*Mal-estar* *tristeza*	*Sentir-se odiado por outra pessoa.*	*Apanhar causa tristeza.* *Quem bate odeia.*	*Representação de si focada do tronco para cima, em choro desesperado e intenso (" ducha" de lágrimas).*

49	*Mal-estar tristeza*	*Solidão; Sentimento persecutório em relação às outras pessoas, de não aceitação: "todas as pessoas estão contra mim.* *3. Sentimento de inferioridade, rebaixamento* *4. indicadores de angústia/transtorno psicótica*	*Apanhar causa solidão e sentimento de inadequação.*	*Representação de si como alguém chorando só num canto do chão, encolhido, chateado. Posição fetal.*
50	*Mal-estar;*	*Solidão Sentimento de não-pertencimento e de ser desprezado (ausência de amigos); Sentimento de inferioridade, rebaixamento.*	*Apanhar causa solidão, sentimento de estar isolado, de não ter amigos.*	*Representação de si sozinho no quarto – na clausura do quarto - , sentado sobre o chão, encolhido, posição semi-fetal*
51	*Mal-estar tristeza*	*Solidão Sensação de aprisionamento Rebaixamento*	*A casa pode ser percebida como prisão, lugar clausura, tristeza e sofrimentos.*	*Representação de si sozinho no quarto – na clausura do quarto - , sentado sobre o chão, encolhido, posição semi-fetal.*
52	*tristeza.*	*Parece indicar vergonha, impotência*	*Apanhar causa tristeza e vergonha.*	*A consciência de si é representada com alguém de costas, onde o rosto e as mãos não figuram*

53	*Mal-estar dor, infelicidade*	*Intenso sofrimento físico; Humilhação Subjulgação Covardia Impotência*	*Palmada enquanto uma entre diversas outras formas cotidianas de ser punido/castigado pelo pai. Apanhar traz infelicidade. A palmada aparece enquanto parte de um rol de atos punitivos corporais que causam sofrimento e infelicidade intensos.* *[Ante a tortura, não há o que fazer, a não ser curvar o dorso, abaixar a cabeça, olhar para o chão, e suportar a dor e os ferimentos até que a sessão termine].*	*Representação de si-mesmo como alguém que sofre cotidiana e intensamente (corte, sangue, instrumentos punitivos diversos)* *Observações: Há uma expressão temporal perfeita, dando conta da rotina diária dos eventos punitivos corporais. O dia da palmada é a sexta-feira, seguida da folga de sábado (único dia sem castigo corporal). O domingo, início da semana, parece ser o dia mais violento. A cena composta se passa no domingo, dia do açoite com chicote de pontas. Pare haver intencionalidade em ordenar em ordem decrescente a intensidade dos atos punitivos corporais, indo do açoitamento cruel nas costas até palmada e folga, passando pela cintada e chinelada, entre outras formas.*

54	*Mal-estar;*	*descontetamento, chateação, algo enfadonho. Conformismo; submissão.*	*Fazer ("aprontar") coisas más, que os pais não gostam, justificam a palmada. A palmada surge então contra um mal. Aparece aqui a preocupação com a juízo sobre o próprio comportamento de fazer algo considerado mau condenável pela autoridade materna.* *Quando se faz algo errado, merece-se apanhar.* *Quando se está errado, há que se resignar à punição, sem reagir.*	*Consciência de si ou auto-imagem: A consciência de si é de alguém que age de mau modo, é mau, e merece apanhar, embora sinta descontentamento e chateação por ser punido. Há um quê de humilhação da própria cena da palmada, com o menino de bruços, no colo da mãe, sendo batido, sob a cama. Há também um quê de resignação, estado enfadonho, pois a criança não reage, não resiste, nem ao menos chora; ao contrário, aguarda segurando o queixo, como quem espera sessão punitiva inevitável, ritual habitual.*

55	*Mal-estar. Raiva*	*ódio, revolta, amargura (vontade de fugir de casa)*	*É preferível fugir de casa a permanecer apanhando dos pais.* *Quem não sabe conversar bate.* *["Toma pai!!!": sugere parricídio. Quem tanto apanha um dia pode se insurgir contra o agente punidor, aniquilando-o, ou aniquilando-se].*	*A consciência de si é representada através de um menino que chora (lágrimas) com expressão de intensa raiva, em cena dinâmica.*
56	*mal-estar. tristeza*	*"Vergonha do mundo".*	*A palmada causa vergonha do mundo (das outras pessoas do mundo, ou do próprio mundo). Tomar palmadas é vergonhoso.*	*Representada através uma figura que chora, após apanhar, sentindo vergonha do mundo. A figura apresenta ambiguidade quanto a definição do sexo: detalhes masculinos (corpo robusto, braços grossos, cabelo curto) e detalhes femininos (marcação dos seios); o símbolo Yin/Yang colocado na região genital. As bochechas coradas são indicativos da vergonha sentida.* *Observações: embora a criança refira-se por escrito a "tomo uma palmada", a figura do agente punidor (a mãe ?) é retratada segurando algo que parece ser um cinturão.*
57	*Mal-estar*	*Ideação suicida*	*É preferível a morte do que apanhar dos pais. Bater nos filhos é a "pior educação que os pais podem dar para as crianças."*	*Ausência de si-mesmo, suprida pela presença da Morte.*

GRUPO VI. Quatorze meninas com 11 anos de idade				
	Indicadores de Emoções primárias	***Indicadores de Emoções sociais/morais ou Sentimentos morais***	***Indicadores de Sentidos e/ou mensagens morais e éticas***	***Indicadores de Percepção do self ou consciência de si***
58	*Mal-estar* *Tristeza*	-	-	*Menina chorando (lágrimas) com braços abertos, entre flores, pássaros, nuvem e sol.* *OBS: Representação pouco elaborada para a idade. Linguagem escrita pobre.*

59	*Mal-estar* *Raiva*	*Revolta, rebeldia;* *Insubordinação*	*.Quando se apanha, dá "vontade de chingar", revidar, expurgar o mal sentido da agressão física sofrida.* *A autoridade autoritária é imperativa: "Cala a boca, se não você vai apanhar!"* *[Este é o limite da autoridade, pois se não cumprir a ordem, isto é, se não se calar, a punição corporal virá como próximo ato. Trata-se de uma intimidação verbal, violência psicológica, que pré anuncia a intimidação corporal, a violência física]*	*Si-mesma representada com sentimentos destrutivos (através de simbologias de morte como crânio sobre ossos, bomba com pavil aceso, prestes a explodir), vontade de xingar (mão ícone de "vai tomar no cu" ou "foda-se dr), no interior da casa, em cena Doméstica pré-punitiva, ante a ameaça da mãe: "Cala a boca, se não você vai apanhar."*

60	*Mal-estar* *Medo*	*Vergonha-exposição* *Impotência: suplica clemência em vão* *Pena de si mesma ("coitadinha!")*	*Quando a filha é muito danada, a mãe pode bater.* *Desculpar-se, pedir por favor para não apanhar pode não ter valor.* *A intervenção de um dos pais em relação à surra que o outro aplica sobre a filha, por vezes é nada protetiva, limitando-se a uma fala vazia e ineficaz, desinteressada, do tipo "Pare de bater nela mulher!"* *Apanhar dos pais é motivo de vergonha e chacota entre os colegas.*	*Si-mesmo representado a partir de cena punitiva complexa, dinâmica, com uma menina triste, assustada e envergonhada apanhando ou preste a apanhar da mãe, por ser "muito danada". Auto-imagem negativada, danada, coitadinha, por oposição à imagem das colegas que "nunca apanharam".*
61	*Mal-estar; tristeza,.*	*sentimento de inferioridade, rebaixamento (tamanho diminuído)*	*A palmada, mesmo quando apenas uma, entristece e diminui a criança.* *A criança sente-se diminuída em seu ser quando apanhar.*	*Consciência de si ou auto-imagem representada através uma figura feminina que chora (lágrimas), diminuída, reduzida, rebaixada.*

62	*Mal-estar*	*Vergonha, humilhação constrangimento Impotência submissão*	*A prática da punição corporal contra os filhos pode gerar discórdia e desentendimentos entre o casal.* *Apanhar nas nádegas é uma exposição humilhante, cena vexatória em si.*	*Representação de si em vexatória cena punitiva doméstica ritualizada, com a calça abaixada, nádegas de fora, rosto para o chão, etc. o pai, agente punidor, sentado confortavelmente em sua grande cadeira, com o filho curvado sobre seus joelhos, ao que parece fazendo uso de um enorme cinto escuro, instrumento do suplício.*
63	*Mal-estar tristeza*	*Solidão Sentimento de ser desprezada, rejeitada ("como se ninguém gostase de mim") Sentimento de inferioridade*	*Apanhar é sinal de desvalor, de ser rejeitado, isto é, de que não se é importante para ninguém, "como se ninguém gostasse de mim".*	*Representação de si através de uma menina negra que chora (lágrimas), sozinha com a lua, sentindo-se desprezada; mãos para trás, talvez nas nádegas doídas, ou representando impotência, submissão.*
64	*Mal-estar Dor*	*Constrangimento*	*Quando se faz "arte", pode-se apanhar. Criança arteira merece apanhar.*	*Menina com dor na nádega, após a chinelada da mãe. Corpo inclinado.*
65	*Mal-estar. Tristeza.*	*Solidão*	*Apanhar causa tristeza, põe a criança em um estado de pesar e solidão.*	*A consciência de si é representada por intermédio de um personagem com atitude corporal de tristeza, chateação, isolamento, reflexão solitária.*

66	*Mal-estar. Tristeza Medo*	*Sentimento de inferioridade, rebaixamento, impotência ("sabe que vai apanhar da mãe"), injustiça ("só porque quebrou o vaso de flores sem querer")*	*Quando comete-se um erro sem intenção ("sem querer") é injusto que por isto se seja punido.* *Quebra um vasos é motivo para apanhar. [Objetos domésticos têm mais valor, são mais importantes do que o corpo e o bem-estar da criança. Ademais surrar a criança não trará o vaso de volta, nem permitirá que a criança repare o dano causado].*	*Menina chorando (lágrima) ajoelhada no chão (rebaixamento, inferioridade, submissão, súplica) prestes a apanhar por ter quebrado um vaso, sem intenção.*
67	*Mal-estar; tristeza, dor intensa.*	*mágoa*	*Apanhar causa muita dor.*	*A consciência de si é representada através de um olho que chora numa palma de mão, isto é sob a palmada.*

68	*tristeza, medo.*	*sentimento de inferioridade*	*Às vezes a palmada é para ajudar a criança, às vezes pode ser boa, fazer o bem, mesmo sendo ameaçadora, causando medo e tristeza.* *Não à palmada, a palmada deve ser interditada (simbolizado pela enorme mão riscada em X).*	*A consciência de si é representada através de uma figura humana feminina, em proporções reduzidas e colocada no canto inferior no espaço do desenho, com expressão de medo intenso ou terror.*

69	*Mal-estar* *Tristeza* *Medo*	*Sentimento de ser injustiçada* *Sentimento de inferioridade, rebaixamento, impotência* *Culpa*	*Dependendo do motivo por que se apanha há injustiça.* *O culpado deve ser punido, apanhar.* *Uma vez sentenciado, só resta a súplica* *A autoridade paterna pode ser distante, fria e injusta, indiferente à súplica e à própria verdade do filho.* *Apanha-se por brigar com o irmão. [Mensagem moral paterna contraditória: apanhar por ter batido, ser agredido por agredir etc.].*	*Representação de si como um réu em julgamento, no momento do veredicto final do juiz-pai. Menina chorando (lágrimas) ajoelhada no chão, suplicando piedade*
70	*Mal-estar* *dor*	*Solidão, isolamento* *Vergonha*	*Apanhar causa solidão, sentimento de não pertencimento.* *Chora-se "para ver se a dor passa". O choro alivia a dor.*	*Menina chorando (lágrimas) com as mãos sobre o rosto, sentada sobre o mundo, "sozinha no mundo sem ninguém para desabafar"; chora "para ver se a dor passa".*

71	*Mal-estar intenso. Tristeza, raiva,*	*Chateação, melancolia Despersonalização, fragmentação do Eu*	*Apanhar causa tristeza e raiva.* *Palmada como algo que parte o coração, escurece o interior.*	*A consciência de si é representada através de partes fragmentadas de si, como o olho que chora e o coração partido, além de escuridão interior.*
			GRUPO VII. Doze Meninos com 12 anos de idade	
72	*Mal-estar; tristeza,*	*Solidão, Desamparo*	*Apanhar causa solidão.*	*Consciência de si ou auto-imagem: Representada através de uma criança solitária em meio ao universo (escuro)*
73	*Mal-estar intenso Raiva (voltada contra si)*	*Ideação suicida ("às vezes tenho vontade de morrer")*	*O agente punidor é visto como o Mal, o próprio Diabo. É preferível a morte do que apanhar.*	*Representação de si como o enforcado, e ainda açoitado pelo Diabo.*
74	*Mal-estar Tristeza, raiva contida (como um vulcão)*	-	*[Embora a criança possa não demonstrar, por dentro pode estar prestes a explodir, de raiva e tristeza].*	*A consciência de si é representada através do recurso de personificar elementos da natureza. Ser como um vulcão é poder explodir a qualquer momento. É a percepção de si como alguém triste (lágrima) e com algo dentro de si prestes a sair para fora, como a lava do vulcão, que sai em fúria.*
75	*Mal-estar Tristeza,*	*Solidão Sentimento de estar "ressecado"*	*Apanhar causa dor e tristeza, "ressecamento".*	*A consciência de si é representada através de uma estrela ressentida que chora.*

76	*Mal-estar* *Tristeza* *Raiva intensa* *(voltada contra si)*	*Ideação suicida ("eu queria me suicidar")* *Ira* *Revolta*	*Pode ser preferível o auto-aniquilamento à permanecer apanhando.* *Ao apanhar a criança pode sentir raiva intensa, ter pensamentos destrutivos, vontade de falar palavrões e querer se matar.*	*Representação de si com foco na expressão facial das emoções e nos pensamentos velados; menino chorando (lágrimas), com fortes sentimentos destrutivos (símbolos da morte e destruição, como crânio sobre ossos, bomba com pavil aceso, faca ensanguentada, lápide com flores).*
77	*Mal-estar* *Dor* *Medo* *Raiva intensa*	*Sentimento de inferioridade e injustiça ("mora em um barraco e ainda é mal tratado pelo seu pai"*	*Apanhar atinge não só o "corpo" mas a "alma" da criança.* *Apanhar causa raiva.*	*Menino com medo intenso encolhido num canto, buscando proteger o rosto ante a cintada do pai. Pena de si-mesmo, da condição (rebaixamento da auto-imagem)*
78	*Mal-estar* *Medo intenso*	*Injustiça ("pessoas ruins batem em crianças inocentes")*	*Quem bate em "crianças inocentes" são "pessoas ruins", que não podem deveriam existir ("não podiam ser gentes")* *Crianças de rua e filhos são crianças inocentes, e não deveriam apanhar*	*Menino abaixado escondido atrás de um sofá, com medo, ante as cintadas incessantes dos pais.*

79	*Mal-estar dor*	*mágoa, indicativos de vergonha, exposição*	*As vezes é bom tomar umas palmadas, embora ela seja adversa, cause mágoa, vergonha, humilhação.*	*A consciência de si é retratada através de uma cena pós-puntiva, com as consequências das palmadas (físicas e psíquicas) já instaladas. O estar de costas, sem roupa, com as nádegas marcadas, conota sentimento de vergonha, humilhação.*
80	*Mal-estar*	*Rebaixamento; Submissão resignação aviltamento*	*Palmada como consequência punitiva devido a comportamentos inadequados: brigar no colégio é motivo para levar palmada da mãe.* *[Mensagem moral ambígua da figura de autoridade: combater a violência física com violência física!]*	*A consciência de si é representada através da cena típica da palmada, em posição de quem se conforma à punição. A criança está obedientemente na posição da palmada, estática, não se debate, tenta fugir ou proteger-se, uma vez que cometeu um erro punível: brigou no colégio.*
81	*Mal-estar tristeza*	*Mágoa* *Rebaixamento* *Solidão Clausura, isolamento*	*Sentir-se solitário é conseqüência da punição. [Protótipo do isolamento da cela.* *Acredita-se que o isolamento pode levar o indivíduo a melhorar seu ser].*	*Menino chorando (lágrimas), sentado no chão de um canto escuro de quarto, em posição fetal.*

82	*Mal-estar; tristeza*	*sentimento de injustiça (não mereceu levar palmada), sentimento de terror ("pesadelo sem fim", monstros), sentimento de fuga da realidade ("estar em um lugar mágico", figuras mitológicas), indicativo*	*Há situações de merecimento e não merecimento de palmadas, ou seja, as palmadas podem ser justas ou injustas.* *Apanhar sem merecer é como "estar num pesadelo sem fim", nas trevas, na escuridão.* *Apanhar, embora merecidamente, é causa de um sentimento de fuga da realidade, de irrealidade, de negação da realidade: "pareço estar em um lugar mágico."*	*A consciência de si é representada através da ambiguidade dos sentimentos que surgem por levar palmada merecidamente ou não, nos dois casos sente tristeza; quando não merece e apanha, sente terror e tristeza, e quando merece apanhar, permanece a tristeza, o riso nervoso, e a fuga da realidade – sentir-se em um lugar mágico.*
83	*Mal-estar Tristeza medo*	*Rebaixamento, inadequação, indignidade*	*Para se evitar apanhar, pode-se esconder.* *Tirar zero no boletim é motivo para apanhar. [Fracasso escolar como causa de VDCA].*	*Si-mesmo representado por um par de olhos tristes chorando (lágrimas), escondido no armário, com medo ante a cintada do pai que se aproxima*

GRUPO VIII. Nove meninas com 12 anos de idade				
84	*Mal-estar, dor, raiva,*	*dúvida*	*Talvez os pais batam "por precisão"; palmada como algo que pode ser bom; bater e dar amor não são atos contraditórios.* *A criança não entende por que os pais batem.*	*A consciência de si é representada através da imagem de uma criança que chora, ao mesmo tempo em que demonstra dúvida sobre o porque de os pais baterem.*
85	*Mal-estar tristeza*	*Solidão, sentimento de ser incompreendida e injustamente sofrer*	*Há pais que batem por maldade. É preferível conversar com os filhos a batê-los.* *Os pais deveriam primeiro conversar com os filhos para "saber de tudo" o que ocorreu, e não sair punido sem conhecimento dos fatos.*	*Representação de si como uma menina que chora (lágrimas) sozinha num ambiente doméstico, segurando uma pequena boneca.*

86	*mal-estar, tristeza e raiva*	-	*Apanhar causa raiva e tristeza.* *Palmada como consequência por ter quebrado um vaso com flores. [Às vezes, em determinados lares, os objetos domésticos são mais importantes, isto é, têm mais valor, são mais estimados, do que o bem-estar dos filhos.]*	*A consciência de si é representada através da imagem de uma menina que chora contidamente (duas lágrimas, uma em cada olho), braços para trás, representando proteger a nádega, lugar da palmada, ou significando impotência, impossibilidade de reação.*
87	*Mal-estar tristeza*	*Temor* *Vergonha (mão no rosto)* *Desamprado, necessidade de ser acolhida pela irmã*	*Chinelada como motivo de intranqüilidade, perda de paz.* *Faz bem contar com o apoio psicológico de alguém próximo, que dê força, que ajude o indivíduo a reestruturar-se, isto é, reestabelecer a "paz e tranquilidade (força)" perdidas com o evento de apanhar.*	*Representação de si como uma menina chorando, levando uma chinela nas nádegas, e sendo consolada pela irmã*

88	*Mal-estar* *Tristeza*	*Sentimento de impotência "mundo sem saída", de aprisionamento sob grossas paredes* *Senso de não-liberdade.*	*Apanhar fere o senso de liberdade.* *[Se não há saída, resta escolher entre a resignação ou a própria morte].*	*Menina chorando (lágrimas), com os braços fechados, presa entre dois muros sem nada poder fazer.*
89	*Mal-estar* *Dor* *Tristeza*	-	*A mão bate de cinta. Apanhar causa dor.*	*Representação de si como uma menina chorando (lágrimas), com a "mão na bunda" por ter apanhada de cinto da mãe.*
90	*Mal-estar* *Tristeza*	*Sentimento de inferioridade, humilhação, culpa (dedo em riste)* *Sentimento de ser injustiçada e explorada pelos pais* *Sentimento de incapacidade/desajustamento escolar/dificuldade de aprendizagem*		*Representação de si como uma menina que chora (lágrimas), acuada e sendo apontada por uma enorme mão.*
91	*Bem-estar (antes da palmada) e mal-estar (depois da palmada); felicidade (antes da palmada) e raiva (depois da palmada)*	-	*Palmada como um ato que altera radicalmente o humor, levando de um estado de felicidade à raiva.*	*A consciência de si é representada através de um personagem em diferentes momentos ou estados, de alegria antes da palmada, e de raiva após a palmada. Interessante a composição de cores e expressões faciais nos dois momentos, bem como a utilização dos símbolos sol e nuvens trovejantes para expressar alterações de estados internos.*

92	*Mal-estar* *Tristeza*	*chateação e sentimento de inferioridade (rebaixamento, sentir-se "pessoa minúscula").* *Ser desprezado* *Humilhação*	*a situação da palmada como cena humilhante.*	*A consciência de si é representada através da composição de uma criança de tamanho proporcionalmente muito reduzido (em relação ao adulto), no chão a chorar, encolhida próxima a parede.*

NOTA: Expressões entre aspas foram extraída das legendas contidas em cada Produção. Quando as expressões interpretativas estão construída *entre colchetes* [ ], significa já um desprendimento maior do que permite afirmar os indicadores de sentido. Tratam-se impressões imediatas, apontamentos sintéticos, minimalistas, que permite um pequeno ensaio teórico próprio.

Apêndice C – Grade de indicadores utilizada para *Análise de Conteúdo Categorial* do *Corpus*.*

GRUPO I – Masculino, 9 anos.

Índice I. *Sensações de Dor e Prazer*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *DOR.* **Lista de Indicadores:**	**P1**	**P2**	**P3**	**P4**	**P5**	**P6**	**P7**	**P8**	**P9**	**P10**	**P11**						
1. Retraimento do corpo ou de parte deste; fricção ou massagem na parte do corpo batida, para aliviar a dor.		X							X								
2. Marcas, hematomas ou feridas; "estrelinhas" sobre a parte do corpo batida.					X												
3. Expressões faciais de alarme e/ou sofrimento físico.		X	X	X	X		X		X								
4. Legendas específicas: *senti dor, doeu muito; sofri no corpo, na pele; Ai!! Ui!; etc.*		X		X	X				X								
B) Categoria *PRAZER.* **Lista de Indicadores:**	**P1**	**P2**	**P3**	**P4**	**P5**	**P6**	**P7**	**P8**	**P9**	**P10**	**P11**						
1. Expressão prazerosa ou de satisfação presente na expressão facial do agente punido.																	
2. Descontração e abertura do corpo, expressões posturais que traduzem bem-estar, prazer e/ou contentamento.																	
3. Legendas específicas: *sinto prazer; bem-estar; é muito bom; é bom; gosto; etc.*																	

* Estas tabulações deram origem às tabelas e gráficos apresentados como resultados quantitativos da nossa AC *categorial*. Desta grade àquela apresenta na secção 4.5.2.2, quando definimos nosso *sistema de análise categorial*, há pequenas reformulações na estrutura frasal da definição dos indicadores, mas que em nada altera o resultado da análise. Alguns indicadores foram suprimidos ao aglutinados, pois tal como estavam tornavam-se redundantes.

Índice II. *Emoções de Fundo*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *MAL-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	**P1**	**P2**	**P3**	**P4**	**P5**	**P6**	**P7**	**P8**	**P9**	**P10**	**P11**						
1. Presença de lágrimas e de indicadores de dor, tristeza, solidão ou outras emoções e sentimentos que conotam mal-estar, dor, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico-corporal.	X	X	X	X	X		X		X	X	X						
2. Representação de partes separadas do corpo; fragmentos ou partes específicas para retratar o estado de sentimentos; corpo disforme, quebrado, partido, rasgado ao meio (coração partido, rosto partido, etc.).										X							
3. Sinais de interrogação e exclamação, e outros símbolos conotativos de dúvida, confusão, desorientação e mal-estar, como cores excessivamente escuras com traços fortes, etc.	X					X	X										
4. Legendas específicas: *fiquei mal; fiquei tristre; "dor na alma"; meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedaçado; não sei o que fazer, para onde ir, etc.*	X	X	X		X				X	X	X						

B) Categoria *BEM-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	**P1**	**P2**	**P3**	**P4**	**P5**	**P6**	**P7**	**P8**	**P9**	**P10**	**P11**						
1. Presença de sorriso, alegria, contentamento ou outras emoções e sentimentos que conotam bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico-corporal.																	
2. Retratar-se "no alto", no cume; segurando um troféu, vitorioso.																	
3. Presença de arco-íris, sol amarelo sorrindo, flores coloridas, pássaros coloridos, natureza exuberante, etc.																	
4. Legendas específicas: *sinto-me bem; sinto-me feliz; fico bem, "numa* nice*", agradável, etc.*																	

Índice III: *Emoções Básicas*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *TRISTEZA* **Lista de Indicadores:**	**P1**	**P2**	**P3**	**P4**	**P5**	**P6**	**P7**	**P8**	**P9**	**P10**	**P11**						

1. Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro).	X	X	X		X						X						
2. Lágrimas; olho que chora.	X	X	X		X		X		X	X	X						
3. Coração partido, do qual escorrem gotas (azuis ou verdes, de modo geral, ou vermelhas, conotando sangue, dor maior).																	
4. Corpo curvado, cabeça para baixo; mão(s) segurando o rosto; desolação.											X						
5. Legendas específicas: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste; fiquei magoado; mágoa, magoado; sentido, ressentido; etc.*	X	X	X							X	X						
B) Categoria *RAIVA/ODIO* **Lista de Indicadores:**	**P1**	**P2**	**P3**	**P4**	**P5**	**P6**	**P7**	**P8**	**P9**	**P10**	**P11**						
1.Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.									X								
2. Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados; boca entreaberta, berrando.									X								
3. Raiva representada em elementos da natureza: raios, tempestade e nuvens ao fundo ou sobre a cabeça do agente punido, mar revolto, vulcão, furacões, sol com expressão raivosa, etc.	X																
4. Músculos salientes, expressivos, conotando força, tensão, agressividade e raiva; posturas de luta, golpes, mão fechadas, etc.	X								X								
5. Legendas específicas: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso, estou "fulo" da vida, etc.*	X																
C) Categoria *MEDO* **Lista de Indicadores:**	**P1**	**P2**	**P3**	**P4**	**P5**	**P6**	**P7**	**P8**	**P9**	**P10**	**P11**						
1. Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta.	X			X	X		X		X								
2. Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.				X	X		X	X									
3. Esconder-se atrás, embaixo ou no interior de objetos ou móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro), ou em lugares da casa (no porão, em cima da árvore, etc).								X									

4. Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo!".				X													
5. Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, como medo da punição.																	
6.Representação de tempo escuro, escuridão, noite, tempo ruim (chuva, tempestade, raios).	X						X										
7. Legendas específicas: *sinto medo; medo; assustado; desproteção e insegurança; etc.*																	
D) Categoria *ALEGRIA* **Lista de Indicadores:**	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11						
1. Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).																	
2. Estar pulando de alegria; estar festejando, dançando, estar soltando fogos de alegria.																	
3. Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.																	
4. Legendas específicas: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz, contente, etc.*																	
Índice IV: *Sentimentos Sócio-Morais*																	
A) Categoria *INFERIORIDADE FÍSICA* **Lista de Indicadores:**	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11						
1. Representação do agente punido excessivamente reduzido em comparação com o agente punidor ou parte de seu corpo (mão, pé, etc.)				X				X									
2. Exagero intencional na representação do tamanho de objetos (para bater) proporcionalmente ao resto da composição.				X	X		X										
3. Perceber-se e sentir-se mais fraco em relação a outrem, com menor força física e massa corporal, impotente para defender-se.			X	X				X									
4. Legendas específicas: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno, minúsculo, etc.*																	

B) Categoria *SOLIDÃO/DESAMPARO* **Lista de Indicadores:**	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11						
1.Agente punido no chão, desolado; retratação do corpo do agente punido posição de encolhimento, sentado ou deitado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito.											X						
2. Figuração da casa ou quarto como cela de cadeia; janelas e/ou portas fechadas; figuração de muros ou obstáculos intransponíveis; pouco ou nenhum objeto biográfico, quando muito uma cama.																	
3. Legendas específicas: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário; sem ninguém, sem amigos; sem ninguém pra conversar; sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*																	

C) Categoria *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO*: **Lista de Indicadores:**	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11						
1. Agente punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição; resignado a sessão punitiva, resignado à *ritualística da punição corporal.*			X		X												
2. Legendas específicas: *não há o que fazer; vivo num "mundo sem saída"; sinto-me submisso; estou resignado; só resta esperar, etc.*																	

D) Categoria *GRATIDÃO/RECONHECIMENTO*: **Lista de Indicadores:**	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11						
1. Demonstrar gratidão e reconhecimento pelo esforço e cuidados paternos; alegria por estar ao lado/junto com os pais.																	
2. Estar aprendendo "a lição", estar sendo corrigido, mesmo que através da punição corporal.																	
3. Legendas específicas: *sinto-me alegre por ter aprendido; aprendi a lição; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem, foi para o meu bem; tornei-me melhor; os pais batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor; graças a isso "tornei-me gente", cheguei aonde estou, bem sucedi-me, etc.*																	

E) Categoria *AUTO-PIEDADE/PENA DE SI*: **Lista de Indicadores:**	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11						
1. Revelação de sentimentos e pensamentos direcionados a si envolvendo pena, dó, compaixão, podendo ser expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou outros personagens (chorando ou não).		X															
2. Legendas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!; sou mesmo um coitado!; pobre criança!, "a natureza chora por esta criança", etc.*		X															

F) Categoria *CULPA*: **Lista de Indicadores:**	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11						
1.Reconhecimento da culpa ou erro.																	
2. Pedir desculpas, desculpar-se, pedir perdão.																	
3. Auto-acusações, depreciações.																	
4. Autopunição corporal, automutilação.																	
5. Legendas específicas: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; sou abusado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer, etc.*																	

G) Categoria *VERGONHA/HUMILHAÇÃO*: **Lista de Indicadores:**	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11						
1. Representação de situação vexatória em si, como exposição das nádegas, chute nas nádegas, apanhar em público, etc.																	
2. Bochechas coradas, orelhas vermelhas; "vergonha na cara".																	
3. Retratação do agente punido de costas, sem rosto expresso ("sem cara"); mãos ocultando a expressão facial, cara escondida.																	
4. Corpo curvado, abaixado, no chão; estar de joelhos, em posição de súplica; "estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).																	
5. Estar maltrapilho, com roupas rasgadas.																	

6. Dedo da autoridade apontando, acusando, humilhando, diminuindo; sentir-se diminuído em seu ser.																	
7. Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral.																	
8. Legendas específicas: *sinto-me humilhado, envergonhado, inferiorizado, ridicularizado; "pessoa minúscula"; vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado, etc.*																	
H) Categoria *DESPREZADO/REJEITADO/INDIGNIFICADO*: Lista de Indicadores:	**P1**	**P2**	**P3**	**P4**	**P5**	**P6**	**P7**	**P8**	**P9**	**P10**	**P11**						
1.Figuração do agente punido na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.																	
2. Figuração do agente punido sendo posto para fora da casa, na rua.																	
3. Expressão facial de desprezo, indiferença, ódio ou satisfação (alegria) cruel presente no agente punidor (pais ou responsáveis).				X	X			X									
4. Legendas específicas: *me sinto como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; me jogou na rua, expulsou de casa, mandou pra fora de casa, etc.*																	
I) Categoria *REVOLTA/INDIGNAÇÃO* : Lista de Indicadores:	**P1**	**P2**	**P3**	**P4**	**P5**	**P6**	**P7**	**P8**	**P9**	**P10**	**P11**						
1. Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, espirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.																	
2. Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão, não aceitação da punição.				X													
3. Figuração do agente punido fugindo de casa, "pegando" a estrada, desaparecendo; mala, mochila ou trouxa nas costas.						X											
4. Ser punido por algo que causou sem intenção, sem querer; estar sendo condenado injustamente; apanhar sem saber o motivo.								X									
5. Situação de punição injusta em si, covarde, desproporcional ao erro cometido.								X									

6. Retaliar alguém após ser agredido, atirar ou esfaquear alguém; estar descontando algo ou uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão; vingança movida por raiva																	
7. Legendas específicas auto-referentes: *isso me revolta; estou indignado; vou descontar; você vai ver só; vou me vingar; vou fugir de casa; é injusto; sou injustiçado; porque estou apanhando?!; não merecia; foi sem querer; não tive intenção; não sabia;* palavras de ordem: *"não à palmada!", "abaixo a palmada", "diga não à violência"; "paz para as crianças" etc.*		X				X		X									
J) Categoria *TERROR*: **Lista de Indicadores:**	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11						
1. Representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico: punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, violência extrema.																	
2. Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, seres imaginários, lendários ou mitológicos assustadores, conotando medo intenso, terror.																	
3. Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros; mau agouro (pássaro ou gato preto).																	
4. Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada, bizarra, tirânica ou maléfica do agente punidor.								X									
5. Retratação do agente punidor como *monstro, vampiro, diabo, ser maligno, malfeitor, morte, etc.*								X									
6. Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; "pesadelo sem fim"; meu sofrimento é sem fim, etc.*																	
K) Categoria *DESEJO DE VONTADE DE MORRER*: **Lista de Indicadores:**	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11						
1. Expressão de pensamentos ou atitudes autodestrutivas, como esfaquear-se, cortar os pulsos; enforcar-se, pular no abismo, pular da ponte, saltar pela janela do prédio, etc.																	

2. Pensamentos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo; desejo de morrer.																	
3. Representação da Morte como alternativa ou solução ideal aos transtornos da vida.																	
4. Legendas específicas: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; passar desta para melhor; etc.*																	

GRUPO II – Feminino, 9 anos.

Índice I. ***Sensações de Dor e Prazer***	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *DOR.* **Lista de Indicadores:**	**P12**	**P13**	**P14**	**P15**	**P16**	**P17**											
1. Retraimento do corpo ou de parte deste; fricção ou massagem na parte do corpo batida, para aliviar a dor.				X													
2. Marcas, hematomas ou feridas; "estrelinhas" sobre a parte do corpo batida.						X											
3. Expressões faciais de alarme e/ou sofrimento físico.		X		X	X												
4. Legendas específicas: *senti dor, doeu muito; sofri no corpo, na pele; Ai!! Ui!; etc.*						X											
B) Categoria *PRAZER.* **Lista de Indicadores:**	**P12**	**P13**	**P14**	**P15**	**P16**	**P17**											
1. Expressão prazerosa ou de satisfação presente na expressão facial do agente punido.																	
2. Descontração e abertura do corpo, expressões posturais que traduzem bem-estar, prazer e/ou contentamento.																	
3. Legendas específicas: *sinto prazer; bem-estar; é muito bom; é bom; gosto; etc.*																	

Índice II. *Emoções de Fundo*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *MAL-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	**P12**	**P13**	**P14**	**P15**	**P16**	**P17**											
1. Presença de lágrimas e de indicadores de dor, tristeza, solidão ou outras emoções e sentimentos que conotam mal-estar, dor, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico-corporal.	X	X	X	X	X	X											
2. Representação de partes separadas do corpo; fragmentos ou partes específicas para retratar o estado de sentimentos; corpo disforme, quebrado, partido, rasgado ao meio (coração partido, rosto partido, etc.).																	
3. Sinais de interrogação e exclamação, e outros símbolos conotativos de dúvida, confusão, desorientação e mal-estar, como cores excessivamente escuras com traços fortes, etc.					X	X											
4. Legendas específicas: *fiquei mal; fiquei tristre; "dor na alma"; meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedaçado; não sei o que fazer, para onde ir, etc.*	X	X	X	X	X	X											
B) Categoria *BEM-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	**P12**	**P13**	**P14**	**P15**	**P16**	**P17**											
1. Presença de sorriso, alegria, contentamento ou outras emoções e sentimentos que conotam bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico-corporal.																	
2. Retratar-se "no alto", no cume; segurando um troféu, vitorioso.																	
3. Presença de arco-íris, sol amarelo sorrindo, flores coloridas, pássaros coloridos, natureza exuberante, etc.	X																
4. Legendas específicas: *sinto-me bem; sinto-me feliz; fico bem, "numa* nice*", agradável, etc.*																	

Índice III: ***Emoções Básicas***	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *TRISTEZA* **Lista de Indicadores:**	**P12**	**P13**	**P14**	**P15**	**P16**	**P17**											
1. Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro).	X	X	X		X												
2. Lágrimas; olho que chora.		X	X	X	X												
3. Coração partido, do qual escorrem gotas (azuis ou verdes, de modo geral, ou vermelhas, conotando sangue, dor maior).																	
4. Corpo curvado, cabeça para baixo; mão(s) segurando o rosto; desolação.				X													
5. Legendas específicas: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste; fiquei magoado; mágoa, magoado; sentido, ressentido; etc.*	X	X	X	X													
B) Categoria *RAIVA* **Lista de Indicadores:**	**P12**	**P13**	**P14**	**P15**	**P16**	**P17**											
1.Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.																	
2. Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados; boca entreaberta, berrando.																	
3. Raiva representada em elementos da natureza: raios, tempestade e nuvens ao fundo ou sobre a cabeça do agente punido, mar revolto, vulcão, furacões, sol com expressão raivosa, etc.																	
4. Músculos salientes, expressivos, conotando força, tensão, agressividade e raiva; posturas de luta, golpes, mão fechadas, etc.																	
5. Legendas específicas: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso, estou "fulo" da vida, etc.*																	

C) Categoria *MEDO* **Lista de Indicadores:**	P12	P13	P14	P15	P16	P17											
1. Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta.				X													
2. Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.					X												
3. Esconder-se atrás, embaixo ou no interior de objetos ou móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro), ou em lugares da casa (no porão, em cima da árvore, etc).																	
4. Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo!".																	
5. Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, como medo da punição.				X													
6.Representação de tempo escuro, escuridão, noite, tempo ruim (chuva, tempestade, raios).																	
7. Legendas específicas: *sinto medo; medo; assustado; desproteção e insegurança; etc.*																	

D) Categoria *ALEGRIA* **Lista de Indicadores:**	P12	P13	P14	P15	P16	P17											
1. Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).																	
2. Estar pulando de alegria; estar festejando, dançando, estar soltando fogos de alegria.																	
3. Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.																	
4. Legendas específicas: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz, contente, etc.*																	

Índice IV: ***Sentimentos Sócio-Morais***	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria ***INFERIORIDADE FÍSICA*** **Lista de Indicadores:**	**P12**	**P13**	**P14**	**P15**	**P16**	**P17**											
1. Representação do agente punido excessivamente reduzido em comparação com o agente punidor ou parte de seu corpo (mão, pé, etc.)					X												
2. Exagero intencional na representação do tamanho de objetos (para bater) proporcionalmente ao resto da composição.																	
3. Perceber-se e sentir-se mais fraco em relação a outrem, com menor força física e massa corporal, impotente para defender-se.					X												
4. Legendas específicas: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno, minúsculo, etc.*																	
B) Categoria ***SOLIDÃO/DESAMPARO*** **Lista de Indicadores:**	**P12**	**P13**	**P14**	**P15**	**P16**	**P17**											
1.Agente punido no chão, desolado; retratação do corpo do agente punido posição de encolhimento, sentado ou deitado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito.				X													
2. Figuração da casa ou quarto como cela de cadeia; janelas e/ou portas fechadas; figuração de muros ou obstáculos intransponíveis; pouco ou nenhum objeto biográfico, quando muito uma cama.						X											
3. Legendas específicas: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário; sem ninguém, sem amigos; sem ninguém pra conversar; sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*				X													
C) Categoria ***RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO*****:** **Lista de Indicadores:**	**P12**	**P13**	**P14**	**P15**	**P16**	**P17**											
1. Agente punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição; resignado a sessão punitiva, resignado à *ritualística da punição corporal.*																	
2. Legendas específicas: *não há o que fazer; vivo num "mundo sem saída"; sinto-me submisso; estou resignado; só resta esperar, etc.*	X																

D) Categoria *GRATIDÃO*: **Lista de Indicadores:**	P12	P13	P14	P15	P16	P17											
1. Demonstrar gratidão e reconhecimento pelo esforço e cuidados paternos; alegria por estar ao lado/junto com os pais.																	
2. Estar aprendendo "a lição", estar sendo corrigido, mesmo que através da punição corporal.																	
3. Legendas específicas: *sinto-me alegre por ter aprendido; aprendi a lição; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem, foi para o meu bem; tornei-me melhor; os pais batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor; graças a isso "tornei-me gente", cheguei aonde estou, bem sucedi-me, etc.*																	

E) Categoria *AUTO-PIEDADE*: **Lista de Indicadores:**	P12	P13	P14	P15	P16	P17											
1. Revelação de sentimentos e pensamentos direcionados a si envolvendo pena, dó, compaixão, podendo ser expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou outros personagens (chorando ou não).																	
2. Legendas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!; sou mesmo um coitado!; pobre criança!, "a natureza chora por esta criança", etc.*						X											

F) Categoria *CULPA*: **Lista de Indicadores:**	P12	P13	P14	P15	P16	P17											
1.Reconhecimento da culpa ou erro.	X																
2. Pedir desculpas, desculpar-se, pedir perdão.				X													
3. Auto-acusações, depreciações.	X																
4. Autopunição corporal, automutilação.																	
5. Legendas específicas: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; sou abusado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer, etc.*	X																

G) Categoria *VERGONHA/HUMILHAÇÃO*: **Lista de Indicadores:**	P12	P13	P14	P15	P16	P17											
1. Representação de situação vexatória em si, como exposição das nádegas, chute nas nádegas, apanhar em público, etc.						X											
2. Bochechas coradas, orelhas vermelhas; "vergonha na cara".																	
3. Retratação do agente punido de costas, sem rostó expresso ("sem cara"); mãos ocultando a expressão facial, cara escondida.					X	X											
4. Corpo curvado, abaixado, no chão; estar de joelhos, em posição de súplica; "estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).																	
5. Estar maltrapilho, com roupas rasgadas.																	
6. Dedo da autoridade apontando, acusando, humilhando, diminuindo; sentir-se diminuído em seu ser.																	
7. Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral.																	
8. Legendas específicas: *sinto-me humilhado, envergonhado, inferiorizado, ridicularizado; "pessoa minúscula"; vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado, etc.*																	

H) Categoria *DESPREZADO/REJEITADO*: **Lista de Indicadores:**	P12	P13	P14	P15	P16	P17											
1.Figuração do agente punido na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.																	
2. Figuração do agente punido sendo posto para fora da casa, na rua.																	
3. Expressão facial de desprezo, indiferença, ódio ou satisfação (alegria) cruel presente no agente punidor (pais ou responsáveis).				X													
4. Legendas específicas: *me sinto como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; me jogou na rua, expulsou de casa, mandou pra fora de casa, etc.*																	

I) Categoria *REVOLTA/INDIGNAÇÃO* : **Lista de Indicadores:**	P12	P13	P14	P15	P16	P17											
1. Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, espirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.																	
2. Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão, não aceitação da punição.																	
3. Figuração do agente punido fugindo de casa, "pegando" a estrada, desaparecendo; mala, mochila ou trouxa nas costas.																	
4. Ser punido por algo que causou sem intenção, sem querer; estar sendo condenado injustamente; apanhar sem saber o motivo.																	
5. Situação de punição injusta em si, covarde, desproporcional ao erro cometido.																	
6. Retaliar alguém após ser agredido, atirar ou esfaquear alguém; estar descontando algo ou uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão; vingança movida por raiva																	
7. Legendas específicas auto-referentes: *isso me revolta; estou indignado; vou descontar; você vai ver só; vou me vingar; vou fugir de casa; é injusto; sou injustiçado; porque estou apanhando?!; não merecia; foi sem querer; não tive intenção; não sabia;* palavras de ordem: *"não à palmada!", "abaixo a palmada", "diga não à violência"; "paz para as crianças" etc.*																	

J) Categoria *TERROR*: **Lista de Indicadores:**	P12	P13	P14	P15	P16	P17											
1. Representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico: punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, violência extrema.																	
2. Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, seres imaginários, lendários ou mitológicos assustadores, conotando medo intenso, terror.																	

3. Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros; mau agouro (pássaro ou gato preto).																	
4. Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada, bizarra, tirânica ou maléfica do agente punidor.																	
5. Retratação do agente punidor como *monstro, vampiro, diabo, ser maligno, malfeitor, morte, etc.*																	
6. Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; "pesadelo sem fim"; meu sofrimento é sem fim, etc.*																	
***K) Categoria DESEJO DE MORRER*:** **Lista de Indicadores:**	**P12**	**P13**	**P14**	**P15**	**P16**	**P17**											
1. Expressão de pensamentos ou atitudes autodestrutivas, como esfaquear-se, cortar os pulsos; enforcar-se, pular no abismo, pular da ponte, saltar pela janela do prédio, etc.																	
2. Pensamentos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo; desejo de morrer.																	
3. Representação da Morte como alternativa ou solução ideal aos transtornos da vida.																	
4. Legendas específicas: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; passar desta para melhor; etc.*																	

GRUPO III – Masculino, 10 anos.

Índice I. *Sensações de Dor e Prazer*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *DOR*. **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1. Retraimento do corpo ou de parte deste; fricção ou massagem na parte do corpo batida, para aliviar a dor.					X		X										
2. Marcas, hematomas ou feridas; "estrelinhas" sobre a parte do corpo batida.									X								

3. Expressões faciais de alarme e/ou sofrimento físico.					X	X											
4. Legendas específicas: *senti dor, doeu muito; sofri no corpo, na pele; Ai!! Ui!; etc.*								X									
B) Categoria *PRAZER.* **Lista de Indicadores:**	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24	P25	P26	P27							
1. Expressão prazerosa ou de satisfação presente na expressão facial do agente punido.			X														
2. Descontração e abertura do corpo, expressões posturais que traduzem bem-estar, prazer e/ou contentamento.																	
3. Legendas específicas: *sinto prazer; bem-estar; é muito bom; é bom; gosto; etc.*																	
Índice II. *Emoções de Fundo*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *MAL-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24	P25	P26	P27							
1. Presença de lágrimas e de indicadores de dor, tristeza, solidão ou outras emoções e sentimentos que conotam mal-estar, dor, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico-corporal.	X			X	X	X	X	X	X	X							
2. Representação de partes separadas do corpo; fragmentos ou partes específicas para retratar o estado de sentimentos; corpo disforme, quebrado, partido, rasgado ao meio (coração partido, rosto partido, etc.).																	
3. Sinais de interrogação e exclamação, e outros símbolos conotativos de dúvida, confusão, desorientação e mal-estar, como cores excessivamente escuras com traços fortes, etc.		X		X		X			X								
4. Legendas específicas: *fiquei mal; fiquei tristre; "dor na alma"; meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedaçado; não sei o que fazer, para onde ir, etc.*	X			X				X		X							

B) Categoria *BEM-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24	P25	P26	P27							
1. Presença de sorriso, alegria, contentamento ou outras emoções e sentimentos que conotam bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico-corporal.			X														
2. Retratar-se "no alto", no cume; segurando um troféu, vitorioso.																	
3. Presença de arco-íris, sol amarelo sorrindo, flores coloridas, pássaros coloridos, natureza exuberante, etc.																	
4. Legendas específicas: *sinto-me bem; sinto-me feliz; fico bem, "numa* nice", *agradável, etc.*																	

Índice III: *Emoções Básicas*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *TRISTEZA* **Lista de Indicadores:**	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24	P25	P26	P27							
1. Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro).							X	X	X								
2. Lágrimas; olho que chora.					X		X	X									
3. Coração partido, do qual escorrem gotas (azuis ou verdes, de modo geral, ou vermelhas, conotando sangue, dor maior).																	
4. Corpo curvado, cabeça para baixo; mão(s) segurando o rosto; desolação.							X										
5. Legendas especificas: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste; fiquei magoado; mágoa, magoado; sentido, ressentido; etc.*	X							X									

B) Categoria *RAIVA* **Lista de Indicadores:**	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24	P25	P26	P27							
1.Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.		X			X												
2. Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados; boca entreaberta, berrando.					X												

3. Raiva representada em elementos da natureza: raios, tempestade e nuvens ao fundo ou sobre a cabeça do agente punido, mar revolto, vulcão, furacões, sol com expressão raivosa, etc.																	
4. Músculos salientes, expressivos, conotando força, tensão, agressividade e raiva; posturas de luta, golpes, mão fechadas, etc.					X												
5. Legendas específicas: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso, estou "fulo" da vida, etc.*		X			X												

C) Categoria *MEDO* **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1. Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta.						X											
2. Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.						X											
3. Esconder-se atrás, embaixo ou no interior de objetos ou móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro), ou em lugares da casa (no porão, em cima da árvore, etc).																	
4. Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo!".						X											
5. Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, como medo da punição.																	
6.Representação de tempo escuro, escuridão, noite, tempo ruim (chuva, tempestade, raios).	X					X											
7. Legendas específicas: *sinto medo; medo; assustado; desproteção e insegurança; etc.*			X	X		X											
D) Categoria *ALEGRIA* **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1. Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).			X														
2. Estar pulando de alegria; estar festejando, dançando, estar soltando fogos de alegria.																	
3. Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.																	
4. Legendas específicas: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz, contente, etc.*																	

Índice IV: ***Sentimentos Sócio-Morais***	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *INFERIORIDADE FÍSICA* **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1. Representação do agente punido excessivamente reduzido em comparação com o agente punidor ou parte de seu corpo (mão, pé, etc.)	X					X			X								
2. Exagero intencional na representação do tamanho de objetos (para bater) proporcionalmente ao resto da composição.						X			X								
3. Perceber-se e sentir-se mais fraco em relação a outrem, com menor força física e massa corporal, impotente para defender-se.						X			X								
4. Legendas específicas: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno, minúsculo, etc.*																	
B) Categoria *SOLIDÃO/DESAMPARO* **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1.Agente punido no chão, desolado; retratação do corpo do agente punido posição de encolhimento, sentado ou deitado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito.							X	X		X							
2. Figuração da casa ou quarto como cela de cadeia; janelas e/ou portas fechadas; figuração de muros ou obstáculos intransponíveis; pouco ou nenhum objeto biográfico, quando muito uma cama.																	
3. Legendas específicas: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário; sem ninguém, sem amigos; sem ninguém pra conversar; sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*								X									
C) Categoria *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1. Agente punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição; resignado a sessão punitiva, resignado à *ritualística da punição corporal.*									X								

2. Legendas específicas: *não há o que fazer; vivo num "mundo sem saída"; sinto-me submisso; estou resignado; só resta esperar, etc.*																	
D) Categoria *GRATIDÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1. Demonstrar gratidão e reconhecimento pelo esforço e cuidados paternos; alegria por estar ao lado/junto com os pais.																	
2. Estar aprendendo "a lição", estar sendo corrigido, mesmo que através da punição corporal.																	
3. Legendas específicas: *sinto-me alegre por ter aprendido; aprendi a lição; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem, foi para o meu bem; tornei-me melhor; os pais batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor; graças a isso "tornei-me gente", cheguei aonde estou, bem sucedi-me, etc.*																	

E) Categoria *AUTOPIEDADE*: **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1. Revelação de sentimentos e pensamentos direcionados a si envolvendo pena, dó, compaixão, podendo ser expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou outros personagens (chorando ou não).				X													
2. Legendas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!; sou mesmo um coitado!; pobre criança!, "a natureza chora por esta criança", etc.*																	
F) Categoria *CULPA*: **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1.Reconhecimento da culpa ou erro.																	
2. Pedir desculpas, desculpar-se, pedir perdão.																	
3. Auto-acusações, depreciações.																	
4. Autopunição corporal, automutilação.																	

5. Legendas específicas: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; sou abusado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer, etc.*																	
G) Categoria *VERGONHA/HUMILHAÇÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1. Representação de situação vexatória em si, como exposição das nádegas, chute nas nádegas, apanhar em público, etc.										X							
2. Bochechas coradas, orelhas vermelhas; "vergonha na cara".																	
3. Retratação do agente punido de costas, sem rosto expresso ("sem cara"); mãos ocultando a expressão facial, cara escondida.																	
4. Corpo curvado, abaixado, no chão; estar de joelhos, em posição de súplica; "estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).																	
5. Estar maltrapilho, com roupas rasgadas.																	
6. Dedo da autoridade apontando, acusando, humilhando, diminuindo; sentir-se diminuído em seu ser.																	
7. Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral.										X							
8. Legendas específicas: *sinto-me humilhado, envergonhado, inferiorizado, ridicularizado; "pessoa minúscula"; vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado, etc.*				X													
H) Categoria *DESPREZADO/REJEITADO*: **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1.Figuração do agente punido na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.										X							
2. Figuração do agente punido sendo posto para fora da casa, na rua.							X		X								
3. Expressão facial de desprezo, indiferença, ódio ou satisfação (alegria) cruel presente no agente punidor (pais ou responsáveis).	X					X											

4. Legendas específicas: *me sinto como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; me jogou na rua, expulsou de casa, mandou pra fora de casa, etc.*																	
I) Categoria *REVOLTA/INDIGNAÇÃO* : **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1. Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, espirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.																	
2. Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão, não aceitação da punição.																	
3. Figuração do agente punido fugindo de casa, "pegando" a estrada, desaparecendo; mala, mochila ou trouxa nas costas.																	
4. Ser punido por algo que causou sem intenção, sem querer; estar sendo condenado injustamente; apanhar sem saber o motivo.																	
5. Situação de punição injusta em si, covarde, desproporcional ao erro cometido.																	
6. Retaliar alguém após ser agredido, atirar ou esfaquear alguém; estar descontando algo ou uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão; vingança movida por raiva																	
7. Legendas específicas auto-referentes: *isso me revolta; estou indignado; vou descontar; você vai ver só; vou me vingar; vou fugir de casa; é injusto; sou injustiçado; porque estou apanhando?!; não merecia; foi sem querer; não tive intenção; não sabia;* palavras de ordem: *"não à palmada!", "abaixo a palmada", "diga não à violência"; "paz para as crianças" etc.*					X												
J) Categoria *TERROR*: **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1. Representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico: punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, violência extrema.						X			X								

2. Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, seres imaginários, lendários ou mitológicos assustadores, conotando medo intenso, terror.																	
3. Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros; mau agouro (pássaro ou gato preto).						X											
4. Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada, bizarra, tirânica ou maléfica do agente punidor.						X											
5. Retratação do agente punidor como *monstro, vampiro, diabo, ser maligno, malfeitor, morte, etc.*																	
6. Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; "pesadelo sem fim"; meu sofrimento é sem fim, etc.*																	
***K) Categoria DESEJO DE MORRER*:** **Lista de Indicadores:**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**							
1. Expressão de pensamentos ou atitudes autodestrutivas, como esfaquear-se, cortar os pulsos; enforcar-se, pular no abismo, pular da ponte, saltar pela janela do prédio, etc.																	
2. Pensamentos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo; desejo de morrer.																	
3. Representação da Morte como alternativa ou solução ideal aos transtornos da vida.																	
4. Legendas específicas: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; passar desta para melhor; etc.*																	

GRUPO IV – Feminino, 10 anos.

Índice I. ***Sensações de Dor e Prazer***	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *DOR.* **Lista de Indicadores:**	**P28**	**P29**	**P30**	**P31**	**P32**	**P33**	**P34**	**P35**	**P36**	**P37**	**P38**	**P39**	**P40**				
1. Retraimento do corpo ou de parte deste; fricção ou massagem na parte do corpo batida, para aliviar a dor.					X						X	X					
2. Marcas, hematomas ou feridas; "estrelinhas" sobre a parte do corpo batida.				X				X									
3. Expressões faciais de alarme e/ou sofrimento físico.			X	X				X	X	X	X	X					
4. Legendas específicas: *senti dor, doeu muito; sofri no corpo, na pele; Ai!! Ui!; etc.*			X					X	X			X					
B) Categoria *PRAZER.* **Lista de Indicadores:**	**P28**	**P29**	**P30**	**P31**	**P32**	**P33**	**P34**	**P35**	**P36**	**P37**	**P38**	**P39**	**P40**				
1. Expressão prazerosa ou de satisfação presente na expressão facial do agente punido.		X	X														
2. Descontração e abertura do corpo, expressões posturais que traduzem bem-estar, prazer e/ou contentamento.																	
3. Legendas específicas: *sinto prazer; bem-estar; é muito bom; é bom; gosto; etc.*																	

Índice II. ***Emoções de Fundo***	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *MAL-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	**P28**	**P29**	**P30**	**P31**	**P32**	**P33**	**P34**	**P35**	**P36**	**P37**	**P38**	**P39**	**P40**				
1. Presença de lágrimas e de indicadores de dor, tristeza, solidão ou outras emoções e sentimentos que conotam mal-estar, dor, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico-corporal.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X				
2. Representação de partes separadas do corpo; fragmentos ou partes específicas para retratar o estado de sentimentos; corpo disforme, quebrado, partido, rasgado ao meio (coração partido, rosto partido, etc.).	X			X				X					X				

3. Sinais de interrogação e exclamação, e outros símbolos conotativos de dúvida, confusão, desorientação e mal-estar, como cores excessivamente escuras com traços fortes, etc.	X			X				X			X	X	X				
4. Legendas específicas: *fiquei mal; fiquei tristre; "dor na alma"; meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedaçado; não sei o que fazer, para onde ir, etc.*	X			X	X				X		X	X	X				
B) Categoria *BEM-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	**P28**	**P29**	**P30**	**P31**	**P32**	**P33**	**P34**	**P35**	**P36**	**P37**	**P38**	**P39**	**P40**				
1. Presença de sorriso, alegria, contentamento ou outras emoções e sentimentos que conotam bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico-corporal.		X	X														
2. Retratar-se "no alto", no cume; segurando um troféu, vitorioso.																	
3. Presença de arco-íris, sol amarelo sorrindo, flores coloridas, pássaros coloridos, natureza exuberante, etc.			X		X								X				
4. Legendas específicas: *sinto-me bem; sinto-me feliz; fico bem, "numa* nice*", agradável, etc.*													X				
Índice III: *Emoções Básicas*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *TRISTEZA* **Lista de Indicadores:**	**P28**	**P29**	**P30**	**P31**	**P32**	**P33**	**P34**	**P35**	**P36**	**P37**	**P38**	**P39**	**P40**				
1. Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro).					X		X	X	X	X	X	X	X				
2. Lágrimas; olho que chora.		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X				
3. Coração partido, do qual escorrem gotas (azuis ou verdes, de modo geral, ou vermelhas, conotando sangue, dor maior).				X													
4. Corpo curvado, cabeça para baixo; mão(s) segurando o rosto; desolação.											X						
5. Legendas específicas: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste; fiquei magoado; mágoa, magoado; sentido, ressentido; etc.*	X			X	X				X		X	X	X				

B) Categoria *RAIVA* **Lista de Indicadores:**	P28	P29	P30	P31	P32	P33	P34	P35	P36	P37	P38	P39	P40				
1.Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.																	
2. Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados; boca entreaberta, berrando.																	
3. Raiva representada em elementos da natureza: raios, tempestade e nuvens ao fundo ou sobre a cabeça do agente punido, mar revolto, vulcão, furacões, sol com expressão raivosa, etc.				X				X					X				
4. Músculos salientes, expressivos, conotando força, tensão, agressividade e raiva; posturas de luta, golpes, mão fechadas, etc.																	
5. Legendas específicas: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso, estou "fulo" da vida, etc.*													X				
C) Categoria *MEDO* **Lista de Indicadores:**	P28	P29	P30	P31	P32	P33	P34	P35	P36	P37	P38	P39	P40				
1. Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta.								X									
2. Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.												X					
3. Esconder-se atrás, embaixo ou no interior de objetos ou móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro), ou em lugares da casa (no porão, em cima da árvore, etc).																	
4. Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo!".																	
5. Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, como medo da punição.																	
6.Representação de tempo escuro, escuridão, noite, tempo ruim (chuva, tempestade, raios).				X				X									
7. Legendas específicas: *sinto medo; medo; assustado; desproteção e insegurança; etc.*								X									

D) Categoria *ALEGRIA* **Lista de Indicadores:**	P28	P29	P30	P31	P32	P33	P34	P35	P36	P37	P38	P39	P40				
1. Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).		X*	X														
2. Estar pulando de alegria; estar festejando, dançando, estar soltando fogos de alegria.																	
3. Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.																	
4. Legendas específicas: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz, contente, etc.*													X				

Índice IV: *Sentimentos Sócio-Morais*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *INFERIORIDADE FÍSICA* **Lista de Indicadores:**	P28	P29	P30	P31	P32	P33	P34	P35	P36	P37	P38	P39	P40				
1. Representação do agente punido excessivamente reduzido em comparação com o agente punidor ou parte de seu corpo (mão, pé, etc.)									X								
2. Exagero intencional na representação do tamanho de objetos (para bater) proporcionalmente ao resto da composição.	X	X	X									X					
3. Perceber-se e sentir-se mais fraco em relação a outrem, com menor força física e massa corporal, impotente para defender-se.			X					X	X			X					
4. Legendas específicas: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno, minúsculo, etc.*																	

B) Categoria *SOLIDÃO/DESAMPARO* **Lista de Indicadores:**	P28	P29	P30	P31	P32	P33	P34	P35	P36	P37	P38	P39	P40				
1.Agente punido no chão, desolado; retratação do corpo do agente punido posição de encolhimento, sentado ou deitado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito.											X						
2. Figuração da casa ou quarto como cela de cadeia; janelas e/ou portas fechadas; figuração de muros ou obstáculos intransponíveis; pouco ou nenhum objeto biográfico, quando muito uma cama.										X							

3. Legendas específicas: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário; sem ninguém, sem amigos; sem ninguém pra conversar; sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*					X			X									
C) Categoria *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P28**	**P29**	**P30**	**P31**	**P32**	**P33**	**P34**	**P35**	**P36**	**P37**	**P38**	**P39**	**P40**				
1. Agente punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição; resignado a sessão punitiva, resignado à *ritualística da punição corporal.*			X						X								
2. Legendas específicas: *não há o que fazer; vivo num "mundo sem saída"; sinto-me submisso; estou resignado; só resta esperar, etc.*																	
D) Categoria *GRATIDÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P28**	**P29**	**P30**	**P31**	**P32**	**P33**	**P34**	**P35**	**P36**	**P37**	**P38**	**P39**	**P40**				
1. Demonstrar gratidão e reconhecimento pelo esforço e cuidados paternos; alegria por estar ao lado/junto com os pais.																	
2. Estar aprendendo "a lição", estar sendo corrigido, mesmo que através da punição corporal.																	
3. Legendas específicas: *sinto-me alegre por ter aprendido; aprendi a lição; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem, foi para o meu bem; tornei-me melhor; os pais batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor; graças a isso "tornei-me gente", cheguei aonde estou, bem sucedi-me, etc.*													X				
E) Categoria *AUTOPIEDADE*: **Lista de Indicadores:**	**P28**	**P29**	**P30**	**P31**	**P32**	**P33**	**P34**	**P35**	**P36**	**P37**	**P38**	**P39**	**P40**				
1. Revelação de sentimentos e pensamentos direcionados a si envolvendo pena, dó, compaixão, podendo ser expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou outros personagens (chorando ou não).					X			X									
2. Legendas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!; sou mesmo um coitado!; pobre criança!, "a natureza chora por esta criança", etc.*								X									

F) Categoria *CULPA*: **Lista de Indicadores:**	P28	P29	P30	P31	P32	P33	P34	P35	P36	P37	P38	P39	P40				
1.Reconhecimento da culpa ou erro.								X					X				
2. Pedir desculpas, desculpar-se, pedir perdão.																	
3. Auto-acusações, depreciações.																	
4. Autopunição corporal, automutilação.																	
5. Legendas específicas: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; sou abusado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer, etc.*																	

G) Categoria *VERGONHA/HUMILHAÇÃO*: **Lista de Indicadores:**	P28	P29	P30	P31	P32	P33	P34	P35	P36	P37	P38	P39	P40				
1. Representação de situação vexatória em si, como exposição das nádegas, chute nas nádegas, apanhar em público, etc.																	
2. Bochechas coradas, orelhas vermelhas; "vergonha na cara".																	
3. Retratação do agente punido de costas, sem rosto expresso ("sem cara"); mãos ocultando a expressão facial, cara escondida.																	
4. Corpo curvado, abaixado, no chão; estar de joelhos, em posição de súplica; "estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).									X								
5. Estar maltrapilho, com roupas rasgadas.								X									
6. Dedo da autoridade apontando, acusando, humilhando, diminuindo; sentir-se diminuído em seu ser.																	
7. Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral.																	
8. Legendas específicas: *sinto-me humilhado, envergonhado, inferiorizado, ridicularizado; "pessoa minúscula"; vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado, etc.*																	

H) Categoria *DESPREZADO/REJEITADO/ODIADO*: **Lista de Indicadores:**	P28	P29	P30	P31	P32	P33	P34	P35	P36	P37	P38	P39	P40				
1.Figuração do agente punido na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.								X									
2. Figuração do agente punido sendo posto para fora da casa, na rua.								X									
3. Expressão facial de desprezo, indiferença, ódio ou satisfação (alegria) cruel presente no agente punidor (pais ou responsáveis).		X	X						X			X					
4. Legendas específicas: *me sinto como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; me jogou na rua, expulsou de casa, mandou pra fora de casa, etc.*								X									

I) Categoria *REVOLTA/INDIGNAÇÃO* : **Lista de Indicadores:**	P28	P29	P30	P31	P32	P33	P34	P35	P36	P37	P38	P39	P40				
1. Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, espirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.						X											
2. Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão, não aceitação da punição.																	
3. Figuração do agente punido fugindo de casa, "pegando" a estrada, desaparecendo; mala, mochila ou trouxa nas costas.																	
4. Ser punido por algo que causou sem intenção, sem querer; estar sendo condenado injustamente; apanhar sem saber o motivo.		X				X		X				X					
5. Situação de punição injusta em si, covarde, desproporcional ao erro cometido.								X									
6. Retaliar alguém após ser agredido, atirar ou esfaquear alguém; estar descontando algo ou uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão; vingança movida por raiva																	

7. Legendas específicas auto-referentes: *isso me revolta; estou indignado; vou descontar; você vai ver só; vou me vingar; vou fugir de casa; é injusto; sou injustiçado; porque estou apanhando?!; não merecia; foi sem querer; não tive intenção; não sabia;* palavras de ordem: *"não à palmada!", "abaixo a palmada", "diga não à violência"; "paz para as crianças" etc.*		X										X					
J) Categoria *TERROR*: **Lista de Indicadores:**	**P28**	**P29**	**P30**	**P31**	**P32**	**P33**	**P34**	**P35**	**P36**	**P37**	**P38**	**P39**	**P40**				
1. Representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico: punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, violência extrema.			X					X									
2. Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, seres imaginários, lendários ou mitológicos assustadores, conotando medo intenso, terror.																	
3. Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros; mau agouro (pássaro ou gato preto).				X				X									
4. Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada, bizarra, tirânica ou maléfica do agente punidor.									X								
5. Retratação do agente punidor como *monstro, vampiro, diabo, ser maligno, malfeitor, morte, etc.*																	
6. Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; "pesadelo sem fim"; meu sofrimento é sem fim, etc.*			X					X									
***K) Categoria DESEJO DE MORRER*:** **Lista de Indicadores:**	**P28**	**P29**	**P30**	**P31**	**P32**	**P33**	**P34**	**P35**	**P36**	**P37**	**P38**	**P39**	**P40**				
1. Expressão de pensamentos ou atitudes autodestrutivas, como esfaquear-se, cortar os pulsos; enforcar-se, pular no abismo, pular da ponte, saltar pela janela do prédio, etc.																	
2. Pensamentos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo; desejo de morrer.																	

3. Representação da Morte como alternativa ou solução ideal aos transtornos da vida.																	
4. Legendas específicas: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; passar desta para melhor; etc.*																	

GRUPO V – Masculino, 11 anos.

Índice I. *Sensações de Dor e Prazer*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *DOR.* **Lista de Indicadores:**	**P41**	**P42**	**P43**	**P44**	**P45**	**P46**	**P47**	**P48**	**P49**	**P50**	**P51**	**P52**	**P53**	**P54**	**P55**	**P56**	**P57**
1. Retraimento do corpo ou de parte deste; fricção ou massagem na parte do corpo batida, para aliviar a dor.				X							X		X				
2. Marcas, hematomas ou feridas; "estrelinhas" sobre a parte do corpo batida.		X											X				
3. Expressões faciais de alarme e/ou sofrimento físico.		X	X	X		X	X	X					X		X	X	
4. Legendas específicas: *senti dor, doeu muito; sofri no corpo, na pele; Ai!! Ui!; etc.*	X												X				
B) Categoria *PRAZER.* **Lista de Indicadores:**	**P41**	**P42**	**P43**	**P44**	**P45**	**P46**	**P47**	**P48**	**P49**	**P50**	**P51**	**P52**	**P53**	**P54**	**P55**	**P56**	**P57**
1. Expressão prazerosa ou de satisfação presente na expressão facial do agente punido.																	
2. Descontração e abertura do corpo, expressões posturais que traduzem bem-estar, prazer e/ou contentamento.																	
3. Legendas específicas: *sinto prazer; bem-estar; é muito bom; é bom; gosto; etc.*																	

Índice II. *Emoções de Fundo*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *MAL-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	**P41**	**P42**	**P43**	**P44**	**P45**	**P46**	**P47**	**P48**	**P49**	**P50**	**P51**	**P52**	**P53**	**P54**	**P55**	**P56**	**P57**
1. Presença de lágrimas e de indicadores de dor, tristeza, solidão ou outras emoções e sentimentos que conotam mal-estar, dor, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico-corporal.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X
2. Representação de partes separadas do corpo; fragmentos ou partes específicas para retratar o estado de sentimentos; corpo disforme, quebrado, partido, rasgado ao meio (coração partido, rosto partido, etc.).													X		X		
3. Sinais de interrogação e exclamação, e outros símbolos conotativos de dúvida, confusão, desorientação e mal-estar, como cores excessivamente escuras com traços fortes, etc.						X		X	X	X	X		X		X	X	X
4. Legendas específicas: *fiquei mal; fiquei tristre; "dor na alma"; meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedaçado; não sei o que fazer, para onde ir, etc.*	X				X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

B) Categoria *BEM-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	**P41**	**P42**	**P43**	**P44**	**P45**	**P46**	**P47**	**P48**	**P49**	**P50**	**P51**	**P52**	**P53**	**P54**	**P55**	**P56**	**P57**
1. Presença de sorriso, alegria, contentamento ou outras emoções e sentimentos que conotam bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico-corporal.																	
2. Retratar-se "no alto", no cume; segurando um troféu, vitorioso.																	
3. Presença de arco-íris, sol amarelo sorrindo, flores coloridas, pássaros coloridos, natureza exuberante, etc.																	
4. Legendas específicas: *sinto-me bem; sinto-me feliz; fico bem, "numa* nice*", agradável, etc.*																	

Índice III: *Emoções Básicas*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *TRISTEZA* **Lista de Indicadores:**	**P41**	**P42**	**P43**	**P44**	**P45**	**P46**	**P47**	**P48**	**P49**	**P50**	**P51**	**P52**	**P53**	**P54**	**P55**	**P56**	**P57**

1. Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro).			X		X	X	X	X	X	X	X			X			
2. Lágrimas; olho que chora.		X	X	X	X	X	X	X			X		X		X	X	
3. Coração partido, do qual escorrem gotas (azuis ou verdes, de modo geral, ou vermelhas, conotando sangue, dor maior).																	
4. Corpo curvado, cabeça para baixo; mão(s) segurando o rosto; desolação.									X	X	X		X	X			
5. Legendas específicas: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste; fiquei magoado; mágoa, magoado; sentido, ressentido; etc.*	X				X		X	X		X	X	X	X				
B) Categoria *RAIVA* **Lista de Indicadores:**	**P41**	**P42**	**P43**	**P44**	**P45**	**P46**	**P47**	**P48**	**P49**	**P50**	**P51**	**P52**	**P53**	**P54**	**P55**	**P56**	**P57**
1.Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.													X	X	X		
2. Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados; boca entreaberta, berrando.																	
3. Raiva representada em elementos da natureza: raios, tempestade e nuvens ao fundo ou sobre a cabeça do agente punido, mar revolto, vulcão, furacões, sol com expressão raivosa, etc.																	
4. Músculos salientes, expressivos, conotando força, tensão, agressividade e raiva; posturas de luta, golpes, mão fechadas, etc.													X		X	X	
5. Legendas específicas: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso, estou "fulo" da vida, etc.*															X		
C) Categoria *MEDO* **Lista de Indicadores:**	**P41**	**P42**	**P43**	**P44**	**P45**	**P46**	**P47**	**P48**	**P49**	**P50**	**P51**	**P52**	**P53**	**P54**	**P55**	**P56**	**P57**
1. Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta.																	
2. Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.		X											X				

3. Esconder-se atrás, embaixo ou no interior de objetos ou móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro), ou em lugares da casa (no porão, em cima da árvore, etc).																	
4. Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo!".																	
5. Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, como medo da punição.																	
6.Representação de tempo escuro, escuridão, noite, tempo ruim (chuva, tempestade, raios).									X								
7. Legendas específicas: *sinto medo; medo; assustado; desproteção e insegurança; etc.*									X								

D) Categoria *ALEGRIA* **Lista de Indicadores:**	P41	P42	P43	P44	P45	P46	P47	P48	P49	P50	P51	P52	P53	P54	P55	P56	P57
1. Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).																	
2. Estar pulando de alegria; estar festejando, dançando, estar soltando fogos de alegria.																	
3. Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.																	
4. Legendas específicas: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz, contente, etc.*																	

Índice IV: *Sentimentos Sócio-Morais*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *INFERIORIDADE FÍSICA* **Lista de Indicadores:**	P41	P42	P43	P44	P45	P46	P47	P48	P49	P50	P51	P52	P53	P54	P55	P56	P57
1. Representação do agente punido excessivamente reduzido em comparação com o agente punidor ou parte de seu corpo (mão, pé, etc.)																	
2. Exagero intencional na representação do tamanho de objetos (para bater) proporcionalmente ao resto da composição.		X											X			X	
3. Perceber-se e sentir-se mais fraco em relação a outrem, com menor força física e massa corporal, impotente para defender-se.									X				X				

4. Legendas específicas: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno, minúsculo, etc.*																	

B) Categoria *SOLIDÃO/DESAMPARO* **Lista de Indicadores:**	P41	P42	P43	P44	P45	P46	P47	P48	P49	P50	P51	P52	P53	P54	P55	P56	P57
1.Agente punido no chão, desolado; retratação do corpo do agente punido posição de encolhimento, sentado ou deitado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito.									X	X	X						
2. Figuração da casa ou quarto como cela de cadeia; janelas e/ou portas fechadas; figuração de muros ou obstáculos intransponíveis; pouco ou nenhum objeto biográfico, quando muito uma cama.										X	X						
3. Legendas específicas: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário; sem ninguém, sem amigos; sem ninguém pra conversar; sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*									X	X	X						

C) Categoria *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO*: **Lista de Indicadores:**	P41	P42	P43	P44	P45	P46	P47	P48	P49	P50	P51	P52	P53	P54	P55	P56	P57
1. Agente punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição; resignado a sessão punitiva, resignado à *ritualística da punição corporal.*	X	X		X									X	X			
2. Legendas específicas: *não há o que fazer; vivo num "mundo sem saída"; sinto-me submisso; estou resignado; só resta esperar, etc.*													X	X			

D) Categoria *GRATIDÃO*: **Lista de Indicadores:**	P41	P42	P43	P44	P45	P46	P47	P48	P49	P50	P51	P52	P53	P54	P55	P56	P57
1. Demonstrar gratidão e reconhecimento pelo esforço e cuidados paternos; alegria por estar ao lado/junto com os pais.																	
2. Estar aprendendo "a lição", estar sendo corrigido, mesmo que através da punição corporal.																	

3. Legendas específicas: *sinto-me alegre por ter aprendido; aprendi a lição; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem, foi para o meu bem; tornei-me melhor; os pais batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor; graças a isso "tornei-me gente", cheguei aonde estou, bem sucedi-me, etc.*																	

E) Categoria *AUTOPIEDADE*: **Lista de Indicadores:**	P41	P42	P43	P44	P45	P46	P47	P48	P49	P50	P51	P52	P53	P54	P55	P56	P57
1. Revelação de sentimentos e pensamentos direcionados a si envolvendo pena, dó, compaixão, podendo ser expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou outros personagens (chorando ou não).			X										X				
2. Legendas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!; sou mesmo um coitado!; pobre criança!, "a natureza chora por esta criança", etc.*			X							X			X				

F) Categoria *CULPA*: **Lista de Indicadores:**	P41	P42	P43	P44	P45	P46	P47	P48	P49	P50	P51	P52	P53	P54	P55	P56	P57
1.Reconhecimento da culpa ou erro.				X										X			
2. Pedir desculpas, desculpar-se, pedir perdão.																	
3. Auto-acusações, depreciações.														X			
4. Autopunição corporal, automutilação.																	
5. Legendas específicas: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; sou abusado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer, etc.*		X							X					X			

G) Categoria *VERGONHA/HUMILHAÇÃO*: **Lista de Indicadores:**	P41	P42	P43	P44	P45	P46	P47	P48	P49	P50	P51	P52	P53	P54	P55	P56	P57
1. Representação de situação vexatória em si, como exposição das nádegas, chute nas nádegas, apanhar em público, etc.														X			

2. Bochechas coradas, orelhas vermelhas; "vergonha na cara".																X	
3. Retratação do agente punido de costas, sem rosto expresso ("sem cara"); mãos ocultando a expressão facial, cara escondida.												X					
4. Corpo curvado, abaixado, no chão; estar de joelhos, em posição de súplica; "estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).	X													X			
5. Estar maltrapilho, com roupas rasgadas.																	
6. Dedo da autoridade apontando, acusando, humilhando, diminuindo; sentir-se diminuído em seu ser.																	
7. Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral.																	
8. Legendas específicas: *sinto-me humilhado, envergonhado, inferiorizado, ridicularizado; "pessoa minúscula"; vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado, etc.*																X	

H) Categoria *DESPREZADO/REJEITADO/ODIADO*: **Lista de Indicadores:**	P41	P42	P43	P44	P45	P46	P47	P48	P49	P50	P51	P52	P53	P54	P55	P56	P57
1.Figuração do agente punido na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.																	
2. Figuração do agente punido sendo posto para fora da casa, na rua.																	
3. Expressão facial de desprezo, indiferença, ódio ou satisfação (alegria) cruel presente no agente punidor (pais ou responsáveis).	X								X				X	X		X	
4. Legendas específicas: *me sinto como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; me jogou na rua, expulsou de casa, mandou pra fora de casa, etc.*	X							X	X	X			X		X		

I) Categoria *REVOLTA/INDIGNAÇÃO*: **Lista de Indicadores:**	P41	P42	P43	P44	P45	P46	P47	P48	P49	P50	P51	P52	P53	P54	P55	P56	P57
1. Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, espirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.					X										X		

2. Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão, não aceitação da punição.															X		
3. Figuração do agente punido fugindo de casa, "pegando" a estrada, desaparecendo; mala, mochila ou trouxa nas costas.															X		
4. Ser punido por algo que causou sem intenção, sem querer; estar sendo condenado injustamente; apanhar sem saber o motivo.													X		X		
5. Situação de punição injusta em si, covarde, desproporcional ao erro cometido.													X				
6. Retaliar alguém após ser agredido, atirar ou esfaquear alguém; estar descontando algo ou uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão; vingança movida por raiva					X												
7. Legendas específicas auto-referentes: *isso me revolta; estou indignado; vou descontar; você vai ver só; vou me vingar; vou fugir de casa; é injusto; sou injustiçado; porque estou apanhando?!; não merecia; foi sem querer; não tive intenção; não sabia;* palavras de ordem: *"não à palmada!", "abaixo a palmada", "diga não à violência"; "paz para as crianças" etc.*														X	X		
J) Categoria *TERROR*: **Lista de Indicadores:**	**P41**	**P42**	**P43**	**P44**	**P45**	**P46**	**P47**	**P48**	**P49**	**P50**	**P51**	**P52**	**P53**	**P54**	**P55**	**P56**	**P57**
1. Representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico: punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, violência extrema.													X				
2. Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, seres imaginários, lendários ou mitológicos assustadores, conotando medo intenso, terror.																	
3. Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros; mau agouro (pássaro ou gato preto).																	
4. Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada, bizarra, tirânica ou maléfica do agente punidor.													X				
5. Retratação do agente punidor como *monstro, vampiro, diabo, ser maligno, malfeitor, morte, etc.*																	

6. Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; "pesadelo sem fim"; meu sofrimento é sem fim, etc.*													X				
K) Categoria *DESEJO DE MORRER*: **Lista de Indicadores:**	**P41**	**P42**	**P43**	**P44**	**P45**	**P46**	**P47**	**P48**	**P49**	**P50**	**P51**	**P52**	**P53**	**P54**	**P55**	**P56**	**P57**
1. Expressão de pensamentos ou atitudes autodestrutivas, como esfaquear-se, cortar os pulsos; enforcar-se, pular no abismo, pular da ponte, saltar pela janela do prédio, etc.																	
2. Pensamentos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo; desejo de morrer.																	
3. Representação da Morte como alternativa ou solução ideal aos transtornos da vida.																	X
4. Legendas específicas: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; passar desta para melhor; etc.*																	X

GRUPO VI – Feminino, 11 anos.

Índice I. *Sensações de Dor e Prazer*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *DOR*. **Lista de Indicadores:**	**P58**	**P59**	**P60**	**P61**	**P62**	**P63**	**P64**	**P65**	**P66**	**P67**	**P68**	**P69**	**P70**	**P71**			
1. Retraimento do corpo ou de parte deste; fricção ou massagem na parte do corpo batida, para aliviar a dor.						X	X										
2. Marcas, hematomas ou feridas; "estrelinhas" sobre a parte do corpo batida.							X										
3. Expressões faciais de alarme e/ou sofrimento físico.	X		X	X	X		X					X					
4. Legendas específicas: *senti dor, doeu muito; sofri no corpo, na pele; Ai!! Ui!; etc.*							X			X			X				

B) Categoria *PRAZER.* **Lista de Indicadores:**	P58	P59	P60	P61	P62	P63	P64	P65	P66	P67	P68	P69	P70	P71			
1. Expressão prazerosa ou de satisfação presente na expressão facial do agente punido.																	
2. Descontração e abertura do corpo, expressões posturais que traduzem bem-estar, prazer e/ou contentamento.																	
3. Legendas específicas: *sinto prazer; bem-estar; é muito bom; é bom; gosto; etc.*																	

Índice II. *Emoções de Fundo*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *MAL-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	P58	P59	P60	P61	P62	P63	P64	P65	P66	P67	P68	P69	P70	P71			
1. Presença de lágrimas e de indicadores de dor, tristeza, solidão ou outras emoções e sentimentos que conotam mal-estar, dor, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico-corporal.	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
2. Representação de partes separadas do corpo; fragmentos ou partes específicas para retratar o estado de sentimentos; corpo disforme, quebrado, partido, rasgado ao meio (coração partido, rosto partido, etc.).										X				X			
3. Sinais de interrogação e exclamação, e outros símbolos conotativos de dúvida, confusão, desorientação e mal-estar, como cores excessivamente escuras com traços fortes, etc.	X	X			X		X				X		X	X			
4. Legendas específicas: *fiquei mal; fiquei tristre; "dor na alma"; meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedaçado; não sei o que fazer, para onde ir, etc.*	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			

B) Categoria *BEM-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	P58	P59	P60	P61	P62	P63	P64	P65	P66	P67	P68	P69	P70	P71			
1. Presença de sorriso, alegria, contentamento ou outras emoções e sentimentos que conotam bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico-corporal.																	
2. Retratar-se "no alto", no cume; segurando um troféu, vitorioso.																	
3. Presença de arco-íris, sol amarelo sorrindo, flores coloridas, pássaros coloridos, natureza exuberante, etc.	X*																
4. Legendas específicas: *sinto-me bem; sinto-me feliz; fico bem, "numa* nice*", agradável, etc.*																	

Índice III: *Emoções Básicas*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *TRISTEZA* **Lista de Indicadores:**	P58	P59	P60	P61	P62	P63	P64	P65	P66	P67	P68	P69	P70	P71			
1. Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro).	X		X	X		X	X	X			X		X				
2. Lágrimas; olho que chora.	X			X		X			X	X		X	X	X			
3. Coração partido, do qual escorrem gotas (azuis ou verdes, de modo geral, ou vermelhas, conotando sangue, dor maior).														X			
4. Corpo curvado, cabeça para baixo; mão(s) segurando o rosto; desolação.								X					X				
5. Legendas específicas: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste; fiquei magoado; mágoa, magoado; sentido, ressentido; etc.*	X			X		X		X	X		X	X		X			

B) Categoria *RAIVA* **Lista de Indicadores:**	P58	P59	P60	P61	P62	P63	P64	P65	P66	P67	P68	P69	P70	P71			
1.Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.		X															
2. Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados; boca entreaberta, berrando.																	

3. Raiva representada em elementos da natureza: raios, tempestade e nuvens ao fundo ou sobre a cabeça do agente punido, mar revolto, vulcão, furacões, sol com expressão raivosa, etc.		X												X			
4. Músculos salientes, expressivos, conotando força, tensão, agressividade e raiva; posturas de luta, golpes, mão fechadas, etc.		X															
5. Legendas específicas: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso, estou "fulo" da vida, etc.*		X												X			
C) Categoria *MEDO* **Lista de Indicadores:**	**P58**	**P59**	**P60**	**P61**	**P62**	**P63**	**P64**	**P65**	**P66**	**P67**	**P68**	**P69**	**P70**	**P71**			
1. Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta.			X								X						
2. Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.			X				X										
3. Esconder-se atrás, embaixo ou no interior de objetos ou móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro), ou em lugares da casa (no porão, em cima da árvore, etc).																	
4. Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo!".			X								X	X					
5. Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, como medo da punição.			X						X			X					
6.Representação de tempo escuro, escuridão, noite, tempo ruim (chuva, tempestade, raios).														X			
7. Legendas específicas: *sinto medo; medo; assustado; desproteção e insegurança; etc.*					X						X						

D) Categoria *ALEGRIA* **Lista de Indicadores:**	P58	P59	P60	P61	P62	P63	P64	P65	P66	P67	P68	P69	P70	P71			
1. Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).																	
2. Estar pulando de alegria; estar festejando, dançando, estar soltando fogos de alegria.																	
3. Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.																	
4. Legendas específicas: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz, contente, etc.*																	

Índice IV: *Sentimentos Sócio-Morais*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *INFERIORIDADE FÍSICA* **Lista de Indicadores:**	P58	P59	P60	P61	P62	P63	P64	P65	P66	P67	P68	P69	P70	P71			
1. Representação do agente punido excessivamente reduzido em comparação com o agente punidor ou parte de seu corpo (mão, pé, etc.)				X							X						
2. Exagero intencional na representação do tamanho de objetos (para bater) proporcionalmente ao resto da composição.					X		X			X							
3. Perceber-se e sentir-se mais fraco em relação a outrem, com menor força física e massa corporal, impotente para defender-se.					X				X		X	X					
4. Legendas específicas: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno, minúsculo, etc.*																	

B) Categoria *SOLIDÃO/DESAMPARO* **Lista de Indicadores:**	P58	P59	P60	P61	P62	P63	P64	P65	P66	P67	P68	P69	P70	P71			
1.Agente punido no chão, desolado; retratação do corpo do agente punido posição de encolhimento, sentado ou deitado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito.								X	X			X	X				

2. Figuração da casa ou quarto como cela de cadeia; janelas e/ou portas fechadas; figuração de muros ou obstáculos intransponíveis; pouco ou nenhum objeto biográfico, quando muito uma cama.																	
3. Legendas específicas: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário; sem ninguém, sem amigos; sem ninguém pra conversar; sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*						X						X	X				
C) Categoria *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P58**	**P59**	**P60**	**P61**	**P62**	**P63**	**P64**	**P65**	**P66**	**P67**	**P68**	**P69**	**P70**	**P71**			
1. Agente punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição; resignado a sessão punitiva, resignado à *ritualística da punição corporal.*					X				X								
2. Legendas específicas: *não há o que fazer; vivo num "mundo sem saída"; sinto-me submisso; estou resignado; só resta esperar, etc.*									X				X				
D) Categoria *GRATIDÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P58**	**P59**	**P60**	**P61**	**P62**	**P63**	**P64**	**P65**	**P66**	**P67**	**P68**	**P69**	**P70**	**P71**			
1. Demonstrar gratidão e reconhecimento pelo esforço e cuidados paternos; alegria por estar ao lado/junto com os pais.																	
2. Estar aprendendo "a lição", estar sendo corrigido, mesmo que através da punição corporal.																	
3. Legendas específicas: *sinto-me alegre por ter aprendido; aprendi a lição; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem, foi para o meu bem; tornei-me melhor; os pais batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor; graças a isso "tornei-me gente", cheguei aonde estou, bem sucedi-me, etc.*											X						
E) Categoria *AUTOPIEDADE*: **Lista de Indicadores:**	**P58**	**P59**	**P60**	**P61**	**P62**	**P63**	**P64**	**P65**	**P66**	**P67**	**P68**	**P69**	**P70**	**P71**			
1. Revelação de sentimentos e pensamentos direcionados a si envolvendo pena, dó, compaixão, podendo ser expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou outros personagens (chorando ou não).			X									X					

2. Legendas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!; sou mesmo um coitado!; pobre criança!, "a natureza chora por esta criança", etc.*			X			X						X					

F) Categoria *CULPA*: **Lista de Indicadores:**	P58	P59	P60	P61	P62	P63	P64	P65	P66	P67	P68	P69	P70	P71			
1.Reconhecimento da culpa ou erro.							X										
2. Pedir desculpas, desculpar-se, pedir perdão.																	
3. Auto-acusações, depreciações.			X				X										
4. Autopunição corporal, automutilação.																	
5. Legendas específicas: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; sou abusado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer, etc.*							X				X	X					

G) Categoria *VERGONHA/HUMILHAÇÃO*: **Lista de Indicadores:**	P58	P59	P60	P61	P62	P63	P64	P65	P66	P67	P68	P69	P70	P71			
1. Representação de situação vexatória em si, como exposição das nádegas, chute nas nádegas, apanhar em público, etc.					X												
2. Bochechas coradas, orelhas vermelhas; "vergonha na cara".																	
3. Retratação do agente punido de costas, sem rosto expresso ("sem cara"); mãos ocultando a expressão facial, cara escondida.													X				
4. Corpo curvado, abaixado, no chão; estar de joelhos, em posição de súplica; "estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).					X				X			X					
5. Estar maltrapilho, com roupas rasgadas.																	
6. Dedo da autoridade apontando, acusando, humilhando, diminuindo; sentir-se diminuído em seu ser.			X	X								X					

7. Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral.												X					
8. Legendas específicas: *sinto-me humilhado, envergonhado, inferiorizado, ridicularizado; "pessoa minúscula"; vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado, etc.*			X														
H) Categoria *DESPREZADO/REJEITADO/*: **Lista de Indicadores:**	**P58**	**P59**	**P60**	**P61**	**P62**	**P63**	**P64**	**P65**	**P66**	**P67**	**P68**	**P69**	**P70**	**P71**			
1.Figuração do agente punido na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.																	
2. Figuração do agente punido sendo posto para fora da casa, na rua.																	
3. Expressão facial de desprezo, indiferença, ódio ou satisfação (alegria) cruel presente no agente punidor (pais ou responsáveis).		X							X			X					
4. Legendas específicas: *me sinto como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; me jogou na rua, expulsou de casa, mandou pra fora de casa, etc.*		X				X							X				
I) Categoria *REVOLTA/INDIGNAÇÃO* : **Lista de Indicadores:**	**P58**	**P59**	**P60**	**P61**	**P62**	**P63**	**P64**	**P65**	**P66**	**P67**	**P68**	**P69**	**P70**	**P71**			
1. Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, espirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.		X															
2. Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão, não aceitação da punição.																	
3. Figuração do agente punido fugindo de casa, "pegando" a estrada, desaparecendo; mala, mochila ou trouxa nas costas.																	
4. Ser punido por algo que causou sem intenção, sem querer; estar sendo condenado injustamente; apanhar sem saber o motivo.									X			X					
5. Situação de punição injusta em si, covarde, desproporcional ao erro cometido.																	

6. Retaliar alguém após ser agredido, atirar ou esfaquear alguém; estar descontando algo ou uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão; vingança movida por raiva																	
7. Legendas específicas auto-referentes: *isso me revolta; estou indignado; vou descontar; você vai ver só; vou me vingar; vou fugir de casa; é injusto; sou injustiçado; porque estou apanhando?!; não merecia; foi sem querer; não tive intenção; não sabia;* palavras de ordem: *"não à palmada!", "abaixo a palmada", "diga não à violência"; "paz para as crianças" etc.*		X							X		X	X		X			
J) Categoria *TERROR*: **Lista de Indicadores:**	**P58**	**P59**	**P60**	**P61**	**P62**	**P63**	**P64**	**P65**	**P66**	**P67**	**P68**	**P69**	**P70**	**P71**			
1. Representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico: punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, violência extrema.																	
2. Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, seres imaginários, lendários ou mitológicos assustadores, conotando medo intenso, terror.																	
3. Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros; mau agouro (pássaro ou gato preto).																	
4. Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada, bizarra, tirânica ou maléfica do agente punidor.																	
5. Retratação do agente punidor como *monstro, vampiro, diabo, ser maligno, malfeitor, morte, etc.*																	
6. Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; "pesadelo sem fim"; meu sofrimento é sem fim, etc.*																	
***K) Categoria DESEJO DE MORRER*:** **Lista de Indicadores:**	**P58**	**P59**	**P60**	**P61**	**P62**	**P63**	**P64**	**P65**	**P66**	**P67**	**P68**	**P69**	**P70**	**P71**			
1. Expressão de pensamentos ou atitudes autodestrutivas, como esfaquear-se, cortar os pulsos; enforcar-se, pular no abismo, pular da ponte, saltar pela janela do prédio, etc.																	

2. Pensamentos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo; desejo de morrer.																	
3. Representação da Morte como alternativa ou solução ideal aos transtornos da vida.																	
4. Legendas específicas: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; passar desta para melhor; etc.*																	

GRUPO VII – Masculino, 12 anos.

Índice I. ***Sensações de Dor e Prazer***	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *DOR.* **Lista de Indicadores:**	**P72**	**P73**	**P74**	**P75**	**P76**	**P77**	**P78**	**P79**	**P80**	**P81**	**P82**	**P83**					
1. Retraimento do corpo ou de parte deste; fricção ou massagem na parte do corpo batida, para aliviar a dor.						X		X									
2. Marcas, hematomas ou feridas; "estrelinhas" sobre a parte do corpo batida.								X			X						
3. Expressões faciais de alarme e/ou sofrimento físico.		X		X	X	X				X							
4. Legendas específicas: *senti dor, doeu muito; sofri no corpo, na pele; Ai!! Ui!; etc.*				X		X			X								
B) Categoria *PRAZER.* **Lista de Indicadores:**	**P72**	**P73**	**P74**	**P75**	**P76**	**P77**	**P78**	**P79**	**P80**	**P81**	**P82**	**P83**					
1. Expressão prazerosa ou de satisfação presente na expressão facial do agente punido.											X						
2. Descontração e abertura do corpo, expressões posturais que traduzem bem-estar, prazer e/ou contentamento.																	
3. Legendas específicas: *sinto prazer; bem-estar; é muito bom; é bom; gosto; etc.*											X						

Índice II. *Emoções de Fundo*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *MAL-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	P72	P73	P74	P75	P76	P77	P78	P79	P80	P81	P82	P83					
1. Presença de lágrimas e de indicadores de dor, tristeza, solidão ou outras emoções e sentimentos que conotam mal-estar, dor, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico-corporal.	X	X	X	X	X	X		X		X	X	X					
2. Representação de partes separadas do corpo; fragmentos ou partes específicas para retratar o estado de sentimentos; corpo disforme, quebrado, partido, rasgado ao meio (coração partido, rosto partido, etc.).											X						
3. Sinais de interrogação e exclamação, e outros símbolos conotativos de dúvida, confusão, desorientação e mal-estar, como cores excessivamente escuras com traços fortes, etc.	X	X	X	X	X		X	X		X	X						
4. Legendas específicas: *fiquei mal; fiquei tristre; "dor na alma"; meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedaçado; não sei o que fazer, para onde ir, etc.*	X	X	X	X	X	X		X		X	X						

B) Categoria *BEM-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	P72	P73	P74	P75	P76	P77	P78	P79	P80	P81	P82	P83					
1. Presença de sorriso, alegria, contentamento ou outras emoções e sentimentos que conotam bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico-corporal.											X						
2. Retratar-se "no alto", no cume; segurando um troféu, vitorioso.																	
3. Presença de arco-íris, sol amarelo sorrindo, flores coloridas, pássaros coloridos, natureza exuberante, etc.																	
4. Legendas específicas: *sinto-me bem; sinto-me feliz; fico bem, "numa* nice*", agradável, etc.*								X			X						

Índice III: *Emoções Básicas*	PRODUÇÕES (P)

A) Categoria *TRISTEZA* **Lista de Indicadores:**	P72	P73	P74	P75	P76	P77	P78	P79	P80	P81	P82	P83					
1. Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro).	X		X	X	X					X	X	X					
2. Lágrimas; olho que chora.			X	X	X					X	X	X					
3. Coração partido, do qual escorrem gotas (azuis ou verdes, de modo geral, ou vermelhas, conotando sangue, dor maior).																	
4. Corpo curvado, cabeça para baixo; mão(s) segurando o rosto; desolação.										X							
5. Legendas específicas: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste; fiquei magoado; mágoa, magoado; sentido, ressentido; etc.*		X	X	X		X		X		X							

B) Categoria *RAIVA* **Lista de Indicadores:**	P72	P73	P74	P75	P76	P77	P78	P79	P80	P81	P82	P83					
1.Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.		X			X												
2. Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados; boca entreaberta, berrando.											X						
3. Raiva representada em elementos da natureza: raios, tempestade e nuvens ao fundo ou sobre a cabeça do agente punido, mar revolto, vulcão, furacões, sol com expressão raivosa, etc.			X		X												
4. Músculos salientes, expressivos, conotando força, tensão, agressividade e raiva; posturas de luta, golpes, mão fechadas, etc.																	
5. Legendas específicas: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso, estou "fulo" da vida, etc.*			X		X	X											

C) Categoria *MEDO* **Lista de Indicadores:**	P72	P73	P74	P75	P76	P77	P78	P79	P80	P81	P82	P83					
1. Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta.						X	X				X	X					
2. Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.						X											
3. Esconder-se atrás, embaixo ou no interior de objetos ou móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro), ou em lugares da casa (no porão, em cima da árvore, etc).							X					X					
4. Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo!"; urinar/defecar-se								X*									
5. Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, como medo da punição.																	
6.Representação de tempo escuro, escuridão, noite, tempo ruim (chuva, tempestade, raios).	X		X								X						
7. Legendas específicas: *sinto medo; medo; assustado; desproteção e insegurança; etc.*	X										X						

D) Categoria *ALEGRIA* **Lista de Indicadores:**	P72	P73	P74	P75	P76	P77	P78	P79	P80	P81	P82	P83					
1. Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).											X						
2. Estar pulando de alegria; estar festejando, dançando, estar soltando fogos de alegria.																	
3. Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.											X						
4. Legendas específicas: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz, contente, etc.*																	

Índice IV: ***Sentimentos Sócio-Morais***	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *INFERIORIDADE FÍSICA* **Lista de Indicadores:**	**P72**	**P73**	**P74**	**P75**	**P76**	**P77**	**P78**	**P79**	**P80**	**P81**	**P82**	**P83**					
1. Representação do agente punido excessivamente reduzido em comparação com o agente punidor ou parte de seu corpo (mão, pé, etc.)												X					
2. Exagero intencional na representação do tamanho de objetos (para bater) proporcionalmente ao resto da composição.		X		X		X						X					
3. Perceber-se e sentir-se mais fraco em relação a outrem, com menor força física e massa corporal, impotente para defender-se.		X				X	X					X					
4. Legendas específicas: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno, minúsculo, etc.*																	
B) Categoria *SOLIDÃO/DESAMPARO* **Lista de Indicadores:**	**P72**	**P73**	**P74**	**P75**	**P76**	**P77**	**P78**	**P79**	**P80**	**P81**	**P82**	**P83**					
1.Agente punido no chão, desolado; retratação do corpo do agente punido posição de encolhimento, sentado ou deitado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito.										X							
2. Figuração da casa ou quarto como cela de cadeia; janelas e/ou portas fechadas; figuração de muros ou obstáculos intransponíveis; pouco ou nenhum objeto biográfico, quando muito uma cama.										X							
3. Legendas específicas: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário; sem ninguém, sem amigos; sem ninguém pra conversar; sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*	X									X							
C) Categoria *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P72**	**P73**	**P74**	**P75**	**P76**	**P77**	**P78**	**P79**	**P80**	**P81**	**P82**	**P83**					
1. Agente punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição; resignado a sessão punitiva, resignado à *ritualística da punição corporal.*		X							X								

2. Legendas específicas: *não há o que fazer; vivo num "mundo sem saída"; sinto-me submisso; estou resignado; só resta esperar, etc.*																	
D) Categoria *GRATIDÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P72**	**P73**	**P74**	**P75**	**P76**	**P77**	**P78**	**P79**	**P80**	**P81**	**P82**	**P83**					
1. Demonstrar gratidão e reconhecimento pelo esforço e cuidados paternos; alegria por estar ao lado/junto com os pais.																	
2. Estar aprendendo "a lição", estar sendo corrigido, mesmo que através da punição corporal.																	
3. Legendas específicas: *sinto-me alegre por ter aprendido; aprendi a lição; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem, foi para o meu bem; tornei-me melhor; os pais batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor; graças a isso "tornei-me gente", cheguei aonde estou, bem sucedi-me, etc.*								X									
E) Categoria *AUTOPIEDADE*: **Lista de Indicadores:**	**P72**	**P73**	**P74**	**P75**	**P76**	**P77**	**P78**	**P79**	**P80**	**P81**	**P82**	**P83**					
1. Revelação de sentimentos e pensamentos direcionados a si envolvendo pena, dó, compaixão, podendo ser expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou outros personagens (chorando ou não).																	
2. Legendas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!; sou mesmo um coitado!; pobre criança!, "a natureza chora por esta criança", etc.*						X											
F) Categoria *CULPA*: **Lista de Indicadores:**	**P72**	**P73**	**P74**	**P75**	**P76**	**P77**	**P78**	**P79**	**P80**	**P81**	**P82**	**P83**					
1.Reconhecimento da culpa ou erro.									X			X					
2. Pedir desculpas, desculpar-se, pedir perdão.																	
3. Auto-acusações, depreciações.																	
4. Autopunição corporal, automutilação.					X												
5. Legendas específicas: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; sou abusado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer, etc.*											X						

G) Categoria *VERGONHA/HUMILHAÇÃO*: **Lista de Indicadores:**	P72	P73	P74	P75	P76	P77	P78	P79	P80	P81	P82	P83					
1. Representação de situação vexatória em si, como exposição das nádegas, chute nas nádegas, apanhar em público, etc.								X	X			X					
2. Bochechas coradas, orelhas vermelhas; "vergonha na cara".																	
3. Retratação do agente punido de costas, sem rosto expresso ("sem cara"); mãos ocultando a expressão facial, cara escondida.								X									
4. Corpo curvado, abaixado, no chão; estar de joelhos, em posição de súplica; "estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).									X								
5. Estar maltrapilho, com roupas rasgadas.																	
6. Dedo da autoridade apontando, acusando, humilhando, diminuindo; sentir-se diminuído em seu ser.																	
7. Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral.						X											
8. Legendas específicas: *sinto-me humilhado, envergonhado, inferiorizado, ridicularizado; "pessoa minúscula"; vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado, etc.*																	

H) Categoria *DESPREZADO/REJEITADO*: **Lista de Indicadores:**	P72	P73	P74	P75	P76	P77	P78	P79	P80	P81	P82	P83					
1.Figuração do agente punido na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.								X*									
2. Figuração do agente punido sendo posto para fora da casa, na rua.																	
3. Expressão facial de desprezo, indiferença, ódio ou satisfação (alegria) cruel presente no agente punidor (pais ou responsáveis).						X	X		X								
4. Legendas específicas: *me sinto como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; me jogou na rua, expulsou de casa, mandou pra fora de casa, etc.*		X				X	X										

I) Categoria *REVOLTA/INDIGNAÇÃO* : **Lista de Indicadores:**	P72	P73	P74	P75	P76	P77	P78	P79	P80	P81	P82	P83					
1. Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, espirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.					X												
2. Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão, não aceitação da punição.					X												
3. Figuração do agente punido fugindo de casa, "pegando" a estrada, desaparecendo; mala, mochila ou trouxa nas costas.																	
4. Ser punido por algo que causou sem intenção, sem querer; estar sendo condenado injustamente; apanhar sem saber o motivo.						X	X				X						
5. Situação de punição injusta em si, covarde, desproporcional ao erro cometido.		X				X											
6. Retaliar alguém após ser agredido, atirar ou esfaquear alguém; estar descontando algo ou uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão; vingança movida por raiva					X												
7. Legendas específicas auto-referentes: *isso me revolta; estou indignado; vou descontar; você vai ver só; vou me vingar; vou fugir de casa; é injusto; sou injustiçado; porque estou apanhando?!; não merecia; foi sem querer; não tive intenção; não sabia;* palavras de ordem: *"não à palmada!", "abaixo a palmada", "diga não à violência"; "paz para as crianças" etc.*					X	X	X				X						

J) Categoria *TERROR*: **Lista de Indicadores:**	P72	P73	P74	P75	P76	P77	P78	P79	P80	P81	P82	P83					
1. Representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico: punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, violência extrema.		X				X		X									
2. Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, seres imaginários, lendários ou mitológicos assustadores, conotando medo intenso, terror.		X					X				X						

3. Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros; mau agouro (pássaro ou gato preto).																	
4. Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada, bizarra, tirânica ou maléfica do agente punidor.		X				X	X										
5. Retratação do agente punidor como *monstro, vampiro, diabo, ser maligno, malfeitor, morte, etc.*		X					X				X						
6. Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; "pesadelo sem fim"; meu sofrimento é sem fim, etc.*							X				X						
***K) Categoria DESEJO DE MORRER*:** **Lista de Indicadores:**	**P72**	**P73**	**P74**	**P75**	**P76**	**P77**	**P78**	**P79**	**P80**	**P81**	**P82**	**P83**					
1. Expressão de pensamentos ou atitudes autodestrutivas, como esfaquear-se, cortar os pulsos; enforcar-se, pular no abismo, pular da ponte, saltar pela janela do prédio, etc.		X			X												
2. Pensamentos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo; desejo de morrer.					X												
3. Representação da Morte como alternativa ou solução ideal aos transtornos da vida.					X												
4. Legendas específicas: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; passar desta para melhor; etc.*		X			X												

GRUPO VIII – Feminino, 12 anos.

Índice I. *Sensações de Dor e Prazer*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *DOR.* **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Retraimento do corpo ou de parte deste; fricção ou massagem na parte do corpo batida, para aliviar a dor.	X		X		X	X			X								
2. Marcas, hematomas ou feridas; "estrelinhas" sobre a parte do corpo batida.																	
3. Expressões faciais de alarme e/ou sofrimento físico.	X	X	X	X	X	X	X										
4. Legendas específicas: *senti dor, doeu muito; sofri no corpo, na pele; Ai!! Ui!; etc.*	X																
B) Categoria *PRAZER.* **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Expressão prazerosa ou de satisfação presente na expressão facial do agente punido.																	
2. Descontração e abertura do corpo, expressões posturais que traduzem bem-estar, prazer e/ou contentamento.																	
3. Legendas específicas: *sinto prazer; bem-estar; é muito bom; é bom; gosto; etc.*																	

Índice II. *Emoções de Fundo*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *MAL-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Presença de lágrimas e de indicadores de dor, tristeza, solidão ou outras emoções e sentimentos que conotam mal-estar, dor, angústia, perturbação e/ou sofrimento psíquico-corporal.	X	X	X	X	X	X	X		X								
2. Representação de partes separadas do corpo; fragmentos ou partes específicas para retratar o estado de sentimentos; corpo disforme, quebrado, partido, rasgado ao meio (coração partido, rosto partido, etc.).																	

3. Sinais de interrogação e exclamação, e outros símbolos conotativos de dúvida, confusão, desorientação e mal-estar, como cores excessivamente escuras com traços fortes, etc.	X	X			X	X	X	X									
4. Legendas específicas: *fiquei mal; fiquei tristre; "dor na alma"; meu coração se parte em dois, sinto-me em pedaços, despedaçado; não sei o que fazer, para onde ir, etc.*	X		X	X	X				X								
B) Categoria *BEM-ESTAR* **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Presença de sorriso, alegria, contentamento ou outras emoções e sentimentos que conotam bem-estar, ausência de angústia, perturbação ou sofrimento psíquico-corporal.	X					X											
2. Retratar-se "no alto", no cume; segurando um troféu, vitorioso.																	
3. Presença de arco-íris, sol amarelo sorrindo, flores coloridas, pássaros coloridos, natureza exuberante, etc.	X					X											
4. Legendas específicas: *sinto-me bem; sinto-me feliz; fico bem, "numa* nice*", agradável, etc.*																	
Índice III: *Emoções Básicas*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *TRISTEZA* **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Expressão facial de tristeza: concavidade da boca voltada para baixo; olhos fechados (voltados para dentro).	X	X	X	X	X		X										
2. Lágrimas; olho que chora.	X	X	X	X	X	X	X		X								
3. Coração partido, do qual escorrem gotas (azuis ou verdes, de modo geral, ou vermelhas, conotando sangue, dor maior).																	
4. Corpo curvado, cabeça para baixo; mão(s) segurando o rosto; desolação.				X													
5. Legendas específicas: *tristeza; sinto tristeza; estou triste; muito triste; fiquei magoado; mágoa, magoado; sentido, ressentido; etc.*		X	X		X				X								

B) Categoria *RAIVA* **Lista de Indicadores:**	P84	P85	P86	P87	P88	P89	P90	P91	P92								
1.Expressão facial de raiva, olhos e sobrancelhas tensos.		X						X									
2. Dentes expostos, rangendo os dentes, dentes cerrados; boca entreaberta, berrando.																	
3. Raiva representada em elementos da natureza: raios, tempestade e nuvens ao fundo ou sobre a cabeça do agente punido, mar revolto, vulcão, furacões, sol com expressão raivosa, etc.								X									
4. Músculos salientes, expressivos, conotando força, tensão, agressividade e raiva; posturas de luta, golpes, mão fechadas, etc.																	
5. Legendas específicas: *raiva; sinto raiva; fiquei nervoso, estou "fulo" da vida, etc.*	X		X					X									

C) Categoria *MEDO* **Lista de Indicadores:**	P84	P85	P86	P87	P88	P89	P90	P91	P92								
1. Expressão facial de medo: sobrancelhas erguidas; olhos arregalados; boca entreaberta.		X			X												
2. Atitude de proteção com as mãos e/ou braços, virando o rosto, ou o corpo, esquivando-se.				X													
3. Esconder-se atrás, embaixo ou no interior de objetos ou móveis domésticos (armários, camas, geladeiras, embaixo do carro), ou em lugares da casa (no porão, em cima da árvore, etc).																	
4. Mãos ou corpo tremendo – "tremer de medo!".																	
5. Estar de joelhos, em posição de súplica, clamando por piedade, como medo da punição.																	
6.Representação de tempo escuro, escuridão, noite, tempo ruim (chuva, tempestade, raios).						X											
7. Legendas específicas: *sinto medo; medo; assustado; desproteção e insegurança; etc.*		X		X													

D) Categoria *ALEGRIA* **Lista de Indicadores:**	P84	P85	P86	P87	P88	P89	P90	P91	P92								
1. Expressão facial de alegria, felicidade: concavidade da boca voltada para cima, sorriso (diferente do sorriso nervoso).	X					X											
2. Estar pulando de alegria; estar festejando, dançando, estar soltando fogos de alegria.																	
3. Estar brincando, protagonizando uma cena lúdica.																	
4. Legendas específicas: *alegria; sinto alegria; estou alegre; estou feliz, contente, etc.*																	

Índice IV: *Sentimentos Sócio-Morais*	PRODUÇÕES (P)																
A) Categoria *INFERIORIDADE FÍSICA* **Lista de Indicadores:**	P84	P85	P86	P87	P88	P89	P90	P91	P92								
1. Representação do agente punido excessivamente reduzido em comparação com o agente punidor ou parte de seu corpo (mão, pé, etc.)							X		X								
2. Exagero intencional na representação do tamanho de objetos (para bater) proporcionalmente ao resto da composição.									X								
3. Perceber-se e sentir-se mais fraco em relação a outrem, com menor força física e massa corporal, impotente para defender-se.				X			X		X								
4. Legendas específicas: *sou fraco; ele é forte; sou menor; sou pequeno, minúsculo, etc.*																	

B) Categoria *SOLIDÃO/DESAMPARO* **Lista de Indicadores:**	P84	P85	P86	P87	P88	P89	P90	P91	P92								
1.Agente punido no chão, desolado; retratação do corpo do agente punido posição de encolhimento, sentado ou deitado no chão, abraçando as pernas sobre si, contra o peito.									X								

2. Figuração da casa ou quarto como cela de cadeia; janelas e/ou portas fechadas; figuração de muros ou obstáculos intransponíveis; pouco ou nenhum objeto biográfico, quando muito uma cama.					X		X										
3. Legendas específicas: *solidão; sinto-me só; sozinho; sozinho no mundo; sozinho no universo; solitário; sem ninguém, sem amigos; sem ninguém pra conversar; sinto-me preso, preso na própria casa, preso no próprio quarto; sem liberdade; enjaulado; etc.*					X												
C) Categoria *RESIGNAÇÃO/SUBMISSÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Agente punido retratado em posição de submissão, sem reação contrária, aguardando apenas o fim da punição; resignado a sessão punitiva, resignado à *ritualística da punição corporal.*				X													
2. Legendas específicas: *não há o que fazer; vivo num "mundo sem saída"; sinto-me submisso; estou resignado; só resta esperar, etc.*					X												
D) Categoria *GRATIDÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Demonstrar gratidão e reconhecimento pelo esforço e cuidados paternos; alegria por estar ao lado/junto com os pais.	X																
2. Estar aprendendo "a lição", estar sendo corrigido, mesmo que através da punição corporal.																	
3. Legendas específicas: *sinto-me alegre por ter aprendido; aprendi a lição; às vezes os pais batem para nos ajudar; às vezes é bom, é para nosso próprio bem, foi para o meu bem; tornei-me melhor; os pais batem por precisão, porque cuidam, para expressar amor; graças a isso "tornei-me gente", cheguei aonde estou, bem sucedi-me, etc.*	X																
E) Categoria *AUTOPIEDADE*: **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Revelação de sentimentos e pensamentos direcionados a si envolvendo pena, dó, compaixão, podendo ser expressos por intermédio de elementos da natureza, animais, plantas, ou outros personagens (chorando ou não).				X													

2. Legendas auto-referentes: *tenho pena de mim; é mesmo penoso; dá pena; dá dó ver; coitadinho!; sou mesmo um coitado!; pobre criança!, "a natureza chora por esta criança", etc.*							X		X								
F) Categoria *CULPA*: **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1.Reconhecimento da culpa ou erro.																	
2. Pedir desculpas, desculpar-se, pedir perdão.																	
3. Auto-acusações, depreciações.									X								
4. Autopunição corporal, automutilação.																	
5. Legendas específicas: *sinto-me culpado; estou sempre errado; sou mesmo danado; faço arte; sou safado; sou abusado; não presto mesmo; mereço apanhar; mereço sofrer, etc.*	X																
G) Categoria *VERGONHA/HUMILHAÇÃO*: **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Representação de situação vexatória em si, como exposição das nádegas, chute nas nádegas, apanhar em público, etc.																	
2. Bochechas coradas, orelhas vermelhas; "vergonha na cara".																	
3. Retratação do agente punido de costas, sem rosto expresso ("sem cara"); mãos ocultando a expressão facial, cara escondida.				X													
4. Corpo curvado, abaixado, no chão; estar de joelhos, em posição de súplica; "estar de quatro" (joelhos no chão, as duas mãos no chão, posição de submissão típica da palmada no bumbum).																	
5. Estar maltrapilho, com roupas rasgadas.																	
6. Dedo da autoridade apontando, acusando, humilhando, diminuindo; sentir-se diminuído em seu ser.							X		X								

7. Sentimento de rebaixamento ou inferioridade moral.							X		X								
8. Legendas específicas: *sinto-me humilhado, envergonhado, inferiorizado, ridicularizado; "pessoa minúscula"; vergonha; vergonha do mundo; vergonha dos outros; envergonhado, etc.*									X								
H) Categoria *DESPREZADO/REJEITADO/ODIADO*: Lista de Indicadores:	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1.Figuração do agente punido na lata do lixo, no esgoto, na privada, entre moscas, baratas ou ratos, entre fezes, etc.																	
2. Figuração do agente punido sendo posto para fora da casa, na rua.																	
3. Expressão facial de desprezo, indiferença, ódio ou satisfação (alegria) cruel presente no agente punidor (pais ou responsáveis).									X								
4. Legendas específicas: *me sinto como se ninguém gostasse de mim; sou desprezado; rejeitam-me; sinto-me odiado; todos me odeiam; sou odiado; ele me odeia; me jogou na rua, expulsou de casa, mandou pra fora de casa, etc.*		X					X		X								
I) Categoria *REVOLTA/INDIGNAÇÃO* : Lista de Indicadores:	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Símbolos destrutivos e de xingamentos (raios, espirais, cruzes, crânio sobre ossos, bomba acesa, etc.), de revolta contra algo ou alguém.								X									
2. Figuração de atos de rebeldia, insubordinação, insubmissão, não aceitação da punição.																	
3. Figuração do agente punido fugindo de casa, "pegando" a estrada, desaparecendo; mala, mochila ou trouxa nas costas.																	
4. Ser punido por algo que causou sem intenção, sem querer; estar sendo condenado injustamente; apanhar sem saber o motivo.		X	X				X										
5. Situação de punição injusta em si, covarde, desproporcional ao erro cometido.																	

6. Retaliar alguém após ser agredido, atirar ou esfaquear alguém; estar descontando algo ou uma agressão anteriormente sofrida, com outra agressão; vingança movida por raiva																	
7. Legendas específicas auto-referentes: *isso me revolta; estou indignado; vou descontar; você vai ver só; vou me vingar; vou fugir de casa; é injusto; sou injustiçado; porque estou apanhando?!; não merecia; foi sem querer; não tive intenção; não sabia;* palavras de ordem: *"não à palmada!", "abaixo a palmada", "diga não à violência"; "paz para as crianças" etc.*	X																

J) Categoria *TERROR*: **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Representações de cenas de intenso sofrimento físico-psicológico: punições corporais cruéis e degradantes, espancamentos sistemáticos, organizados, violência extrema.																	
2. Figuração de monstros, fantasmas ou seres aterrorizantes, bizarros, seres imaginários, lendários ou mitológicos assustadores, conotando medo intenso, terror.																	
3. Tempo fechado, escuro, ameaçador, trovejando, repleto de pássaros negros; mau agouro (pássaro ou gato preto).						X											
4. Expressão facial fechada, com raiva intensa, irada, bizarra, tirânica ou maléfica do agente punidor.																	
5. Retratação do agente punidor como *monstro, vampiro, diabo, ser maligno, malfeitor, morte, etc.*																	
6. Legendas específicas auto-referentes: *sinto-me aterrorizado; estou sendo torturado; meu sofrimento é intenso, apanho todos os dias; tenho grande medo; tenho pesadelos terríveis; "pesadelo sem fim"; meu sofrimento é sem fim, etc.*																	

***K) Categoria DESEJO DE MORRER*:** **Lista de Indicadores:**	**P84**	**P85**	**P86**	**P87**	**P88**	**P89**	**P90**	**P91**	**P92**								
1. Expressão de pensamentos ou atitudes autodestrutivas, como esfaquear-se, cortar os pulsos; enforcar-se, pular no abismo, pular da ponte, saltar pela janela do prédio, etc.																	
2. Pensamentos sobre a própria morte, sobre o próprio túmulo; desejo de morrer.																	
3. Representação da Morte como alternativa ou solução ideal aos transtornos da vida.																	
4. Legendas específicas: *é melhor morrer; prefiro a morte; vou me matar; vou suicidar-me; suicídio; acabar com a vida; acabar com tudo; passar desta para melhor; etc.*																	

Anexos

Anexo A – Comissão Julgadora Final do Concurso de Desenho Infantil *Crescer sem Palmada* (LACRI, 2003)*

"[...] Através de vários julgamentos feitos inicialmente por colegas nas instituições locais, depois por uma Comissão de Jovens de 2º grau, representando cada cidade e finalmente por uma Comissão Julgadora Final, no LACRI, integrada pelos seguintes artistas plásticos, escritores e educadores:

- ***Ana Sílvia Bergantini Miguel*** – nasceu em 12 de julho de 1973 em Bebedouro-SP. Cursou Magistério e Direito e exerce paralelamente as duas profissões. Convidada pela Diretora do Departamento Municipal de Educação de Bebedouro, atua, desde 2001, como Coordenadora de Curso do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, ministrando aulas semanais para as professoras e coordenadoras da rede municipal de ensino. Em 2001, pós graduou-se em Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes pelo Laboratório de Estudos da Criança (Lacri), vinculado à Universidade de São Paulo (VIII TELELACRI), promovendo palestras e desenvolvendo projetos sobre essa temática. Atualmente cursa disciplina como aluna especial em Psicologia do Desenvolvimento - O ciclo vital, na USP - Ribeirão Preto/SP.

- ***Fernando Bonassi*** – tem 40 anos e nasceu no bairro da Moóca, em São Paulo. É roteirista, dramaturgo, cineasta e escritor de diversas obras, entre elas: *Um Céu de Estrelas* (Ed. Siciliano); *Passaporte* e *Declaração Universal do Moleque Invocado* (ambos pela Cosac & Naify). No cinema, destacam-se os roteiros de *Os Matadores* (de Beto Brant); *Castelo Rá Tim Bum* (de Cao Hamburguer) e *Estação Carandiru* (de Hector Babenco). No teatro, as montagens de *Apocalipse 1,11* (em colaboração com o Teatro da Vertigem); "Souvenirs" (com direção de Márcio Aurélio) e *Três Cigarros e a Última Lasanha* (direção de Débora Dubois). Vencedor da bolsa de artes do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio), passou o ano de 1998 escrevendo em Berlim. Tem diversos prêmios como roteirista e dramaturgo, além de textos em antologias na França, EUA e Alemanha.

- ***Isa Berenice Elisabetsky*** - formada em artes plásticas e propaganda e marketing, ceramista, joalheira e arte educadora, mãe, amante da vida em geral...

- ***Lilian Cohn da Silva Telles*** – artista plástica que se dedica nos últimos anos a realizar interferências e mudanças de uso do espaço público com trabalhos executados por crianças e jovens moradores de áreas de exclusão social.

- ***Mance*** - Natural de Curitiba-PR, Ederson Salles Mance, inicia sua carreira artística trabalhando como diagramador e ilustrador de livros didáticos. Após algum tempo neste trabalho, publica seu primeiro livro: A Borboleta Azul (Literatura Infantil), escrito, diagramado e ilustrado por ele, divulgando desta maneira seu trabalho por todo Brasil. No ano de 1989 muda-se para São Paulo e começa sua trajetória como artista plástico. Com sua noção de desenho e pintura, desenvolve quadros a óleo e em pouco tempo tem seus trabalhos expostos em algumas galerias, dentre as quais, podemos citar a do renomado galerista Sergio Longo, o qual contribuiu para a popularidade do artista. Seu trabalho eclético abre as portas para o mundo da decoração de interiores e começa a prestar assessoria decorativa para empresas e indústrias. Neste segmento, vale citar a Indústria Farmacêutica Eurofarma Laboratórios Químicos, onde o artista executou vários painéis decorativos e telas. É nesta indústria que se encontra um dos mais impressionantes trabalhos abstratos do artista, executado diretamente na parede, medindo 6 metros de altura por 6 metros de largura. É professor de pintura em seu atelier Arte & Companhia, onde ensina suas mais diversas técnicas: óleo sobre tela, acrílico, texturas, técnicas

* Extraído de : < http://www.ip.usp.br/laboratorios/lacri/cdesinf.htm>.

mistas, etc. Seus mais recentes trabalhos como ilustrador podem ser observados nos livros "Amigos do Folclore Brasileiro" e "Um Natal Pra Lá de Legal", ambos publicados pela editora Ave Maria – São Paulo.
Algumas exposições do artista: Banco do Brasil- Junqueirópolis-SP; Consulado Mineiro – SP; Buffet Mediterrâneo – SP; Sheraton Mofarrej Hotel – 13° Fórum de Marketing; Centro de Convenções Rebouças – IX Curso de Atualização na Área da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes, promovido pelo LACRI/IPUSP em 2002.

- ***Pedro Bandeira*** – (de Luna Filho) nasceu em Santos, SP, em 09/03/42, onde dedicou-se ao teatro amador. Mudou-se para São Paulo em 1961 para estudar Ciências Sociais na USP. Além de professor, trabalhou em teatro profissional até 1967 como ator, diretor, cenógrafo e com teatro de bonecos. Desde 1962 trabalhou também em jornalismo (redator e editor), (em publicidade, redator e ator de comerciais de TV), até tornar-se somente um escritor, a partir de 1983. É o autor de Literatura Juvenil mais vendido no Brasil (8,6 milhões de exemplares até 2002) e, como especialista em letramento e técnicas especiais de leitura, profere conferências para professores em todo o Brasil. É casado com a Lia e tem três filhos: Rodrigo (1971) e Marcelo e Maurício (gêmeos de 1974). Desde 1999 reside em São Roque (SP). Ah! E tem duas netinhas: a Melissa e a Michele!

- ***Raimundo Gadelha*** - Formado em publicidade/propaganda e em jornalismo - com especialização na Universidade de Sophia, em Tóquio, Japão - Raimundo Gadelha, 47 anos, é poeta e fotógrafo. Tem várias obras publicadas, sendo as últimas o livro de poemas **Para não esqueceres dos seres que somos** (1998) e o romance **Em algum lugar do horizonte** (2000). Sua obra sofre grande influência da poesia clássica do Japão, onde viveu alguns anos na década de 80. Trabalhou durante três anos como editor da Aliança Cultural Brasil-Japão e, em 1994, fundou a Escrituras Editora.

- ***Rodrigo Otávio Deleos e Silva (Azeite)*** - Artista Plástico (gravuras); Arte Educador; Ilustrador; Desenhista em geral."

Anexo B - Regulamento do Concurso *Crescer Sem PalmadA* (LACRI, 2003)

A Coordenação do Laboratório de Estudos da Criança (LACRI), do Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), propõe em 2003 o Concurso de Desenho com o tema: **Crescer Sem Palmada**, como uma das atividades dentro da Campanha por uma Pedagogia Não Violenta – **A Palmada Deseduca**, a ser desenvolvido conforme o regulamento a seguir:

1. Cada equipe matriculada no X TELELACRI/2003 será responsável pela execução, durante o mês de março de 2003, do Concurso de Desenho com o tema: **Crescer Sem Palmada**, no município em que reside e/ou trabalha.
2. A população-alvo será constituída por crianças de 9 a 12 anos de 2 (duas) instituições (uma pública e uma privada) de cada município onde a equipe do X TELELACRI/2003 residir e/ou trabalhar.
3. As crianças deverão ser autorizadas pelos pais ou responsáveis a participar deste Concurso, de acordo com o Termo de Compromisso específico.
4. Em cada Município a equipe TELELACRI/2003 escolherá, a seu critério, 2 (duas) instituições: uma pública e uma privada (escolas, ONGS etc). A direção das mesmas deverá autorizar, por escrito, a realização do Concurso, Conforme Termo de Autorização específico.
5. O Concurso deverá ser realizado em março de 2003, cabendo a fixação da data a cada equipe TELELACRI/2003.
6. Na data fixada será solicitado às crianças que desenhem respondendo à pergunta: Como você se sente quando recebe uma palmada? Se houver crianças que nunca apanharam, a pergunta será: O que você sente por nunca ter recebido uma palmada?
7. O desenho deverá ser colorido e apresentado em formulário específico, com a identificação da criança: nome, idade, sexo, série que cursa, instituição (pública ou privada), Município e Estado. Embaixo do desenho, a criança escreverá o que este quer dizer.
8. Os desenhos serão selecionados:
   - Em cada **Instituição**: as próprias crianças escolherão os 10 (dez) preferidos.
   - No **Município**: para cada equipe TELELACRI/2003, uma Comissão de Jovens do 2º grau escolherá os 12 (doze) melhores desenhos dentre os 20 (vinte) das 2 (duas) instituições respectivas.
   - No LACRI: uma Comissão integrada por Artistas Plásticos fará, dentre todos os desenhos encaminhados, a escolha final dos 12 (doze) merecedores de premiação e que serão possivelmente aproveitados em agenda ou calendário de mesa. Só serão avaliados desenhos acompanhados dos respectivos Termos de autorização dos pais e das instituições, devidamente identificados, produzidos dentro da temática e com os materiais especificados.
9. As decisões das Comissões julgadoras serão soberanas, não cabendo qualquer recurso.
10. As 12 (doze) crianças autoras dos desenhos classificados na etapa final receberão cada uma um prêmio do LACRI/IPUSP.
11. O prêmio tem caráter cultural, não envolvendo pagamento aos concorrentes pela impressão dos desenhos selecionados em agenda ou calendário de mesa que o LACRI venha a produzir com o objetivo de ampliar a divulgação da **Campanha Por uma Pedagogia Não Violenta – A Palmada Deseduca** seja em território nacional, seja na América Latina. Em qualquer das hipóteses de impressão ocorrerá identificação dos participantes.
    - crianças autoras
    - instituições a que pertencem
    - equipes TELELACRI/2003 responsáveis
12. A participação neste Concurso, implica na aceitação irrestrita deste Regulamento.

Drª Maria Amélia Azevedo
Coordenadora do Lacri e do TELELACRI

Anexo C – Formulários padronizados para coleta das Produções.

Responsabilidade: LABORATÓRIO DE ESTUDOS DA CRIANÇA/IPUSP
MARÇO DE 2003

FORMULÁRIO A: Faça um desenho que responda à seguinte pergunta:

Como você se sente quando recebe uma palmada?

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer: _____

2. Seu nome completo: _____
   Sua idade: Sexo: Masculino [ ] Feminino [ ]
   Sua instituição: Série escolar: _____
   Sua cidade: Seu Estado: _____

3. Reproduzir em tantas vias quantas forem necessárias.

Responsabilidade: LABORATÓRIO DE ESTUDOS DA CRIANÇA/IPUSP
MARÇO DE 2003

FORMULÁRIO B: Faça um desenho que responda à seguinte pergunta:

O que você sente por nunca ter recebido uma palmada?

Observações:

1. Escreva o que este desenho quer dizer:

_____

_____

2. Seu nome completo: _____
Sua idade: Sexo: Masculino [ ] Feminino [ ]
Sua instituição: Série escolar: ___ ___
Sua cidade: Seu Estado: _____ ___

3. Reproduzir em tantas vias quantas forem necessárias.

Anexo D - Termo de Autorização e Cessão de Direitos

Eu, _____ _____

Nome legível RG

pai (ou responsável) de _____,

Nome da Criança

sexo: _____ _____, idade: _____anos, inscrito(a) ou matriculado(a)

na instituição _____ _____ _____ _____ _____ _____, série _____,

Nome da Instituição

AUTORIZO

a. Sua participação no Concurso de Desenho com o tema: *Crescer sem palmada*.

b. Eventual impressão do desenho produzido.

Declaro estar plenamente ciente e de acordo com Regulamento do Concurso, cujos termos estão impressos no verso.

Data: _____

dia, mês, ano

Assinatura: _____

Obs.: Reproduzir em tantas vias quantas forem necessárias (**frente e verso**).